



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**ANGELO DE SOUZA SAMPAIO**

**IDENTIFICAÇÃO DA FRASEOLOGIA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA:  
DO FRANCÊS AO PORTUGUÊS, APORTES LEXICAIS E CULTURAIS**

Salvador  
2024

**ANGELO DE SOUZA SAMPAIO**

**IDENTIFICAÇÃO DA FRASEOLOGIA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA:  
DO FRANCÊS AO PORTUGUÊS, APORTES LEXICAIS E CULTURAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Língua e Cultura.

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro  
Coorientador: Prof. Dr. Salah Mejri

Salvador  
2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sampaio, Angelo de Souza

Identificação da fraseologia em língua estrangeira:  
do francês ao português, aportes lexicais e culturais  
/ Angelo de Souza Sampaio. -- Salvador, 2024.  
448 f.

Orientadora: Silvana Soares Costa Ribeiro.

Coorientador: Salah Mejri.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua  
e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,  
Instituto de Letras, 2024.

1. Fraseologia. 2. Unidade Fraseológica. 3.  
Ciências do Léxico. 4. Cultura. 5. Competência  
leitora. I. Ribeiro, Silvana Soares Costa. II. Mejri,  
Salah. III. Título.

ANGELO DE SOUZA SAMPAIO

**IDENTIFICAÇÃO DA FRASEOLOGIA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: DO  
FRANCÊS AO PORTUGUÊS, APORTES LEXICAIS E CULTURAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Doutor em Língua e Cultura.

Salvador, 25 de outubro de 2024

Banca Examinadora

Silvana Soares Costa Ribeiro

Silvana Soares Costa Ribeiro – Orientadora  
Universidade Federal da Bahia

Elizabete Aparecida Marques

Elizabete Aparecida Marques – Membro titular – Externo ao PPGLinC  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Fabiane Cristina Altino

Fabiane Cristina Altino – Membro titular – Externo ao PPGLinC  
Universidade Estadual de Londrina

Rita Maria Ribeiro Bessa

Rita Maria Ribeiro Bessa – Membro titular – Interno ao PPGLinC  
Universidade Federal da Bahia

Marcela Moura Torres Paim

Marcela Moura Torres Paim – Membro titular – Interno ao PPGLinC  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Celina Márcia de Souza Abbade  
Celina Márcia de Souza Abbade – Membro suplente – Externo ao PPGLinC  
Universidade Estadual da Bahia

Sandra Pereira Cerqueira Prudencio  
Sandra Pereira Cerqueira Prudencio – Membro suplente – Externo ao PPGLinC  
Universidade Federal da Bahia

Aurelina Ariadne D. Almeida  
Aurelina Ariadne D. Almeida – Membro suplente – Interno ao PPGLinC  
Universidade Federal da Bahia

Juliana Soledade Barbosa Coelho  
Juliana Soledade Barbosa Coelho – Membro suplente – Interno ao PPGLinC  
Universidade Federal da Bahia

Ao Angelo de 2008 que não desistiu de  
concluir os seus estudos em Letras.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora, Silvana Ribeiro, sem a qual eu não teria conhecido a Fraseologia. Pró Silvana, como é carinhosamente conhecida entre os seus orientandos, teve a sensibilidade de perceber em mim uma paixão que eu não tinha consciência que sentia. Quando fui seu aluno, ainda no mestrado, ela me convidou para assistir a um minicurso sobre o tema, ministrado pela professora Inès Sfar, da Universidade Sorbonne Nouvelle (França), durante o 13º WorkALiB, realizado em dezembro de 2016 na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Me lembro de que, no momento do convite, pró Silvana me explicou, de maneira simples e objetiva, o conceito de fraseologia, que até então era desconhecido para mim, e eu respondi que gostava dessas “expressões”. Com um sorriso no rosto, ela me disse de volta: eu sei! Agradeço pela excelente orientação recebida não apenas relacionada a questões teóricas, mas à vida acadêmica como um todo. Agradeço por ter apoiado os meus projetos de fazer uma parte do meu doutoramento na França e na Espanha. Pela generosidade em saber criar pontes entre mim e outros pesquisadores, me mostrando que trabalhar em equipe é sempre muito mais prazeroso e produtivo. Pelo cuidado em preservar a saúde mental dos seus orientandos, respeitando os limites de cada um e apontando caminhos alternativos, quando nem sempre conseguimos enxergá-los. Obrigado por estar sempre presente, fazendo da academia um ambiente mais humano e prazeroso.

Entre as pontes construídas pela pró Silvana, o contato com o professor Salah Mejri, da Universidade Sorbonne Paris Nord (França), foi, sem dúvida, o mais significativo. O professor Mejri não foi apenas o meu supervisor durante a realização do doutorado sanduíche da França, mas se tornou também o coorientador oficial desta pesquisa, contribuindo de maneira positiva para o crescimento dos meus conhecimentos sobre Fraseologia e me indicando caminhos possíveis para o tratamento dos meus dados. Agradeço, portanto, ao professor Mejri por ter me acolhido e me inserido em seus grupos de pesquisa. Por ter designado um *comité de suivi* para me acompanhar durante a minha estadia na França, com o qual pude contar inúmeras vezes. Por todo o aprendizado teórico sobre Fraseologia e por nunca se opor em realizar a burocracia administrativa necessária para que as minhas estadias na França se concretizassem, o meu muito obrigado.

Agradeço aos colegas Imen Mizouri, Lichao Zhu e Luís Meneses, o meu *comité de suivi* de Paris, por terem me recebido tão bem e pelo tempo dispensado em me ajudar no desenvolvimento da minha pesquisa. Agradecimento especial à Imen, pelas dicas de leitura e pelo compartilhamento de documentos textuais, bem como pela parceria na escrita de artigos científicos e apresentações de comunicações em eventos acadêmicos. Também a Lichao pelo curso particular sobre Linguística de *corpus* e sobre como operar o aplicativo *Unitex/GramLab* para o tratamento automatizado dos dados desta pesquisa<sup>1</sup>.

Agradeço à professora María Isabel González-Rey, da Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), por aceitar o meu pedido de realização de uma estadia de pesquisa no âmbito do grupo de pesquisa em Fraseologia e Paremiologia *Fraseonet* que é por ela dirigido. Muito obrigado por me ajudar a melhor compreender o fenômeno fraseológico e validar a metodologia escolhida para a elaboração desta pesquisa.

Agradeço, de antemão, à banca examinadora pela disponibilidade em ler o meu trabalho e pelas contribuições que serão feitas.

À equipe do Instituto da Língua Galega, em Santiago de Compostela, pelo acolhimento tão caloroso. Agradecimento especial à secretária María Alvarez de la Granja e à bibliotecária Florentina Xoubanova, pela constante disponibilidade em me auxiliar nas diversas demandas por mim solicitadas.

Aos funcionários da Biblioteca Universitária Central Reitor Macedo Costa, da UFBA, da *Bibliothèque Nationale de France* (BnF), da biblioteca universitária *Grands Moulins – Université Paris Cité*, da biblioteca universitária *Edgar Morin – Université Sorbonne Paris Nord* pela constante ajuda em encontrar referências mais antigas e de difícil acesso. Agradecimento especial à equipe da biblioteca da *Cité internationale de la bande dessinée*, da cidade de Angoulême, na França, pelo compartilhamento dos exemplares da revista *Pilote* que não foram encontrados na BnF.

À professora Daniela Barreiro Claro, da UFBA, e aos seus orientandos Luis Emanuel Neves de Jesus e João Gondim, pelo tempo dispensado na busca por

---

<sup>1</sup> Embora não tenhamos trazido aqui a descrição do tratamento automatizado dos dados fraseológicos do *corpus* analisado, que ficou reservado para produções científicas futuras, esse foi um dos resultados alcançados por meio da realização do doutorado sanduíche da França, do qual falaremos na seção 7.

soluções para a criação do *site Dicofraseo*. Grato por todas as dicas e direcionamentos sugeridos.

Um imenso obrigado à analista de sistemas Aline Meire Rocha, funcionária do Núcleo de Elaboração de *Home Page* da UFBA, pela busca incansável em encontrar módulos do *CMS Drupal*, recursos utilizados para a criação do glossário fraseológico *Dicofraseo*, que é um dos produtos desta pesquisa. Obrigado pelo tempo dedicado durante e após as reuniões *on-line* de trabalho, por receber de forma tão carismática às nossas demandas para a elaboração do *site* e pelo cuidado em documentar todas as etapas de construção do *Dicofraseo*, destacando as dificuldades encontradas e buscando sempre por soluções.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento parcial desta pesquisa, através da bolsa de doutorado sanduíche Capes Print para o período compreendido entre janeiro e junho de 2020.

Agradeço à UFBA por me conceder a possibilidade de me afastar das minhas obrigações de sala de aula durante o período de fevereiro de 2020 a dezembro de 2023, o que me permitiu não apenas me dedicar exclusivamente à execução desta pesquisa, como também realizar os estágios doutorais na França e na Espanha. Agradeço também aos colegas de trabalho da Área de Língua Francesa do Instituto de Letras da UFBA pelo apoio durante o período em que estive afastado, especialmente à professora Cíntia Voos Kaspar, por ter assumido à minha carga horária de sala de aula durante o semestre letivo 2022.1.

Agradeço aos colegas de trabalho Cláudia Sobrinho e Maílson Lopes pela disponibilidade em me ajudar com questões teóricas ligadas às suas áreas de pesquisa e atuação.

Agradeço a Thouraya Ben Amor, Dhouha Lajmi, Maria Eugênio Olímpio de Oliveira Silva, Ângela Zucchi, Juliana Soledade, Carlos Felipe Pinto, Inès Sfar, Paweł Golda, Ana Rita Carvalho, Isamar Neiva e Vívian Horácio Monteiro pela generosidade em compartilhar materiais de leitura.

À amiga e colega de turma Ingrid Oliveira pelo empréstimo constante de livros, os quais foram muito importantes para o desenvolvimento deste trabalho. À também amiga e colega de turma Lorena Cristina Ribeiro, por ter sido a minha procuradora em diversas ocasiões durante o processo de doutoramento. Obrigado pelo carinho e pela torcida positiva de sempre.



À colega de orientação Geysa Andrade da Silva, pelas parcerias firmadas e por estar sempre disponível para ajudar. Obrigado pelos momentos de desabafo, pelos textos compartilhados e pelas dicas de uso do *Microsoft Word*. Sou grato pela amizade construída.

Às antigas amigas reencontradas durante a estadia em Paris. À grande amiga Risolândia Azevedo, pelo alívio de ter com quem falar em português. Pelas horas de descontração e de acolhimento. Por me ouvir e me aconselhar. Por ser uma família longe de casa e me lembrar dos caminhos percorridos até chegar aqui. À Celie Ousmanou pela companhia nas manhãs de sábado estudando na biblioteca Bulac.

Às amigas cultivadas durante a estadia em Paris, que me ensinaram que é possível fazer novos amigos enquanto se faz pesquisa. Um obrigado especial à amiga Simone Fernandes, por todas as *pause-cafés* realizadas na BnF. Pela companhia nos passeios por Paris após seis horas contínuas de leitura. Por todas as conversas fáceis e por aprender comigo que o processo de doutoramento pode ser leve e divertido.

A Robrigo Fonseca e Tiago do Rosário pela companhia na BnF durante os dias de incerteza e de medo causados pelo início da pandemia da COVID-19.

A Thomas Huchet, Rodrigo Mortara, Roberta Estimado e Giovanna Borges, por estarem disponíveis tanto para uma tarde de estudos quanto para uma *pinte monaco*. Aos amigos italianos Irene, Alissa, Alfonso e Francesco, por entenderem como ser estrangeiro às vezes cansa.

A Julian Maennena por sempre guardar um lugar para mim na Biblioteca do Centro Georges Pompidou. Pela ajuda com os exemplos de unidades fraseológicas em inglês e pela tradução do *abstract*.

Agradeço também às amigas construídas durante a estadia em Santiago de Compostela. A Bruno Doz, por ser um excelente ouvinte. A Isadora Marina, por saber integrar as pessoas. A Bruna Mançano, pela companhia na Biblioteca Concepción Arenal, *La Conchi*, e por todos os “reage, Angelo”, que só um bom amigo é capaz de dar. A Lorenzo, Angelo Santoro e Domenico, pela companhia nas pausas para o café sob a chuva constante da Galícia.

Agradeço à minha família pelo apoio e compreensão da minha ausência nos últimos anos. À mãe, pelo cuidado em garantir o silêncio da casa durante às minhas horas de escrita enquanto estava de visita. Pelo café com bolo de banana e por me incluir em suas orações. À minha irmã, Liu, por estar sempre disponível, mesmo à distância, para me escutar. Por acolher os meus desabafos e me ajudar a entender o

que é ser adulto. Ao primo/irmão mais novo, Moabe, por me incentivar a praticar exercícios físicos. Pela companhia nas corridas de fim de tarde para “descomprimir a lombar” depois de horas de escrita. Ao meu pai, por reconhecer a importância dos estudos formais, mesmo que ele próprio não tenha tido acesso a eles, e sempre ter me incentivado a continuar estudando. Ao meu irmão mais velho, Temissom, por ter ajudado na minha criação.

*Un grand merci* ao meu primeiro professor de língua francesa, Fernando Freitas Franco, por ter compartilhado comigo a sua paixão pela língua francesa e por me ter proporcionado a base gramatical necessária para o exercício da minha prática profissional e para a observação contínua do funcionamento dessa língua.

Agradeço, por fim, à amiga de infância, Ângela Calou, pelas palavras compartilhadas em cartas escritas com a caligrafia rabiscada de criança. Por me fazer enxergar a poesia do mundo, vistas com os olhos do sertão. Por me incentivar, ainda que inconscientemente, a estudar Letras e a aprender a língua francesa. Obrigado por ter me apresentado a um garoto travesso chamado Nicolas, o qual tem sido *un bon copain* nos últimos 12 anos.

A linguagem real apresenta, portanto, em todas as suas manifestações, um lado intelectual e um lado afetivo<sup>2</sup>.

(Bally, 1921, p. 12, tradução nossa)

---

<sup>2</sup> No original: *Le langage réel présente donc, dans toutes ses manifestations, un côté intellectuel et un côté affectif.*

SAMPAIO, Angelo de Souza. **Identificação da fraseologia em língua estrangeira: do francês ao português, aportes lexicais e culturais.** 2024. 448 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

**RESUMO:** A Fraseologia é um ramo da Linguística dedicado à análise, categorização e estruturação das combinações léxicas fixas das línguas. As unidades fraseológicas são, portanto, sequências compostas por, no mínimo, duas lexias que funcionam como uma única unidade lexical, expressando um sentido global que se convencionalizou nos níveis sintático, semântico e pragmático por meio do uso repetitivo em uma determinada comunidade linguística, podendo apresentar opacidade ou transparência semântica. Devido ao caráter fixo das unidades fraseológicas, afirma-se que há, nas línguas, um grande número de sequências léxicas que um falante estrangeiro tem dificuldade de compreender, mesmo que conheça o significado corrente de todas as palavras que as compõem, causando ruídos de interpretação de mensagens orais e escritas. Assim, a presente tese teve como objetivo principal descrever e analisar a cobertura fraseológica presente nos contos da coletânea literária de língua francesa *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960), frequentemente recomendada como leitura paradigmática em aulas de francês como língua materna e estrangeira. Como objetivos específicos, buscou-se i) identificar a tipologia do *corpus* e descrever as características comportamentais de cada tipo de unidade fraseológica; ii) examinar os fatores culturais que contribuem para a construção e compreensão dessas unidades na língua francesa, avaliando o impacto desses fatores na interpretação dos contos e iii) investigar como as unidades fraseológicas estão registradas nos dicionários gerais e fraseológicos bilíngues de mais fácil acesso no Brasil. O *corpus* foi constituído por um total de 4757 ocorrências de 1033 unidades fraseológicas distintas extraídas do primeiro volume da série literária, o qual é composto por 19 contos que foram inicialmente publicados nos periódicos franceses *Sud-Ouest Dimanche* e *Pilote* e, posteriormente, compilados e editados em formato de livro. Embora a coleta dos dados tenha se baseado no livro, examinaram-se os periódicos originais, de modo a verificar o contexto sociopolítico e cultural da França do início da década de 1960 e a sua influência no processo de criação dos contos. Os dados foram coletados manualmente e duplamente validados: primeiramente em obras lexicográficas bilíngues e, posteriormente obras em monolíngues, ambas de várias tipologias. As análises teóricas foram orientadas pelos pressupostos de Bally (1919, 1921) e por estudos mais recentes, como os de Mejri (1997, 2005, 2012), Gross (1996), Corpas Pastor (1996) e González-Rey (2015, 2021). Os aspectos observados nas análises incluíram as características formativas, semânticas e de uso contextualizado do *corpus*, além da sua classificação tipológica. Ao todo, identificaram-se 14 tipos distintos de unidades fraseológicas. As mais frequentes são: as colocações, as locuções e os pragmatemas, que correspondem a 76,8% dos dados, para os quais foram feitas as análises linguísticas (quantitativas e qualitativas). Os resultados confirmaram o caráter autêntico dos contos e revelaram que os dicionários bilíngues português-francês mais difundidos no Brasil não tratam de maneira satisfatória dos dados fraseológicos que compõem o *corpus*. Sendo assim, foi proposto como um dos produtos da pesquisa um glossário fraseológico construído a partir dos dois tipos de unidades fraseológicas mais frequentes, as colocações e as locuções, que pudesse integrar um manual de estudo *on-line* sobre Fraseologia para auxiliar os estudantes brasileiros de francês na busca, de forma autônoma, pelo sentido, interpretação e tradução da cobertura fraseológica dessa língua. Conclui-se,

portanto, que a análise dos periódicos *Sud-Ouest Dimanche* e *Pilote* demonstrou uma interligação significativa entre a concepção dos contos e o contexto sociocultural da época. A pesquisa destacou também a importância da consciência fraseológica para uma melhor compreensão dos textos, permitindo aos leitores uma apreciação mais proveitosa da obra.

**Palavras-chave:** Fraseologia. Unidade fraseológica. Ciências do Léxico. Culture. Competência leitora.

SAMPAIO, Angelo de Souza. **Identification de la phraséologie en langue étrangère**: du français au portugais, apports lexicaux et culturels. 2024. 448 p. Thèse (Doctorat en Langue et Culture) – Institut de Lettres, Université Fédérale de Bahia, Salvador, 2024.

**RÉSUMÉ** : La Phraseologie est une branche de la Linguistique dédiée à l'analyse, à la catégorisation et à la structuration des combinaisons lexicales fixes des langues. Les unités phraséologiques sont, par conséquent, des séquences composées d'au moins deux lexies qui fonctionnent comme une seule unité lexicale, exprimant un sens global qui s'est conventionnalisé aux niveaux syntaxique, sémantique et pragmatique par le biais de l'usage répétitif au sein d'une communauté linguistique donnée, pouvant présenter une opacité ou une transparence sémantique. En raison du caractère fixe des unités phraséologiques, on affirme qu'il existe, dans les langues, un grand nombre de séquences lexicales qu'un locuteur étranger a du mal à comprendre, même s'il connaît le sens courant de tous les mots qui les composent, ce qui cause des interférences dans l'interprétation des messages oraux et écrits. Ainsi, l'objectif principal de cette thèse était de décrire et d'analyser la couverture phraséologique présente dans les récits du recueil littéraire de langue française *Le Petit Nicolas* (Goscinny ; Sempé, 1960), fréquemment recommandé comme lecture parascolaire dans les cours de français langue maternelle et étrangère. Parmi les objectifs spécifiques, il s'agissait i) d'identifier la typologie du corpus et de décrire les caractéristiques comportementales de chaque type d'unité phraséologique ; ii) d'examiner les facteurs culturels qui contribuent à la construction et à la compréhension de ces unités dans la langue française, en évaluant l'impact de ces facteurs sur l'interprétation des contes ; et iii) d'explorer comment ces unités phraséologiques sont enregistrées dans les dictionnaires généraux et phraséologiques bilingues les plus accessibles au Brésil. Le corpus a été constitué d'un total de 4757 occurrences de 1033 unités phraséologiques distinctes extraites du premier volume de la série littéraire, lequel comprend 19 contes publiés initialement dans les périodiques français *Sud-Ouest Dimanche* et *Pilote*, puis compilés et édités en format livre. Bien que la collecte des données ait été basée sur le livre, les périodiques originaux ont été également examinés afin de vérifier le contexte sociopolitique et culturel de la France du début des années 1960 et son influence sur le processus de création des contes. Les données ont été collectées manuellement et doublement validées : d'abord par des ouvrages lexicographiques bilingues, puis par des ouvrages monolingues, les deux de diverses typologies. Les analyses théoriques ont été guidées par les postulats de Bally (1919, 1921) et par des études plus récentes, telles que celles de Mejri (1997, 2005, 2012), Gross (1996), Corpas Pastor (1996) et González-Rey (2015, 2021). Les aspects observés dans les analyses ont compris les caractéristiques formatives, sémantiques et d'usage contextualisé du corpus, ainsi que sa classification typologique. En tout, 14 types différents d'unités phraséologiques ont été identifiés. Les plus fréquentes sont : les collocations, les locutions et les pragmatèmes, qui représentent 76,8 % des données, pour lesquelles des analyses linguistiques (quantitatives et qualitatives) ont été réalisées. Les résultats ont confirmé le caractère authentique des contes et ont révélé que les dictionnaires bilingues portugais-français les plus répandus au Brésil ne traitent pas de manière satisfaisante des données phraséologiques qui composent le corpus. De ce fait, un glossaire phraséologique a été proposé comme l'un des produits de la recherche, construit à partir des deux types d'unités phraséologiques les plus fréquents, les collocations et les locutions, qui pourrait intégrer un manuel d'étude en ligne sur la phraséologie, en

vu d'aider les étudiants brésiliens de français à rechercher de manière autonome le sens, l'interprétation et la traduction de la couverture phraséologique de cette langue. Il est donc conclu que l'analyse des périodiques *Sud-Ouest Dimanche* et *Pilote* a démontré une interconnexion significative entre la conception des contes et le contexte socioculturel de l'époque. La recherche a également souligné l'importance de la conscience phraséologique pour une meilleure compréhension des textes, permettant aux lecteurs une appréciation plus enrichissante de l'ouvrage.

**Mots-clés:** Phraseologie. Unité phraséologique. Sciences du Lexique. Culture. Compétence en lecture.

SAMPAIO, Angelo de Souza. **Identification of foreign language phraseology: from French to Portuguese, lexical and cultural contributions.** 2024. 448 p. Thesis (PhD in Language and Culture) – Institute of Letters, Federal University of Bahia, Salvador, 2024.

**ABSTRACT:** Phraseology is a branch of Linguistics dedicated to the analysis, categorization, and structuring of fixed lexical combinations in languages. Phraseological units are, therefore, sequences composed of at least two lexemes that function as a single lexical unit, expressing a global meaning that has become conventionalized at syntactic, semantic, and pragmatic levels through repetitive use within a specific linguistic community, potentially exhibiting either semantic opacity or transparency. Due to the fixed nature of phraseological units, it is observed that languages contain a large number of lexical sequences that foreign speakers find challenging to understand, even if they know the general meaning of each word in the sequence, leading to interpretive difficulties in both oral and written messages. Thus, the main objective of this thesis was to describe and analyze the phraseological coverage present in the stories from the French-language literary collection *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960), which is frequently recommended as supplementary reading in French language courses for both native and foreign learners. Specific objectives included: i) identifying the typology of the corpus and describing the behavioral characteristics of each type of phraseological unit; ii) examining the cultural factors that contribute to the construction and comprehension of these units in French, assessing the impact of these factors on the interpretation of the stories; and iii) investigating how phraseological units are documented in the most accessible general and bilingual phraseological dictionaries in Brazil. The corpus consisted of a total of 4757 occurrences of 1033 distinct phraseological units extracted from the first volume of the literary series, which includes 19 stories initially published in the French periodicals *Sud-Ouest Dimanche* and *Pilote* and later compiled and edited in book form. Although data collection was based on the book, the original periodicals were also examined to verify the sociopolitical and cultural context of France in the early 1960s and its influence on the creation of the stories. Data were collected manually and double-validated: first in bilingual lexicographical works, and later in monolingual ones, both of various types. The theoretical analyses were guided by the premises of Bally (1919, 1921) and more recent studies, such as those by Mejri (1997, 2005, 2012), Gross (1996), Corpas Pastor (1996), and González-Rey (2015, 2021). The aspects observed in the analyses included the formative, semantic, and contextualized usage characteristics of the corpus, as well as its typological classification. In total, 14 distinct types of phraseological units were identified. The most frequent types are collocations, idioms, and pragmatemes, accounting for 76,8% of the data and serving as the basis for both quantitative and qualitative linguistic analyses. The results confirmed the authenticity of the stories and revealed that the most widely used Portuguese-French bilingual dictionaries in Brazil do not adequately address the phraseological data in the corpus. Consequently, a phraseological glossary was proposed as one of the research products, constructed from the two most frequent types of phraseological units, collocations and locutions, which could be integrated into an online study manual on Phraseology to assist Brazilian students of French in independently seeking the meaning, interpretation, and translation of the phraseological coverage of this language. In conclusion, the analysis of *Sud-Ouest Dimanche* and *Pilote* demonstrated a significant connection between the conception of the stories and the sociocultural context of the time. The research also highlighted



the importance of phraseological awareness for a better understanding of texts, allowing readers a richer appreciation of the work.

**Keywords:** Phraseology. Phraseological unit. Lexical Sciences. Culture. Reading competence.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Microlinguística e macrolinguística segunda Weedwood (2002)	<b>38</b>
<b>Figura 2</b>	Representação imagética do signo linguístico	<b>39</b>
<b>Figura 3</b>	Organograma representando a tipologia das obras de consulta.	<b>53</b>
<b>Figura 4</b>	Complementação do organograma de Welker (2004)	<b>56</b>
<b>Figura 5</b>	Prática lexicográfica e terminológica	<b>59</b>
<b>Figura 6</b>	Ponto de intersecção entre Lexicografia e Terminologia	<b>60</b>
<b>Figura 7</b>	Pontos de intersecção entre as três Ciências do Léxico	<b>64</b>
<b>Figura 8</b>	Zonas climáticas terrestres	<b>70</b>
<b>Figura 9</b>	Competências que compõem o ato comunicativo.	<b>76</b>
<b>Figura 10</b>	Processo de construção da significação	<b>84</b>
<b>Figura 11</b>	Propriedades semânticas de implicação	<b>90</b>
<b>Figura 12</b>	Linearidade dos atos de fala	<b>100</b>
<b>Figura 13</b>	Sistematização da dicotomia saussuriana Mutabilidade vs. Imutabilidade	<b>127</b>
<b>Figura 14</b>	Átomo Fraseológico	<b>133</b>
<b>Figura 15</b>	Modelos de delimitação da Fraseologia entre o léxico e a sintaxe	<b>138</b>
<b>Figura 16</b>	Esquema dos níveis da convencionalidade	<b>160</b>
<b>Figura 17</b>	Diferentes níveis de fixação lexical propostos por Bally (1921)	<b>161</b>
<b>Figura 18</b>	Grau de soldadura entre os constituintes das UF	<b>167</b>
<b>Figura 19</b>	Capa do jornal esportivo A Bola de 09 de julho de 2014	<b>187</b>
<b>Figura 20</b>	Níveis operacionais dos jogos de palavras	<b>189</b>
<b>Figura 21</b>	Jogo de palavra de nível pitográfico	<b>193</b>
<b>Figura 22</b>	Capa da revista <i>Veja</i> de 24 de abril de 2019	<b>194</b>
<b>Figura 23</b>	Configuração da desfixação lexical	<b>196</b>
<b>Figura 24</b>	Tipologia das UF segundo Mel'čuk	<b>203</b>
<b>Figura 25</b>	Dicotomia Enunciado fraseológico vs. Sintagma Fraseológico	<b>206</b>
<b>Figura 26</b>	Composição semântica das colocações	<b>217</b>
<b>Figura 27</b>	Estrutura da colocação complexa	<b>221</b>
<b>Figura 28</b>	Formação dos pragmatemas	<b>240</b>
<b>Figura 29</b>	Proximidade das UF com as dimensões definidoras da Fraseologia	<b>250</b>
<b>Figura 30</b>	O processo de comunicação	<b>251</b>
<b>Figura 31</b>	Exemplo de tinha do <i>Le Petit Nicolas</i> , publicada na revista <i>Le Moustique</i> (s/d)	<b>276</b>
<b>Figura 32</b>	<i>Le Petit Nicolas</i> no jornal <i>Sud-Ouest Dimanche</i>	<b>277</b>
<b>Figura 33</b>	Construção de Brasília no <i>Sud-Ouest Dimanche</i>	<b>279</b>
<b>Figura 34</b>	<i>La guerre froide de l'humour</i>	<b>280</b>
<b>Figura 35</b>	Foto montagem – recortes do jornal <i>Sud-Ouest Dimanche</i>	<b>281</b>

<b>Figura 36</b>	Propaganda das histórias de <i>Nicolas</i> no jornal <i>Sud-Ouest Dimanche</i>	<b>283</b>
<b>Figura 37</b>	Sempé e Goscinny fora da coluna <i>Le dimanche de nos enfants</i>	<b>284</b>
<b>Figura 38</b>	Reportagem sobre o lançamento do livro <i>Le Petit Nicolas</i> (Goscinny; Sempé, 1960) no jornal <i>Sud-Ouest Dimanche</i>	<b>285</b>
<b>Figura 39</b>	Incorporação de anúncios publicitários aos contos do <i>Le Petit Nicolas</i>	<b>286</b>
<b>Figura 40</b>	Matéria comemorativa sobre o recebimento do Prêmio Alphonse Allais	<b>287</b>
<b>Figura 41</b>	Campanha de alistamento militar na revista <i>Pilote</i>	<b>289</b>
<b>Figura 42</b>	Foto montagem – recortes e capas da revista <i>Pilote</i>	<b>290</b>
<b>Figura 43</b>	Primeira publicação do conto <i>Nicolas</i> na revista <i>Pilote</i>	<b>291</b>
<b>Figura 44</b>	Exemplos de publicação do <i>Petit Nicolas</i> na revista <i>Pilote</i>	<b>293</b>
<b>Figura 45</b>	Goscinny e Sempé em <i>Pilote</i>	<b>294</b>
<b>Figura 46</b>	Goscinny e Sempé como personagens de HQ em <i>Pilote</i>	<b>295</b>
<b>Figura 47</b>	Elementos de autenticidade dos contos <i>Le Petit Nicolas</i> em <i>Pilote</i>	<b>298</b>
<b>Figura 48</b>	Objetivos e campos de aplicação da fraseodidática	<b>306</b>
<b>Figura 49</b>	Tipos de erros fraseológicos	<b>308</b>
<b>Figura 50</b>	Causas dos erros fraseológicos	<b>309</b>
<b>Figura 51</b>	Correlações mútuas existentes entre as competências fraseológicas e outras subcompetências linguísticas e comunicativas	<b>313</b>
<b>Figura 52</b>	Níveis de intervenção da Fraseodidática	<b>314</b>
<b>Figura 53</b>	Capas dos primeiros livros da série <i>Le Petit Nicolas</i> (Goscinny; Sempé, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964)	<b>320</b>
<b>Figura 54</b>	Exemplo de ilustração do volume 1 da série <i>Le Petit Nicolas</i>	<b>321</b>
<b>Figura 55</b>	Formatação e etiquetagem aplicadas aos contos em formato digital	<b>327</b>
<b>Figura 56</b>	Exemplo da primeira versão da planilha <i>Excel</i> para classificação dos dados	<b>328</b>
<b>Figura 57</b>	Exemplo da segunda versão da planilha <i>Excel</i> para classificação dos dados	<b>329</b>
<b>Figura 58</b>	Exemplo da terceira versão da planilha <i>Excel</i> para classificação dos dados	<b>329</b>
<b>Figura 59</b>	Exemplo da quarta versão da planilha <i>Excel</i> para classificação dos dados	<b>329</b>
<b>Figura 60</b>	Exemplo da versão final da planilha <i>Excel</i> para classificação dos dados	<b>330</b>
<b>Figura 61</b>	Versão final da planilha <i>Excel</i> para classificação dos dados	<b>331</b>
<b>Figura 62</b>	Exemplo da planilha <i>Excel</i> para criada para a dicionarização dos dados	<b>334</b>
<b>Figura 63</b>	Versão definitiva da planilha <i>Excel</i> com pesquisa lexicográfica	<b>337</b>
<b>Figura 64</b>	Modelo de cabine de digitalização da BnF	<b>339</b>

<b>Figura 65</b>	Dimensões dos exemplares do jornal <i>Sud-Ouest Dimanche</i> e da revista <i>Pilote</i>	<b>340</b>
<b>Figura 66</b>	Versão final da planilha desenvolvida para criação do manual de leitura	<b>349</b>
<b>Figura 67</b>	Personagem Pie, criado para compor o <i>Dicofraseo</i>	<b>351</b>
<b>Figura 68</b>	Diagramação do <i>Dicofraseo</i>	<b>352</b>
<b>Figura 69</b>	Exemplo de microestrutura do <i>Dicofraseo</i>	<b>353</b>
<b>Figura 70</b>	Exemplo de anotação em diário de bordo	<b>355</b>
<b>Figura 71</b>	Representação da concentração de gordura do caldo francês	<b>397</b>
<b>Figura 72</b>	Ilustração do supervisor <i>Le Bouillon</i>	<b>398</b>
<b>Figura 73</b>	Recorte do jornal <i>Sud-Ouest Dimanche</i> sobre a publicação do livro <i>Le Petit Nicolas</i>	<b>425</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Classe das UF presentes no <i>corpus</i> em dados relativos	<b>358</b>
<b>Gráfico 2</b>	Tipologia das UF presente no <i>corpus</i> em dados relativos	<b>359</b>
<b>Gráfico 3</b>	Classificação dos tipos de colocações	<b>360</b>
<b>Gráfico 4</b>	Classificação do nível de idiomaticidade das colocações	<b>366</b>
<b>Gráfico 5</b>	Classificação dos tipos de lexia das colocações	<b>369</b>
<b>Gráfico 6</b>	Classe das locuções	<b>370</b>
<b>Gráfico 7</b>	Classificação dos tipos locuções	<b>370</b>
<b>Gráfico 8</b>	Classificação dos tipos de locuções adverbiais	<b>371</b>
<b>Gráfico 9</b>	Classificação do nível de idiomaticidade das locuções	<b>379</b>
<b>Gráfico 10</b>	Classificação dos tipos de lexia das locuções	<b>380</b>
<b>Gráfico 11</b>	Classificação dos tipos de pragmatemas	<b>382</b>
<b>Gráfico 12</b>	Classificação dos tipos de marcadores conversacionais	<b>384</b>
<b>Gráfico 13</b>	Classificação dos tipos de marcadores conversacionais por dados absolutos	<b>388</b>
<b>Gráfico 14</b>	Classificação do nível de idiomaticidade dos pragmatemas	<b>389</b>
<b>Gráfico 15</b>	Classificação dos tipos de lexia dos pragmatemas	<b>390</b>
<b>Gráfico 16</b>	Quantitativo das colocações, locuções, pragmatemas e demais tipos de UF	<b>392</b>
<b>Gráfico 17</b>	Classe das UF presentes no <i>corpus</i> em dados absolutos	<b>402</b>
<b>Gráfico 18</b>	Tipologia das UF presente no <i>corpus</i> em dados absolutos	<b>403</b>
<b>Gráfico 19</b>	Classificação dos tipos locuções em dados absolutos	<b>404</b>
<b>Gráfico 20</b>	Classificação dos tipos de locuções adverbiais em dados absolutos	<b>404</b>
<b>Gráfico 21</b>	Verificação da dicionarização do <i>corpus</i> no <i>Larousse</i> (Galvez, 2006)	<b>411</b>
<b>Gráfico 22</b>	Verificação da dicionarização do <i>corpus</i> no <i>Michaelis</i> (Avolio; Faury, 2010)	<b>411</b>
<b>Gráfico 23</b>	Verificação da dicionarização do <i>corpus</i> no <i>Xeretando a Linguagem</i> (Zavaglia; Silva; Xatara, 2010)	<b>413</b>
<b>Gráfico 24</b>	Verificação da dicionarização do <i>corpus</i> no <i>Dicionário de idiomatismos</i> (Mattos; Bretaud, 1990)	<b>413</b>
<b>Gráfico 25</b>	Verificação da dicionarização do <i>corpus</i> nos dicionários monolíngues	<b>415</b>
<b>Gráfico 26</b>	Verificação do tipo de dicionarização nos dicionários monolíngues	<b>415</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Fases da Linguística pré-saussuriana	<b>35</b>
<b>Quadro 2</b>	Historicização da Lexicografia	<b>51</b>
<b>Quadro 3</b>	Principal funcionalidade dos dicionários	<b>55</b>
<b>Quadro 4</b>	Critério de reconhecimento de um dicionário padrão da língua	<b>57</b>
<b>Quadro 5</b>	Quadro contrastivo entre a Lexicografia e a Terminologia	<b>63</b>
<b>Quadro 6</b>	Quadro contrastivo entre a Lexicografia, Terminologia e Lexicologia	<b>63</b>
<b>Quadro 7</b>	Noções analíticas quanto à competência pragmática	<b>75</b>
<b>Quadro 8</b>	Classificação dos atos ilocutórios	<b>102</b>
<b>Quadro 9</b>	Regras para a execução dos atos de fala	<b>104</b>
<b>Quadro 10</b>	Delimitação sintática das sentenças em (19)	<b>113</b>
<b>Quadro 11</b>	Gramaticalidade sintática das expressões idiomáticas em (19)	<b>114</b>
<b>Quadro 12</b>	Exemplificação da função sintática em língua francesa	<b>114</b>
<b>Quadro 13</b>	Exemplificação da não equivalência tradutológica entre línguas	<b>116</b>
<b>Quadro 14</b>	Níveis de aplicação da desfixação lexical militante	<b>184</b>
<b>Quadro 15</b>	Classes de sintagmas	<b>202</b>
<b>Quadro 16</b>	Tipologia das UF segundo Pamies	<b>208</b>
<b>Quadro 17</b>	Tipologia das UF identificadas no <i>corpus</i> da tese	<b>211</b>
<b>Quadro 18</b>	Tipologia das expressões idiomáticas segundo Xatara (1998a)	<b>225</b>
<b>Quadro 19</b>	Tipologia das locuções a partir dos aspectos semântico e sintático	<b>230</b>
<b>Quadro 20</b>	Situações comunicativas que demandam pragmatemas	<b>238</b>
<b>Quadro 21</b>	Tipologia dos pragmatemas segundo González-Rey (2021)	<b>243</b>
<b>Quadro 22</b>	As características dos documentos autênticos	<b>274</b>
<b>Quadro 23</b>	Etapas do processo de conscientização fraseológica	<b>315</b>
<b>Quadro 24</b>	Composição do livro <i>Le Petit Nicolas</i> (Goscinny; Sempé, 1960)	<b>322</b>
<b>Quadro 25</b>	Módulos do CMS Drupal utilizados para a criação do <i>Dicofraseo</i>	<b>346</b>
<b>Quadro 26</b>	Exemplificação do uso da lexia <i>coup</i> e do sufixo <i>-ada</i>	<b>362</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Estrutura interna das UF – recorte aos casos com mais de 15 ocorrências	<b>399</b>
<b>Tabela 2</b>	Perífrases verbais – recorte aos casos com mais de 15 ocorrências	<b>408</b>

## ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj	Adjetivo
Adv	Advérbio
BnF	Bibliothèque Nationale de France
Crédif	Centre de Recherche et d'Étude pour la Diffusion du Français
Det	Determinante
FLE	Francês Língua Estrangeira
GU	Gramática Universal
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
N	Nome
OSV	Objeto Sujeito Verbo
PPGLinC	Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
Prep	Preposição
PSG	Paris Saint Germain
SN	Sintagma nominal
Sprep	Sintagma preposicionado
SV	Sintagma verbal
SVC	Sujeito Verbo Complemento/Objeto
TAL	Tratamento Automático de Línguas
UF	Universidade Fraseológica
UEFA	<i>Union of European Football Associations</i>
UFBA	Universidade Federal da Bahia
V	Verbo
VT	Vogal temática



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: AS PRIMEIRAS INQUIETAÇÕES</b>	27
<b>2 DO SIGNO LINGUÍSTICO SAUSSURIANO ÀS CIÊNCIAS DO LÉXICO: PERCURSO TEÓRICO-HISTÓRICO</b>	35
2.1 A MULTIPLICIDADE INVESTIGATÓRIA DA LINGUÍSTICA	37
2.2 AS CARACTERÍSTICAS DO SIGNO LINGUÍSTICO	39
2.3 DE QUE O LÉXICO É CONSTITUÍDO	43
2.4 AS CIÊNCIAS DO LÉXICO	48
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO	65
<b>3 O LÉXICO E A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO</b>	67
3.1 LÉXICO E CULTURA	68
3.2 LÉXICO E SEMÂNTICA	87
<b>3.2.1 A semântica do signo linguístico</b>	91
<b>3.2.2 A semântica da sentença</b>	95
3.3 LÉXICO E PRAGMÁTICA	99
3.4 LÉXICO E TRADUÇÃO	109
3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO	118
<b>4 FRASEOLOGIA: O FENÔMENO DA FIXIDEZ LINGUÍSTICA</b>	120
4.1 O ESTUDO DOS SIGNOS LINGUÍSTICOS COMPLEXOS	128
<b>4.1.1 Breve história da Fraseologia</b>	133
<b>4.1.2 As características das UF</b>	147
4.1.2.1 Polilexicalidade	148
4.1.2.2 Frequência e convencionalidade	155
4.1.2.3 Fixação	161
4.1.2.4 Idiomaticidade	170
4.1.2.5 Desfixação lexical	180
4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO	196
<b>5 A FRASEOLOGIA E OS CAMINHOS POSSÍVEIS PARA UMA CONSTRUÇÃO TIPOLÓGICA</b>	200
5.1 AS COLOCAÇÕES	214
5.2 AS LOCUÇÕES	223
5.3 OS PRAGMATEMAS	235
5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO	248

<b>6 OS TEXTOS AUTÊNTICOS NO ENSINO DE LÍNGUA FRANCESA: EM FOCO, LE PETIT NICOLAS</b>	251
6.1 DA LÍNGUA MATERNA À LÍNGUA ESTRANGEIRA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES	252
6.2 O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: UM OLHAR SOBRE O FLE	259
<b>6.2.1 O francês instrumental</b>	264
<b>6.2.2 As habilidades comunicativas</b>	266
6.2.2.1 A competência leitora	267
6.3 OS DOCUMENTOS AUTÊNTICOS	272
<b>6.3.1 Le Petit Nicolas: um exemplo de documento autêntico</b>	275
6.4 FRASEODIDÁTICA: O ENSINO DO FENÔMENO FRASEOLÓGICO	304
6.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO	317
<b>7 PERCURSOS METODOLÓGICOS: ABORDAGENS E APLICAÇÕES</b>	319
7.1 O CORPUS DA PESQUISA	319
7.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	323
<b>7.2.1 A leitura dos contos</b>	324
<b>7.2.2 Classificação e tabulação dos dados</b>	327
<b>7.2.3 Pesquisa em obras lexicográficas de referência</b>	332
7.3 CONSULTA AOS PERIÓDICOS <i>SUD-OUEST DIMANCHE</i> E <i>PILOTE</i>	338
7.4 A CRIAÇÃO DO <i>DICOFRASEO</i>	343
7.5 A CONSTRUÇÃO DO DIÁRIO DE BORDO	354
7.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO	355
<b>8 O QUE DIZEM OS DADOS</b>	357
8.1 ANÁLISE TIPOLOGICA	357
<b>8.1.1 Análise das colocações</b>	360
<b>8.1.2 Análise das locuções</b>	369
<b>8.1.3 Análise dos pragmatemas</b>	381
<b>8.1.4 Análise das UF menos diversas mais pertinentes</b>	391
8.2 QUESTÕES CULTURAIS: OS JOGOS DE PALAVRAS	395
8.3 ANÁLISE DA ESTRUTURA INTERNA	398
8.4 A ALTA FREQUÊNCIA DE USO: ANÁLISE DAS UF MAIS RECORRENTES EM DADOS ABSOLUTOS	401
8.5 ANÁLISE DA CONSULTA AOS DICIONÁRIOS	409
<b>8.5.1 Os dicionários bilíngues</b>	410

8.5.1.1 O dicionário Larousse	410
8.5.1.2 O dicionário Michaelis	411
8.5.1.3 Os dicionários especializados	412
<b>8.5.2 Os dicionários monolíngues</b>	<b>414</b>
8.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO	417
<b>9 CONCLUSÕES: FIM DESTE CICLO E PERSPECTIVAS FUTURAS</b>	<b>419</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>426</b>

## 1 INTRODUÇÃO: AS PRIMEIRAS INQUIETAÇÕES

O presente trabalho surgiu das inquietações do autor, enquanto professor de francês como língua estrangeira, no que se refere à forma como certas expressões linguísticas são compreendidas pelos aprendizes dessa língua, especialmente durante as aulas de leitura. Ao longo da nossa experiência profissional com o ensino da competência leitora de língua francesa<sup>3</sup>, percebíamos que os nossos alunos demonstravam certa dificuldade, ou mesmo resistência, em compreender o sentido de determinadas estruturas léxicas da língua alvo.

No tocante ao ensino/aprendizado do léxico de uma língua estrangeira, os estudos em Fraseologia, disciplina das Ciências do Léxico responsável pela análise, categorização e estruturação das combinações lexicais fixas, apontam que a aquisição do conjunto fraseológico da língua estrangeira se configura em um grande obstáculo para quem se dispõe a aprendê-la (Gross, 1996, Bolly, 2011; Monteiro-Plantin, 2017, entre outros). Sułkowska (2013, 2016) ressalta que ser fluente em uma língua significa dominar também a cultura na qual ela está inserida. Isso envolve necessariamente conhecer não apenas o aparato linguístico como também as dimensões sociais e pragmáticas que estejam convencionalizadas, dentro de uma determinada comunidade de fala, quanto à formação, ao uso e à significação de tais combinações léxicas durante os atos de conversação.

Enquanto objeto de estudo da Fraseologia, as unidades fraseológicas (UF), representam um dos maiores desafios na aprendizagem de línguas estrangeiras porque, segundo Tagnin (2013), essa categoria do léxico é particularmente complexa para os aprendizes não nativos, visto que aprendê-la exige a compreensão e memorização de cada unidade de forma isolada. Tal dificuldade se deve, entre outros fatores, à ampla variedade de formas e funções que essas unidades apresentam, tornando a sua aquisição ainda mais laboriosa e demandando um esforço significativo dos aprendizes.

As combinações léxicas são classificadas como pertencentes à fraseologia de uma língua quando apresentam certas características específicas, quais sejam:

---

<sup>3</sup> Enquanto professor de francês da Universidade Federal da Bahia desde outubro de 2013, ministramos tanto disciplinas de leitura de textos diversos, voltadas para um público heterogêneo, de diversas áreas do conhecimento, a partir da vertente do Francês Instrumental, como também leitura de textos de uma área específica, como textos acadêmicos, literários e produções da mídia. Ademais, também ministramos disciplinas voltadas para o francês de especialidade, com foco na área de Gastronomia.

devem ser compostas por duas ou mais lexias e exibir uma alta frequência de uso dentro de uma mesma comunidade linguística de fala. Serem repetidas consistentemente com a mesma estrutura sintática e com o mesmo valor semântico, além de estarem condicionadas ao mesmo contexto pragmático, levando à cristalização da sequência léxica e resultando ou não em opacidade semântica.

O caráter opaco indica que algumas UF não podem ser compreendidas pela soma dos sentidos unitários dos seus componentes, mas sim pela interpretação do conjunto de lexias do qual ela é constituída. Exemplos disso são *prestar atenção* e *pé de atleta*. A primeira UF é semanticamente transparente, o que significa que seu sentido é composicional. Nesse caso, as lexias são solidárias entre si para que, juntas, expressem a ideia de conceder ou dispensar atenção a algo ou a alguém, estabelecendo a convencionalidade do uso combinado dessas lexias específicas. A segunda UF, porém, é semanticamente opaca. Isso ocorre porque ela não se refere literalmente ao pé de uma pessoa que pratica esportes, mas a uma infecção fúngica que pode ocorrer entre os dedos dos pés. A falta de composicionalidade semântica explica a opacidade das UF, fenômeno também conhecido como *idiomaticidade*<sup>4</sup> (Corpas Pastor, 1996; Tagnin, 2013; González-Rey, 2015, 2021; Mejri, 2017a; Sampaio; Ribeiro, 2019).

Apesar da opacidade semântica ter sido tradicionalmente vista como uma característica definidora na análise da fraseologia de uma língua, tal concepção tem sido questionada (Pamies, 2018; Mejri, 2005, 2012). A literatura contemporânea tem dado mais ênfase à fixação como o atributo principal das UF, após o critério da polilexicalidade (González-Rey, 2021; Mejri, 2023a; 2023b). O caráter de fixação refere-se à estabilidade na forma e no uso das UF. Em outras palavras, a nível de fixação, a fraseologia de uma língua pode variar de acordo com os graus de atração lexical existentes entre os seus constituintes, os quais são reconhecidos pela recorrência de uma dada UF em um mesmo formato sintático e semântico, assim como pela sua função pragmática consolidada no discurso.

Contudo, o termo *fraseologia* (Bally, 1919, 1921) também consiste em um vocábulo, posto que é polissêmico e pode ser compreendido a partir de três acepções distintas: i) como disciplina da Linguística; ii) como objeto de estudo dessa disciplina,

---

<sup>4</sup> O termo *idiomaticidade* possui duas acepções: (i) o que é particular a uma língua; e (ii) o que é desprovido de sentido literal. A primeira acepção é mais comum no uso cotidiano, enquanto a segunda é mais utilizada em contextos científicos.

ou seja, o conjunto de elementos fixos que ela estuda; iii) como um domínio terminológico determinado, igualmente chamado de jargão ou língua de especialidade (González-Rey, 2015).

Desse modo, buscando facilitar a descrição das diversas possibilidades de definição do termo *fraseologia*, optamos por grafar *Fraseologia*, com *F* maiúsculo, para fazer referência ao termo no sentido de (i), isto é, como disciplina independente da Linguística, e *fraseologia*, com *f* minúsculo, para remeter ao sentido de (ii) ou (iii), como o conjunto de signos linguísticos complexos, seja pertencente à língua geral, seja à língua de especialidade.

Ainda que, desde as primeiras investigações sobre as expressões fixas, desenvolvidas por Charles Bally (1919, 1921), o termo *Fraseologia* tenha sido introduzido no sentido de disciplina científica, percebe-se que, historicamente, os estudos fraseológicos foram marginalizados pelas teorias linguísticas (Gross, 1996), recebendo maior atenção apenas com o advento das novas tecnologias e do tratamento automatizado de línguas (TAL), evidenciando o caráter opaco de determinadas construções léxicas (Mejri, 2011a; González-Rey, 2021).

Polguère (2018a, p. 66) salienta que, em virtude da natureza fraseológica das línguas, sentenças semanticamente composicionais (transparentes) e não composicionais (opacas) são frequentemente confundidas por leitores estrangeiros, “o que tem consequências nefastas, especialmente no ensino de línguas”. Por essa razão, no que compete ao aprendizado do léxico,

seria vantajoso dispor de um mecanismo que permitisse não somente descrever as colocações [ou qualquer outra UF] de maneira rigorosa, mas também fazer predições a seu respeito: *esta expressão deve ser uma colocação, e eu tenho de ficar atento ao traduzi-la. Este sentido deve ser certamente expresso por meio de uma colocação etc.* (Polguère, 2018a, p. 67, grifos do autor).

Assim, consideramos pertinente analisar, em termos de descrição linguística, como se dá a construção do material fraseológico de uma língua; quais as suas características definidoras; como elas são tradicionalmente compreendidas pela Linguística e que formato elas podem assumir na realização da língua.

Embora date do início dos anos 1960, a coletânea literária francesa *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964) é tradicionalmente utilizada

como material autêntico<sup>5</sup> nas aulas de francês e recomendada como leitura paradidática (Capelle; Menand, 2009), seja para língua materna, seja para língua estrangeira (Chatenet, 2003, 2024). Os contos são narrados em primeira pessoa por uma criança de aproximadamente oito anos, Nicolas, e as narrativas são repletas de UF.

Sendo assim, qual a dimensão da cobertura fraseológica presente nessa obra literária? Qual a tipologia das UF mais frequente ao longo dos contos? Em que medida essas UF de língua francesa se assemelham às das de língua portuguesa? Considerando que os contos foram escritos no início da década de 1960, quais fatores culturais contribuem para a construção e compreensão dessas unidades na língua francesa? Esses dados interferem na compreensão dos contos? Os dicionários gerais e fraseológicos bilíngues, francês/português, mais difundidos no Brasil dão conta dessa fraseologia, tornando a busca por significação, por parte dos leitores, autônoma?

Nessa esteira, a presente tese teve como objetivo principal descrever e analisar a cobertura fraseológica presente nos contos da coletânea literária de língua francesa *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960), a qual é frequentemente recomendada como leitura paradidática em aulas de francês como língua materna e estrangeira. Os objetivos específicos foram assim definidos: i) identificar a tipologia do *corpus* e descrever as características comportamentais de cada tipo de UF; ii) examinar os fatores culturais que contribuem para a construção e compreensão dessas unidades na língua francesa, avaliando o impacto de tais fatores na interpretação dos contos; iii) investigar como as UF estão registradas em dicionários gerais e fraseológicos bilíngues de mais fácil acesso no Brasil.

A partir das inquietações anteriormente expostas, constatamos, com base em nossa experiência como docente de língua francesa e, ao mesmo tempo, aprendiz da língua, que a falta de discussões sobre a fraseologia, enquanto fenômeno linguístico, mesmo que de maneira não teórica, durante as aulas de língua estrangeira, dificulta o entendimento do sentido de tais expressões. Em nossa opinião, a conscientização linguística, por parte dos professores, quanto à função, ao uso e às reflexões existentes sobre este ou aquele fato linguístico daria autonomia aos estudantes, os quais estariam melhor preparados para efetuar uma leitura crítica em relação à

---

<sup>5</sup> A temática dos documentos autênticos será melhor explanada na seção 6 deste trabalho.

percepção da fraseologia de uma língua, tal como sugere Polguère (2018a) em citação anteriormente transcrita.

Diante disso, partimos da hipótese de que os dicionários bilíngues mais difundidos, no Brasil, entre os aprendizes de língua francesa em níveis iniciais não contemplam de forma satisfatória a fraseologia dessa língua. Ademais, acreditamos que questões culturais envolvidas na concepção de determinadas UF de língua francesa não são totalmente apreendidas pelos leitores brasileiros, dificultando o pleno entendimento do significado global da unidade, especialmente no que tange aos jogos de palavras.

A escolha por investigar as UF presentes na série *Le Petit Nicolas* (Gosciny; Sempé, 1960) se justificou pela relevância cultural e educacional desses contos, os quais são amplamente reconhecidos como um marco na literatura infantojuvenil francesa (Chatenet, 2003, 2024). Assim, ao compreender e documentar as UF que compõem os contos, objetivamos oferecer dados sobre a cobertura fraseológica da obra, contribuindo para o campo da Fraseologia e do ensino de FLE no Brasil.

Como um dos produtos finais da pesquisa, a criação de um glossário fraseológico bilíngue, a ser integrado a um manual de leitura que tem como objetivo auxiliar aos falantes brasileiros de francês como língua estrangeira (FLE) na compreensão das UF presentes na coleção de contos infantojuvenis *Le Petit Nicolas* (Gosciny; Sempé, 1960), foi pensada não apenas com o intuito de listar as UF ali presentes, mas também de contextualizá-las quanto ao seu emprego, buscando proporcionar uma ferramenta de uso prático para estudantes, professores e pesquisadores interessados no desenvolvimento da competência leitora e fraseológica em francês, especialmente no que tange à aplicação idiomática e coloquial da língua.

Assim, a tese foi estruturada de forma a oferecer ao leitor um panorama dos estudos fraseológicos, partindo do conceito de signo linguístico até ao de UF, discutindo sobre suas características definidoras, sobre as questões envolvidas na construção de uma tipologia básica e sobre as principais implicações da Fraseologia no ensino de línguas. Além disso, buscamos continuamente ressaltar a importância da dimensão cultural, não apenas para a concepção do léxico de uma língua como também para o estabelecimento da comunicação.

Perante o exposto, as seções que se seguem à Introdução estão assim organizadas: a seção 2, intitulada *Do signo linguístico saussuriano às ciências do*



*léxico: percurso teórico-histórico*, corresponde à primeira parte do referencial teórico. Nela, para melhor fundamentar a nossa pesquisa, traçamos um percurso histórico e teórico sobre os estudos do léxico até chegar às ditas Ciências do Léxico, suas principais características e implicações para o tratamento dos signos linguísticos.

Na seção 3, denominada *O léxico e a construção do sentido*, delimitamos uma compreensão sobre a relação intrínseca existente entre a capacidade inata do ser humano em adquirir linguagem e o desenvolvimento da cultura, destacando o desenvolvimento da linguagem simbólica como o veículo primordial para a criação e perpetuação da cultura, sendo esse um elemento indispensável para o estabelecimento da comunicação. No tangente ao aspecto lexical, identificamos três instâncias linguísticas que permeiam os processos comunicativos: a semântica, a pragmática e a tradução.

Na seção 4, *Fraseologia: o fenômeno da fixidez linguística*, nos posicionamos, a partir das postulações saussurianas (Saussure, 2006 [1916]), acerca da concepção da Fraseologia enquanto disciplina pertencente às Ciências do Léxico no mesmo patamar que a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. Situamos historicamente a Fraseologia entre os estudos Linguísticos e discutimos acerca das propriedades definidoras do fenômeno fraseológico.

Na seção 5, *A Fraseologia e os caminhos possíveis para uma construção tipológica*, debatemos sobre as dificuldades de estabelecimento de uma tipologia única e comum entre todas as línguas naturais para as UF, enfatizando que tal imprecisão tipológica está vinculada à complexidade formativa, semântica e de uso das UF, causando, por vezes, divergências conceituais entre os estudiosos. Expomos a tipologia adotada para a nossa pesquisa e focalizamos o nosso olhar para os três tipos mais recorrentes no nosso *corpus*, quais sejam, as colocações, as locuções e os pragmatemas.

Na seção 6, intitulada *Os textos autênticos no ensino de língua francesa: em foco o Le Petit Nicolas*, declaramos qual é o nosso posicionamento quanto às definições das situações que, possivelmente, causam ruídos durante os atos comunicativos e, assim, propiciam a incompreensão das UF. Indicamos também a definição teórica dos termos *língua materna* e *língua estrangeira*, a partir dos vieses das Linguísticas Gerativa e Aplicada. Fizemos ainda um breve relato histórico dos métodos voltados para o ensino de línguas estrangeiras no Ocidente, especialmente os da língua francesa, e das principais abordagens para o ensino da competência

leitora. Explicitamos também o conceito de documento autêntico e a sua importância para o ensino de línguas. Em seguida, examinamos a série de contos *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964), em seu formato original de folhetins publicados em periódicos, e argumentamos sobre os traços que os caracterizam como documentos autênticos. Por fim, discutimos sobre as noções básicas da Fraseodidática e quais os recursos propostos por ela para a melhoria do ensino do léxico em língua materna e estrangeira.

A seção 7, nomeada *Percursos metodológicos: abordagens e aplicações*, dedica-se à exposição da metodologia adotada para a coleta e a análise dos dados fraseológicos depreendidos da leitura do primeiro volume da série *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960). Considerando a falta de um método específico que se adequasse aos nossos dados, desenhamos uma metodologia própria. Como forma de validação dos dados coletados, lançamos mão das ferramentas da Linguística de *corpus* para o TAL. Além disso, descrevemos as escolhas adotadas para a criação do manual de leitura, ao qual demos o nome de *Dicofraseo*.

A seção 8, intitulada *O que dizem os dados*, versa sobre a análise do *corpus*. Verificamos a recorrência das UF, em níveis absolutos e relativos, o que nos permitiu fazer um levantamento quantitativo dos diferentes tipos de UF coletadas. Além disso, nos empenhamos em identificar quais as unidades mais transparentes e/ou mais opacas em relação ao português, averiguando, assim, quais expressões possivelmente causam maior ou menor dificuldade de compreensão para um leitor brasileiro de francês. Em termos culturais, demonstramos como os jogos de palavras realizados a partir da desfixação de UF estão vinculados a conhecimentos prévios, sem os quais o reconhecimento da UF original torna-se ainda mais difícil. Analisamos também como os dicionários gerais e fraseológicos bilíngues, francês/português, mais difundidos no Brasil, poderiam auxiliar na compreensão desses dados, dando autonomia aos leitores.

Na seção 9, intitulada *Conclusões: encerramento desse ciclo e perspectivas futuras*, apresentamos as nossas considerações finais sobre o presente trabalho. As principais conclusões a que chegamos foram: i) os dicionários bilíngues, francês/português, gerais e especializados, não dão conta do material fraseológico presente no volume 1 da série de contos infantojuvenis *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960); ii) os tipos de UF com maior registro em nosso *corpus* foram as colocações, as locuções e os pragmatemas; iii) por estarem ancorados em conceitos

léxico-semântico-culturais distintos daqueles pertencentes à cultura brasileira, os jogos de palavras são o fenômeno que, possivelmente, gera maior dificuldade de compreensão por um leitor não nativo de língua francesa.

## 2 DO SIGNO LINGÜÍSTICO SAUSSURIANO ÀS CIÊNCIAS DO LÉXICO: PERCURSO TEÓRICO-HISTÓRICO

A Linguística, enquanto estudo científico que se ocupa da investigação dos fenômenos da linguagem humana, nem sempre foi tratada dessa forma, tal como a conhecemos hoje, isto é, como “ciência autônoma, dotada de princípios teóricos e de metodologias investigativas consistentes” (Weedwood, 2002, p. 9). Carvalho (2013, p. 19) esclarece que

a Linguística só foi adquirir o *status* de ciência a partir do século XIX. Até então, o que havia era o estudo assistemático e irregular dos fatos da linguagem, de caráter puramente normativo ou prescritivo, ou ainda, retrocedendo à Antiguidade grega, especulações filosóficas sobre a origem da linguagem mescladas com estudos de Filologia.

Antes de adquirir uma delimitação e definição próprias, a Linguística passou por três fases sucessivas, descritas por Saussure (2006 [1916], p. 7-12), as quais apresentamos no Quadro 1, a seguir, de maneira resumida.

**Quadro 1** - Fases da Linguística pré-saussuriana

Fase	Características
1ª Fase: Filosófica	A Linguística começa com uma abordagem normativa, buscando estabelecer regras para distinguir formas corretas das incorretas. É influenciada pela lógica e não tem uma visão científica ou imparcial da língua. Foca apenas em formular normas, sem considerar o fenômeno da língua de forma ampla e observacional.
2ª Fase: Filológica	A Linguística se afasta da norma e começa a focar na interpretação e análise de textos antigos, com ênfase na crítica textual, buscando entender a língua a partir de textos literários e históricos, comparando diferentes períodos e autores. Embora tenha um método crítico, a filologia ainda não aborda adequadamente a língua falada, com uma visão muito centrada na antiguidade clássica.
3ª Fase: Histórico-Comparatista	A linguística se torna comparativa e histórica. Voltada para uma comparação diacrônica, buscava-se melhor entender a origem e a evolução das línguas, a exemplo do sânscrito e das línguas europeias. A Gramática Comparada começa a ser vista como um campo autônomo. No entanto, tal comparação era feita sem uma compreensão completa da natureza dinâmica das línguas.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Saussure (2006 [1916], p. 7-12).

Os estudos da linguagem humana realizados durante os períodos anteriores ao advento da Linguística, como ciência, ficaram conhecidos a partir da expressão

*Gramática Tradicional*, cujo termo é, por vezes, empregado de maneira pejorativa entre os linguistas, muito embora exista um renovado interesse pelo estudo da Gramática Tradicional como parte da história das ideias linguísticas (Weedwood, 2002).

É somente a partir de 1916, com a publicação do *Curso de linguística geral*, obra póstuma atribuída ao suíço Ferdinand de Saussure, considerado como o pai da linguística moderna, que a Linguística começa a ganhar os traços próprios de ciência. Um dos fatores principais, que atribuiu o estatuto científico à Linguística, foi a delimitação de seu objeto de estudo: a língua. Desse modo, Saussure (2006 [1916], p. 17) afirma que

[a língua] não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Ao longo do *Curso*, Saussure (2006 [1916]) propõe que a língua estaria subdividida em duas entidades, a *langue* (língua), puramente psíquica, presente na mente do falante, e a *parole* (fala), produto exteriorizado da *langue*:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua [*langue*], que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala [*parole*], inclusive a fonação e é psicofísica (Saussure, 2006 [1916], p. 27).

À vista disso, o autor define o real objeto laboral da Linguística:

Pode-se, a rigor, conservar o nome de Lingüística para cada uma dessas duas disciplinas e falar duma Lingüística da fala [*parole*]. Será, porém, necessário não confundí-la com a Lingüística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua [*langue*] (Saussure, 2006 [1916], p. 28).

Embora Saussure (2006 [1916]) tenha definido bem o objeto de estudo da Linguística, ele percebeu que, de acordo com o ponto de vista de cada investigador sobre o mesmo objeto, a língua, o método de observação e análise se diferenciaria:

Outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. Alguém pronuncia a palavra *nu*: um observador superficial será tentado a ver nela um objeto lingüístico concreto; um exame mais atento, porém, nos levará a encontrar no caso, uma após outra, três ou quatro coisas perfeitamente diferentes, conforme a maneira pela qual consideramos a palavra: como som, como expressão de uma idéia, como correspondente ao latim *nūdum* etc (Saussure, 2006 [1916], p. 15).

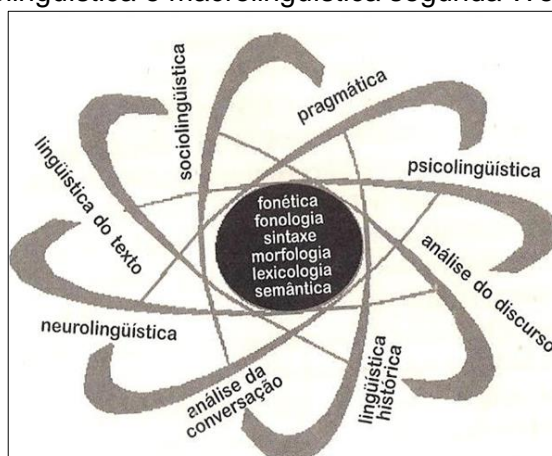
Assim, ao considerarmos a palavra *nu* enquanto som, estaríamos observando-a pela ótica da Fonética ou da Fonologia, ao passo que se a observarmos a partir de sua correspondente em latim *nūdum* precisaríamos do arcabouço teórico da Filologia para dar conta de tal investigação.

## 2.1 A MULTIPLICIDADE INVESTIGATÓRIA DA LINGUÍSTICA

Ao contemplarmos as reflexões feitas por Saussure (2006 [1916]) no início do século XX e ao compará-las com a evolução da Linguística ao longo desse século, percebemos que esse campo de estudo foi, por diversas vezes, dividido em várias áreas de análise que, por conseguinte, resultaram em correntes teóricas que observam a língua a partir das múltiplas possibilidades em que ela pode se apresentar.

A Linguística, segundo Weedwood (2002, p. 10), pode ser compreendida por meio de, ao menos, três dicotomias: i) sincrônica vs. diacrônica; ii) teórica vs. aplicada; iii) microlinguística vs. macrolinguística. No que tange à primeira dicotomia, compreende-se como uma descrição sincrônica aquela que descreve a língua tal como ela se apresenta em um dado recorte no tempo. Por outro lado, uma descrição diacrônica se inquieta com o desenvolvimento da língua e com as mudanças estruturais que ela sofreu no decorrer de várias sincronias. A segunda dicotomia faz referência aos objetivos da Linguística, se a construção de um arcabouço teórico geral da estrutura e da descrição das línguas, o que diz respeito à linguística teórica, ou se a aplicabilidade das descobertas e técnicas da linguística com finalidades práticas, tais como a elaboração de métodos aperfeiçoados de ensino de línguas, o que concerne à linguística aplicada. A terceira dicotomia, por sua vez, subdivide a linguística de acordo com a sua visão sobre a língua. A microlinguística se refere a uma visão mais restrita, ao passo que a macrolinguística a uma visão mais ampliada. A Figura 1 sistematiza a concepção feita por Weedwood (2002) dessa dicotomia.

**Figura 1** - Microlinguística e macrolinguística segunda Weedwood (2002)



Fonte: Weedwood (2002, p. 11)

A Figura 1 evidencia, como dito anteriormente, a subdivisão da Linguística em micro e macro linguísticas ou, em outras palavras, a Linguística dita dura (em referência ao termo inglês *hard-core*), isto é, aquelas que se encontram no núcleo do átomo e que têm como objeto de estudo a língua enquanto *langue* (a partir do conceito saussuriano) e aquelas que se encontram na eletrosfera do átomo e que examinam a língua, sobretudo enquanto *parole*, em conjunto com outras áreas da ciência da linguagem que aos poucos foram surgindo e se consolidando como ramos independentes, embora interligados. Vale lembrar, no entanto, que “existe, em princípio, um aspecto teórico em cada parte da macrolinguística, tanto quanto da microlinguística” (Weedwood, 2002, p. 13).

Tomando como base as dicotomias linguísticas aqui apresentadas e as múltiplas linguísticas possíveis, optaremos por grafar Linguística, com *L* maiúsculo, para se referir à Linguística como um todo, isto é, enquanto a ciência da linguagem. Por outro lado, grafaremos linguística, em minúsculo, para falar dos diferentes ramos existentes da Linguística.

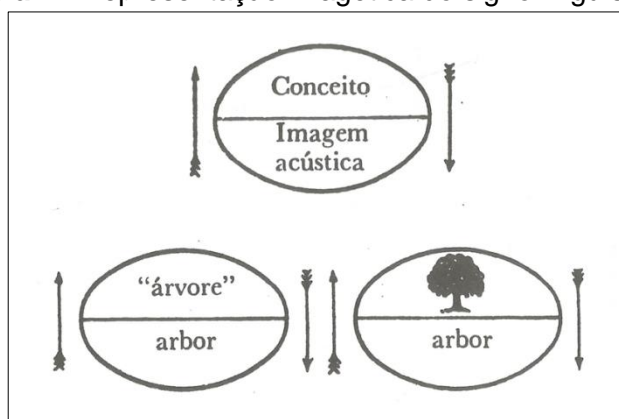
De acordo com a representação atômica da Linguística, retratada por Weedwood (2002), as linguísticas que estariam encarregadas de trabalhar com o léxico seriam a Lexicologia e a Semântica. Ou seja, cabe a elas empreender as suas investigações tomando como objeto observacional o léxico de uma determinada língua natural. Com efeito, “embora se atribua à semântica o estudo das significações linguísticas, a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa” (Biderman, 2001a, p. 16).

Contudo, não é apenas a Lexicologia que se propõe a investigar o léxico das línguas naturais. Tradicionalmente, há duas disciplinas que estudam o léxico: a Lexicologia e a Lexicografia. “Essas disciplinas enfocam o seu objeto de estudo, o léxico, de modos distintos, porém, ambas têm como principal finalidade a descrição desse mesmo léxico” (Biderman, 2001a, p. 15). A essas duas disciplinas, acrescenta-se a Terminologia, formando assim o que ficou conhecido no Brasil como as Ciências do Léxico<sup>6</sup>.

## 2.2 AS CARACTERÍSTICAS DO SIGNO LINGUÍSTICO

Para Saussure (2006 [1916], p. 80), o signo linguístico “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Dito de outra forma, o autor defende a ideia de que o signo linguístico seria composto por duas partes de um todo: o significado e o significante. O significado estaria ligado ao conceito, ao passo que o significante à imagem acústica. “Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (Saussure, 2006 [1916], p. 80). Para melhor exemplificar seu argumento, o pesquisador representou o signo linguístico a partir da seguinte imagem:

**Figura 2** - Representação imagética do signo linguístico



Fonte: Saussure (2006 [1916], p. 80-81)

A Figura 2 apresenta a interdependência existente entre os elementos do signo linguístico, uma vez que estes são inseparáveis e um não existe sem o outro. Isso ocorre porque, para estabelecer a comunicação, os utentes de uma língua precisam compartilhar entre si a imagem acústica de uma palavra, seja ela representada pela

<sup>6</sup> Mais à frente, discorreremos sobre as Ciências do Léxico de forma mais aprofundada.



fala, seja pela escrita, e serem capazes de decodificá-la através do seu conceito, igualmente compartilhado. Portanto, a imagem acústica “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial” (Saussure, 2006 [1916], p. 80, grifo do autor).

O signo linguístico saussuriano apresenta cinco princípios ou propriedades que o definem como tal. São elas: i) associação indissolúvel entre significado e significante; ii) arbitrariedade; iii) imutabilidade; iv) mutabilidade; v) caráter linear do significante.

A propriedade em (i) já foi aqui mencionada e, como explicamos, está relacionada ao fato de que ambas as faces que compõem o signo linguístico são fundamentais para a sua existência.

Embora se possa, evidentemente, considerar e analisar em separado os componentes do signo linguístico, é preciso lembrar sempre que eles não têm existência própria: cada um dos dois componentes só existe em função do outro (Polguère, 2018a, p. 40).

O caráter arbitrário do signo linguístico é defendido por Saussure (2006 [1916]) devido ao fato de que a relação entre significado e significante não é logicamente motivada.

Assim, a idéia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro (Saussure, 2006 [1916], p. 81-82, grifos do autor).

A propriedade da imutabilidade está, de certo modo, ligada à propriedade da arbitrariedade e refere-se ao caráter imutável do signo linguístico, isto é, os signos linguísticos não se modificam ao longo do tempo. É graças a essa propriedade que as línguas são passadas, de geração a geração, ao longo dos anos, pelos membros de uma determinada comunidade linguística. Explica Saussure (2006 [1916], p. 85-86):

A qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja, a língua aparece sempre como herança da época precedente. O ato pelo qual, em dado momento, os nomes teriam sido distribuídos às coisas, pelo

qual um contrato teria sido estabelecido entre os conceitos e as imagens acústicas – esse ato podemos imaginá-lo, mas jamais foi ele comprovado. A idéia de que as coisas poderiam ter ocorrido assim nos é sugerida por nosso sentimento bastante vivo do arbitrário do signo.

O substantivo *arroz*, por exemplo, já existia em língua portuguesa nas gerações anteriores à nossa e, provavelmente, continuará a existir nas gerações futuras. “É graças a essa estabilidade do sistema linguístico que podemos aprender as línguas, utilizá-las durante toda a nossa existência e transmitir informações através do tempo” (Polguère, 2018a, p. 42).

Contraditoriamente à propriedade da imutabilidade dos signos linguísticos, a propriedade da mutabilidade, ligada ao caráter evolutivo dos signos linguísticos, afirma que a relação significado e significante pode, também de forma arbitrária, sofrer alterações e, portanto, exercer mudanças na língua. Contudo, isso não altera em nada a propriedade da imutabilidade. O que ocorre, na verdade, é a criação, ou surgimento, de um novo signo com base em outro. À página 89, Saussure (2006 [1916]) dá como exemplo de tal propriedade o verbo latino *necāre* que, em latim clássico, tinha o conceito de *matar*. Porém, durante o processo evolutivo das línguas neolatinas, esse verbo deu origem à palavra *noyer* (*afogar*) em francês. O que ocorre aqui é uma mudança tanto no nível do significante quanto no do significado. Apesar disso, tanto o signo *necāre* quanto o signo *noyer* continuam a existir e a ser, eles próprios, imutáveis.

Por fim, a propriedade do caráter linear do significante aplica-se unicamente ao significante, o qual, devido à natureza oral da maioria das línguas naturais (com exceção das línguas gestuais, utilizadas pelos surdos, como a Libras, por exemplo) e à fisiologia humana, só pode ser realizado de forma linear, seja através de sons produzidos pelo aparelho fonador, seja através de símbolos empregados graficamente na escrita (com exceção de línguas sino-tibetanas, que utilizam o sistema de escrita por logogramas, que se sobrepõem dentro de um mesmo espaço):

O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão*: é uma linha (Saussure, 2006 [1916], p. 84, grifos do autor).

Uma vez definidas as propriedades dos signos linguísticos, torna-se pertinente descrever a sua tipologia. Os signos linguísticos são ordenados por duas dicotomias

principais: i) signo lexical vs. signo gramatical e ii) signo elementar vs. signo complexo. Esses dois grandes eixos de oposição dos signos linguísticos são fundamentais para a descrição categorial dos signos, como também para a escolha metodológica aplicada às investigações das Ciências do Léxico, como veremos de forma mais aprofundada mais adiante.

“O processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato lingüístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, **sob o rótulo sintético de palavras** - os signos linguísticos” (Biderman, 1996, p. 28, grifo nosso). Diante disso, se diz, comumente, que os signos linguísticos são palavras. Contudo, tal afirmação não condiz com a realidade da amplitude dos signos linguísticos. Isso porque, “se todas as palavras são signos linguísticos, nem todos os signos linguísticos são palavras” (Polguère, 2018a, p. 43).

Dado que os signos linguísticos são formados de significados e significantes, é correto afirmar que os sufixos e os prefixos de uma língua, a exemplo do -s como marca de plural ou do *de(s)-* como marca de negação, no português, são igualmente signos linguísticos, uma vez que eles são portadores de conceitos e de impressões acústicas, são arbitrários, imutáveis e possuem caráter linear. Assim, os signos linguísticos constituídos por palavras, a exemplo de *computador*, *planta*, *cantar* e *sorrir*, são considerados como signos lexicais, enquanto que os signos linguísticos formados por afixos são chamados de signos gramaticais.

A partir da dicotomia entre signo lexical e signo gramatical, podemos trazer à luz o segundo eixo de oposição dos signos linguísticos: os signos elementares são aqueles que não permitem a sua fragmentação em signos menores. Esse é o caso, por exemplo, do pronome *eu*. Por outro lado, os signos complexos são aqueles que licenciam uma subdivisão como, por exemplo, o signo *cachorros*, composto por três signos linguísticos gramaticais: *cachor-* (morfema lexical básico – raiz), *-o* (vogal temática – VT), *-s* (morfema flexional de número).

Todavia, Polguère (2018a, p. 44, grifos do autor) salienta que

um signo linguístico complexo não é necessariamente constituído de um signo lexical e de um ou vários signos gramaticais. *Olho de lince*, por exemplo, é formalmente decomponível em três signos lexicais: *olho + de + lince*. Observe-se que pressupomos aqui que *olho de lince* é um signo linguístico. Na verdade, qualquer expressão linguística que corresponda a uma associação indissolúvel significado / significante – *pomo de discórdia, dar uma cantada, a propósito [de]* etc. – é um signo linguístico.

Tal afirmação nos é muito preciosa, pois, como veremos nas próximas seções, ela será fundamental para o escopo da nossa pesquisa.

### 2.3 DE QUE O LÉXICO É CONSTITUÍDO

Ainda que, como vimos até aqui, o léxico de uma língua seja constituído por signos linguísticos, o termo *palavra* é comumente empregado, de maneira genérica, para designar o objeto de observação das Ciências do Léxico (Biderman, 1999, 2001a; Polguère, 2018a; Vilela, 1979; dentre outros), visto que

é a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem. [...] [Assim,] a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras (Biderman, 1998, p. 88-92, grifo da autora).

Entretanto, ao discutir o conceito linguístico de palavra e as problemáticas que envolvem o processo de delimitação da unidade léxica de uma determinada língua, Biderman (1999, p. 82) considera que a noção de palavra não pode ter um valor absoluto, visto que ele é relativo e modificável de uma língua para outra:

Embora a noção empírica de palavra nas diversas línguas do globo refira vagamente um mesmo conceito psicolingüístico, os dados factuais de cada língua não permitem que formulemos uma única definição válida para todas, que seja suficientemente abrangente para recobrir as peculiaridades de cada uma e que nos permita ainda identificar e delimitar inequivocamente a unidade léxica em cada um desses idiomas. Assim sendo, devemos concluir que não é possível definir a palavra de um modo universal.

Assim como foi apontado por Saussure (2006 [1916]), ao afirmar que o sistema linguístico pode ser investigado a partir de diversas óticas, Biderman (1999, p. 83) ressalta que há vários critérios, ou vários pontos de vista, que podem ser operados para delimitar a palavra, sendo eles i) o fonológico; ii) o morfossintático e iii) o semântico.

O primeiro critério, o fonológico, está diretamente ligado à noção de signo linguístico definida por Saussure (2006 [1916]), a partir da qual o signo seria composto por um conceito e uma imagem acústica. Assim sendo, “uma palavra seria uma

seqüência fônica que constituísse uma emissão completa e após a qual a pausa seria possível” (Biderman, 1999, p. 83). Elementos como a potencialidade de pausa, o acento próprio de cada palavra e a prosódia específica da língua contribuem para a segmentação das palavras.

O segundo critério, o morfossintático, está, ainda que indiretamente, ligado ao caráter linear do significante, postulado por Saussure (2006 [1916]), visto que as palavras da língua tendem a ser realizadas de forma sequencial, tanto na sua forma fônica como na sua forma gráfica, e que a posição de cada uma dentro do enunciado é previamente determinada por regras morfossintáticas próprias que diferem de um sistema linguístico para outro. Logo, a delimitação da palavra, a partir da análise morfossintática, perpassa, simultaneamente, pela análise da classificação gramatical da palavra e pela função exercida por ela na sentença.

Percebe-se, com base no critério morfossintático, e tomando como exemplo a comparação entre diferentes sistemas linguísticos, que em determinados contextos duas unidades léxicas são expressas a partir de uma única palavra<sup>7</sup>. Na estrutura morfossintática do latim, os elementos prepositivos são marcados como desinências – morfemas ou afixos, tal como os signos linguísticos gramaticais, assinalados por Saussure (2006 [1916]) – e são, portanto, identificados no interior das palavras, ao contrário das línguas neolatinas, em que tais elementos são expressos a partir de palavras individuais: “[latim:] *petri murus* = port. *muro de pedra*, esp. *muro de piedra*, fr. *mur de pierre*, ital. *muro di pietra*” (Biderman, 1999, p. 83, grifos da autora).

Por fim, o terceiro critério, o semântico, é para Biderman (1999, p. 87) o mais importante, dado que, para a autora, “só a dimensão semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica no discurso”, uma vez que a palavra é considerada como uma unidade semântica indecomponível. Isso posto, para que uma palavra seja caracterizada como tal, é necessário emitir sentido. Contudo, em algumas estruturas da língua portuguesa, por exemplo, um único significado é expresso por dois segmentos morfológicos: na sentença *João tem estudado diariamente*, as palavras *tem + estudado* exprimem juntas a noção de aspecto iterativo no passado.

Em vista disso, os processos de delimitação da palavra trazidos por Biderman (1999) revelam um impasse: os critérios fonológico e morfossintáticos não são

---

<sup>7</sup> Considerando tanto o conceito usualmente empregado na língua comum, e, portanto, não científico, no qual as palavras são reconhecidas a partir da grafia, isto é, um bloco de letras separado por espaços em brancos, como o critério fônico.

totalmente eficazes na tarefa de traçar as fronteiras das palavras, sendo o critério semântico o mais pertinente; por outro lado, tomando como base o critério semântico, percebe-se que o conceito de palavra, tal como é amplamente conhecido (blocos de sons, separados por pausas, ou blocos de letras graficamente separados por espaços em brancos), é incoerente, posto que uma única palavra pode emitir mais de um significado ou que, inversamente, mais de uma palavra pode emitir apenas um significado. Isso porque

a ilusão da escrita, a ortografia e a história da língua contribuem para atribuir à palavra uma noção que poderíamos chamar de "visual". [...] A observação das relações existentes entre a fala e o pensamento mostra que, em infinitos casos, a palavra "vista" é uma ilusão; a unidade gráfica nem sempre corresponde a uma unidade de pensamento, independentemente de essa unidade de pensamento ser uma representação concreta ou um conceito abstrato. Portanto, uma palavra não é necessariamente uma unidade lexicológica, se por esse termo se entende o que, em um contexto falado ou escrito, corresponde a uma unidade indivisível de pensamento<sup>8</sup> (Bally, 1921, p. 64-65, grifos do autor, tradução nossa).

Outra nomenclatura possível para conceituar a palavra está na dicotomia unidade gráfica vs. unidade linguística. Uma unidade gráfica é uma série de caracteres delimitados por dois espaços, definida originalmente por tipógrafos e agora familiar para qualquer usuário de um processador de texto, mas que, por vezes, pode formar apenas uma unidade linguística (Mortureux, 2008, p. 8), quer dizer um único signo linguístico: *a menina prende os cabelos com um bico de pato*. Nessa sentença, a sequência *bico de pato* é formada por três unidades gráficas. Porém, constitui apenas uma única unidade léxica, seja no sentido composicional (a extremidade saliente na boca de um pato), seja no sentido não composicional (presilha de cabelo que tem a forma semelhante à do bico de um pato).

Tendo isso em vista, considera-se que o termo *palavra* é muito genérico e, sendo assim, demasiadamente impreciso para dar conta tanto das especificidades dos signos linguísticos como também da dificuldade de delimitação das fronteiras das

---

<sup>8</sup> No original: *L'illusion de l'écriture, l'orthographe et l'histoire de la langue concourent à donner du mot une notion qu'on pourrait appeler « visuelle ». [...] L'observation des rapports existant entre la parole et la pensée montre que, dans une infinité de cas, le mot « vu » est une illusion; l'unité graphique ne recouvre pas toujours une unité de pensée, peu importe que cette unité de pensée soit une représentation concrète ou un concept abstrait. Un mot n'est donc pas forcément une unité lexicologique, si par ce terme on entend ce qui, dans un contexte parlé ou écrit, correspond à une unité indécomposable de la pensée.*

unidades léxicas. Diante disso, é preferível fazer uso de termos técnicos que melhor definam cada particularidade dos signos linguísticos. Assim, o termo *palavra* é reservado “para as realizações discursivas, continuando a longa tradição do português e respeitando a sinonímia implícita na mente dos falantes do idioma” (Biderman, 1999, p. 88).

Em contrapartida, ao tratar a língua de maneira científica, o emprego de termos que possibilitem a designação técnica das unidades do sistema e do discurso se faz necessário, de modo que as ambiguidades sejam eliminadas. Tais termos, ou pelo menos os mais usuais são i) léxico; ii) vocabulário; iii) lexia; iv) lexema; v) forma lexical; vi) vocábulo; vii) lema.

O termo *léxico* é aplicado para fazer alusão ao conjunto abstrato das unidades lexicais da língua, ao passo que o termo *vocabulário* diz respeito ao conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades (Biderman, 1999, p. 88).

O termo *lexia*, cunhado por Pottier (1974), é utilizado como um termo guarda-chuva capaz de abranger os termos *lexema* e *forma lexical*. A *lexia* é, por assim dizer, o real objeto de estudo das Ciências do Léxico, em oposição à *palavra*. Dito de outra forma, “*lexia*, também chamada de **unidade lexical**, pode ser tanto um **lexema** como uma **locução**” (Polguère, 2018a, p. 67, grifos do autor), por exemplo<sup>9</sup>.

O termo *lexema* é empregado para designar uma entidade lexical, portadora de sentido, que só é decodificada a partir da flexão, isto é,

o lexema é o elemento da língua, a forma básica, que fundamenta as possíveis formas do discurso e todos os possíveis significados (sentidos ou variantes do discurso) da palavra. O lexema é uma grandeza linguística real, de que dispõe a competência do falante/ouvinte, cujo alcance não é representável pelo uso, mas apenas pela reflexão (sic) [flexão] (Vilela, 1979, p. 21).

Em termos gerais, poderíamos dizer que os lexemas são os radicais das palavras, uma vez que eles são estruturados em torno de um sentido reconhecível somente por intermédio da flexão. Biderman (1999, p. 89) salienta ainda que

no léxico português podemos distinguir duas classes de lexemas: 1) as formas livres e 2) as formas dependentes, como os clíticos e os vocábulos instrumentais. As formas livres no português são geralmente substantivos, adjetivos e verbos. As formas dependentes são, de fato, vocábulos-morfema. As preposições, os pronomes

---

<sup>9</sup> Na seção 4, trataremos do conceito de Lexia de forma mais aprofundada.

personais, os artigos, as conjunções, etc. nada mais são que palavras instrumentais que articulam o discurso, sendo desprovidas de significação externa<sup>10</sup>.

Welker (2004, p. 20, grifos do autor) chama a atenção para o fato de que “[n]a verdade, o termo *lexia/lexie* é pouco divulgado internacionalmente, sendo preferido *lexema*” com o sentido de objeto teórico do Léxico. Este é o emprego dado por Biderman (1996).

O termo *forma lexical*<sup>11</sup> está diretamente vinculado ao lexema. Trata-se das inúmeras formas que o lexema pode assumir ao ser flexionado, tal qual explicita Vilela (1979, p. 21):

A palavra como palavra léxica (wortform) (sic) [forma lexical] é um elemento do discurso, ou actualização de cada uma das possibilidades da forma básica [lexema] no uso concreto condicionado pelo respectivo contexto.

A título de exemplificação, vejamos as lexias em (1).

- (1)<sup>12</sup> a Casa ~ casas  
b Amigo ~ amiga ~ amigos ~ amigas

As lexias em (1), correspondem às diferentes formas que um lexema, a forma básica do signo linguístico, pode assumir ao ser flexionado, isto é, as diferentes formas lexicais. Diante disso,

o lexema é um elemento básico do conhecimento lexical. [...] É uma generalização do signo linguístico do tipo forma de palavra: cada lexema da língua é estruturado em torno de um sentido exprimível por um conjunto de formas de palavras que somente a flexão distingue (Polguère, 2018a, p. 54).

O termo *vocábulo*, de uso mais frequente da Lexicografia, refere-se à junção de duas ou mais lexias que compartilham o mesmo significante, mas que possuem

<sup>10</sup> Em Linguística Estrutural, há ainda o termo forma presa, o qual se refere aos morfemas, isto é, que não possuem existência independente, necessitando estar ligado a outro elemento para compor uma unidade significativa (Blomfield, 1933; Zanotto, 2013).

<sup>11</sup> Este termo é uma tradução da expressão de língua inglesa *word-form*. Além da forma original, em inglês, a literatura sobre as Ciências do Léxico apresenta também os termos *forma de palavra* (Polguère, 2018a) e *palavra léxica* (Vilela, 1979).

<sup>12</sup> Informamos que, em cada seção, reiniciaremos a numeração dos exemplos. Informamos também que o símbolo de til é frequentemente usado para separar expressões que estejam em comparação.



significados distintos, em uma mesma entrada de obras lexicográficas. Observemos os exemplos que se seguem:

- (2) a A criança fez uma *careta* engraçada ao chupar o limão.  
 b João é um homem muito *careta*, detesta ir ao cinema.

As sentenças em (2) apresentam a mesma palavra, *careta*, porém, em diferentes contextos e, conseqüentemente, com sentidos igualmente diferenciados. Mesmo que ambas as palavras possuam o mesmo significante, elas não compartilham o mesmo significado, gerando, assim, lexias distintas. Dessa forma, pode-se dizer que tais unidades léxicas pertencem ao mesmo vocábulo. “As lexias de um vocábulo são chamadas de **acepções** desse vocábulo. A **polissemia** é a propriedade de um dado vocábulo de conter mais de uma lexia” (Polguère, 2018a, p. 69, grifos do autor). Se diz, portanto, que o vocábulo é um elemento do vocabulário de um discurso. “O vocábulo é a unidade denominativa observada no discurso e o lexema a unidade denominativa construída na língua, ou seja, um signo com valor denominativo” (Mortureux, 2008, p. 10, tradução nossa)<sup>13</sup>.

De igual forma, o termo lema, “é também a entrada canônica nos dicionários” (Biderman, 1999, p. 89), isto é, os verbetes que compõem a macroestrutura da obra lexicográfica em questão. É, portanto, um termo técnico também empregado pela Lexicografia. “Geralmente, toma-se como lema a forma ‘básica’ ou ‘canônica’ do lexema: o infinitivo dos verbos, o singular masculino dos substantivos e dos adjetivos” (Welker, 2004, p. 91).

## 2.4 AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

Considerando as explanações feitas até aqui acerca do signo linguístico, e tendo em conta que dele é constituído o léxico das línguas naturais, é aceitável dizer que o objeto observacional das Ciências do Léxico é a unidade lexical, isto é, “o elemento significante estável, cujo conjunto forma o léxico” das línguas naturais (Mortureux, 2008, p. 7, tradução nossa)<sup>14</sup> e que a lexia (ou o lexema para alguns

<sup>13</sup> No original: *Le vocable est l'unité dénomminative observée en discours et le lexème l'unité dénomminative construite en langue, c'est-à-dire un signe à valeur dénomminative.*

<sup>14</sup> No original: *l'élément signifiant stable dont l'ensemble forme le lexique.*

pesquisadores) é o objeto teórico. Entretanto, cada uma dessas ciências tem um olhar, e consecutivamente uma metodologia, diferenciado sobre o mesmo fenômeno linguístico.

Segundo Biderman (2001a, p. 16-22), os objetivos básicos da Lexicologia são a análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do Léxico. Os lexicólogos têm se ocupado da problemática da formação de palavras, do estudo da criação lexical e da léxico-estatística. A Lexicologia faz fronteira com a Semântica, a Morfologia, a Dialectologia, a Etnolinguística, a Psicolinguística e a Neurolinguística.

Para precisar que parte do léxico de uma dada língua consiste no objeto de estudo da Lexicologia, é preciso retomar a relação existente entre unidade gráfica e unidade linguística, discutida anteriormente. Aqui, nos interessa apenas o conceito de unidade linguística que, como foi dito, corresponde ao signo linguístico (significante + significado), independentemente do número de unidades gráficas (palavras tipograficamente separadas por espaços em branco) que ele possa apresentar.

Uma divisão metodológica e conceitual pode ser aplicada às unidades linguísticas (Biderman; 1996; Welker, 2004; Mortureux, 2008): de um lado estão as lexias ditas plenas e, do outro, as lexias chamadas de gramaticais<sup>15</sup>. Tal distinção se dá a partir do sentido que cada uma delas emite no discurso. As lexias plenas são aquelas que possuem um referencial no mundo, isto é, aquelas que, mesmo fora do contexto discursivo de uso, evocam uma realidade. A título de exemplificação, podemos citar: *mesa*; *cortar* e *pano de prato*. “A referência lexical (correspondência entre uma lexia e uma coisa) se dá, portanto, nos discursos a partir de um conhecimento fixado no léxico da língua” (Mortureux, 2008, p. 10, tradução nossa)<sup>16</sup>. Isso porque

a referência à realidade extralingüística nos discursos humanos faz-se pelos signos lingüísticos, ou unidades lexicais, que designam os elementos desse universo segundo o recorte feito pela língua e pela cultura correlatas (Biderman, 1996, p. 27).

<sup>15</sup> No texto original, redigido em língua francesa, os termos empregados são *mots pleins* (palavras plenas) e *mots outils* (palavras ferramentas). As traduções trazidas aqui são nossas. Optamos por traduzir *mot* (palavra) por *lexia*, por considerarmos esse um emprego mais científico. Tal escolha em nada altera o sentido do texto original. Para se referirem à noção de lexia ferramenta, Biderman (1996) e Welker (2004) empregam o termo palavra gramatical ou palavra instrumental. Esses, ao que parece, são termos já cunhados em língua portuguesa. Preferimos, por isso, manter, mesmo em traduções de autores estrangeiros, os termos *lexia plena* e *lexia gramatical*, de modo a garantir a uniformidade científica.

<sup>16</sup> No original: *La référence lexicale (correspondance entre un mot et une chose) s'opère donc dans les discours, sur la base d'une connaissance fixée dans le lexique de la langue.*

Em contrapartida, as lexias gramaticais são aquelas que não possuem um referente no mundo, e que, portanto, só fazem sentido a partir da associação com as outras unidades léxicas da frase. É o caso de *que*; *uma* e *pela*, por exemplo.

Se opõe, por vezes, essas duas categorias sob o nome de lexias "plenas" (nomes, verbos, adjetivos, principalmente) em oposição às lexias "gramaticais" (artigos, preposições como *a* ou *de*, conjunções como *que*). O estudo das lexias gramaticais é principalmente uma questão de morfossintaxe, enquanto que o das ditas lexias "plenas" é o **objeto próprio da lexicologia**<sup>17</sup> (Mortureux, 2008, p. 8-9, itálico da autora, negrito e tradução nossa).

As lexias plenas são consideradas como o objeto de estudo da Lexicologia graças ao seu valor denominativo, ou seja, a relação existente entre a significação de tais lexias e a capacidade referencial que elas possuem de designar coisas.

Aprender o vocabulário [de uma dada língua] significa assimilar o valor denominativo das palavras, de tal sorte que em uma situação de comunicação a relação entre significado e designação seja eficaz, ou seja apropriada ([o falante] não se engana) e inconsciente ([o falante] não perde tempo refletindo)<sup>18</sup> (Mortureux, 2008, p. 9, tradução nossa).

Para Biderman (1996, p. 28), isso ocorre porque

as entradas lexicais são, de fato, entradas da memória. Os problemas de registro, armazenamento e recuperação das palavras na codificação e decodificação da mensagem lingüística constituem uma das questões mais intrigantes da memória. Tudo leva a crer que o léxico se estrutura de tal forma que permita a recuperação muito rápida, instantânea mesmo, das palavras [lexias] que o integram.

Em se tratando de língua materna, a ligação entre significado e denominação, o significante, tende a acontecer de forma fluida e efetivamente rápida, sem causar problemas relevantes para o estabelecimento da comunicação. Contudo, em contextos em que a língua de interação seja estrangeira, ruídos de comunicação podem acontecer e o entendimento da mensagem pode ser comprometido, tendo em

<sup>17</sup> No original: *On oppose parfois ces deux catégories sous le nom de mots "pleins" (les noms, les verbes, les adjectifs, principalement) opposés à des mots "outils" (les articles, les prépositions comme à ou de, les conjonctions comme que). L'étude des mots outils relève principalement de la morphosyntaxe, tandis que celle des mots dits "pleins" est l'objet propre de la lexicologie.*

<sup>18</sup> No original: *Apprendre du vocabulaire, c'est assimiler la valeur dénomminative des mots, de telle sorte qu'en situation de communication la relation entre la signification et la désignation soit efficace, c'est-à-dire à la fois approprié (on ne se trompe pas), et inconsciente (on ne perd pas de temps à réfléchir).*

vista que a denominação constitui a particularidade semântica das lexias plenas e que, sendo assim, a associação significado e designação pode tardar a acontecer<sup>19</sup>.

A Lexicografia, por sua vez, é definida por Welker (2004, p. 11) como sendo: i) “a ‘ciência’, ‘técnica’, ‘prática’ ou mesmo ‘arte’ de elaborar dicionários” e ii) “o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, à crítica de dicionários, à pesquisa da história da Lexicografia, à pesquisa do uso de dicionários e ainda à tipologia”. À vista disso, e em oposição à Lexicologia, a Lexicografia expande seu objeto observacional também às lexias gramaticais, tal como afirma Biderman (1996, p. 33):

Quanto a incluir no léxico [em se tratando da Lexicografia] tanto as palavras plenas [as lexias plenas] como as palavras gramaticais [as lexias gramaticais], convém lembrar que essa é uma velha tradição nas línguas ocidentais. Desde o século XVI os dicionários das línguas ocidentais registram essas duas categorias de lexemas [lexias].

Biderman (1984a, 2001a) historiciza o desenvolvimento da Lexicografia enquanto ciência da seguinte forma:

**Quadro 2 - Historicização da Lexicografia**

Período histórico	Recorte temporal	Características	Principais obras
Idade Antiga	4.000 a.C. - 476 d.C.	Não houve produções lexicográficas (no sentido atual desse termo). Os autores eram, na verdade, filólogos ou gramáticos, preocupados com a compreensão de textos literários ou com a correção de erros de estrutura linguística	Os únicos trabalhos de cunho vagamente lexicográfico foram glossários, sobretudo os produzidos pela escola grega de Alexandria e, entre os latinos, o <i>Appendix Probi</i> (século III ou IV).
Idade Média	476 - 1453	Prática pouco científica. O que se tinha eram listas de palavras explicativas para auxiliar na leitura de textos da antiguidade clássica e na interpretação da Bíblia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Etimologias de Santo Isidoro de Sevilha</i> (570-636 d.C.);</li> <li>• <i>Glossário de Reichenau</i> (séc. VIII); <i>Glossário de Cassel</i> (séc. IX);</li> <li>• <i>Glosas Emilianenses e Silenses</i> (séc. X ou XI).</li> </ul>

<sup>19</sup> Discutiremos melhor a relação significado, designação e compreensão na próxima seção.

Idade Moderna	1453 - 1789	Começo da Lexicografia tal como é compreendida atualmente. Inicialmente, durante o século VI, compreendia apenas os dicionários bilíngues. A Lexicografia monolíngue surge e se desenvolve ao longo do século XVII. Concepção do modelo de enciclopédia adotado até os dias atuais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Universal Vocabulario</i> (Palencia, 1490);</li> <li>• <i>Vocabulários Latino Español</i> (Nebrija, 1492) e <i>Español Latino</i> (Nebrija, 1495);</li> <li>• <i>Dicionário da Academia Espanhola</i> (1739);</li> <li>• Dicionários monolíngues de língua francesa: <i>Richelet</i> (1680), <i>Furetière</i> (1690);</li> <li>• <i>Dicionário da Academia Francesa</i> (1694).</li> </ul>
Idade Contemporânea	1789 - dias atuais	Aprimoramento científico da Lexicografia enquanto ciência. Rigor metodológico para o desenvolvimento de obras lexicográficas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nova versão do <i>Dicionário da Academia</i> (1718);</li> <li>• Dicionários monolíngues de língua francesa: <i>Littré</i> (1872);</li> <li>• <i>Larousse</i> (1866-1876);</li> <li>• <i>Le Petit Robert de la langue française</i> (1967).</li> </ul>

Fonte: elaborado pelo autor com base em Biderman (1984a, 2001a).

Ao longo dos séculos, como evidenciado através do Quadro 2, a prática lexicográfica evoluiu de obras com o objetivo de sinalizar erros linguísticos, na idade antiga, para o dicionário tal como o conhecemos hoje, vindo a adquirir um real caráter científico somente nos tempos modernos. Isso se deu, dentre outros fatores, graças ao estabelecimento de um rigor metodológico que fomentasse a elaboração de obras de consulta.

A metodologia lexicográfica se configurou, ao menos, pela: i) adoção de termos técnicos que delimitassem a configuração da macroestrutura e da microestrutura das produções lexicográficas e ii) definição de uma tipologia que orientasse não apenas o lexicógrafo como também o consulente quanto ao gênero da obra de consulta e à sua funcionalidade.

No que tange aos elementos que integram as obras de consulta, e consecutivamente aos termos técnicos que englobam o domínio da Lexicografia, em especial os dicionários, Biderman (2001b, p. 159-160, grifos nossos) esclarece que

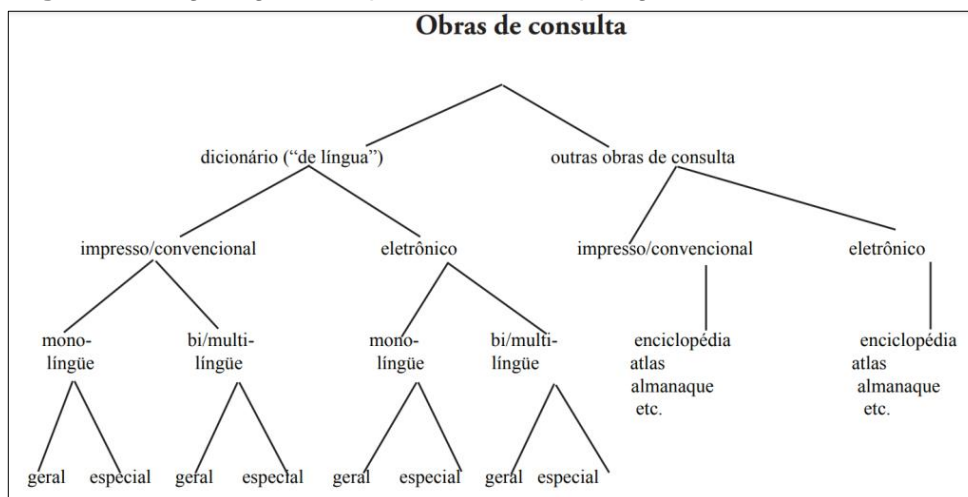
um dicionário é constituído de **entradas** lexicais, ou **lemas**, que ora se reportam a um vocábulo da língua, ora a um referente do universo extra-lingüístico. A lista total desses lemas constitui a **nomenclatura**

do dicionário, a sua macro-estrutura. Quanto ao **verbeta** [lexia a ser definida], essa micro-estrutura tem como eixos básicos a definição da palavra [lexia] em epígrafe e a ilustração contextual desse mesmo **vocabulo**, quer através de **abonações** por contextos realizados na língua escrita ou oral, quer através de **exemplos**. [...] No dicionário de língua o verbete é completado com informações sobre registros sociolinguísticos do uso da palavra e com **remissões** a outras unidades do léxico relacionadas com este lema por meio de **redes semântico-lexicais**.

Aos termos mencionados pela autora inclui-se também: *cabeça de verbete*, que “compreende o lema e as informações anteriores à definição ou às definições [...], a saber, variantes ortográficas, a pronúncia, a categoria gramatical, informações flexionais e/ou sintáticas, a etimologia, marcas de uso” (Welker, 2004, p. 110-111) e *acepção*, que diz respeito aos vários sentidos diferentes que uma lexia pode apresentar, de acordo com o contexto em que ela está inserida (Dubois et al., 2014, p. 15) e que são trazidos na microestrutura da obra de consulta.

Quanto à delimitação tipológica, fator que também configurou o estabelecimento da metodologia da Lexicografia, Welker (2004) a ordena da seguinte forma:

**Figura 3** - Organograma representando a tipologia das obras de consulta.



Fonte: Welker (2004, p. 44)

Como se vê, o organograma apresentado por Welker (2004, p. 44) reparte, num primeiro nível, as obras de consulta em dois grandes gêneros, fazendo uma oposição entre os dicionários de língua e as outras obras de consulta. Ambos os tipos de obras lexicográficas são, em um segundo nível, e tomando como parâmetro o suporte de confecção da obra, se em papel (analógico) ou se virtual (digital), subdivididas em

impresso/convencional ou eletrônico. No terceiro nível do organograma, a divisão é mais precisa: os dicionários de língua, convencionais ou eletrônicos, podem ser monolíngues ou bi/multilíngues, ao passo que as outras obras de consulta são definidas como enciclopédias, atlas, almanaques etc. sendo esse o seu último nível de repartição. Os dicionários de língua, porém, sofrem ainda uma última divisão, qual seja, se dicionários gerais ou especiais.

Embora a organização feita por Welker (2004) seja clara e objetiva, ela não é completa, pois não discrimina a diversidade tipológica dos repertórios lexicográficos. No decorrer de suas explicações, contudo, o autor discorre sobre as características definidoras de cada tipo de produção lexicográfica. De forma resumida e adaptada, os cinco formatos mais pertinentes são: i) dicionário; ii) léxico; iii) vocabulário; iv) glossário; v) tesouro.

O *dicionário* é um “objeto cultural que apresenta o léxico de uma ou mais línguas sob a forma alfabética, fornecendo sobre cada termo certo número de informações” que – continuam os autores – “visam a permitir ao leitor traduzir de uma língua para outra ou preencher as lacunas que não lhe permitiam compreender um texto na sua própria língua”, isto é, o dicionário é uma “obra que registra certa descrição do léxico de uma língua ou de muitas línguas postas em paralelo” (Dubois et al., 2014, p. 176-177). *Dicionário* é também um hiperônimo para se referir a boa parte das obras lexicográficas. Já o termo *léxico*, além da acepção abstrata, que considera que “o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana” (Biderman, 1996, p. 27), é também, no sentido concreto, concebido como um sinônimo de dicionário (Welker, 2004; Câmara Júnior, 2011; Cunha; Aguilera, 2019).

Como discutido na subseção 2.3, o termo *vocabulário* é empregado para fazer referência ao conjunto abstrato das realizações discursivas de uma língua natural, ou seja, o léxico em uso. Porém, outras duas acepções são possíveis: i) “conjunto dos termos característicos de uma atividade ou campo do conhecimento (vocabulário do futebol; vocabulário psicanalítico)” (Aulete, 2021, sublinhados do autor) e ii) “lista exaustiva de ocorrências que figuram no *corpus*” (Dubois et al., 2014, p. 573, grifo dos autores). É, portanto, a produção lexicográfica representativa de um universo de discurso que se situa no nível de uma norma linguística e sociocultural (Welker, 2004). Isto é, “livro que contém o conjunto desses termos, em ordem alfabética e com as respectivas definições (vocabulário de filosofia; vocabulário de informática);

DICIONÁRIO; GLOSSÁRIO” (Aulete, 2021, grifos no autor). Vocabulário no sentido lexicográfico (sentido (ii) é, portanto, a materialização do vocabulário abstrato da língua (sentido (i)).

O *glossário* pode ser considerado como uma variante do vocabulário, sendo, contudo, concernente à realização lexical de um texto em particular. “É um dicionário que dá, sob a forma de simples traduções, o sentido de palavras raras ou mal conhecidas” (Dubois et al., 2014, p. 287). Geralmente, os glossários são apresentados como apêndices de um livro ou de um atlas linguístico e têm a funcionalidade de explicar os termos técnicos, regionais, estrangeiros ou pouco frequentes que são empregados pelo autor da obra. Portanto, os glossários se diferem dos vocabulários por serem construídos a partir de dados lexicais selecionados de uma obra específica.

Por fim, a produção lexicográfica do tipo *tesouro* é compreendida como o maior dicionário de uma língua, o mais completo. Biderman (1984a, p. 7) classifica os tesouros como sendo os dicionários que contêm mais de cem mil verbetes.

No tocante à funcionalidade dos dicionários, Biderman (1984a; 1984b) apresenta quatro modelos básicos<sup>20</sup>, os quais estão expostos no Quadro 3 de forma resumida e adaptada.

**Quadro 3** - Principal funcionalidade dos dicionários

<b>Dicionário</b>	<b>Característica</b>	<b>Exemplo</b>
Padrão da língua	São os tipos mais comuns de dicionários e tendem a exercer um papel normativo dentro da comunidade dos falantes. De acordo com o número de verbetes, podem ser classificados como: i) dicionário infantil e/ou básico com 5.000 verbetes aproximadamente; ii) dicionário escolar e/ou médio contendo entre 10.000 e 30.000 verbetes; iii) dicionário padrão com uma média de 50.000 verbetes; iv) tesouro, que podem incluir 100.000, 200.000, 500.000 verbetes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Dictionnaire Larousse des débutants</i> (2011);</li> <li>• <i>Minidicionário da Língua Portuguesa</i> (2009);</li> <li>• <i>Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</i> (2015);</li> <li>• <i>Dicionário Aurélio da língua portuguesa</i> (2010).</li> </ul>
Ideológico ou analógico	Organiza os conceitos em campos semânticos, ao invés de ordenar as palavras em ordem alfabética como os dicionários comuns.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Diccionario Ideológico de la Lengua Española</i> de Julio Casares (1942)</li> </ul>

<sup>20</sup> Para uma classificação mais detalhada, cf. Welker (2004).

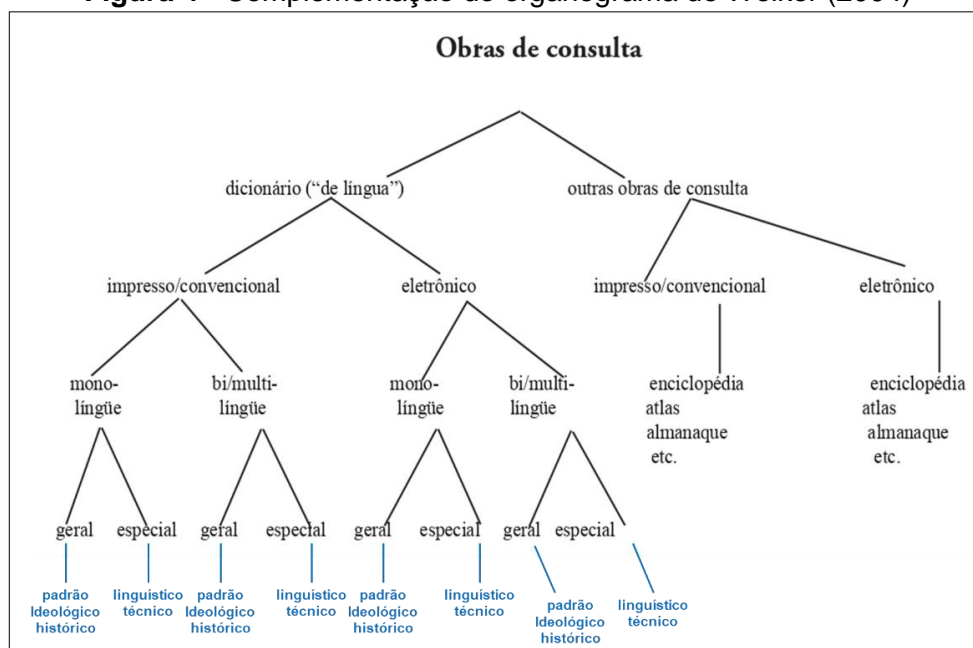


Histórico	Existem vários tipos de dicionários históricos. Podem se basear no vocabulário e na língua de determinada época histórica ou ser elaborados a partir da perspectiva da língua contemporânea, remontando à origem das palavras. São úteis na leitura de obras datadas das épocas históricas a que eles se consagram.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa</i> de J. P. Machado (1953);</li> <li>• <i>Dictionnaire de la langue française du seizième siècle</i> de Edmont Huguet (1946).</li> </ul>
Especial	São aqueles que versam sobre uma parte especial da língua (dicionários de sinônimos, de expressões idiomáticas, de insultos etc.) ou se dedicam a um domínio do conhecimento, que não a linguagem. São também chamados dicionários científicos e/ou técnicos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Dicionário de sinônimos</i> de Antenor Nascentes (2020, 5ª edição);</li> <li>• <i>Dicionário brasileiro de saúde</i> de Genilda Ferreira Murta (2018).</li> </ul>

Fonte: elaborado pelo autor com base em Biderman (1984a, 1984b)

Portanto, a segmentação básica dos dicionários, de acordo com a sua funcionalidade, é: dicionário padrão da língua; dicionário ideológico ou analógico; dicionário histórico e dicionário especial. Diante disso, o organograma criado por Welker (2004), no qual é representada a tipologia lexicográfica (reproduzido por nós na Figura 3), precisaria ser complementado, tal como o fizemos na Figura 4, a seguir.

**Figura 4** - Complementação do organograma de Welker (2004)



Fonte: adaptado pelo autor com base em Welker (2004, p. 44)

Como se vê, foi acrescentado, às obras de consulta do tipo dicionário de língua, um quinto nível organizacional, destacado em azul. Tendo isso em vista, tais

produções lexicográficas são afuniladas seguindo a seguinte sistematização: dicionário de língua > convencional ou eletrônico > mono, bi ou multilíngue > geral ou especial. Se geral > padrão, ideológico ou histórico. Se especial > científico ou técnico. A esta pesquisa interessa, principalmente, os dicionários de língua, eletrônicos, bilíngues, especiais, linguísticos.

Cabré (1998, p. 69), por sua vez, estabelece certos critérios básicos que servem de modelo para o reconhecimento de um dicionário padrão da língua, os quais reproduzimos, de forma traduzida, no Quadro 4.

**Quadro 4** - Critério de reconhecimento de um dicionário padrão da língua

<b>Informação</b>	<b>Critério básico</b>
Fonte da informação	Seleção de documentos de fontes diversas, sobretudo escritas
Critérios de seleção das entradas	Formas mais usuais
Forma do verbete	Lexia
Ordem dos verbetes	Alfabética
Informações que acompanham cada verbete	Categoria gramatical; Definição principal; Acepções semânticas determinadas pelos diferentes usos ou pelo processo de mudança do significado; Exemplos de utilização.
Função principal	Descritiva
Público alvo	Locutor culto médio
Funções que o dicionário visa a preencher	Melhorar as competências do consulente, solucionar hesitações ou preencher lacunas de linguagem

Fonte: elaborado pelo autor com base em Cabré (1998, p. 69)

Por oposição aos dados apresentados no Quadro 4, qualquer dicionário que não esteja condizente com tais critérios é considerado como um dicionário especial ou especializado.

No que toca aos dicionários especiais técnicos, é preciso salientar que a prática lexicográfica desse gênero de obras de consulta em particular deu origem ao que ficou conhecido como a terceira disciplina das Ciências do Léxico: a Terminologia.

A Terminologia, como disciplina cujo objeto é o estudo e a **compilação** de termos especializados, é antiga. No entanto, só nos últimos anos é que ela conheceu um desenvolvimento sistemático, conduzindo a uma reflexão profunda sobre os seus princípios, fundamentos e métodos e, acima de tudo, obtendo o reconhecimento geral de sua importância social e política [...]. Foi somente a partir dos anos 1930 que os

fundamentos da Terminologia, tal como são conhecidos hoje, se estabeleceram, e só muito recentemente é que a disciplina passou do estágio amador para o estágio científico<sup>21</sup> (Cabré, 1998, p. 21, grifo e tradução nossa).

Dado que a Terminologia nasce da necessidade de padronizar o vocabulário científico e técnico de cada ciência ou disciplina, ela se ocupa do estudo e análise de um subconjunto do léxico de uma determinada língua, ou seja, uma área específica de domínio, como a gastronomia, o direito e a medicina, por exemplo, através da i) “elaboração de mapas conceptuais de cada área do conhecimento para subsidiar a identificação dos termos, bem como [ii)] a elaboração de definições desses mesmos termos” (Biderman, 2001b, p. 153) com vistas à construção de dicionários especiais técnicos. Nessa esteira, a Terminologia corteja com a Lexicologia, através do seu objetivo primeiro, mais teórico, isto é, a análise, categorização e estruturação do léxico, e com a Lexicografia, por intermédio de seu segundo objetivo, mais prático, qual seja, o estudo de questões voltadas para a elaboração de dicionários. Por essa razão, às vezes se faz a distinção entre Terminologia e Terminografia (Cabré, 1998). O objeto teórico da Terminologia é o termo.

Entretanto,

para se estabelecerem claras distinções entre os produtos do labor lexicográfico ou terminológico, como glossários, vocabulários e dicionários, enquanto produtos científicos, dever-se-iam demandar decisões epistemológicas e metodológicas calcadas em orientações teóricas específicas, mesmo que se lhes pareçam, à primeira vista, complementares (Machado Filho, 2020, p. 363).

visto que a Terminologia tem muitas similitudes com as demais Ciências do Léxico, em especial com a Lexicografia, já que ambas têm como característica prática o reconhecimento de unidades léxicas com o propósito de construir dicionários. A diferenciação entre as duas ciências se dá por duas situações: i) a delimitação do segmento do léxico que servirá como objeto de análise de cada uma e ii) os recursos metodológicos adotados para a construção dos dicionários.

---

<sup>21</sup> No original: *La terminologie, comme discipline dont l'objet est l'étude et la compilation des termes spécialisés, est ancienne. Cependant, c'est seulement au cours des dernières années qu'elle a connu un développement systématique, menant une réflexion profonde sur ses principes, ses fondements et ses méthodes et, par-dessus tout, obtenant la reconnaissance générale de son importance sociale et politique [...]. C'est seulement à partir des années trente que les fondements de la terminologie, tels qu'on les connaît aujourd'hui, ont été établis, et seulement très récemment que la discipline est passée du stade amateur au stade scientifique.*

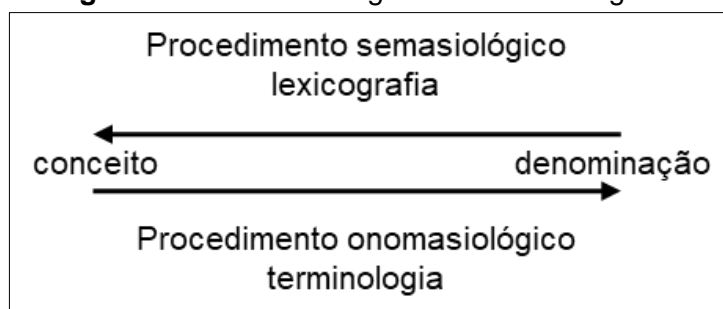
Ao passo que a Lexicografia, como vimos, lida com as lexias plenas e as lexias gramaticais, a Terminologia, tal qual a Lexicologia, lida apenas com as lexias plenas, uma vez que é centrada no universo referencial (Biderman, 2001a, 2001b).

Por essa razão, considera-se que

a primazia da noção sobre o termo distingue o método terminológico daquele da Lexicografia. O objetivo dos que lidam com a Terminologia [...] é a atribuição de denominações: partem, portanto, da noção e procuram os termos (onomasiologia); os lexicógrafos partem da denominação, que constitui o verbete do dicionário, e a definem: eles se movem na direção oposta, do termo à noção (semasiologia)<sup>22</sup> (Cabré, 1998, p. 30-31, tradução nossa).

Cabré (1998, p. 80) sistematiza a distinção metodológica existente entre a Terminologia e a Lexicografia a partir do diagrama que reproduzimos, de forma traduzida, na Figura 5.

**Figura 5 - Prática lexicográfica e terminológica**



Fonte: Cabré (1998, p. 80, tradução nossa)

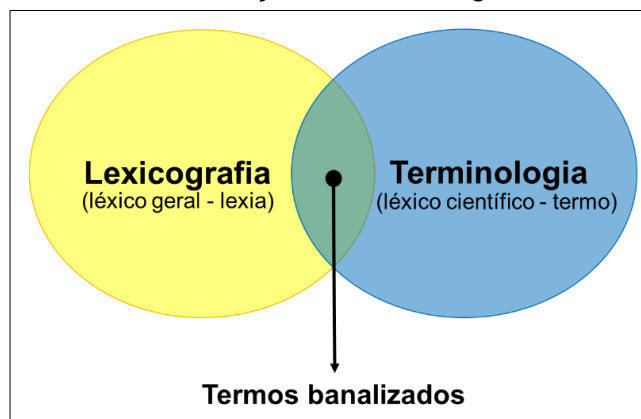
Como se vê, os procedimentos metodológicos da Lexicografia e da Terminologia se opõem. A primeira exerce uma conduta semasiológica, indo da definição para o conceito, enquanto a outra vai do conceito para a denominação, construindo uma prática onomasiológica. Em vista disso, diz-se que a Terminologia é uma ciência com características interdisciplinares que se apoia, sobretudo, nas relações nocionais<sup>23</sup> (Cabré, 1998).

<sup>22</sup> No original: *La primauté de la notion sur le terme distingue la méthode terminologique de celle de la lexicographie. Les terminographes [...] ont pour objectif l'attribution des dénominations : ils partent donc de la notion et recherchent les termes (onomasiologie) ; les lexicographes [...] partent de la dénomination, qui constitue l'entrée de dictionnaire, et la définissent : ils se déplacent dans la direction opposée, du terme vers la notion (semasiologie).*

<sup>23</sup> “Chama-se *nocional* a gramática que parte da hipótese de que a linguagem traduz categorias de pensamento universais, extralinguísticos, independentes dos acidentes, que são as línguas” (Dubois et al., 2014, p. 404, grifo dos autores).

Contudo, Biderman (2001b) salienta que, sendo o conjunto referencial do léxico o objeto de estudo de ambas as ciências, Lexicografia e Terminologia, há um ponto de intersecção entre as duas, tal como representado na Figura 6.

**Figura 6** - Ponto de intersecção entre Lexicografia e Terminologia



Fonte: elaborado pelo autor com base em Biderman (2001b)

A Figura 6 representa o ponto de intersecção entre o objeto de estudo/teórico da Lexicografia e o da Terminologia. Tal como o exposto, é parte integrante da Lexicografia, representada em amarelo, o léxico geral da língua (as lexias), ao passo que o da Terminologia, em azul, é o léxico científico (os termos). O repertório lexical das duas ciências se toca a partir da banalização de termos científicos.

Sendo a Terminologia uma ciência linguística pautada no universo da referenciação de uma área específica, entende-se que “as designações dos referentes criados pelas técnicas e pelas ciências [...] geram as terminologias técnico-científicas” e que “essas terminologias são sistemas classificatórios engendrados segundo modelos científicos” (Biderman, 2001b, p. 158). Com isso, não é preciso destacar que “o uso de um dado termo científico em uma disciplina pressupõe o conhecimento da estruturação desse espaço conceptual [referencial/nocional] e do papel desse termo nesse sistema estruturado de conceitos” (Biderman, 2001b, p. 160-161), posto que a Terminologia “se interessa pela compilação, pela descrição, pelo tratamento e pela apresentação de termos próprios aos domínios especializados, em uma ou várias línguas”, ou seja, “ela é destinada a satisfazer as necessidades sociais ligadas quer à uma comunicação otimizada entre especialistas e profissionais, com ou sem ajuda da

tradução, quer ao processo de normatização de uma língua” (Cabré, 1998, p. 34, tradução nossa)<sup>24</sup>.

A título de exemplificação vejamos as sentenças em (3).

- (3) a O rapaz foi estudar em *Clermont-Ferrand*.  
 b Foi necessário que o médico manuseasse um *clermont-ferrand* na paciente.

Ambas as sentenças em (3) são pertencentes ao universo referencial. A sentença em (3a), no entanto, é concernente ao léxico geral da língua. Nela, a lexia *Clermont-Ferrand* é o nome de uma cidade localizada no centro da França, na região Auvergne-Rhône-Alpes, e, por isso, está grafada com iniciais em maiúsculas, visto que é um nome próprio. A sentença em (3b), por sua vez, é inerente ao léxico científico. O termo *clermont-ferrand* é empregado na medicina em alusão a um modelo de manipulador uterino que “permite a ablação do útero em histerectomias laparoscópicas totais” (Karl Storz, 2021, p. 6).

Embora a unidade lexical aqui em destaque seja de uso comum em (3a), a aplicação da mesma unidade em (3b) faz dela um termo e, por essa razão, requer do utente da língua a estruturação desse conceito científico em seu repertório lexical para que o entendimento seja eficaz. Isso porque

"termo" e "palavra" [lexia] são ora unidades idênticas, ora divergentes. Uma palavra [lexia] é uma unidade descrita por um conjunto de características linguísticas sistemáticas que têm a propriedade de se referir a um elemento da realidade. Um termo é uma unidade cujas características linguísticas são semelhantes às da palavra [lexia], mas que é usada em um campo especializado<sup>25</sup> (Cabré, 1998, p. 75, tradução nossa).

Os exemplos trazidos em (3) evidenciam que “a depender do contexto ou da perspectiva de observação, uma mesma unidade lexical pode ser identificada por

<sup>24</sup> No original: *s'intéresse à la compilation, à la description, au traitement et à la présentation des termes propres aux domaines spécialisés, dans une ou plusieurs langues [...] elle est destinée à satisfaire à des besoins sociaux liés soit à une communication optimale entre spécialistes et professionnels, avec ou sans l'aide de la traduction, soit au processus de normalisation d'une langue.*

<sup>25</sup> No original: *"terme" et "mot" [lexie] sont des unités tantôt identiques, tantôt divergentes. Un mot [lexie] est une unité décrite par un ensemble de caractéristiques linguistiques systématiques ayant la propriété de se référer à un élément de la réalité. Un terme est une unité dont les caractéristiques linguistiques sont semblables à celles du mot [lexie], mais qui est employée dans un domaine spécialisé.*

lexia, termo ou nomia<sup>26</sup>, indistintamente” (Machado Filho, 2020, p. 366). Entretanto, o ponto de intersecção entre a Lexicografia e Terminologia se dá pela banalização de termos científicos e pela sua entrada no léxico geral da língua mantendo a mesma acepção empregada na Terminologia. Tal ocorrência é possível porque

uma parcela considerável do repertório do léxico geral é constituída de termos que se vulgarizam e até se banalizam. No mundo contemporâneo, [...] em que as comunicações se tornaram um fenômeno universal, a mídia divulga e vulgariza rapidamente o conhecimento científico. Além disso, a busca da informação, fenômeno generalizado dentro da sociedade contemporânea, já que a nossa é uma sociedade da informação, faz com que a circulação do conhecimento, criado pelos cientistas e pelos técnicos, chegue rapidamente ao cidadão comum. Assim, o vocabulário especializado que acompanha o saber científico penetra incessantemente no léxico geral (Biderman, 2001b, p. 162).

Esse fenômeno pode ser exemplificado por intermédio do contexto da pandemia da COVID-19, doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, pertencente à família dos coronavírus, que foi identificado na China em janeiro de 2020 e ficou mundialmente conhecido como o *novo coronavírus*. Em 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde qualificou a situação global frente à COVID-19 como pandêmica (Organização Mundial de Saúde, 2020). Desde então, diversos termos técnicos e científicos pertencentes às áreas de conhecimento da medicina, da enfermagem, da estatística etc. têm circulado nas mídias jornalísticas e nas redes sociais, de modo que foram integrados ao léxico do usuário comum da língua, a exemplo de *achatar a curva*, *assintomático*, *EPI* (equipamento de proteção individual), *taxa de transmissão*, *teste RT-PCR*, entre outros<sup>27</sup>.

Retomando o exemplo de *clermont-ferrand*, na sentença em (3b), é preciso reforçar que tal termo não está registrado no ponto de intersecção entre a Lexicografia e a Terminologia, uma vez que, para tanto, seria necessário que ele estivesse

<sup>26</sup> “A noção de *nomia* relaciona-se ao espectro dos traços [+ léxico], [+ norma] e [+ fala], que se evidenciam em face dos caracterizadores dos outros objetos teóricos *termo* e *lexia*” (Machado Filho, 2020, p. 366, grifos do autor). Porém, o conceito de *nomia* não será discutido aqui por não interessar diretamente a este estudo.

<sup>27</sup> Os termos técnicos e científicos que englobam o contexto da pandemia da COVID-19 já estão inseridos no léxico do usuário comum da língua de tal modo que são empregados na construção de jogos de palavras, memes da Internet e outras formas de atualização do discurso. Para um estudo sobre os memes da Internet que tiveram como suporte a temática da pandemia da COVID-19, cf. Sampaio e Ribeiro (2021a). Para os jogos de palavras, em língua francesa, cf. *Dicovid*, dicionário eletrônico *on-line* de palavras inventadas sobre a pandemia da COVID-19, publicado pela coleção *Le Robert*, disponível em: <https://dictionnaire.lerobert.com/dis-moi-robert/raconte-moi-robert/mot-annee/le-dicovid-des-mots-inventes.html> acessado em 08 set. 2021.

repertoriado pelo usuário comum da língua a partir do referente científico, o que, acreditamos, não seja o caso.

De modo a resumir as informações relacionadas às distinções entre Lexicografia e Terminologia, Biderman (2001b, p. 161) distribuiu as características basilares de cada ciência em um quadro contrastivo, o qual reproduzimos a seguir.

**Quadro 5** - Quadro contrastivo entre a Lexicografia e a Terminologia

<b>Lexicografia</b>	<b>Terminologia</b>
Unidades léxicas muito heterogêneas (quanto à forma e à função): palavras de significação e palavras instrumentais [lexias plenas e lexias gramaticais]	Unidades léxicas relativamente homogêneas: substantivos (maioria), adjetivos, verbos e alguns advérbios
Mais abrangente	Circunscrita a um domínio
Não se restringe ao universo referencial	Centrada no universo referencial
Relaciona-se com todas as funções da linguagem: função referencial, função emotiva, função conativa, função fática, função poética, função metalinguística	Relaciona-se com a função referencial

Fonte: Biderman (2001b, p. 161), adaptado pelo autor

Tal como o exposto no Quadro 5, o ponto de similitude entre as duas ciências está na relação com a função referencial. Ao elaborar esse quadro, a autora preocupava-se particularmente em estabelecer um paralelismo entre a Lexicografia e a Terminologia. À vista disso, não foram inclusas as propriedades referentes à Lexicologia. Tomamos, portanto, a liberdade de atualizá-lo, tal como o exibido a seguir, por meio do exposto no Quadro 6.

**Quadro 6** - Quadro contrastivo entre a Lexicografia, Terminologia e Lexicologia

<b>Lexicografia</b>	<b>Terminologia</b>	<b>Lexicologia</b>
Unidades léxicas muito heterogêneas (quanto à forma e a função): palavras de significação e palavras instrumentais [lexias plenas e lexias gramaticais]	Unidades léxicas relativamente homogêneas: substantivos (maioria), adjetivos, verbos e alguns advérbios	Unidades léxicas relativamente homogêneas: palavras de significação [lexias plenas]
Mais abrangente	Circunscrita a um domínio	Mais abrangente
Não se restringe ao universo referencial	Centrada no universo referencial	Centrada no universo referencial



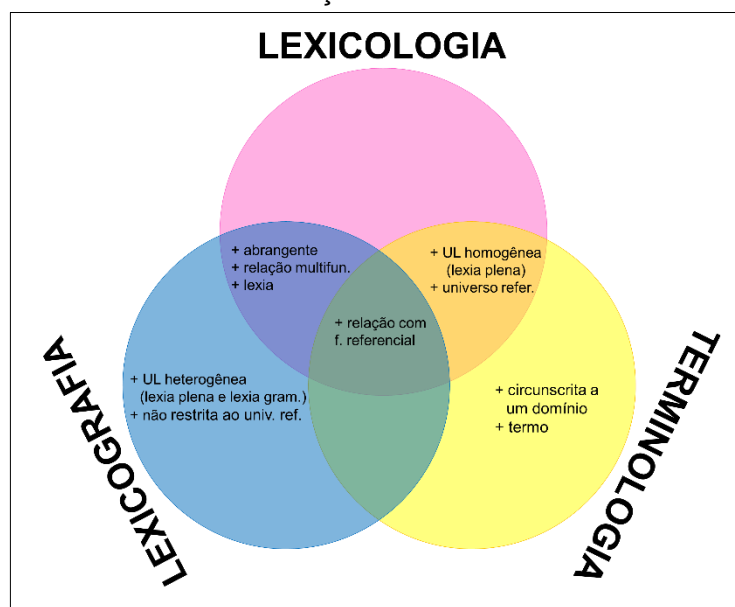
Relaciona-se com todas as funções da linguagem: função referencial, função emotiva, função conativa, função fática, função poética, função metalinguística	Relaciona-se com a função referencial	Relaciona-se com todas as funções da linguagem: função referencial, função emotiva, função conativa, função fática, função poética, função metalinguística
Tem por objeto teórico a lexia	Tem por objeto teórico o termo	Tem por objeto teórico a lexia

Fonte: elaborado pelo autor com base em Biderman (2001b, p. 161)

A partir da leitura do Quadro 6, constata-se que a Lexicologia tem como objeto observacional as lexias plenas, visto que trata das unidades léxicas relativamente homogêneas e é centrada no universo referencial; é mais abrangente pois abarca todas as áreas de conhecimento; se relaciona com todas as funções da linguagem (é multifuncional) e seu objeto teórico é a lexia.

Diante do exposto, e em confronto com as demais ciências, observa-se que a Lexicologia interage com cada uma delas. Para sistematizar o entrelaçamento possível entre as Ciências do Léxico, dispomos suas características no diagrama que se encontra da Figura 7.

**Figura 7** - Pontos de intersecção entre as três Ciências do Léxico



Fonte: elaborado pelo autor com base em Biderman (2001b)

A Figura 7 apresenta os pontos de intersecção entre as três Ciências do Léxico. Como se vê, a Lexicologia tem em comum com a Lexicografia o fato de ser abrangente, exercer uma relação multifuncional e ter como objeto teórico a lexia. Já

com a Terminologia, os pontos que se cruzam são: observar a língua a partir de unidades lexicais homogêneas e ser centrada no universo referencial. A Lexicologia não possui características individuais que não sejam compartilhadas com as demais ciências. A Terminologia não dispõe de traços que sejam divididos exclusivamente com a Lexicografia. Contudo, é a única ciência circunscrita a um domínio específico da língua e a única que tem como objeto teórico o termo. A Lexicografia tem como características próprias o fato de lidar com unidades lexicais heterogêneas (lexias plenas e lexias gramaticais) e não ser restrita ao universo referencial. Por fim, o ponto em que as três ciências comungam é a relação com a função referencial.

As Ciências do Léxico interessam à nossa pesquisa, especialmente a Lexicologia e a Lexicografia, porque “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo” (Biderman, 2001a, p. 13). É através da prática de nomear seres e objetos que o homem constrói, de maneira inconsciente e sobretudo arbitrária, o léxico da língua natural adotada pela sua comunidade de fala.

As palavras [lexias] estão no cerne do conhecimento linguístico, pois falar uma língua consiste, antes de mais nada, em combinar palavras [lexias] no seio de frases tendo em vista comunicar-se. Seria, portanto, legítimo considerar a **Lexicologia**, disciplina que estuda os fenômenos lexicais, como o ramo mestre da Linguística [assim como a **Lexicografia** e a **Terminologia**] (Polguère, 2018a, p. 23, grifos do autor).

## 2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO

Ao longo desta seção, explanamos sobre como se deu a origem dos estudos da linguagem humana enquanto ciência e como as definições de Saussure (2006 [1916]) quanto ao objeto de estudo da Linguística, a língua, contribuíram para garantir o seu estatuto científico. Mostramos que, para Saussure (2006 [1916]), a língua era construída a partir da *Langue*, a língua internalizada, e da *Parole*, a língua exteriorizada, e que, devido a isso, pôde-se evidenciar a existência de múltiplas linguísticas, as quais, por sua vez, observam e analisam a língua a partir de pontos de vista diferentes.

Vimos ainda que as línguas naturais são compostas por signos linguísticos, os quais, segundo o modelo postulado por Saussure (2006 [1916]), são constituídos de duas faces, o significado e o significante, e apresentam características específicas que os classificam como tais, a saber: a associação indissolúvel entre significado e

significante, a arbitrariedade, a imutabilidade, a mutabilidade e o caráter linear do significante.

A partir do ponto de vista do léxico, vimos que três ciências são tradicionalmente responsáveis por desenvolver investigações sobre as diversas formas em que as unidades léxicas de uma língua podem se apresentar. De acordo com Biderman (2001a), a Lexicologia é a disciplina responsável pela análise, categorização e estruturação do léxico; a Lexicografia<sup>28</sup> é responsável pela catalogação do léxico em obras de consulta e a Terminologia é responsável pelo estudo do léxico especializado e também pela sua catalogação em obras de consulta técnica.

Na seção, discorreremos sobre os conceitos de léxico, vocabulário, lexia, lexema, forma lexical, vocábulo, lema e constatamos que no decorrer da história da linguística, a concepção de *palavra* foi melhor delimitada, resultando em definições mais técnicas capazes de melhor definir o objeto de estudo das Ciências do Léxico.

Por fim, é indispensável sinalizar que

uma palavra [lexia] não é uma unidade isolada no conjunto de unidades lexicais de um sistema, mas, ao contrário, é extremamente imbricada com o resto das unidades do mesmo nível que constituem o sistema lexical de uma língua. Cada palavra [lexia] torna-se assim o centro de uma rede de relações com outras palavras [lexia]; e o conjunto do sistema lexical, uma rede ainda mais complexa, constituída por grupos de palavras [lexia] interconectadas e polivalentes<sup>29</sup> (Cabré, 1998, p. 68).

É com base nesse pensamento, e na natureza interdisciplinar das Ciências do Léxico, que a próxima seção se desdobrará, trazendo à luz as implicações do léxico com a cultura, a semântica, a pragmática e a tradução.

---

<sup>28</sup> Embora reconheçamos a importância dos estudos lexicográficos para as Ciências do Léxico, nosso objetivo aqui não foi realizar um estudo exaustivo sobre o tema, mas apenas introduzi-lo. Para uma análise mais aprofundada, recomendamos as seguintes leituras: Haensch (1982) e Porto-Dapena (2002).

<sup>29</sup> No original: *un mot [lexie] n'est pas une unité isolée dans l'ensemble des unités lexicales d'un système, mais au contraire qu'il est extrêmement imbriqué avec le reste des unités du même niveau qui constituent le système lexical d'une langue. Chaque mot [lexie] devient ainsi le centre d'un réseau de relations avec d'autres mots [lexies]; et l'ensemble du système lexical, un réseau encore plus complexe, constitué de groupes de mots interconnectés et polyvalents.*

### 3 O LÉXICO E A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

Retomando o conceito de Linguística como sendo um conjunto de ramificações disciplinares que, cada qual com seus critérios metodológicos e objetos observacionais próprios, estudam as línguas naturais, tal como descrito por Weedwood (2002, p. 11) através da representação imagético-metafórica da Linguística como um átomo (reproduzida por nós na seção anterior), observa-se que a subdivisão da Linguística foi assim proposta ao entender que

o falante de qualquer língua possui diferentes tipos de conhecimento em sua gramática<sup>30</sup>: vocabulário adquirido, como pronunciar as palavras<sup>31</sup>, como construir as palavras, como construir as sentenças, e como entender o significado das palavras e das sentenças (Cançado, 2018, p. 17).

Tais conhecimentos da linguagem compõem o que foi denominado por Saussure (2006 [1916]) de *Langue*, os quais são empregados, durante as mais diversas situações de fala, para garantir a boa funcionalidade comunicativa da língua, ou seja, a língua exteriorizada, ou *Parole*, na terminologia saussuriana. Com base nessa compreensão, assume-se que a comunicação humana é estruturada a partir da associação, feita pelo falante, entre a *Langue*, que são os conhecimentos linguísticos interiorizados, também chamados de Língua-I, e a *Parole*, que corresponde ao uso exteriorizado de tais conhecimentos linguísticos quando dos atos comunicativos, ou seja, a Língua-E<sup>32</sup> (Chomsky, 1994).

Considerando essa premissa, em especial no que tange à *Parole*, pode-se dizer que a língua, para cumprir seu papel social de comunicação, passa, a depender do contexto sociocomunicativo em que esteja sendo empregada, por quatro vias importantes: a cultura, a semântica, a pragmática e a tradução. Nesta seção, discutiremos sobre como cada uma delas se relaciona com as línguas naturais, mais especificamente com as estruturas léxicas, de modo a garantir o estabelecimento do entendimento durante os atos comunicativos. Entretanto, atentando para os objetivos

---

<sup>30</sup> Em Linguística, entende-se por *gramática* “o sistema de regras e/ou princípios que governam o uso dos signos da língua” (Cançado, 2018, p. 17), isto é, a *Langue*, e não deve ser, portanto, confundido com o conceito difundido no senso comum, qual seja, “conjunto de regras que normatizam o falar e o escrever corretamente, segundo a língua-padrão. [...] Obra em que essas regras são expostas de maneira racional e didática. [...] Exemplar dessa obra” (Aulete, 2022).

<sup>31</sup> Palavras aqui no sentido de lexia, tal como discutido na seção anterior.

<sup>32</sup> O conceito de Língua-I e de Língua-E faz parte da fundamentação teórica da Linguística Gerativa (Chomsky, 1980, 1994) e será melhor explicado na seção 6.

principais desta pesquisa, limitamos o alcance dos desdobramentos teóricos que aqui serão tratados. Essa é, portanto, uma discussão necessária para compreender as motivações que levam à construção lexical de uma língua por uma dada comunidade linguística, mas que não será conduzida à exaustão.

### 3.1 LÉXICO E CULTURA

O mito bíblico da Torre de Babel descreve, no livro de Gênesis, que “em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar” (A Bíblia, 2011, p. 14). Porém, os descendentes de Noé, com o intuito de se tornarem célebres, construíram na Babilônia uma torre alta o suficiente para alcançar o céu. Segundo os relatos bíblicos, tal pedantismo desagradou a Deus, que os castigou lhes confundindo a língua, de modo que não mais houvesse entendimento entre eles e, com isso, se dispersassem pela terra (A Bíblia, 2011, p. 14-15). Esse teria sido o momento de surgimento da diversidade linguística, tanto a partir do conceito de língua estrangeira, visto que a linguagem já não era unificada entre os povos, como da noção de variação linguística, uma vez que a maneira de falar também havia mudado.

Posteriormente, ainda segundo as narrativas bíblicas, no livro de Juízes, ao descrever a guerra entre os povos de Gileade e de Efraim, a variação dialetal existente entre as formas fônicas de *chibolete* e *sibolete*<sup>33</sup> foi utilizada pelos gileaditas como forma de identificar os efraimitas fugitivos:

Porém os gileaditas tomaram os vaus do Jordão que conduzem a Efraim; de sorte que, quando qualquer fugitivo de Efraim dizia: Quero passar; então, os homens de Gileade lhe perguntavam: És tu efraimita? Se respondiam: Não; então lhe tornavam: Dize, pois, *chibolete*; quando diziam *sibolete*, não podendo exprimir bem a palavra, então, pegavam dele e o matavam nos vaus do Jordão (A Bíblia, 2011, p. 355, itálico nosso).

Sendo a Bíblia um texto narrativo que retrata questões socioculturais representativas de um estilo de vida que remonta há mais de dois mil anos, as passagens transcritas dos livros de Gênesis e Juízes evidenciam as particularidades da língua como um dos caracterizadores mais antigos da identidade de um povo. Porém, a despeito do papel identitário da língua e da concepção da linguagem como

---

<sup>33</sup> O texto bíblico não esclarece qual o significado das lexias *chibolete* e *sibolete*. Supõe-se, contudo, que sejam transcrições grafemáticas, de modo a explicitar qual a realização fônica esperada.

sendo pertencente a “um conjunto de práticas que desempenha um papel essencial na mediação de aspectos materiais e ideativos da existência humana e, conseqüentemente, na criação de modos únicos de estar no mundo” (Duranti, 2000, p. 23, tradução nossa)<sup>34</sup>, é mais recente, enquanto estudo formal, a prática observacional da língua como fator primordial para a conceptualização de cultura.

Laraia (2008 [1986], p. 13-17), ao problematizar sobre quais os fatores que mobilizam as características culturais distintivas entre grupos humanos, informa que “desde a Antiguidade, foram comuns as tentativas de explicar as diferenças de comportamento entre os homens a partir das variações dos ambientes físicos” e que “são velhas e persistentes as teorias que atribuem capacidades específicas a ‘raças’ ou a outros grupos humanos”, o que ficou conhecido pelos antropólogos como determinismo geográfico e determinismo biológico.

O determinismo geográfico “considera que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural” (Laraia, 2008 [1986], p. 21), isto é, que os fatores geográficos como o clima e a vegetação, por exemplo, influem diretamente no comportamento cultural de um determinado grupo humano. Com base em tal posicionamento, alguns estereótipos foram construídos, tais como: os brasileiros são alegres e de bem com a vida, apesar das dificuldades socioeconômicas do país, ao passo que os franceses são mal-humorados e pessimistas, ainda que disponham de melhores condições socioeconômicas.

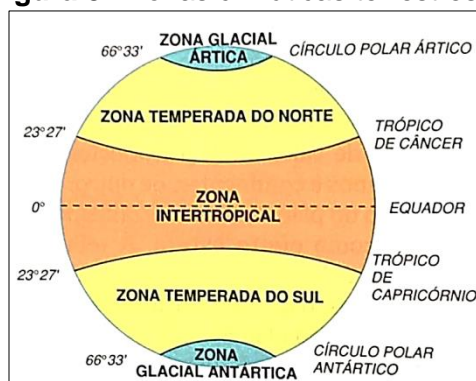
Tais afirmativas são justificadas, segundo as premissas desse determinismo, pela posição geográfica em que se encontram o Brasil e a França e, consecutivamente, pelas características climáticas de cada país. A reprodução do Globo terrestre representada na Figura 8, a seguir, evidencia a justificativa de mudança comportamental entre ambos os países, considerando a dinâmica climática da Terra. Como se vê, o globo terrestre é dividido em cinco zonas climáticas: i) a Zona Glacial Ártica, situada no círculo polar Ártico; ii) a Zona Glacial Antártica, situada no círculo polar Antártico; iii) a Zona Temperada do Norte, que compreende a área localizada entre o círculo polar Ártico e o Trópico de Câncer; iv) a Zona Temperada do Sul, que é referente à área localizada entre o círculo polar Antártico e o Trópico de

---

<sup>34</sup> No original: *Un conjunto de prácticas que desempeña un papel esencial en la mediación de aspectos materiales e ideativos de la existencia humana y, en consecuencia, en la creación de maneras singulares de estar en el mundo.*

Capricórnio e v) a Zona intertropical, que é a área localizada entre o trópico de Câncer e o Trópico de Capricórnio.

**Figura 8 - Zonas climáticas terrestres**



Fonte: Magnoli; Araújo (2005, p. 82)

Ao descrever a imagem da Figura 8, Magnoli e Araújo (2005, p. 82) explicam que nas zonas temperadas “há insolação durante o ano inteiro, mas os raios incidem sempre em direção inclinada. Em consequência, elas recebem insolação menor que a Zona Intertropical, mas maior que as Zonas Glaciais”.

Dessa forma, o posicionamento geográfico do Brasil, por estar majoritariamente situado na Zona Intertropical, garante que tenhamos temperaturas acima de 10°C por quase todo o ano; por outro lado, a França está localizada na Zona Temperada do Norte, obrigando os franceses a enfrentarem duros invernos, quase sempre com temperaturas a abaixo de 0°C (Zúñiga López; Crespo del Arco, 2021). Por essa razão, acredita-se que a distinção climática entre o Brasil e a França influencia na diferença comportamental e, portanto, cultural, quanto aos padrões de humor dos indivíduos (Denhez; Mazoyer, 2012, p. 6). Porém, “é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico” (Laraia, 2008 [1986], p. 21), o que torna o determinismo geográfico, enquanto motivador de cultura, questionável.

Para o determinismo biológico, por outro lado, são os critérios de raça e gênero que predefinem as diferenças culturais entre as pessoas. Em razão disso, alguns estereótipos também foram consolidados ao longo dos anos. As distinções de gênero, por exemplo, são vistas como fatores predeterminantes de traços culturais opostos entre homens e mulheres. Contudo, “é falso que as diferenças de comportamento existentes entre pessoas de sexos [gêneros] diferentes sejam determinadas

biologicamente” (Laraia, 2008 [1986], p. 19). Ao contrário, são as questões sociais que entram em jogo durante os processos de estruturação da cultura que distinguem os homens e as mulheres, visto que

o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada (Laraia, 2008 [1986], p. 19-20).

Partindo dessa ótica, é im procedente considerar os determinismos geográfico e biológico como os únicos elementos mobilizadores de atributos culturais, já que

as diferenças existentes entre os homens [os seres humanos], portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas, dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias, conquistou os mares. Tudo isso porque difere dos outros animais **por ser o único que possui cultura** (Laraia, 2008 [1986], p. 24, grifo nosso).

Isso dito, torna-se evidente que o conceito de cultura não está diretamente vinculado a fatores externos, mas sim a fatores internos ao ser humano, o qual possui a capacidade ilimitada, inata à espécie, de produzir cultura. Sendo assim, entende-se por cultura toda e qualquer manifestação comportamental que é naturalmente concebida por um determinado grupo humano (Laraia, 2008 [1986]; Duranti, 2000; Cabré, 1998). A cultura é o elemento distintivo entre o ser humano e os demais animais, visto que

[o ser humano] foi diferenciado dos demais animais por ter a seu dispor duas notáveis propriedades: **a possibilidade da comunicação oral** e a capacidade de fabricação de instrumentos, capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico. Mas, estas duas propriedades permitem uma afirmação mais ampla: o homem [o ser humano] é o único ser possuidor de cultura (Laraia, 2008 [1986], p. 28, grifos nossos).

Em outras palavras, a endoculturação é um atributo inato ao ser humano graças a outro traço, igualmente inato, que é geneticamente compartilhado pela espécie: a



faculdade da linguagem<sup>35</sup> (Chomsky, 1994). A possibilidade da comunicação oral através de um sistema linguístico complexo tornou o homem um ser socialmente cultural, tendo em vista que a transição do estado animal para o humano, isto é,

as pressões seletivas que atuaram sobre os australopitecos, nas savanas abertas, levaram ao aparecimento de novas linhagens de hominídeos, capazes de fabricar e utilizar ferramentas rudimentares e beneficiar-se do uso do fogo. O grande sucesso dessas linhagens deveu-se, certamente, ao desenvolvimento do sistema nervoso e da inteligência; começavam, assim, a surgir espécies primatas tipicamente humanas, atualmente classificadas no gênero *homo*. [...] Na linhagem hominídea, paralelamente à evolução do encéfalo, ocorreu o **desenvolvimento da linguagem simbólica**. [...] A linguagem simbólica, além de ser uma forma de expressão, está fundamentalmente associada ao próprio processo de pensamento humano. Ela provavelmente foi a **principal inovação evolutiva da linhagem humana** e continua a ser a principal fonte de sua **criatividade** (Amabis; Martho, 2015, p. 224-232, itálico dos autores e negrito nosso).

O processo evolutivo sofrido pelos australopitecos para o gênero *homo* viabilizou à espécie humana a capacidade de gerar e compreender símbolos. Considerando que a língua é constituída, segundo os postulados saussurianos, por signos linguísticos, ou seja, por símbolos, quer sejam fônicos, quer sejam gráficos, entende-se que a língua é não apenas o veículo de produção da cultura, mas também um produto cultural em si:

Toda cultura (civilização) depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano. A **palavra articulada é a mais importante forma de expressão simbólica**. [...] Sem a palavra articulada não haveria organização social humana. [...] Não poderia haver organização política, econômica, eclesiástica ou militar; nenhum código de etiqueta e ética; nenhuma espécie de lei, ciência, teologia ou literatura. Ainda mais, sem a linguagem não faríamos uso de instrumentos, senão de maneira ocasional e insignificante, como entre os símios superiores, pois é ela que transforma o uso não-progressivo de instrumentos do macaco no uso progressivo e cumulativo do homem, o ser humano. Em resumo, **sem qualquer forma de comunicação simbólica, não haveria cultura** (White, Leslie, 1965, p. 188-189, grifos nossos).

---

<sup>35</sup> Na seção 6, discorreremos de maneira mais aprofundada sobre a faculdade da linguagem e a aquisição formal de línguas.

Nessa esteira, considerando que o homem é um ser socialmente cultural e que a cultura é construída a partir da simbolização, que é uma competência geneticamente adquirida através do processo evolutivo da espécie, é lógico pensar que “para perceber o significado de um símbolo é necessário conhecer a cultura que o criou” (Laraia, 2008 [1986], p. 56). Por essa ótica, e considerando ainda que a língua é também um “conjunto de estratégias simbólicas que formam parte do tecido social e da representação individual de mundos possíveis ou reais” (Duranti, 2000, p. 22, tradução nossa)<sup>36</sup>, interpreta-se que, de igual forma, para compreender o significado de determinadas composições linguísticas é imprescindível conhecer a cultura na qual elas foram concebidas.

A correlação entre língua e cultura, quer dizer, a linguagem como um recurso de produção da cultura e a fala como uma prática cultural, é o objeto de estudo da Antropologia Linguística. Segundo Duranti (2000, p. 21), os antropólogos linguísticos veem os falantes de uma dada língua como atores sociais. Em outras palavras, como membros de comunidades únicas e complexas que se articulam através de uma rede de expectativas, crenças e valores morais que não são necessariamente sobrepostos, mas sim entrelaçados.

Ora, se i) o conceito de cultura baseia-se na diferenciação entre hábitos e comportamentos de grupos humanos; ii) a cultura advém da categorização simbólica da vida e iii) a língua é uma forma simbólica de expressão cultural, admite-se então que

a antropologia linguística, como campo de estudo, parte do princípio teórico de que as palavras importam e da constatação empírica de que os signos linguísticos como representações do mundo e conexões com o mundo **nunca são neutros**; eles são constantemente usados para a construção de afinidades e diferenças culturais<sup>37</sup> (Duranti, 2000, p. 24, tradução e grifos nossos).

No entanto, Duranti (2000) salienta que as distinções linguísticas culturais não estão presentes apenas no que diz respeito ao código simbólico que as representa, visto que tais diferenças não se devem somente à substituição de sons, a exemplo da

<sup>36</sup> No original: *conjunto de estrategias simbólicas que forman parten (sic) del tejido social y de la representación individual de mundos posibles o reales.*

<sup>37</sup> No original: *la antropología lingüística, en tanto campo de estudio, parte del principio teórico de que las palabras importan, y del hallazgo empírico de que los signos lingüísticos como representaciones del mundo y conexiones con el mundo nunca son neutrales; se utilizan constantemente para la construcción de afinidades culturales y de diferencias culturales.*

oposição entre /dzje/ e /die/, do falar baiano e de parte do falar nordestino<sup>38</sup>, respectivamente, ou à substituição de palavras, como a oposição *cambalhota* vs. *bunda-canastra*<sup>39</sup>. Ao contrário, tais diferenças linguísticas culturais “também se manifestam graças a atos concretos de fala, à mistura de palavras com ações e à substituição de palavras por ações<sup>40</sup>”, visto que “numa interação boa parte da gestão da comunicação com o outro é feita por meio da fala, além de outros recursos semióticos (i.e., gestos e posturas, artefatos e documentos de diversos tipos)<sup>41</sup>” (Duranti, 2000, p. 24-32, tradução nossa).

Tais recursos semióticos pertencem ao conhecimento de mundo do falante, quer dizer, à percepção da realidade na qual o utente da língua está inserido e sem os quais a comunicação não pode ser estabelecida, ainda que não estejam diretamente ligados às estruturas fônica, léxica ou morfossintática da língua e, portanto, não façam parte de sua competência linguística. Por essa razão,

é preciso distinguir entre o conhecimento que o locutor tem da língua e o conhecimento que ele tem do mundo. Os conhecimentos que o falante possui sobre a língua constituem sua competência linguística e os conhecimentos que ele tem da realidade, sua competência extralinguística<sup>42</sup> (Cabré, 1998, p. 64, tradução nossa).

Ademais, para além dos conhecimentos sobre a língua e sobre a realidade, é necessário, de modo a garantir o estabelecimento da comunicação, que o locutor esteja inteirado das regras sociais de uso da língua, “cujo conjunto constitui a sua competência pragmática<sup>43</sup>” (Cabré, 1998, p. 64, tradução nossa). A este respeito, a Antropologia Linguística classifica as interações sociais que regem a competência pragmática em três noções principais, as quais estão, em alguma medida,

---

<sup>38</sup> Segundo a divisão dialetal brasileira proposta por Nascentes (1953).

<sup>39</sup> Lexias empregadas para designar a brincadeira infantil em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado. A investigação quanto às possíveis denominações para essa brincadeira são objeto de análise do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Trata-se da questão 155 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) que compõem o *corpus* do Projeto ALiB (Comitê..., 2001, p. 34).

<sup>40</sup> No original: *también se manifiestan gracias a concretos actos de habla, a la mezcla de palabras con acciones y a la sustitución de las palabras por la acción.*

<sup>41</sup> No original: *en una interacción una buena parte de la gestión de la comunicación con el otro se realiza a través del habla, además de otros recursos semióticos (i.e. gestos y posturas, artefactos e documentos de distinta índole).*

<sup>42</sup> No original: *Il convient de distinguer entre les connaissances qu'a le locuteur de la langue et les connaissances qu'il a du monde. Les connaissances qu'a le locuteur de la langue constituent sa compétence linguistique et les connaissances qu'il a de la réalité, sa compétence extralinguistique.*

<sup>43</sup> No original: *dont l'ensemble constitue sa compétence pragmatique.*

relacionadas entre si. Quais sejam: i) a *performance*; ii) a dêixis e iii) a participação<sup>44</sup> (Duranti, 2000, p. 36, tradução nossa). No Quadro 7, a seguir, exibimos cada uma delas de forma resumida.

**Quadro 7** - Noções analíticas quanto à competência pragmática

Noção	Definição
Performance	O termo teve origem com Chomsky (1994) a partir da dicotomia saussuriana <i>langue</i> e <i>parole</i> . A <i>performance</i> é o uso real da língua ( <i>parole</i> ), em oposição à competência ( <i>langue</i> ). A <i>performance</i> se baseia na competência, mas é regida também por outros princípios, tais como a atenção, a percepção e a memória. É, portanto, a aplicação do conhecimento linguístico acessado pela competência durante os atos de fala. A noção de <i>performance</i> implica uma noção de criatividade.
Dêixis	Está pautada na oposição signos arbitrários (ou símbolos) vs. signos naturais (ou índices). Os símbolos são estabelecidos por convenções sociais. Já os índices por relações existenciais com o seu referente. A dêixis decorre dos índices de contextualização, os quais se estendem a construções linguísticas como pronomes, expressões temporais e expressões espaciais, por exemplo. A dêixis é a propriedade dessas construções que são empregadas para situar o referente, o tempo e o espaço dos atos comunicativos. Existe uma série de lexias que são deitivamente marcadas, e que, portanto, auxiliam os interlocutores a identificarem o mundo social e cultural descritos, avaliados e reproduzidos através da língua.
Participação	A participação significa pertencer, de forma efetiva, a uma comunidade de falantes que compartilham entre si uma série de atividades e usos da língua, o que ressalta a qualidade inerentemente social, coletiva e distributiva de qualquer ato de fala. Assim, participar implica comungar linguisticamente com os demais atores sociais dos recursos materiais e ideativos (ainda que não necessariamente com o mesmo nível de controle ou de conhecimento) que são fundamentais para assegurar aos interlocutores o uso da língua em interações comunicativas que são culturalmente organizadas e interpretadas.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Duranti (2000, p. 36-46, tradução nossa)

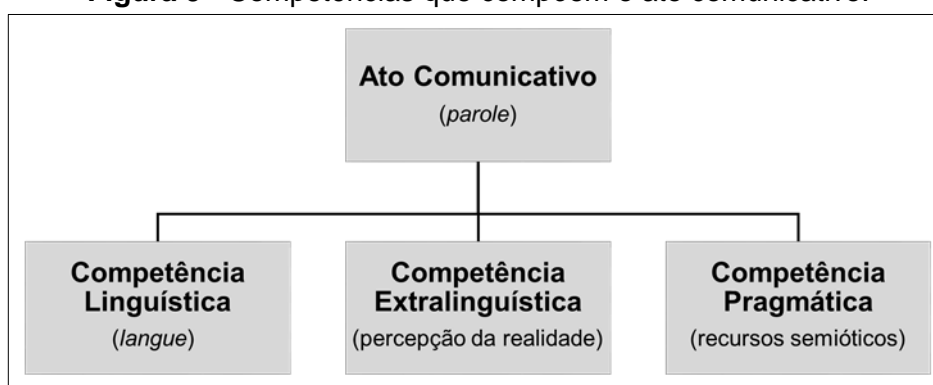
O Quadro 7 resume as três noções analíticas que entram em jogo, por parte dos interlocutores, quando das interações comunicativas, no que tange à competência pragmática, ou seja, às determinações comportamentais que são socialmente convencionadas e que direcionam a comunicação. A *performance*, a dêixis e a participação certificam que a mensagem emitida pelo locutor seja corretamente

<sup>44</sup> No original: i) *la actuación*; ii) *la deixis*, y iii) *la participación*.

decodificada pelo receptor, no que corresponde às regras do código social preestabelecidas por uma dada comunidade linguística.

Assim sendo, fica patente que a competência linguística, ao contrário do que se possa presumir, não corresponde à totalidade das implicações que são necessárias para o estabelecimento da comunicação. A Figura 9 sistematiza como as interações comunicativas são engendradas.

**Figura 9** - Competências que compõem o ato comunicativo.



Fonte: elaborado pelo autor.

Tal como o exposto no organograma da Figura 9, o ato comunicativo é constituído por três partes: i) a competência linguística, que corresponde ao sistema linguístico em si, ou seja, a Língua-I (língua interiorizada, *Langue*), adquirida pelo falante através do *input* recebido do ambiente linguístico ao qual foi inserido; ii) a competência extralinguística, que diz respeito à realidade na qual os agentes da comunicação estão imersos e que independe da língua e iii) a competência pragmática, que são as regras de interação social que regem a comunicação.

Portanto, comunicar não implica apenas dispor dos artefatos linguísticos disponíveis no sistema (*Langue*), mas também de competências outras que são imprescindíveis para assegurar a boa organização e interpretação dos atos de fala, a saber: a competência extralinguística e a competência pragmática. Em realidade, a competência linguística corresponde a somente um terço do conhecimento que é necessário para que a comunicação seja bem-sucedida, contra dois terços de conhecimentos culturais. O próprio Saussure (2006 [1916], p. 16) já havia identificado, ao tentar definir o objeto de estudo da Linguística, o carácter cultural da língua, ao afirmar que “a língua tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”.

Estando a competência extralinguística relacionada à percepção da realidade, para que haja comunicação os falantes precisam ser capazes de reconhecer a diversidade referencial que está ao seu entorno. No Brasil, por exemplo, devido ao clima tropical, propício para o cultivo de determinadas frutas, há uma variedade maior de espécies de banana. Desse modo, o léxico do português brasileiro é muito mais rico ao denominá-las: *banana da terra*, *banana-nanica*, *banana d'água*, *banana-prata*, *banana-maçã*, entre outras, ao passo que na França, país que não dispõe de grandes produções locais dessa fruta, apenas dois tipos são popularmente conhecidos em língua francesa, o hiperônimo *banane*, que corresponde às variedades que no Brasil conhecemos como *banana-prata* e *banana d'água*, e *banane plaintin* ou *banane à cuire*, que equivale à variedade *banana da terra*.

A competência pragmática, por sua vez, exige que o falante saiba identificar e empregar nos atos comunicativos recursos semióticos e comportamentais que são socialmente convencionados. Nesse sentido, é essencial compreender o significado do uso de um determinado gesto, por exemplo, dentro da comunidade linguística em que a comunicação está ocorrendo, ainda que fora dela o mesmo gesto tenha outra significação: o movimento gestual feito com uma das mãos, em que os dedos se juntam e se afastam repetidamente, por exemplo, equivale no Brasil à ideia de *muito*, *em grande quantidade*, enquanto que na França representa *ter medo*.

De igual forma, a boa seleção lexical em uma ou outra situação de fala é necessária para que os ruídos de comunicação sejam evitados: em língua francesa, o pronome pessoal do caso reto *tu* (segunda pessoa do singular) é substituído pelo pronome pessoal do caso reto *vous* (segunda pessoa do plural), mantendo-se o sentido de singular, mas preservando ao verbo a desinência de plural, em contextos comunicativos em que o receptor seja mais velho, desconhecido ou hierarquicamente superior ao locutor. É um símbolo de respeito e educação.

Porém, tanto a competência extralinguística quanto a competência pragmática dependem dos recursos linguísticos estocados na mente do falante, isto é, da competência linguística, para que sejam concretamente empregadas durante o ato comunicativo; ao mesmo tempo, sem as competências extralinguística e pragmática, a competência linguística não é capaz, sozinha, de gerar comunicação. Esse é o caso, por exemplo, dos ditos falantes ingênuos (Fillmore, 1979) de uma língua estrangeira. São aqueles que conhecem o funcionamento gramatical da língua, enquanto código linguístico, mas que ignoram a maneira como a realidade é percebida pelos falantes

nativos e às regras sociais que controlam a comunicação, gerando assim dificuldades de compreensão durante o ato comunicativo.

Em outras palavras, a comunicação é estabelecida através de um processo dinâmico de aplicação, por parte dos interlocutores, das três competências, linguística, extralinguística e pragmática, tal como sinalizou Saussure (2006 [1916], p. 17):

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a [faculdade da] linguagem [isto é, a competência linguística]; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem [da competência linguística] e um conjunto de convenções necessárias [as competências extralinguística e pragmática], adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Partindo desse ponto, as competências linguística, extralinguística e pragmática estão intrinsecamente relacionadas, pois cada uma delas exerce um papel crucial para a manutenção da comunicação, visto que “as diferentes maneiras pelas quais uma língua organiza a realidade determinam as maneiras pelas quais a mente estrutura seu conhecimento<sup>45</sup>”, já que “o sistema linguístico condiciona o pensamento no conhecimento e na classificação da realidade. As culturas de diferentes populações seriam determinadas pelos padrões gramaticais que elas falam<sup>46</sup>” (Carlo, 1995, p. 75, tradução nossa). Em língua francesa, por exemplo, há uma predileção pelo emprego de estruturas sintáticas negativas, ao contrário do que ocorre em língua portuguesa. A título de exemplificação, podemos citar algumas construções lexicais, tais como as expostas nas sentenças em (1):

- (1) a *Aujourd'hui je ne peux pas sortir, j'ai **pas mal** de chose à réviser.*  
(Hoje eu não posso sair, tenho muita coisa para revisar.)
- b *Regarde mon nouvel ordinateur. Je l'ai eu pour **pas cher**.*  
(Olha meu novo computador. Ele foi barato.)

As sentenças em (1) exemplificam a preferência que se dá, em língua francesa, em determinadas situações, a construções negativas. No exemplo em (1a), a construção *pas mal* já está lexicalizada na língua (Lucet, 2021) e, embora seja

<sup>45</sup> No original: *Les différentes façons dans lesquelles une langue organise la réalité détermine les façons dont l'esprit structure son savoir.*

<sup>46</sup> No original: *Le système linguistique conditionne la pensée dans la connaissance et la classification de la réalité. Les cultures des différentes populations seraient déterminées par les modèles grammaticaux qu'elles parlent.*

traduzida literalmente como *não mal*, equivale em português ao advérbio  *muito*. O mesmo acontece com a sentença em (1b): a construção *pas cher*, traduzida literalmente como  *não caro*, também já está lexicalizada em língua francesa com o sentido de  *barato* (Lucet, 2021). A inclinação dos falantes do francês por empregar sentenças negativas com sentido afirmativo seria, talvez, um dos motivadores do estereótipo do francês como alguém pessimista ou, ao contrário, tal propensão seria motivada por questões culturais já existentes, tendo em vista que

a linguagem reflete, ao invés de criar, regularidades socioculturais, as diferentes línguas do globo, apesar de sua quantidade e diversidade, compartilham um grande número de estruturas universais, línguas e comportamentos sociais devem ser considerados como parceiros, em pé de igualdade, **em um processo de interação e influência mútua**<sup>47</sup> (Carlo, 1995, p. 75, tradução nossa, grifos nossos).

Esse também é o posicionamento de Bally (1944, p. 15, tradução nossa), ao ponderar que

se o pensamento age sobre a língua, a língua também molda o pensamento à sua medida. Procuramos incessantemente adaptar a fala às nossas necessidades; mas ela mesma nos obriga a inclinar nossos espíritos às formas de expressão que o uso impõe inevitavelmente<sup>48</sup>.

Portanto, com base nas exemplificações aqui expostas, é coerente dizer que um dos pontos de intersecção entre as três competências da comunicação é o léxico. Visto que

o léxico, enquanto importante nível de constituição da língua, representa um impacto fenomenal na construção de sua história e evocá-lo como rotor fundamental para registro da cultura faz com que se o revele como unidade da linguagem que mais proximamente se relaciona com o mundo externo (Machado Filho, 2020, p. 367).

Em vista disso,

---

<sup>47</sup> No original: *la langue reflète, plutôt qu'elle ne crée, des régularités socioculturelles, les différentes langues du globe, en dépit de leur quantité et de leur diversité, partagent un grand nombre de structures universelles, les langues et les comportements sociaux doivent être considérés comme des partenaires, sur un pied d'égalité, dans un processus d'interaction et d'influence mutuelle.*

<sup>48</sup> No original: *Si la pensée agit sur la langue, la langue façonne, elle aussi, la pensée à sa mesure. Nous cherchons sans cesse à adapter la parole à nos besoins; mais elle-même nous contraint à plier notre esprit à des formes d'expression que l'usage impose inéluctablement.*



o léxico representa sem dúvida um lugar privilegiado de **cultura** na língua, no meio ambiente, nas práticas sociais, nas técnicas, nas instituições, nas crenças de uma população ou de uma nação que se expressam por palavras. A presença ou ausência e a pobreza de certos tipos de palavras refletem os costumes e a visão de mundo de um povo<sup>49</sup> (Carlo, 1995, p. 76, tradução e grifo nossos).

Através do léxico, que está incessantemente em um processo de adaptação à competência extralinguística e é convencionalizado pela competência pragmática, a competência linguística pode ser exteriorizada, estabelecendo, assim, o ato comunicativo, o que revela a criatividade linguística de infinita produtividade, visto que “a palavra [o signo linguístico] comunica, cria, nomeia, refere, designa, delimita, descreve, sugere, denuncia” e que “não por acaso, é [essa] a marca da nossa condição de seres humanos, de nossa subjetividade e também a condição para o pensar” (Krieger, 2010, p. 167). Isso porque,

para que uma língua natural exista de fato, é essencial que as pessoas compartilhem um **léxico**, e tudo o que nele está inserido (fonemas, morfemas, palavras, expressões, significados e convenções de uso). É somente a partir de tais elementos compartilhados socialmente que a linguagem toma existência na mente de um indivíduo (Kenedy, 2016, p. 26, grifo nosso).

Portanto,

o **léxico** retrata-se como um componente que, ao cumprir o papel maior de denominação e designação do mundo humano, torna-se expressão de identidade pessoal e **coletiva**, manifestada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico (Krieger, 2010, p. 169-170, grifos nossos).

É através do léxico que uma determinada língua natural se perpetua na humanidade, visto que a palavra, isto é, o signo linguístico e, portanto, o léxico, “apesar de imprecisa conceitualmente, ocupa uma posição central no campo linguístico” (Krieger, 2010, p. 167). Dito de outra forma, se o léxico é um item crucial para a aquisição de línguas, acredita-se que

Todo funcionamento da língua, nos seus vários níveis, parece constar de sistemas que giram à volta da palavra. [...] De resto, parece estar

---

<sup>49</sup> No original: *Le lexique représente sans aucun doute un lieu privilégié de culture dans la langue, l'environnement, les pratiques sociales, les techniques, les institutions, les croyances d'une population ou d'une nation sont exprimés par des mots. La présence ou l'absence et la pauvreté de certains types de vocables reflètent les mœurs et la vision du monde d'un peuple.*

aceite, a nível intuitivo, que saber uma língua significa conhecer as palavras (Lepschy, 1984).

No que tange à vida em comunidade e ao compartilhamento cultural, e com isso a língua enquanto instrumento de comunicação, é preciso salientar que

todos os homens [seres humanos] são dotados do mesmo equipamento anatômico, mas a utilização do mesmo, ao invés de ser determinada geneticamente (todas as formigas de uma dada espécie usam os seus membros uniformemente), depende de um aprendizado e este consiste na **cópia de padrões** que fazem parte da herança cultural do grupo (Laraia, 2008, p. 70-71, grifos nossos).

Partindo desse ponto, a afirmação feita por Krieger (2010, p. 163), ao declarar que "na realidade, não há sistema linguístico sem léxico, e, conseqüentemente, não há possibilidade de vida em sociedade e tampouco de desenvolvimento humano" é correta e coerente, uma vez que o léxico das línguas naturais é constituído por signos linguísticos e que é através desses mesmos signos linguísticos, atrelados à percepção da realidade e a recursos semióticos, que a língua, enquanto sistema, se concretiza e a comunicação é estabelecida. Ademais, é através da exposição ao léxico de uma dada língua que o ser humano pode pôr em prática a sua capacidade inata de adquirir linguagem e, com isso, interagir socialmente com outros da mesma espécie que compartilhem entre si o mesmo léxico, formando assim uma corrente cultural.

Portanto, "é esse vínculo indissolúvel entre léxico e cultura que torna problemático e ao mesmo tempo fascinante o acesso a esse universo de significação constituído pelas palavras<sup>50</sup>" (Carlo, 1995, p. 77), uma vez que, para que a comunicação humana seja eficaz, "é [...] necessário que os interlocutores compartilhem [entre si], pelo menos em parte, o léxico mental, a percepção da situação e o conhecimento não-linguístico<sup>51</sup>" (Schwarze, 2001, p. 1, tradução nossa) que estejam em jogo durante o ato comunicativo, quer seja por parte do locutor, ao fazer uma escolha lexical precisa, de acordo com a ideia que deseja exprimir; quer seja por parte do receptor, ao decodificar de forma adequada aquilo que foi dito.

Considerando o exposto, é correto dizer que, durante os processos de comunicação, o significado de cada signo linguístico está previamente acordado entre

<sup>50</sup> No original: *c'est ce lien indissoluble entre lexique et culture qui rend problématique et en même temps fascinant l'accès à cet univers de signification constitué par les mots.*

<sup>51</sup> No original: *il faut évidemment que les locuteurs partagent, du moins en partie, le lexique mental, la perception de la situation et les connaissances non-linguistiques.*

os interlocutores e que o significado das sentenças proferidas no decurso da conversação é dependente do significado dos signos linguísticos nelas contidas (Cançado, 2018).

Contudo, a esse respeito, alguns fatores precisam ser considerados: i) os signos linguísticos podem ser interpretados não apenas a partir de um significado dicionarístico, mas também com base em um significado enciclopédico; ii) a compreensão das sentenças não se dá exclusivamente através da somatória dos significados isolados de cada signo linguístico que as compõem.

No que tange ao estabelecimento prévio do significado dos signos linguísticos, Eco (2013 [1988], p. 71) apresenta dois tipos possíveis de decodificação por parte do receptor, os quais ele denomina de significado convencional e significado situacional, ou ainda, significado dicionarístico e significado enciclopédico<sup>52</sup>. O significado dicionarístico é aquele que está convencionalizado na língua, enquanto sistema e, por essa razão, é compartilhado por seus utentes, estando a cargo da competência linguística. O significado enciclopédico, por sua vez, é aquele cuja atualização depende da situação em que o signo linguístico esteja sendo empregado e que, a partir de diversos critérios contextuais, é passível de modificação, estando tal atualização a cargo das competências extralinguística e pragmática. As sentenças em (2) exemplificam a questão.

- (2) a João não vai deixar barato o que José fez com ele.
- b Não acredito que Maria irá escapar dessa vez. Câncer de pulmão não perdoa.

O significado do signo linguístico *barato*, ao ser empregado no exemplo em (2a), foge ao que é convencionalmente esperado por seu significado dicionarístico, qual seja, aquilo “que se vende ou se oferece por preço baixo, ou comparativamente baixo” (Aulete, 2022). Aqui, ao contrário, é o significado enciclopédico que se faz necessário para que a sentença em (2a) seja corretamente atualizada, visto que *não deixar barato* pode ser compreendido como *se vingar*. Nesse caso, para que haja comunicação, é indispensável que o receptor seja capaz de decodificar, através do

---

<sup>52</sup> Por questões metodológicas, adotaremos neste trabalho os termos *significado dicionarístico* e *significado enciclopédico*, visto que o termo *convencional/convencionalidade* tem, para a Fraseologia, uma acepção própria, como explicaremos de forma detalhada na próxima seção.

contexto em que a sentença em (2a) esteja sendo proferida, as diferentes possibilidades de interpretação.

O mesmo acontece na sentença em (2b). Nesse caso, são os signos linguísticos *escapar* e *perdoar* que estão sujeitos a múltiplas interpretações. O primeiro possui o significado dicionarístico de “fugir de local de confinamento; livrar-se de perseguição; [...] salvar-se (de perigo, acidente etc.)” (Aulete, 2022). Contudo, o significado enciclopédico sugere que tal signo deva ser decodificado como *recuperar a saúde, se curar*. O segundo, *perdoar*, em seu significado dicionarístico, é compreendido como “abrir mão do pagamento de (dívida); deixar de punir (dívida, ofensa etc.); [...] tratar com piedade, com clemência; não fazer mal” (Aulete, 2022). Porém, em se tratando de uma doença, o câncer de pulmão não pode executar tais ações. A personificação de câncer de pulmão, em (2b), nos leva, através do contexto da sentença, a entender o significado enciclopédico de que o câncer de pulmão é uma doença difícil de ser tratada, com poucas chances de sucesso.

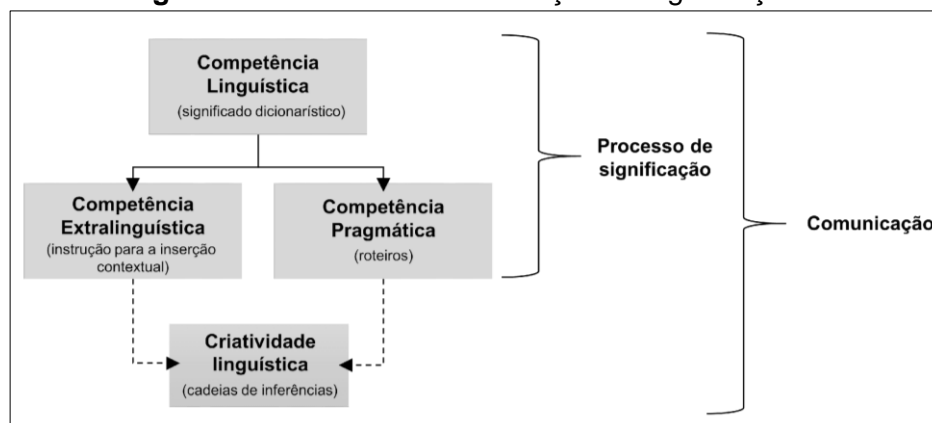
Eco (2013, [1988], p. 77) explica que

o significado contextual vai muito além dos significados lexicais, mas isso é possível somente se a enciclopédia [competência enciclopédica] fornece [fornecesse] (a) significados lexicais em forma de instrução para a inserção contextual [competência extralinguística] e (b) roteiros [competência pragmática]. O destinatário poderá elaborar, sobre essa base, cadeias de inferências capazes de fazer “crescer” o significado contextual para além de toda previsão enciclopédica. Mas para que esses investimentos de significado sejam possíveis, é preciso existir uma estrutura de L [língua] tal que esses significados contextuais sejam atualizáveis<sup>53</sup> (Eco, 2013 [1988], p. 77, tradução nossa e grifos do autor).

A Figura 10, a seguir, resume o processo de construção da significação apresentado por Eco (2013 [1988]).

---

<sup>53</sup> No original: *Le signifié contextuel va bien au-delà des signifiés lexicaux, mais cela n'est possible que si l'encyclopédie fournit (a) des signifiés lexicaux sous forme d'instruction pour l'insertion contextuelle et (b) des scénarios. Le destinataire pourra élaborer sur cette base des chaînes d'inférences capables de faire « croître » le signifié contextuel au-delà de toute prévision encyclopédique. Mais pour que ces investissements de signifié soient possibles, il faut l'existence d'une structure de L telle que ces signifiés contextuels soient actualisables.*

**Figura 10** - Processo de construção da significação

Fonte: elaborado pelo autor com base em Eco (2013 [1988])

Como se vê na Figura 10, a língua, enquanto *langue*, fornece a base estrutural necessária para que, através do contexto situacional (competências extralinguística e pragmática), sejam agregados significados enciclopédicos aos significados dicionarísticos. Essa seria, segundo Eco (2013 [1988]), a fórmula básica, por assim dizer, da construção da significação linguística, a partir da qual o falante pode gerar, de maneira idiossincrática, novos significados enciclopédicos, tendo em conta uma série de dados que constituem a situação de fala, tais como pronúncia, entonação, conhecimentos particulares sobre o locutor, ou qualquer outra informação que o receptor saiba sobre outras circunstâncias que acompanham a situação de fala.

No que concerne ao estabelecimento do significado das sentenças, é questionável conceber que ele esteja unicamente ligado aos significados isolados dos signos linguísticos por duas razões: i) de um lado, a dimensão do signo linguístico, como foi explanado na seção anterior, não se limita exclusivamente à dimensão da lexia, haja vista a existência de signos linguísticos complexos; ii) de outro lado, a ordem de aparição de cada signo linguístico dentro da sentença altera o seu significado global: a informação emitida pela sentença *Maria bateu em Ana* é completamente diferente da informação em *Ana bateu em Maria*, embora os signos linguísticos presentes em uma e outra sentença sejam exatamente os mesmos.

Dito de outra forma,

o significado de uma determinada palavra [signo linguístico/lexia] é um potencial de referência, codificado e representado no léxico mental [do falante]. No discurso [na construção de sentenças], a referência é estabelecida a partir de três instâncias: o significado lexical [competência linguística], a informação fornecida por um contexto ou uma situação [competência pragmática] e os conhecimentos não

linguísticos [competência extralinguística]<sup>54</sup> (Schwarze, 2001, p. 1, tradução nossa).

Em vista disso, tal como explica Eco (2013, [1988], p. 72, tradução nossa e grifos do autor),

um contexto é uma classe de ocorrências de cadeias ou grupos de expressões [signos linguísticos e sentenças] (pertencentes ao mesmo tempo a um ou vários sistemas semióticos); por outro lado, o *co-texto* é a ocorrência atual e específica de um membro dessa classe. L [a língua] prevê contextos, mas, no ato de comunicação, as expressões são produzidas e interpretadas em um co-texto. [...] Portanto, o significado lexical deve ser mais complexo do que a associação de uma expressão [signos linguísticos e sentenças] com algumas propriedades atômicas, ele deve ser entendido como a associação de uma expressão [signos linguísticos e sentenças] com uma série de instruções para o uso em contextos diferentes<sup>55</sup>.

Logo,

essa necessidade de ter em conta a situação  $S_1$  [o significado enciclopédico] pode levar a pensar que, em tais casos, a compreensão do significado *situacional* não tem nada a ver com o problema do significado - que está no âmbito da semântica – mas com o problema da pragmática<sup>56</sup> (Eco, 2013, [1988], p. 74, tradução nossa e grifos do autor).

Nesse sentido, associar as discussões sobre o léxico aos estudos da Semântica – enquanto ramo da Linguística responsável pela compreensão do significado dos signos linguísticos e das sentenças – assim como da Pragmática – domínio da Linguística que tem como objeto de estudo as análises conversacionais, enquanto atos de fala performáticos, no que tange às motivações psicológicas dos falantes, às reações dos interlocutores e aos fatores sociais que envolvem as

---

<sup>54</sup> No original: *Le sens d'un mot donné est un potentiel de référence, codé et représenté dans le lexique mental. Dans le discours, la référence s'établit sur la base de trois instances : le sens lexical, l'information fournie par un contexte ou une situation et les connaissances non-linguistiques.*

<sup>55</sup> No original: *Le contexte est une classe d'occurrences de chaînes ou groupes d'expressions (appartenant dans le même temps à un ou plusieurs systèmes sémiotiques) ; en revanche, le co-texte est l'occurrence actuelle et spécifique d'un membre de cette classe. L prévoit des contextes, mais dans l'acte de communication, les expressions sont produites et interprétées dans un co-texte. [...] Donc, le signifié lexical doit être plus complexe que l'association d'une expression à quelques propriétés atomiques, il doit être entendu comme l'association d'une expression à une série d'instructions pour l'emploi dans des contextes différents.*

<sup>56</sup> No original: *Cette nécessité de prendre en compte la situation  $S_1$  peut amener à penser que, dans de tels cas, la compréhension du signifié situationnel n'a rien à voir avec le problème du signifié - qui relève de la sémantique - mais avec le problème de la pragmatique.*

interações do discurso – é fundamental para melhor compreender qual o papel do léxico durante as interações conversacionais.

Tendo em vista que a Semântica e a Pragmática<sup>57</sup> darão aos agentes comunicativos as ferramentas necessárias para, em conjunto com os aspectos culturais, compreender o significado dos signos linguísticos não apenas de forma isolada como também na construção de sentenças, ao estudar formalmente tais ramos linguísticos determinadas propriedades são levadas em conta. Assim, para melhor elucidar as implicações que perpassam o estudo do léxico através da Semântica e da Pragmática, discorreremos, a seguir, sobre as propriedades dessas correntes linguísticas. Tendo isso em vista, a definição de dois termos técnicos é devida, de modo a melhor estabelecer os seus objetos de estudo. Quais sejam: i) menção e ii) uso.

Os termos *menção* e *uso* também estão atrelados ao conceito de competências comunicativas. Como vimos, a competência linguística corresponde às regras e aos princípios que regem o funcionamento da língua e que são impostos ao falante pela *Langue*, ao passo que as competências extralinguística e pragmática dizem respeito à aplicação de tais regras e princípios em situações comunicativas reais, isto é, a *Parole*. Logo, o termo *menção* faz referência ao signo linguístico ou à sentença que estejam sendo analisados de maneira descontextualizada, quer dizer, considerando apenas a competência linguística, ao passo que o termo *uso* concerne à observação do signo linguístico ou da sentença inseridos em um determinado contexto ou situação de fala, isso é, levando-se em conta as competências extralinguística e pragmática.

O objeto de estudo da Semântica é, portanto, a *menção* dos signos linguísticos e das sentenças, enquanto que o *uso* é o objeto de estudo da Pragmática, como disciplina independente. Assim, nas próximas subseções, trataremos das relações existentes entre Léxico e Semântica bem como entre Léxico e Pragmática, respectivamente.

---

<sup>57</sup> O termo Pragmática, quando grafado com inicial maiúscula, estará se referindo ao ramo da Linguística enquanto disciplina independente. Quando grafado com inicial minúscula, pragmática, estará fazendo alusão aos aspectos contextuais/co-textuais que regem as interações conversacionais e que estão a cargo da competência pragmática, como já mencionado.

### 3.2 LÉXICO E SEMÂNTICA

Os estudos mais recentes sobre Semântica revelam que esta disciplina pode ser compreendida e analisada a partir de três abordagens: i) a abordagem mentalista; ii) a abordagem referencial; e iii) a abordagem pragmática. Não discorreremos de forma detalhada sobre cada uma delas<sup>58</sup>. Entretanto, para melhor compreender como se dá o processo de construção do significado do léxico das línguas naturais a partir de uma ótica semanticista, o entendimento de alguns termos técnicos se faz necessário, de modo a facilitar a delimitação do objeto observacional dessa disciplina, que são o signo linguístico e a sentença.

Por escolha organizacional, discutiremos cada conceito a partir de dois grupos: aqueles que lidam exclusivamente com o significado do signo linguístico e aqueles que tratam da sentença.

Antes, contudo, discorreremos sobre o conceito de *implicação*, também conhecido como *inferência*, dado que esse está vinculado a ambos os objetos<sup>59</sup> de estudo da Semântica. Entende-se por implicação os casos em que uma expressão que, “sem prejuízo de seu sentido, assume uma significação real resultante da exploração de informações e expectativas dos interlocutores engajados numa conversação específica” (Ilari; Geraldi, 1995, p. 75). Ou seja, os interlocutores fazem uso, durante os atos conversacionais, de diversos recursos que possibilitam a comunicação, conferindo aos signos linguísticos e às sentenças diferentes leituras, mesmo que, por vezes, “o sentido que a expressão assume então no contexto de fala pouco ou nada tem [tenha] a ver com o sentido que se poderia esperar para a expressão a partir das palavras que a compõem” (Ilari; Geraldi, 1995, p. 75). É o contexto de uso que permite ao falante inferir sobre o significado que está sendo veiculado através dos signos linguísticos e das sentenças.

Tal conceito origina três propriedades que representam as associações feitas pelos interlocutores, durante os atos de fala, entre as competências comunicativas. Essas associações se dão de modo à melhor conduzir as possíveis interpretações da mensagem que está sendo emitida, permitindo que ela seja compreendida de uma ou de outra maneira, a critério dos interlocutores.

---

<sup>58</sup> Para isso, recomendamos a leitura de Cançado (2018) ou Gomes e Mendes (2018).

<sup>59</sup> Cançado (2018) trata especificamente dos casos de implicação ligados à sentença. Ilari e Geraldi (1995) tratam tanto da semântica das sentenças como das lexias.



São elas: i) *acarretamento*, que trata da relação estabelecida através da verdade existente entre duas informações: se A for verdadeiro, B também deve ser. Assim, a informação em B deverá estar contida em A. Do contrário, “poderíamos pensar com razão que [o locutor] mentiu, fez um jogo de palavra ou simplesmente não conhece a língua” (Ilari; Geraldi, 1995, p. 53); ii) *pressuposição*, que diz respeito a todo tipo de conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte, quer seja do ato comunicativo em si, quer seja em decorrência dele de modo a presumir a verdade de uma informação. Isso ocorre “toda vez que tanto a verdade como a falsidade da primeira [informação] acarreta a verdade da segunda” (Ilari; Geraldi, 1995, p. 61); iii) *implicatura conversacional*, que acontece a partir da aplicação do princípio de cooperação entre os falantes, o qual é governado por regras que delineiam o entendimento extralinguístico e pragmático previamente compartilhado entre os participantes da conversa. Essas implicações estabelecem uma base de cooperação e compreensão mútua nas interações conversacionais.

De acordo com a noção de implicação, um signo linguístico ou sentença aleatória não são suficientes para dar conta de todas as interpretações possíveis de serem feitas pelos interlocutores durante os atos conversacionais, visto que, aqui, é a busca da significação real da comunicação que está em jogo. A situação de enunciação da sentença ou da lexia também deve ser considerada, sendo necessário, para melhor elucidar a questão, reconstituir de forma detalhada as circunstâncias em que se deu a conversação. Assim, suponhamos, a título de exemplificação, a seguinte situação<sup>60</sup>: dois amigos estão passeando por Paris. O amigo A convida o amigo B, que é vegano, a visitar o *Musée de la Chasse et de la Nature* (Museu da Caça e da Natureza). Diante da proposta, o amigo convidado, num tom de voz desconcertado, responde da seguinte maneira:

- (3) Eu achei que seria outra atividade cultural. Vai na frente que eu já te sigo.

A sentença em (3) demonstra como as implicações operam durante as interações conversacionais para gerar sentido e estabelecer a comunicação. Para realizar uma análise precisa, é necessário examiná-la de forma pormenorizada: ao escolher conjugar o verbo *ser* no futuro do pretérito, o locutor indica haver uma

---

<sup>60</sup> Situação vivenciada por nós durante a realização do doutorado sanduíche em Paris.

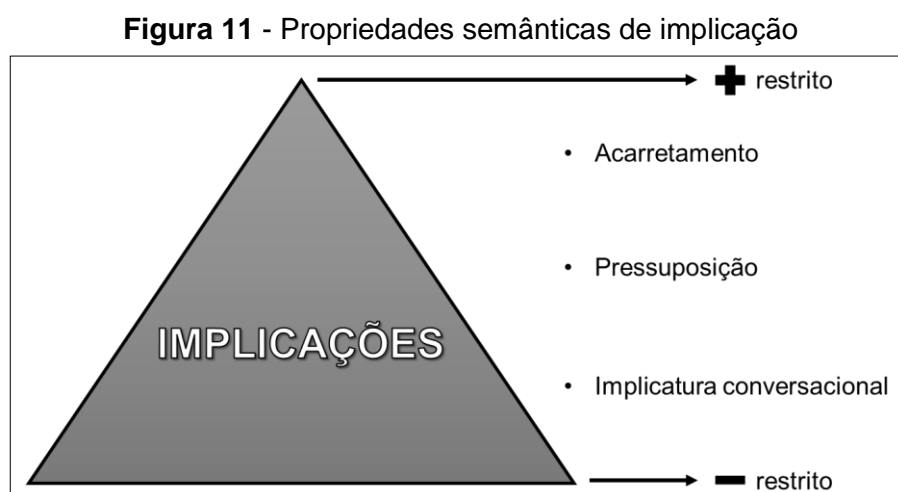
condição preestabelecida entre os interlocutores, acarretando no entendimento de que um acordo anterior foi firmado entre os amigos de que, naquele dia, fariam alguma atividade cultural juntos. Em decorrência do emprego do signo linguístico complexo *atividade cultural*, presumimos que não foi acordado que a atividade em questão seria visitar um museu, deixando em aberto uma infinidade de possibilidades de atividades culturais que poderiam ser realizadas pelos amigos. Por fim, considerando as informações extralinguísticas e pragmáticas previamente compartilhadas pelos participantes da conversa, quer dizer, que a temática do museu proposto por um dos amigos não agrada ao outro, por ser vegano e acreditar que um museu sobre a caça é eticamente questionável, a emissão da sentença *Vai na frente que eu já te sigo* implica interpretar que o amigo B não está mais contente com a presença do amigo A, desejando que ele se retire, e que, em realidade, o amigo B não acompanhará o amigo A à visita do museu.

A noção de implicação é importante para que a comunicação seja eficaz porque “os interlocutores sabem e esperam de toda frase, pronunciada numa situação, que ela, de algum modo, apresente informações relevantes em sua interpretação literal” (Ilari; Geraldi, 1995, p. 75). Isso acontece devido ao fato de que “o sentido que a [uma] expressão assume então no contexto de fala pouco ou nada tem a ver com o sentido que se poderia esperar para uma expressão a partir das palavras que a compõem” (Ilari; Geraldi, 1995, p. 75). É o sentido global, resultante da exploração das informações e expectativas dos interlocutores engajados na conversação – dos conhecimentos extralinguísticos – e analisado a partir de um contexto pragmaticamente preciso – dos conhecimentos pragmáticos – que permitirá a construção do significado.

Além disso, em termos de funcionamento das propriedades de implicação, e pormenorizando as três propriedades anteriormente expostas, é preciso ter em mente que “existe uma gradação no conceito de implicação, indo da noção mais restrita da implicação – conhecida como acarretamento – à noção mais abrangente da implicação – conhecida como implicatura conversacional” (Cançado, 2018, p. 31). Tais restrições estão relacionadas com os diferentes níveis de interpretação do sentido dos signos linguísticos e das sentenças que estão sendo proferidas. O acarretamento é uma propriedade que lida diretamente com o significado contido no signo linguístico ou na sentença, independentemente de seu uso, sendo, portanto, uma noção puramente semântica. A pressuposição trabalha com o conceito semântico acrescido

das informações extralinguísticas, tratando-se de uma noção semântico-pragmática. A implicatura conversacional, por sua vez, é exclusivamente de cunho pragmático, já que o contexto de fala é crucial para a sua aplicação. Isso posto, podemos associar cada uma das propriedades do conceito de implicação a uma competência comunicativa, de acordo com o grau de restrição.

A Figura 11 sistematiza a noção de implicação que acabamos de discutir.



Fonte: elaborado pelo autor com base em Ilari e Geraldi (1995) e Cançado (2018)

A Figura 11 exibe as propriedades semânticas de implicação através da metáfora imagética da pirâmide, visto que há uma gradação na liberdade de definição do significado que cada propriedade licencia ao ser relacionada a uma competência comunicativa. Quanto mais próxima da base da pirâmide, e, portanto, mais extensiva, menos restrita será a propriedade de implicação. Por outro lado, quanto mais perto do topo da pirâmide, com característica afunilada, mais restritiva será a propriedade.

Interpretando o exposto por Ilari e Geraldi (1995) e Cançado (2018), a propriedade do acarretamento, por apresentar noções estritamente semânticas está ligada à competência linguística e se encontra no topo da pirâmide, tendo caráter mais restrito. A propriedade da pressuposição, por relacionar-se não apenas com o sentido das expressões lexicais contidas nas sentenças, mas também com conhecimentos extralinguísticos, possui noções semântico-pragmáticas e, assim, está ao meio da pirâmide, sendo uma propriedade de restrição mediana e estando associada à competência extralinguística. Por fim, a implicatura conversacional, à base da pirâmide, depende exclusivamente do contexto de uso dos signos linguísticos e das

sentenças para gerar significado, possuindo, assim, uma característica menos restrita. Ela está, portanto, vinculada à competência pragmática.

Nas subseções a seguir, mostraremos de forma mais detalhada como cada propriedade de implicação semântica interage com o léxico das línguas naturais, seja a partir do signo linguístico, seja através da sentença.

### 3.2.1 A semântica do signo linguístico

Ao analisar semanticamente os signos linguísticos, muitas propriedades são consideradas. Trataremos aqui daquelas que acreditamos ser as mais pertinentes para o desenvolvimento da nossa pesquisa: i) hiponímia; ii) hiperonímia; iii) sinonímia; iv) ambiguidade lexical.

As propriedades de hiponímia e hiperonímia são, em certa medida, complementares e estão diretamente vinculadas à noção de acarretamento. A hiponímia “pode ser definida como uma relação estabelecida entre palavras [signos linguísticos ou lexias], quando o sentido de uma está incluído no sentido de outra” (Cançado, 2018, p. 32), já a hiperonímia é definida como sendo o oposto da hiponímia, isto é, uma relação estabelecida entre lexias quando o sentido de uma abrange o sentido de outra. Os exemplos em (4) exemplificam a questão:

- (4) a Pantoprazol > antiácido > remédio  
 b Colar > bijuteria > acessório  
 c Ervilha > legume > vegetal

Os exemplos expostos em (4) evidenciam que tanto a hiponímia quanto a hiperonímia estruturam o léxico das línguas em classes: o *pantoprazol* é um *antiácido* que, por sua vez, é um *remédio*. Da mesma forma, um *colar* pode ser uma *bijuteria*, que é um *acessório*. A *ervilha* é um *legume*, que é um *vegetal*. A diferenciação entre a relação de hiponímia e a relação de hiperonímia, contudo, depende do quão específico ou genérico é o significado do item lexical. Nesse sentido,

o item lexical mais específico, que contém todas as outras propriedades da cadeia, é chamado de hipônimo; o item lexical que está contido nos outros itens lexicais, mas não contém nenhuma das outras propriedades da cadeia, o termo mais geral, é chamado de hiperônimo (Cançado, 2018, p. 32).

Considerando os nossos exemplos, expostos em (4), as lexias *pantoprazol*, *colar* e *ervilha* são tidas como hipônimos, ao passo que as lexias *remédio*, *acessório* e *vegetal* não classificadas como hiperônimos. Seguindo essa lógica, todo hipônimo comporta em si o seu hiperônimo, mas nem todo hiperônimo expressa, por si só, todos os hipônimos possíveis de sua cadeia classificatória: uma ervilha é sempre um vegetal, mas nem todo vegetal é uma ervilha.

A hiponímia e a hiperonímia são propriedades semânticas e estão, como vimos, no topo da pirâmide de gradação, sendo encaradas como propriedades de implicações mais restritas, visto que, para emitir significado, requerem apenas os conhecimentos fornecidos pela competência linguística. A análise semântica que garante a definição de que uma ervilha é um vegetal e não um animal, por exemplo, independe dos conhecimentos extralinguístico e pragmático e por isso a torna restrita.

Em linhas gerais, a sinonímia ocorre entre pares de lexias que têm o mesmo sentido, ou seja, que possuem os mesmos referentes no mundo. Assim, podemos dizer que “duas palavras [lexias] são sinônimas sempre que podem ser substituídas no contexto de qualquer frase sem que a frase passe de falsa a verdadeira, ou vice-versa” (Ilari; Geraldi, 1995, p. 44), sendo esse um dos testes possíveis para verificação da sinonímia:

- (5) a João tem um *cachorro* preto chamado Dino.  
b João tem um *cão* preto chamado Dino.

Qualquer falante de português do Brasil compreende que a substituição da lexia *cachorro*, em (5a), pela lexia *cão*, em (5b), não altera em nada a verdade ou a falsidade da sentença, qual seja, de que João tem por animal de estimação um mamífero, quadrúpede, carnívoro, da família dos canídeos, com pelagem de cor preta, que atende pelo nome de Dino. Diante disso, pode-se afirmar, portanto, que as lexias *cachorro* e *cão* são sinônimas.

Entretanto, em determinadas situações de fala, as lexias *cachorro* e *cão* não expressam sinonímia:

- (6) a O *cão* é o inimigo de Deus.  
b O *cachorro* é o inimigo de Deus.

No exemplo em (6), a lexia *cachorro*, em substituição à lexia *cão*, não denota a mesma referência no mundo, não sendo possível reconhecer uma sinonímia entre elas, ao contrário do que acontece em (7):

- (7) a O *cão* é o inimigo de Deus.  
b O *diabo* é o inimigo de Deus.

Neste caso, tendo em vista que no Brasil a lexia *cão* pode ser atualizada como referência à entidade maligna que, na liturgia cristã, é representada por Lúcifer, o anjo que se rebelou contra Deus (A Bíblia, 2011, p. 14), observa-se que, no contexto expresso em (7), há uma relação de sinonímia entre as lexias *cão* e *diabo*. Sendo assim,

não é possível pensar em sinonímia de palavras [lexias] fora do contexto em que estas são empregadas. Ainda, na maioria dos casos, pode-se dizer apenas que existe uma sinonímia baseada somente no significado conceitual da palavra, sem se levar em conta o estilo, as associações sociais ou dialetais, ou mesmo os registros (Cançado, 2018, p. 48).

Assim, entende-se que a sinonímia é um fenômeno gradual, e os diferentes contextos de operação da sinonímia são mais ou menos exigentes quanto ao princípio de que uma lexia pode substituir a outra sem prejuízo na veracidade ou na falsidade da informação transmitida. Seguindo tal graduação, há, de um lado, contextos como o expresso em (5) e (7), onde a substituição é possível. De outro, há contextos mais exigentes, tais como em (6), nos quais a substituição é impossível e, portanto, uma análise situacional é obrigatória para estipular uma possível sinonímia.

Por essa razão, há casos em que a sinonímia ocorre entre diferentes tipos de lexias, tal como no exemplo em (8):

- (8) a João *traiu* a esposa.  
b João *pulou* a cerca.

Aqui, percebemos que o critério de sinonímia não ocorre exclusivamente entre lexias simples. Ao contrário, a sinonímia também pode acontecer entre diferentes tipos

de lexias (simples, complexas ou compostos)<sup>61</sup>. Partindo dessa ideia, entende-se que “a significação de uma palavra é o conjunto de contextos linguísticos em que pode ocorrer, então é impossível encontrar dois ‘sinônimos perfeitos’” (Ilari; Geraldi, 1995, p. 46).

A ambiguidade lexical, por sua vez, ocorre quando mais de uma leitura é possível para uma mesma lexia, causando dificuldade de interpretação, por parte do receptor, da mensagem emitida. Dois fenômenos linguísticos ocasionam a ambiguidade lexical: i) homonímia, que diz respeito aos casos em que os sentidos das lexias ambíguas não se relacionam; ii) polissemia, que ocorre quando os possíveis sentidos das lexias ambíguas têm relação entre si.

Há dois casos de homonímia: as lexias homógrafas, que assumem sentidos totalmente diferentes, mas são grafadas da mesma forma; e as lexias homófonas, que além do sentido, também têm grafia diferente, mas são pronunciadas de forma similar. Os casos de polissemia, por outro lado, ocorrem quando uma lexia, com mesma grafia e pronúncia, admite mais de um significado. As sentenças em (9) são exemplos desses fenômenos.

- (9) a João colheu as laranjas na *sexta*.  
 b João colheu as laranjas na *cesta*.  
 c O *canto* de João é bonito.

As lexias *cesta* e *sexta*, em (9a) e (9b), são exemplos de homonímia. Aqui, trata-se de um caso de homonímia homófona, visto que a pronúncia de ambas as lexias – respeitando as diversas variantes dialetais do português brasileiro – tendem a ser a mesma: [sɛʃtɐ]<sup>62</sup>. Dessa forma, a mensagem emitida em (9a) e (9b) é ambígua, visto que, se não tiver acesso à mensagem escrita, o receptor não poderá decodificá-la, ou seja, não saberá identificar o que de fato João fez: se o dia da semana em que colheu as laranjas foi a sexta-feira, ou se ele colheu as laranjas colocando-as dentro de um “recipiente de vime, palha ou outro material trançado” (Aulete, 2023).

A lexia *canto*, por outro lado, é um caso de polissemia, já que nela estão contidas, ao menos, duas acepções: *canto* no sentido de um “*lugar indeterminado*,

<sup>61</sup> Na próxima seção, discutiremos com mais profundidade sobre a sinonímia entre lexias complexas/compostas e lexias simples.

<sup>62</sup> Ao menos no que diz respeito ao dialeto baiano do português brasileiro.

*não conhecido*”, mas que carinhosamente pode ser interpretado como o lar de João, ou no sentido de “*música cantada*” (Aulete, 2023), atribuindo valor afetivo à voz agradável de João ao cantar. Assim sendo, a frase em (9c) é igualmente ambígua, pois expressa mais de uma possibilidade de interpretação<sup>63</sup>.

### 3.2.2 A semântica da sentença

Tal como ocorre com os signos linguísticos, várias propriedades entram em jogo ao analisar semanticamente as sentenças. Porém, mais uma vez, nos ateremos apenas àquelas que são mais pertinentes para esta pesquisa. Quais sejam: i) ambiguidade sintática; ii) anomalia.

A ambiguidade sintática funciona de forma similar à ambiguidade lexical, quer dizer que é manifestada no âmbito conversacional quando uma sentença está sujeita a múltiplas leituras, gerando problemas de interpretação da mensagem que está sendo transmitida. Nesse caso, contudo, a ambiguidade ocorre não devido à homonímia/polissemia das lexias, mas à dupla possibilidade de compreensão da estrutura sintática. Por essa razão, é chamada de ambiguidade sintática ou estrutural, qual como acontece nas sentenças em (10).

- (10) a Para agilizar o processo da troca de treino, você já poderia fazer as fotos para a avaliação na próxima semana.
- b João *chutou o balde* hoje.

A frase em (10a) foi emitida por um profissional de educação física ao cliente que dele recebe orientações de treinamento esportivo. Para acompanhar a evolução dos resultados das atividades e melhor regular a intensidade dos exercícios, são realizadas fotos do físico do aluno a cada sete semanas, quando é feita a troca de treino. Contudo, a estrutura sintática escolhida pelo treinador para construir a mensagem em (10a) é ambígua, não deixando claro o que de fato está sendo solicitado. Duas leituras são possíveis: i) a troca de treino acontecerá na próxima semana e, para agilizar o processo, as fotos devem ser feitas imediatamente; ii) para

---

<sup>63</sup> Como veremos na próxima seção, a ambiguidade é um dos principais fatores para a execução da desfixação lexical.



que o processo de troca de treino seja agilizado, as fotos deverão ser feitas na próxima semana.

Em (10b), outro tipo de ambiguidade estrutural está em jogo. Aqui, a duplicidade de compreensão acontece devido à presença da lexia complexa *chutar o balde*, que permite duas leituras: i) uma leitura semanticamente composicional, isso é, que é realizada a partir da somatória dos significados das lexias simples que a compõem, tratando-se assim de uma leitura literal: no dia de hoje João chutou um “recipiente de madeira, metal ou plástico, mais largo na borda do que na base, provido de alça, usado para tirar, conter e carregar líquidos e outros materiais” (Aulete, 2023); ii) uma leitura semanticamente não composicional, ou seja, que considera o sentido global da lexia complexa *chutar o balde*: hoje João *desistiu ou abandonou uma situação ou projeto de forma drástica*.

Ambos os casos em (10) necessitam de conhecimentos extralinguísticos, durante o ato conversacional em que cada sentença esteja sendo empregada, para que a ambiguidade seja desfeita. No primeiro caso, considerando que o aluno tenha ciência da data de troca do seu treino, que será dentro de uma semana, por exemplo, possibilitaria a leitura de que as fotos devem ser realizadas com antecedência para agilizar o processo. O segundo caso é mais complicado, já que uma das interpretações está condicionada ao conhecimento prévio do significado da lexia complexa *chutar o balde*. Nos parece pouco provável que um receptor nativo do português brasileiro interprete a mensagem em (10b) de forma literal, à condição de estar a par de um contexto situacional muito preciso, em que João estaria em posse de um balde para que fosse chutado. Porém, falantes estrangeiros que não possuam uma proficiência avançada da língua estariam sujeitos, por não conhecerem a lexia complexa, à leitura semanticamente composicional.

Embora seja uma ambiguidade estrutural, o caso em (10b) é também de natureza polissêmica, tendo em vista a polissemia presente na lexia complexa *chutar o balde*. Esse tipo de ambiguidade é muito importante para o nosso estudo, pois ele propicia a execução do fenômeno da desfixação lexical. A desambiguação de estruturas como essa é orientada por

indícios de várias ordens (que vão desde a entoação até as indicações do contexto lingüístico e extralingüístico e a linguagem gestual) [...] Trata-se de um tipo particular de ambigüidade – cujo fundamento é situacional, não lingüístico (Ilari; Geraldi, 1995, p. 59).

Indícios pictográficos também são levados em conta durante o processo de desambiguação dessas estruturas, como também será explorado na próxima seção.

O conceito de anomalia, por sua vez, está diretamente ligado ao de gramaticalidade/agramaticalidade, que foi essencialmente discutido por Chomsky, (1957) ao tratar das estruturas sintáticas de línguas naturais e do processo de aquisição de linguagem<sup>64</sup>. Em resumo, a definição da gramaticalidade de estruturas linguísticas baseia-se, em níveis sintáticos, na aceitação intuitiva por parte de falantes nativos quanto a construções possíveis na língua, independentemente dos critérios normativos de correção, estando mais voltados para a viabilidade da construção dentro da língua. Em nível semântico, o que ocorre é o inverso: “sentenças boas gramaticalmente, mas claramente incoerentes ou totalmente sem sentido, que não geram nenhum tipo de acarretamento” (Cançado, 2018, p. 57) são chamadas de anomalias, tal como expresso em (11).

(11) \*João é muito egoísta, bebeu todo o pão sozinho.

A sentença em (11) é sintaticamente correta, porém, no que tange o sentido por ela transmitido, é considerada como anômala. Isso ocorre devido ao critério de seleção adotado pelo verbo *beber*. Aqui, o verbo seleciona *pão* como complemento, rompendo com aquilo que é semanticamente esperado: alguma coisa líquida. Excluindo os casos metafóricos, em que a anomalia seria proposital, como em produções poéticas, por exemplo, a construção em (11) deveria obedecer à seguinte regra semântica para fazer sentido:

(12) Beber: V, [<sub>SN</sub> [+animado]] \_\_\_\_ [<sub>SN</sub> [+líquido]]

Isto é, o verbo *beber* deve selecionar como sujeito da oração um sintagma nominal que represente um ser animado e como complemento do verbo um sintagma nominal que seja referente a algo líquido e, portanto, bebível. Tal estruturação de seleção foi proposta por Chomsky (1976 [1965]), e tem a ver com a teoria predicativa<sup>65</sup> desenvolvida pela Linguística Gerativa (Carnie, 2006). Para a nossa pesquisa, tal

<sup>64</sup> Discutiremos sobre o conceito de gramaticalidade e agramaticalidade com maior profundidade na próxima seção.

<sup>65</sup> Na próxima seção, o conceito de predicado e argumento será melhor discutido.

conceito é importante porque ele condiciona a construção de lexias complexas específicas, tais como *cacho de uva* ou *tirar uma foto*. Para que possam emitir sentido, essas lexias precisam obedecer às seguintes regras semânticas:

- (13) a Cacho: N, [SN [+fruta racemosa]]  
 b Tirar: V, [SN [+foto]]

As regras semântico-sintáticas representadas em (13a) indicam que, para fazer sentido, o substantivo *cacho* deve selecionar um sintagma nominal que seja uma fruta de tipo racemosa, isso é, que nasce de forma agrupada em uma estrutura semelhante a um cacho ou racemo. Isso reflete a restrição semântica do substantivo *cacho* em relação aos tipos de argumentos<sup>66</sup> que ele pode aceitar, permitindo apenas um SN que represente uma fruta racemosa, como no caso de *cacho de uva* ou *cacho de banana*. A construção *cacho de maçã*, por exemplo, seria considerada como anômala.

As regras em (13b), por fim, apontam que o verbo *tirar*, na lexia complexa *tirar uma foto*, seleciona um sintagma nominal animado como sujeito da oração e o SN *foto* como complemento do verbo. Isso significa que, para fazer sentido, a lexia *foto* seleciona o verbo *tira*<sup>67</sup> – e não os verbos *retirar* ou *pegar*, por exemplo, o que causaria anomalia à construção – o qual necessita selecionar como sujeito da oração um ser animado que execute a ação. Observar tais regras de estruturação ajuda a entender as relações sintáticas e semânticas envolvidas na construção de sentenças, o que será valioso para a nossa pesquisa, como veremos mais à frente.

No que tange às abordagens teóricas que perpassam o estudo da Semântica, e levando em conta as competências comunicativas discutidas no início desta seção, quais sejam, as competências linguística, extralinguística e pragmática, observa-se que, mesmo que indiretamente, a Semântica está correlacionada com cada uma dessas competências, confirmando sua importância não apenas dentro dos estudos lexicais como também das práticas comunicativas.

<sup>66</sup> Argumento é um termo empregado em análises predicativas para se referir ao elemento sobre o qual um predicado é aplicado e será melhor exemplificado na próxima seção.

<sup>67</sup> Temos ciência de que o verbo *bater* concorre com o verbo *tirar* no empregado com a lexia *foto*, sendo essa, a nosso ver, uma variação diatópica e diageracional.

### 3.3 LÉXICO E PRAGMÁTICA

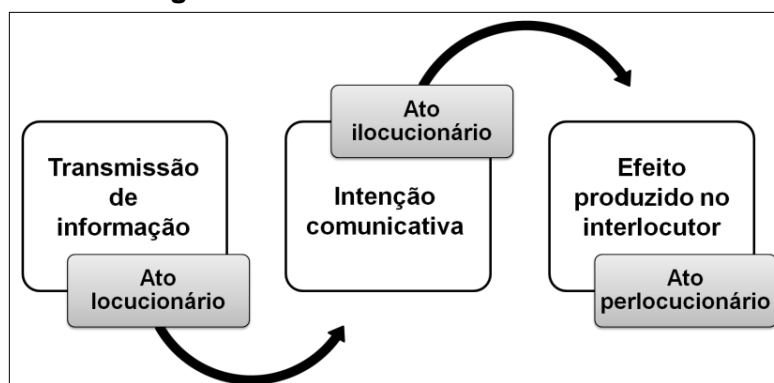
Como já dito, reconhecemos a grande relevância dos estudos em Pragmática para a compreensão das interações comunicativas, já que esse é o ramo da Linguística que se propõe a identificar os elementos que determinam sistematicamente a maneira como nossas trocas comunicativas operam. Além disso,

nos últimos anos, a competência pragmática vem ganhando destaque no ensino e na aprendizagem de línguas estrangeiras, visto que, durante os intercâmbios comunicativos, as intenções dos interlocutores que rodeiam o enunciado nem sempre são compreendidas. É precisamente nesse ínterim que os conhecimentos pragmáticos se fazem importantes para decodificar o que se quer comunicar implicitamente (Silva Júnior, 2021, p. 102).

O que também interessa a nossa pesquisa. Entretanto, não temos a pretensão de nos aprofundarmos exaustivamente sobre o tema, senão o suficiente para demonstrar como esse ramo da Linguística se relaciona com o objeto de interesse desta pesquisa, que é a compreensão do léxico dos signos linguísticos complexos lexicais.

Tendo em mente que o estabelecimento da comunicação perpassa, segundo a ótica da Pragmática, por três instâncias de um mesmo processo interativo, isto é, as relações entre signo, objeto e interpretante, é a vinculação entre aquilo que é dito, qual é o seu significado e para quem essa informação é direcionada que rege a prática comunicativa (Peirce, 1992). Essa tríade conversacional, observada pela Pragmática, teve base na abordagem sobre os atos de fala proposta por Austin (1962) que foi, posteriormente, retomada e expandida por Searle (1976; 1994 [1969]).

Em Pragmática, compreende-se que toda interação comunicativa expressa pela linguagem humana é constituída por três componentes distintos, denominados como ato locucionário, ato ilocucionário e ato perlocucionário, os quais se relacionam de forma sequencial, sendo um o produto do outro, tal como representado imagetivamente na Figura 12, a seguir. Como se vê, os atos de fala seguem uma sequência linear, lida da esquerda para a direita, que determina as relações internas existentes entre cada ato durante a comunicação.

**Figura 8** - Linearidade dos atos de fala

Fonte: elaborado pelo autor com base em Austin (1962) e Searle (1976; 1994 [1969])

Seguindo o raciocínio de Austin (1962), o ato locucionário corresponde à parte da linguagem que envolve a produção, a articulação e o significado gramatical de uma declaração. Em outras palavras, ele se relaciona com a forma como uma frase é expressa durante uma comunicação, abrangendo a transmissão de informações, independentemente de serem verdadeiras ou falsas. Portanto, pode-se afirmar que qualquer idioma consiste, em primeira instância, em um ato locucionário, isto é, em estruturas linguísticas predefinidas que têm a finalidade de transmitir uma mensagem.

Caracterizado pela presença de intenções comunicativas, o ato ilocucionário representa a segunda etapa da comunicação. Isso porque a linguagem serve a um propósito comunicativo que governa as relações não apenas entre o emissor e o receptor, mas também com a realidade na qual ambos estão inseridos. Dito de outra forma, o ato ilocucionário, enquanto intenção comunicativa, isso é, o resultado que se espera alcançar, é fruto do ato locucionário, ou seja, daquilo que foi dito.

O ato perlocucionário, que se refere ao efeito causado no interlocutor e que encerra o processo de comunicação linguística, deriva do ato ilocucionário. O ato perlocucionário pode ser classificado de duas formas, de acordo com o efeito que foi produzido no receptor da mensagem: i) ato perlocucionário positivo, quando o objetivo expresso pelo ato ilocucionário foi devidamente alcançado; ii) ato perlocucionário negativo, quando, ao contrário, o efeito produzido não corresponde ao intento do ato ilocucionário.

Em resumo, o ato de fala locucionário corresponde ao próprio proferimento da mensagem e, por consequência, a todas as regras impostas pelo sistema linguístico em uso (morfologia, sintaxe, escolha lexical etc.). O ato ilocucionário, por sua vez, está relacionado à intencionalidade do locutor ao elaborar sua mensagem de

determinada maneira e não de outra, estando assim subordinado ao ato locucionário. Finalmente, o ato perlocucionário é a ação resultante do ato ilocucionário, provocando reações (emocionais, cognitivas etc.) nos interlocutores. Dito de outra forma, “os atos ilocucionários são mais fáceis de serem controlados pelo falante, enquanto os perlocucionários são mais dependentes dos ouvintes e da situação” (Souza; Pagani, 2022, p. 120). Com base em tais definições, admite-se que “toda frase, desde que anunciada com seriedade, corresponde pelo menos à execução de um ato locucionário e à de um ato ilocucionário, e às vezes também à de um ato perlocucionário” (Reboul; Moeschler, 1998, 29, tradução nossa)<sup>68</sup>.

Nessa esteira, reiteramos que

A importância de se estudar os atos de fala e como eles são desenvolvidos na linguagem está basicamente na busca por compreender como cada comunidade estrutura seus códigos linguísticos (ato locucionário) para executar e cumprir uma intenção comunicativa (ato ilocucionário) e gerar seus efeitos (ato perlocucionário) positivos ou negativos no interlocutor (Silva Júnior, 2021, p. 109).

Ademais, no que compete à relevância dos estudos pragmáticos para esta pesquisa, que busca entender as propriedades definidoras e operacionais das lexias complexas, compostas e textuais, ou seja, dos signos linguísticos complexos, é importante ressaltar que para as teorias pragmáticas, em especial aquelas que fundamentaram esse ramo da Linguística,

um signo é qualquer coisa, de qualquer modo de ser, que faz a mediação entre um objeto [o que se quer dizer, isto é, o ato ilocucionário] e um interpretante; uma vez que é determinado pelo objeto em relação ao interpretante e determina o interpretante em referência ao objeto, de modo a fazer com que o interpretante seja determinado pelo objeto [ato perlocucionário] através da mediação deste "signo"<sup>69</sup> (Peirce, 1992, p. 410, tradução nossa).

A Pragmática, portanto, ratifica a inclusão do signo linguístico como uma das ferramentas basilares para a realização da comunicação. No entanto, o ato

---

<sup>68</sup> No original: *toute phrase, dès lors qu'elle est annoncée sérieusement, correspond au moins à l'exécution d'un acte locutionnaire et à celle d'un acte illocutionnaire, et parfois aussi à celle d'un acte perlocutionnaire.*

<sup>69</sup> No original: *A sign is anything, of whatsoever mode of being, which mediates between an object and an interpretant; since it is both determined by the object relatively to the interpretant, and determines the interpretant in reference to the object, in such wise as to cause the interpretant to be determined by the object through the mediation of this "sign."*

ilocucionário atraiu particular atenção dos estudiosos dessa disciplina, possivelmente, a nosso ver, devido à sua posição intermediária na sequência comunicativa. Isso porque as estruturas frasais, “longe de serem usadas para descrever a realidade, servem para modificá-la: elas nada dizem sobre o estado presente ou passado do mundo, elas mudam-no ou procuram mudá-lo” (Reboul; Moeschler, 1998, 27, tradução nossa)<sup>70</sup>.

Nesse sentido, a seleção lexical feita pelo locutor, assim como a estrutura sintática que será utilizada na emissão de uma mensagem, é determinada com base em um propósito intencional de comunicação, buscando alcançar um efeito específico no destinatário da mensagem. Seguindo essa linha de pensamento, Searle (1976) classificou o ato ilocucionário em cinco grupos, levando em consideração a intenção esperada ao emitir um dado ato locucionário, mas também as convenções sociais nas quais eles estão inseridos, já que “os atos de fala e as sentenças pelas quais eles são executados podem ser vistos como um meio **convencional** de expressar e realizar **intenções**”<sup>71</sup> (Reboul; Moeschler, 1998, 30, tradução nossa e negrito dos autores).

Resumimos, no Quadro 8 a seguir, a tipologia proposta por Searle.

**Quadro 8 - Classificação dos atos ilocutórios**

<b>Tipos de atos ilocucionário</b>	<b>Descrição</b>
<b>Representativos</b>	Podendo estar suscetível a uma veracidade ou falsidade, descrevem um estado de coisas no mundo, tais como afirmar, explicar, presumir etc.
<b>Diretivos</b>	Almejam induzir o destinatário a efetuar uma ação específica. Incluem ordens, pedidos, solicitações, sugestões e instruções.
<b>Comissivos</b>	Atuam pela demonstração da intenção de comprometimento com a execução de uma ação específica, valendo-se de ações como prometer, garantir, oferecer etc.
<b>Expressivos</b>	Expressam um estado emocional em relação a algo, tais como elogiar, parabenizar, lamentar, agradecer, se desculpar etc.
<b>Declarativos</b>	Engendram uma alteração no seu contexto em virtude da autoridade que lhes foi conferida, frequentemente empregados em contextos formais como batizados, cerimônias matrimoniais, subscrição de contratos ou implementação de decisões judiciais, dentre outras circunstâncias.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Searle (1976)

<sup>70</sup> No original: *Loin d'être utilisées pour décrire la réalité, elles le sont pour la modifier : elles ne disent rien de l'état présent ou passé du monde, elle le changent ou cherchent à le changer.*

<sup>71</sup> No original: *On peut voir les actes de langage et les phrases par lesquelles ils sont accomplis comme un moyen conventionnel pour exprimer et réaliser des intentions.*

A partir da leitura do Quadro 8, observamos que os atos ilocucionários podem manifestar várias intenções distintas, as quais estão sujeitas à vontade do locutor e aos objetivos pretendidos ao longo da interlocução. As sentenças presentes no exemplo (14) ilustram o ponto em questão.

- (14) a O carro é azul.  
b Por favor, apague a luz ao sair.  
c Eu vou visitar João amanhã.  
d Parabéns pelo seu excelente desempenho na apresentação!  
e Declaro o réu culpado.

A sentença em (14a) é um exemplo do ato de fala ilocucionário *representativo*. Aqui, o emissor tem a intencionalidade de afirmar sobre o estado físico de algo, expressando a sua crença sobre as características visuais de um carro que possui coloração azul. A sentença em (14b), por outro lado, é um pedido educado e uma clara demonstração da intenção do falante em influenciar o comportamento do interlocutor, qual seja, o de apagar a luz ao se retirar de um determinado ambiente. É, portanto, um ato de fala ilocucionário *diretivo*, pois visa direcionar o interlocutor a realizar uma ação específica. Por envolver um engajamento, a sentença em (14c) é um exemplo de ato de fala ilocucionário *comissivo*, pois o falante se compromete a realizar uma ação específica no futuro, que é visitar João no dia que se segue àquele em que a mensagem foi proferida.

A sentença em (14d) expressa o desejo do locutor em demonstrar sua alegria e admiração pelo bom desempenho do interlocutor na apresentação. Aqui, o falante está demonstrando intencionalmente sua apreciação, expressando sentimentos positivos em relação ao evento, o que exemplifica um ato ilocucionário do tipo *expressivo*. Por fim, no exemplo em (14e), o ato ilocucionário é considerado *declarativo* por expressar uma intencionalidade que é licenciada a um grupo restrito de falantes, os quais têm autoridade legal para proferi-la, a exemplo de juízes. Nesse caso, o locutor declara a culpabilidade do réu.

Partindo da classificação dos atos de fala ilocucionários, percebemos não apenas que as intenções comunicativas desempenham um papel crucial na condução dos atos de fala, mas também que, para ter êxito, os atos ilocucionários devem aderir a uma convenção previamente estabelecida pelo sistema linguístico e pela estrutura



social e cultural em que a ação é realizada a fim de assegurar seu sucesso. Em vista disso, algumas regras, relativas à situação da comunicação e ao tipo de ato ilocucionário que está prestes a ser emitido, precisam ser consideradas antes do seu proferimento. No Quadro 9, expomos as regras principais.

**Quadro 9** - Regras para a execução dos atos de fala

<b>Regra</b>	<b>Determinações</b>
Regra preparatória	A condição inicial para a realização do ato reside na adequação prévia da situação de comunicação. Isso significa que os interlocutores devem compartilhar o mesmo idioma e agir com seriedade.
Regra de conteúdo proposicional	Em se tratando de um ato ilocucionário comissivo, isso implica que o locutor atribui a si mesmo a responsabilidade de executar uma ação futura.
Regra preliminar	Esta regra está relacionada às crenças e convicções prévias do locutor que estão presentes no contexto da comunicação. No caso de um ato diretivo, por exemplo, o emissor de uma ordem acredita que a ação não ocorrerá sem uma instrução explícita e a emite porque deseja que ela seja efetuada.
Regra de sinceridade	Diz respeito ao estado mental do locutor, tendo em vista que, para fazer uma afirmação ou promessa, por exemplo, é essencial que o locutor seja sincero. Do contrário, o ato ilocucionário não terá êxito.
Regra essencial	Estabelece o tipo de compromisso assumido por cada um dos interlocutores. Tanto a promessa quanto a afirmação implicam no comprometimento do locutor em relação às suas intenções ou crenças (mesmo que a ação não seja concretizada, o locutor acredita que sim).
Regra da intenção e da convenção	Direciona as intenções do locutor e a maneira pela qual ele as expressa com base nas convenções linguísticas previamente acordadas dentro de uma determinada comunidade de fala.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Searle (1976, 1994 [1969]), em Reboul; Moeschler (1998) e em Souza; Pagani, 2022.

Tendo em conta que as diretrizes para a realização dos atos de fala estão relacionadas com o cenário situacional da conversação, podemos compreender que o contexto pragmático desempenha um papel ativo na facilitação da comunicação. Isso ocorre porque elementos externos à linguagem, como as crenças e os valores pessoais do locutor, a seriedade com que ele aborda sua fala, o nível de comprometimento em relação ao que é afirmado, bem como seu envolvimento na execução da ação proposta, juntamente com o grau de integração do locutor com a sociedade que molda as convenções que guiam as suas ações, têm um impacto direto na realização do ato de fala, deixando evidente que as interações comunicativas não

acontecem de forma aleatória e desordenada. Ao contrário, existem normas que as prescrevem.

Das regras abordadas no Quadro 9, aquela que desperta maior interesse para este estudo é a última, concernente à convencionalidade que permeia os atos de fala. *Convencionalidade*, nesse contexto, compreende aquilo que está consolidado pelo uso frequente e segue padrões linguística e socialmente aceitos, representando práticas estabelecidas e de uso comum. Em nível conversacional, considera-se que “a noção de convenção pode se aplicar à língua tanto no nível social, isto é, deve-se saber *quando* dizer algo, quanto no nível linguístico, ou seja, saber *como* dizê-lo” (Tagnin, 2013, p. 21, grifos da autora).

Como discutiremos mais detalhadamente na próxima seção, a *convencionalidade* desempenha um papel relevante no estabelecimento da fixação linguística, um conceito de grande importância para os estudos fraseológicos e, conseqüentemente, para esta pesquisa. No âmbito da Pragmática, a *convencionalidade* também contribui para a definição de uma distinção mais nítida dentro do ato ilocucionário. Isso significa que ela auxilia na diferenciação entre o próprio ato ilocucionário, conhecido como marcador de força ilocucionária, e o conteúdo desse ato, denominado marcador de conteúdo proposicional. Na sentença em (15), ilustraremos esse conceito com um exemplo prático.

(15) Te peço perdão pela minha falta de respeito.

A sentença em (15) representa um ato de fala ilocucionário de natureza expressiva, pois o falante está procurando se retratar pelo desrespeito cometido para com o destinatário da mensagem. Nesse contexto, a expressão *te peço perdão* desempenha o papel de marcador de força ilocucionária, ao passo que *pela minha falta de respeito* corresponde ao conteúdo proposicional.

Ao proferir a sentença em (15), o locutor tem a intenção inicial de se desculpar por ter sido desrespeitoso e satisfaz essa intenção graças às regras convencionais que fixam a forma linguística, o significado e o uso social da sentença. Em outras palavras, o locutor deseja expressar seu pedido de desculpas pelo comportamento desrespeitoso e, para isso, emite a sentença em (15) com a expectativa de que seu interlocutor reconheça a sua intencionalidade com base no conhecimento que ambos

compartilham das regras que convencionam o significado dessa expressão na língua em que está sendo empregada durante o ato comunicativo.

Assim, o emissor de um ato ilocucionário há sempre uma dupla intencionalidade: i) a intenção inicial que o levou a proferir uma determinada sentença – no caso em (15), a intenção de se desculpar – e ii) fazer com que a intenção inicial seja reconhecida, por seu receptor, através da realização do ato ilocucionário, seguindo as normas convencionais que governam a interpretação da sentença dentro do sistema linguístico em uso.

A teoria dos atos de fala propõe ainda uma categorização geral dos proferimentos. Assim, de um lado estão os enunciados contrastivos, ou declarativos, que têm caráter descritivo e fornecem informações de veracidade sobre situações no mundo. De outro lado, estão os enunciados performativos, os quais manifestam linguisticamente ações desempenhadas pelo falante.

Uma diferença importante entre os dois tipos é que os performativos costumam estar ligados a certos rituais sociais (ligados a instituições ou não), embora não precise acontecer necessariamente. [...] Uma das características dos atos contrastivos é a sua relação com um estado de coisas no mundo, e um dos traços performativos é não descreverem estados de coisas (Souza; Pagani, 2022, p. 113-116).

Os atos performativos atuam com base na convenção previamente estabelecida entre falante e ouvinte. Aplicando um novo recorte teórico-observacional, é possível classificá-los em duas categorias: os performativos explícitos e os implícitos. Os primeiros são os que se expressam mediante um verbo que concretiza a ação. Geralmente, são caracterizados pelo uso da primeira pessoa do singular, pela presença de um verbo na voz ativa e pela conjugação no presente do modo indicativo, a exemplo de *eu prometo*, *eu declaro*, *eu confirmo*, *eu informo*, entre outros. Por outro lado, os performativos implícitos são os que podem ser realizados mesmo na ausência de um verbo que nomeie a ação em si.

Também podemos ter performativos sem qualquer elemento explícito que traga algum tipo de marca de pessoa, tempo ou modo, como em avisos que vemos nas casas em que se lê apenas *cão bravo* ou *cerca elétrica*. Ocasionalmente, avisos desse tipo também trazem *cuidado*, que enuncia, assim, explicitamente, que o sujeito que se aproximar deve ter cuidado com o cão bravo ou com a cerca elétrica (Souza; Pagani, 2022, p. 116, grifo dos autores).

Os performativos que apresentam essas características são caros para a nossa pesquisa porque são expressos através de lexias complexas e pertencem, portanto, ao acervo lexical fraseológico do utente da língua, tal como veremos na próxima seção.

Quanto aos performativos implícitos, esses também podem ser analisados sobre outra ótica: na linguagem do cotidiano, ou seja, na comunicação informal utilizada em situações comuns, particularmente em diálogos informais, algumas expressões ou lexias tendem a ser encurtadas de alguma maneira, um fenômeno que pode ser denominado de truncamento. De acordo com Araújo (2002, p. 62), "truncamento (também referido como abreviação ou encurtamento) é o processo de reduzir uma palavra sem alterar seu significado semântico". Assim, a sentença em (15) poderia assumir a forma truncada em (16).

(16) Perdão pela minha falta de respeito.

Na sentença mencionada em (16), a estrutura *te peço* pôde ser omitida sem que haja perda do significado do ato ilocucionário expressivo encontrado em (15), preservando a intenção inicial do locutor de se desculpar, bem como a capacidade do interlocutor em reconhecer a intencionalidade do ato ilocucionário. Considerando que o truncamento pode ocorrer por várias razões, como conveniência, economia de tempo, ou como uma forma de gíria, outro recorte poderia ser aplicado à sentença em (16), tal como demonstrado em (17).

(17) Perdão.

Nesse caso, a decodificação da intencionalidade do ato ilocucionário em (17) fica a cargo da identificação, por parte do receptor, da estrutura profunda da sentença. Embora não esteja ligada diretamente à Pragmática, a teoria da estrutura profunda desempenha um papel crucial no reconhecimento e interpretação do marcador de força ilocucionária. Essa teoria sugere que, por trás da superfície gramatical de uma sentença, ou seja, aquela que é efetivamente pronunciada, existe uma estrutura subjacente, que é a estrutura profunda, e que corresponde ao significado da frase, incluindo, por exemplo, o antecedente dos pronomes, assim como as expressões elididas na estrutura superficial (Reboul; Moeschler, 1998, p. 31).

Nesse sentido, a sentença em (17) corresponde à estrutura superficial, enquanto que a sentença em (15) à estrutura profunda. Isso porque

todas as sentenças que não incluem um performativo explícito em sua estrutura superficial possuem, em sua estrutura profunda, um **prefácio performativo**. Esta hipótese, denominada *hipótese performativa*, equivale assim a dizer que uma frase como “o gato está sobre o capacho” tem a estrutura profunda “Afirmo que o gato está sobre o capacho” e é, portanto, equivalente, do ponto de vista da sua significação, a essa frase<sup>72</sup> (Reboul; Moeschler, 1998, p. 32, tradução nossa, negrito e itálico dos autores).

Tal observação significa dizer que, mesmo que o marcador de força ilocucionária não esteja necessariamente explícito em uma sentença específica, isso não implica na sua ausência ou na falta de reconhecimento, por parte do destinatário, da intencionalidade do locutor. Além disso, tendo em vista que (17) é a estrutura superficial da estrutura profunda presente em (15) e que seu marcador de força ilocucionária é *te peço perdão*, é importante ressaltar que o conteúdo proposicional, qual seja, *pela minha falta de respeito*, é reconhecido pelo contexto de uso dessa sentença, já que o pedido de desculpas poderia ser por qualquer outra razão.

Em síntese, a teoria dos atos de fala evidencia a significativa relevância da Pragmática no estabelecimento eficaz da comunicação, uma vez que os atos de fala operam alicerçados em convenções linguísticas e sociais que são moldadas pela prática e uso da língua dentro de uma determinada comunidade de fala. Em certos casos, tanto o marcador de força ilocucionária, quanto o conteúdo proposicional, podem ser omitidos, fato que acentuaria os ruídos de comunicação, especialmente para falantes estrangeiros, que nem sempre possuem o conhecimento das nuances das convenções linguísticas e sociais de uma língua estrangeira.

Esses fatores podem intensificar as dificuldades encontradas no processo de tradução, já que, em determinadas línguas, o marcador de força ilocucionária é omitido, como tende a ser em português – geralmente preferimos sentenças do tipo *perdão* – enquanto que em outras, como no espanhol, ele tende a ser conservado na

---

<sup>72</sup> No original: *toutes phrases qui ne comportent pas dans leur structure de surface un performatif explicite ont, dans leur structure profonde, une préface performative. Cette hypothèse, appelée hypothèse performative, revient ainsi à dire qu'une phrase comme "le chat est sur le paillason" a pour structure profonde "J'affirme que le chat est sur le paillason" et est donc équivalente, du point de vue de sa signification, à cette phrase.*

estrutura superficial, como em *te pido perdón* (te peço perdão)<sup>73</sup>. Diante de tal cenário, na próxima subseção abordaremos a relação entre léxico e tradução.

### 3.4 LÉXICO E TRADUÇÃO

Considerando, sob uma ótica lexical, as discussões trazidas até aqui no que se refere à Cultura, à Semântica e à Pragmática, em determinados contextos o exercício da tradução pode se tornar uma prática custosa para o falante. Aqui, tratamos por tradução não necessariamente o conjunto de práticas profissionais que perpassam pelo processo de “enunciar numa outra língua (ou língua de chegada) o que foi enunciado numa língua-fonte, conservando as equivalências semânticas e estilísticas” (Dubois et al., 2014, p. 555), o qual é tradicionalmente aplicado a textos, escritos ou orais, de cunho acadêmico, literário ou jornalístico, por exemplo, mas, antes, todo e qualquer ato de conversão, de um idioma a outro, de entidades léxicas diversas.

Nesse sentido, e em especial durante os processos de aprendizagem de línguas estrangeiras, Bally (1921) ressalta dois fatores que geram complicações na prática de tradução, os quais levam o aprendiz iniciante a buscar um equivalente infalível e imutável entre as lexias dos dois idiomas, isso é, entre a língua fonte e a língua alvo. Esses elementos são os conceitos de *preguiça linguística* e de *instinto analógico*. Por esses termos, o autor se refere

[à] tendência ao mínimo esforço, no estudo de uma língua estrangeira [...] [que] procura também identificar cada palavra [da língua estrangeira] com uma palavra da língua materna. Esse hábito encontra apoio na prática de aprender as palavras isoladamente e traduzi-las por palavras correspondentes; nada distorce mais [o processo de aprendizagem] que a aparência do vocabulário<sup>74</sup> (Bally, 1921, p. 45, tradução nossa).

Dito de outro modo, o aprendiz tem, segundo a observação de Bally (1921), a necessidade de encontrar um equivalente exato em sua língua materna da lexia da língua estrangeira que está sendo aprendida. Contudo, nem sempre tal

<sup>73</sup> Observação feita por nós durante o estágio doutoral (doutorado sanduíche) na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, em interações comunicativas com falantes nativos da Espanha, Argentina, Chile e México.

<sup>74</sup> No original: *La tendance au moindre effort, dans l'étude d'une langue étrangère [...] cherche aussi à identifier chaque mot avec un mot de la langue maternelle; cette habitude trouve un appui dans l'usage d'apprendre les mots isolément et en les traduisant par des mots correspondants; rien ne fausse plus la physiologie du vocabulaire.*

correspondência é possível. Fatores diversos, como questões culturais que resultam em visões de mundo distintas para cada comunidade, contribuem para a presença de elementos extralinguísticos igualmente variados. Isso significa dizer que, embora possam ser semelhantes em ortografia e pronúncia, certos elementos lexicais não têm um correspondente exato entre as línguas, uma vez que podem apresentar significados e usos pragmáticos diferentes.

Retomando a discussão sobre o signo linguístico proposta por Saussure (2006 [1916]), apresentada na seção anterior, e considerando os signos linguísticos complexos formados unicamente por unidades lexicais, constatamos que tais signos ampliam ainda mais o desafio de tradução ou busca de equivalência entre diferentes línguas. Quando empregados em contextos conversacionais ideais, isto é, aqueles que obedecem às regras pragmáticas de interação comunicativa mencionadas na subseção anterior, os signos linguísticos complexos lexicais são

um importantíssimo veículo de identidade e de cultura. As unidades que a integram funcionariam [funcionam] como instrumentos de conduta, aptos para serem aplicados no dia a dia. São formas de conhecimento da história, do pensamento social no decorrer dos séculos e, portanto, portadoras de vivências de uma ou mais gerações (Ortiz Alvarez; Unternbäumen, 2011, p. 7-8).

Embora esse fenômeno<sup>75</sup> seja uma verdadeira ferramenta linguística que auxilia os utentes da língua em uso a melhor se expressarem, ela pode, em determinados contextos, representar uma ruptura no ritmo conversacional, causando ruídos e dificuldades de interpretação e compreensão da mensagem.

Como vimos, dado que a língua é portadora de uma carga cultural significativa, do ponto de vista do emissor, para estabelecer a comunicação de maneira eficaz é fundamental que o receptor seja capaz de decodificar a informação recebida. Entretanto, em contextos de fala não ideais, quando os participantes do ato comunicativo não compartilham do mesmo código linguístico, a depender do nível de conhecimento do falante estrangeiro quanto ao registro histórico cultural subjacente à língua em uso, os signos linguísticos complexos perdem sua natureza estável e convencional, o que aumenta o risco de não serem decodificados na sua totalidade.

Os atos de fala não ideais podem acontecer em, no mínimo, duas situações: i) entre falantes de uma mesma língua oriundos de regiões distintas; ii) quando, pelo

---

<sup>75</sup> Tal fenômeno, denominado Fraseologia, será amplamente discutido e analisado na próxima seção.

menos, um dos falantes não é nativo da língua em que a comunicação esteja acontecendo. No primeiro caso, o ruído de comunicação ocorre quando o locutor faz uso de uma expressão típica de sua comunidade de fala que não é culturalmente compartilhada pelo interlocutor. As sentenças em (18) dão exemplos disso.

- (18) a Está *chovendo bastante*, pegue um guarda-chuva.  
 b Está *caindo um pé-d'água*, pegue um guarda-chuva.  
 c O *cacau está caindo*, pegue um guarda-chuva.

As sentenças em (18) transmitem a mesma mensagem: um alerta de que o dia está chuvoso e de que o uso de um guarda-chuva se faz necessário. Em (18a), a mensagem é totalmente composicional e, portanto, não se trata de um signo linguístico complexo<sup>76</sup>, não havendo possibilidade de ruídos na compreensão do enunciado. O mesmo acontece em (18b), uma vez que o signo linguístico complexo *cair um pé-d'água*, com o sentido de *chover*, é mais difundido no Brasil e, assim, pertencente a um número maior de comunidades linguísticas. Tal expressão está dicionarizada por Aulete (2019) como uma “chuva repentina e intensa, mas pouco demorada” e é classificada como uma expressão brasileira. Desse modo, ainda que empregada por falantes brasileiros de regiões diferentes, certamente não haveria problemas na transmissão da informação e no estabelecimento da comunicação.

Porém, o signo linguístico complexo *cair o cacau*, em (18c), também com o sentido de *chover*, é proveniente do estado da Bahia e, por essa razão, é suscetível de acarretar dificuldades de interpretação por um receptor paulista, por exemplo, que desconheça o seu significado convencional. Acreditamos que, tendo sido a Bahia uma das grandes áreas produtoras de cacau do Brasil, a chuva era sinônimo de uma colheita farta e, talvez por isso, a associação entre *cair a chuva* e *cair o cacau* tenha motivado a criação do signo linguístico complexo, o qual está registrado no *Dicionário de Baianês* (Lariú, 2013, p. 24).

No que tange ao segundo contexto capaz de gerar um ato comunicativo não ideal, ou seja, aquele que acontece entre falantes estrangeiros, percebe-se que muitos teóricos já demonstraram estar conscientes de tal fenômeno (Gross, 1996;

---

<sup>76</sup> Doravante, faremos referência aos signos linguísticos complexos formados por unidades lexicais apenas por *signo linguístico complexo*, já que aqueles formados por elementos gramaticais não interessam à nossa pesquisa.



Tagnin, 2013; Monteiro-Plantin, 2014; González-Rey, 2015, 2021 dentre outros). Contudo, ainda que seja incontestável a existência de uma dificuldade de compreensão, por falantes não nativos, do repertório lexical de uma determinada língua, não há nenhum estudo aprofundado, que tenhamos conhecimento, dedicado à análise e entendimento das razões que, possivelmente, a promovam.

Os ruídos de comunicação, em situações como essa, decorrem, a nosso ver, da má interpretação, feita por um interlocutor estrangeiro, dos signos linguísticos complexos utilizados por um locutor nativo, seja no âmbito oral, seja no âmbito escrito, visto que “um importante problema relacionado ao léxico é o do aprendizado tanto do vocabulário de uma primeira, como do vocabulário de uma *segunda língua*” (Biderman, 1996, p. 28, grifo nosso). Acreditamos que tais dificuldades de compreensão ocorram em, ao menos, quatro níveis: i) nível semântico; ii) nível sintático; iii) pragmático; iv) nível formativo.

O nível semântico refere-se, sobretudo, ao caráter idiomático dos signos linguísticos complexos. Como veremos na próxima seção, os signos linguísticos complexos podem ser semanticamente transparentes, ou seja, quando as unidades lexicais que as compõem têm significados ordinários, de fácil compreensão no falar corrente, ou semanticamente opacos, quando seu significado não está diretamente ligado ao de cada lexia, mas sim da sua totalidade. Para um falante estrangeiro, a dificuldade de compreensão se dá porque, ainda que ele conheça, em separado, cada uma das lexias que constituem o signo linguístico complexo e compreenda o sentido habitualmente empregado por elas, ele não compartilha da carga histórica e cultural que a expressão tem em si e, portanto, é incapaz de decodificá-la de imediato e na sua globalidade.

O nível sintático diz respeito ao caráter polilexical e ao caráter fixo dos signos linguísticos complexos. Tais características determinam que, embora compostos por mais de uma lexia, esse tipo de signo linguístico deve se movimentar na frase de maneira relativamente rígida, operando em blocos, apresentando a mesma distribuição sintática que as lexias simples, tal como informa Gross (1996, p. 28, tradução nossa):

Os nomes compostos têm as mesmas funções sintáticas que os substantivos simples, mas, do ponto de vista de sua estrutura interna, apresentam essa contradição, de que funcionam como uma unidade,

embora sejam constituídos de vários elementos lexicais, quer seu significado seja transparente ou opaco<sup>77</sup>.

Em vista disso, para um falante estrangeiro, a dificuldade de compreensão consiste em delimitar o início e o fim dos signos linguísticos complexos, assim como a função sintática que eles ocupam na frase, tal como exposto nas sentenças em (19):

- (19) a João *morreu* com 95 anos.  
 b João *passou desta para a melhor* hoje.  
 c João *bateu as botas* em um acidente de carro.  
 d João *bateu a caçoleta* inesperadamente.  
 e João *abotoou o paletó* faz três anos.

É provável que, para um falante nativo do português, esteja patente que as mensagens nas sentenças em (19) tenham o mesmo objetivo: dar informações sobre a morte de João. Contudo, para um falante estrangeiro, eventualmente, apenas a sentença em (19a) esteja clara, visto que é semanticamente composicional. Para além da não composicionalidade presente nas sentenças em (19b), (19c), (19d) e (19e), determinar a dimensão dos signos linguísticos complexos pode não ser tão evidente para um receptor não nativo, uma vez que não há limites concretos para a sua extensão, tampouco um padrão para a sua ocorrência: a expressão em (19b) possui, por exemplo, quatro lexias, já as expressões em (19c) e (19d) três. Na expressão em (19c), o determinante e o substantivo estão no plural, ao contrário de (19d), que os apresenta no singular, assim como em (19e). O Quadro 10 indica a delimitação da função sintática dos elementos em (19).

**Quadro 10** - Delimitação sintática das sentenças em (19)

Sujeito	Verbo	Objeto/complemento
João	morreu	com 95 anos.
João	passou desta para a melhor	hoje.
João	bateu as botas	em um acidente de carro.
João	bateu a caçoleta	inesperadamente.
João	abotoou o paletó	há três anos.

Fonte: elaborado pelo autor

<sup>77</sup> No original: *Les noms composés ont les mêmes fonctions syntaxiques que les noms simples mais, du point de vue de leur structure interne, ils présentent cette contradiction qu'ils fonctionnent comme une unité, alors qu'ils sont constitués de plusieurs éléments lexicaux, que leur sens soit transparent ou opaque.*

Considerando que, em língua portuguesa, “é SVC [Sujeito, Verbo e Complemento/Objeto] a ordem básica dos constituintes” (Ribeiro, 1992, p. 64), observa-se, a partir do Quadro 10, que os signos linguísticos complexos *passar desta para a melhor*, em (19b), *bater as botas*, em (19c), *bater a caçoleta*, em (19d), ou *abotoar o paletó*, em (19e), ocupam sempre a posição do verbo. Por essa razão, ainda que polilexicais, tais signos, devido à rigidez interna das lexias, se movimentam na frase sempre em conjunto, de acordo com a posição sintática que ocupam. A língua portuguesa licencia o deslocamento do objeto para o início da frase, seguido de vírgula, isto é, OSV. Ainda assim, a posição dos signos linguísticos complexos permanece na função de verbo, do contrário, a frase seria considerada agramatical.

**Quadro 11** - Gramaticalidade sintática das expressões idiomáticas em (19)

<b>Objeto/Complemento</b>	<b>Sujeito</b>	<b>Verbo</b>
Com 95 anos,	João	morreu.
Hoje,	João	passou dessa para melhor.
Em um acidente de carro,	João	bateu as botas.
Inesperadamente,	João	bateu a caçoleta.
Há três anos,	João	abotoou o paletó.

Fonte: elaborado pelo autor

Nos exemplos apresentados no Quadro 11, o descolamento dos signos linguísticos complexos *passar dessa para melhor*, *bater as botas*, *bater a caçoleta* e *abotoar o paletó* acompanham o movimento do verbo *morrer*. Por esse motivo, a gramaticalidade das sentenças é preservada.

A língua francesa apresenta características sintáticas semelhantes às do português. O verbo *mourir* (morrer) pode ser substituído pelos signos linguísticos complexos *passer l'arme à gauche* ou *casser sa pipe*, como o exposto no Quadro 12.

**Quadro 12** - Exemplificação da função sintática em língua francesa

<b>Sujeito</b>	<b>Verbo</b>	<b>Objeto/complemento</b>
Jean	est mort	aujourd'hui.
Jean	a passé l'arme à gauche	aujourd'hui.
Jean	a cassé sa pipe	aujourd'hui.

Fonte: elaborado pelo autor

Se traduzidas literalmente, as sentenças de língua francesa, apresentadas no Quadro 12, teriam as seguintes equivalências em português: *João morreu hoje*, *João passou a arma à esquerda hoje*, *João quebrou o seu cachimbo hoje*. Apenas a

primeira sentença pode ser analisada de forma composicional. As demais, se observadas igualmente de maneira composicional, isto é, desconsiderando seu caráter convencional, um receptor estrangeiro possivelmente as compreenderia sem muita dificuldade, porém a compreensão seria literal e não real ou verdadeira.

Se o interlocutor desconhece o uso fixo e convencional de cada um dos signos linguísticos complexos presentes no Quadro 12, não haveria como delimitar sua extensão: o primeiro é composto por seis lexias, ao passo que o segundo e o terceiro por quatro. Ademais, como se vê, mais uma vez o signo linguístico complexo assume uma determinada função gramatical em sua totalidade e, em consequência, ocupa a posição sintática correspondente a tal função dentro da sentença, independentemente da língua em uso. Nesse caso, os dois signos linguísticos complexos apresentados no Quadro 12 ocupam a posição verbal, qual seja *morrer*. Todos estão dicionarizados, em língua francesa, por Maire (2013, p. 14, 29, 77).

O nível pragmático se relaciona com a falta de equivalência entre línguas no que se refere ao uso contextual de certos signos linguísticos complexos. Em língua portuguesa, por exemplo, é uma prática socialmente aceita que, quando alguém espirra, se pronuncie o ato locucionário *saúde*, uma versão truncada de *te desejo saúde*, com o propósito de realizar um ato ilocucionário expressivo desejando bem-estar à pessoa que espirrou. No entanto, essa expressão não tem um equivalente direto na língua francesa, onde é esperado que seja proferida a expressão *à tes souhaits* (aos teus desejos, em tradução literal para o português). Portanto, é possível que um falante não nativo da língua francesa, que desconheça os rituais pragmáticos dessa comunidade linguística, tenha dificuldade em entender a mensagem proferida quando alguém espirra. Da mesma forma, inversamente, um francês que esteja aprendendo o português como língua estrangeira e que use o signo linguístico complexo *aos teus desejos* como um calque de sua língua materna quando alguém espirra não será compreendido por um falante nativo de português que desconheça as regras semântico-pragmáticas da cultura francesa.

Por fim, o nível formativo corresponde a não equivalência tradutológica entre línguas. Isto é, o signo linguístico complexo do francês, por exemplo, não corresponde diretamente, em níveis de tradução, a um equivalente igualmente complexo em português. Em outras palavras, um signo linguístico complexo de língua francesa pode corresponder a uma lexia simples em língua portuguesa, ou vice-versa, como o exposto no Quadro 13, a título de exemplificação.

**Quadro 13** - Exemplificação da não equivalência tradutológica entre línguas

Francês	Português
<i>Lingette</i>	Lenço umedecido
<i>Torchon</i>	Pano de prato
<i>Fruit de la passion</i>	Maracujá
<i>Serviette hygiénique</i>	Absorvente

Fonte: elaborado pelo autor

Como se vê no Quadro 13, não há uma equivalência tradutológica direta entre entidades lexicais do francês e do português. O signo linguístico de língua francesa *lingette*, por exemplo, expressa o sentido de um pequeno lenço de celulose que é impregnado com uma solução desinfetante e que serve para a higienização corporal, geralmente utilizada em bebês, que é descartável após o uso. Em tradução livre, pode ser traduzida em português por meio do signo linguístico complexo *lenço umedecido*.

Fenômeno semelhante acontece com o signo linguístico simples *torchon*, também de língua francesa, que encontra equivalência em português a partir do signo linguístico complexo *pano de prato*. Por outro lado, os signos linguísticos complexos de língua francesa *fruit de la passion* e *serviette hygiénique* não possuem equivalência direta em língua portuguesa, sendo traduzidos por intermédio dos signos linguísticos simples *maracujá* e *absorvente*, respectivamente.

A partir de tal constatação, acreditamos que a dificuldade de compreensão de determinados signos linguísticos complexos se dê pelo fato de os interlocutores estrangeiros buscarem, na outra língua, equivalências exatas que correspondam ao repertório lexical de seus próprios sistemas linguísticos. Tal fenômeno poderia acontecer tanto na codificação, quando o falante é estrangeiro, como na decodificação, quando o ouvinte é estrangeiro.

Tendo em vista que em diálogos interativos, quando ambos os participantes da comunicação estabelecem a conversação em tempo real, seja por voz, seja por meio de textos via internet (aplicativos, salas de bate-papo e outros), o receptor tem a oportunidade de manifestar ao locutor seu não entendimento da mensagem e, assim, solicitar a reformulação da informação, sanando a má interpretação dos signos linguísticos complexos. No entanto, no que tange à competência puramente leitora, por se tratar de uma ação solitária, os meios de reparação das dificuldades de compreensão se encontram, tradicionalmente, nos dicionários, sejam eles gerais ou especializados, em formato físico ou eletrônico.

Contudo, ainda com base em pesquisas precedentes (Sampaio; Ribeiro, 2021c), observamos que alguns signos linguísticos complexos de língua francesa ganharam certa atenção dos dicionários bilíngues e especializados mais difundidos no Brasil. Porém, a maioria ainda não possui registros concisos em tais obras lexicográficas. Assim sendo, acreditamos também ser essa uma das causas de dificuldades de compreensão dos signos linguísticos complexos em língua estrangeira, especialmente no que diz respeito àqueles presentes em textos ditos autênticos, isto é, aqueles que não foram escritos para fins pedagógicos, mas para servir a uma demanda sociocultural de uma comunidade nativa da língua.

Em resumo, as dificuldades de tradução direta de uma língua a outra ocasionam problemas de compreensão porque

ao aprender uma língua estrangeira, precisamos, portanto, conhecer um número mínimo de palavras para expressar nossas ideias, mas, devido ao não isomorfismo das línguas, duas palavras em duas línguas diferentes dificilmente indicarão o mesmo objeto ou conceito. Se, para qualquer palavra, for possível distinguir dois tipos de significado, denotativo e conotativo, existem palavras ou grupos de palavras que carregam mais implicações culturais do que outras<sup>78</sup> (Carlo, 1995, p. 77, tradução nossa).

Ainda nesse sentido, Mogorrón Huerta (2012) ao debater sobre as dificuldades de tradução e compreensão de signos linguísticos complexos portadores de forte conteúdo histórico e cultural afirma que

é ainda mais difícil conhecer e entender o significado das UFs [dos signos linguísticos complexos] com conteúdo cultural, dado às referências muito específicas a uma parte da história ou ao contexto cultural dessa comunidade. Com efeito, o conhecimento desse contexto cultural comum à comunidade, que possui conteúdos intersemióticos, linguísticos e culturais e que, não devemos esquecer, está ancorado na memória coletiva de cada sociedade, é indispensável para poder entender a globalidade da mensagem<sup>79</sup> (Mogorrón Huerta, 2012, p. 85-86, tradução nossa).

---

<sup>78</sup> No original: *lors de l'apprentissage d'une langue étrangère, nous avons donc besoin de connaître un nombre minimum de mots pour exprimer nos idées, mais, du fait du non isomorphisme des langues, deux mots dans deux langues différentes, indiqueront difficilement le même objet ou concept. Si, pour n'importe quel mot, il est possible de distinguer deux types de signification, dénotative et connotative, il existe des mots ou groupes de mots qui sont plus que d'autres porteurs d'une implication culturelle.*

<sup>79</sup> No original: *Il est encore plus difficile de connaître et de comprendre le sens des UFs à contenu culturel étant données les références bien spécifiques à une partie de l'histoire, ou du fonds culturel de cette communauté. En effet, la connaissance de ce fonds culturel commun à la communauté qui contient des contenus intersémiotiques, linguistiques et culturels et qui ne l'oublions pas est ancré dans la mémoire collective de chaque société est indispensable pour pouvoir comprendre la globalité du message.*

Portanto, podemos afirmar de maneira precisa que a tradução evidencia não apenas o conteúdo cultural dos signos linguísticos complexos, como também a sua funcionalidade semântica e pragmática o que, por sua vez, demonstra a fixação e convencionalidade do conjunto lexical de uma língua.

### 3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO

Em síntese, ao longo desta seção, delimitamos a relação existente entre a capacidade inata à espécie humana em adquirir linguagem e o desenvolvimento da cultura. Nossa análise destacou que o desenvolvimento da linguagem simbólica foi um dos principais veículos para a criação e a perpetuação da cultura e que, reciprocamente, a cultura exerce um papel indispensável para o estabelecimento da comunicação.

Ademais, ficou patente que a linguagem não é uma entidade isolada, mas uma prática cultural, visto que as convenções culturais de uma determinada comunidade linguística representam dois terços do processo comunicativo humano, a saber, a competência extralinguística e a competência pragmática.

No que tange ao aspecto lexical, identificamos três instâncias linguísticas que permeiam os processos comunicativos: a semântica, responsável pela atribuição de significado, a pragmática, que regula o uso contextual da linguagem, e a tradução, que, além de servir como ponte entre as diversas línguas e culturas, evidencia o caráter idiomático de determinadas construções léxicas, as quais são linguística e culturalmente convencionalizadas, considerando que “a semântica estuda a relação dos signos com os objetos aos quais se referem e a pragmática trata da relação dos signos com seus usuários e de como estes os interpretam e os empregam” (Silva Júnior, 2021, p. 105).

Em termos semânticos, por exemplo, a noção de implicatura influencia diretamente na compreensão do repertório lexical da língua, ao condicionar quais lexias podem acompanhar outras em determinadas construções léxicas, tal como ocorre com a lexia *banana* que implica a seleção de lexias como *cacho*, *penca* ou *dúzia*. Isso evidencia como a relação semântica entre lexias é fundamental na linguagem, tornando a escolha lexical uma parte essencial da comunicação.

Por outro lado, a Pragmática desempenha um papel igualmente importante na determinação da escolha lexical, pois considera o contexto e a intencionalidade do

uso da linguagem. Isso assegura que um ato de fala alcance seu objetivo de comunicação de maneira eficaz, ampliando ainda mais a compreensão do repertório lexical da língua.

No que compete à comunicação entre falantes de uma mesma língua provenientes de distintas comunidades ou entre falantes de línguas estrangeiras, é perceptível a presença de ruídos comunicativos. Isso ocorre devido às diferenças culturais que permeiam a compreensão linguística de uma região para outra ou de uma língua para outra. Além disso, no âmbito da tradução, nem sempre é viável encontrar uma equivalência lexical exata entre as línguas envolvidas. Isso, por um lado, dificulta o estabelecimento da comunicação, mas, por outro, revela o caráter idiomático, fixo e convencional do repertório lexical.

Os signos linguísticos complexos, construídos unicamente a partir de signos lexicais, em oposição aos signos gramaticais, discutidos na seção anterior, manifestam convenções linguísticas e culturais restritas, lhes conferindo um grau de complexidade que representa um desafio para a compreensão entre diferentes línguas. É justamente a esse conjunto particular de lexias que direcionaremos nosso foco na próxima seção. Exploraremos mais a fundo as nuances que envolvem essas construções linguísticas.



#### 4 FRASEOLOGIA: O FENÔMENO DA FIXIDEZ LINGUÍSTICA

Como discutido na segunda seção deste trabalho, a língua, enquanto sistema, é concebida através de diversas dicotomias, dentre as quais se encontra a oposição imutabilidade vs. mutabilidade do signo (Saussure, 2006 [1916], p. 85). Ao tratar desse tema, o autor discorre sobre questões inerentes às características definidoras e operacionais do sistema linguístico no que compete à sua estabilidade sincrônica dentro de uma dada comunidade linguística e à sua instabilidade diacrônica<sup>80</sup>. Para o autor, a língua necessita, obrigatoriamente, ser estável no que diz respeito às leis linguísticas – regras lexicais, fonéticas, fonológicas, morfossintáticas e pragmáticas que regem a língua em questão – para que a comunicação seja possível entre os utentes que a compartilham num dado recorte espaço temporal. Por outro lado, é natural que as línguas se modifiquem ao longo do tempo, visto que “uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante” (Saussure, 2006 [1916], p. 90).

A língua é imutável tendo em vista os seguintes critérios: i) o caráter arbitrário do signo; ii) a multidão de signos necessários para constituir qualquer língua; iii) o caráter demasiado complexo do sistema; iv) a resistência da inércia coletiva à toda renovação linguística. A arbitrariedade do signo linguístico pode ser compreendida de duas formas: primeiramente, tendo como referência a relação entre os elementos formadores do signo, visto que “o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (Saussure, 2006 [1916], p. 83). Não há nenhuma razão lógica para que a imagem acústica *papel*, por exemplo, esteja associada ao conceito de *um material fino e flexível fabricado a partir de fibras vegetais e usado para escrever, imprimir ou embalar coisas* (Aulete, 2023). Essa associação é puramente arbitrária, imposta pela língua. Se o mesmo conceito estivesse associado à imagem acústica *bola* (ou outra qualquer) tal signo linguístico exerceria exatamente a mesma finalidade na língua, sem comprometer em nada a sua funcionalidade.

---

<sup>80</sup> Estudos posteriores aos de Saussure (2006 [1916]) sobre variação linguística, em especial aqueles desenvolvidos pela Sociolinguística e pela Dialetologia, apontam que não é apenas diacronicamente que as línguas são instáveis, visto que ela também é variável sincronicamente, quando duas ou mais ocorrências linguísticas coexistem no mesmo recorte de espaço e tempo, concorrendo entre si (Tarallo, 1986; Cardoso, 2010).

Em segundo plano, tomando como referência o uso do signo linguístico, a arbitrariedade se faz presente porque, de um lado, a escolha de emprego do signo dentro de uma determinada comunidade linguística é igualmente imposta e porque, de outro, a comunidade não consegue, voluntariamente, modificar o signo. Esse nível de arbitrariedade está fundamentado no fato de que um signo linguístico não pode nunca ser substituído por outro<sup>81</sup>, razão pela qual cada signo está atado à língua tal como é, exercendo assim, arbitrariamente, uma tríplice relação: significante, significado e uso. Por isso,

um indivíduo não somente seria incapaz, se quisesse, de modificar em qualquer ponto a escolha feita [de um determinado signo], como também a própria massa [a comunidade de falantes] não pode exercer sua soberania sobre uma única palavra (Saussure, 2006 [1916], p. 85).

Os demais critérios que contribuem para a imutabilidade da língua estão, de certo modo, interligados. Devido à multidão de signos que são necessários para constituir uma língua<sup>82</sup> e ao caráter demasiado complexo do sistema que a opera, independentemente do nível linguístico em que a operação é feita (fonético, fonológico, semântico, lexical, morfossintático e pragmático), a língua necessita estar encerrada em uma série de relações fixas que garantam o seu bom funcionamento. Tais relações, ou leis linguísticas, estão convencionalmente fixadas na comunidade linguística de tal modo que a quebra de qualquer uma delas gera estranheza ao falante, que tende a preservar a língua tal como é no presente, com base no que foi no passado, mantendo certa tradição, tendo em vista que “a língua, de todas as instituições sociais, é a que oferece menos oportunidades às iniciativas” (Saussure, 2006 [1916], p. 88) de alteração. As regras linguísticas precisam estar consolidadas dentro da comunidade de falantes por tempo suficiente para que a convencionalidade seja efetivada, sem a qual a comunicação seria impossível de ser estabelecida. É a continuidade do cumprimento das regras linguísticas do passado até o presente, e a sua permanência no presente, que garante a compreensão entre os falantes.

---

<sup>81</sup> Não se considera aqui o conceito de sinonímia, dado que, para a teoria saussuriana, os signos linguísticos são sempre únicos. Em se tratando de sinônimos, embora o significado seja aproximativamente o mesmo, o significante será outro, originando, portanto, um novo signo linguístico.

<sup>82</sup> Além das infinitas combinações que o utente é capaz de fazer entre os signos para formar sentenças, graças à criatividade linguística do falante (Chomsky, 1980, 1994).

A inércia da massa social perante a formação do signo linguístico e ao seu uso, bem como diante das leis que se impõem ao funcionamento da língua, gera certa resistência por parte do utente para com a renovação linguística, posto que

se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade [isto é, da convenção], mas também porque está situada no tempo. Ambos os fatos são inseparáveis. A todo instante, a solidariedade com o passado [na tentativa de manter uma tradição] põe em xeque a liberdade de escolher (Saussure, 2006 [1916], p. 88).

atestando, assim, a imutabilidade da língua.

Em contrapartida, Saussure (2006 [1916], p. 89) constata que o tempo exerce uma ação dupla, e de certo modo contraditória, na língua. Se de um lado ele assegura a sua continuidade, através da manutenção arbitrária da tradição linguística, contribuindo para a fixidez da língua, tendo em vista que “a qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja, a língua aparece sempre como uma herança da época precedente” (Saussure, 2006 [1916], p. 85)<sup>83</sup>, de outro ele favorece a alteração, seja a longo ou a curto prazo, dos signos linguísticos. Desse modo, o sistema linguístico, embora fixo, e por isso imutável, é naturalmente, e involuntariamente, mutável em sua continuidade temporal, como se constata empiricamente ao observar a evolução das línguas naturais (Mattos e Silva, 2008). Em outros termos, “a língua se transforma sem que os indivíduos possam transformá-la. Pode-se dizer também que ela é intangível, mas não inalterável” (Saussure, 2006 [1916], p. 89).

A dualidade e contraditoriedade do sistema linguístico no que diz respeito à sua perenidade no tempo é observada também por Bally (1944, p. 18, tradução nossa, grifo nosso), ao sintetizar que

as línguas mudam constantemente e só podem funcionar senão não mudando. A cada momento de sua existência elas são o produto de um equilíbrio transitório. Esse equilíbrio é, portanto, o resultado de duas forças opostas: a tradição, que atrasa a mudança, a qual é incompatível com o uso regular de um idioma, e, por outro lado, as tendências ativas, que empurram esse idioma em uma direção determinada [que culminam na modificação da língua]. Ora, a força da

---

<sup>83</sup> Estudos posteriores aos de Saussure (2006 [1916]) se dedicaram a melhor compreender o processo de transmissão de línguas entre gerações (Chomsky, 1980, 1994). Na seção 6 discutiremos sobre esse tema com mais profundidade.

tradição é ela mesma proporcional à unidade da língua. Quanto mais a unidade da língua é uma só, mais ela tende a se **fixar**.<sup>84</sup>

Ainda que “o normal, o que caberia esperar, seria [fosse] que a língua não mudasse” (Coseriu, 1979, p. 15, 16), visto que a imutabilidade linguística contribui para que a língua permaneça fixa em seu recorte sincrônico, garantindo, assim, que a comunicação entre os seus utentes seja possível, a mutabilidade linguística, perceptível a partir de uma análise diacrônica da língua, permanece um traço inerente ao sistema linguístico que a comunidade de falantes é incapaz de evitar.

Por essa razão, entender por que e como as línguas mudam e variam se tornou, historicamente, uma das principais fontes de investigação da Linguística enquanto ciência. Ao longo das últimas décadas, diversas abordagens metodológicas foram adotadas, configurando-se em ramificações da Linguística, de acordo com o recorte observacional aplicado à língua ou com a temporalidade, se diacrônica ou sincrônica, quer seja através da Linguística Histórica, a qual busca

interpretar mudanças – fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais – ao longo do tempo histórico, em que uma língua ou uma família de línguas é utilizada por seus utentes em determinável espaço geográfico e em determinável território, não necessariamente contínuo (Mattos e Silva, 2008, p. 8)

com base em *corpora* constituídos por textos escritos, datados e localizados, que integram “a base documental que sustenta a reconstrução dos processos evolutivos sofridos pela língua na sua trajectória ao longo do tempo” (Maia, 2012, p. 541) e que são previamente tratados pela Filologia. Quer seja através da Linguística Gerativa, que compreende o fenômeno da mudança como uma sucessão de substituições de gramáticas, internas ao falante, de uma geração à outra (Paixão de Sousa, 2006; Pinto, 2011). Ou por meio da Sociolinguística, que analisa e sistematiza as variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala (Tarallo, 1986, p. 6). Ou ainda por intermédio da Dialectologia, a qual tem por tarefa “identificar, descrever e situar os

---

<sup>84</sup> No original: *les langues changent sans cesse et ne peuvent fonctionner qu'en ne changeant pas. A chaque moment de leur existence, elles sont le produit d'un équilibre transitoire. Cet équilibre est donc la résultante de deux forces opposées : la tradition, qui retarde le changement, lequel est incompatible avec l'emploi régulier d'un idiome, et d'autre part les tendances actives, qui poussent cet idiome dans une direction déterminée. Or, la force de la tradition est elle-même proportionnelle à l'unité de la langue. Plus celle-ci est une, plus elle tend à se fixer.*

diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (Cardoso, 2010, p. 15).

O léxico das línguas naturais, por pertencer ao sistema linguístico e estar, portanto, subordinado às suas regras de funcionamento, também é afetado pelas propriedades da imutabilidade e da mutabilidade. Isso porque

no processo de aquisição da linguagem o Léxico é o domínio cuja aprendizagem jamais cessa, durante a vida toda do indivíduo. A incorporação paulatina do Léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da Realidade e de categorização da experiência, através de signos lingüísticos [...]. A percepção, a concepção e a interpretação dessa Realidade são registradas e armazenadas na memória, através de um sistema classificatório que é fornecido ao indivíduo pelo Léxico (Biderman, 1978, p. 140).

Por essa razão,

o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico (Biderman, 1978, p. 139).

Um bom exemplo desse movimento de mutabilidade do léxico são as línguas artificiais<sup>85</sup>, quando estas fornecem lexias às línguas naturais, assim como os neologismos. Ao serem incorporados ao sistema natural, os novos signos linguísticos reagem às regras de funcionamento que governam tal sistema (Saussure, 2006 [1916], p. 91; Bally, 1944, p. 15). Esse também é o caso dos memes da internet materializados em suporte textual, os quais, embora conheçam um ciclo de vida mais curto que os neologismos que se consolidam na língua de forma tradicional, passam pelo mesmo processo de lexicalização e estão, portanto, sujeitos à imutabilidade linguística, isto é, tornam-se fixos na língua.

---

<sup>85</sup> Ao usar as línguas artificiais para retratar o movimento de mutabilidade da língua, Saussure traz como exemplo o esperanto, que, ao final do século XIX, estava em fase de maior sucesso na Europa (Zamenhof, 1887). Porém, outras línguas artificiais tais como o quenya, a língua dos elfos presente na série de literatura ficcional *O senhor dos anéis* e *O hobbit* (Tolkien, 2001 [1954], 2019 [1937]), por exemplo, forneceram vocábulos que foram introduzidos no léxico de línguas naturais, ainda que dentro da comunidade linguística restrita aos fãs da série, e passaram a integrar o repertório lexical em questão, obedecendo as regras de funcionamento da língua natural de acolhimento.

De modo geral, a lexicalização de novos signos linguísticos ocorre da seguinte maneira: i) o signo surge dentro de uma determinada comunidade linguística, sem que haja necessariamente uma motivação aparente; ii) é amplamente replicado dentro da comunidade; iii) graças à alta frequência de uso, torna-se convencionalmente fixo no que tange à sua estrutura sintática, ao seu valor semântico e ao seu emprego dentro de um contexto pragmaticamente preciso; iv) é lexicalizado na língua, ou seja, passa por um “processo através do qual novas entidades linguísticas - quer sejam simples ou complexas, ou simplesmente novos sentidos para palavras já existentes - são convencionalizados no nível do léxico” (Barreto, 2012, p. 408), sendo incorporadas ao inventário lexical da língua em questão; v) por razões diversas (questões culturais, políticas etc), torna-se obsoleto e cai em desuso.

Considerando o exposto até aqui, e tomando como base o postulado saussuriano quanto à dicotomia mutabilidade vs. imutabilidade, podemos concluir que as línguas naturais transitam em dois grandes eixos: de um lado, encontra-se tudo aquilo que é variável, sincrônica e diacronicamente; de outro, aquilo que é fixo sintática, semântica e pragmaticamente. Ao longo das últimas décadas, a atenção dos linguistas esteve voltada para o primeiro eixo, buscando compreender como e por que as línguas mudam ou variam.

Por outro lado,

O fenômeno fraseológico, por mais paradoxal que pareça, não recebeu a atenção que merece por parte das pesquisas em ciências da linguagem de forma geral, nem pelos lexicólogos em particular, até meados do século XX. Com exceção de algumas intuições muito pertinentes de Saussure, Sechehaye e Bally, os manuais e sínteses de lexicologia passaram em silêncio quanto a esse fenômeno que, devido à sua complexidade, vai além do fato lexical. Apenas os lexicógrafos reservaram-lhe certo espaço em seus dicionários, provando assim que é um fenômeno inevitável<sup>86</sup> (Mejri, 2011a, p. 112, tradução nossa).

É somente a partir da segunda metade do século XX, após o advento das novas tecnologias, notadamente do Tratamento Automático de Línguas (TAL), que o olhar

---

<sup>86</sup> No original: *Le fait phraséologique, aussi paradoxal que cela puisse paraître, n'a pas bénéficié de l'attention qu'il mérite par la recherche en sciences du langage d'une manière générale ou des lexicologues en particulier, et ce jusqu'à la moitié du xxe siècle. À l'exclusion de quelques intuitions très pertinentes chez Saussure, Sechehaye et Bally, les manuels et les traités de lexicologie ont passé sous silence ce phénomène qui, de par sa complexité, dépasse de loin le fait lexical. Seuls les lexicographes lui ont réservé une certaine place dans leurs dictionnaires, prouvant par là que c'est un phénomène incontournable.*

para o segundo eixo, quer dizer, para a fixidez das línguas, ganha força entre os linguistas ocidentais (Mejri, 2011a; González-Rey, 2021), abrindo espaço para uma nova forma de compreensão do léxico: a Fraseologia.

Os primeiros trabalhos em TAL foram desenvolvidos na primeira metade da década de 1950, durante a Guerra Fria, na tentativa de realizar traduções automáticas entre a língua russa e a inglesa (Tanguy, 1997). Tais experimentos revelaram o caráter ambíguo de determinadas entidades léxicas, especialmente no que compete aos signos linguísticos complexos, devido ao caráter polilexical e polissêmico de algumas construções (Mejri, 2018a). Isto porque

o recorrente aparecimento de frequentes combinações de palavras pôs em questionamento a liberdade de que, teoricamente, os falantes gozam na construção do discurso. Embora o falante vá formando suas frases livremente, há muito de automático e inconsciente nesse processo. Nem todas as combinações de palavras são totalmente livres, já que existe uma grande quantidade de blocos pré-fabricados que são usados na construção do discurso<sup>87</sup> (Corpas Pastor, 96, p. 15, tradução nossa).

Dessa forma,

a incidência de uma percepção concreta se impõe [se impôs] cada vez mais no próprio seio da prática languageira: a presença de uma **combinação fixa** que se manifesta em relação a uma linguagem frequentemente definida como um sistema articulado de signos arbitrários, livremente combináveis no eixo sintagmático segundo regras gramaticais precisas<sup>88</sup> (González-Rey, 2021, p. 16, tradução e grifos nossos).

Como já discutido, trata-se de uma fixação arbitrária, estabelecida pelo uso. Dito de outra forma, a relação mutabilidade vs. imutabilidade, ou seja, variação e mudança vs. fixidez, revela a existência, entre as línguas naturais, do fenômeno fraseológico, tendo em vista que

<sup>87</sup> No original: *La extensa aparición de combinaciones frecuentes de palabras ha puesto en tela de juicio la libertad de la que, teóricamente, gozan los hablantes en la construcción del discurso. Aunque el hablante vaya formando sus frases libremente, hay mucho de automático e inconsciente en dicho proceso. No todas las combinaciones de palabras son enteramente libres, ya que existen una gran cantidad de bloques prefabricados que se usan en la construcción del discurso.*

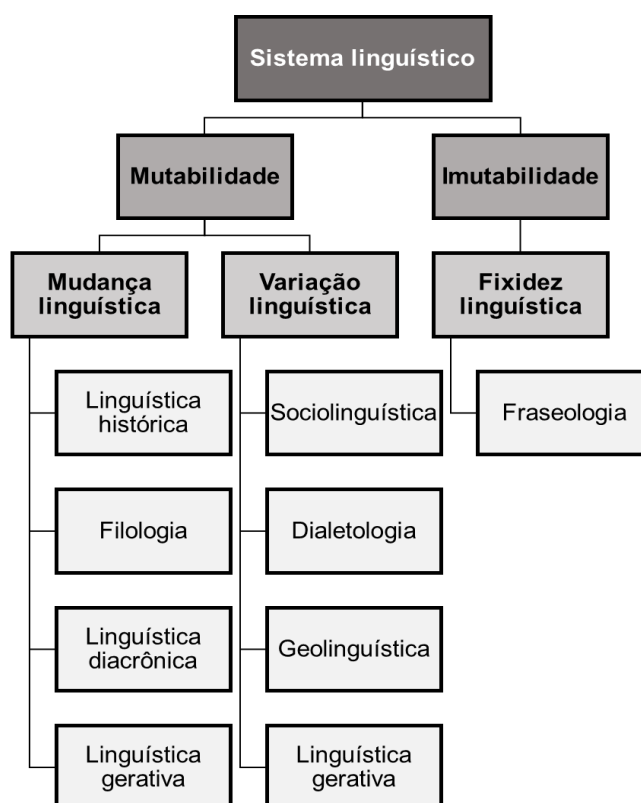
<sup>88</sup> No original: *L'incidence d'une perception concrète s'impose de plus en plus au sein même de la pratique langagière : la présence d'une combinatoire fixe qui se manifeste par rapport à une langue définie normalement comme système articulé de signes arbitraires, librement combinable sur l'axe syntagmatique d'après des règles grammaticales précises.*

os argumentos tradicionais nos quais os linguistas se apoiam para definir a fraseologia repousam sobre as seguintes dicotomias: combinatória livre de palavras vs **combinatória fixa**, sintaxe viva de uma língua vs **sintaxe fixa**, construções regulares vs construções irregulares, caráter produtivo das combinações livres vs natureza improdutiva das **combinações fixas**<sup>89</sup> (González-Rey, 2021, p. 16-17, tradução nossa).

A fraseologia é, portanto, o resultado do processo de fixação, sofrido por uma língua natural ao longo do tempo, que culminou na lexicalização de uma determinada sequência sintagmática, deslocando-a de uma posição combinatória livre para uma posição combinatória rígida<sup>90</sup>, fornecendo, assim, blocos linguísticos que integram o léxico da língua e que atuam como signos linguísticos independentes.

O organograma exposto na Figura 13 sintetiza a questão.

**Figura 13** - Sistematização da dicotomia saussuriana Mutabilidade vs. Imutabilidade



Fonte: elaborado pelo autor

<sup>89</sup> No original: *Les arguments traditionnels sur lesquels s'appuient les linguistes pour définir la phraséologie reposent sur les dichotomies suivantes : combinatoire libre de mots vs combinatoire fixe, syntaxe vivante d'une langue vs syntaxe figée, constructions régulières vs constructions irrégulières, caractère productif des combinaisons libres vs caractère improductif des combinaisons figées.*

<sup>90</sup> Os diferentes níveis de fixação das unidades lexicais serão melhor discutidos na subseção 4.1.2.3.



Como se vê, o organograma exhibe os ramos da Linguística que têm como objeto observacional o caráter mutável ou imutável da língua. À esquerda estão as disciplinas que trabalham com a noção de mutabilidade, compreendida por duas vias: i) a mudança linguística, que engloba a Linguística Histórica, a Filologia, a Linguística Diacrônica e, em certa medida, a Linguística Gerativa e a Sociolinguística; ii) a variação linguística, que é observada pela Sociolinguística, pela Dialetologia, pela Geolinguística e também pela Linguística Gerativa. À direita do organograma, encontra-se a disciplina que trata do caráter imutável, isto é, de tudo aquilo que apresenta fixidez na língua, qual seja, a Fraseologia.

Ressaltamos, contudo, que a análise observacional exposta na Figura 13 não é categórica. Visto que a mutabilidade e a imutabilidade são características cruciais à existência de todos os signos linguísticos, a língua, enquanto sistema, é natural, contraditória e simultaneamente mutável e imutável. Entretanto, tal como foi previamente previsto por Saussure (2006 [1916]), percebemos que determinados ramos da Linguística se voltaram para uma investigação mais focalizada em um fenômeno ou outro da manifestação linguística.

No que compete à Fraseologia, ainda que, ao longo do tempo, determinadas UF passem pelo processo de variação e mudança, o foco principal dessa disciplina está em analisar o aspecto fixo, e, portanto, imutável, da língua. Dessa forma, a observação variacional da Fraseologia, quando realizada, baseia-se em uma análise interdisciplinar, como demonstraremos mais adiante. É o lado fixo da manifestação linguística que interessa a esta pesquisa e sobre o qual discorreremos ao longo desta seção.

#### 4.1 O ESTUDO DOS SIGNOS LINGUÍSTICOS COMPLEXOS

Como mencionado anteriormente, o signo linguístico proposto por Saussure (2006 [1916]) é construído com base em duas dicotomias: signo lexical vs. signo gramatical e signo elementar vs. signo complexo. Os signos complexos são aqueles formados pela fusão de um signo lexical com um signo gramatical, ou através da combinação de pelo menos dois signos lexicais que operam em bloco, como um único significante, de modo que reportam a um significado unitário, demonstrando certo grau de fixidez semântica, sintática e pragmática.

Tomando como ponto de partida o signo linguístico saussuriano, Pottier (1974, p. 266-268) amplia o conceito de signo linguístico complexo e faz as seguintes distinções: i) lexia simples; ii) lexia composta; iii) lexia complexa; iv) lexia textual.

A lexia simples corresponde ao signo linguístico lexical em seu sentido tradicional (como discutido na seção 2 desta tese), a exemplo de *caderno*, *através*, *sono*. A lexia composta é o resultado da manifestação formal de uma integração semântica entre duas ou mais lexias simples que podem ser separadas por hifens, como em *quebra-cabeça*, *micro-ondas* e *banho-maria*, ou por justaposição, tais como *paraquedas*, *passatempo* e *girassol*. Ainda que Pottier (1974) não tenha abordado casos de aglutinação, acreditamos que esse fenômeno lexical também deva ser classificado como sendo uma lexia composta, como nos exemplos de *boquiaberto* e *aguardente*.

A lexia complexa é uma sequência de lexias simples que passou pelo processo de lexicalização na língua. Como exemplo desse tipo de lexia, podemos citar *cara de pau*, *tal qual* e *papel toalha*. Segundo Pottier (1974), as siglas também são consideradas como lexias complexas. Esse é o caso de *PIB*, *LGBT*, *OMS*, entre outras. Por último, a lexia textual refere-se aos casos em que a lexia complexa ganha a dimensão de um enunciado ou de um texto, tendo como exemplo hinos nacionais, orações, adivinhações, provérbios e outros.

A Fraseologia é, portanto, o ramo da Linguística que trata de questões relativas ao fenômeno da fixidez lexical e que tem tradicionalmente como objeto de estudo os signos linguísticos complexos lexicais, quais sejam, as lexias compostas, complexas e textuais. Dito de outro modo, a Fraseologia pode ser definida como sendo a área de investigação dos estudos lexicais que analisa a formação, categorização e estruturação das combinações fixas de uma determinada língua, ou seja, o conjunto de unidades polilexicais que estão relacionadas em níveis semântico e sintático. Pela alta frequência de uso, tais unidades são convencionalmente empregadas em contextos pragmaticamente precisos e apresentam certo grau de idiomaticidade (Mejri, 1997, 2005, 2012, 2018b; Blanco Escoda; Mejri, 2018; González-Rey, 2015, 2021; Tagnin, 2013; Monteiro-Plantin, 2014, entre outros).

Embora o objeto de estudo da Fraseologia esteja relativamente bem delimitado no que diz respeito às suas características definidoras básicas, isto é, o fenômeno fraseológico em si, o mesmo não acontece quanto aos termos técnicos adotados ao longo da história para fazer referência a tal objeto, já que é possível encontrar na

literatura sobre Fraseologia uma terminologia bastante extensa e, por vezes, pouco científica para denominar o mesmo fato linguístico. Ainda que não sejam plenamente intercambiáveis, as ocorrências mais frequentes são: *expressão idiomática, figement, expressão fixa, sequência fixa, fraseologismo, unidade fraseológica, expressão figurada, perífrase, forma de falar, provérbio, locução verbal, máxima, ditado, expressões convencionais* entre outros (Tagnin, 2013; Mejri, 2017a).

Visto que o presente trabalho tem a pretensão de apresentar uma revisão bibliográfica ampla o suficiente para abarcar as principais teorias sobre Fraseologia atualmente em destaque, empregaremos ao longo de nossas reflexões o termo *unidade fraseológica* (UF) como um hiperônimo para denominar, de forma geral, todas as ocorrências do fenômeno. Acreditamos ser esse o termo que melhor abrange a manifestação fraseológica, tendo em conta que foi o primeiro historicamente empregado para descrever o fenômeno em questão (Bally, 1921, p. 66), mas também porque, na literatura atual sobre o tema, esse ainda é o termo majoritariamente adotado, salvo poucas variações. Contudo, uma tipologia das UF será adotada para esta pesquisa, a qual será explanada na próxima seção.

Tendo em vista que o aspecto fixo das línguas naturais foi por muito tempo ignorado pela comunidade linguística (Gross, 1996; Mejri, 1997, 2011a, 2017a, 2018a; González-Rey, 2015, 2021), houve muita divergência entre alguns teóricos quanto ao caráter disciplinar da Fraseologia. Para alguns, a Fraseologia é uma disciplina intermediária e, desse feito, está atrelada a outros ramos da Linguística. Tal posicionamento vem desde os primeiros trabalhos sobre o tema. Já em 1921, Bally (p. 75) faz menção à Fraseologia incluindo-a no rol dos estudos de Estilística. Em trabalhos mais recentes, por ser a Fraseologia um campo de investigação que se preocupa em analisar, ainda que em uma perspectiva mais restrita, a formação, categorização e estruturação lexical, tal qual à Lexicologia, a primeira é, por vezes, considerada como um ramo da segunda. Esse é o posicionamento de Corpas Pastor (1996), que se refere à Fraseologia como subdisciplina da Lexicologia. Xatara (2013a), também compartilha desse pensamento, ao declarar que

a Fraseologia é um ramo da Lexicologia, assim como a Fraseografia é um ramo da Lexicografia. Em outros termos, o léxico, que é o conjunto de palavras de uma língua, é estudado pela Lexicologia, mas as especificidades das palavras pluriverbais, ou unidades lexicais complexas, são estudadas pela Fraseologia (Xatara, 2013a, p. 48).

Em contrapartida, outros teóricos consideram a Fraseologia como “uma disciplina independente, relacionada a todos os níveis de análise linguística” (Monteiro-Plantin, 2014, p. 33). Essa é uma postura que tem origem nos trabalhos dos teóricos russos<sup>91</sup>, no início do século XX, os quais

reivindicaram para a Fraseologia o *status* de disciplina apoiando-se primeiramente no caráter léxico-sintático das unidades fraseológicas, o que as separa da Lexicologia, por um lado, e da Gramática, por outro, e que as torna um objeto de estudo por si só [independente]<sup>92</sup> (González-Rey, 2015, p. 30, tradução nossa, grifo da autora).

González-Rey (2015, p. 30, tradução nossa) continua a historicizar sobre o caráter disciplinar da Fraseologia informando que

outros argumentos em favor da autonomia da fraseologia buscam demonstrar que se trata de um domínio dotado não apenas de todas as características próprias de um sistema (sinonímia, antonímia, polissemia, homonímia e variações de sintagmas), mas também de todos os níveis de análise (fonética, morfologia, léxico e sintaxe).<sup>93</sup>

Compartilha desse posicionamento Mejri (2018a, p. 3, tradução nossa)<sup>94</sup> ao conceber que “a Fraseologia é um fenômeno central: falar uma língua é dominar sua fraseologia. No entanto, sua descrição e análise são tão complexas que envolvem praticamente todas as disciplinas”. Vilela (2002, p. 160, grifo nosso) também considera a Fraseologia como uma disciplina independente:

Passo a designar por fraseologia a **disciplina** que tem como objecto as combinações fixas (diria mesmo, congeladas) de uma dada língua, combinações que, no sistema e na frase, podem assumir a função e o significado de palavras individuais (ou lexemas).

Considerando que a Fraseologia dispõe de princípios teóricos bem definidos, quer dizer, objeto de estudo, metodologia observacional e metalinguagem própria; que

<sup>91</sup> Tais como Kunin (1970) e Vinogradov (1946) (*apud* González-Rey, 2015).

<sup>92</sup> No original: *ont revendiqué pour la phraséologie le statut de discipline en s'appuyant d'abord sur le caractère lexico-syntaxique des unités phraséologiques qui les sépare de la lexicologie d'une part, et de la grammaire d'autre part, et qui en fait un objet d'étude en soi.*

<sup>93</sup> No original: *D'autres arguments en faveur de l'autonomie de la phraséologie cherchent à démontrer qu'il s'agit d'un domaine pourvu non seulement de toutes les caractéristiques propres à un système (synonymie, antonymie, polysémie, homonymie, et variations des syntagmes), mais aussi de tous les niveaux d'analyse (phonétique, morphologie, lexicale et syntaxe).*

<sup>94</sup> No original: *La phraséologie est un phénomène central : parler une langue revient à maîtriser sa phraséologie. Mais sa description et son analyse sont tellement complexes qu'elles sollicitent pratiquement toutes les disciplines.*

tem como aplicabilidade o reconhecimento e a categorização do arcabouço fraseológico de uma língua para fins de estruturação do léxico em dicionários especializados, contribuição para o TAL assim como para o ensino e aprendizado de língua materna e estrangeira, além da valorização da criatividade linguística do falante como representação e perpetuação de saberes culturais de um povo, estamos de acordo com a premissa de que ela seja uma disciplina autônoma.

Ademais, com base nos estudos saussurianos discutidos até aqui, somos favoráveis à concepção da Fraseologia enquanto disciplina independente sob a seguinte argumentação: i) semelhante às demais Ciências do Léxico, a Fraseologia investiga a língua a partir de um ponto de vista específico; ii) o objeto teórico da Fraseologia corresponde ao signo linguístico saussuriano, ainda que em uma estrutura complexa; iii) outras disciplinas dialogam diretamente com a Fraseologia.

Ao idealizar as investigações sobre a língua e a relação de uma dada disciplina com o seu objeto laboral, Saussure (2006 [1916], p. 15, grifos nossos) salientou que

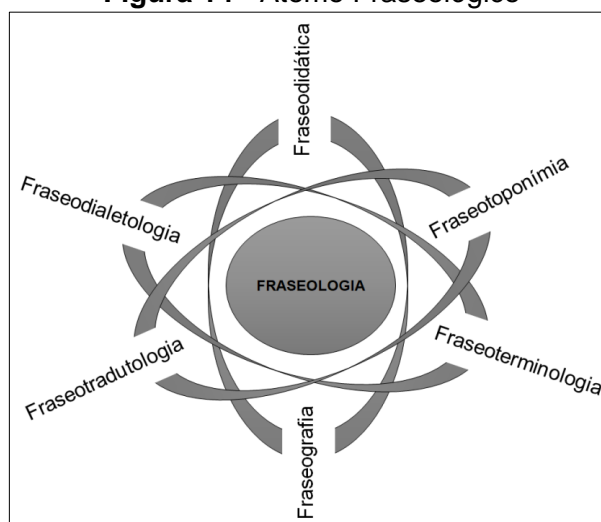
bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, **nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras [as múltiplas linguísticas] de considerar o fato em questão [a língua] seja anterior ou superior às outras.**

Portanto, Saussure (2006 [1916]) já previa que as diversas formas de observação da língua estariam todas no mesmo pé de igualdade e seriam, assim, merecedoras da mesma atenção e credibilidade. Além do mais, considerando que a fraseologia é parte integrante do léxico de uma língua e que o repertório linguístico do falante está ligado ao conceito de língua enquanto *langue*, isto é, a língua interiorizada, acreditamos que a Fraseologia faça parte da linguística dita dura, ou seja, aquela que se encontra no núcleo do átomo linguístico apresentado por Weedwood (2002) e reproduzido por nós na seção 2. Dessa forma, a Fraseologia pode ser analisada a partir de perspectivas que são, tradicionalmente, aplicadas a outras áreas do conhecimento, como a Lexicografia, a Terminologia ou a Didática, por exemplo.

Sendo assim, ao concebermos a Fraseologia como disciplina autônoma, nossa proposição é que ela constitua um átomo próprio, em conjunto com as outras disciplinas com as quais ela interage de forma interdisciplinar. Com base na representação atômica, exposta na Figura 14, a seguir, a Fraseologia estaria simbolizada pelo núcleo do átomo, ao passo que as diversas perspectivas de

observação e análise do seu objeto teórico comporiam a eletrosfera do átomo. Portanto, a nosso ver, a Fraseologia deve compor o rol das Ciências do Léxico ao lado da Lexicologia, da Lexicografia e da Terminologia.

**Figura 14 - Átomo Fraseológico**



Fonte: elaborado pelo autor.

Embora não seja nossa intenção apresentar uma lista exaustiva das aplicabilidades interdisciplinares da Fraseologia, sustentamos a amostra apresentada na eletrosfera do átomo fraseológico da Figura 14 com base nos diversos trabalhos que já vêm sendo desenvolvidos na área, a exemplo de: fraseodidática: González-Rey (2010, 2017, 2019a, 2019b, 2021), Albano (2019); fraseotoponímia: Marques (2017), Silva e Isquero (2020a, 2020b), Brandão e Sampaio (2023); Fraseoterminologia: Soumaya Mejri e Salah Mejri (2020), Delmond e Marques (2021); fraseografia: Tristá (1998), Olímpio de Oliveira Silva (2007), Penadés Martínez (2015), Polguère (2018b), Marques e Budny (2020); fraseotradutologia: Mogorrón Huerta e Mejri (2010, 2012), Mejri (2011a), Rodríguez (2021); fraseodialetoleologia: Aragão (2016, 2020), Paim, Sfar e Mejri (2018), Cardoso (2018).

#### **4.1.1 Breve história da Fraseologia**

Ao narrar a história da Fraseologia, tem-se como ponto de partida comum os primeiros trabalhos lexicográficos que tinham como finalidade registrar e catalogar as diversas formas de expressões ditas idiomáticas, isto é, que eram encaradas como

patrimônio cultural de uma determinada sociedade, tal qual destaca González-Rey (2015, p. 17, tradução nossa):

Em todas as línguas, as primeiras evidências de interesse em expressões fixas podem ser encontradas em coleções de provérbios, máximas e outras fórmulas gnômicas encarregadas de transmitir, ao longo dos séculos, uma sabedoria popular e universal.<sup>95</sup>

No tocante ao caráter popular por vezes posto à fraseologia de uma língua, Ortíz Alvarez e Unternbäumen (2011, p. 8) ressaltam que isso ocorre porque

muitas vezes as expressões fraseológicas são caracterizadas como populares em algumas línguas e culturas por não ser possível identificar o significado delas por meio do sentido literal das palavras que as compõem.

Contudo, é inegável a riqueza cultural da fraseologia de uma língua. Afinal,

as expressões idiomáticas<sup>96</sup> são o puro produto da dinâmica das línguas vivas. Elas são a marca dos diferentes usos dos falantes ao longo dos tempos, o lugar da memória das comunidades linguísticas, o assento das diferentes configurações que os conceitos podem ter, o suporte da visão de mundo compartilhada por todos os falantes e, por consequência, da identidade naquilo que ela tem de mais íntimo e mais comum<sup>97</sup> (Mejri, 2017a, p. 10, tradução nossa).

Talvez por esse motivo,

com o tempo, essas obras [coleções de provérbios, máximas e outras fórmulas gnômicas] incorporaram todo tipo de expressão, de locuções, tendo como ponto em comum serem sequências de palavras reproduzidas e portadoras de imagens. Quando, no século XIX, surge a lexicografia, os dicionários gerais introduziram essas sequências fixas no final dos artigos de cada entrada que forma o verbete<sup>98</sup> (González-Rey, 2015, p. 17, tradução nossa).

<sup>95</sup> No original: *Dans toute les langues, les premiers témoignages de l'intérêt porté aux expressions figées se trouvent dans des recueils de proverbes, maximes et autres formules gnômiques chargées de transmettre, au cours des siècles, une sagesse populaire et universelle.*

<sup>96</sup> Aqui, no sentido de pertencente/próprio a um idioma, povo ou cultura. Em Fraseologia, o termo idiomático é empregado com outra acepção, mais científica, que será discutida mais à frente.

<sup>97</sup> No original: *Les expressions idiomatiques sont le pur produit de la dynamique des langues vivantes. Elles sont l'empreinte des différents usages des locuteurs à travers les âges, le lieu de la mémoire des communautés linguistiques, le siège des différentes configurations que les concepts peuvent avoir, le support de la vision du monde partagée par tous les locuteurs, et par conséquent de l'identité dans ce qu'elle a de plus intime et de plus commun.*

<sup>98</sup> No original: *Avec le temps, ces ouvrages ont incorporé toutes sortes d'expressions, des locutions, ayant pour point commun d'être des séquences de mots reproduites et porteuses d'images. Lorsqu'au XIX<sup>e</sup> siècles la lexicographie fait son apparition, les dictionnaires généraux introduisent ces suites figées à la fin des articles de chaque entrée qui en constitue l'en-tête.*

Embora o registro da fraseologia em produções lexicográficas tenha podido contribuir para a manutenção da riqueza linguística e cultural das línguas naturais às quais essas obras pertencem, isso não foi o suficiente para garantir o caráter científico da Fraseologia. Ao contrário, ela percorreu um longo caminho antes de alcançar o seu direito de pertencer ao rol das teorias linguísticas: “de fato, depois de começos hesitantes que datam do final do século XIX, ela se manifesta timidamente em obras de linguística geral durante a primeira metade do século XX” (González-Rey, 2015, p. 17, tradução nossa)<sup>99</sup>.

Saussure (2006 [1916]) fez poucas observações acerca da composição de lexias, o que ele chamou de *aglutinação* (p. 179), bem como sobre as UF, que ele se refere através do termo *frases feitas* (p. 144). Mas, já àquela época, seus escritos evidenciava a multiplicidade dos signos linguísticos e, portanto, a existência de noções fraseológicas nas línguas naturais. A definição de aglutinação proposta pelo autor pode ser resumida como o fenômeno no qual “dois ou mais termos originariamente distintos, mas que se encontram freqüentemente em sintagma no seio da frase, se soldam numa unidade absoluta dificilmente analisável” (Saussure, 2006 [1916], p. 205). Quanto às frases feitas, Saussure (2006 [1916], p. 144) afirma que

[há] um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas [...] cujo caráter usual depende das particularidades de sua significação ou de sua sintaxe. Esses torneios [expressões] não podem ser improvisados; são fornecidos pela tradição [fixação arbitrária].

Por outro lado, e ainda seguindo a linha de pensamento de Saussure (2006 [1916]), o primeiro linguista a estabelecer investigações formais, na Europa Ocidental, sobre as construções fraseológicas foi Charles Bally (1919, 1921)<sup>100</sup>, o que lhe concedeu o título de pai da Fraseologia. “Foi este linguista quem atentou para a

<sup>99</sup> No original: *En effet, après des débuts hésitants datant de la fin du XIXe siècle, elle se manifeste d'abord timidement dans des travaux de linguistique générale pendant la première moitié du XXe siècle.*

<sup>100</sup> Alguns textos acadêmicos que utilizam os trabalhos de Bally como suporte teórico datam as suas obras sobre Fraseologia como sendo de 1909. Porém, tivemos acesso apenas à segunda edição de seus livros: *Traité de stylistique française volume 1* (1921) e *Traité de stylistique française volume 2* (1919). Ao consultarmos os textos originais, não encontramos, contudo, nenhuma referência às datas de publicação da primeira edição. Por essa razão, reproduziremos aqui as datas correspondentes às obras que efetivamente foram consultadas para a construção desta pesquisa.



existência de expressões fixas e combinações estáveis ajudando, assim, a delimitar o objeto de estudo da fraseologia” (Ortíz Alvarez; Unternbäumen, 2011, p. 10).

Bally (1919, 1921) dá início à noção de fraseologia das línguas naturais partindo dos estudos em Estilística. Segundo ele,

a estilística estuda [...] os atos de expressão da linguagem organizada sob o ponto de vista do seu conteúdo afetivo, ou seja, a expressão dos fatos da sensibilidade através da linguagem e a influência dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade<sup>101</sup> (Bally, 1921, p. 16, tradução nossa).

Compreende-se, aqui, por ato de expressão (*fait d'expression*) qualquer forma de manifestação que permita ao falante exteriorizar, através da linguagem, seja verbal ou escrita, isto é, o ato de linguagem (*fait de langage*), seus pensamentos, reflexões, emoções, ideias ou opiniões, ou seja, qualquer meio pelo qual seja possível dar forma tangível aos processos cognitivos, intelectuais e sentimentais: o ato de pensamento (*fait de pensée*). Nessa linha de raciocínio, a linguagem humana seria estruturada por intermédio de sucessíveis atos de expressão visto que

agrupamentos em torno de noções simples e abstratas coexistem em estado latente nos cérebros dos sujeitos falantes e se manifestam por meio de uma ação recíproca, uma espécie de luta na elaboração do pensamento e em sua expressão pela linguagem<sup>102</sup> (Bally, 1921, p. 15, tradução nossa).

Acreditamos que o ato de expressão tenha sido um conceito importante para os primórdios dos estudos em Fraseologia porque, através dele, foi possível reconhecer a ineficácia da delimitação do conceito de palavra, tal como era conhecida na época, para os estudos científicos da linguagem. Isso porque um ato de pensamento não equivale necessariamente a um ato de linguagem que esteja limitado a uma única unidade gráfica, quer dizer, a um grupo contínuo e ininterrupto de representações gráficas, as letras. Ao contrário, Bally (1921, p. 65-66) apresenta três possibilidades de associação entre os atos de pensamento e as unidades gráficas.

---

<sup>101</sup> No original: *La stylistique étudie donc les faits d'expression du langage organisé au point de vue de leur contenu affectif, c'est-à-dire l'expression des faits de la sensibilité par le langage et l'action des faits de langage sur la sensibilité.*

<sup>102</sup> No original: *groupés autour des notions simples et abstraites coexistent à l'état latent dans les cerveaux des sujets parlants et se manifestent par une action réciproque, une sorte de lutte dans l'élaboration de la pensée et dans son expression par le langage.*

No primeiro caso, a unidade gráfica abarca por completo o elemento psicológico, caracterizando-se assim em uma relação de um para um entre o ato de pensamento e a unidade gráfica, sendo esse o caso mais frequente. Os substantivos, os adjetivos e os verbos são exemplos desse tipo de interação. No segundo caso, uma unidade gráfica corresponde a mais de um ato de pensamento, que podem se manifestar por elementos morfológicos, a exemplo de *reler* (*re-* : prefixo que indica repetição; *-ler*: verbo que indica a ação), *incomum* (*in-* : prefixo que indica negação; *-comum*: adjetivo que indica a informação a ser negada) e *colherada* (*colher-* : substantivo que indica a informação base; *-ada*: sufixo nominal que indica quantidade). No terceiro caso,

a unidade psicológica excede os limites da unidade gráfica e se estende por várias palavras; a palavra é apenas um elemento da unidade real, que passa a ser uma *locução composta*. Se, em um grupo de palavras, cada unidade gráfica perde uma parte do seu significado individual, ou não conserva nenhuma, se a combinação desses elementos aparece *sozinha* com um significado bem claro, podemos dizer que se trata de uma locução composta<sup>103</sup> (Bally, 1921, p. 65-66, grifo do autor, tradução nossa).

Dito de outro modo, Bally (1921) pormenoriza, sob a ótica da Estilística, a relação existente entre o signo linguístico elaborado por Saussure (2006 [1916]) e sua representação gráfica. A locução composta descrita por Bally (1921) é, portanto, o equivalente ao signo linguístico complexo formado por elementos lexicais. “É o conjunto desses atos [de expressão, as locuções compostas,] que compreendemos sob o termo geral de **fraseologia**” (Bally, 1921, p. 66, grifo do autor, tradução nossa)<sup>104</sup>.

Contudo, embora Bally (1921) tenha feito contribuições determinantes para o desenvolvimento dos estudos fraseológicos, Monteiro-Plantin (2014, p. 27) ressalta que, “as bases teóricas que propiciaram as pesquisas em Fraseologia foram estabelecidas pelos linguistas soviéticos por volta de 1940, com destaque especial para Vinogradov (1947)”. Segundo Ortíz Alvarez e Unternbäumen (2011), Vinogradov

<sup>103</sup> No original: *l'unité psychologique excède les limites de l'unité graphique et s'étend sur plusieurs mots; le mot n'est qu'un élément de l'unité réelle, qui se trouve être alors une locution composée. Si, dans un groupe de mots, chaque unité graphique perd une partie de sa signification individuelle ou n'en conserve aucune, si la combinaison de ces éléments se présente seule avec un sens bien net, on peut dire qu'il s'agit d'une locution composée.*

<sup>104</sup> No original: *C'est l'ensemble de ces faits que nous comprenons sous le terme général de **phraséologie**.*

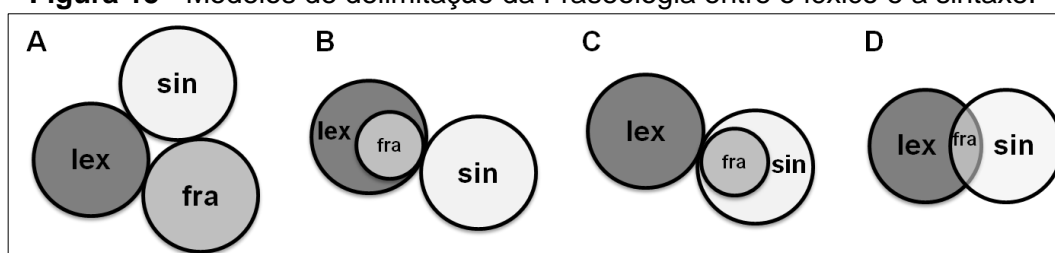
se destacou por investigar as características da UF, a partir dos estudos de Bally (1921), acreditamos, com base em três aspectos fundamentais: i) as propriedades internas da UF; ii) o papel da UF dentro do contexto de uso; iii) as relações manifestadas pelas UF com os outros subsistemas, principalmente com o sistema lexical e sintático.

Ainda que os trabalhos de Bally (1919, 1921) e de Vinogradov (1947) tenham contribuído de forma singular para formar a base dos estudos fraseológicos, Pamies (2018, p. 221, tradução nossa) chama a atenção para o fato de que

os fatores invocados pelos pioneiros da disciplina [...] não permitem apreender plenamente um fenômeno que, na realidade, surgiu por eliminação, a partir de suas propriedades "negativas", englobando o que outros domínios metalinguísticos anteriores rejeitam, a sintaxe e o léxico, opostos a seu turno por uma ideia de modularidade ancorada na tradição e reforçada pelo generativismo, mas fortemente questionada no final do século XX.<sup>105</sup>

Com base nessa observação, o autor salienta que o surgimento da Fraseologia enquanto disciplina se deu devido à relação fronteira previamente existente entre ela, a Sintaxe e o Léxico. Tal relação é essencial não apenas para justificar sua existência como disciplina, mas também para delimitar seu objeto de estudo, que é consideravelmente amplo. Para melhor exemplificar a questão, Pamies (2018, p. 224, tradução nossa), oferece a representação imagética a seguir.

**Figura 15** - Modelos de delimitação da Fraseologia entre o léxico e a sintaxe.



Fonte: Pamies (2018, p. 224, tradução nossa)

<sup>105</sup> No original: *Les facteurs invoqués par les pionniers de la discipline [...] ne permettent pas de saisir totalement un phénomène qui, en réalité, a émergé par élimination, à partir de ses propriétés « négatives », englobant ce que rejettent d'autres domaines métalinguistiquement antérieurs, la syntaxe et le lexique, opposés à leur tour par une idée de modularité ancrée dans la tradition et renforcée par le générativisme, mais fortement mise en question vers la fin de XXe siècle.*

A imagem na Figura 15 retrata as possibilidades de interação que, ao longo da história foi observada entre a Fraseologia, o léxico e a sintaxe, tal como explica Pamies (2018, p. 224, tradução nossa):

(A) A fraseologia formaria um domínio separado, não sobreposto, compreendendo tudo o que não é uma palavra nem uma combinação sintática. (B) A fraseologia formaria um subconjunto dentro do léxico (oposição privada), pois suas unidades não seriam produto de regras, mas de uma seleção em um estoque memorizado, como as palavras. (C) A fraseologia seria uma subclasse particular da combinatória sintática (oposição privativa inversa). (D) A fraseologia se encontraria na interseção do léxico e da sintaxe e, portanto, teriam propriedades comuns a ambas as áreas.<sup>106</sup>

O autor explica também que a primeira abordagem corresponde à concepção teórica clássica, que prevalece em trabalhos de domínio eslavo, germânico ou hispânico. Contudo, também encontramos produções francesas que seguem essa linha de pesquisa, a exemplo de Mejri (2017c) e Mel'čuk (2017). Tal abordagem permite examinar a fraseologia de uma língua de forma teoricamente independente. Porém, para isso, as características definidoras das UF teriam que, obrigatoriamente, tocar a todos os tipos de UF, o que ainda não foi completamente comprovado na literatura atual.

A abordagem B subentende a criação de dicionários de locuções e provérbios, uma prática que historicamente precedeu o surgimento do conceito teórico de Fraseologia. No entanto, ao considerar construções fixas mais extensas como fórmulas, máximas e provérbios como pertencente ao léxico da língua um paradoxo teórico surgiria, dada a dificuldade de dicionarizar os signos linguísticos complexos, ao menos no que compete às abordagens clássicas em Lexicografia.

A abordagem C é frequentemente adotada pela Linguística de Corpus, já que o fenômeno colocacional<sup>107</sup> é concebido como uma questão puramente formal e estatística, assim como na sintaxe livre. A abordagem D, que, segundo o autor, é predominante, embora não exclusiva, no mundo francófono, favorece uma ruptura da

<sup>106</sup> No original: (A) *La phraséologie formerait un domaine à part, sans chevauchement, comprenant tout ce qui n'est ni un mot ni une combinaison syntaxique.* (B) *La phraséologie formerait un sous-ensemble au sein du lexique (opposition privative), car ses unités ne seraient pas le produit de règles, mais d'une sélection dans un stock mémorisé, comme les mots.* (C) *La phraséologie serait une sous-classe particulière de la combinatoire syntaxique (opposition privative inverse).* (D) *La phraséologie se trouverait à l'intersection du lexique et de la syntaxe, et posséderait donc des propriétés communes aux deux domaines.*

<sup>107</sup> Na próxima seção, abordaremos melhor o fenômeno colocacional.

modularidade tradicional da língua. Nessa visão, há uma ampla interseção entre o léxico e a sintaxe, no qual a Fraseologia estaria inserida.

Quanto ao desenvolvimento da Fraseologia na América Latina, foi graças aos trabalhos de Augusto Zuluaga (1980), de origem colombiana, e das cubanas Antonia Maria Tristá e Zoila Vitória Carneado Moré (1986) que os estudos fraseológicos tiveram impulso inicial. No que se refere à história das UF no Brasil, S. Silva (2014a, p. 7) aponta que

a fraseologia brasileira tem também a sua história. Nela se destacam João Ribeiro (1908) com a obra prima *Frases feitas: estudo conjectural de locuções, ditados e provérbios*; José Perez (1961) *Provérbios brasileiros*; Cid Franco (s/d.) *Dicionário de expressões populares brasileiras*; Ático Vilas Boas da Mota (1974) *Provérbios em Goiás*; Luís da Câmara Cascudo (1977) *Locuções tradicionais no Brasil*; Raimundo Magalhães Júnior (1977) *Dicionário de provérbios locuções e ditos curiosos*, etc.

Entre as obras lexicográficas de cunho fraseológico historicamente de maior destaque publicadas no Brasil, Ortíz Alvarez e Unternbäumen (2011, p. 13) fazem referência a

Márcio Pugliesi (1981) *Dicionário de expressões idiomáticas*; Leonardo Mota (1982) *Adagiário brasileiro*; Martha Steinberg (1985) *1001 provérbios em contraste*; Antenor Nascentes (1986 [1945]) *Tesouro da fraseologia brasileira*; Sidney Camargo & Martha Steinberg (1989) *Dicionário de expressões idiomáticas metafóricas português-inglês*; Stella Tagnin (1989, 2005) *Expressões idiomáticas e convencionais e O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas em inglês e português*.

Contudo, é somente a partir de 1990 que a pesquisa científica em Fraseologia ganha real espaço na academia brasileira. Entre as diversas contribuições (dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos científicos, livros etc.), destacam-se os seguintes pesquisadores: Xatara (1994, 1998a), Ortíz Alvarez (2000, 2002, 2007, 2008), Monteiro-Plantin (2014), Bevilacqua (1996, 2004), Marques (2007, 2017, 2018), Olímpio de Oliveira Silva (2004), Tagnin (2013) entre outros.

No que tange ao posicionamento teórico, percebemos que a Fraseologia brasileira transita entre as quatro abordagens. Pesquisas como a de Marques e Mejri (2018) estão mais voltadas para a primeira abordagem, enquanto que trabalhos como os de Zavaglia, Silva e Xatata (2010), Nigro e Ceneviva (2010), Roncolato (2011),

Matias e Silva (2012), Xatara (2013b), Cruz (2022), M. Silva (2018) entre outros, estariam voltados para a segunda abordagem. Na terceira abordagem, podemos citar Tagnin (2013), Pimenta e Novodvorski (2017) e Lisboa (2021). Trabalhos como o de Costa (2007) ilustram a atuação no Brasil na quarta abordagem.

Mesmo que não haja no Brasil uma predileção para uma ou outra abordagem teórica, observa-se que

no Brasil, existem duas grandes correntes de pesquisadores que se debruçam nos estudos fraseológicos. Uma segue a linha espanhola, que se dedica a estudar os provérbios e sua constituição, bem como seu uso e compreensão pelos falantes de determinada língua. A outra segue a corrente francesa, adotada por Salah Mejri, e que expande o objeto de estudo da Fraseologia para muito além dos provérbios, adotando como principal critério, para a consideração de um elemento como Unidade Fraseológica (UF), o da polilexicalidade (Paim, 2021, p. 172).

Entretanto, após realizar uma pesquisa comparativa entre os principais teóricos de ambos os possíveis segmentos, a dita corrente francesa (Gross, 1996; Mejri, 1997, 2017a; Buvet, 1993; Grossmann; Tutin, 2003; Sfar, 2007, 2010, 2013; Mejri; Gross, 2016; Blanco Escoda; Mejri, 2018; Soutet; Sfar; Mejri, 2018; Polguère, 2018a; González-Rey, 2015, 2021 entre outros) e a dita corrente espanhola (Casares, 1992 [1950]; Corpas Pastor, 1996; Sevilla, 1997; Gurillo, 1997; García-Page, 2008; Álvarez de la Granja, 1999, 2003, 2004 entre outros), consideramos incoerente proceder a tal divisão.

É correto que, como apontou Pamies (2018), os estudiosos hispânicos tenham maior inclinação para a abordagem clássica dos estudos em Fraseologia, ao passo que os franceses estão mais atentos a questões inerentes à Fraseologia enquanto resultado da intersecção entre o léxico e a sintaxe, isto é, em seu caráter fixo. Todavia, essas são apenas escolhas de cunho metodológico, visto que não há nenhum tipo de questionamento, entre França e Espanha, quanto ao objeto teórico da Fraseologia no que tange à sua formação estrutural. Tampouco observamos uma variação significativa entre a tipologia das UF adotada em um ou outro país.

As UF, como vimos, possuem características definidoras básicas, quais sejam: são polilexicais; apresentam alta frequência de uso; são convencionalmente fixas sintática, semântica e pragmaticamente e expressam certo grau de idiomatidade.

Tais características foram primeiramente identificadas por Bally (1921, p. 66, itálico do autor, negrito nosso, tradução nossa) ao perceber que

na língua materna<sup>108</sup>, a assimilação dos atos de linguagem se dá, sobretudo, pelas associações e pelos **agrupamentos** [polilexicalidade] nos quais a mente introduz as palavras. Esses agrupamentos podem ser passageiros, mas, à força de se **repetirem** [alta frequência de uso], conseguem adquirir um caráter *usual* e até formar unidades **indissolúveis** [fixidez]. [...] As unidades fraseológicas podem ser reconhecidas por certos indícios externos e internos: os primeiros são deduzidos da **forma dos grupos** [polilexicalidade], os outros (os únicos importantes) da maneira como os grupos são concebidos pela mente. Os principais desses indícios são: a equivalência da locução a uma única palavra; o **apagamento do significado dos elementos** [não composicionalidade semântica, isto é, idiomaticidade] [...]; a presença, na locução, de arcaísmos de **palavras** [possível fixidez pragmática], de **significado** [fixidez semântica] ou de **sintaxe** [fixidez sintática].<sup>109</sup>

Ora, as características de reconhecimento das UF identificadas por Bally (1921) são universais e ainda estão em vigor, sendo consenso nos principais estudos teóricos desenvolvidos sobre o tema nos últimos 30 anos, quer seja entre aqueles desenvolvidos na França, quer seja na Espanha.

Gross (1996, p. 9-23) discorre de forma detalhada sobre cada uma das propriedades de reconhecimento do fenômeno fraseológico, o qual é tratado por ele sob o termo *figement*<sup>110</sup>. Fazendo uso da mesma terminologia, mas oscilando por vezes entre *sequência fixa* e *palavra composta*, Mejri (1997, p. 130-140) também descreve o fenômeno linguístico em questão considerando as mesmas características definidoras. Cerca de 20 anos depois, Mejri (2018b, p. 8-9), ao fazer uma síntese da produção científica voltada para a fraseologia de língua francesa desenvolvida nas últimas décadas, também lança mão das características descritas por Bally (1921) para descrever o fenômeno fraseológico.

<sup>108</sup> Bally (1921) elabora dos estudos de Estilísticas voltados para o ensino de línguas estrangeiras, especialmente do alemão e do grego. Por isso, suas análises demonstravam, com certa frequência, comparações entre o processo de aquisição/aprendizado de língua materna e de língua estrangeira.

<sup>109</sup> No original: *Dans la langue maternelle, l'assimilation des faits de langage se fait surtout par les associations et les groupements dans lesquels l'esprit fait entrer les mots. Ces groupements peuvent être passagers, mais, à force d'être répétés, ils arrivent à recevoir un caractère usuel et à former même des unités indissolubles. [...] Les unités phraséologiques se reconnaissent à certains indices extérieurs et intérieurs: les premiers se déduisent de la forme des groupes, les autres (seuls importants), de la manière dont les groupes sont conçus par l'esprit. Les principaux de ces indices sont: l'équivalence de la locution à un mot unique; l'oubli du sens des éléments [...]; la présence, dans la locution, d'archaïsmes de mots, de sens ou de syntaxe.*

<sup>110</sup> *Fixação* em língua francesa.

Em contexto espanhol, as definições de Bally (1921) também estão em vigência:

as *unidades fraseológicas* (UFS) - objeto de estudo da fraseologia - são unidades lexicais formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior localiza-se no nível da frase composta. As ditas unidades caracterizam-se pela sua alta frequência de uso e pela co-aparição dos seus elementos integrantes; pela sua institucionalização, entendida em termos de fixação e especialização semântica; por sua potencial idiomaticidade e variação; assim como pelo grau em que todos esses aspectos ocorrem nos diferentes tipos<sup>111</sup> (Corpas-Pastor, 1996, p. 20, grifos da autora, tradução nossa).

Empregando igualmente o termo *UF*, por vezes mesclando com *fraseologismo*, García-Page (2008, p. 15, tradução nossa) também dá indícios de adoção das características definidoras do fenômeno fraseológico observadas por Bally (1921):

Na codificação dos seus discursos, o falante utiliza frequentemente, e geralmente de maneira inconsciente, estruturas complexas formadas por combinações estáveis ou fixas de elementos, assim como moldes sintáticos pré-estabelecidos. A presença destas estruturas estáveis na construção de todo tipo de mensagens é tão frequente que é quase impensável encontrar um texto que careça de alguma de suas manifestações.<sup>112</sup>

Quanto à imprecisão terminológica para designar o fenômeno linguístico do qual a Fraseologia é responsável, Mejri (1997, p. 25-26, tradução nossa) explica que

a profusão de denominações usadas pelos linguistas na verdade se resume a dois motivos principais: a imprecisão e a vagueza que caracterizam a noção de palavra, noção tão criticada, mas ainda vigente nas análises linguísticas; [...] a preocupação de forjar uma terminologia que se refira a unidades de análise cada vez mais precisas e que procure romper com as antigas denominações aproximativas.<sup>113</sup>

<sup>111</sup> No original: *Las unidades fraseológicas (UFS) - objeto de estudio de la fraseología - son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomaticidad y variación potenciales; así como por el grado en el cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos.*

<sup>112</sup> No original: *En la codificación de sus discursos, el hablante utiliza frecuentemente, y generalmente de manera inconsciente, estructuras complejas formadas por combinaciones estables o fijas de elementos, así como moldes sintáticos preestablecidos. La presencia de estas estructuras estables en la construcción de todo tipo de mensajes es tan frecuente que resulta casi impensable encontrar un texto que carezca de alguna de sus manifestaciones.*

<sup>113</sup> No original: *La profusion des dénominations employées par les linguistes revient en fait à deux raisons essentielles : l'imprécision et le flou qui caractérisent la notion de mot, notion tant critiquée mais toujours en vigueur dans les analyses linguistiques; [...] le souci de forger une terminologie qui*



Entretanto, tanto em trabalhos de expressão espanhola como francesa, os termos UF e fraseologismo são vistos como sinônimos. A título de exemplificação, citamos alguns casos: Tristá (1988, p. 11, tradução e grifo nosso), ao tratar da problemática terminológica do fenômeno fraseológico, afirma que

essas e muitas outras definições podem ser encontradas nos diferentes trabalhos que tratam desses elementos. Tampouco acreditamos que seja de grande relevância a denominação que lhes é atribuída. Sejam chamados de locuções, **fraseologismos**, idiomatismos, etc., a importância de seu estudo é inegável.<sup>114</sup>

Observa-se, portanto, que a autora transita entre ambos os termos, unidade fraseológica e fraseologismo, empregando-os como sinônimos. Na introdução do seu livro, informa que “o presente trabalho está dedicado à análise semântico-sintática das unidades fraseológicas em contexto<sup>115</sup>” (Tristá, 1988, p. 4, tradução e grifo nosso). Mais à frente, porém, intitula a segunda seção da obra como “Classificação dos fraseologismos por sua estrutura interna<sup>116</sup>” (Tristá, 1988, p. 29, tradução nossa).

Garcia-Page (2008, p. 16, grifos do autor, tradução nossa)<sup>117</sup> também discorre sobre o tema, afirmando que “os termos, igualmente de uso frequente, *fraseologismo* e *expressão fixa* podem ser equivalentes ao mais universal *unidade fraseológica*; assim como também poderia sê-lo o termo *fraseolexema*”. Desse modo, ao longo de seu texto, o autor mescla o emprego de UF e fraseologismo de forma indiscriminada.

Sfar (2012, p. 115, tradução nossa, grifos nossos) intitula como “Propriedades dos fraseologismos<sup>118</sup>” uma das seções terciárias de seu artigo. Contudo, no decorrer da seção, a autora adverte que

contatamos que há, portanto, uma relação estreita entre fraseologia e idiomaticidade, mas essas duas noções não devem ser confundidas.

---

*renvoie à des unités d'analyse de plus en plus précises et qui cherche à rompre avec les anciennes dénominations approximatives.*

<sup>114</sup> No original: *Estas y muchas otras definiciones podemos encontrar en los diferentes trabajos que tratan sobre estos elementos. Tampoco creemos de mayor relevancia la denominación que se les dé. Llámense locuciones, fraseologismos, frases hechas, idiomatismos, etc., la importancia de su estudio es innegable.*

<sup>115</sup> No original: *El presente trabajo está dedicado al análisis semántico-sintáctico de las unidades fraseológicas en el contexto.*

<sup>116</sup> No original: *Clasificación de los fraseologismos por su estructura interna.*

<sup>117</sup> No original: *Los términos, igualmente de uso frecuente, de fraseologismo y expresión fija pueden ser equivalentes al más universal unidad fraseológica; como podría serlo, asimismo, el término fraseolexema.*

<sup>118</sup> No original: *Propriétés des phraséologismes.*

As **unidades fraseológicas** são idiomáticas, mas nem todas as sequências idiomáticas são necessariamente fraseológicas.<sup>119</sup>

Também, em um artigo voltado especificamente para o esclarecimento da terminologia fraseológica, Zaharieva e Kaldieva-Zaharieva (2017, p. 34, grifos das autoras, tradução nossa), explicam que

seria desejável que os termos *fraseologismo*, *unidade fraseológica*, *conjunto fraseológico*, *expressão fraseológica*, *frasema*, *frasêmico*, *frasemático*, *fraseologia* (em suma, os que compreendem o morfema "fras-") fossem total e exclusivamente reservados para as unidades abrangidas pelo âmbito de fraseologia propriamente dita. Lembrando aqui que se tratam das sequências fixas que atendem aos três critérios diferenciais (significado não composicional, iconicidade, função de nomeação secundária).<sup>120</sup>

De acordo com o que foi mencionado, acreditamos que tal imprecisão terminológica seja decorrente da igual dificuldade que, historicamente, os linguistas encontraram em delimitar o campo de atuação da Fraseologia dentro dos estudos linguísticos (Mejri, 2018b). Desse feito, ao longo das últimas décadas se foi cunhando, em trabalhos de língua francesa, os termos *figement* e *sequência fixa*, ao passo que em língua espanhola deu-se preferência ao termo *UF* e, por vezes, *fraseologismo*. Contudo, em termos práticos, trata-se de uma terminologia sinonímica que recobre hiperonicamente o mesmo fenômeno linguístico e que, portanto, não pressupõe à existência de uma possível distinção de linhas investigativas.

Também não constatamos nenhuma variação tipológica entre os trabalhos sobre o tema realizados na Espanha ou na França. Os pesquisadores espanhóis não se dedicam unicamente ao estudo dos provérbios e da sua constituição ou ao seu uso e compreensão pelos falantes de uma determinada língua. Ao contrário, ambos os países vêm, ao longo das últimas décadas, investigando sobre a estruturação sintática e semântica, assim como o emprego dos principais tipos de UF (a exemplo de locuções, colocações, pragmatemas etc.). Muitos trabalhos, inclusive, foram

<sup>119</sup> No original: *Nous constatons qu'il existe donc un rapport étroit entre phraséologie et idiomatité, mais que ces deux notions ne doivent pas être confondues. Les unités phraséologiques sont idiomatiques, mais toutes les séquences idiomatiques ne sont pas forcément phraséologiques.*

<sup>120</sup> No original: *Il serait souhaitable que les termes phraséologisme, unité phraséologique, assemblage phraséologique, expression phraséologique, phrasème, phrasémique, phrasématique, phraséologie (bref, ceux comportant le morphème « phras- ») soient entièrement et uniquement réservés aux unités relevant de la phraséologie proprement dite. On rappellera ici qu'il s'agit des séquences figées répondant aux trois critères différentiels (sens non compositionnel, iconicité, fonction de dénomination secondaire).*

elaborados em coautoria entre pesquisadores de um e outro país<sup>121</sup>. Tampouco os franceses adotam a polilexicalidade como principal critério de reconhecimento de uma UF. Como vimos, ainda que os trabalhos realizados em língua francesa tenham voltado o olhar com maior atenção para o critério da fixação, todas as características de definição das UF são consideradas por pesquisadores de ambos os países.

Atrelado a isso, há outro aspecto que, acreditamos, tenha gerado a falsa impressão de haver uma segmentação entre os estudos fraseológicos franceses e espanhóis: “na realidade, essa situação reflete a oscilação conceitual nessa área [os estudos fraseológicos]. Há uma instabilidade terminológica que diz respeito tanto ao fenômeno quanto ao produto” (Mejri, 2005, p. 184)<sup>122</sup>. Assim, termo *fraseologia* se refere tanto à disciplina dedicada ao estudo do fenômeno fraseológico, quanto ao fenômeno em si.

Dessa forma, considerando que muitos estudos sobre o tema foram tradicionalmente publicados com títulos do tipo *La phraséologie du français*<sup>123</sup> (González-Rey, 2015), *La nouvelle phraséologie du français*<sup>124</sup> (González-Rey, 2021), *La phraséologie française en questions*<sup>125</sup> (Mejri; Meneses-Lerín; Buffard-Moret, 2020) ou *Introducción a la fraseología española: estudio de las locuciones*<sup>126</sup> (García-Page, 2008), *Fraseología española: diacronía y codificación*<sup>127</sup> (Elizondo et al., 2016), nos quais o termo *fraseologia* foi empregado no sentido de conjunto lexical, isto é, o fenômeno fraseológico, houve, a nosso ver, uma má interpretação dos leitores brasileiros, que creditaram ao termo *fraseologia* presente nos títulos desses trabalhos o sentido de ramo da Linguística.

Por essa razão, como dito no início dessa tese, buscando facilitar a descrição das diversas possibilidades de definição do termo *fraseologia*, optamos por grafar *Fraseologia*, com *F* maiúsculo, para fazer referência ao termo no sentido de disciplina

<sup>121</sup> A título de exemplificação, citamos a coleção *Encuentros mediterráneos / Rencontres Méditerranéennes* (Mogorrón Huerta; Mejri, 2008, 2009, 2010, 2012, 2014), publicada em parceria entre a Universidade Sorbonne Paris Cité - Paris 13 (atual Sorbonne Paris Nord), na França, e a Universidade de Alicante, na Espanha, e o livro *Les pragmatèmes* (Blanco Escoda; Mejri, 2018), publicado em coautoria entre os pesquisadores Xavier Blanco Escoda (professor da Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha) e Salah Mejri (professor da Universidade Sorbonne Paris Nord, na França).

<sup>122</sup> No original: *En réalité, cette situation traduit le flottement conceptuel dans ce domaine. Il y a une instabilité terminologique qui concerne aussi bien le phénomène que le produit.*

<sup>123</sup> A fraseologia do francês (tradução nossa).

<sup>124</sup> A nova fraseologia do francês (tradução nossa).

<sup>125</sup> A fraseologia francesa em questão (tradução nossa).

<sup>126</sup> Introdução à fraseologia espanhola: estudo das locuções (tradução nossa).

<sup>127</sup> Fraseologia espanhola: diacronia e codificação (tradução nossa).

independente da linguística, e *fraseologia*, com *f* minúsculo, para remeter ao sentido de conjunto de signos linguísticos complexos, seja pertencente à língua geral, seja à língua de especialidade, que são o objeto de estudo da Fraseologia.

Não buscamos aqui fazer uma comparação exaustiva entre os trabalhos fraseológicos produzidos em território/idioma francês e espanhol. Quisemos, no entanto, exemplificar a proximidade que, historicamente, existe entre as duas supostas vertentes de investigação, mostrando que ambas estão de acordo com aquilo que foi previsto primeiramente por Bally (1921) e que, salvo algumas escolhas de cunho metodológico ou de recorte teórico, não há uma discrepância significativa entre as investigações fraseológicas realizadas entre os dois países. Esperamos, com isso, refutar a ideia de uma segmentação teórica entre esses estudiosos europeus.

#### **4.1.2 As características das UF**

Ao tratar das diferentes perspectivas de investigação da Fraseologia, Aragão (2016, p. 33) enfatiza que,

ao se estudar o problema da Fraseologia deve-se delimitar os diferentes aspectos em que ela pode ser estudada, uma vez que, dependendo do enfoque que se queira dar, temos de falar de uma fraseologia da língua geral ou língua comum e de uma fraseologia especializada, que devem ser separadas da paremiologia, que estuda especificamente os provérbios.

Em qualquer perspectiva adotada, as UF apresentam, como antes mencionado, características definidoras muito específicas que permitem a sua identificação, independentemente da língua natural em que estejam sendo empregadas ou do enfoque que esteja sendo dado. Considerando, portanto, as principais propriedades que definem as UF, listamos cinco propriedades principais: i) polilexicalidade; ii) frequência e convencionalidade; iii) fixação; iv) idiomaticidade; v) desfixação lexical. Uma vez que cada uma dessas características exprime traços muito específicos de identificação, explanaremos sobre elas, individualmente, nas subseções que seguem.

#### 4.1.2.1 Polilexicalidade

A primeira condição necessária para que se possa considerar um signo linguístico complexo como sendo efetivamente uma UF é que este seja composto por, no mínimo, dois signos lexicais que sejam compreendidos de forma global, com sentido único, e que tenham uma existência autônoma (Gross, 1996). Trata-se, portanto, da definição de lexia complexa, composta ou textual postulada por Pottier (1974), como já mencionamos.

Diante disso, os signos linguísticos complexos constituídos por intermédio de afixos e sufixos (citados anteriormente na seção 2) estariam excluídos à classificação das UF. Portanto, “o fenômeno de que estamos falando coloca em jogo as unidades que, em outras estruturas, podem ser encontradas em uma posição autônoma, isto é, as palavras [as lexias]” (Gross, 1996, p. 10, tradução nossa)<sup>128</sup>.

Para melhor compreender a propriedade polilexical das UF, vejamos os exemplos em (1).

- (1) a João *jogou um balde de água fria* no irmão.  
 b Maria ficou *com a pulga atrás da orelha* com o sumiço de Rebeca.  
 c Rebeca se desculpou *de todo coração*.

Nos exemplos em (1), as UF, destacadas em itálico, são compostas por mais de um signo lexical. Contudo, cada uma delas funciona de maneira independente e veiculam um único significado, de forma global, na frase. A verificação da autonomia de funcionamento das UF dentro da frase é uma das formas de validação do seu caráter fraseológico (Bally, 1921, p. 66). Para tanto, é feita a substituição, ou identificação dos atos de linguagem, em termos de ballyanos, da UF por uma lexia simples que compartilhe com ela o mesmo significado<sup>129</sup>, chamado por Bally (1921, p. 77) de *termo de identificação*. Vejamos a aplicação desse teste em (2).

<sup>128</sup> No original: *Le phénomène dont nous parlons met en jeu des unités que, dans d'autres structures, on peut trouver dans une position autonome, c'est-à-dire les mots.*

<sup>129</sup> Embora muito útil, temos ciência de que o teste de substituição nem sempre é aplicável, visto que, a depender do tipo de UF que esteja em análise, a substituição da UF por uma lexia simples não é possível, o que não invalida o caráter fraseológico da composição. Esse é o caso, por exemplo, das colocações verbais, das quais falaremos mais à frente.

- (2) a João *desestimulou* o irmão.  
 b Maria ficou *desconfiada* com o sumiço de Rebeca.  
 c Receba se desculpou *sinceramente*.

Nos exemplos em (2), as UF em (1a), (1b) e (1c) foram respectivamente substituídas pelas lexias simples *desestimulou*, *desconfiada* e *sinceramente*, sem que, contudo, os sentidos das frases tenham se perdido. Polguère (2018a, p. 58) salienta a importância desse tipo de verificação porque ele “consiste em levar em conta em primeiro lugar a parte do discurso do elemento lexical que as rege [as UF] sintaticamente”. Com isso, podemos confirmar o papel sintático que cada UF exerce na frase e, assim, comprovar seu caráter polilexical. No que diz respeito às sentenças em (1) e (2), por exemplo, pode-se afirmar que: i) *jogar um balde de água fria*, em (1a), ocupa a posição natural de um verbo; ii) *com a pulga atrás da orelha*, em (1b), assume a posição sintática ocupada por um adjetivo, e iii) *de todo coração*, em (1c), tem atribuição de advérbio.

Isso, portanto, garante o caráter polilexical às expressões em (1), o que as patenteia como UF, uma vez que a polilexicalidade é uma característica básica das UF: “como o nome sugere, trata-se de construções **sintáticas** compostas de vários lexemas”<sup>130</sup> (González-Rey, 2015, p. 46, tradução e grifo nossos). Entretanto, Gross (1996) chama a atenção para o fato de que uma UF não pode ser considerada como uma categoria primária (nome, verbo, adjetivo etc.). A fraseologia “se serve de categorias primárias que, desprovidas de atualização, se combinam para formar unidades polilexicais que possuem o mesmo *status* sintático que as categorias simples”<sup>131</sup> (Gross, 1996, p. 23, grifo do autor, tradução nossa). As sentenças em (3) exemplificam a questão:

- (3) a José *se intromete* em tudo.  
       José *não se intromete* em nada.  
       José *mete a colher* em tudo.  
       José *não mete a colher* em nada.

<sup>130</sup> No original: *Il s'agit là d'un trait formel. Comme le nom l'indique, il concerne les constructions syntaxiques, composées de plusieurs lexèmes.*

<sup>131</sup> No original: *Elle se sert de catégories primaires qui, dépourvues d'actualisation, se combinent pour former des unités polylexicales qui ont le même statut syntaxique que les catégories simples.*

- b João é *apático*.  
 João e Maria são *apáticos*.  
 João é *mosca-morta*.  
 João e Maria são *moscas-mortas*.

Nas sentenças em (3a), a UF *meter a colher*, que é usada para descrever uma situação em que alguém se intromete ou interfere em assuntos alheios sem ser solicitado, pode ser substituída pelo verbo *intrometer*. Ao comparar as sentenças afirmativas com as sentenças negativas, nota-se que em ambos os casos, com o emprego do verbo ou com o da UF, a construção sintática permanece inalterada, isto é, a relação sintática exercida entre a UF e os elementos negativos, *não* e *em nada*, é exatamente a mesma que ocorre com o verbo: o advérbio *não* anteposto a toda UF e a locução adverbial *em nada* posposta a toda UF. *Meter a colher* assume, portanto, a mesma posição sintática de verbo na sentença em língua portuguesa, sem que sofra qualquer tipo de modificação. O mesmo acontece com o adjetivo *apático*, em (3b), que é substituído pela UF *mosca-morta*, a qual mantém a posição sintática do adjetivo na frase.

No entanto, situação inversa ocorre em língua francesa, por exemplo, como exibido em (4):

- (4) a Luc *s'évanouit* quand il voit du sang.  
 Luc *tombe dans les pommes* quand il voit du sang.  
 (Luc *desmaia* quando vê sangue.)
- b Luc *ne s'évanouit pas* quand il voit du sang.  
 Luc *ne tombe pas dans les pommes* quand il voit du sang.  
 \*Luc *ne tombe dans les pommes pas* quand il voit du sang<sup>132</sup>.  
 (Luc *não desmaia* quando vê sangue.)

As sentenças em (4) expressam em língua francesa a não equivalência direta da UF a uma categoria simples. O verbo *s'évanouir*, que equivale em português a *desmaiar*, pode ser substituído pela UF *tomber dans les pommes*, que equivale de forma literal em português a “cair nas maçãs”. Contudo, tendo em vista que, em

<sup>132</sup> Em trabalhos de descrição linguística, o asterisco (\*) representa a agramaticalidade da construção.

francês, a negação é formada por duas partículas negativas, os advérbios de negação *ne* e *pas*, e que, quando o verbo está conjugado, tais elementos léxicos são respectivamente postos antes e depois do verbo, observa-se que a UF não assume totalmente a posição, em termos sintáticos, da categoria verbal dentro da sentença negativa, já que a negação é imposta unicamente à unidade lexical *tomber* (cair) e não à totalidade da UF.

Outro exemplo de não equivalência direta de uma UF a uma categoria simples se encontra em (3b). Observa-se que o adjetivo *apático* pode ser substituído pela UF *mosca-morta*. Porém, embora a UF *mosca-morta* assuma a posição sintática de adjetivo na sentença, ela não obedece à regra básica que governa a formação do plural em língua portuguesa, visto que, por ser constituída por duas unidades léxicas, a marca de pluralização é aplicada em ambas as unidades léxicas. Essa formação parece ser recorrente, se comparada a outras UF de estrutura semelhante, tais como *pão-duro* > *pães-duros* e *segunda-feira* > *segundas-feiras*. Entretanto, há exceções em que apenas a primeira unidade léxica recebe a marca de plural, como em *palavra-chave* > *palavras-chave* e *maçã-do-rosto* > *maçãs-do-rosto*; ou casos em que a marca de plural é posta ao segundo elemento constituinte, a exemplo de *porta-copo* > *portacopos*.

Trouxemos aqui exemplos de UF em posição adjetival que já estão lexicalizadas em língua portuguesa e, portanto, dicionarizadas (Aulete, 2023). Talvez por essa razão, em todos os casos as unidades léxicas que constituem as UF são separadas por hífen. A esse respeito, Monteiro-Plantin (2017, p. 8-9) ressalta que, embora toda UF seja polilexical, nem toda sequência polilexical é uma UF. As sequências polilexicais separadas por hífen, ou seja, as ditas palavras compostas, cuja formação obedece a regras produtivas (composição, derivação e justaposição, segundo a classificação de Pottier (1974)) não seriam consideradas como sendo uma UF.

Ao que parece, Corpas Pastor (1996, p. 20, grifo e tradução nossa), também restringia o limite inferior das UF às ocorrências que fossem constituídas por unidades léxicas graficamente separadas por espaços em branco, desconsiderando outras possibilidades, como hifens: “[as UF] são unidades lexicais formadas por mais de duas



**palavras gráficas [no sentido de um contínuo gráfico] em seu limite inferior**, cujo limite superior localiza-se no nível da frase composta”.<sup>133</sup>

Contudo, o emprego do hífen é questionável, uma vez que se trata de uma convenção ortográfica imposta pela gramática normativa, sendo, portanto, passível de mudanças. Se, por intermédio de um novo acordo ortográfico, por exemplo, os hifens deixarem de existir em língua portuguesa, o significado das palavras compostas, no entanto, continuará preservado. Talvez por isso, o posicionamento categórico da não inserção das palavras separadas por hifens no rol das UF não seja uníssono dentro dos estudos em Fraseologia. Mejri (1997, p. 130) considera as palavras compostas como pertencente à tipologia das UF.

Esse também é o posicionamento de Pamies (2018, p. 229) ao questionar os limites da fronteira visual na formação de determinadas sequências lexicais, já que por um lado nem todas as línguas naturais possuem um sistema ortográfico normativo, sendo muitas ágrafas. Por outro lado, mesmo em sociedades onde a ortografia da língua em uso já esteja vigente há muito tempo, há certa incoerência nos limites da fronteira visual. Em língua portuguesa, por exemplo, o signo linguístico complexo *bem feito*, empregado para expressar ironicamente “(e com uma ponta de maldade) que uma consequência ruim de uma ação errada foi merecida” (Aulete, 2023) é grafado empregando espaços em branco para marcar a separação das lexias que o compõem. Entretanto, *bem-feito*, no sentido de algo “que foi feito com capricho, apuro” (Aulete, 2023), é grafado com hífen. Já seu antônimo, *malfeito*, é grafado de forma justaposta (Aulete, 2023).

González-Rey (2015, p. 47, tradução nossa), também é aberta à discussão:

Os limites dessa polilexicalidade geralmente são fixados no nível inferior a duas palavras, e, no nível superior, à sentença completa e até mesmo ao texto. Seria necessário, no entanto, levantar mais uma vez a questão quanto ao limite inferior [da quantidade mínima de lexias simples por UF], pois uma única palavra poderia ser suficiente para formar uma expressão idiomática [...]. Outros problemas também se fazem presentes, tais como a aceitação de palavras compostas, separadas por hifens ou apóstrofes, ou derivadas: trata-se de unidades fraseológicas da mesma maneira que construções polilexicais separadas por espaços?<sup>134</sup>

<sup>133</sup> No original: *las unidades fraseológicas (UFS) - objeto de estudio de la fraseología - son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su limite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta.*

<sup>134</sup> No original: *Les limites de cette polylexicalité sont généralement fixées, au niveau inférieur, à deux mots, et au niveau supérieur, à la phrase composée et même au texte. Il faudrait, cependant, se poser la question quant à la limite inférieure, car un seul mot pourrait suffire à former une*

Igualmente Gross (1996, p. 10, tradução nossa) problematiza a questão, acrescentando ainda o caso das palavras justapostas:

Resta o problema dos separadores entre os diferentes elementos lexicais, que não deve ser reduzido a um simples problema de grafia. Aceitam-se [em língua francesa] como separadores o hífen, o apóstrofo e o espaço em branco. Deve-se aceitar a junção? Sequências como vinho [vin] e azedo [aigre] são seguramente palavras autônomas, deve-se desse feito considerar a palavra vinagre [vinaigre] como uma sequência fixa [UF] ou uma palavra simples? Se a perspectiva não é exclusivamente formal, não se pode responder a essa pergunta de forma unívoca.<sup>135</sup>

Visando solucionar o problema das palavras compostas, Pamies (2018, p. 229, grifos do autor, tradução nossa) propõe a criação de um novo termo para se referir ao critério da polilexicalidade:

Para superar esta contradição, bastaria substituir o critério de *polilexicalidade* pelo de *polilexematicidade*: porque a composição sempre implica (pelo menos) dois lexemas [...], um limiar mínimo necessário para que ocorra a fixação entre eles<sup>136</sup>.

Embora reconheçamos que a mudança terminológica feita por Pamies seja uma solução possível para o problema, não nos aprofundaremos nessa discussão. Primeiro por uma questão de escolha metodológica e de enfoque. Segundo, acreditamos que a noção de lexia trazida por Pottier (1974) dá cabo da discussão. Ao considerarmos que a UF é composta por lexias e não por palavras, o conceito de polilexicalidade ganha amplitude, uma vez que ele se refere à multiplicidade de elementos léxicos que exercem entre si, dentro de um único bloco, solidariedade sintática, semântica e pragmática. Nesse sentido, a nosso ver, os limites gráficos da UF são irrelevantes.

---

*expression idiomatique [...]. D'autres problèmes sont posés également tels que l'acceptation des mots composés séparés par des traits d'union ou des apostrophes, ou bien des dérivés : s'agit-il d'unités phraséologiques au même titre que les constructions polylexicales séparées par des blancs ?*

<sup>135</sup> No original: *Reste le problème des séparateurs entre les différents éléments lexicaux, qu'on ne doit pas réduire à un simple problème de graphie. On admettra comme séparateurs le trait d'union, l'apostrophe, et le blanc. Faut-il accepter la soudure? Des séquences comme vin et aigre sont assurément des mots autonomes, faut-il de ce fait considérer le mot vinaigre comme une suite figée ou un nom simple ? Si la perspective n'est pas exclusivement formelle, on ne peut pas répondre à cette question de façon univoque.*

<sup>136</sup> No original: *Pour surmonter cette contradiction, il suffirait de remplacer le critère de polylexicalité par celui de polylexematicité : car la composition implique toujours (au moins) deux lexèmes [...], seuil minimum nécessaire pour qu'entre eux se produisent le figement.*

Mesmo Bally (1921, p. 37, tradução nossa) já era desfavorável à associação do conceito de polilexicalidade ao de palavra gráfica:

uma palavra pode conter, conforme o caso, uma ou duas unidades, desde que se entenda por unidade não o que é determinado pela escrita, ilusão sempre enganosa, mas o que corresponde a uma unidade de pensamento, a uma representação, a um conceito.<sup>137</sup>

Bally (1921, p. 76, grifos do autor, tradução nossa) complementa a sua argumentação afirmando que

a escrita pode fundir em uma única palavra os diferentes termos de uma locução, como se vê no alemão *vielleicht* e no francês *toujours* (= *tous jours* [todos dias = sempre]), ou, de forma menos óbvia, em *peut-être* (= *peut être* "kann sein" [pode ser = talvez]). Este caso não apresenta, aliás, nenhum perigo para a compreensão do grupo; o olho estando acostumado a "ver" uma única palavra, a mente não é muito tentada a decompor o grupo em seus elementos.<sup>138</sup>

Mejri (2018b) salienta que a polilexicalidade, embora seja um dos critérios definidores do fenômeno fraseológico, foi, nos primórdios dos estudos em Fraseologia, gerador de muitos questionamentos dentro da comunidade linguística. Isso porque a compreensão do fenômeno estava baseada no conceito tradicional de palavra, o qual, como discutimos no início desta tese, não é cientificamente suficiente para dar conta de todas as problemáticas que envolvem os estudos lexicais. Por essa razão, e por adotarmos neste trabalho o conceito de lexia proposto por Pottier (1974), entendemos que a dimensão das UF se estende também às lexias compostas (construídas por justaposição ou aglutinação, bem como as siglas e abreviaturas) e textuais, não se limitando apenas às lexias complexas.

<sup>137</sup> No original: *un mot peut contenir, selon les cas, une ou deux unités, pourvu qu'on entende par unité, non pas ce qui est déterminé par l'écriture, illusion toujours trompeuse, mais ce qui correspond à une unité de pensée, à une représentation, à un concept.*

<sup>138</sup> No original: *L'écriture peut fondre en un seul mot les différents termes d'une locution, comme cela se voit dans l'allemand vielleicht et le français toujours (= tous jours), ou, d'une manière moins évidente, dans peut-être (= peut être "kann sein"). Ce cas ne présente d'ailleurs aucun danger pour la compréhension du groupe; l'oeil étant habitué à "voir" un seul mot, l'esprit n'est guère tenté des décomposer le groupe dans ses éléments.*

#### 4.1.2.2 Frequência e convencionalidade

Segundo Biderman (1996, p. 28), “uma das propriedades constitutivas da unidade lexical [e conseqüentemente da UF], e que possibilitam a sua recuperação no acervo da memória, é a frequência”. A característica da frequência é compreendida de duas formas: a) a aparição frequente de uma dada combinação de lexias simples repetidas quase sempre na mesma ordem; b) a aparição frequente dessa combinação, em sua totalidade, isto é, com um único significado, em contextos pragmaticamente precisos, nos quais ela é empregada (Bally, 1921; Tagnin, 2013; Monteiro-Plantin, 2014; González-Rey, 2015).

Há uma forte correspondência entre a característica da frequência e a da convencionalidade<sup>139</sup>, visto que “um fraseologismo [UF] pode ter se tornado convencional devido a sua frequência de uso, ou pode ser frequente por ser o mais convencional” (Monteiro-Plantin, 2017, p. 10). A esse respeito, Tagnin (2013, p. 21, grifos da autora) explica que,

por exemplo, *Feliz Natal* é uma expressão convencional social [contexto pragmático], pois está ligada à comemoração do Natal, enquanto *mundos e fundos* é uma expressão convencional devido a sua forma, isto é, convencionou-se combinar os dois vocábulos *mundos* e *fundos* – e não *universos* e *profundidades*, por exemplo – unidos pela conjunção *e*. E convencionou-se também ser essa a ordem em que devem aparecer, jamais *fundos* e *mundos*.

A convencionalidade pode ocorrer em diversos níveis na língua, sendo o primeiro deles a relação arbitrária existente entre uma lexia e seu significado, tal como postulado por Saussure (2006 [1916]), muito embora saibamos que

é verdade que há palavras motivadas, isto é, palavras cuja relação com seu significado seja transparente. É o caso das palavras onomatopaicas como *miau*, que imita a voz do gato, ou *sussurro*, que pretende reproduzir o ruído que se faz ao sussurrar (Tagnin, 2013, p. 25, grifos da autora).

Os níveis de convencionalidade apresentados por Tagnin (2013) são: i) nível sintático; ii) nível semântico; iii) nível pragmático. O nível sintático diz respeito às regras de estruturação sintagmática que regem a formação das UF dentro do sistema

<sup>139</sup> Alguns autores empregam o termo *institucionalização* (Corpas Pastor, 1996; González-Rey, 2015).

linguístico, as quais perpassam por três questões básicas: i) o conceito de combinalidade; ii) a ordem linear de aparição dos elementos léxicos que constituem a UF e iii) o conceito de gramaticalidade/agramaticalidade.

A combinabilidade, termo proposto por Tagnin (2013) se refere à capacidade que os signos linguísticos têm de se combinar, de forma linear, e assim construir frases. Saussure (2006 [1916], p. 142) se referia a esse tipo de relação entre os signos como relações sintagmáticas e associativas. A partir do que foi postulado por ele, podemos inferir que o sistema linguístico é dotado de elementos léxicos “que se associam de forma tão natural que a única explicação possível é de que essa associação tenha sido consagrada pelo uso [ou seja, pela frequência], isto é, de que ela seja convencional” (Tagnin, 2013, p. 26). Bally (1921, p. 67) já havia alertado quanto à convencionalidade ao entender que

a relação entre o ato de pensamento e o ato de linguagem permanece gravada na memória e tende a ser reproduzida na linguagem; quando a associação atinge seu mais alto grau de coesão [fixação], o grupo é definitivamente **consagrado pelo uso** [frequência]<sup>140</sup> (Bally, 1921, p. 67, grifo e tradução nossa).

A UF *estupidamente gelada* é um bom exemplo para essa característica. Devido ao frequente uso do advérbio de intensidade *estupidamente* atrelado ao adjetivo *gelada*, convencionou-se o seu uso em alusão à cerveja. Dificilmente esse advérbio é empregado em associação a outra lexia que não *gelada* e mais raro ainda em referência à outra bebida que não cerveja.

A ordem sintática na qual as lexias aparecem dentro da UF também pode ser resultado de uma convenção, visto que, por vezes, a inversão dessa ordem não acarretaria em prejuízo ao sentido da frase enquanto uma composição livre. Contudo, convencionou-se, muitas vezes de maneira automática, a ocorrência dos elementos da UF em uma determinada ordem linear e não em outra. É o caso, por exemplo, da UF *cama, mesa e banho*. A ordem em que essa UF ocorre é sempre a mesma e nunca *banho, cama e mesa* ou ainda *mesa, cama e banho*. Por vezes, “tais automatismos nem sempre são perceptíveis aos falantes, quando se trata de sua língua materna, mas são rapidamente detectados quando se trata de uma língua estrangeira”

---

<sup>140</sup> No original: *la relation entre le fait de pensée et le fait de langage reste gravée dans la mémoire et tend à se reproduire dans le langage; lorsque l'association atteint son plus haut degré de cohésion, le groupe est définitivement consacré par l'usage.*

(Monteiro-Plantin, 2014, p. 91), considerando que, para um falante nativo, a convencionalidade é gradual e inconsciente, ao passo que para um falante estrangeiro ela deve ser aprendida de forma consciente.

O reconhecimento da gramaticalidade (ou da agramaticalidade), ainda no nível sintático, de uma determinada língua se dá quando, a partir de um conhecimento intuitivo, certas construções sintáticas são admitidas como aceitáveis por um falante nativo (Chomsky, 1957, p. 15). É importante ressaltar que “o conceito de gramaticalidade não está relacionado com os julgamentos de certo/errado impostos pelas gramáticas normativas, mas com a (im)possibilidade da existência da sentença na língua” (Pinto; Cavalcante, 2008, p. 160). Ademais, “a noção de gramatical não poderá identificar-se com as de ‘dotado de sentido’ ou de ‘significativo’, em qualquer sentido semântico” (Chomsky, 1957, p. 17), uma vez que, sobretudo em se tratando da fraseologia da língua, a noção de sentido pode não ser transparente, como veremos mais adiante. Dessa forma, a expressão *\*mesa, banho e cama*, ainda que portadora de sentido, seria considerada como agramatical por um falante nativo do português brasileiro, tendo em vista que ela não obedece à construção sintática que está convencionalizada pela alta frequência de uso na língua.

O nível semântico é compreendido a partir de duas óticas possíveis: i) a não motivação entre uma UF e o seu significado; e ii) a relação metafórica existente entre significado e imagem. No primeiro caso, o não reconhecimento da motivação que gerou a UF não a impede de existir e de ser difundida entre os falantes da língua natural à qual ela pertence. Ainda que não se saiba como a UF *bater as botas*, com o sentido de *morrer*, foi motivada, o seu uso é convencional e frequente.

Por sua vez, a relação metafórica que há entre o significado das UF e a imagem que elas transmitem é convencional porque, de certo modo, elas seguem um padrão metafórico cultural. Uma das correntes teóricas atuais que trata do estudo e da compreensão das metáforas é a Linguística Cognitiva (Lakoff; Johnson, 2002; Ferrari, 2011; Jaén, 2012). Em oposição aos estudos de vertente gerativista (Chomsky, 1957, 1980, 1981, 1994), a Linguística Cognitiva

adota uma perspectiva não modular [da mente humana], que prevê a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, bem como a interação entre os módulos da linguagem, mais especificamente, entre estruturas linguísticas e conteúdo conceptual. [...] A Linguística Cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela

cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não *contêm* significados, mas orientam a construção do sentido (Ferrari, 2011, p. 14, grifo da autora).

Partindo desse pensamento, a Linguística Cognitiva, através de categorizações e recategorizações do mundo, admite o significado como uma construção mental gerada pela correlação entre as estruturas cognitivas e os modelos de crenças socioculturalmente compartilhados. A isso, dá-se o nome de Semântica Cognitiva, a qual busca estabelecer uma visão enciclopédica do significado linguístico (conhecimento de mundo), e não mais uma visão de dicionário (significado). A visão empregada pela Semântica Cognitiva “sustenta que o conhecimento de dicionário é uma subparte do conhecimento enciclopédico mais geral” (Ferrari, 2011, p. 16).

No conhecimento de dicionário, tradicionalmente adotado pelos estudos semânticos, o foco está na definição das palavras, adquirida a partir de um módulo mental especializado, conhecido como dicionário mental, no qual os significados dos signos linguísticos estão armazenados, tal qual um dicionário. No conhecimento enciclopédico, contudo, a atenção está voltada para o uso dos signos, uma vez que é o contexto quem orienta a construção do significado.

Tendo em vista que as palavras sempre ocorrem em contexto, o significado **convencional** representa uma idealização baseada no sentido prototípico emergente do **uso** contextualizado das palavras. O significado associado às palavras sempre envolve o significado pragmático. O significado convencional é, na verdade, uma afirmação desse significado prototípico a partir de várias interpretações situadas pragmaticamente. Portanto, o significado pragmático é considerado real, e o significado convencional é visto como abstração (Ferrari, 2011, p. 18, grifo nosso).

Assim, considerando que, para a Semântica Cognitiva, os significados são construídos pelo contexto, as UF, construídas a partir de metáforas, aí estariam inseridas, uma vez que os seus componentes adquirem novos significados quando empregados, de forma global, em um contexto preciso, por interlocutores que compartilham do mesmo universo sociocultural de crenças.

A Linguística Cognitiva classifica as metáforas nas seguintes categorias: i) metáforas estruturais; ii) metáforas orientacionais; iii) metáforas ontológicas; iv) metáforas personificadas.

As metáforas estruturais são aquelas concebidas a partir da ação de compreender e/ou experienciar uma coisa em termos de outra. Isto é, dizer algo se utilizando de termos pertencentes a outro campo semântico, através da ligação entre dois domínios cognitivos diferentes, o domínio-fonte e o domínio-alvo.

Este processo é convencionalmente representado pela fórmula “x é y” que, no entanto, não deve ser vista como uma proposição, mas como uma formulação sintética que representa uma transferência da estrutura e relações internas de um domínio-fonte, como por exemplo, VIAGEM, para um domínio-alvo, como VIDA, tal que A VIDA É UMA VIAGEM (Almeida et al., 2013, p. 22, caixa-alta das autoras).

No que se refere às metáforas orientacionais, os conceitos não são estruturados em termos de outro, mas os sistemas de conceitos são organizados em relação a outro, ligados em sua maioria à orientação espacial.

A correlação percebida (sic), por exemplo, entre verticalidade e quantidade baseia-se numa coocorrência. A verticalidade é um domínio-fonte adequado para conceptualizarmos a quantidade, pois é frequente percebermos (sic) o modo como ao adicionarmos “mais” de uma determinada substância num dado contentor o seu nível “sobe”. Por conseguinte, MAIS É PARA CIMA. (Almeida, et al., 2013, p. 27, caixa-alta das autoras)

Além disso, “na cultura ocidental, por exemplo, tudo que é ‘para cima’ é considerado bom, enquanto o que for ‘para baixo’ é mau” (Tagnin, 2013, p. 27). Em vista disso, temos, no português brasileiro, as UF do tipo *estar de alto astral; estar na fossa; andar de cabeça erguida; cair em desgraça*, entre outros.

As metáforas ontológicas são constituídas pela correlação das experiências humanas com substâncias e objetos físicos ou maquinários: “dada a metáfora A RAIVA (domínio-alvo) É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTENTOR (domínio-fonte) as correspondências ontológicas são: ‘contentor – corpo” (Almeida et al., 2013, p. 33, caixa-alta das autoras). Desse modo, podemos dizer, por exemplo, *não é bom tomar decisões de cabeça quente*. O mesmo acontece com a metáfora *a mente é uma máquina*, proposta por Lakoff e Johnson (2002, p. 79), onde *mente* é o domínio-alvo e *máquina* é o domínio-fonte e a partir da qual podemos dizer *A minha mente simplesmente não está funcionando hoje*.



Quanto às metáforas personificadas, as entidades não humanas são definidas em termos de motivações, características e atividades humanas. Por exemplo: *a operadora de telefonia comeu os meus créditos*.

Nessa esteira, o nível semântico de convencionalidade da fraseologia de uma língua é estabelecido, entre outros fatores, por questões culturais que são frequentes dentro da comunidade linguística e que orientam a formação de metáforas, que são postas em funcionamento através da criatividade linguística do falante. A alta frequência de uso de uma determinada metáfora, independentemente da motivação semântica que a tenha gerado, acarreta na convencionalidade dessa determinada sequência léxica, construindo, assim, uma UF.

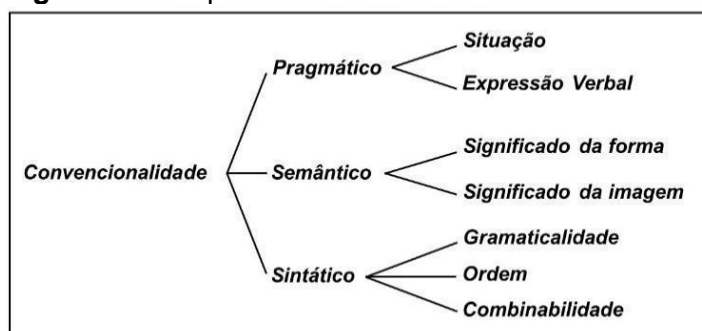
Por fim, o nível pragmático compreende dois aspectos de convencionalidade: i) a situação que demanda certa postura social e ii) a UF que melhor se adequa a essa situação.

Sempre que se recebe algo de alguém a situação exige que o receptor agradeça o que foi recebido. Assim, agradecer é o comportamento exigido pela situação. Esse comportamento pode se realizar verbalmente, mediante o uso de uma expressão linguística como *obrigado*, *muitíssimo obrigado* e outras similares (Tagnin, 2013, p. 27, grifos da autora).

O nível pragmático tem a ver com a Competência Pragmática dos atos comunicativos discutida na seção 3 desta tese. Sendo a fraseologia um fenômeno linguístico, como tal está sujeita às regras conversacionais impostas pelo sistema linguístico e pelas relações de interação extralinguística e pragmática, como discutido anteriormente.

Os diferentes níveis de convencionalidade podem ser sintetizados através do organograma a seguir.

**Figura 16** - Esquema dos níveis da convencionalidade



Fonte: Tagnin (2013, p. 27).

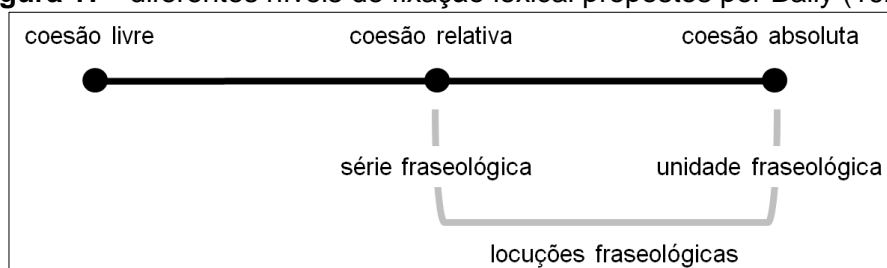
O organograma proposto por Tagnin (2013) revela que a alta frequência de uso de uma dada sequência léxica em uma mesma situação pragmático-comunicativa, expressando sempre o mesmo sentido e seguindo sempre a mesma ordem combinatório-sintagmática resulta na convencionalidade da expressão dentro da comunidade linguística, levando-a, assim, à fixação, característica das UF que será discutida a seguir.

#### 4.1.2.3 Fixação

Enquanto a propriedade da polilexicalidade está centrada no eixo paradigmático das línguas naturais, a propriedade da fixação<sup>141</sup> toma como ponto de partida o eixo sintagmático, de acordo com a dicotomia paradigma vs. sintagma proposta por Saussure (2006 [1916]).

Por ter sido inicialmente embasada no âmbito do ensino de línguas estrangeiras, particularmente da língua francesa para aprendizes alemães (Bally, 1919, 1921, 1944), as primeiras pesquisas em Fraseologia qualificavam a idiomaticidade<sup>142</sup> como principal característica definidora das UF, ao contrário do que é considerado em trabalhos mais recentes (Sfar; Buvet, 2018), que atribuem à fixação o traço mais relevante de identificação da fraseologia de uma língua, após a polilexicalidade<sup>143</sup>. Nesse sentido, Bally (1921, p. 68), partindo das relações sintagmáticas existentes nas línguas naturais, considerava três possibilidades de associação lexical, expostas na Figura 17.

**Figura 17** - diferentes níveis de fixação lexical propostos por Bally (1921)



Fonte: elaborado pelo autor com base em Bally (1921)

<sup>141</sup> Alguns autores empregam o termo *fossilização* (Mejri, 2005). Outros o termo *crystalização* (Monteiro-Plantin, 2014).

<sup>142</sup> Trataremos dessa propriedade de forma aprofundada na próxima subseção.

<sup>143</sup> Talvez por esse motivo os termos *figement* e *séquences figées* (fixação e sequência fixa) são frequentemente empregados como sinônimos do próprio fenômeno fraseológico, especialmente entre os teóricos de língua francesa, como discutido anteriormente.

Tal como apresentado na Figura 17, Bally (1921) se referia à propriedade da fixação lexical através da nomenclatura *coesão*. Para o autor, as unidades léxicas da língua são combináveis em três níveis distintos de coesão. Em um extremo, encontra-se a coesão livre, referente às associações léxicas ocasionais e passageiras. Nesse caso, “a associação se desintegra imediatamente após sua formação, e as palavras [lexias] que a constituíram recuperam toda a liberdade de se agruparem de outra forma” (Bally, 1921, p. 67-68, tradução nossa)<sup>144</sup>. Na outra extremidade, está a coesão absoluta, isto é, o nível máximo de fixação. Nessa situação, “as palavras [lexias], de tanto serem empregadas juntas para expressar a mesma ideia, perdem toda a autonomia, não podem mais ser separadas e só têm sentido quando reunidas” (Bally, 1921, p. 68, tradução nossa)<sup>145</sup>. Entre as duas extremidades se situa a coesão relativa, que são os casos de fixação intermediária, ou seja, aqueles que são, segundo o autor, difíceis de serem identificados e classificados.

Para exemplificar sua proposta, Bally (1921, p. 68, tradução nossa) traz as seguintes sequências léxicas: i) ter uma casa; ii) ter lugar; iii) ter sorte.

No primeiro caso, as lexias que compõem a sequência léxica são independentes e mantêm, cada uma, sua autonomia semântica dentro da estrutura. Isso ocorre de tal modo que outras associações semelhantes, expressando o sentido de posse, são possíveis, tais como *ter um carro* ou *ter uma bicicleta*, sendo, portanto, uma coesão livre. Essas ocorrências não pertencem à fraseologia.

No segundo exemplo, por outro lado, os constituintes perdem totalmente a independência semântica, visto que as lexias *ter* e *lugar* deixam de expressar seus significados originais, quais sejam, as noções de posse e de localidade, respectivamente, e passam a manifestar, em conjunto, a ideia de tempo (*acontecer*). Esse seria um caso de coesão absoluta.

Por fim, a sequência léxica *ter sorte* é um exemplo de coesão relativa, visto que o grau de combinação entre as lexias é intermediário: ao mesmo tempo em que cada constituinte preserva seu significado original, as lexias ocorrem sempre em conjunto, de forma associada. Construções similares ilustram melhor a questão, em especial se comparadas a outras línguas. Em português brasileiro, se diz *prestar atenção*. Em

<sup>144</sup> No original: *L'association se désagrège aussitôt après sa formation, et les mots qui la composaient recouvrent leur entière liberté de se grouper autrement.*

<sup>145</sup> No original: *Les mots, à force d'être employés ensemble pour l'expression d'une même idée, perdent toute autonomie, ne peuvent plus se séparer et n'ont de sens que par leur réunion.*

inglês, a mesma ideia é expressa através do verbo *pagar* (*to pay attention*). Em francês, com o verbo *fazer* (*faire attention*). Em espanhol mexicano coloquial, com o verbo *por* (*poner atención*)<sup>146</sup>. Trata-se de uma associação frequente, mas que não caracteriza na perda do sentido original das lexias ali presentes.

Bally (1921, p. 68) considerava como UF apenas as sequências léxicas que se configuravam em coesão absoluta, as quais ele denominava efetivamente de UF, evidenciando que, à época, a idiomaticidade era o critério mais relevante para os estudos em Fraseologia. Entretanto, o autor não descarta os casos de coesão relativa, chamados de séries fraseológicas. Então, o material fraseológico das línguas naturais, ou seja, as locuções<sup>147</sup> fraseológicas, nos termos de ballyanos, era composto não apenas pelas UF, mas também pelas séries fraseológicas, dando indícios, já naquela época, da importância da fixação sintática para a Fraseologia.

Assim, Gross (1996, p. 28, tradução nossa), ao explicar a noção de fixação, compara as UF aos sintagmas nominais ordinários para ressaltar a fixação sintática: “um sintagma nominal ordinário tem uma estrutura e relações internas que permitem reformulações, uma sequência composta [UF] funciona como um único bloco do ponto de vista de suas relações com o resto da sentença”<sup>148</sup>. Dito de outro modo, a fixação, para o autor, é uma característica que diz respeito à impossibilidade ou restrição de mobilidade interna das lexias simples que compõem a UF, ou seja, à impossibilidade de substituições ou alterações na ordem sintagmática dos elementos léxicos que compõem a UF.

Considerando o exposto, González-Rey (2015, p. 47-48) classifica a fixação em três níveis distintos: i) nível formal (sintático); nível semântico; nível pragmático.

O nível formal refere-se diretamente à explicação dada por Gross (1996). Nesse nível, considera-se que há uma soldadura entre os constituintes que integram a construção fraseológica e que, em oposição às construções livres, impossibilita a alteração na ordem linear de aparição dos seus constituintes, ou ainda a troca de um dos elementos léxicos ou outro, semelhante ou não, por risco de perda do sentido

<sup>146</sup> Agradecemos ao amigo Christopher Yafte pelas explicações sobre o funcionamento lexical do espanhol mexicano coloquial.

<sup>147</sup> Em estudos atuais sobre Fraseologia, o termo *locução* diz respeito a um tipo específico de UF, da qual falaremos mais detalhadamente na próxima seção.

<sup>148</sup> No original: *Un groupe nominal ordinaire a une structure et des relations internes qui permettent des reformulations, un nom composé fonctionne comme un seul bloc du point de vue de ses circulations avec le reste de la phrase.*

global que a unidade transmite. Para melhor exemplificação, retomemos as sentenças apresentadas em (1), reescritas em (5) com acréscimos:

- (5) a João *jogou um balde de água fria* no irmão.  
João *jogou uma bacia de água fria* no irmão.
- b Maria ficou *com a pulga atrás da orelha* com o sumiço de Rebeca.  
Maria ficou *com o carrapato atrás da orelha* com o sumiço de Rebeca.
- c Receba se desculpou *de todo coração*.  
Receba se desculpou *de inteiro coração*.

Nas sentenças em (5a), o constituinte *balde*, da UF *jogar um balde de água fria* que possui o significado de *desestimular*, foi substituído por outro do mesmo campo semântico, isto é, *bacia*. Contudo, a possibilidade de recuperação do sentido de *desestimular* se perde na segunda sentença e, assim, a UF deixa de existir. O mesmo aconteceria se a mudança ocorresse com a lexia *jogar*, sendo esta substituída por *arremessar*, por exemplo. *Arremessar um balde de água fria* tampouco expressa o sentido de *desestimular*. A fixação é, portanto, evidenciada pelo impedimento de alteração dos elementos que compõem a UF.

Constatação semelhante à de (5a) pode ser feita com (5b) ao substituir a lexia *pulga* por *carrapato* na UF *com a pulga atrás da orelha*. O sentido global da UF não é mais recuperável e a sentença torna-se, portanto, uma construção livre. Mais uma vez, poderíamos efetuar a troca de qualquer outra lexia simples de (5b), tal como *com a pulga atrás do nariz*, ou ainda *com a pulga diante da orelha*, por exemplo, e, ainda assim, o sentido de *desconfiada* estaria inalcançável. O mesmo ocorre em (5c): a substituição de *todo*, constituinte da UF *de todo coração*, por *inteiro*, desfaz a UF.

Ainda no nível sintático, a alteração na ordem linear de aparição das lexias que compõem a UF também resultaria na perda do sentido global expresso pela unidade, como vimos na subseção anterior, com o exemplo de *cama, mesa e banho* > *\*banho, cama e mesa*. No nível formal, portanto, impossibilitada tanto a troca sintagmática de um constituinte por outro similar, quanto entre os próprios constituintes da UF.

O nível semântico está ligado ao princípio da composicionalidade semântica. “De acordo com o princípio de composicionalidade semântica, o sentido de um enunciado é resultante da composição do sentido [individual] dos elementos que o

constituem” (Polguère, 2018a, p. 61). Entretanto, esse princípio não é aplicável às UF. Ao contrário, considera-se o sentido global que ela apresenta. O significado expresso pela UF não resulta, portanto, da somatória dos itens lexicais, tal como propõe o princípio da composicionalidade semântica, mas sim de sua totalidade. Para exemplificação, seguem as sentenças em (6).

- (6) a *Cair a ficha*;  
 b *Colocar o carro na frente dos bois*.

Na UF em (6a), *cair a ficha*, a combinação livre das lexias, ou seja, seu sentido literal, remete aos telefones públicos, existentes no Brasil durante as décadas de 1980 e 1990, que funcionavam à base de fichas telefônicas. Nesse maquinário, quando a ligação telefônica era completada, a ficha caía. Entretanto, ao considerar a expressão *cair a ficha* de maneira fixa, com o sentido único de *entender*, temos uma UF, graças ao sentido global, motivado pela relação metafórica da ligação telefônica com o verbo *entender*. Ainda que os telefones públicos à ficha não estejam mais em uso, a UF permanece inalterada e pertence ao léxico do português brasileiro como marca cultural.

O mesmo acontece com (6b), *colocar o carro na frente dos bois*. Se analisado a partir do princípio da composicionalidade semântica, o enunciado em (6b) é entendido literalmente, isto é, o antigo carro de madeira, semelhante a uma carroça, puxado por bois e utilizado na agricultura para arar a terra. No entanto, ao considerarmos a sentença em sua totalidade, ignorando a composicionalidade semântica, obtemos uma UF, empregado com o sentido de *se precipitar*.

Tanto a UF em (6a) quanto em (6b) são semanticamente motivadas por equipamentos que já caíram em desuso e, portanto, não fazem parte da cultura brasileira contemporânea. Contudo, ambas permanecem imutáveis. A este respeito, e no tocante ao nível semântico da fixação, González-Rey (2015, p. 48, tradução nossa) frisa que “do ponto de vista semântico, seu significado global [das UF] permanece inalterado, qualquer que seja o tempo ou o ambiente”<sup>149</sup> em que foram originalmente motivados. A pesquisadora reforça seu raciocínio salientando que as UF “são compostas por palavras que são previamente autônomas e que, fora da

<sup>149</sup> No original: *Du point de vue sémantique, leur sens global reste inchangé quels que soient l'époque ou le milieu.*

unidade, são sucessíveis de evoluir diacronicamente. Por outro lado, dentro da unidade fraseológica [UF], certos termos não podem mais sofrer evolução”<sup>150</sup> (González-Rey, 2015, p. 48, tradução nossa) e, portanto, permanecem presentes na língua mesmo que sua motivação semântica não seja mais recuperável.

No tocante ao nível pragmático, a fixação encontra-se no uso das UF. Aqui, a fixação ocorre em duas instâncias: i) as situações comunicativas e ii) cada nível de linguagem, isto é, os níveis de variação diafásica existentes na língua (Blanco Escoda; Mejri, 2018; González-Rey, 2021). Na primeira instância, a fixação se dá através da exigência de uso de determinadas expressões com relação à situação comunicativa em que o falante se encontra, por exemplo, saudações, apresentações etc. Na segunda instância, a fixação se realiza devido ao fato de cada nível de linguagem exigir uma determinada UF correspondente. Ambos os casos estão exemplificados em (7):

- (7) a Soube da morte de seu irmão. *Meus pêsames*.  
 b João colocou uma *ponte de safena*.  
 c João fez uma *cirurgia de revascularização do miocárdio*.

A sentença em (7a) apresenta a UF *meus pêsames*, que é tradicionalmente empregada em situações de luto para transmitir apoio e compaixão à pessoa enlutada pelo falecimento de um ente querido. Nesse caso, a fixação ocorre na situação comunicativa em que a UF acontece. O uso dessa UF em um contexto pragmático diferente do habitual causaria estranheza ao falante nativo, classificando-a como agramatical<sup>151</sup>.

As sentenças em (7b) e (7c) dão exemplos de fixação ocorrida de acordo com o nível de linguagem. No primeiro caso, a UF *ponte de safena* exemplifica a variação diafásica para se referir, em um nível de linguagem popular, ao procedimento cirúrgico utilizado para tratar a doença arterial coronariana grave, o qual, em termos técnicos é conhecido como *cirurgia de revascularização do miocárdio*, tal como exposto na segunda sentença.

<sup>150</sup> No original: *Elles sont composées de mots qui sont préalablement autonomes, et qui, en dehors de l'unité, sont susceptibles d'évoluer diachroniquement. Par contre, au sein de l'unité phraséologique, certains termes ne peuvent plus subir d'évolution.*

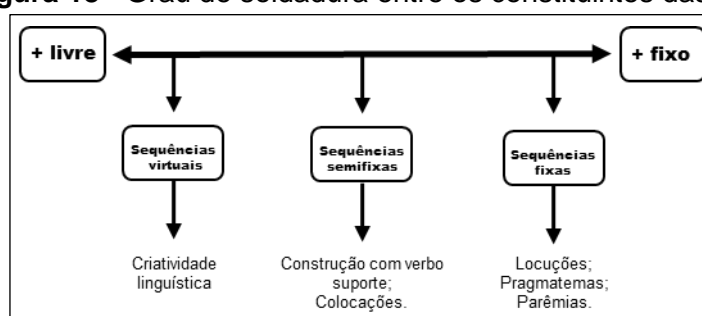
<sup>151</sup> Evidentemente, não consideramos aqui casos de emprego da UF de forma irônica ou sarcástica, que serão analisadas mais à frente, ao tratarmos da propriedade da desfixação lexical.

González-Rey (2015, p. 48, tradução nossa), no entanto, ao tratar dos diferentes níveis de fixação das UF faz a seguinte observação: “é preciso considerar as nuances dessa característica dizendo que há uma graduação na fixação das UF, algumas podendo ser mais móveis do que as outras”<sup>152</sup>. Nesse sentido, Mejri (2005) discute sobre os diversos graus de fixação das UF propondo uma dupla classificação: as UF com fixação absoluta e aquelas com fixação relativa.

Assim, “entendemos por ‘fixação absoluta’ o grau máximo de ‘fossilização’ de uma formação sintagmática<sup>153</sup>” (Mejri, 2005, p. 186, tradução nossa). Estariam nessa categoria, portanto, as UF que não autorizam modificações em sua formação, expressão de sentido ou utilização durante o ato comunicativo específico. A fixação relativa, por sua vez, classifica as UF que estão em um nível intermediário, entre a fixação livre e a fixação absoluta. São, portanto, as UF que se assemelham às expressões livres, mas que, ainda assim, possuem algum grau de fixação. “Se a fixação absoluta, ao contrário do que pensamos, diz respeito apenas a uma parte das sequências fixas, devemos nos orientar para uma abordagem que toque ao funcionamento das SF [sequências fixas]<sup>154</sup>” (Mejri, 2005, p. 190, tradução nossa).

Posteriormente, Mejri (2012, p. 21), concebendo que a fraseologia de uma língua se manifesta de forma gradual através do conjunto de solidariedades lexicais que se realizam no discurso, propõe uma nova classificação para a fixação das UF, tomando como base um contínuo horizontal imaginário que vai do mais livre ao mais fixo, como ilustrado por nós na Figura 18.

**Figura 18** - Grau de soldadura entre os constituintes das UF



Fonte: Sampaio e Ribeiro (2021b)

<sup>152</sup> No original: *il faut également nuancer cette caractéristique en disant qu'il existe une graduation dans le figement des unités phraséologiques, les unes pouvant être plus mouvantes que les autres.*

<sup>153</sup> No original: *Nous entendons par « figement absolu » le degré maximal de « fossilisation » d'une formation syntagmatique.*

<sup>154</sup> No original: *ne peut se concevoir indépendamment de celle de degrés. Si le figement absolu, contrairement à ce qu'on croit, ne concerne qu'une partie des séquences figées, on doit s'orienter du côté d'une approche qui touche au fonctionnement des SF.*



O conceito de solidariedade, tal como expresso na Figura 18, diz respeito à noção de interdependência existente entre as lexias que constituem a UF, a qual pode ser identificada em qualquer um dos três níveis de fixação. Ao falar de solidariedade e interdependência, Mejri (2012) não se refere ao conceito de composicionalidade semântica, mas sim dos níveis de atração existente entre os constituintes da UF que levam ao sentido global da unidade. Considera-se, assim, que as lexias que constituem a UF são solidárias entre si, criando certa interdependência interna.

As sequências que demonstram menor grau de fixação são as sequências virtuais. Tais realizações léxicas não são encaradas como uma UF propriamente dita, mas sim como uma UF em potencial, a qual, caso encontre alta frequência de uso e seja efetivamente convencionalizada pela comunidade linguística, poderá integrar a fraseologia da língua, independentemente do grau de fixação. Ocorrências assim “revelam uma criatividade fraseológica específica de um autor ou rotinas discursivas compartilhadas por determinadas comunidades” (Mejri, 2012, p. 21, tradução nossa), como jargões de determinados personagens fictícios (séries, filmes, novelas, livros) ou memes da Internet (Gautier; Siouffi, 2016).

As sequências semifraseológicas ou semifixas são as que se encontram em um nível intermediário de fixação. São aquelas que revelam associações consideradas naturais por um utente nativo da língua porque se enquadram em uma competência discursiva que orienta a escolha do elemento lexical apropriado a ser combinado a outros elementos lexicais para, em conjunto, emitir uma mesma ideia. Seriam, talvez, as séries fraseológicas tratadas por Bally (1921). São classificadas nesse grupo UF do tipo *construções com verbo suporte* e *colocação*, por exemplo.<sup>155</sup>

As sequências que apresentam maior grau de fixação são as ditas sequências fixas, as quais, por sua vez, exprimem total interdependência sintática, semântica e pragmática entre seus constituintes. Tais sequências já se encontram completamente estabelecidas na língua e fazem parte do conjunto de unidades pré-construídas, ou seja, são expressões que pertencem ao léxico, seja ele geral ou especializado, de uma determinada comunidade. Nesse grupo, são inseridas as UF do tipo *locução*, *pragmatema* e *parêmia*.

---

<sup>155</sup> A tipologia das UF será amplamente discutida na próxima seção.

No que concerne ao nível de fixação sintática, Mejri (2005), a partir dos estudos de Gross (1996) sobre a formação categorial das UF, traz para análise a oposição heteroentidade vs. autoentidade<sup>156</sup>. Tal conceito

indica a transferência entre a categoria de partida e a categoria de chegada [na formação de uma UF]; fala-se de autoentidade quando a formação é concebida na mesma categoria gramatical como é o caso das locuções verbais, e de heteroentidade quando a sequência fixa [UF] é colocada em uma categoria diferente daquela em que foi concebida<sup>157</sup> (Mejri, 2005, p. 190, tradução nossa).

A título de exemplificação, podemos citar as UF *quebrar o galho*, com o sentido de *ajudar*, e *puxa-saco*, com sentido de *bajulador*. A primeira é um caso de autoentidade, visto que a UF foi concebida a partir de um verbo e continua a atuar como tal. A segunda é um exemplo de heteroentidade, pois a UF foi construída a partir de um verbo, mas assume a função sintática de adjetivo.

Em conclusão, é preciso ter em mente que o caráter de fixação por si só não garante a categorização de um signo complexo como sendo uma UF. Esse é o caso, por exemplo, dos signos complexos formados por afixos, tal como sinaliza Gross (1996, p. 9-10, tradução nossa): “poderíamos objetar que as palavras afixadas não são estranhas à fixação, pois, para uma dada raiz, não se observa qualquer sufixo”<sup>158</sup>. Por exemplo, a partir do adjetivo *gentil* e do sufixo *-eza* forma-se o substantivo *gentileza*. Contudo, o substantivo não poderia ser formado a partir do sufixo *-idade*, tal como ocorre com *frágil* + *-idade* = *fragilidade*, ou vice-versa. Embora haja fixação entre as raízes e os afixos, eles não se encaixam na categoria de UF, uma vez que não se adequam ao caráter da polilexicalidade.

<sup>156</sup> No original, os termos estão em língua francesa, *auto-entité* e *hétéro-entité*. Desconhecemos, em língua portuguesa, traduções já consolidadas para esses conceitos. Essa é, portanto, uma tradução nossa, feita de forma livre.

<sup>157</sup> No original: *indique le transfert entre la catégorie de départ et la catégorie d'arrivée ; on parle d'autoentité quand la formation se conçoit dans la même catégorie grammaticale comme c'est le cas pour les locutions verbales, et d'hétéro-entité quand la séquence figée est versée dans une catégorie autre que celle dans laquelle elle a été conçue.*

<sup>158</sup> No original: *On pourrait objecter que les mots affixés ne sont pas étrangers au figement, puisque, pour une racine donnée, on n'observe pas n'importe quel suffixe.*

#### 4.1.2.4 Idiomaticidade

O termo *idiomaticidade* comporta duas noções básicas: i) aquilo que é particular a uma língua; ii) aquilo que é ausente de sentido literal (Corpas Pastor, 1996; González-Rey, 2015, 2021; Tagnin, 2013; Mejri, 2012, 2017a entre outros). A primeira, mais frequente no senso comum, provem dos termos gregos *idiôma* (língua) e *idios* (próprio/particular). A segunda, mais científica e, portanto, mais pertinente aos estudos em Fraseologia, foi, ainda que de maneira tímida, inicialmente empregada por Bally (1921, p. 66). Nesse sentido, a característica da idiomaticidade reporta-se ao fato do significado de uma UF não ser dedutível pela junção dos significados isolados das lexias que a integram. Podemos dizer que uma UF é idiomática quando se trata de

uma sequência que não pode ser traduzida termo a termo para outro idioma, sem que com isso seja restringida no idioma em questão tanto no plano sintático (as transformações usuais são possíveis) como no plano semântico (o significado é composicional e não opaco)<sup>159</sup> (Gross, 1996, p. 6, tradução nossa).

Melhor desenhado,

dizemos que uma expressão é idiomática apenas quando seu significado não é *transparente*, isto é, quando o significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada um de seus elementos. [...] É preciso que essa noção fique muito clara porque, em português, *idiomático* é usualmente empregado com o sentido de “referente a ou próprio de um idioma” (Tagnin, 2013, p. 22, grifos da autora).

Ao considerar as três principais dimensões da fraseologia – sintática, semântica e pragmática – González-Rey (2021, p. 69-70) ressalta que é importante notar que a idiomaticidade fraseológica opera dentro dessas mesmas dimensões. Sob uma perspectiva formal, a seleção e a ordem das lexias, assim como as relações sintáticas existentes entre elas, são os primeiros indícios de idiomaticidade que permitem qualificar uma UF. Esse nível de idiomaticidade está ligado à propriedade da fixação, como examinado anteriormente. Determinadas construções sintáticas são fixas e,

<sup>159</sup> No original: *Une séquence que l'on ne peut pas traduire terme à terme dans une autre langue, sans pour autant qu'elle soit contrainte dans la langue en question ni sur le plan syntaxique (les transformations habituelles sont possibles) ni sur le plan sémantique (le sens est compositionnel et non opaque).*

portanto, próprias de uma língua, de tal modo que a sua tradução literal em outro idioma não é possível ou não transmite o mesmo significado. As sentenças a seguir apresentam exemplos comparativos entre as línguas portuguesa e francesa.

- (8) a João foi roubado ontem à noite.  
 b \**João a été volé hier soir.*  
 c *João s'est fait voler hier soir.*

Os exemplos em (8) revelam a idiomatidade sintática em língua portuguesa e francesa: a tradução literal para o francês da sentença em português *João foi roubado ontem à noite*, em (8a), resulta na construção \**João a été volé hier soir*, em (8b). Porém, essa não é a estrutura sintática usual e, portanto, preferencialmente escolhida por um falante nativo, em língua francesa. Nesse caso, a sentença é considerada agramatical porque sugere que a pessoa João foi roubada, em um sentido aproximado de sequestro, e não que algum pertence de João tenha sido roubado. Em vez disso, para expressar a ideia de que João foi vítima de um roubo, a construção adequada é aquela exposta em (8c). Aqui, é o verbo reflexivo *se faire* (se fazer) que é empregado em francês. De igual forma, em português, a sentença *João s'est fait voler hier soir* (literalmente *João se fez roubar ontem à noite*) soa estranha para um falante nativo, pois essa não é uma construção sintática comumente utilizada para transmitir a mesma ideia. Em vez disso, emprega-se a voz passiva *foi roubado*.

A construção de sentenças com o verbo reflexivo *se faire* é bastante frequente em língua francesa para transmitir a notícia de acontecimentos ruins, de modo que construções semelhantes são possíveis: *se faire avoir* (ser vítima de um golpe), *se faire tuer* (ser assassinado), *se faire huer* (ser vaiado), *se faire agresser* (ser agredido) etc. Pela nossa experiência de contato com essa língua, percebemos que, durante o ato comunicativo, somente a introdução da sentença *João se fait...* é necessária para gerar comoção por parte do receptor da mensagem, visto que já está convencionalizada a associação dessa estrutura sintática com algo negativo, confirmando a idiomatidade sintática.

Em uma perspectiva semântica, a idiomatidade se refere, como já discutimos, a não composicionalidade dos constituintes. O papel que o significado individual dos componentes desempenha na emissão do significado global da UF é, em certa medida, nulo, visto que a idiomatidade se encontra no nível imagético-metafórico.

No âmbito pragmático, como também já mencionamos, a idiomaticidade se encontra no nível da enunciação, estabelecendo uma relação de interdependência entre a UF e o contexto comunicativo, o qual influencia tanto na forma como no sentido da UF. Assim, o contexto pragmático pode determinar o uso de uma UF específica, como é o caso da UF *meus pêsames*. Ou, ao contrário, uma UF pode ser empregada apenas em uma situação particular. Como *bom apetite*, que é usada exclusivamente antes das refeições.

No que tange à idiomaticidade semântica, duas outras noções são importantes: o conceito de transparência e de opacidade semântica. A transparência se refere à composicionalidade semântica: o sentido da sentença é obtido pela somatória dos sentidos individuais dos constituintes. A opacidade diz respeito a não composicionalidade semântica: o sentido da sentença é obtido em bloco. A partir dessas noções, as UF podem ser semanticamente agrupadas em dois grupos: i) as UF semanticamente transparentes e ii) as UF semanticamente opacas.

As UF semanticamente transparentes são as sequências léxicas em que, embora haja fixação, frequência de uso e convencionalidade entre seus constituintes, o significado emitido por ela é dedutível de forma composicional. Em contrapartida, as UF semanticamente opacas são aquelas cujo significado não está diretamente ligado à definição de cada um dos seus componentes, mas, ao contrário, ao conceito idiomático contido na transmissão cultural dessa expressão (Mejri, 2017a). As sentenças em (9) nos dão exemplos disso:

- (9) a Todo ano, recebo inúmeras mensagens de *feliz aniversário* nas redes sociais.
- b A Barra é a *minha praia* favorita em Salvador.
- c Cantar não é a *minha praia*.

A UF presente na sentença em (9a), *feliz aniversário*, é uma expressão de uso frequente entre os falantes de língua portuguesa e, portanto, culturalmente convencional entre nós. As lexias que a compõem são associadas com bastante fixação e, por isso, são sempre repetidas seguindo a mesma ordem sintática, jamais *\*aniversário feliz*, ou *\*alegre aniversário*. Contudo, seu significado é transparente. Qualquer lusófono, nativo ou estrangeiro, é capaz de compreender a mensagem

transmitida na sentença em (9a), qual seja, expressar votos de alegria para a pessoa que está comemorando mais um ano de vida.

Em (9b), a expressão *minha praia* além de transparente não apresenta nenhum tipo de cristalização ou convencionalidade. As lexias em destaque poderiam ser substituídas, sem prejuízo ao significado da sentença, por *meu lugar* ou *minha orla*, por exemplo. Logo, tal expressão não é uma UF, sendo, portanto, apenas uma composição livre.

A sentença em (9c), por sua vez, contém as mesmas lexias em destaque que em (9b): *minha praia*. Contudo, o significado da expressão em (9c), no sentido de *cantar não é aquilo que eu domino/não é o que eu prefiro fazer*, é totalmente opaco. Portanto, é possível afirmar que tal expressão é convencional e idiomática, uma vez que seu significado não é decodificado a partir da soma dos significados individuais de seus constituintes (*minha + praia*), mas sim de sua totalidade, que é convencionalmente empregada com o significado de *minha preferência/minha área de domínio*.

Não obstante, em se tratando de fenômenos linguísticos, nem tudo é categórico.

Cumpramos ressaltar, no entanto, que a idiomaticidade de uma expressão pode ser apenas parcial, como em *white lie/mentira branca*, em que só um adjetivo é idiomático. Assim, podemos dizer que idiomaticidade é um aspecto que pode existir em maior ou menor escala numa expressão, ou seja, uma expressão não é necessariamente idiomática ou não idiomática, podendo apresentar maior ou menor grau de idiomaticidade (Tagnin, 2013, p. 99).

Portanto, é correto dizer que a fraseologia de uma língua opera a partir de diferentes graus de opacidade semântica (Mejri, 2005). González-Rey (2015) classifica o caráter idiomático das UF em três níveis: i) total; ii) parcial; iii) inexistente.

A idiomaticidade total é aquela cuja UF apresenta um desvio do seu significado literal, levando a unidade a um segundo sentido, escondido sob o primeiro (González-Rey, 2015, p. 49), ou seja, são UF semanticamente opacas. A UF *chorar as pitangas*, com o sentido de *reclamar excessivamente*, é um bom exemplo de opacidade total, visto que é cientificamente impossível que as glândulas lacrimais do corpo humano produzam pitangas – pequena fruta tropical de cor vermelhada quando madura – ao invés de lágrimas em resposta à interação entre o sistema nervoso e os centros emocionais do cérebro. A lexia *pitanga* tem origem em tupi e equivale em português

a *vermelho* (Dietrich; Noll, 2010, p. 95). Em português brasileiro, esse empréstimo é empregado para se referir à cereja de caiena, em alusão à cor da fruta. Portanto, *chorar as pitangas* é literalmente *chorar as cerejas de caiena* ou *chorar vermelho*. Porém, o conceito opaco que está ligado à UF é *se lamentar*.

A idiomaticidade parcial, segundo González-Rey (2015, 2021) acontece quando a sequência léxica permite uma dupla leitura, quer dizer, uma compreensão composicional, configurando-se em uma sequência livre ou virtual, e uma compreensão não composicional, formando uma UF. A construção *sua batata está assando* é um exemplo de idiomaticidade parcial, já que ela pode fazer referência a legumes que estejam efetivamente no forno (sequência livre) ou funcionar como um alerta a alguém que tenha feito algo de errado de que as consequências de seus atos estão por vir (sequência fixa).

Contudo há outra forma de classificar uma UF como parcialmente idiomática (Mejri, 2005, 2012; Mel'čuk, 2017). São os casos em que apenas um dos constituintes da sequência fixa é opaco, a exemplo de *pão delícia*, UF empregada na Bahia, especificamente na região metropolitana de Salvador, para se referir ao pão de textura macia e sabor levemente adocicado. Nesse caso, a opacidade está atrelada unicamente à lexia *delícia*, visto que, aqui, ela não faz alusão a um pão que é subjetivamente delicioso, mas sim a um tipo específico de pão. Porém, a opacidade não é total pois, *pão delícia* é, efetivamente, um pão.

Por último, a idiomaticidade é considerada inexistente quando a UF é totalmente transparente, isto é, quando a leitura da unidade é completamente composicional. *Álcool em gel* e *prato principal* são exemplos de UF com idiomaticidade inexistente.

Situações que apresentam idiomaticidade total ou parcial estão vinculadas ao conceito linguístico de argumento e predicado, tendo em conta que, em linhas gerais, essas são construções gramaticalmente possíveis de ocorrer na língua, mas que são irregulares quanto à natureza dos argumentos esperados dentro do ato comunicativo (González-Rey, 2021, p. 164).

As noções de argumento e predicado foram melhor elucidadas pelas teorias da Gramática Gerativa (Carnie, 2006; Miotto; Figueiredo Silva; Lopes, 2013; Kenedy, 2016, para destacar algumas das obras mais conhecidas no Brasil que discutem sobre o tema). O argumento, seja ele externo ou interno, é composto pelos elementos lexicais que são selecionados pelo predicado para, em conjunto, estabelecerem

relações que dão sentido à sentença, tornando-a gramaticalmente aceitável. Vejamos o exemplo a seguir:

(10) A criança abraçou o irmão.

Na frase em (10), o predicado *abraçar* seleciona dois argumentos: i) o argumento externo, *a criança*, aquele que executa a ação e, portanto, o sujeito da oração; ii) o argumento interno, *o irmão*, aquele que sofre a ação, o complemento verbal. A ausência de um dos dois argumentos em (10) tornaria a sentença agramatical.

Assume função predicativa qualquer elemento lexical, sejam verbos ou até mesmo alguns nomes, que selecionam argumentos, tanto externos quanto internos. O nome *visão*, a título de exemplo, apresenta características seletivas de predicado: “no caso ‘visão’ possui apenas um argumento, afinal, a ‘visão’, como nome derivado de um verbo, é a visão ‘de alguma coisa’, tal como se verifica na sentença ‘A visão de sua casa pronta emocionou João’” (Kenedy, 2016, p. 145). Nesse caso, o predicado *visão* seleciona apenas o argumento interno *de sua casa pronta* (Vivès, 1993).

Ainda em termos gerativistas, admite-se que, ao assumir uma função argumentativa ou predicativa, uma entidade léxica possui papel temático (ou papel theta) na sentença (Carnie, 2006, p. 226). Dito de outro modo,

entende-se por papel temático ou papel  $\theta$  (da letra grega theta) as relações existentes entre elementos lexicais quando estes assumem funções de predicado ou de argumentos numa determinada sentença. É a Teoria  $\theta$  que explica, dentre outras coisas, quais são os elementos semanticamente capazes de atribuir ou de receber papéis  $\theta$ , além de determinar como se dá tal recebimento ou distribuição de papéis  $\theta$ . Quanto ao termo grade temática, trata-se do número de papéis, isto é, argumentos, que o predicado terá que atribuir para ser gramatical (Sampaio, 2017, p. 42).

Em se tratando de construções fraseológicas idiomáticas, totais ou parciais, há uma ruptura semântica nas regras de seleção dos argumentos por parte do predicado. Retomando o exemplo da UF *chorar as pitangas*, obtemos a seguinte sentença:

(11) João chorou as pitangas para Maria.



Aqui, há duas possibilidades de análise da sentença: uma enquanto sequência livre e outra enquanto UF. Na primeira, o predicado verbal *chorar*, seleciona três argumentos: o argumento externo *João* e os argumentos internos *as pitangas* e *para Maria*. Os constituintes da sentença estariam assim delimitados:

(12) [João [chorou [as pitangas [para Maria.]]]]

Contudo, tal análise rompe com aquilo que é habitualmente esperado em um ato comunicativo no qual o predicado *chorar* esteja sendo empregado, causando estranheza na leitura livre da sentença, uma vez que ela seria literal e, sendo assim, humanamente impossível. Semanticamente, a grade theta do predicado *chorar* atribui até dois papéis temáticos: um argumento externo e, eventualmente, outro interno, propiciando a construção de sentenças do tipo: *João chorou* ou *João chorou por Maria*.

Em segundo plano, tomando como ponto de partida a UF, considera-se como predicado a UF em sua totalidade, *chorar as pitangas*, que, esse também, está licenciado a selecionar até dois argumentos: o argumento externo *João* e, a depender do contexto conversacional, o argumento interno *para Maria*. Portanto, para preservar a gramaticalidade da sentença em (11), seus constituintes precisam ser delimitados da seguinte forma:

(13) [João [chorou as pitangas [para Maria.]]]

No que compete às UF que manifestam idiomaticidade parcial, a grade theta dos elementos predicativos que as compõem permanece inalterada, independentemente de como a construção léxica é lida, se como uma sequência livre ou se como UF, dado que em ambos os casos a construção é considerada gramatical. Retomando a UF *sua batata está assando*, temos a seguinte sentença:

(14) A batata de João está assando.

Aqui, tanto na leitura livre como na leitura fraseológica, há apenas uma análise possível: o predicado *está assando*, que descreve o estado da batata, está autorizado a selecionar dois argumentos, um interno e um externo. Assim, é atribuído o papel temático de argumento interno a *A batata*, pois se refere ao elemento que sofre a ação

de ser assado, enquanto *de João* recebe o papel temático de argumento externo, estabelecendo a relação de posse entre *João* e a *batata*. Assim como na leitura composicional, remetendo ao ato de assar um legume, como na leitura não composicional, alertando João das possíveis consequências de suas ações, a delimitação dos constituintes da sentença é a mesma:

(15) [A batata [de João [está assando.]]]

UF construídas dessa forma estão ligadas ao conceito de imagem incongruente ou congruente discutido por González-Rey (2021, p. 183). Nessa perspectiva, as UF são agrupadas em dois blocos, de acordo com o tipo de imagem idiomática que elas transmitem: i) as UF com imagem incongruente são aquelas que, em termos semânticos, oferecem apenas a possibilidade de leitura metafórica; ii) as UF com imagem congruente são aquelas suscetíveis de uma dupla leitura, sendo uma literal e uma metafórica.

As UF que apresentam idiomaticidade total são enquadradas como possuidoras de imagem incongruente, tais como *falar pelos cotovelos*, com o sentido de *falar muito*, ou *fazer tempestade em copo d'água*, com o sentido de *se preocupar excessivamente com algo banal*. Nesses exemplos, apenas a leitura metafórica é semanticamente aceitável. Por outro lado, as UF que manifestam idiomaticidade parcial são tidas como possuidoras de imagem congruente. São exemplos: *jogar a toalha*, expressando o sentido de *desistir*, ou ainda *virar a mesa*, com o sentido de *mudar inesperadamente uma situação desvantajosa*. Em ambos os casos, existe a possibilidade de uma leitura literal e metafórica.

Outra possibilidade de análise da imagem idiomática das UF é apresentada por Mejri (2005) ao tratar do conceito de unidade endocêntrica e unidade exocêntrica<sup>160</sup>. Tal conceito “se baseia na presença ou ausência na sequência fixa [UF] de um elemento referente à entidade nomeada<sup>161</sup>” (Mejri, 2005, p. 190, tradução nossa). A UF *pano de prato*, por exemplo, é endocêntrica, pois faz efetivamente referência a um

<sup>160</sup> Nos textos originais, os termos em língua francesa são *image congrue* e *image incongrue*; *unité endocentriques* et *unité exocentriques*. Até o momento, não temos conhecimento de traduções consolidadas para esses conceitos na língua portuguesa. Portanto, estamos realizando uma tradução livre com base no nosso entendimento dos termos.

<sup>161</sup> No original: *repose sur la présence ou l'absence dans la séquence figée d'un élément renvoyant à l'entité dénommée*.

pano. Inversamente, a UF *olho de sogra*, que é comumente usada no Brasil para se referir ao doce tradicional feito com ameixas secas recheadas com doce de coco, é exocêntrica já que não é referencial, pois, na realidade, não se trata nem de um olho nem uma sogra. As UF endocêntricas são, portanto, aquelas que manifestam o segundo tipo de idiomaticidade parcial, tais como *pão delícia*, mencionada anteriormente.

Para concluir, é preciso ressaltar que a idiomaticidade é uma das características mais difíceis de serem distinguidas na fraseologia de uma língua, sobretudo no que tange às línguas estrangeiras, porque “nas línguas, existe um grande número de enunciados que um estrangeiro não pode interpretar literalmente, mesmo que ele conheça o sentido habitual de todas as palavras que os compõem”<sup>162</sup> (Gross, 1996, p. 11, tradução nossa). Isso acarreta em obstáculos não apenas no nível da compreensão/produção por um falante não nativo como também no nível da tradução, visto que, como já mencionamos, nem sempre há como se traduzir uma UF portadora de idiomaticidade de uma língua a outra sem que haja danos de ordem sintática, semântica ou pragmática na sua versão em língua estrangeira.

A melhor saída, em situações como essa, está na busca de uma UF equivalente na língua alvo, o que, em teorias sobre tradução, denomina-se de equivalência textual (Campos, 1986a, 1986b). Em vista disso, a UF presente em (9c) encontraria o seguinte equivalente em língua francesa:

- (16) *Chanter ce n'est pas ma tasse de thé.*  
(Cantar não é a *minha xícara de chá*).

Observa-se em (16) que a UF de língua portuguesa (ao menos no que compete à variante brasileira) *minha praia* tem como equivalente em língua francesa *ma tasse de thé* (minha xícara de chá). Tanto em uma língua como em outra a UF é opaca, portanto idiomática, e seu significado está condicionado à integralidade da expressão em um uso preciso, frequente e convencionado.

Em resumo, e diante do exposto, a idiomaticidade foi, por muito tempo, tida entre os estudiosos da Fraseologia como a característica mais importante de todas (Corpas Pastor, 1996, p. 27; González-Rey, 2015, p. 49). Talvez devido ao fato de que

---

<sup>162</sup> No original: *Dans les langues, il existe un grand nombre de suites qu'un étranger ne peut pas interpréter littéralement, même s'il connaît le sens habituel de tous les mots qui les composent.*

a opacidade semântica seja a propriedade mais facilmente reconhecida entre falantes nativos da língua e aquela que cause mais problemas de assimilação por parte de um falante estrangeiro, gerando, por vezes, dificuldades de compreensão e comunicação. Além disso, as UF com nível total de fixação possuem, em sua maioria, opacidade total, o que levou Bally (1921), por exemplo, a considerar apenas esse grupo de sequências léxicas como sendo verdadeiramente uma UF. Isso porque, como vimos

as unidades fraseológicas podem apresentar dois tipos de significado denotativo: o significado denotativo literal e o significado denotativo figurativo ou tradutório, ou seja, idiomático. É justamente o segundo o responsável pelo caráter idiomático da maioria dessas unidades<sup>163</sup> (Corpas Pastor, 1996, p. 27, tradução nossa).

Além disso,

a visão mais difundida do fenômeno fraseológico era a de considerar que as sequências fixas estavam totalmente congeladas [sintática e semanticamente, logo idiomáticamente]. Foi só depois de vários trabalhos que se conseguiu separar o fenômeno fraseológico dessa visão. Na realidade, a fixação absoluta só afeta, em média, uma em cada dez expressões. Para descobrir, foi necessário forjar critérios formais e semânticos e classificá-los de acordo com sua pertinência<sup>164</sup> (Mejri, 2005, p. 186-187, tradução nossa).

Portanto, ao considerarmos a multiplicidade formativa do fenômeno fraseológico, “convém lembrar que nem todas as UF são idiomáticas, pois é uma característica potencial e não essencial desse tipo de unidade<sup>165</sup>” (Corpas Pastor, 1996, p. 27, tradução nossa). Percebemos, com isso, que a idiomaticidade não deve mais ser encarada como a principal propriedade definidora das UF, visto que em uma grande quantidade de construções fraseológicas ela é inexistente. Por isso, atentando para o fato de que

---

<sup>163</sup> No original: *Las unidades fraseológicas pueden presentar dos tipos de significado denotativo: significado denotativo literal y significado denotativo figurativo o traslaticio, es decir, idiomático. Es precisamente el segundo el responsable de la idiomaticidad que presentan la mayor parte de estas unidades.*

<sup>164</sup> No original: *la vision la plus répandue du figement était celle de considérer que les séquences figées l'étaient entièrement. Ce n'est qu'après plusieurs travaux qu'on a réussi à dégager le figement de cette vision. En réalité, le figement absolu ne touche en moyenne qu'une expression sur dix. Pour le savoir, il a fallu forger des critères formels et sémantiques et les classer en fonction de leur pertinence.*

<sup>165</sup> No original: *conviene recordar que no todas las UFS son idiomáticas, pues se trata de una característica potencial, no esencial, de este tipo de unidades.*

os critérios tradicionais de polilexicalidade, fixação e idiomaticidade são por vezes imprecisos [...], [e que] por outro lado eles poderiam ser reduzidos a um único [critério, o da fixação], pois a polilexicalidade é um traço redundante sem o qual nada haveria para fixar [...], e que a idiomaticidade é apenas um traço potencial, suficiente, mas não necessária<sup>166</sup> (Pamies, 2018, p. 226, tradução nossa)

reforçamos nosso posicionamento em acreditar que a característica determinante para a realização fraseológica seja a fixação.

#### 4.1.2.5 Desfixação lexical

Ainda que a desfixação lexical não seja uma propriedade exclusivamente fraseológica, sendo possível de ser aplicada a qualquer entidade léxica (Rastier, 1997), ela é, majoritariamente, associada aos estudos em Fraseologia, sendo tradicionalmente, mas não exclusivamente, aplicada às UF do tipo parêmia (Grésillion; Maingueneau, 1984; Silva, S., 2014; Ben Amor, 2018). Assim, compreende-se por desfixação lexical “um jogo de palavras que se baseia no princípio de reconhecimento de uma fixação prévia. A fixação constitui o modelo sobre o qual a desfixação toma forma” (Grezka; Zhu, 2017, p. 5, tradução nossa)<sup>167</sup>.

Portanto, a desfixação lexical é, por natureza, um fenômeno linguístico de ordem semântica. Entretanto, tomando como referência o tipo de lexia que é utilizado como base para a sua realização, Rastier (1997, p. 322, tradução nossa) esclarece que “enquanto a desfixação das lexias complexas [além das compostas e textuais] conduz à sua análise em palavras, a desfixação das lexias simples conduz à sua análise em morfemas<sup>168</sup>”. Dito de outra forma, em se tratando de uma desfixação a nível não fraseológico, a operação linguística acontece a partir dos elementos formativos que são arbitrários ao signo linguístico. Além da morfologia, considera-se também as características fônicas. No que diz respeito à desfixação em nível fraseológico, o fenômeno “consiste em abrir os paradigmas onde, por definição, eles

<sup>166</sup> No original: *Les critères traditionnels de polylexicalité, figement et idiomaticité sont parfois imprécis [...], d'autre part ils pourraient être réduits à un seul, puisque la polylexicalité est un trait redondant sans lequel il n'y aurait rien à figer [...], et que l'idiomaticité n'est qu'un trait potentiel, suffisant mais non pas nécessaire.*

<sup>167</sup> No original: *Le défigement est un jeu de mots qui repose sur le principe de reconnaissance d'un figement préalable. Le figement constitue le modèle sur lequel le défigement prend forme.*

<sup>168</sup> No original: *Là où le défigement des lexies complexes conduit à leur analyse en mots, le défigement des lexies simples conduit à leur analyse en morphèmes.*

não existem<sup>169</sup> (Gross, 1996, p. 20, tradução nossa). Ou seja, os constituintes da UF são desmembrados, perdendo seu caráter fixo e deixando de atuar como um único signo linguístico.

Os exemplos em (17) dão demonstrações de ambos os casos.

- (17) a Flamengo; sofrimento > Sofrimengo  
 b Boca de fumo > Me chama de traficante e vem conhecer a minha boca.

O exemplo em (17a) é uma *hashtag*<sup>170</sup> que circulou nas redes sociais durante as partidas finais da edição de 2020 da Recopa Sul-Americana de futebol, na qual o Clube de Regatas do Flamengo foi finalista, concorrendo ao título contra o Independiente Del Valle, do Equador. Historicamente, a final da Recopa é decidida pelo sistema de jogos de ida e volta. Isso quer dizer que os dois times competidores se confrontam em dois jogos, invertendo o mando de campo, o que significa que uma partida é realizada em cada uma das cidades sedes dos competidores. Durante o primeiro jogo da final da Recopa de 2020, a disputa foi bastante acirrada entre os finalistas: o Independiente Del Valle manteve a liderança do primeiro tempo. Aos 20 minutos do segundo tempo o Flamengo empatou. Faltando cinco minutos para o término do jogo, o Flamengo desempatou, mantendo a liderança. Porém, o Independiente Del Valle empatou novamente durante o tempo de acréscimo. A partida finalizou empatada, causando muita aflição entre os torcedores brasileiros.

Diante desse contexto, a desfixação ocorre a partir de uma manipulação fônica das lexias simples *Flamengo* e *sofrimento*, que simbolizava o sentimento compartilhado pelos torcedores nos momentos finais do jogo. Ao substituir a letra *t*, que representa um som de consoante oclusiva surda pela letra *g*, correspondente ao som de oclusiva velar sonora, é feita uma aglutinação entre as lexias, provocando, assim, uma desfixação lexical de nível não fraseológico fônico.

O exemplo em (17b), por sua vez, é uma desfixação de nível fraseológico usada em fantasias de carnaval. Aqui, as lexias que compõem a UF *boca de fumo*, que tem

<sup>169</sup> No original: *Le défigement consiste à ouvrir les paradigmes là où, par définition, il n'y en a pas.*

<sup>170</sup> Nas redes sociais, as *hashtags* são identificadas pelo símbolo de sustenido (#) e têm a função de agrupar conteúdos relacionados a um tópico específico. Ao anteceder uma palavra ou frase com o símbolo de hashtag, ela se torna um *hyperlink* clicável, redirecionando os usuários da rede social em questão para todas as postagens que também incluem essa mesma hashtag. Essa funcionalidade permite que os usuários encontrem facilmente conteúdos relacionados a um determinado tema.

o sentido de *ponto de venda de drogas ilícitas*, foram desassociadas e perderam o caráter idiomático. Dessa forma, a lexia *boca* retoma seu significado original de “parte externa da cavidade bucal, formada pelos lábios” (Aulete, 2023), sugerindo, de forma apelativa, interações carnais entre os foliões. Para que a UF que favoreceu a desfixação seja recuperável, o contexto pragmático de uso é posto em evidência através da lexia simples *traficante*, como popularmente é chamado o proprietário da *boca de fumo*.

Evidentemente, é a desfixação lexical fraseológica que nos interessa. Mesmo que esse fenômeno também seja aplicável às lexias simples, ele é amplamente listado como uma das propriedades de reconhecimento das UF (Gross, 1996; García-Page, 2008; Mejri, 2013; González-Rey, 2015 entre outros): só é desfixável aquilo que já está previamente fixo – quer seja em nível semântico, quer seja sintático ou pragmático – de modo que seja possível admitir que a desfixação revele o caráter fixo das UF. Isso porque

se nós voltarmos aos traços constitutivos do conceito de "desfixação", trazemos à tona os traços da ruptura operada sobre um emprego convencional memorizado. Essa ruptura é incidente a uma unidade fraseológica relevando uma combinatória fixa ou uma co-ocorrência restrita<sup>171</sup> (Ben Amor, 2018, p. 24, tradução nossa).

No que concerne à terminologia da desfixação, na literatura atual alguns termos concorrem entre si para designar esse fenômeno linguístico. Entre os mais frequentes, estão *détournement*<sup>172</sup>, desautomatização, deslexicalização, desidiomatização e ruptura fraseológica (Ben Amor, 2018), com destaque para *détournement*, já que ele é objeto de debate entre os linguistas: embora alguns empreguem os termos desfixação e *détournement* como sinônimos (Fiala; Habert, 1989; Zhu, 2013; González-Rey, 2015; Grezka; Zhu, 2017), outros acreditam que *détournement* e desfixação poderiam ser considerados, na prática do uso de tais termos, como complementares (Ben Amor, 2018, p. 18), já que

uma longa tradição francesa evoca a deformação dos provérbios em termos de *détournement*, ao ponto que esta última parece mais

<sup>171</sup> No original: *Si nous revenons aux traits constitutifs du concept "défigement", nous dégageons les traits de la rupture opérée sur un emploi conventionnel mémorisé, cette rupture est incidente à une unité phraséologique relevant d'une combinatoire figée ou d'une co-occurrence contrainte.*

<sup>172</sup> O termo francês *détournement* equivale em português a *desvio* ou *distorção*. Entretanto, alguns linguistas preservam em português o uso do termo original, em língua francesa (S. Silva, 2014b), razão pela tal optamos por não propor uma tradução para esse termo.

frequente, até relativamente mais específica, da paremiologia. No entanto, a dimensão linguística das manipulações paremiológicas também conhece o uso do termo desfixação<sup>173</sup> (Ben Amor, 2018, p. 18, grifo e tradução nossa).

Assim, o *détournement* seria uma subclasse da desfixação. Tal distinção não será, entretanto, adotada neste trabalho<sup>174</sup>. Por considerarmos a paremiologia uma disciplina dependente da Fraseologia, empregaremos o termo desfixação para denominar qualquer manipulação da forma ou do sentido fixo que foi preestabelecido pela convencionalidade a uma UF – seja ela constituída por uma lexia complexa, composta ou textual – com o objetivo de produzir um novo sentido, mas que licencie a recuperação da UF original, revelando, assim, o seu caráter fixo. Nosso posicionamento provém do fato de que

toda desfixação pressupõe uma fixação anterior que é desviada ou remotivada. Sublinhemos desde já que essas duas operações [fixação e desfixação] não são procedimentos excepcionais nem figuras próprias do discurso midiático [no qual a desfixação é mais recorrente]. São operações linguísticas elementares frequentemente postas em jogo no falar ordinário, onde elas não necessariamente têm um objetivo lúdico ou polêmico. A tendência à remotivação de expressões fixas [ou seja, das UF, independentemente de sua tipologia] é observada em todos os falantes, um pouco como se a opacidade semântica [bem como as restrições de fixação sintática e pragmática] dessas expressões suscitasse a necessidade de reapropriá-las, modificando-as<sup>175</sup> (Fiala; Habert, 1989, p. 86, tradução nossa).

Com base nisso, a despeito da natureza da UF, toda e qualquer modificação fraseológica realizada intencionalmente é uma desfixação lexical.

Ao discorrer sobre as características da desfixação, Grésillon e Maingueneau (1984) estabelecem dois tipos possíveis de ocorrência desse fenômeno linguístico no discurso: i) a desfixação lúdica e ii) a desfixação militante. Nessa esteira,

<sup>173</sup> No original: *Une longue tradition française évoque la déformation des proverbes en termes de détournement au point que ce dernier paraît plus fréquent, voire relativement plus spécifique à la parémiologie.*

<sup>174</sup> Razão pela qual traduziremos, a partir daqui, como *desfixação* todas as eventuais citações em que o termo *détournement* esteja sendo empregado para fazer alusão ao fenômeno da desfixação lexical.

<sup>175</sup> No original: *Tout défigement présuppose un figement antérieur qu'il détourne ou remotive. Soulignons d'emblée que ces deux opérations ne sont ni des procédés exceptionnels ni des figures propres au discours médiatique. Ce sont des opérations linguistiques élémentaires fréquemment mises en jeu dans le parler ordinaire où elles n'ont pas nécessairement de visée ludique ou polémique. La tendance à la remotivation d'expressions figées s'observe chez tous les locuteurs, un peu comme si l'opacité sémantique de ces expressions suscitait le besoin de se les réapproprier, en les modifiant.*



há desfixação lúdica quando essa desfixação entra no âmbito de puros jogos de palavras, e não está a serviço de uma questão ideológica ou política... A desfixação militante, em revanche, visa a dar ou a retirar de um enunciado a autoridade de um provérbio [UF] em nome de interesses de várias ordens<sup>176</sup> (Grésillon; Maingueneau, 1984, p. 114, tradução nossa).

De modo à melhor formular sua proposta tipológica, o autor se concentra na descrição da desfixação do tipo militante, aplicando uma nova subdivisão: de um lado estão as realizações de desfixação militante por captação, de outro a desfixação militante por subversão. A captação consiste em desfixar uma dada UF de modo que o seu valor semântico seja reforçado; em contrapartida, a subversão busca se afastar da estrutura semântica veiculada pela UF original ( $E_0$ )<sup>177</sup>, revelando, a partir da estrutura resultante da desfixação ( $E_1$ ), uma discordância entre o significado da construção fixa e aquele da construção desfixada. Em resumo, no que compete ao caráter semântico, a desfixação militante por captação é o resultado da fórmula ( $E_0 = E_1$ ); a desfixação militante por subversão é o resultado da fórmula ( $E_0 \neq E_1$ ).

Ainda segundo Grésillon e Maingueneau (1984), quanto menores forem as modificações impostas à UF, mais bem-sucedida será a desfixação. Desse modo, elas são aplicáveis em três níveis possíveis: i) condições de emprego da UF; ii) significante; iii) significado. O Quadro 14, a seguir, sintetiza os níveis de aplicabilidade da desfixação lexical militante.

**Quadro 14** - Níveis de aplicação da desfixação lexical militante

	<b>Desfixação militante por captação</b>	<b>Desfixação militante por subversão</b>
<b>Nível das condições de emprego</b>	A desfixação será potencialmente mais bem-sucedida se a mensagem emitida pela $E_1$ estiver em estreita proximidade com as informações geralmente transmitidas pela UF no que diz respeito ao “bom senso” do uso da UF.	Para ser eficaz, a desfixação deverá apresentar de forma clara e evidente uma contradição entre as informações habitualmente comunicadas pela $E_0$ e o conteúdo expresso pela $E_1$ no que se refere ao contexto de uso da UF.
<b>Nível do significante</b>	Quanto maior for a semelhança entre os significantes da $E_0$ e da $E_1$ , assim como da estrutura sintática, mais forte	Quanto maior for a semelhança entre os significantes da $E_0$ e da $E_1$ , assim como da estrutura sintática,

<sup>176</sup> No original: *Il y a détournement ludique lorsque ce détournement entre dans le cadre des purs jeux de mots, et n'est pas au service d'un enjeu idéologique, politique... Le détournement militant, en revanche, vise à donner de l'autorité à un énoncé ou à ruiner celle du proverbe au nom d'intérêts de divers ordres.*

<sup>177</sup> Do francês *énoncé* (enunciado).

	será o efeito obtido na desfixação. O método mais seguro consiste em realizar modificações em apenas um fonema. Outros processos mais comuns incluem a substituição de termos sem semelhança sonora clara; a adição de elementos à UF; a manipulação da negação e a fusão de duas UF.	mais forte será o efeito obtido na desfixação. O método mais seguro consiste em realizar modificações em apenas um fonema. Outros processos mais comuns incluem a substituição de termos sem semelhança sonora clara; a adição de elementos à UF; a manipulação da negação e a fusão de duas UF.
<b>Nível do significado</b>	A desfixação terá êxito se a convergência semântica entre a E <sub>0</sub> e a E <sub>1</sub> for evidente.	Quanto mais clara for a contradição semântica entre a E <sub>0</sub> e a E <sub>1</sub> , mais sucesso terá a desfixação.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Grésillon e Maingueneau (1984, p. 116)

A partir da leitura do Quadro 14, entendemos que os níveis de aplicação da desfixação lexical estão, ainda que de maneira sutil, vinculados às três dimensões fraseológicas, quais sejam: sintática, semântica e pragmática. As condições de emprego são aquelas fomentadas pelo contexto pragmático de uso da UF. É perceptível uma desfixação no nível do significante quando as modificações são feitas tomando como base a escolha lexical dos signos linguísticos que a compões, assim como a sua estrutura sintática, revelando uma desfixação submetida à dimensão sintática. Por fim, atentando para o nível do significado, percebe-se que há uma relação direta com a dimensão semântica.

Ampliando a proposição conceitual-tipológica de Grésillon e Maingueneau (1984), observamos que as UF são passíveis de desfixar em pelo menos três níveis linguísticos: i) semântico; ii) fônico; iii) morfossintático. Acreditamos que o nível semântico está, por padrão, automaticamente estabelecido em uma situação de desfixação lexical, já que “a manipulação [...] de uma expressão fixa [UF] consiste em desviá-la de seu uso normalizado para produzir um sentido novo<sup>178</sup>” (González-Rey, 2015, p. 48, tradução nossa), que busca reforçar ou refutar o sentido anterior, sendo esse o propósito primeiro de realização da desfixação. Assim sendo, compreendemos que os níveis fônico e morfossintático trabalham em associação ao nível semântico.

No nível fônico, as transgressões feitas nas UF têm por finalidade provocar mudanças fônicas capazes de gerar novas palavras e, assim, não apenas produzir um novo sentido, mas também permitir a recuperação da UF original. Esse é o caso,

<sup>178</sup> No original: *La manipulation [...] d'une expression figée [UF] consiste à la détourner de son usage normé dans le but de produire un sens nouveau.*

por exemplo, da UF *O que vem de baixo não me atinge* que gerou, entre os militantes em defesa dos direitos femininos e da luta contra o machismo, a desfixação *O que vem de macho não me atinge*.

Em teorias fonológicas, tal desfixação poderia ser explicada pelo fato de que, “embora a língua portuguesa possua forte inclinação para a criação de sequências vocálicas tautossilábicas [ditongos decrescentes], existem, também, algumas tendências co-ocorrentes em direção contrária” (Teixeira, 2005, p. 32). Em outras palavras, há uma expressiva predisposição, em língua portuguesa, em direção à monotongação, em especial no que se refere à simplificação de ditongos diante das fricativas palatoalveolares, que tem se tornado cada vez mais forte nos dialetos brasileiros (Teixeira, 2005, p. 33). Assim, percebe-se que o ditongo [aj], presente na lexia *baixo* [bajju], tende a ser monotongado, gerando a pronúncia [bafu]. Além disso, o fonema [b], também presente na lexia *baixo* [bajju], e o fonema [m], em *macho* [mafju], possuem o mesmo ponto de articulação, sendo distinguidos apenas pela oralidade de [b] em oposição à nasalização de [m]. Portanto, pode-se concluir que, para gerar a desfixação *O que vem de macho não me atinge*, houve a monotongação de [bajju] > [bafu], seguida da nasalização do [b]: [bafu] > [mafju].

Naturalmente, para além da motivação fonológica, há também questões de cunho ideológico e político envolvidas na construção da desfixação, classificando-a como uma desfixação militante. Ao observarmos as condições de emprego da UF original, que tende a ser proferida como uma tentativa de desdenhar de alguém ou de uma situação qualificada como inferior; ao considerar que o método adotado para executar a desfixação consistiu na modificação de apenas um fonema, sem alteração da construção sintática da UF inicial, mas desencadeando em um novo significante; e ao ter em conta ainda que, no que toca ao significado emitido pela desfixação, há uma evidente convergência semântica entre a E<sub>0</sub> e a E<sub>1</sub>, fica patente a classificação da desfixação em análise como sendo do tipo militante por captação.

Como exemplificação do nível morfossintático, citamos a desfixação *Adeus é brasileiro*, que integrou a capa do jornal esportivo português *A Bola*, em posição de manchete, para anunciar, de forma zombeteira, a eliminação da Seleção Brasileira de Futebol da Copa Mundial FIFA de 2014, como exposto na Figura 19, a seguir.

A desfixação em análise foi gerada tomando como base a UF *Deus é brasileiro*. Aqui, houve um rearranjo na estrutura sintática básica da sentença original a partir da troca do substantivo *deus* pelo advérbio *adeus*. O acréscimo do fonema [a] à lexia

*deus* propiciou uma dupla modificação, alterando tanto o significante como o significado. No que se refere às condições de emprego, nota-se que o contexto pragmático de uso da sentença também foi alterado com relação à UF original, saindo de uma posição culturalmente positiva, na qual o gentílico *brasileiro* é associado à entidade religiosa *Deus*, e passando para uma leitura negativa, no qual o *ser brasileiro* está condicionado ao sentimento de tristeza ocasionado pela despedida, evidenciando uma nítida contradição semântica entre a  $E_0$  e a  $E_1$ . Trata-se, portanto, de uma desfixação militante por subversão.

**Figura 19** - Capa do jornal esportivo *A Bola* de 09 de julho de 2014.



Fonte: Jornal *A bola* (ano LXX, nº. 14.807).

Em termos formais, as manipulações ocasionadas pela desfixação da Figura 19 fogem ao padrão daquilo que é sintaticamente licenciado pela gramática do português. Considerando a UF original, *Deus é brasileiro*, temos a seguinte análise predicativa: o verbo *é* assume a função de predicado, o qual está autorizado a selecionar dois argumentos. Nesse caso, o argumento interno *deus*, que atua como sujeito da oração, e o argumento externo *brasileiro*, que tem papel atributivo. Como verbo copulativo, o predicado *é* estabelece uma relação de identidade entre o argumento interno e o argumento externo.

Tendo em vista que em teoria sintática os argumentos são mapeados de forma a desempenhar papéis semânticos específicos e que a estrutura sintática da sentença reflete essas relações, é semanticamente incomum que a lexia *adeus* apareça em posição de argumento interno de uma oração, o que ocasiona em um estranhamento semântico-sintático ao nos depararmos com a construção desfixada *Adeus é brasileiro*. Ainda que o preenchimento da posição de argumento interno seja

licenciado a elementos léxicos que desempenhem a função sintática de nome, quer dizer, substantivos, pronomes e outros elementos nominalizados, o que é o caso da lexia *adeus*, a ausência de um determinante agrava o sentimento de estranheza. Contudo, é exatamente a ausência do determinante que facilita a recuperação da UF original, através da similitude, em nível de significante, existente entre as lexias *deus* e *adeus*, certificando a assertividade da desfixação.

No tocante aos jogos de palavras, Bally (1921, p. 47, tradução nossa), diz que “em geral, um jogo de palavras, a menos que seja um trocadilho vulgar, não é outra coisa; então a distância que separa os dois termos subitamente reunidos rompe de maneira inesperada<sup>179</sup> o sentido que é convencionalmente empregado. Tal proposição não apenas confirma o caráter lúdico dos jogos de palavras como também sugere uma quebra do caráter fixo das construções léxicas, ratificando os jogos de palavras como um tipo de desfixação lexical.

Em termos linguísticos, Guiraud (1979) observa duas formas básicas de realização de jogo de palavra, as quais ele denomina de *substituição* e *encadeamento*, sendo a primeira vinculada ao eixo paradigmático da língua e a segunda ao eixo sintagmático. Um terceiro tipo de jogo de palavra considerado pelo autor, a *inclusão*<sup>180</sup>, estaria ligado diretamente ao significante. No que se refere aos níveis operacionais de cada tipo, Guiraud informa que

com efeito, por um lado, a *substituição*, o *encadeamento*, a *inclusão* podem relacionar-se quer a sons (ou a letras) e nós o qualificaremos, neste caso, como fônicos [...]; por outro lado, eles podem se relacionar com palavras e então os chamaremos de lexicais [...]. Por fim, uma última distinção permite classificar à parte os "jogos" em que as palavras são representadas por desenhos [...] ou elas próprias formam desenhos [...]; nós os designaremos pelo termo de pictogramas<sup>181</sup> (Guiraud, 1979, p. 7, grifos do autor, tradução nossa).

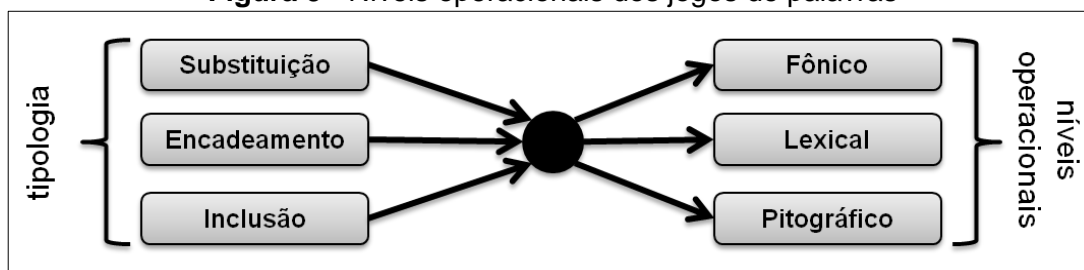
A tipologia dos jogos de palavras proposta por Guiraud (1979) está representada na Figura 20.

<sup>179</sup> No original: *En général, un jeu de mots, à moins d'être un vulgaire calembour, n'est pas autre chose; alors la distance qui sépare les deux termes rapprochés brusquement éclate d'une façon inattendue.*

<sup>180</sup> Nos textos originais, os termos em língua francesa são *substitution* e *enchaînement*. Até o momento, não temos conhecimento de traduções consolidadas para esses conceitos na língua portuguesa. Portanto, estamos realizando uma tradução livre com base no nosso entendimento dos termos.

<sup>181</sup> No original: *En effet, d'une part, substitution, enchaînement, inclusion peuvent porter soit sur les sons (ou les lettres) et nous les qualifierons, dans ce cas, de phoniques [...]; d'autre part, ils peuvent porter sur les mots et nous les dirons alors lexicaux [...]. Enfin, une dernière distinction permet de classer à part les « jeux » dans lesquels les mots sont représentés par des dessins [...] ou forment eux-mêmes des dessins [...]; nous les désignerons du terme de pictogrammes.*

**Figura 9** - Níveis operacionais dos jogos de palavras



Fonte: elaborado pelo autor com base em Guiraud (1979)

A Figura 20 nos permite realizar uma compreensão visual da classificação feita por Guiraud (1979) das diferentes possibilidades de interação combinatória entre a tipologia dos jogos de palavras identificada pelo autor e os níveis operacionais em que cada uma é capaz de atuar. Como se vê, os jogos de palavras podem se apresentar em três tipos – substituição, encadeamento e inclusão – que são operados, cada um deles, em três níveis – fônico, lexical e pitográfico – proporcionando um total de nove possibilidades de ocorrência. No entanto, Guiraud (1979) salienta que, na maioria dos casos, uma mesma ocorrência de jogo de palavra manifesta mais de um nível operacional. Por exemplo, por estarem associados ao eixo paradigmático, os jogos de palavras realizados por substituição, como o próprio nome sugere, são obtidos pela permuta de uma lexia por outra análoga, a qual pode ser tanto de base homonímica como sinonímica. No primeiro caso, a operação é realizada em nível fônico e lexical, já que a homonímia pode ser homófona – mesmo som, com grafia e significado distintos – ou homógrafa – mesma grafia, com possibilidade de som e significado distinto. As sentenças em (18) dão exemplos desse tipo de jogo de palavra.

(18) *J'en ai marre.* > *J'en Neymar.*

O exemplo em (18) é um jogo de palavra realizado em língua francesa que circulou nas redes sociais através de uma *hashtag* durante a partida final da 65ª edição do campeonato de futebol organizado pela União das Associações Europeias de Futebol (UEFA, do inglês *Union of European Football Associations*), a Liga dos Campeões, realizada em 2019-2020. O jogo aconteceu no Estádio da Luz em Lisboa, Portugal. Na disputa pelo título, estavam o clube alemão Bayern de Munique e o clube francês Paris Saint-Germain (PSG), no qual o futebolista brasileiro Neymar Junior era jogador titular. Embora fosse a grande aposta do clube francês, o esportista brasileiro

não obteve um bom desempenho durante a partida. Além de não ter conseguido marcar gols, levou um cartão amarelo aos 36 minutos do segundo tempo<sup>182</sup>. Tendo sido a vitória concedida ao clube alemão, a torcida do PSG subiu a *hashtag* #jenneymar como forma de chacota a Neymar Junior.

Aqui, o jogo de palavra é realizado a partir da UF de língua francesa *en avoir marre*, que equivale em português a *estar farto, de saco cheio*. Trata-se de um jogo de palavra fônico e lexical por substituição, tendo em vista que a pronúncia da UF se assemelha à do nome do jogador: em língua francesa, a junção ortográfica das letras *E* e *N* é pronunciada como [ã]. A junção vocálica *A* e *I*, por sua vez, é a representação ortográfica do som [ɛ]. Além disso, as regras fonéticas dessa língua exigem que seja feita uma ligação sonora sempre que a letra *N* se encontrar ao final da sequência gráfica de uma lexia e que a primeira letra da lexia seguinte seja uma vogal. Nesse caso, a sequência *j'en ai* é pronunciada como [ʒãneɛ].

Considerando então que na variante europeia da língua francesa o som gutural [ʁ] é predominante, independentemente de sua ortografia, se com consoante simples ou dupla, e que o som [ə] – geralmente emitido quando a letra *E* se encontra em coda silábica – cai sistematicamente quando em posição final de lexia, a pronúncia da sequência *j'en ai marre* é feita da seguinte maneira: [ʒãnemɑʁ]. Assim, o jogo de palavra ocorre a partir da substituição lexical de uma parte da UF pelo nome do futebolista: *j'en ai marre* > *j'en Neymar*. Tal substituição resulta na associação fônica entre [ʒãnemɑʁ] e [ʒãnejmɑʁ], separadas apenas pela semivogal [j].

Quanto aos jogos de palavras realizados por encadeamento, por estarem relacionados ao eixo sintagmático da língua, são formados tomando como base a sequência linear, falada ou escrita, da UF, obedecendo à propriedade do signo linguístico estipulada por Saussure (2006 [1916]). Nesse sentido, o encadeamento

consiste em estabelecer vínculos de similaridade entre termos ligados por contiguidade sintática. Assim, palavras coordenadas são unidas por propriedades semânticas comuns e, ao aliterá-las, reforçamos esse vínculo dando-lhe uma cor estilística<sup>183</sup> (Guiraud, 1979, p. 29, tradução nossa).

<sup>182</sup> O relatório da partida está disponível na página *web* oficial da Liga dos Campeões, disponível em: <https://pt.uefa.com/uefachampionsleague/match/2030150--paris-vs-bayern/> acesso em 9 ago. 2023.

<sup>183</sup> No original: *Consiste à instaurer des liens de similarité entre des termes liés par la contiguïté syntaxique. Ainsi, des mots coordonnés sont unis entre eux par de propriétés sémantiques communes et, en les allitérant, on renforce ce lien en lui conférant une couleur stylistique.*

Guiraud (1979, p. 26-27) elenca algumas possibilidades de jogo de palavra por encadeamento. As duas principais são concatenação e acumulação. A primeira ocorre quando diversos elementos dentro de um período são conectados por meio de uma ou mais lexias que estão relacionadas com a lexia precedente. A segunda consiste em unir dentro de uma única frase, usando a mesma estrutura e fluidez, um grande número de detalhes que expandem a ideia central, como expresso em (19).

- (19) a João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém [...]
- b [...] Mundo, mundo, vasto mundo / Se eu me chamasse Raimundo / Seria uma rima, não seria uma solução / Mundo, mundo, vasto mundo / Mais vasto é meu coração [...]

Os versos, de autoria do poeta Carlos Drummond de Andrade (2004, p. 193), expostos em (19a) foram extraídos do poema *Quadrilha* e mostram, a título de exemplificação, o funcionamento do jogo de palavra por encadeamento concatenado. Como se vê, a cada verso a lexia *amava* é repetida, mantendo uma relação sonora entre os versos e uma relação lexical através do significado do verbo amar, gerando, assim, uma associação concatenada que estrutura o poema.

Os versos do poema *Poema de Sete Faces*, também de autoria do poeta Carlos Drummond de Andrade (1998, p. 13), em (19b), é um exemplo de encadeamento por acumulação. Aqui, a acumulação ocorre através do encadeamento das lexias *mundo* e *vasto* que se repetem ao longo do poema, acumulando ideias que se relacionam com a amplitude e a diversidade do mundo. A acumulação de significados para a lexia *vasto* contribui para a construção do jogo de palavras. Este também é um caso de jogo de palavra lexical e fônico, já que o autor brinca com as derivações possíveis das lexias (*mundo* > *Raimundo*) e com a repetição das lexias, proporcionando uma sonoridade poética. Tal como exposto em (19), ambos os tipos de jogos de palavras por encadeamento são construídos, majoritariamente, a partir de lexias simples. Assim, são pouco atribuídos a construções fraseológicas.

Por fim, os jogos de palavras por inclusão são definidos como aqueles nos quais “uma mensagem mais ou menos secreta se inscreve no interior de um determinado texto” (Guiraud, 1979, p. 39, tradução nossa)<sup>184</sup>. Dentre os vários tipos

<sup>184</sup> No original : *dans lesquelles un message plus ou moins secret s'inscrit à l'intérieur du texte donné.*



de jogos de palavras por inclusão, os principais são a permuta e o anagrama. O primeiro caso é construído quando dois ou mais sons da sequência acústica do signo linguístico (ou as letras de sua representação gráfica) trocam de lugar no interior da lexia ou de uma frase, provocando um novo sentido. O segundo, por outro lado, é obtido através da reorganização das letras de uma sequência gráfica que permita a formação de uma significação totalmente diferente da inicial. Seguem, em (20), alguns exemplos.

- (20) a Abacaxi > abaxaki.  
 b Tom Marvolo Riddle > *I am Lord Voldemort*

Em (20a) há um exemplo de jogo de palavra por permuta, de nível fônico, formado a partir da lexia *abacaxi*. Ao ser realizada a inversão dos fonemas [k] e [ʃ] em [aba'kaʃi], levando à realização fônica [aba'ʃaki], é proporcionada uma aproximação à frase *abaixa aqui*. Isso é possível, especialmente, devido à inclinação, existente na variante brasileira do português, em simplificar ditongos precedentes de fricativas palatoalveolares, como é o caso da monotongação [aj] > [a] diante de [ʃ], como já discutimos anteriormente, que permite a pronúncia de [abaʃa'ki] em lugar de [a'baʃa'ki]. O jogo de palavra faz uso da semelhança sonora entre a lexia *abacaxi* e a frase *abaixa aqui* para criar um efeito de surpresa e humor, deixando uma conotação sexual subentendida.

O jogo de palavra em (20b), por outro lado, é um exemplo de anagrama, em língua inglesa, presente na série literária infantojuvenil *Harry Potter* (Rowling, 1998). O jogo de palavras aparece no segundo volume da série e é uma parte importante do enredo, pois revela a verdadeira identidade do vilão. No original em inglês, *Tom Marvolo Riddle* é o nome próprio do antagonista da história. O rearranjo das letras de seu nome forma o anagrama *I am Lord Voldemort* (eu sou Lorde Voldemort), nome pelo qual o personagem é popularmente conhecido: Lord Voldemort. Esse é um caso de jogo de palavra de nível lexical, visto que novas lexias são formadas, e fônico, já que a pronúncia é completamente modificada.

Para garantir a eficácia do jogo de palavra nas versões traduzidas do livro, adaptações foram feitas no nome próprio do personagem. Em língua portuguesa, por exemplo, o nome do vilão passou a ser *Tom Servolo Riddle*, que gerou o anagrama *Eis Lord Voldemort* (Rowling, 2000). A escolha do jogo de palavra por anagrama, por

parte da autora, demonstra como os jogos de palavras podem, através da criatividade linguística do falante, transmitir informações ocultas ou adicionar elementos de surpresa ou humor, especialmente em narrativas literárias.

Por fim, os jogos de palavras de nível pitográfico são executáveis a partir de “um conjunto de desenhos [...] que evocam, diretamente ou por homonímia, a palavra ou a frase que se quer expressar. É uma espécie de *charada* cujas palavras são transcritas em desenhos” (Guiraud, 1979, p. 67, itálico do autor, tradução nossa)<sup>185</sup>. Além disso, no que se refere aos jogos de palavras pitográficos construídos a partir de uma UF, o jogo consiste, principalmente, em promover o rompimento, através da imagem, do caráter fixo da unidade, possibilitando uma reativação da leitura semanticamente composicional de suas lexias. O efeito de surpresa ou humor está na dupla leitura proporcionada pelo jogo pitográfico, simultaneamente fraseológico e semanticamente não composicional. A Figura 21, a seguir, é um exemplo.

**Figura 21** - Jogo de palavra de nível pitográfico



Fonte: arte de rua - arquivo pessoal do autor.

A imagem da Figura 21 é uma expressão artística do tipo arte de rua que fotografamos na Rua Roterros, na cidade de Valência, na Espanha. No grafite, há a seguinte inscrição em língua espanhola: *soy una perra en la cama* (sou uma cadela na cama). Aqui, há uma referência à UF, igualmente de língua espanhola, *ser una perra* (ser uma cadela), que é empregada como forma pejorativa para injuriar mulheres com base em uma conduta licenciosa ou promíscua. Tal UF também existe

<sup>185</sup> No original: *ensemble de dessins [...] évoquant, directement ou par homonymie, le mot ou la phrase qu'on veut exprimer. C'est une sorte de charade dont les mots sont transcrits en dessins.*

em português – ser uma cadela – com o mesmo significado. Se considerarmos a parte textual de maneira isolada, o caráter fixo da UF permanece inalterado, indicando o significado de cunho sexual injurioso. Contudo, ao ser associada ao desenho de uma cadela sob cobertores em uma cama, a leitura torna-se semanticamente composicional, tratando-se, literalmente, de um mamífero carnívoro da família dos canídeos, domesticado, fêmea, que se encontra deitado em uma cama.

Contudo, a desfixação de nível pitográfico, quer por substituição a uma parte da UF, quer por rompimento do caráter fixo, não é um recurso exclusivamente lúdico, podendo também ser empregado em desfixações do tipo militante, tal como o exemplo reproduzido da Figura 22.

**Figura 22** - Capa da revista *Veja* de 24 de abril de 2019



Fonte: Revista *Veja* (edição 2631, ano 52, nº 17)

Na Figura 22, está um exemplo de desfixação de nível pitográfico militante que compõe a capa da revista *Veja* de 24 de abril de 2019. Nela, se lê, ao lado da imagem de um abacaxi portando a faixa presidencial brasileira, o seguinte título: *descasca-me ou te devoro*. Essa edição da revista dá destaque aos primeiros meses de governo do então presidente da república Jair Bolsonaro, o qual, desde o início de seu mandato, em primeiro de janeiro de 2019, apresentou comportamento pouco diplomático. Aqui, é dada maior ênfase à desmoralização feita por parte do ex-presidente ao discurso liberal da equipe econômica, deixando os investidores apreensivos com os possíveis rumos que o governo tomaria.

Esse é um exemplo claro de desfixação militante por captação elaborada no nível do significante pela fusão de duas UF: *descascar o abacaxi* e *decifra-me ou te*

*devoro*. A primeira é utilizada para se referir a uma tarefa difícil de ser realizada, sendo empregada para descrever uma situação que requer esforço, habilidade ou paciência para ser superada. A segunda é oriunda da mitologia grega, que relata que uma esfinge, criatura mítica com corpo de leão e cabeça de humano, proporia um enigma aos viajantes que desejavam passar por ela. O enigma era sempre precedido da instrução *decifra-me ou te devoro*. Nesse sentido, a UF representa a ideia de que a compreensão ou solução de um problema é essencial para evitar as suas consequências negativas, sendo, portanto, frequentemente usada como uma metáfora para desafios ou problemas que precisam ser resolvidos.

Dito isso, a imagem contida na desfixação atua de duas formas na construção do novo significado: de um lado, ela substitui a lexia *abacaxi* da UF *descascar o abacaxi*; de outro, ela ativa, através da faixa presidencial, qual seria o contexto de uso da UF, revelando, desse modo, a situação que está causando problemas e que, portanto, precisará ser *descascada*, isso é, solucionada. A fusão das UF, através da alteração da lexia *decifrar* por *descascar*, na parte textual, indica a necessidade de consciência do problema para que a solução seja alcançada. Assim, a desfixação é militante por captação porque a mensagem emitida está em conformidade com aquela geralmente transmitida pelas UF que a produziram. Além disso, a desfixação foi estruturada no nível do significante, por meio da fusão de duas UF, e no nível pitográfico, fazendo uso de recursos imagéticos para reativar as UF originais.

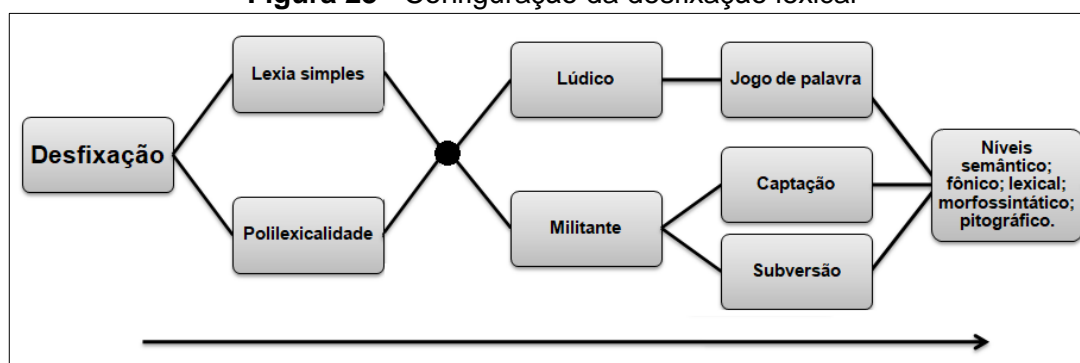
Além dos tipos de desfixação descritos até aqui, consideramos também aqueles realizados por truncamento, isto é, pela subtração de uma parte da UF original, deixando o seu reconhecimento a cargo do conhecimento prévio do falante da versão original (Mejri, 2013), tal como exemplificado em (21):

- (21) a *Para bom entendedor...*  
 b *Filho de peixe...*

As UF em (21) ilustram o fenômeno da desfixação por truncamento. A primeira, em (21a), faz alusão à UF para *bom entendedor, meia palavra basta*, empregada em situações em que o locutor deseja confirmar que compreendeu as informações implícitas na mensagem recebida. Em (21b), o truncamento faz referência à UF *filho de peixe, peixinho é*, usada para comparar comportamentos semelhantes entre pais e filhos.

Condensamos as discussões realizadas até aqui acerca da desfixação lexical por meio da representação imagética exposta na Figura 23. A leitura deve ser feita da esquerda para a direita, de modo a garantir as diversas combinações de manipulação da desfixação lexical.

**Figura 23** - Configuração da desfixação lexical



Fonte: elaborado pelo autor com base em Guiraud (1979); Grésillion e Maingueneau (1984) e Rastier (1997).

A Figura 23 sintetiza as possibilidades de desfixação lexical, a qual, como vimos, pode ocorrer tanto no âmbito das lexias simples como da polilexicalidade, quer dizer, das lexias complexas, compostas e textuais descritas por Pottier (1974) e adotadas nessa pesquisa. Fazendo uma leitura horizontal do organograma, da esquerda para a direita, observamos que, tal como as lexias simples, as lexias polilexicais podem ser desfixadas para serem empregadas em contexto lúdico, caracterizando-se em jogos de palavras, ou em contexto militante. As desfixações militantes podem ocorrer por captação, quando a mensagem emitida pela desfixação está em conformidade com aquela que é transmitida pela sua versão fixada, ou ainda por subversão, quando a ideia veiculada pela desfixação está em conflito com a da versão fixada. As desfixações, sejam elas lúdicas ou militantes, de base mono ou polilexical, podem ser realizadas em nível semântico, fônico, lexical, morfossintático ou pitográfico.

#### 4.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO

Nesta seção, discutimos, com base nos postulados dicotômicos de Saussure (2006 [1916]) quanto à mutabilidade e à imutabilidade do sistema linguístico, como o olhar dos linguistas esteve, ao longo das últimas décadas, voltado para o lado

variacional e mutável da língua, em detrimento à sua parte imutável. Embora no início do século XX tenham sido realizados trabalhos pioneiros sobre o tema, como o de Bally (1919, 1921), que buscou entender e sistematizar a fixidez linguística, tomando como base o ensino do francês como língua estrangeira, foi somente a partir das novas tecnologias de tradução automatizada, em meados do século, que a parcela fixa da língua foi evidenciada, dando início, ainda que timidamente, aos estudos em Fraseologia – retomando a nomenclatura primeiramente empregada por Bally (1919, 1921) – a qual tem como objeto de investigação todas as realizações fixas do léxico, uma vez que a língua é constituída de signos linguísticos que são, em sua essência, arbitrários quanto à sua formação e ao seu uso, gerando fixidez em todos os níveis linguísticos.

O objeto teórico da Fraseologia manifesta todas as características do signo linguístico postulado por Saussure (2006 [1916]), visto que existe uma associação indissolúvel entre o significado e o significante, criando uma não composicionalidade semântica. Mesmo que o signo linguístico fraseológico possa ser, por vezes, semanticamente motivado pelo seu contexto de criação, isso se dá de forma arbitrária, sem que haja uma intervenção direta e consciente do falante. De igual forma, a sua composição sintática e seu uso pragmático são também arbitrários. Ainda que a motivação semântica seja recuperável, seu emprego em determinado contexto semântico-pragmático permanece imutável ao longo dos anos, apresentando cristalização, que é o resultado da alta frequência de uso. Além disso, as UF são passíveis de desfixação lexical, isto é, são mutáveis e capazes de originar novas expressões. Por fim, por conta da fixação e da convencionalidade, as UF apresentam caráter sintaticamente linear.

No decorrer dos primeiros trabalhos em Fraseologia, buscou-se, especialmente a partir dos estudos desenvolvidos na então União Soviética, estabelecer as características básicas das UF. Nesse momento, a atenção dos linguistas estava dedicada a entender quais eram as propriedades internas das UF, qual o papel desempenhado por elas no contexto de fala e quais as relações que elas mantêm com os outros subsistemas linguísticos. Ainda que tais contribuições formem a base da Fraseologia contemporânea, sendo compartilhada por pesquisadores de toda a Europa, há uma tendência no Brasil em acreditar que existam duas correntes teóricas distintas, sendo uma vigente na França e outra na Espanha. Nossa pesquisa mostra que tal divergência é inexistente. A dupla acepção do termo *fraseologia* – de um lado

entendida como disciplina linguística e de outro como o fenômeno linguístico em si – acompanhada de problemas tradutológicos, nos leva a crer que a sua má interpretação promoveu a falsa crença de uma divisão teórica.

No que concerne às características classificatórias das UF, por muito tempo foi conferido à idiomaticidade o papel de traço mais definidor. Contudo, estudos mais recentes mostram que a idiomaticidade é um atributo em potencial, mas não obrigatório. A fixação, por outro lado, tem se mostrado ser a principal propriedade da fraseologia – mesmo que apresente diferentes graus – já que ela toca a vários níveis linguísticos. Assim,

para tentar medir a gradação da fixação, a noção de grau não deve ser limitada à única dimensão sintática. Uma estreita correlação com o conteúdo semântico faz com que raramente um fique sem o outro: a duplicação como característica das sequências polilexicais tem como consequência a coexistência de dois significados que coexistem na mesma sequência, um sentido global que corresponde à totalidade da sequência e um literal, subjacente, que é reativado quando necessário no discurso<sup>186</sup> (Mejri, 2005, p. 190).

É também a partir da noção de fixação que as UF se tornam propícias à desfixação lexical, fenômeno aplicável em diferentes usos comunicativos. As transgressões proporcionadas pela desfixação não são consideradas como casos de agramaticalidade; ao contrário, elas funcionam como uma atividade lúdica ou militante motivada pela criatividade linguística do falante e adotada no discurso como forma de enriquecimento comunicativo. Para tanto, é necessário que a UF original seja recuperável, isto é, que ela esteja de algum modo presente nas entrelinhas do novo enunciado.

Considerando os diferentes graus de fixação, assim como as três dimensões centrais da Fraseologia, ou seja, sintaxe, semântica e pragmática, as UF podem apresentar múltiplas facetas. Portanto,

forma, sentido e condições de uso são assim postos a serviço de uma idiomaticidade [no sentido de construção fraseológica] que justifica e serve para explicar a presença das expressões idiomáticas [UF] de uma língua. É esta tripla dimensão da noção de idiomaticidade [da

---

<sup>186</sup> No original: *Pour tenter de mesurer la gradation du figement, il ne faut pas limiter la notion de degré à l'unique dimension syntaxique. Une corrélation étroite avec le contenu sémantique fait que l'un va rarement sans l'autre : le dédoublement en tant que caractéristique des séquences polylexicales a pour conséquence que deux significations coexistent dans la même séquence, un sens global qui correspond à la totalité de la séquence et un sens littéral, sous-jacent, qui est réactivé en cas de besoin dans le discours.*

noção fraseológica] que nos leva a propor uma classificação dos diferentes tipos de unidades fraseológicas<sup>187</sup> (González-Rey, 2021, p. 70, tradução nossa).

Ademais, tal procedimento busca garantir uma uniformidade terminológica dentro das Ciências do Léxico, visto que

entre as questões centrais na avaliação epistemológica de qualquer processo de descoberta, é inegável que a dimensão terminológica serve como referencial relativamente confiável na fixação e estabilização dos objetos de pesquisa. Ora, entre os conceitos essenciais da terminologia estão as denominações centrais que designam o objeto da disciplina ou da seção pretendida<sup>188</sup> (Mejri, 2005, p. 183-184).

Nesta esteira, a próxima seção tem como objetivo tratar da tipologia fraseológica que melhor se adequa a este estudo e discutir sobre as propriedades basilares de cada tipo.

---

<sup>187</sup> No original: *Forme, sens et conditions d'emploi sont ainsi placés au service d'une idiomaticité qui justifie et sert à expliquer la présence des expressions idiomatiques d'une langue. C'est cette triple dimension de la notion d'idiomaticité qui nous amène à proposer une classification des différents types d'unités phraséologiques.*

<sup>188</sup> No original: *Parmi les questions centrales dans l'évaluation épistémologique de tout processus de découverte, il est indéniable que la dimension terminologique sert de repère relativement fiable dans la fixation et la stabilisation des objets de la recherche. Or parmi les concepts essentiels de la terminologie figurent les dénominations centrales qui désignent l'objet de la discipline ou de la section revendiquée.*



## 5 A FRASEOLOGIA E OS CAMINHOS POSSÍVEIS PARA UMA CONSTRUÇÃO TIPOLOGICA

Se toda UF carece, para ser considerada como tal, de atender a pré-requisitos básicos – estabelecidos em 4.1.2, isto é, serem unidades léxicas que englobam diferentes tipos de estruturas polilêxicais que são fixadas em sua estrutura interna e em seu sentido semântico e que estão socialmente convencionalizadas quanto ao seu contexto de fala; serem altamente difundidas em uma dada comunidade linguística de fala e passíveis de idiomatidade e de desautomatização léxica – nem toda UF é, contudo, pertencente à mesma categoria.

Bevilacqua (1996), ao afirmar que o termo *Fraseologia*, embora novo (à época<sup>189</sup>), demonstra realidades linguísticas muito antigas, chama a atenção para a falta de precisão na delimitação das UF, as quais, devido à complexidade decorrente das suas características particulares, gera conflitos quanto à sua conceituação. A autora reitera que

para alguns autores, a [F]raseologia limita-se às expressões idiomáticas próprias de uma língua; outros consideram que ela inclui os provérbios, os ditos, as locuções e as léxicas compostas. Há ainda quem considere que tais unidades possuam tamanhos extremamente variáveis, podendo incluir palavras, grupos de palavras, de termos, locuções, expressões, orações, segmentos de frases, frases, conjunto de frases e assim por diante (Bevilacqua, 1996, p. 9-10).

Conforme discutido na seção anterior, a polilêxicidade e a fixação são amplamente reconhecidas na literatura contemporânea como sendo as duas características definidoras da fraseologia de uma língua. No entanto, ao considerarmos a construção de uma tipologia das UF, é fundamental contemplar todas as nuances dessas características. Nessa esteira, Mel'čuk (2017), partindo da fixação sintática das UF, apresenta uma tipologia subdividida em dois grupos principais: as UF condicionadas pragmaticamente e aquelas condicionadas semanticamente.

No que tange à fixação sintática, pode-se dizer que uma UF é um sintagma que não atende às regras gerais da língua e que, portanto, é considerado como não livre. As definições de sintagma livre e não livre estão ligadas a duas características do

---

<sup>189</sup> Ainda que o termo Fraseologia tenha sido efetivamente cunha no início do século XX (Bally, 1919, 1921), ele só se popularizou entre os linguistas no final do mesmo século, como mencionamos na seção 4.

signo linguístico complexo: a restrição, relacionada ao eixo de seleção paradigmática, e a composicionalidade, relacionada ao eixo de combinação sintagmática.

Do ponto de vista paradigmático, um signo complexo é não restrito<sup>190</sup> quando seus constituintes são selecionados pelo locutor conforme as regras gerais de seleção da língua, baseadas unicamente pelo sentido que cada um expressa, sem que um esteja dependente da seleção do outro e independentemente da situação extralinguística envolvida em sua enunciação. A título de exemplificação, os sintagmas *ler um livro* e *escrever uma carta* são não restritos, enquanto que *dar um conselho* e *fazer uma pergunta* são semi-restritos, visto que os verbos *dar* e *fazer* são selecionados em função de seu objeto, que é escolhido livremente pelo locutor. Os sintagmas *\*fazer um conselho* ou *\*dar uma pergunta* seriam considerados como agramaticais.

Por outro lado, do ponto de vista sintagmático, um signo complexo é considerado composicional se for construído de acordo com as regras gerais de combinação da língua. Tendo em vista que todo signo linguístico é composto de significante e significado, um signo linguístico complexo é considerado composicional quando tanto o significante (polilexicalidade) quanto o significado contribuem para essa composição. Como já discutido, isso ocorre quando o significado é diretamente derivado da combinação dos significados dos constituintes do próprio signo linguístico. Por exemplo, o sintagma *lavar os pratos* é composicional, já que segue as regras gerais de combinação dos seus elementos constituintes: lavar + prato = ação de limpar os pratos com água e sabão. Contudo, *lavar as mãos*, com o sentido de não se envolver em uma situação complicada ou não assumir a culpa ou a responsabilidade por algo que ocorreu, é não composicional.

Dito isso, quatro classes de sintagmas são logicamente possíveis ao cruzarmos os dois traços mencionados, ou seja, o caráter restrito/não restrito e composicionalidade/não composicionalidade. No entanto, tais traços não são autônomos. Uma vez que um sintagma é semanticamente não composicional, ele deve ser memorizado pelo falante como um todo, o que implica dizer que seus

---

<sup>190</sup> Aqui, nos referimos ao conceito de *contrainte*, com o qual tivemos contato em língua francesa, e que está relacionado ao “conjunto de limitações (necessidades ou proibições) que, em um ponto da cadeia falada, afetam as ocorrências das unidades precedentes ou subseqüentes” (Dubois et al., 1999, tradução nossa). A tradução para o português de Dubois et al. (2014) não oferece um equivalente para esse termo. Assim, por desconhecermos uma tradução já consolidada para tal termo em língua portuguesa, optamos por uma que, a nosso ver, melhor se adequa à sua definição.

constituintes não podem ser selecionados de maneira livre. Em outras palavras, o caráter não restrito e a não composicionalidade semântica são linguisticamente incompatíveis (Mel'čuk, 2017, p. 42).

Levando isso em conta, três classes de sintagmas são aceitas na língua, sendo dois deles fraseológicos, tal como exposto no Quadro 15.

**Quadro 15 - Classes de sintagmas**

Classe dos sintagmas / Traços dos sintagmas	Sintagmas livres	Combinação impossível	Sintagmas não livres = UF	
			Pragmatemas, clichés e colocações	Locuções
Restrito	-	-	+	+
Composicional	+	-	+	-

Fonte: Mel'čuk (2017, tradução e adaptação nossa)

De acordo com o Quadro 15, uma UF é, obrigatoriamente, um sintagma restrito, podendo apresentar composicionalidade semântica ou não. As UF que são semanticamente composicionais são os pragmatemas, os clichés e as colocações, ao passo que aquelas com marcação negativa para tal critério são as locuções.

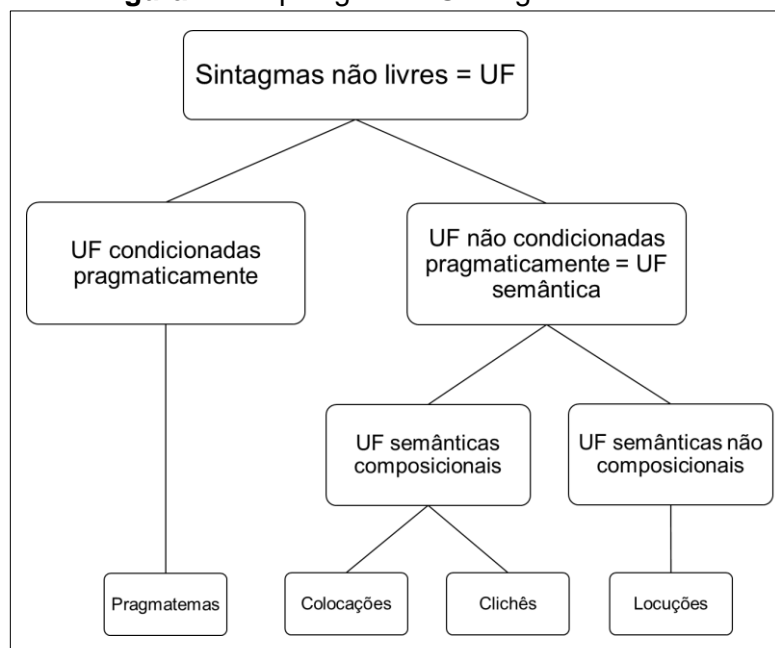
Afunilando ainda mais a tipologia das UF, Mel'čuk (2017) salienta que, no que diz respeito aos níveis de expressão lexical e de construção sintática, a produção de fala é composta por duas fases principais. Primeiramente, o locutor parte de uma representação mental de uma situação extralinguística, chamada representação conceitual, para selecionar uma representação semântica de seu futuro enunciado. Em seguida, a partir da representação semântica escolhida, o locutor seleciona as expressões lexicais e as construções sintáticas que constituem a representação sintática profunda de seu enunciado. Esse processo explica como uma ideia mental se transforma em uma formulação linguística estruturada<sup>191</sup>.

A partir dessa lógica, e tendo em vista que as UF são sintagmas totalmente restritos, podemos afirmar que a liberdade de escolha de unidades linguísticas por parte do falante pode ser violada em ambas as etapas descritas por Mel'čuk (2017). Dito de outra forma, a UF pode ser restrita tanto por fatores extralinguísticos e

<sup>191</sup> Como mencionamos na seção 4 desta tese, esse modelo de construção de sentido lexical foi objeto de estudo da Linguística Cognitiva (Lakoff; Johnson, 2002; Ferrari, 2011; Jaén, 2012).

pragmáticos (situação da fala) quanto por fatores linguísticos (regras gerais da língua), dando origem à tipologia expressa pelo organograma a seguir.

**Figura 24** - Tipologia das UF segundo Mel'čuk



Fonte: Mel'čuk (2017, tradução e adaptação nossa)

Com base na leitura do organograma da Figura 24, as UF que são condicionadas a uma situação extralinguística ou pragmática são consideradas como pragmatemas. Por oposição, as UF que não apresentam nenhum tipo de condicionamento extralinguístico ou pragmático são tidas como UF semânticas, as quais se subdividem em duas categorias: a primeira inclui as UF semânticas composicionais. Nesse grupo, estão as colocações – que manifestam restrição em apenas um de seus constituintes, sendo, portanto, um caso de semi-restrição – e os clichês<sup>192</sup>, que são completamente restritos. O segundo grupo é composto pelas UF semânticas não composicionais, no qual estão abarcadas as locuções.

Mejri (2012) apresenta um outro enfoque para a concepção da tipologia das UF, dividindo-as em duas categorias principais: as UF gramaticais e as UF lexicais. O primeiro conjunto abrange “todas as locuções [UF] de que se dotam todas as línguas para estruturar as frases e os discursos” (Mejri, 2012, p. 28, tradução nossa)<sup>193</sup>,

<sup>192</sup> Tradicionalmente, os clichês são tratados pelos estudos em paremiologia. Porém, não abordaremos esse tema, visto que ele não é relevante para o estudo do nosso corpus.

<sup>193</sup> No original: *Les phraséologismes grammaticaux qui renvoient à toutes les locutions dont se dotent toutes les langues pour structurer les phrases et les discours.*

englobando expressões conjuntivas e preposicionais, assim como advérbios e conectores de todos os tipos. Já o segundo grupo inclui “sequências fixas e colocações que desempenham funções de denominação e categorização lexical” (Mejri, 2012, p. 28, tradução nossa)<sup>194</sup>. Contudo, esse olhar para a classificação das UF não afeta a tipologia descritas anteriormente (Mel'čuk, 2017), visto que os critérios de restrição e composicionalidade são aplicáveis tanto às UF gramaticais quanto às lexicais.

Para além da proposta de definição de uma tipologia das UF com base nas construções sintagmáticas, outra forma de estabelecer uma observação tipológica do fenômeno fraseológico, argumentada por González-Rey (2021), se dá a partir da forma com que cada UF é constituída. Isso porque determinadas UF, especialmente aquelas compostas por lexias textuais, segundo a classificação de Pottier (1974), adquirem a dimensão de um enunciado e, portanto, não se enquadram diretamente na classificação feita por Mel'čuk (2017), ainda que o autor já tivesse incluído os clichês. Sendo assim, a observação feita por González-Rey (2021) tem por finalidade reduzir o caráter heterogêneo e complexo do material fraseológico de uma língua para melhor defini-lo.

Dessa forma, os enunciados fraseológicos comporiam então o primeiro conjunto de UF, o qual

é constituído por unidades que oferecem uma estrutura construtiva comum, a saber, a de uma construção específica que alia uma forma, um sentido e um uso autônomo. Essas unidades são, de um lado, as parêmias, e de outro, os pragmatemas. De fato, ambos constituem enunciados fraseológicos, de natureza frástica ou não<sup>195</sup> (González-Rey, 2021, p. 83, tradução nossa).

Já os sintagmas fraseológicos dão origem ao segundo conjunto, que

reúne dois tipos de unidades ligadas pela mesma propriedade, uma propriedade que as distingue dos dois grupos anteriores. Trata-se de construções, sob forma de sintagmas, constituindo integrantes de

<sup>194</sup> No original: *Les séquences figées et les collocations qui assurent des fonctions de dénomination et de catégorisation lexicale.*

<sup>195</sup> No original: *Le premier de ces deux ensembles est constitué par des unités offrant une structure constructionnelle commune, à savoir celle d'une construction spécifique alliant une forme, un sens et un usage autonome. Ces unités sont, d'une part, les parémies, et d'autre part, les pragmatèmes. En effet tous deux constituent des énoncés phraséologiques, de nature phrastique (sic) ou pas.*

frases. São, de um lado, as colocações, e do outro, as locuções<sup>196</sup> (González-Rey, 2021, p. 117, tradução nossa).

Outra forma de interpretação da tipologia das UF é possível através dos conceitos de exocentrismo e endocentrismo, discutidos na seção 4 desta tese. Esse arcabouço teórico foi inicialmente abordado por Bloomfield (1933), introduzido no rol dos estudos fraseológicos por Gross (1996), retomado por Mejri (2005) e posteriormente por González-Rey (2021), proporcionando uma tipologia fundamentada na existência de um valor referencial das lexias que constituem a UF. Neste contexto, as UF são distribuídas em dois grupos: aquelas de natureza semântica não composicional, denominadas exocêntricas; e aquelas com caráter composicional, chamadas de endocêntricas. No primeiro bloco estão reunidas as parênticas, os pragmatemas e as locuções, no segundo, estão as colocações.

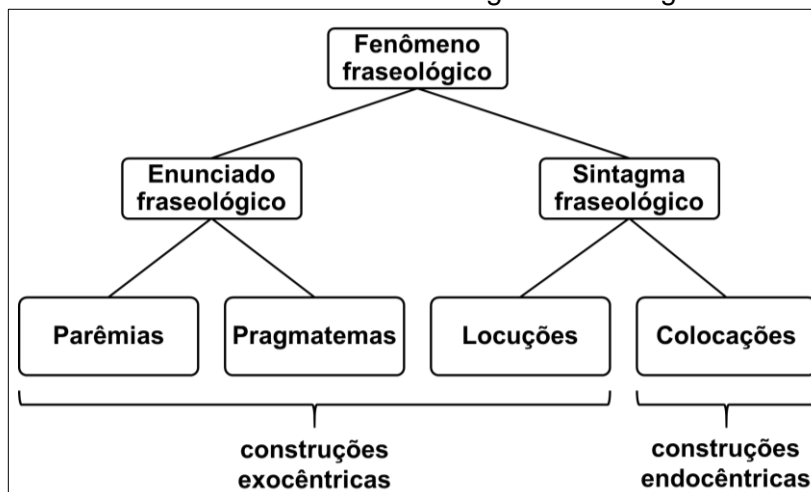
Ao retomar os exemplos discutidos na seção anterior, observa-se que as UF *pano de prato* e *olho de sogra* são sintaticamente idênticas, compartilhando a mesma estrutura interna: N + PREP + N. Entretanto, a análise semântica revela algumas distinções. Ao mesmo tempo em que *pano de prato* é constituída por lexias referenciais – um pano de prato é um pano – sendo, portanto, semanticamente composicional e enquadrando-se como uma colocação endocêntrica, a UF *olho de sogra* não é composta por lexias referenciais – um olho de sogra não é um olho – caracterizando-se como uma locução exocêntrica. Tais distinções evidenciam a importância do critério referencial no estabelecimento da tipologia das UF, especialmente no que tange à distinção entre colocação e locução<sup>197</sup>.

Posto isso, a tipologia básica das UF elaborada mediante a dicotomia UF enunciativa vs. UF sintagmática pode ser sintetizada a partir do organograma exposto na Figura 25, a seguir.

---

<sup>196</sup> No original: *Le second grand ensemble composant la matière phraséologique rassemble deux types d'unités liées par la même propriété, une propriété qui les distingue des deux groupes antérieurs. Il s'agit des constructions, sous forme de syntagmes, constituant des intégrant des phrases. Ce sont, d'une part, les collocations, et d'autre part, les locutions.*

<sup>197</sup> Mais à frente, ampliaremos a discussão sobre as distinções entre colocação e locução.

**Figura 25** - Dicotomia Enunciado fraseológico vs. Sintagma Fraseológico

Fonte: elaborado pelo autor com base em González-Rey (2021)

O organograma apresentado na Figura 25 organiza o fenômeno fraseológico em duas categorias principais: os enunciados fraseológicos e os sintagmas fraseológicos. O primeiro abrange as subcategorias de parêmiias e pragmatemas, ao passo que o segundo se divide em locuções e colocações. As parêmiias, os pragmatemas e as locuções são consideradas como construções exocêntricas, já as colocações são construções endocêntricas.

Assim sendo, considera-se que às UF enunciativas sejam sempre exocêntricas, uma vez que “não são interpretáveis a partir da soma de significantes, mas a partir da situação de enunciação. A sua forma, o seu significado e a sua utilização devem-se a razões que se encontram fora delas mesmas” (González-Rey, 2021, p. 79, tradução nossa)<sup>198</sup>. É certo que, ao menos no que compete às parêmiias, tal análise é verdadeira. A título de exemplificação, podemos citar a parêmia *gato escaldado tem medo de água fria*, usada para se referir a uma pessoa que passou por alguma experiência traumática e que, portanto, tende a agir com cautela. Aqui, a natureza exocêntrica da UF é evidente.

Contudo, a classificação feita por González-Rey (2021) é questionável. Em se tratando dos pragmatemas, ainda que a forma e o uso estejam vinculados a uma situação enunciativa precisa, determinadas construções possuem, por vezes, sentido composicional. A UF *declaro para os devidos fins*, por exemplo, é um pragmatema empregado em documentos oficiais para indicar que as informações ali contidas

<sup>198</sup> No original: *elles ne sont pas interprétables à partir de la somme des signifiant mais à partir de la situation d'énonciation. Leur forme, leur sens et leur emploi sont redevables à des raisons qui se trouvent en dehors d'eux-mêmes.*

podem ser utilizadas como referência oficial para a finalidade que motivou à emissão do documento. Porém, sua composicionalidade semântica é clara.

Portanto, acreditamos que, visto a complexidade de determinação dos pragmatemas quanto ao seu caráter composicional, os critérios de exocentrismo e endocentrismo não se aplicam de forma predeterminada, sendo necessário, por vezes, analisar individualmente cada UF. Posicionamento semelhante parece ser o de Pamies (2018) que não apresenta uma tipologia binária, exocentrismo vs. endocentrismo – ainda que esses termos não sejam efetivamente empregados por ele –, mas, ao contrário, admite que qualquer proposta tipológica para as UF é ao mesmo tempo idiomática, isto é, não composicional ou exocêntrica, e não idiomática, ou seja, composicional ou endocêntrica.

A proposta de Pamies (2018) parte do conceito de sintemática, desenvolvido por Martinet (1999), que tem como objeto de estudo o sintema, isto é, “uma unidade linguística significativa, que designa uma noção bem definida, mas cuja forma permite distinguir elementos sucessivos que inicialmente possuem significados distintos” Martinet (1999, p. 11, tradução nossa)<sup>199</sup>. Melhor dizendo, o sintema é um sintagma nominal fixo, apresentando ou não um elemento de ligação entre o núcleo e o modificador, podendo ser grafado tanto com hifens quanto com espaços em branco, tais como *joão-de-barro*, *guarda-roupa*, *pé de moleque* e *telefone celular*.

Nessa ótica, a tipologia das UF é estruturada com base em três categorias: i) o sintema, caracterizado pelas UF não enunciativas com nível máximo de fixação; ii) o sintagma fixo, que abrange as UF semifixas; e iii) o enunciado fixo, definido pelas UF compostas por enunciados autônomos e sintaticamente completos. Para melhor compreender a distinção entre sintema e sintagma fixo, é preciso entender que

o sintagma é a combinação regulada de vários morfemas funcionando como tais, enquanto o sintema funciona como um único lexema. Nesse sentido, os sintemas são pseudo-sintagmas [...], eles não têm estrutura interna, enquanto que as unidades fraseológicas imediatamente superiores, os sintagmas fixos, possuem componentes propriamente ditos, pois cada um desempenha um papel em sua combinação mútua que obedece a certas regras<sup>200</sup> (Pamies, 2018, p. 230-231, tradução nossa).

<sup>199</sup> No original: *une unité linguistique signifiante, designant une notion bien définie, mais où la forme permet de distinguer des éléments successifs porteurs au départ de sens distincts.*

<sup>200</sup> No original: *le syntagme est la combinaison réglée de plusieurs monèmes fonctionnant en tant que tels, alors que le syntème fonctionne comme un seul lexème. En ce sens, les syntèmes sont des pseudo-syntagmes [...], ils n'ont pas de structure interne, alors que les unités phraséologiques*



Diante disso, as subcategorias das UF estariam classificadas, segundo o autor, como o exposto no Quadro 16.

**Quadro 16** - Tipologia das UF segundo Pamies

<b>SINTEMAS</b>		
<b>UF</b>	<b>não idiomático</b>	<b>idiomático</b>
palavra composta	<i>saca-rolhas</i> <i>máquina de escrever</i>	<i>lua de mel</i> <i>puxa-saco</i>
locução nominal	<i>aperto de mão</i>	<i>peixe grande</i>
locução adjetiva	<i>em preto e branco</i>	<i>de coração</i>
locução verbal	<i>fazer cara feia</i>	<i>bater um bolão</i>
locução adverbial	<i>de mãos dadas</i>	<i>à todo vapor</i>
locução conjuntiva	<i>desde que</i>	<i>ainda que</i>
locução prepositiva	<i>na intenção de</i>	<i>em nome de</i>
<i>phrasal verb</i>	<i>to run after</i> (perseguir)	<i>to give up</i> (desistir)
construção onímica	<i>República Francesa</i>	<i>A Sublime Porta</i>
fraseotermo	<i>certidão de nascimento</i>	<i>caixa-preta</i>
<b>SINTAGMAS</b>		
<b>UF</b>	<b>não idiomático</b>	<b>(semi) idiomático</b>
Comparação estereotipada	<i>branco como a neve</i>	<i>dormir como uma pedra</i>
Colocação [N + Adj]	<i>cinema mudo</i>	<i>bala perdida</i>
Colocação [V + Adv]	<i>chorar copiosamente</i>	<i>amar cegamente</i>
Colocação [V + N]	<i>criar problemas</i>	<i>bater foto</i>
Colocação [N + SPrep]	<i>enxame de abelhas</i>	<i>camisa de força</i>
<b>ENUNCIADO FIXO</b>		
<b>UF</b>	<b>não idiomático</b>	<b>idiomático</b>
fórmula	<i>boa sorte!</i>	<i>vá tomar banho</i>
Enunciado fixo não sentencial	<i>sigam-me os bons</i>	<i>as batatas estão assando</i>
Enunciado fixo sentencial	<i>não deixe para amanhã o que se pode fazer hoje</i>	<i>quem semeia vento, colhe tempestade</i>

Fonte: Pamies (2018, p. 239, tradução e adaptação nossa)

De acordo com os dados do Quadro 16, Pamies (2018) apresenta um total de nove subcategorias de UF, organizadas da seguinte forma: sintemas: palavra composta; locução (nominal, adjetiva, verbal, adverbial, conjuntiva, prepositiva); *phrasal verb* (exclusivo de língua inglesa); construção onímica e fraseotermo. Sintagmas: comparação estereotipada; colocação (podendo apresentar as seguintes

---

*immédiatement supérieures, les syntagmes figés, ont des composants proprement dits, parce qu'ils jouent chacun un rôle dans leur combinaison mutuelle qui obéit à certaines règles.*

estruturas sintáticas: N + Adj; V + Adv; V + N; N + SPrep<sup>201</sup>). Enunciado fixo: fórmula; enunciado fixo não sentencial e enunciado fixo sentencial. Contudo, ao contrário das tipologias apresentadas por Mel'čuk (2017) e por González-Rey (2021), Pamies (2018) identifica construções idiomáticas e transparentes, isto é, não composicionais e composicionais ou exocêntricas e endocêntricas, em todos os tipos de UF.

A tipologia argumentada por Pamies (2018), evidentemente, não é exaustiva, tendo em vista que ela deixa de lado determinadas construções fraseológicas, a exemplo dos binômios (Tagnin, 2013) e dos moldes (Zhu, 2020, 2022). Tampouco é nossa intenção fazer aqui um levantamento completo de todas as possibilidades de interpretação e categorização do material fraseológico, mas sim exemplificar a heterogeneidade do fenômeno e a dificuldade de construção de uma tipologia uniformizada, aplicável a todas as línguas naturais. Ademais, estamos conscientes de que as análises trazidas ao debate foram pensadas, majoritariamente, para a lógica de funcionamento lexical da língua francesa e que, por vezes, tais definições não atendem às regras linguísticas de outras línguas, como o português brasileiro e o inglês.

Ao compararmos o estudo feito por Pamies (2018) ao de Tagnin (2013), o qual é voltado para a fraseologia das línguas inglesa e portuguesa, constatamos algumas divergências quanto à estruturação sintática das colocações nas três línguas: francês, português e inglês. Embora a ordem sintática da colocação nominal do francês seja semelhante àquela mais frequente de língua portuguesa, qual seja, um elemento nominal seguido de um sintagma nominal prepositivo, encontramos ainda em português ocorrências do tipo N + N, tais como *célula-tronco* e *beira-mar*.

O mesmo acontece com as colocações verbais e adverbiais. Ao passo que Pamies (2018) considera apenas a ocorrência V + N para as colocações verbais, Tagnin (2013) dá exemplos, para além da estrutura V + N, de construções em língua portuguesa do tipo V + Prep + N (*entrar em vigor*) e V + Adj (*dar errado*). No que compete às colocações adverbiais, Pamies (2018) elenca somente os casos em que o advérbio modifica o verbo como *chorar copiosamente*, apresentado no Quadro 16. Contudo, podemos encontrar em português construções em que o advérbio também modifica o adjetivo, tais como *estupidamente gelada* ou *profundamente ofendido*.

---

<sup>201</sup> Sintagma preposicionado.

Por fim, no que diz respeito às colocações adjetivas, a estrutura interna reconhecida por Pamies (2018) para a língua francesa, qual seja, N + Adj, é a mesma considerada por Tagnin (2013) para o português, porém diferente para o inglês, na qual a ordem é inversa: Adj + N. A título de exemplificação, podemos mencionar *close friend* e *formal dinner*.

Diante do exposto, optamos, para as análises dos dados obtidos na nossa pesquisa, por não considerar a tipologia de um autor específico, mas, ao contrário, buscar o máximo de propostas tipológicas que melhor se adequassem ao nosso *corpus*<sup>202</sup>. Como resultado, obtivemos um total de 14 tipos diferentes de UF, cujas características principais estão descritas no Quadro 17, a seguir.

---

<sup>202</sup> Os processos metodológicos de coleta, categorização e classificação dos dados da pesquisa serão descritos na seção 7.

Quadro 17 - Tipologia das UF identificadas no *corpus* da tese

UF LEXICAL			
UF	Definição	Exemplo	Principais referências
Binômio	UF composta por duas lexias da mesma categoria gramatical, ligadas por uma conjunção ou preposição	<i>au gendarme et au voleur</i> (polícia e ladrão)	Tagnin (2013); Pamies e Pazos (2022)
Colocação	UF formada por uma base e um colocado, caracterizada pela coocorrência léxico-sintática na qual as lexias são atraídas naturalmente, sem que haja uma razão	<i>Donner la main</i> (dar a mão) <i>boîte d'allumettes</i> (caixa de fósforos)	Grossmann e Tutin (2003); Hausmann e Blumental (2006); González-Rey (2021); Mejri (2008, 2011b, 2012, 2017c)
Comparação estereotipada	UF composta por dois componentes que exprimem uma comparação generalizada	<i>Grand/beau comme un palais</i> (grande/bonito como um palácio)	Beliakov e Mejri (2015); Pamies (2018); González-Rey (2021)
Determinante quantificador	UF nominal que atua como determinante e especifica a quantidade de um elemento nominal	<i>tas de</i> ("amontado de" = monte de)	Buvet (1993, 1994, 2008); Blanco Escoda (2001, 2002)
Fórmula	Sentenças completas convencionalizadas sem valor proverbial	<i>Allons-y</i> (vamos lá)	Monteiro-Plantin (2014); Mejri (2017b); Pamies (2018).
Fraseoantropônimo	UF com valor onomástico antropológico	<i>Bordenave</i> (borda + nave = sobrenome)	Mel'čuk (2023)
Fraseosinalética	UF com valor onomástico monorreferencial, fixada a partir do uso denominativo em obras (artísticas, literárias, cinematográficas etc.)	<i>Le Chat Botté</i> (O Gato de Botas)	Bosredon (2012, 2017)
Fraseotermo	UF pertencente a um léxico especializado	<i>cellule photoélectrique</i> (célula fotoelétrica)	Bevilacqua (2005); Soumaya Mejri e Salah Mejri (2020); Delmond e Marques (2021)
Locução <sup>203</sup>	UF idiomática caracterizada pela ausência de relação semântica entre seus constituintes	<i>bonhomme</i> (bon + homme, boneco) <i>avoir de la veine</i> ("ter da veia" = ter sorte)	Mel'čuk (2017); Pamies (2018); Polguère (2018a); González-Rey (2021)

<sup>203</sup> As locuções têm comportamento híbrido, podendo manifestar tanto características lexicais como gramaticais, de acordo com a definição de Mejri (2012).

UF GRAMATICAL			
UF	Definição	Exemplo	Principais referências
Construção com verbo suporte (CVS)	UF composta por um verbo com pouco ou nenhum conteúdo semântico próprio, combinado com um substantivo ou adjetivo que carrega o significado principal da unidade	<i>avoir peur</i> (ter medo)	Vivès (1993); Gross e Pontonx (2004); Mejri (2008); Mel'čuk (2017)
Locução	UF idiomática caracterizada pela ausência de relação semântica entre seus constituintes	<i>à condition de</i> (na condição de) <i>quand même</i> (mesmo assim)	Mel'čuk (2017); Pamies (2018); Polguère (2018a); González-Rey (2021)
Molde	Estrutura predefinida que integra aspectos gramaticais, lexicais, sintáticos e semânticos e que determinam a construção e o reconhecimento de categorias combinatórias fixas	<i>Si___, c'est parce que___</i> <b><i>s'il est arrivé tôt, c'est parce que son bus était à l'heure</i></b> ( <b><i>se ele chegou cedo, é porque seu ônibus passou no horário</i></b> )	Zhu (2016, 2019, 2020, 2022)
Perífrase verbal	Combinação de um verbo auxiliar com outro no infinitivo, gerúndio ou particípio. Expressa nuances temporais, aspectuais ou modais	<i>Laisser + V</i> (deixar + V)	Gougenheim (1929); Pochon (1988); Laça (2004), Gosselin e Bertin (2022)
Pragmatema	UF fixada a um contexto específico de uso	<i>Joyeux anniversaire</i> (feliz aniversário)	Blanco Escoda e Mejri (2018); González-Rey (2021)
Segmento repetido	UF composta por uma sequência de lexias que se repetem no discurso para enfatizar uma ideia ou criar um efeito estilístico	<b><i>lui, il ne savait rien</i></b> ( <b><i>ele, ele</i></b> não sabia nada)	Salem (1986); Bendinelli (2017); Cislaru e Olive (2017)

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

A categorização das UF escolhida para esta pesquisa buscou englobar tipologias já reconhecidas e amplamente estudadas, quer por pesquisadores brasileiros, quer por europeus. Entretanto, tendo em vista a pouca difusão em língua portuguesa de estudos tipológicos do fenômeno fraseológico desenvolvidos na Europa, não há no Brasil a tradução já consagrada de determinados termos apelativos. Dessa forma, nos propusemos a oferecer traduções, quais sejam: *comparação estereotipada*<sup>204</sup>; *determinante quantificador*<sup>205</sup> e *molde*<sup>206</sup>.

Além disso, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, nos deparamos com uma série de combinações fixas que, embora já tenham sido analisadas anteriormente sob a ótica da Fraseologia, ainda não receberam uma nomenclatura específica. Portanto, optamos por sugerir, já em língua portuguesa, apelações que, a nosso ver, melhor se enquadrassem com as suas características definidoras. É esse o caso de *fraseosinalética* e *fraseoantropônimo*.

Desse modo, a tipologia desta pesquisa ficou assim definida: i) UF lexicais: binômios; colocações; comparações estereotipadas; determinantes quantificadores; fórmulas; fraseoantropônimos; fraseosinaléticas e fraseotermos; ii) UF mistas, isto é, que compreendem na mesma categoria UF lexicais e gramaticais: locuções; e iii) UF gramaticais: construções com verbo suporte; molde; perífrase verbal; pragmatema e segmento repetido.

Apesar da diversidade de tipos de UF identificadas durante a construção do nosso *corpus*, para as discussões teóricas que aqui pretendemos realizar, aplicamos um recorte a três categorias: colocações, locuções e pragmatemas. Tal escolha foi motivada pelo fato de essas terem sido as três categorias mais recorrentes em nosso *corpus*, totalizando 76,8% das ocorrências, contra 23,2% dos demais tipos<sup>207</sup>. Assim, ao concentrarmos a nossa análise nessas categorias, almejamos focalizar nas principais tendências e padrões fraseológicos presentes nos textos analisados. Nesse sentido, as subseções a seguir estarão voltadas para a descrição teórica de cada tipo, discutindo, em separado, sobre as suas principais características definidoras.

---

<sup>204</sup> Do francês *comparaison stéréotypée* e do espanhol *comparación estereotipada*.

<sup>205</sup> Do francês *déterminant quantifieur*.

<sup>206</sup> Do francês *moule*.

<sup>207</sup> A metodologia de coleta, catalogação e classificação dos dados será descrita na seção 7. As análises os dados obtidos serão feitas na seção 8.

## 5.1 AS COLOCAÇÕES

As colocações são UF que se formam a partir da combinação recorrente de certas lexias que são usualmente empregadas de forma conjunta. Essas combinações não são, via de regra, motivadas por fatores explícitos, mas ocorrem com tal regularidade que acabam por se fixarem na língua, criando na mente de um falante nativo uma percepção léxico-sintática de gramaticalidade para aquele uso.

Como mencionado na seção anterior, Bally (1921) já havia previsto a ocorrência das colocações em língua francesa, as quais ele denominou de *séries fraseológicas* ou *agrupamentos usuais* e as classificou como pertencentes a um nível intermediário de fixação. Assim, considera-se que

há uma série [fraseológica] ou agrupamento usual quando os elementos do grupo [fraseológico] mantêm sua autonomia, ao mesmo tempo que revelam uma afinidade evidente que os aproxima, de modo que o conjunto apresenta contornos definidos e dá a impressão de "déjà vu" [ou familiaridade]<sup>208</sup> (Bally, 1921, p. 70, tradução nossa).

Também Coseriu (1977) aborda, sob a nomenclatura de *solidariedades léxicas*, as afinidades, implicações e seleções mútuas existentes entre determinadas lexias, as quais ele observou sob duas perspectivas: as solidariedades unilaterais e multilaterais. As primeiras são explicadas da seguinte maneira:

Nas solidariedades "unilaterais", o valor classemático [o valor do conjuntos de traços semânticos mínimos], o arquilexema [hiperônimo] ou todo o conteúdo do lexema [lexia] determinante [aquele que seleciona] está contido como traço distintivo no lexema determinado [aquele que é selecionado], mas esse lexema não se opõe a outros lexemas exclusivamente por esse traço distintivo; neste caso, portanto, a determinação do lexema determinado pela classe, pelo arquilexema ou por todo o conteúdo do lexema determinante é uma *determinação interna*, que funciona simplesmente no mesmo plano dos demais traços distintivos do lexema determinado<sup>209</sup> (Coseriu, 1977, p. 152, itálico do autor e tradução nossa).

<sup>208</sup> No original: *Il y a série ou groupement usuel lorsque les éléments du groupe conservent leur autonomie, tout en laissant voir une affinité évidente qui les rapproche, de sorte que l'ensemble présente des contours arrêtés et donne l'impression du « déjà vu ».*

<sup>209</sup> No original: *En las solidariedades « unilaterales », el valor clasemático, el archilexema o todo el contenido del lexema determinante está contenido como rasgo distintivo en el lexema determinado, pero este lexema no se opone a otros lexemas exclusivamente por ese rasgo distintivo; en este caso, pues, la determinación del lexema determinado por la clase, por el archilexema o por todo el contenido del lexema determinante es una determinación interna, que funciona simplemente en el mismo plano de los demás rasgos distintivos del lexema determinado.*

Nesse sentido, o verbo *ver*, por exemplo, expressa uma relação de solidariedade léxica unilateral com o substantivo *olhos*, já que *ver* implica a seleção de *olhos* para a construção da colocação *ver com os olhos* (*Vi com meus próprios olhos*), por exemplo. O mesmo acontece com colocações formadas por lexias que expressam coletivos, como *alcateia de lobos* ou *enxame de abelhas*. A redundância manifestada por colocações desse tipo tende a ser realizada para criar uma tautologia deliberada, dando ênfase naquilo que se quer expressar.

As solidariedades léxicas multilaterais, por outro lado, são assim caracterizadas:

Nas solidariedades "multilaterais", por outro lado, o lexema determinado se opõe a outros lexemas precisamente por esse traço distintivo, que implica como traço complementar. Em consequência, a determinação do lexema determinado pela classe, pelo arquilexema ou por todo o conteúdo do lexema determinante é uma *determinação externa*, que, por assim dizer, se adiciona ao conteúdo inteiro, e já dado, do lexema determinado<sup>210</sup> (Coseriu, 1977, p. 152-153, itálico do autor, tradução nossa).

Reexplicando, as solidariedades multilaterais envolvem a relação de lexias com base em um traço distintivo específico que determina a seleção de outra lexia com a qual a primeira tem uma afinidade prévia. Por exemplo, o signo linguístico complexo *cachorro labrador* contém em *labrador* o traço distintivo *para cães* ou *dito dos cães*. De igual forma, em *vaca malhada* há um traço distintivo *para vacas* ou *dito das vacas* que é expresso pela lexia *malhada*. Logo, qualquer substituição feita no interior do signo linguístico complexo desse tipo só é semanticamente aceita se mantiver tais traços distintivos, a exemplo de *cachorro vira-lata* e *vaca leiteira*, respectivamente. Portanto, se em construções desse tipo seja realizada uma substituição de lexia por uma que expresse outro traço semântico, a alteração do segundo componente da unidade é obrigatória: se *labrador* for substituído para *baio*, é obrigatório que *cachorro* seja modificado para *cavalo*.

Embora Coseriu (1977) não tenha feito uso da terminologia específica da Fraseologia, o fenômeno descrito por ele é o que, na literatura recente, corresponde

---

<sup>210</sup> No original: *En las solidaridades « multilaterales », en cambio, el lexema determinado se opone a otros lexemas, precisamente, por ese rasgo distintivo, al que implica como rasgo complementario. En consecuencia, la determinación del lexema determinado por la clase, por el archilexema o por todo el contenido del lexema determinante es una determinación externa, que, por así decir, se añade al contenido entero, y ya dado, del lexema determinado.*



à noção de colocação. Mel'čuk (2003), fazendo uso da linguagem matemática explica o fenômeno colocacional da seguinte forma:

[uma colocação é] uma expressão linguística bipartida **AB** da língua **L**: **A** e **B** são lexias de **L** (= suas unidades lexicais, quer dizer, expressões que devem constituir entradas no dicionário de **L**; aqui, nos referimos a um dicionário verdadeiro de **L** [o léxico de **L**]), (S) é o sentido (= o significado) de **AB**, e (A) o sentido de **A**. **Colocação** (= locução semifixa). A expressão **AB** tendo o sentido (S) é chamada de *colocação* se, e somente se, as três condições seguintes forem simultaneamente preenchidas: 1. 'S'  $\supset$  'A'; 2. **A** é selecionado pelo locutor de forma regular e não restrita; 3. **B** não é selecionado de forma regular e não restrita, mas em função de **A** e do sentido (S) a ser expresso<sup>211</sup> (Mel'čuk, 2003, p. 23-24, grifos do autor, tradução nossa).

Interpretando, uma colocação é reconhecida como tal se atender a três critérios básicos. Primeiramente, é preciso observar que 'S'  $\supset$  'A', ou seja, 'S' é um superconjunto de 'A', o que significa dizer que o sentido geral 'S' abrange o sentido específico 'A'. Em outras palavras, o sentido 'S' é mais amplo e inclui o sentido 'A' por intermédio do componente **A** da colocação. Segundo, o sentido **A** deve ser selecionado pelo locutor de forma regular e não restrita, o que implica que a escolha de **A** ocorra de maneira sistemática e não esteja sujeita a restrições semânticas. Por fim, o sentido **B** não deve ser selecionado aleatoriamente, mas, ao contrário, sua seleção é dependente de **A** e do sentido geral 'S' a ser expresso.

Em resumo, uma colocação é uma unidade lexical constituída de dois elementos e identificada pela inclusão de um sentido específico dentro de um sentido geral – o que a torna semifixa – pela seleção livre de restrições de um dos seus constituintes, por parte do falante, e pela seleção condicionada do segundo elemento léxico.

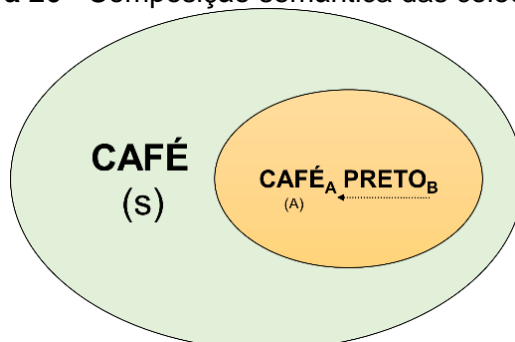
A título de exemplificação, podemos observar a colocação *café preto*, com sentido de café ausente de qualquer produto lácteo. Nessa UF, a lexia *café* é escolhida pelo falante para expressar efetivamente o sentido de *café*, sem nenhum tipo de restrição. Contudo o adjetivo *preto* não é selecionado pelo seu sentido recorrente na

<sup>211</sup> No original: *une expression linguistique bipartite AB de la langue L : A et B sont des lexies de L (= ses unités lexicales, c'est-à-dire des expressions qui doivent constituer des entrées de dictionnaire de L; ici, on parle d'un dictionnaire véritable de L), (S) est le sens (= le signifié) de AB, et (A) le sens de A. Collocation (= locution semi-figée). L'expression AB ayant le sens (S) est appelée une collocation si et seulement si les trois conditions suivantes sont simultanément remplies: 1. 'S'  $\supset$  'A' ; 2. A est sélectionné par le locuteur de façon régulière et non contrainte ; 3. B n'est pas sélectionné de façon régulière et non contrainte, mais en fonction de A et du sens (S) à exprimer.*

língua, qual seja, a cor preta. No léxico geral da língua, a lexia *preto* não emite, individualmente, o significado de *ausente de produto lácteo*, o qual está condicionado ao emprego dessa lexia em combinação com a lexia *café*.

Assim, a colocação *café preto* pode ser representada imagetivamente como o exposto na Figura 26, a seguir.

**Figura 26** - Composição semântica das colocações



Fonte: elaborado pelo autor com base em Mel'čuk (2003)

Como se vê, o componente *café<sub>A</sub>*, da colocação *café preto*, representada pela cor laranja na Figura 26, emite o sentido (A) que está incluído em um sentido (S) maior, representado pela cor verde na figura, qual seja, a bebida feita a partir do fruto do cafeeiro depois de seco, torrado e moído. Tal lexia é selecionada livremente pelo falante com base na relação semântica existente entre (A) e (S). Diante disso, a seleção da lexia *preto<sub>B</sub>*, com o sentido restrito de *ausente de produto lácteo*, está condicionada à seleção prévia da lexia *café<sub>A</sub>*. São, portanto, os princípios de *acarretamento*, discutidos pela Semântica e debatidos por nós na seção 3, que entram em jogo durante o processo de construção de colocações do tipo *café preto*, visto que elas tratam da relação estabelecida através da verdade existente entre duas informações: se é verdadeiro que *preto* é uma característica do *café*, então *café preto* é um tipo de *café*, estando uma informação contida na outra.

Retomando o conceito de solidariedade léxica de Coseriu (1977), a colocação *café preto* seria classificada como um caso de solidariedade multilateral, já que *preto* (= ausente de produto lácteo) é um traço distintivo de *café*. A sua substituição só é licenciada por outra lexia que pertença ao mesmo paradigma: *café amargo/coado/expresso*. De igual forma, empregando os termos de Bally (1921), *café preto* é um agrupamento usual porque, de um lado seus elementos mantêm sua

autonomia, um *café preto* é um *café*, e por outro, revelam uma afinidade evidente que os aproxima.

Com base nisso, Polguère (2018a p. 65, grifos do autor) define as colocações do seguinte modo:

Uma **colocação** é um sintagma AB (ou BA) tal que, para construí-lo, o Locutor seleciona A livremente de acordo com o sentido ‘A’, ao passo que ele seleciona ‘B’ para exprimir junto de A um sentido ‘s’ em função de restrições impostas por A.

A partir disso, pode-se assumir que uma colocação é formada por uma base A que, elegida livremente pelo locutor em função do seu sentido, controla o sintagma e, devido a isso, seleciona um colocado B, que está semanticamente restrito a A, para, em conjunto, expressar um único sentido. De modo a ficar mais clara a explicação, vejamos os exemplos em (1).

- (1) a João *pegou*<sub>B</sub> *um táxi*<sub>A</sub> para ir ao teatro.  
 b Maria pediu lagosta como *prato*<sub>A</sub> *principal*<sub>B</sub>.  
 c José está *perdidamente*<sub>B</sub> *apaixonado*<sub>A</sub>.

Nas sentenças em (1), as lexias etiquetadas com o A subscrito, correspondem à base, ao passo que aquelas etiquetadas com B equivalem aos colocados. Assim, em (1a), a base da colocação *pegar um táxi* seria a lexia *táxi*, enquanto que o colocado seria a lexia *pegar*. Tal classificação é válida porque, “do ponto de vista do locutor, é o colocado que é escolhido em função da base, e não o inverso” (Polguère, 2018a, p. 65). Portanto, é o verbo *pegar* que é escolhido em função do substantivo *táxi*, tendo em vista que há uma fixação na escolha do verbo. Embora exista para essa colocação em específico o sinônimo *tomar um táxi*, igualmente transmissor de sentido, a substituição do verbo *pegar* não poderia ser feita por qualquer outro do mesmo campo semântico: *\*agarrar um táxi*, por exemplo, seria considerado agramatical no português brasileiro.

O mesmo ocorre com (1b) e (1c): na colocação *prato principal*, a base *prato* seleciona o colocado *principal*, estando essa lexia impossibilitada de substituição. *\*Prato fundamental* não teria o mesmo sentido que *prato principal* se empregado na sentença de (1b). Por sua vez, a colocação *perdidamente apaixonado* tem como base *apaixonado* e como colocado *perdidamente*. Mais uma vez, a substituição do colocado

não é aceita por um falante nativo do português: \**desorientadamente apaixonado* é agramatical. Entretanto, a troca do colocado *perdidamente* pelo colocado *loucamente* é totalmente possível. Ainda que os advérbios não compartilhem do mesmo campo semântico, ambas as colocações foram convencionadas em língua portuguesa e, portanto, são admitidas como sinônimas.

Isso dito, percebe-se que as colocações possuem duas características definidoras básicas: hierarquia entre os seus constituintes e menor grau de idiomaticidade. A primeira característica é considerada como um critério formal de reconhecimento, já que esse tipo de UF é frequentemente formado por duas lexias, apresentando ou não um elemento de ligação, e que o colocado está restrito à seleção prévia da base da colocação pelo falante (González-Rey, 2021). A segunda característica é tida como um critério semântico de reconhecimento, uma vez que: i) o seu sentido é obtido a partir do resultado da soma dos significados da base e do colocado, como em *pão de leite* (o pão de leite é de fato um pão feito à base de leite)<sup>212</sup>; ii) apenas um componente da colocação é idiomático, como em *pão dormido* (pão é um ser inanimado e, portanto, incapaz de dormir). Por essa razão, diz-se que as colocações são entidades léxicas semifraseológicas, semifixas ou semi-idiomáticas (Mejri, 2012; Pamies, 2018, Polguère, 2018a).

Como já mencionado, Tagnin (2013, p. 63-73) classifica as colocações em quatro categorias, em conformidade com a função gramatical que elas assumem na frase, quais sejam: i) colocações adjetivas; ii) colocações nominais; iii) colocações verbais; iv) colocações adverbiais. As colocações adjetivas são aquelas formadas por estruturas do tipo Adj + N, nas quais tanto o adjetivo quanto o nome podem ser convencionados, isto é, um e outro podem assumir a função de base ou de colocado. A exemplo dessa categoria podemos citar: *amigo<sub>A</sub> íntimo/chegado<sub>B</sub>*; *parente<sub>A</sub> próximo<sub>B</sub>*; *má<sub>B</sub> sorte<sub>A</sub>*.

As colocações nominais são aquelas compostas por dois nomes. Esse tipo de colocação geralmente exige a presença de um elemento de ligação (preposição ou conjunção): *pão<sub>A</sub> com manteiga<sub>B</sub>*, *café<sub>A</sub> com leite<sub>B</sub>*, *instrumento<sub>A</sub> de tortura<sub>B</sub>*. A linguagem especializada se vale desse tipo de colocação para denominar peças, ferramentas, insumos, máquinas ou processos técnicos: *chave<sub>A</sub> de fenda<sub>B</sub>*, *manual<sub>A</sub> de instruções<sub>B</sub>*, *folha<sub>A</sub> de louro<sub>B</sub>*, *fermento<sub>A</sub> em pó<sub>B</sub>*. Também nessa categoria, estão

---

<sup>212</sup> Tipo de pão comum no estado da Bahia.

inseridas as colocações construídas por lexias compostas: *guarda<sub>A</sub>-roupa<sub>B</sub>*, *célula<sub>A</sub>-tronco<sub>B</sub>*.

As colocações verbais ocorrem quando determinados verbos assumem, naturalmente, o posto de colocado para nomes ou adjetivos específicos: *tomar<sub>B</sub> providências<sub>A</sub>*, *prestar<sub>B</sub> atenção<sub>A</sub>*, *dirimir<sub>B</sub> dúvidas<sub>A</sub>*, *fazer<sub>B</sub> feio<sub>A</sub>*. Por vezes, a estrutura V + Prep + N também pode se fazer presente: *entrar<sub>B</sub> em vigor<sub>A</sub>*, *ficar<sub>B</sub> à vontade<sub>A</sub>*.

As colocações adverbiais são classificadas em dois grupos: i) aquelas em que o advérbio modifica o adjetivo: *brutalmente<sub>B</sub> assassinado<sub>A</sub>*, *sexualmente<sub>B</sub> transmissível<sub>A</sub>*, *expressamente<sub>B</sub> proibido<sub>A</sub>*; e ii) aquelas em que o advérbio modifica o verbo: *chorar<sub>A</sub> copiosamente<sub>B</sub>*, *concordar<sub>A</sub> plenamente<sub>B</sub>*, *mentir<sub>A</sub> descaradamente<sub>B</sub>*. Em ambos os casos, é o advérbio que assume a função de colocado. “Em muitos casos o advérbio coocorre com diversos verbos de um mesmo campo semântico. Por exemplo, *cegamente* coocorre com verbos que denotam confiança” (Tagnin, 2013, p. 72): *confiar<sub>A</sub> cegamente<sub>B</sub>*, *obedecer<sub>A</sub> cegamente<sub>B</sub>*, *acreditar<sub>A</sub> cegamente<sub>B</sub>*, *amar<sub>A</sub> cegamente<sub>B</sub>*.

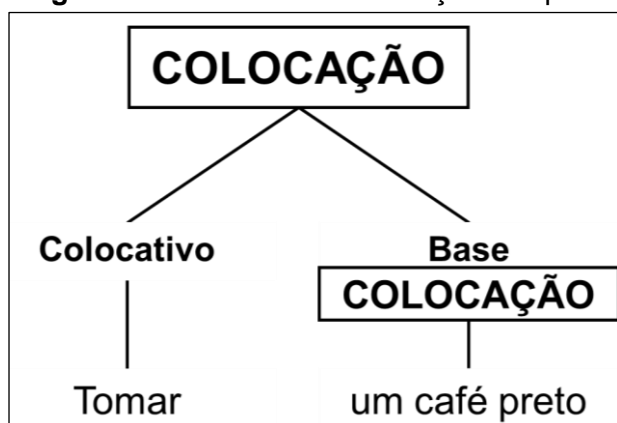
Para além das categorias de colocações apresentadas por Tagnin (2013), González-Rey (2015, p. 111, tradução nossa) apresenta duas outras classes, as colocações conjuntivas, a exemplo de *se e somente se*, e as colocações prepositivas, tais como *por volta de*<sup>213</sup>. Ambos os tipos são denominados pela autora como colocações gramaticais. Entretanto, não concordamos com essa classificação, tendo em vista que nesses casos não há hierarquia entre os constituintes, eliminando, portanto, a possibilidade de determinação de uma base e de um colocado, elementos definidores condicionais para a classificação das colocações. Exemplos semelhantes foram classificados por Pamies (2018) como sendo locuções conjuntivas e prepositivas, respectivamente. Nosso posicionamento é semelhante ao de Pamies (2018).

Com base no exposto até aqui sobre as características das colocações, outra análise do fenômeno colocacional torna-se possível: as colocações complexas. Embora tenha sido abordado por Corpas Pastor já em 1996, ainda que sob a denominação de *concatenamento de colocações*, tal conceito foi melhor elaborado por García-Page (2005, 2011) e Koike (2008, 2012), e retomado posteriormente por Pamies (2018). A definição das colocações complexas baseia-se no caráter

<sup>213</sup> Exemplos no original: *si et seulement si ; aux alentours de*.

hierárquico das colocações. São, portanto, estruturas em que colocações nominais são selecionadas livremente pelo falante, como uma única unidade léxica, e que condiciona a escolha de um verbo específico para, em conjunto com a colocação nominal, emitir um sentido completo. Dessa forma, a colocação nominal torna-se a base da colocação, ao passo que o verbo assume o papel de colocativo, tal como exibido no organograma da Figura 27.

**Figura 27** - Estrutura da colocação complexa



Fonte: Pamies (2018, p. 242, tradução e adaptação nossa)

No exemplo da Figura 27, *tomar um café preto*, a colocação nominal *café preto* é selecionada livremente pelo falante como base da colocação, enquanto que *tomar* é escolhido de forma restrita para se agregar à colocação nominal, formando assim uma nova UF colocativa. No exemplo dado, a base *café preto* é ligada ao colocativo *tomar* por um determinante que faz o papel de elemento de ligação. Empregando mais uma vez a teoria de Coseriu (1977), entendemos que o colocativo *tomar* possui o traço distintivo de *para os cafés* ou *dito dos cafés*. Logo, qualquer substituição feita dentro do sintagma fraseológico só é possível se mantiver o traço distintivo desse paradigma: *ingerir* ou *beber*, por exemplo, ainda que, acreditamos, *tomar* seja o mais frequente para *café* em língua portuguesa.

A respeito da aplicação das colocações no ensino de línguas, Tagnin (2013, p. 70) afirma que

as colocações verbais, de acordo com a nossa experiência, são fonte de grande dificuldade para qualquer aprendiz de língua, até mesmo de língua materna. Essa dificuldade torna-se ainda maior porque há poucas obras que tratam das colocações em geral.

A autora elenca diversos dicionários bilíngues, de uso geral e especializados, de língua inglesa que, entre as décadas de 1980 a 2010, evoluíram, ainda que timidamente, quanto à abordagem das colocações e salienta que “infelizmente, porém, ainda não há nada nesse sentido para a língua portuguesa” (Tagnin, 2013, p. 71). Esse também é o posicionamento de Monteiro-Plantin (2014) e de Polguère (2018a). Em língua francesa, temos o conhecimento da existência de um dicionário colocacional, qual seja, o *Dictionnaire des combinaisons de mots* (Le Fur et al., 2007), da editora Le Robert.

Acreditamos que

uma das problemáticas notáveis relacionadas ao tratamento das UF [em dicionários] é que, muitas vezes, não existem entradas específicas nem autônomas para essas expressões nos dicionários. Em vez disso, os lexicógrafos tendem a optar por entradas monolexicais<sup>214</sup> (Sampaio; Zrigue, 2024, p. 164, tradução nossa).

O caráter semifraseológico das colocações, contudo, facilitaria o processo, já que a idiomaticidade desse tipo de UF reside em apenas um dos seus constituintes e que a relação entre eles é hierárquica. Portanto, ainda que os lexicógrafos optem pela criação de uma macroestrutura monolexical, a inclusão das colocações seria possível a partir da dicionarização dos elementos que atuam como base da colocação. Contudo,

Esse estado de coisas justifica a diretriz do lexicógrafo moderno: todo dicionário – tanto de língua geral quanto especializada (= terminológica), tanto monolíngue quanto bilíngue – deve descrever todas as colocações controladas pelas lexias que esse dicionário elenca. [...] No entanto, a descrição das colocações em todos esses dicionários não é satisfatória: primeiro, ela nunca é exaustiva; segundo, ela não especifica o sentido expresso pelo colocativo (de modo que os dados desses dicionários relativos às colocações são úteis apenas para um locutor nativo)<sup>215</sup> (Mel'čuk, 2003, p. 27, tradução nossa).

<sup>214</sup> No original: *L'une des contraintes notables liées au traitement des UP est que, bien souvent, il n'existe pas d'entrées spécifiques ni autonomes pour ces expressions dans les dictionnaires. En lieu et place, les lexicographes ont tendance à opter pour des entrées monolexicales.*

<sup>215</sup> No original: *Cet état des choses justifie la consigne du lexographe moderne : tout dictionnaire - tant de langue générale que spécialisé (= terminologique), tant monolingue que bilingue - se doit de décrire toutes les collocations contrôlées par les lexies que ce dictionnaire recense. [...] Cependant, la description des collocations dans tous ces dictionnaires n'est pas satisfaisante : premièrement, elle n'est jamais exhaustive ; deuxièmement, elle ne spécifie pas le sens exprimé par le collocatif (de sorte que les données de ces dictionnaires relatives aux collocations ne sont bonnes que pour un locuteur natif).*

Dificultando ainda mais a compreensão, de forma autônoma, de UF em línguas estrangeiras por aqueles que estão em processo de aprendizado dessas línguas.

## 5.2 AS LOCUÇÕES

Embora Bally (1919,1921) tenha chamado de *locuções fraseológicas* o conjunto de combinações fixas da língua, no qual estão inseridas, em seus termos, as *séries fraseológicas*, caracterizadas por uma fixação intermediária, e as *unidades fraseológicas*, que manifestam um nível total de fixação, tal como foi discutido na seção anterior, não é essa a acepção atribuída ao termo *locução* na terminologia fraseológica atual. Seguindo as abordagens de Mel'čuk (2017) e de González-Rey (2021), as locuções são definidas como sintagmas fraseológicos não condicionados pragmaticamente que apresentam restrição sintática e que são compreendidos de forma não composicional, isto é, de maneira exocêntrica. Desse modo, as locuções, tal como são definidas na literatura fraseológica contemporânea, estariam associadas às características das *unidades fraseológicas* de Bally (1919, 1921).

Contudo, não foi sob essa denominação que as locuções se consolidaram historicamente, mas sim sob o termo *expressão idiomática*. A popularização desse termo se deu porque

nessa categoria, encontram-se os fraseologismos prototípicos, sendo os primeiros evocados, quando se pede um exemplo de UF e sobre os quais se desenvolveram a maior parte das pesquisas com estudos fraseológicos em língua portuguesa, no Brasil, ou por brasileiros, notadamente dedicados ao ensino de línguas estrangeiras e/ou ao contraste entre diferentes línguas (Monteiro-Plantin, 2014, p. 70).

Dado o emprego comparativo entre línguas desse tipo de UF, habituou-se a associá-lo ao conceito de algo inerente ou próprio de um idioma específico. Essa prática surge da observação de que determinadas locuções não possuem uma tradução literal direta que mantenha o mesmo sentido em outra língua, evidenciando, assim, características culturais que regem o modo de pensar dos falantes da língua de origem. Conseqüentemente, essa peculiaridade levou ao uso do termo *expressão idiomática*, destacando a natureza exclusiva e intraduzível de muitas dessas formas léxicas.



Da nossa observação pessoal, percebemos que, por vezes, é por meio desse tipo de UF que um aprendiz de língua estrangeira tem o seu primeiro contato, ao menos de maneira um pouco mais consciente, com a concretização do objeto fraseológico. Isso ocorre porque, devido à opacidade semântica, assim como à possibilidade de desautomatização lexical, as locuções se tornam um elemento que desperta curiosidade na língua, representando um patrimônio linguístico cultural rico, uma vez que

para se aprender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-linguístico-cultural, ou de um grupo de especialistas ou profissionais, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos (Aragão, 2016, p. 39).

Ademais, “a exigência de idiomaticidade é, de fato, um indício de um alto domínio da língua por parte de um professor ou tradutor” (González-Rey, 2015, p. 117, tradução nossa)<sup>216</sup>, tornando esse tipo de UF ainda mais atrativo no contexto das línguas estrangeiras.

Entretanto, como vimos anteriormente, em teoria fraseológica, é atribuída ao termo *idiomático* a acepção de semanticamente não transparente. Nesse sentido, embora o termo *expressão idiomática* tenha sido bastante replicado em trabalhos científicos brasileiros (Biderman, 1984a; 1984b; Xatara 1998a, 1998b, 2013a; Tagnin, 2013; Monteiro-Plantin, 2014, 2017, entre outros), acreditamos que, no que tange o rigor científico, este não seja o termo mais adequado para se referir a essa categoria do fenômeno fraseológico. Uma vez que, em Fraseologia, *idiomática* é toda sequência léxica não livre e não composicional, qualquer UF opaca pode ser considerada como idiomática, gerando, assim, ambiguidade.

Contudo, considerando a relevância de trabalhos pioneiros sobre o estudo das ditas expressões idiomáticas, que deram acesso à abordagem fraseológica no Brasil, especialmente os de Xatara (1994, 1998a, 1998b, 1998c, 1997, 2001, 2013a, 2013b), reproduziremos aqui algumas definições e propostas tipológicas, tal como foram pensadas à época, contrapondo-as com outras mais recentes.

Xatara (1998a, p. 149) define locuções, usando o termo *expressão idiomática*, como “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma

---

<sup>216</sup> No original: *l'exigence d'idiomaticité est en fait l'indice d'une maîtrise élevée de la langue chez un enseignant ou un traducteur.*

pela tradição cultural”. Em outro trabalho, publicado no mesmo ano, a autora explica as razões que a levaram a essa definição:

*Lexia complexa* porque tem o formato de uma **unidade locucional** ou frasal; *indecomponível* porque constitui uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita; *conotativa* porque sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes; *cristalizada* porque sua significação é estável, em razão da frequência de emprego, o que a consagra (Xatara, 1998b, p. 170, itálico da autora, negrito nosso).

Com base nisso, Xatara (1998a) propõe uma tipologia fundamentada em dois aspectos das locuções: a natureza estrutural e o valor conotativo. As características dessa tipologia, acompanhadas de exemplos, encontra-se no Quadro 18, a seguir.

**Quadro 18** - Tipologia das expressões idiomáticas segundo Xatara (1998a)

NATUREZA ESTRUTURAL		
Tipo de sintagma	Exemplo	Significado
Sintagma nominal	Cabeça de vento	Pessoa distraída
Sintagma de função adjetiva	De meia tigela	Medíocre
Sintagma de função adverbial	Por baixo do pano	De forma secreta ou ilegal
Sintagma verbal (V + SN)	Queimar a largada	Agir precipitadamente
Sintagma verbal (V + Adj + SN)	Ter a última palavra	Ter a decisão final
Sintagma verbal (V + Prep + SN)	Bater na mesma tecla	Insistir repetidamente
Sintagmas frasais (oração)	É o fim da picada!	Situação insuportável
Sintagmas frasais (frases nominais)	Pra cima de mim?	Expressão de incredulidade
Valor conotativo		
Tipo de sintagma	Exemplo	Significado
Fortemente conotativo	Fazer das tripas coração	Esforçar-se ao máximo, mesmo em condições difíceis
Fracamente conotativo	Passar a limpo	Reescrever algo de forma clara e organizada

Fonte: elaborado pelo autor com base em Xatara (1998a)

Embora Xatara (1998a) tenha concentrado sua observação em uma tipologia voltada para a língua francesa, em comparação com a portuguesa, julgamos mais pertinente trazer, aqui, uma exemplificação somente em português, já que o nosso

objetivo é unicamente demonstrar o funcionamento do fenômeno, sob a ótica dessa autora, sem nos aprofundarmos em questões de equivalência tradutológica.

A partir da leitura do Quadro 18, constata-se que as locuções são agrupadas em oito categorias, de acordo com a natureza estrutural – tomando como ponto de análise a função gramatical assumida pela locução no discurso, assim como pela sua estrutura interna, no caso dos sintagmas verbais – e em duas categorias de acordo com o valor conotativo, o qual leva em conta o nível de abstração do sintagma, se fortemente conotativo – quando todos os componentes estão semanticamente ausentes e, portanto, há uma grande dificuldade, por parte do falante, em recuperar a motivação metafórica – ou se fracamente conotativo – quando componentes semanticamente presentes (valor denotativo) são associados a componentes semanticamente ausentes (valor conotativo) para a construção do sintagma.

Entretanto, Xatara (1998a, p. 170, *itálicos da autora*) destaca que

essas características excluem, portanto, as *locuções* (ao lado, desde que etc.), as *combinatórias usuais* (apoio incondicional, diametralmente oposto etc.) e as *perífrases verbais* (correr o risco, dar um passeio etc.) de sentido denotativo; os *ditados* (Quanto mais se tem, mais se quer) e *provérbios* (Em terra de cegos, quem tem um olho é rei), cuja formulação arcaizante confere-lhes um tipo de autoridade que depende da "sabedoria dos antigos"; e os *sintagmas terminológicos* (supremo tribunal federal, válvula redutora de pressão etc.), restritos a uma determinada área científica ou técnica.

Demonstrando que, de um lado, embora não tenha sido abordado nos trabalhos da pesquisadora, já havia, à época, no Brasil, uma consciência da amplitude tipológica das UF e, ao mesmo tempo, da existência de UF gramaticais, de acordo com as definições de Mejri (2012), já mencionadas.

González-Rey (2015), também sob a nomenclatura de expressão idiomática, aparenta ter um posicionamento semelhante, embora de modo mais extensivo, ao argumentado por Xatara (1998a, 1998b). Para tanto, a autora chama a atenção para o fato de que

a presença de uma expressão idiomática [locução] no discurso cria um sério problema de compreensão, se se faz uma interpretação literal dela. O desconhecimento de seu sentido idiomático provoca uma ruptura na coerência do discurso e, como resultado disso, um buraco

de informação no procedimento da comunicação<sup>217</sup> (González-Rey, 2015, p. 114, tradução nossa)

A autora continua sua linha de raciocínio esclarecendo que, devido a isso, para que a coerência do discurso seja reajustada e a comunicação reestabelecida, o interlocutor deve ser capaz de reconhecer estar diante de uma UF, mesmo que não conheça seu significado. Sendo assim, as locuções são, portanto, sequências lineares de formas lexicais que estão, de certa forma, conectadas sintaticamente entre si e apresentam, coletivamente, um único significado. A partir da mesma definição, Mel'čuk (2017), empregando o termo *locução*, propõe uma tipologia baseada nos diferentes graus de não composicionalidade semântica: i) locuções fracas; ii) semilocuções; iii) locuções fortes ou completas.

As locuções fracas são UF compostas por dois constituintes, **A** e **B**, cujo significado total incorpora os sentidos literais de ambos os componentes, porém não como eixo central da interpretação, tal como ocorre majoritariamente com as colocações. Esse tipo de locução se distingue pela presença de um significado adicional, imprevisível e autônomo, denominado 'C', que atua como o verdadeiro núcleo semântico da unidade. Por exemplo, a locução *esperar um bebê* não deve ser entendida literalmente como *esperar que uma criança chegue*, mas sim como *estar grávida*. Nesse caso, o estado de gravidez é o componente 'C'. De forma similar, a locução *dar o peito* ultrapassa a mera ação de dar algo concretamente a alguém, mas, na verdade, significa *alimentar um bebê através do aleitamento materno*. Exemplos adicionais em língua portuguesa de locuções fracas incluem *comer fora* (comer em um restaurante), *dar uma olhada* (observar ou examinar algo rapidamente) e *dar uma volta* (caminhar ou passear por um curto período), todas exemplificando a combinação de A e B com um significado adicional 'C', imprescindível para a completa compreensão da locução.

As semilocuções, são UF idiomáticas caracterizadas pela incorporação do sentido de apenas um de seus constituintes (**A** ou **B**), porém não como núcleo central do significado, como acontece com as colocações. Esse tipo de locução também é definido pela presença de um significado adicional, imprevisível e autônomo, 'C'.

---

<sup>217</sup> No original: *En effet, la présence d'une expression idiomatique dans le discours crée un sérieux problème de compréhension, si l'on en fait une interprétation littérale. La méconnaissance de son sens idiomatique provoque une rupture dans la cohérence du discours, et, de ce fait, un trou d'informations dans la procédure de la communication.*

Formalmente, uma semilocução **AB** pode ser representada como 'AB' = 'A' + 'C', onde 'C' não inclui 'B'. A título de exemplificação, podemos citar as semilocuções *frutos do mar*, onde *do mar* é o elemento **A** e o sentido adicional 'C' é a lexia *frutos*, que se refere a animais marinhos dos tipos crustáceos, moluscos e mariscos de uso comestível; e *banho de sol*, na qual o sentido literal de *de sol* é combinado ao significado metafórico de *banho* (sentido 'C'). Em vez de se referir a uma imersão em água, a lexia *banho*, aqui, indica a prática de se expor à luz solar para obter benefícios como bronzeamento ou absorção de vitamina D. O uso figurado de *banho* origina a imprevisibilidade semântica, tornando a UF compreensível apenas dentro de um contexto discursivo específico.

As locuções fortes, também chamadas de locuções completas, representam um fenômeno linguístico em que o significado de uma combinação léxica não é derivado diretamente dos sentidos de seus constituintes, mas, ao contrário, possui um sentido totalmente novo e independente. Por exemplo, as UF *encher a cara* (com o sentido de consumir muita bebida alcoólica) e *pisar na bola* (com o sentido de fazer algo errado ou falhar) não são interpretáveis de forma composicional. Esse tipo de locução demanda um entendimento contextual e cultural específico, pois seu significado está ligado exclusivamente ao uso idiomático já consolidado na língua. Desse modo, locuções fortes ilustram a capacidade da linguagem de transcender a combinação linear de palavras, criando significados opacos.

Em resumo, as locuções fracas seguem a fórmula **AB = A + B + 'C'**, incorporando os significados de seus componentes juntamente a sentido adicional. As semilocuções, por sua vez, são caracterizadas por **AB = A + 'C'**, com apenas um dos constituintes contribuindo diretamente para o significado final da locução. Por fim, as locuções fortes são definidas pela relação **AB = 'C'**, no qual o significado é completamente independente dos componentes, dando origem a um significado totalmente idiomático.

Contudo, embora a tipologia das locuções proposta por Mel'čuk (2017) tenha sido exemplificada por locuções de construção binária, AB, sob uma perspectiva sintática, as locuções não se limitam a um número fixo de formativos, diferentemente das colocações, que tendem a se manifestar por meio de combinações de duas lexias. As locuções, por outro lado, apresentam uma quantidade variada de componentes: *tirar o cavalinho da chuva* (perder a esperança de que algo vá acontecer), cinco lexias; *pomo de Adão* (saliência visível na parte frontal do pescoço, formada pela cartilagem

da laringe), três lexias; *cabra-cega* (brincadeira infantil em que uma pessoa de olhos vendados tenta alcançar as outras), duas lexias.

Nesse sentido, González-Rey (2021) estabelece dois critérios de reconhecimento das locuções: i) critério formal de reconhecimento; ii) critério semântico de reconhecimento. O primeiro determina que “todos os formativos têm [tenham] o mesmo *status* no interior da construção [locucional], ao contrário das colocações, cujos componentes possuem um *status* semiotático distinto<sup>218</sup>” (González-Rey, 2021, p. 162, tradução nossa). Como vimos, existe uma hierarquia de seleção entre as lexias constituintes das colocações, sendo uma selecionada livremente pelo falante e a outra selecionada de forma restrita a partir da primeira. Entre as locuções, contudo, tal hierarquia é inexistente, já que cada elemento léxico contribui na mesma medida para o estabelecimento do sentido global da UF, ainda que, em algumas situações, variantes de uma mesma locução sejam encontradas na língua, tais como *bater as botas* e *bater a caçoleta*, ambas com o sentido de morrer. Nesse caso, considera-se a existência de duas locuções distintas que atuam como sinônimas.

O critério semântico de reconhecimento, por sua vez, abrange três aspectos essenciais para a identificação de uma locução, os quais atuam simultaneamente: i) uniformidade na forma e no sentido, caracterizada pela impossibilidade de rearranjos sintáticos e pelo valor opaco da unidade; ii) distanciamento da norma gramatical e lexical, com o todo fraseológico funcionando como uma única função gramatical; iii) valor metafórico: por se tratar de uma UF completamente opaca, o significado é obtido por meio de uma compreensão metafórica. Desse feito, a locução *chutar o pau da barraca*, por exemplo, é entendida metaforicamente como *perder a paciência*, estando o falante impossibilitado de efetuar qualquer modificação em sua estrutura e sentido, salvos os casos de desfixação intencional. Assim, *\*chutar um pau da barraca*, *\*chutar a madeira da barraca* ou ainda *\*chutar o pau da barraquinha* seriam considerados casos de agramaticalidade.

Atrelado ao valor metafórico, estão os conceitos de imagem incongruente e congruente, já abordados na seção anterior e que têm uma ligação direta com as locuções. Relembrando, as UF com imagem incongruente são aquelas que licenciam apenas a leitura metafórica da unidade, a exemplos de *tomar chá de cadeira* (esperar

---

<sup>218</sup> No original: *tous les formatifs ont le même statut à l'intérieur de la construction, à l'inverse des collocations dont les composants sont pourvus d'un statut sémiotique distinct.*

por muito tempo). Porém, as UF com imagem congruente são aquelas que permitem tanto uma leitura literal quanto uma metafórica, a exemplo de *pintar o sete* (fazer bagunça). Por apresentarem maior grau de restrição sintática e semântica, as locuções estão mais propícias a manifestarem uma leitura imagética, seja ela congruente ou incongruente, ao contrário das colocações, que são sistematicamente transparentes. Também por essa razão, as locuções são classificadas como UF inferenciais, já que são compreendidas metaforicamente, enquanto que as colocações são tidas como UF referenciais.

Diante disso, e a partir dos critérios de reconhecimento das locuções, González-Rey (2021) propõe uma tipologia baseada, de um lado, nas diferentes possibilidades de leitura imagética, agrupadas de acordo com o campo semântico aos quais pertencem as lexias que compõem a locução, e, de outro, nas diferentes categorias gramaticais que as locuções podem assumir no discurso, mesclando, de forma não intencional, as propostas de Xatara (1998a) e de Mel'čuk (2017). Reproduzimos no Quadro 19 uma versão adaptada dessa tipologia.

**Quadro 19** - Tipologia das locuções a partir dos aspectos semântico e sintático

ASPECTO SEMÂNTICO			
Campo semântico	Tipo de imagem	Exemplo	Significado
Somáticas	Congruente	Quebrar a cara	Se decepcionar
	Incongruente	Falar pelos cotovelos	Falar muito
Zoomórficos	Congruente	Viver como cão e gato	Viver brigando
	Incongruente	Ter sangue de barata	Ser paciente
Cromático	Congruente	Vermelho como tomate	Envergonhado
	Incongruente	Sorriso amarelo	Sorriso tímido
Numerais	Congruente	A dois passos	Perto
	Incongruente	Dois dedos de prosa	Conversa rápida
Alimentares	Congruente	Sopa no mel	Algo fácil de ser feito
	Incongruente	Comer o pão que o diabo amassou	Passar por dificuldades
Com objetos diversos	Congruente	Virar a página	Superar
	Incongruente	Falar como uma matraca	Falar muito
ASPECTO SINTÁTICO			
Classe gramatical	Tipo de imagem	Exemplo	Significado
Nominal	Congruente	Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica
	Incongruente	Olho gordo	Inveja
Verbal	Congruente	Armar um barraco	Brigar em público

	Incongruente	Viajar na maionese	Não entender alguma coisa ou dizer um absurdo
Adjetival	Congruente	Cobra criada	Pessoa falsa
	Incongruente	Cara de pau	Sem-vergonha
Adverbial	Congruente	Ao deus dará	Abandonado
	Incongruente	Ao pé da letra	Literalmente

Fonte: elaborado pelo autor com base em González-Rey (2021)

Evidentemente, a lista de locuções exposta no Quadro 19 não é exaustiva, tendo em vista que ela deixa de lado certos campos semânticos, tais como os fenômenos da natureza (*fazer tempestade em copo d'água* = reagir de forma dramática; *ir de vento em popa* = ter êxito), dentre outros que não foram considerados por González-Rey (2021). Além disso, por se concentrar unicamente na dimensão imagética das locuções, essa tipologia exclui as locuções com caráter fraseológico gramatical, previstas por Mejri (2012) e comentadas por nós no início desta seção. A esse respeito, Polguère (2018a, p. 58) afirma existir vários tipos de locuções gramaticais. Contudo, o autor elenca apenas as quatro variantes mais usuais, as quais replicamos, com adaptações nossas, em (2), a seguir:

- (2) a As **locuções verbais**: matar cachorro a grito [Ele está matando cachorro a grito hoje];
- b As **locuções nominais**: pé de galinha [João está ficando velho, tem muitos pés de galinha];
- c As **locuções adjetivais**: em pedaços [O jarro da minha avó ficou em pedaços];
- d As **locuções adverbiais**: no peito e na raça [A equipe levou o jogo no peito e na raça até o final].

As locuções verbais, nominais, adjetivais e adverbiais, tais como exemplificadas por Polguère (2018a), desempenham funções semânticas e sintáticas específicas no discurso. A locução verbal *matar cachorro a grito* denota a situação de alguém que está disposto a tomar medidas extremas para a resolução de um problema difícil, empregando uma metáfora para intensificar a ação descrita. Já a locução nominal *pé de galinha* faz uso de uma imagem congruente para se referir às rugas que se formam ao redor dos olhos. A locução *em pedaços*, em (2c), embora seja uma locução preposicional, tem emprego adjetival e, por essa razão, é assim classificada pelo autor. Por último, a locução adverbial *no peito e na raça* evidencia a



determinação e o esforço empregados em uma tarefa, utilizando uma construção metafórica para expressar a superação de desafios com bravura.

Sobre os critérios de classificação das locuções, Polguère (2018a, p. 58) explica ainda que

a maneira mais usual de classificarem as locuções consiste em considerar seu uso no funcionamento da frase, [...] [como feito em (2)]: funcionamento verbal, nominal, adjetival, adverbial etc. Outra maneira de classificá-las, raramente utilizada de modo sistemático, consiste em levar em conta em primeiro lugar a parte do discurso do elemento lexical que as rege sintaticamente. Quando não existe correspondência exata entre essa parte do discurso e o tipo de funcionamento da locução na frase, acrescenta-se uma característica explícita desse funcionamento.

Diante disso, seguindo esse modelo de classificação, as locuções expostas em (3) seriam assim consideradas:

- (3) a *Matar cachorro a grito*, locução verbal;
- b *Pé de galinha*, locução nominal;
- c *Em pedaços*, locução preposicional, emprego adjetival;
- d *No peito e na raça*, locução preposicional, emprego adverbial.

Entretanto, os exemplos apresentados por Polguère (2018a) não condizem com a classificação feita por Mejri (2012) para as UF gramaticais, que são: UF empregadas nas línguas para estruturar frases e discursos, compreendendo expressões conjuntivas e preposicionais, bem como advérbios e conectores. Assim, as locuções nominais e adjetivais não seriam consideradas como sendo locuções gramaticais, mas sim lexicais.

Por essa razão, consideramos que as locuções são passíveis de serem etiquetadas tanto como UF gramaticais, como UF lexicais. Tal observação nos leva a concluir que, embora a opacidade semântica seja uma das principais características das locuções, ela não é obrigatória, pois, em termos gerais, as locuções gramaticais também podem ser semanticamente transparentes. No intuito de justificar a existência dos diferentes tipos de locuções e a sua funcionalidade gramatical, Polguère (2018a, p. 59) destaca também que,

sendo a locução um sintagma congelado [que não licencia mudanças de cunho sintático ou semântico] que funciona como um todo lexical,

ela tende normalmente a subtrair aos elementos de que ela é formalmente constituída a sua autonomia de funcionamento na frase. Assim, é muitas vezes difícil, quando não impossível, inserir elementos em um sintagma congelado.

Assim sendo, salientamos que as observações feitas por Polguère (2018a) coincidem, em certa medida, com as características definidoras anteriormente argumentadas por Bally (1919, 1921), Xatara (1998a), Mel'čuk (2017) e González-Rey (2021). No que compete ao nosso estudo, no entanto, consideraremos ambas as possibilidades de classificação. Como melhor descreveremos na seção 8 desta tese, dedicada às análises do nosso *corpus*, atribuímos, quando possível, a definição do tipo de imagem presente na locução, se congruente ou incongruente. Quando não, aplicamos uma classificação de acordo com a parte do discurso do elemento lexical que as rege sintaticamente.

Ademais, como forma de adequação aos dados do nosso *corpus*, nos cabe destacar as locuções pronominais, identificadas durante o levantamento dos nossos dados, mas que não foram abordadas pelos pesquisadores que têm o francês ou o português como língua de expressão e que foram consultados em nossas pesquisas. Conforme constatado, tais locuções são mencionadas apenas por autores de língua espanhola, que as definem da seguinte maneira:

A existência da locução pronominal como uma classe distinta da locução nominal estaria sustentada em sua equivalência a um pronome ([...] *o que mais* ou *o que menos* = *qualquer um*), embora com a restrição de que o pronome equivalente seja preferencialmente pessoal ou indefinido; tal equivalência não se manifesta nas locuções nominais propriamente ditas<sup>219</sup> (García-Page, 2008, p. 91, tradução nossa).

Em língua francesa, poderíamos exemplificá-las com a seguinte sentença: *Je viens d'un petit village où tout le monde n'allait pas à l'école*<sup>220</sup> (*Eu venho de uma pequena vila, onde nem todo mundo ia à escola*, em tradução livre para o português).

<sup>219</sup> No original: *La existencia de la locución pronominal como clase distinta de la locución nominal estaría sustentada en su equivalencia a un pronombre (todo dios = todos, el que más o el que menos = cualquiera), si bien con la restricción de que el pronombre equivalente es preferentemente personal o indefinido; tal equivalencia no manifiestan las locuciones nominales propiamente dichas.*

<sup>220</sup> Exemplo ouvido pelo autor na fala de um professor tunisiano durante o Colóquio internacional *Langues et productions langagières: unités, combinatoires et énoncés* organizado pela Universidade de Sousse, na Tunísia, em abril de 2024.

Além desse, também identificamos em nosso *corpus* outra ocorrência locucional que não foi contemplada em nenhum trabalho ao qual tivemos acesso. Trata-se de construções fraseológicas opacas com função vocativa, a exemplo de *mon vieux* (*meu velho*, em tradução livre), empregada em construções do tipo *Écoute, mon vieux, en France, soit tu fumes, soit tu n'as pas d'amis*<sup>221</sup> (*Escute, meu velho, na França, ou você fuma, ou você não tem amigos*, em tradução livre para o português). Nesse sentido, propusemos classificá-las como locuções vocativas.

Finalmente, em nossas observações, percebemos que algumas locuções, em especial as nominais e verbais, tendem a serem confundidas com as colocações, igualmente nominais e verbais. Supostamente, tal confusão ocorre porque essas construções, locucionais e colocativas, tendem a compartilhar as mesmas estruturas internas, quais sejam, N + N, acrescido ou não de um elemento de ligação para as nominais, e V + SPrep ou V + Adj, para as verbais. A título de exemplificação, Tagnin (2013) classifica as UF a seguir como colocações. Porém, acreditamos que sejam locuções: *pão-duro* (sovina); *filhos das trevas* (seguidores de forças malignas); *dar à luz* (parir); *estar apertado* (sem dinheiro); *fazer feio* (agir de maneira decepcionante ou insatisfatória).

A distinção entre esses dois tipos de UF é intrinsecamente dependente das suas características definidoras, especialmente no que se refere à dimensão semântica. Ao passo em que as locuções são caracterizadas pela opacidade semântica, as colocações tendem a ser semanticamente semicomposicionais ou transparentes, visto que o seu significado global é relativamente próximo ao sentido literal das lexias envolvidas em sua construção. De modo a melhor compreender a distinção entre locuções e colocações, vejamos as sentenças em (4).

- (4) a Meu dia só começa depois de uma bela caneca de *café com leite*.
- b João é o menor de sua turma, por isso ele é sempre *café com leite*.

As sentenças em (4) exemplificam o uso da UF *café com leite* de duas maneiras distintas. Em (4a), o sentido da UF é composicional (recipiente, semelhante a um

<sup>221</sup> Exemplo ouvido pelo autor na fala de um colega de trabalho durante intercâmbio profissional, no qual atuava como professor de português língua estrangeira (PLE) em escolas do ensino fundamental e médio em Clermont-Ferrand (França) durante o ano letivo europeu 2012-2013.

copo, com asa, preenchido com café e adicionado de leite) e, conseqüentemente, assume a função de colocação, do tipo nominal, sendo *café*<sub>A</sub> a base e *leite*<sub>B</sub> o colocado e tendo como elemento de ligação a conjunção *com*: N + Conj. + N.

Em (4b), por outro lado, trata-se de uma locução, visto que o sentido da UF não pode ser apreendido de modo composicional, isto é, o sentido da expressão só é recuperável em sua totalidade, sendo, portanto, semanticamente opaco. Nesse caso, o sentido de *café com leite* em (4b) remete a uma pessoa, geralmente criança, que não participa efetivamente de uma determinada atividade com as mesmas exigências que são atribuídas aos outros participantes. Tal expressão está dicionarizada em Houaiss e Vilar (2010, p. 128) da seguinte forma: “(criança menor) a quem as regras de um jogo infantil se aplicam de modo especial ou mais brando”.

Em conclusão, a UF *café com leite* em (4a) segue sendo uma bebida do tipo café, estando o sentido da UF acarretado ao sentido do seu hiperônimo *café*. Em contrapartida, a UF em (4b) não acarreta a verdade de que *café com leite* seja um café, mas, ao contrário, expressa um sentido único completamente idiomático. O que define uma colocação, em comparação com uma locução é, portanto, a obrigatoriedade de a primeira apresentar, ao menos para as colocações nominais, um sentido hiponímico recuperável através de um dos seus componentes, o que não acontece com as locuções.

A diferenciação semântica entre locuções e colocações é fundamental para a análise das UF, pois influencia diretamente a maneira como essas unidades são interpretadas, aprendidas e utilizadas pelos falantes. No contexto do ensino de línguas estrangeiras, as locuções apresentam maior dificuldade de compreensão devido ao seu caráter opaco, enquanto as colocações geram maior possibilidade de erro porque a atração lexical entre seus constituintes, apesar de ser de fácil compreensão, nem sempre é justificável para um falante estrangeiro, podendo parecer, por vezes, construções livres. Assim, reconhecer e entender tais distinções é essencial para aprimorar a competência linguística dos aprendizes.

### 5.3 OS PRAGMATEMAS

Na perspectiva dos estudos pragmáticos, a comunicação ocorre através de três instâncias: entre o signo, o objeto e o interpretante, tal como discutido na seção 3. Diante disso, toda prática conversacional é guiada pela interação entre o proferimento

da mensagem, a intencionalidade do locutor ao elaborá-la e a ação resultante de tal proferimento (Austin, 1962; Searle, 1976; 1994 [1969], Peirce, 1992). Nesse sentido, os pragmatemas, são expressões linguísticas empregadas de forma recorrente e ritualizada em situações específicas, carregando, assim, indícios comportamentais que não seriam encontrados em outros contextos. Entretanto, tal fenômeno não pertence exclusivamente à Fraseologia, uma vez que lexias simples também estão passíveis de serem utilizadas da mesma maneira. De modo a melhor elucidar a questão, vejamos as sentenças em (5).

- (5) a – João, este é José, o novo funcionário da empresa.  
           – *Prazer!*
- b – O que houve com o elevador do prédio? Há uma placa indicando  
           *fora de serviço.*

Ambas as expressões, destacadas em itálico nas sentenças em (5), são consideradas como pragmatemas. O exemplo em (5a), *prazer*, é usado como resposta ao ser apresentado a uma nova pessoa com a intencionalidade de demonstrar educação e cortesia. Seu emprego está condicionado, portanto, a um contexto pragmático preciso de um primeiro encontro com alguém. De igual forma, o exemplo em (5b) está condicionado pragmaticamente. Porém, aqui, à informação de que um determinado aparelho, nesse caso o elevador, não está operando como o de costume.

Portanto, o fenômeno pragmático pode ocorrer tanto com unidades monolexicais, como em (5a), quanto com unidades polilexicais, como exemplificado em (5b). Este é, contudo, um fenômeno linguístico de ordem pragmática-comunicativa que, embora também se aplique às lexias simples, é amplamente reconhecido como uma das possíveis manifestações das UF, tomando como base, evidentemente, as ocorrências polilexicais (Blanco Escoda, 2013; Blanco Escoda; Mejri, 2018; Monteiro-Plantin, 2014; González-Rey, 2021). Diante disso, os pragmatemas, enquanto UF, são assim definidos:

Ao definir [...] o pragmatema como um fraseologismo cuja dimensão pragmática é pertinente, nos deparamos com o fato de que essa dimensão pragmática – que podemos qualificar de "situacional", sendo essa "situação" extralinguística, sociocultural e, finalmente, antropológica – age sobre a integração [...] das unidades da linguagem para produzir enunciados, discurso e textos, de acordo com as perspectivas [os contextos], tanto na fala quanto na escrita. Essa ação decorre de uma codificação, de um congelamento, de uma ritualização, conforme as perspectivas [os contextos], e, portanto,

sempre de uma restrição seletiva que resulta em uma previsibilidade absoluta ou provável na produção do enunciado. Esse mecanismo formal decorre de um processo pouco teorizado, o "uso"<sup>222</sup> (Rey, 2018, p. 10, tradução nossa).

Em outras palavras, é a frequência com que uma construção léxica é utilizada que solidifica sua forma e significado dentro de um contexto extralinguístico específico. Assim, o uso dessa construção em um contexto situacional diferente, mesmo que intencional, pode levar a uma dissociação do seu significado convencional. Partindo dessa ótica, o fenômeno pragmático não se configura efetivamente em uma tipologia das UF, mas, ao contrário, em uma característica de cristalização do uso das UF. Logo, UF de tipos diversos poderiam assumir uma função pragmática, especialmente as colocações e as locuções.

As combinações léxicas *feliz natal* e *proibido fumar* são exemplos do uso pragmático de construções colocativas e locucionais. A primeira, é uma colocação formada a partir da base *natal* que, ao ser escolhida livremente pelo falante, seleciona o colocativo *feliz*. Tal seleção é semanticamente condicionada, tendo em vista que lexias sinônimas invalidariam a colocação: *\*contente natal*, *\*alegre natal*. Contudo, seu uso é restrito ao período dos festejos de fim de ano, nos quais se comemora, entre aqueles que professam a fé cristã, o nascimento de Jesus. O uso situacional dessa colocação a caracteriza como um pragmatema.

O segundo exemplo, *proibido fumar*, constitui uma construção locucional, uma vez que não há uma hierarquia definida entre os seus componentes. Trata-se de uma locução do tipo fraca, reconhecida pela presença dos significados individuais dos seus constituintes, acrescidos de um terceiro sentido que emerge do contexto situacional específico. Nesse caso, o significado adicional é que o ato de fumar é proibido especificamente no local onde a locução está sendo empregada. Assim, a compreensão completa da locução depende da interpretação pragmática, que adiciona uma camada extra de significação, ainda que de maneira implícita, além dos elementos individuais presentes na unidade.

---

<sup>222</sup> No original: *En définissant [...] le pragmatème comme un phrasème dont la dimension pragmatique est pertinente, on se heurte au fait que cette dimension pragmatique – qu'on peut qualifier de « situationnelle », cette « situation » étant extralinguistique, socioculturelle, et finalement anthropologique – agit sur l'intégration [...] des unités du langage pour produire des énoncés, du discours, des textes, selon les perspectives, ceci tant en parole qu'en écrit. Cette action relève d'un codage, du figement, de la ritualisation, selon les perspectives, et donc toujours d'une contrainte sélective entraînant une prévisibilité absolue ou probable dans la production de l'énoncé. Ce mécanisme formel relève d'un processus peu théorisé, l'« usage ».*

Portanto, os pragmatemas são UF cuja utilização está diretamente ligada à situação comunicativa em que são empregadas. A associação de tais combinações léxicas com um dado contexto de uso envolve a exigência de condições situacionais específicas que garantam a sua aplicação apropriada. Por exemplo, a expressão *meus pêsames* só é adequada quando o destinatário enfrenta a perda de um ente querido, evidenciando a dependência da UF ao estado situacional do receptor. Dessa forma, os pragmatemas não apenas designam um estado das coisas, como também estabelecem uma relação com o contexto que demanda a sua utilização.

Quanto às diferentes situações de comunicação propensas a gerar pragmatemas, Blanco Escoda e Mejri (2018) elencam as seguintes: i) coordenadas espaciais; ii) coordenadas temporais; iii) coordenadas de evento; iv) coordenadas de ação; v) coordenadas de circunstâncias; vi) coordenadas de entidade. Sintetizamos as características de cada uma no Quadro 20.

**Quadro 20** - Situações comunicativas que demandam pragmatemas

Situação de Comunicação	Características	Exemplos
Coordenadas espaciais	Relacionadas à localização física ou geográfica de uma ação ou evento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Aeroporto de Salvador;</i></li> <li>• <i>Zona azul;</i></li> <li>• <i>Pedágio à [número] km;</i></li> <li>• <i>Sanitários.</i></li> </ul>
Coordenadas temporais	Relacionadas à noção de tempo, ainda que de maneira imprecisa, ou ao momento em que uma ação ou evento ocorrem	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>No prelo;</i></li> <li>• <i>Até amanhã;</i></li> <li>• <i>Um minuto;</i></li> <li>• <i>Já!</i></li> </ul>
Coordenadas de evento	Relacionadas a acontecimentos ou eventos específicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Feliz páscoa;</i></li> <li>• <i>Feliz Natal;</i></li> <li>• <i>Bom apetite!</i></li> <li>• <i>Saúde!</i></li> </ul>
Coordenadas de ação	Relacionadas a atividades ou comandos específicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Proibido fumar;</i></li> <li>• <i>Use camisinha!</i></li> <li>• <i>Entre sem bater;</i></li> <li>• <i>Silêncio!</i></li> </ul>
Coordenadas de circunstâncias	Relacionadas a condições, estado ou propriedade das coisas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Em manutenção;</i></li> <li>• <i>Check-in aberto;</i></li> <li>• <i>Embarque imediato;</i></li> <li>• <i>Lotado.</i></li> </ul>
Coordenadas de entidade	Relacionadas a objetos, seres humanos, animais ou vegetais, indicando propriedades físicas (altura, comprimento, peso, cor etc.) assim como instruções de uso	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Válido até [data];</i></li> <li>• <i>Cão bravo;</i></li> <li>• <i>100% algodão;</i></li> <li>• <i>Frágil.</i></li> </ul>

Fonte: elaborado pelo autor com base em Blanco Escoda e Mejri (2018, tradução e adaptação nossa)

O Quadro 20 ilustra diferentes situações comunicativas que exigem, em certa medida, o uso de pragmatemas. Cada situação comunicativa está associada a uma característica distintiva, exemplificada pelas UF correspondentes, sejam polilexicais ou monolexicais. Isso comprova que os pragmatemas são um fenômeno da língua como um todo, e não exclusivos do recorte fraseológico.

Interpretando o Quadro 20, percebemos que, por se referirem a localizações físicas ou geográficas, as situações comunicativas de coordenadas espaciais são, em sua maioria, UF do tipo fraseosinalética, já que fazem parte de um sistema de sinalização espacial específico. Os exemplos das situações comunicativas de coordenadas temporais, por sua vez, indicam uma noção de tempo e são UF locucionais, já que não apresentam hierarquia entre seus constituintes. Contudo, poderiam também serem classificadas como fórmulas, do tipo marcadores conversacionais<sup>223</sup>.

Os exemplos de situações comunicativas de coordenadas de ação são igualmente construções locucionais. Porém, os exemplos das situações comunicativas de coordenadas de eventos são, ao contrário, UF colocativas, já que há uma hierarquia marcada entre seus componentes: as lexias *páscoa* e *natal* assumem o papel de base da colocação. Ambas selecionam a lexia *feliz* como colocativo. Entretanto, no terceiro exemplo, a base *apetite* seleciona como colocativo a lexia *bom*. Por fim, os exemplos das situações comunicativas de coordenadas de ação, de circunstâncias e de entidades são UF locucionais.

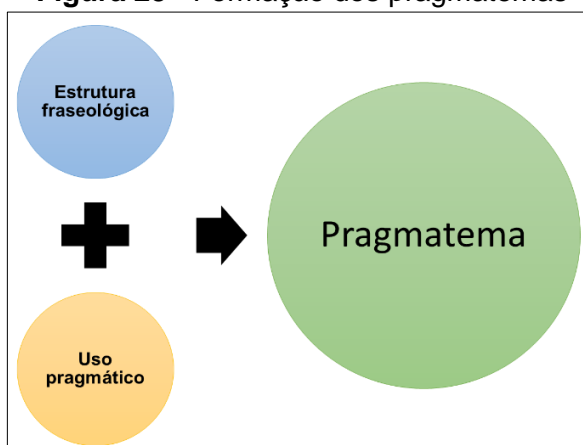
Diante do exposto, é possível concluir que, qualquer tipo de UF está apto a desempenhar um papel pragmático. No entanto, percebemos que, no que tange às escolhas terminológicas da Fraseologia, a partir do momento em que uma UF assume a função de pragmatema ela passa, tradicionalmente, a ser denominada unicamente como tal. As UF do tipo pragmatema representam, portanto, a junção do fenômeno fraseológico com o pragmático, como pode ser traduzido imagetivamente pela Figura 28, a seguir.

---

<sup>223</sup> Mais à frente, trataremos melhor do tema.



**Figura 28** - Formação dos pragmatemas



Fonte: elaborado pelo autor

Como se vê, os pragmatemas são formados pela adição do uso pragmático à uma construção léxica estruturada fraseologicamente. Dessa maneira, os pragmatemas são analisados como expressões que encapsulam tanto a fixação estrutural típica das UF quanto a funcionalidade pragmática, refletindo a interação entre forma e uso das construções polilexicais na linguagem. Essa observação é fundamental para a elaboração de uma categorização precisa das UF, sendo possível, assim, distinguir claramente as UF dos tipos colocação, locução e pragmatema.

Contudo, é preciso lembrar que

esse recorte muda, é claro, conforme as línguas e a tradução dessas fórmulas [pragmáticas] é, portanto, necessariamente, uma adaptação. Trata-se de frasesmas [UF] pertencentes à competência fundamental do falante de uma determinada língua, mas que são de descrição relativamente complexa<sup>224</sup> (Blanco Escoda; Mejri, 2018, p. 39).

Por exemplo, o emprego do pragmatema *boa tarde* é bastante complexo de ser reproduzido em outras línguas latinas, como o francês e o espanhol. Pela nossa vivência, constatamos que, em francês, o equivalente direto desse pragmatema, *bonne après-midi*, é empregado exclusivamente em um contexto de despedida realizado no início da tarde, quando o locutor sabe, ainda que implicitamente, que o receptor se manterá ativo após a sua partida. Em situações de encontro, contudo, é empregado o pragmatema *bonjour* (bom dia), tanto pela manhã quanto à tarde.

<sup>224</sup> No original: *Ce découpage change, bien entendu, selon les langues et la traduction de ces formules est donc, nécessairement, une adaptation. Il s'agit de phrasèmes appartenant à la compétence fondamentale du locuteur d'une langue donnée, mais qui sont de description relativement complexe.*

Em língua espanhola, o pragmatema *buenas tardes* é utilizado em saudações ocorridas durante o período da tarde, geralmente a partir das 12h00. Porém, em algumas regiões, seu uso é reservado para após o almoço, que, na Espanha, ocorre tipicamente entre 14h00 e 15h00. Assim, o emprego desse pragmatema pode iniciar-se tanto ao meio-dia quanto após a refeição, dependendo das normas culturais e práticas tanto locais quanto pessoais. O mesmo acontece em algumas regiões do Brasil, onde o uso de *boa tarde* está condicionado ao almoço. Em alguns casos, é possível obter como resposta, após saudar alguém com esse pragmatema, frases do tipo *Para mim ainda é bom dia, pois ainda não almocei*.

Além disso, considerando que em países do hemisfério norte os dias são muito mais longos durante o verão, fazendo com que a luz solar se estenda até por volta das 21h00, a depender da região, o emprego de *bonjour* e *buenas tardes* torna-se, por vezes, ainda mais confuso se traduzidos diretamente para o português, sem que as devidas adaptações pragmáticas sejam levadas em conta.

Igualmente difícil de ser traduzido, o pragmatema de língua portuguesa *boa noite* encontra três equivalentes em língua francesa: *bonsoir*, *bonne soirée* e *bonne nuit*. O primeiro é empregado como saudação em encontros ocorridos no período da noite. Os outros dois são usados exclusivamente em situações de despedida. Porém, *bonne soirée* é empregado quando o locutor sabe, ou supõe, que o interlocutor se manterá em atividade após a despedida, ao passo que *bonne nuit* está condicionado a um dos participantes do ato comunicativo ir dormir logo após a despedida. Diante disso, os pragmatemas *bonne soirée* e *bonne nuit* poderiam ser classificados tanto como pertencentes à situação comunicativa de coordenadas temporais quanto de coordenadas de evento, visto que ambas as UF estão relacionadas à parte do dia em que estão sendo empregadas, à noite, como indicam acontecimentos específicos: manter-se em atividade ou ir dormir.

As exemplificações trazidas aqui demonstram, em primeira instância, as dificuldades de tradução das UF, mesmo que entre línguas aparentadas, como é o caso do português, do espanhol e do francês, mas também dão indícios das dificuldades de compreensão que um aprendiz estrangeiro de uma dessas línguas, em nível inicial, teria de enfrentar durante o processo de aquisição.

Diante disso, é preciso ressaltar que, na elaboração dos pragmatemas, a dualidade entre opacidade e transparência semântica não desempenha um papel muito relevante, visto que o foco principal nesse tipo de UF reside no seu uso

situacional. Tendo isso em conta, o valor pragmático dessas unidades não tem nenhum tipo de relação com a possível idiomaticidade ali presente, mas sim com a maneira como elas são utilizadas para atingir objetivos comunicativos específicos durante os atos interacionais. Dito de outro modo,

o caráter idiomático dos pragmatemas não é, portanto, apenas uma questão semântica, de somatória dos significados dos formativos, mas também uma questão de inferência do sentido da expressão a partir da situação de enunciação<sup>225</sup> (González-Rey, 2021, p. 102, tradução nossa).

Estando os pragmatemas relacionados ao contexto situacional no qual a comunicação está sendo estabelecida, é necessário que os interlocutores tenham, mutuamente, acesso às mesmas competências comunicativas para que a interação seja bem-sucedida, devendo, portanto, compartilhar o mesmo código linguístico, ter a mesma percepção da realidade e conhecer os roteiros comportamentais que culturalmente regulamentam o ato comunicativo.

Contudo, outra situação comunicativa também requer o uso de pragmatemas: as interações conversacionais, que denominaremos, aqui, de situações comunicativas de coordenadas de diálogos, as quais estão relacionadas às marcas de discurso, aos atos de fala que caracterizam não apenas a polidez ou impolidez presentes na comunicação, mas também às fórmulas pré-fabricadas que conectam logicamente as informações transmitidas quer seja na oralidade, quer seja pela escrita.

Em se tratando de interações dialogísticas, os marcadores discursivos/conversacionais são empregados seguindo um padrão contextual bem determinado, refletindo os valores socioculturais e regras de interação social que orientam a comunicação, sejam no suporte oral, seja no escrito. Dessa forma, algumas pesquisas sobre os pragmatemas consideram os marcadores discursivos/conversacionais como tipos de pragmatemas (Monteiro-Plantin, 2014, 2017; González-Rey, 2021; Tutin, 2020, entre outros).

A partir dessa premissa, González-Rey (2021) propõe uma tipologia voltada para tal dicotomia: i) os pragmatemas comportamentais; e ii) os pragmatemas

---

<sup>225</sup> No original: *Le caractère idiomatique des pragmatèmes n'est donc pas seulement une question sémantique, de calculabilité des signifiés des formatifs, mais aussi une question d'inférence du sens de l'expression à partir de la situation d'énonciation.*

conversacionais. As características definidoras, assim como a exemplificação de cada uma estão no Quadro 21.

**Quadro 21** - Tipologia dos pragmatemas segundo González-Rey (2021)

Tipo de pragmatema	Categoria	Características	Exemplos
Pragmatema comportamental	Ato diretivo	Enunciados proferidos por um enunciador não identificável com a intenção de exigir que um grupo de destinatários execute uma ação previamente definida pela mensagem, tornando essa ação não voluntária pelo receptor	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Beba com moderação;</i></li> <li>• <i>Se beber não dirija;</i></li> <li>• <i>Use máscara!</i></li> <li>• <i>Agite antes de beber.</i></li> </ul>
	Ato exortativo	Enunciados proferidos por um enunciador não identificável a um destinatário coletivo com a intenção de fornecer informações úteis antes que ele se envolva voluntariamente na execução de uma ação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Tinta fresca;</i></li> <li>• <i>Fumar mata;</i></li> <li>• <i>Chão molhado;</i></li> <li>• <i>Saída de emergência.</i></li> </ul>
Pragmatema conversacional	Uso formal	Enunciados previsíveis que servem para abrir, desenvolver ou encerrar uma conversa, oral ou escrita. Têm o objetivo de organizar o discurso para garantir uma comunicação ordenada e eficaz	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Prezado colega;</i></li> <li>• <i>Seja bem-vindo;</i></li> <li>• <i>Não há de quê;</i></li> <li>• <i>Declaro aberta a sessão.</i></li> </ul>
	Uso informal	Enunciados não previsíveis que expressam o ponto de vista dos interlocutores e a sua reação emotiva diante da mensagem recebida	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>É sério?</i></li> <li>• <i>Nossa, é mesmo?</i></li> <li>• <i>Enfim, é isso...</i></li> <li>• <i>Você não vai acreditar!</i></li> </ul>

Fonte: elaborado pelo autor com base em González-Rey (2021, tradução e adaptação nossa)

Os pragmatemas comportamentais, como se nota pela leitura do Quadro 21, estão relacionados aos atos de fala descritos por Searle (1976). Por meio dos atos diretivos, o falante busca influenciar o ouvinte a realizar uma determinada ação. Assim, esses atos implicam uma certa direção de influência, do falante para o ouvinte, e podem variar em termos de força e cortesia. O ato exortativo, por outro lado, envolve uma tentativa de encorajamento, apelo ou exortação para que alguém faça algo, geralmente de maneira enfática e persuasiva, visando motivar ou inspirar a execução

da ação. Portanto, os pragmatemas comportamentais pretendem conduzir, direta ou indiretamente, a conduta do interlocutor.

Ao contrário dos pragmatemas comportamentais, que não possuem um locutor explícito, os pragmatemas conversacionais têm a função essencial de facilitar a interação verbal entre interlocutores identificáveis. Durante os atos comunicativos, os falantes fazem uso dos pragmatemas formais para realizar uma interlocução conforme as normas sociais e profissionais vigentes. Já os pragmatemas informais simbolizam à progressão lógica da mensagem dentro do discurso.

No que tange aos pragmatemas conversacionais, Monteiro-Plantin (2014, p. 74-75) os classifica – mesmo que não tenha empregado efetivamente essa nomenclatura – da seguinte forma: i) fórmulas de rotina; ii) fórmulas epistolares; iii) fórmulas ritualizadas; iv) fórmulas religiosas; v) fórmulas situacionais; vi) marcadores conversacionais.

As fórmulas de rotina correspondem às UF do tipo *com licença, por favor, por gentileza*, que tem como funcionalidade expressar cortesia e educação, ou ainda *bem feito, que se dane, problema seu*, que expressam grosseria. Tais fórmulas são consideradas “obrigatórias em determinadas situações, tanto assim que, se não forem proferidas, implicam uma ruptura das convenções sociais, ou seja, aquele que deixou de dizê-las é taxado de mal-educado (Tagnin, 2013, p. 124). Esse tipo de pragmatema nem sempre encontra equivalente em outras línguas, tal como salienta Tagnin (2013), uma vez que seu uso está totalmente condicionado à cultura na qual estão inseridos. Em língua francesa, por exemplo, utiliza-se o pragmatema *bon courage* (*boa coragem*, em tradução livre) em ocasiões nas quais se sabe que alguém terá que lidar com uma situação não muito fácil, como uma jornada dura de trabalho ou uma entrevista de emprego. Já o pragmatema *veuillez patienter* (*queira pacientar*, em tradução literal), também de língua francesa, é empregado em contextos em que se pede que a outra pessoa aguarde um momento. Ambas as expressões não possuem correspondentes fraseológicos em português.

As fórmulas epistolares são aquelas que estão presentes, sobretudo, na escrita formal. Oriundas do gênero textual carta, cada vez menos em uso, devido ao advento da informática, as fórmulas epistolares ainda são empregadas em *e-mails* ou comunicados formais. Como exemplo desse tipo de pragmatema, podemos citar: *prezado senhor, sem mais para o momento, queira desconsiderar*. Ressaltamos, no entanto, que em culturas europeias, como a França, as cartas ainda fazem parte da

rotina social e são frequentemente solicitadas, seja para formalizar uma queixa, seja para postular uma candidatura à faculdade ou a um emprego, por exemplo.

As fórmulas ritualizadas são pragmatemas que, como o próprio nome diz, fazem referência a contextos pragmáticos extremamente precisos em que determinadas fórmulas pré-fabricadas são sempre solicitadas. É o caso, por exemplo, de aniversário (*meus parabéns, feliz aniversário*), datas comemorativas (*feliz páscoa, feliz natal*), perda de um ente querido (*meus pêsames, minhas condolências*), etc.

As fórmulas religiosas são aquelas utilizadas quer como forma de saudações por pessoas pertencentes a uma mesma religião (*graça e paz ou a paz de Cristo*, para os cristãos, ou ainda *Salaam Aleikum*, para os muçumanos), quer como expressões outras que tiveram motivações religiosas e funcionem como marcas do discurso, tais como *assim seja, graças a Deus, Ave Maria, Deus me livre*. Por vezes, esses pragmatemas já se encontram tão enraizados nas interações sociais que mesmo aqueles que não professam a religião cristã as empregam.

As fórmulas situacionais são as UF usadas em ocasiões em que se quer sinalizar uma situação específica. Tais pragmatemas podem ser de uso obrigatório ou opcional. Tagnin (2013) classifica as fórmulas situacionais em dois tipos: i) fórmulas de polidez e ii) fórmulas de distanciamento. As fórmulas de polidez “são estruturas que indicam polidez e nas quais geralmente a parte inicial é fixa e o restante é completado de acordo com a situação” (Tagnin, 2013, p. 119). A exemplo desse tipo de pragmatema, podemos citar: *posso + V [inf] = posso pegar um bombom?*; *you se importa de + V [inf] = você se importa de abrir a janela?* As fórmulas de distanciamento, por sua vez, são empregadas quando o falante não deseja ser muito direto, por exemplo: *Ao que parece, Maria não fez um bom trabalho*. Pode-se incluir nessa categoria as sugestões feitas em forma de perguntas: *o que acha de + V [inf] = O que acha de irmos ao cinema?* Aqui, também se incluem as afirmações não categóricas, que tentam amenizar uma informação, do tipo *não sou muito fã de cinema*.

Por fim, quanto aos marcadores conversacionais Tagnin (2013) os subdivide em quatro categorias: i) marcadores conversacionais de estrutura semântica; ii) marcadores conversacionais de sinalização do contexto social; iii) marcadores conversacionais de sinalização da disposição do entendimento; iv) marcadores conversacionais de situação de controle da comunicação.

Os marcadores conversacionais de estrutura semântica são aqueles que tem por finalidade sinalizar que o falante deseja que o enunciado que se segue seja

interpretado de certa maneira como, por exemplo, uma opinião, uma restrição, uma digressão ou uma sugestão: *tenho razões para acreditar..., mas o problema é..., antes que eu esqueça...* Os marcadores conversacionais de sinalização do contexto social têm por utilidade sinalizar a intenção do falante em tomar, manter, deixar ou passar o seu turno de fala em uma determinada conversa, independentemente do nível diafásico em que ela esteja acontecendo. A exemplo desses pragmatemas temos: *posso interromper um instante?; então, o que você acha?; bom, é isso; ainda não terminei.*

Os marcadores conversacionais de sinalização da disposição do entendimento remetem à postura do falante em estar ou não aberto para receber, fornecer ou compartilhar informações, opiniões ou emoções: *não tenho nada a ver com isso; tenho uma coisa pra te dizer; quero saber de tudo; era o que eu ia dizer.* Por último, os marcadores conversacionais de situação de controle da comunicação possibilitam ao falante assegurar-se de que o ouvinte continua disposto a receber a mensagem, assim como ao ouvinte de sinalizar que não entendeu algo ou de encorajar o falante: *tá entendendo?; como assim?; e aí?; não foi isso que eu disse.*

Entretanto, ao considerar que os pragmatemas conversacionais têm como funcionalidade principal marcar a organização do discurso e indicar a progressão lógica da mensagem, seja por meio do código oral, seja pelo escrito, observa-se que, nas línguas naturais, há uma série de marcadores discursivos que são geralmente empregados durante a narração de eventos, visando organizar a narrativa e assinalar a progressão dos fatos. Dado que nosso *corpus* é composto pela cobertura fraseológica de textos literários narrados em primeira pessoa<sup>226</sup>, esse tipo de pragmatema se revelou predominante, representando um terço dos dados absolutos totais. Em nossas pesquisas, contudo, não encontramos trabalhos que abordassem esse tipo de marcador discursivo como sendo efetivamente uma UF pragmática. Assim, propomos a sua inclusão no rol dos pragmatemas sob a designação de marcadores conversacionais de sinalização do encadeamento narrativo.

Para exemplificar tais pragmatemas, podemos citar as sentenças em (6):

- (6) a *Je me demande pourquoi je suis tombé malade;*  
(Eu me pergunto por que fiquei doente)

<sup>226</sup> Discorreremos sobre a constituição do *corpus* com mais profundidade na próxima seção.

- b *Au bout d'un temps, je me suis fatigué d'attendre.*  
(Depois de um tempo, cansei de esperar)

Ao analisarmos as sentenças de língua francesa em (6), podemos observar a utilização de pragmatemas de encadeamento narrativo que desempenham a função de estruturar o discurso. Em (6a), o pragmatema *je me demande pourquoi* (*eu me pergunto por que*, em tradução livre) introduz uma reflexão interna do narrador, funcionando como um elo que conecta o ouvinte à introspecção do locutor e à busca por uma explicação sobre um evento específico, neste caso, a doença. Essa UF confere à narrativa um tom pessoal, engajando aquele que recebe a mensagem na indagação e no processo de entendimento daquele que emite a mensagem sobre os fatos que estão sendo descritos.

Por outro lado, o pragmatema em (6b), *au bout d'un temps* (*depois de um tempo*, em tradução livre) serve como marcador temporal dentro da narrativa, indicando, nesse caso, que após um determinado período, ocorreu uma mudança na situação descrita, evidenciada, aqui, pela fadiga do locutor em esperar. O uso desse pragmatema não apenas situa o ouvinte no contexto temporal da história, como também facilita a fluidez do relato ao sinalizar a transição entre fatos, mantendo a coesão e a coerência na progressão da narrativa e guiando o ouvinte através do tempo e espaço das reflexões do falante.

Para concluir, no que tange o tratamento fraseológico dos pragmatemas, Monteiro-Plantin (2014, p. 73) informa que

provavelmente esta seja a categoria que menos tem recebido atenção nos estudos fraseológicos, embora alguns de seus componentes venham sistematicamente sendo tratados nos estudos da Análise do Discurso ou da Pragmática; principalmente os dedicados aos atos de fala, polidez ou impolidez etc.

Sobre o uso das fórmulas situacionais, Tagnin (2013, p. 118) chama a atenção para o fato de que

é bastante útil termos à mão um estoque de expressões pré-fabricadas às quais podemos recorrer continuamente. Esse tipo de expressão, no entanto, costuma ser chamado, pejorativamente, de “clichê”, sendo-nos sempre recomendado evitá-lo. Mas é preciso nos conscientizarmos de seu papel na comunicação social para evitar essa atitude preconceituosa em relação a todo tipo de expressão fixa e consagrada pelo uso.



Ainda que Tagnin (2013) não tenha efetivamente empregado o termo *pragmatema*, as fórmulas situacionais descritas por ela correspondem às características definidoras desse tipo de UF, o que nos leva a entender que se trata do mesmo fenômeno linguístico. No ensino de línguas estrangeiras, a consciência pragmática torna-se muito importante para o bom aprendizado da língua alvo, dado que as propriedades culturais que perpassam pelo léxico da língua em questão são oriundas de uma consciência extralinguística e pragmática muitas vezes distinta da nossa.

#### 5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO

No decorrer dessa seção, discutimos as dificuldades de estabelecimento de uma tipologia única e comum entre todas as línguas naturais para o fenômeno fraseológico, enfatizando que tal imprecisão tipológica está vinculada à complexidade formativa, semântica e de uso das UF, causando, por vezes, divergências conceituais entre os estudiosos. Assim, Mel'čuk (2017) apresenta uma tipologia baseada na fixação sintática das UF. O autor argumenta que a fixação sintática está ligada à restrição paradigmática e à composicionalidade sintagmática, resultando em três classes de sintagmas aceitos na língua: sintagmas livres, combinação impossível e sintagmas não livres, que correspondem às UF. A partir desse conceito, as UF se subdividem em dois grupos principais: as UF condicionadas pragmaticamente e semanticamente

Em continuidade, a tipologia das UF pode ser analisada sob diferentes enfoques, como o de González-Rey (2021), que propõe uma dicotomia entre enunciados fraseológicos e sintagmas fraseológicos, e o de Pamies (2018), que organiza as UF em sintemas, sintagmas fixos e enunciados fixos. Pamies (2018) destaca a coexistência de construções idiomáticas e transparentes em todas as subcategorias de UF, o que evidencia a heterogeneidade e complexidade do fenômeno fraseológico. Entretanto, comparações com estudos de Tagnin (2013) revelam divergências na estruturação sintática das colocações em diferentes línguas, como francês, português e inglês, ressaltando a dificuldade de uma tipologia uniformizada aplicável a todas as línguas naturais. A análise demonstra a necessidade de considerar critérios específicos de cada língua ao categorizar as UF, independentemente de qual tipologia esteja sendo considerada.

Devido a isso, informamos que, para as análises dos dados obtidos nesta pesquisa, não foi considerada a tipologia de um autor específico, mas que, ao contrário, optamos por explorar o máximo de propostas tipológicas que se adequassem ao nosso *corpus*. Como resultado, obtivemos um total de 14 tipos diferentes de UF, cujas características principais foram descritas, exemplificadas e referenciadas.

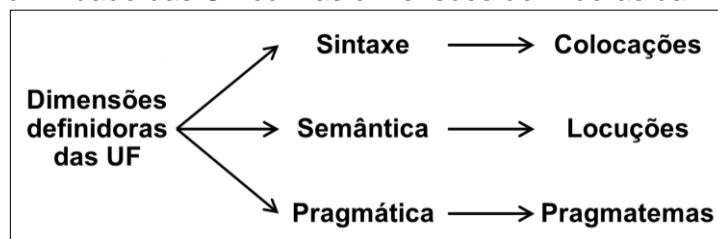
Nesse sentido, demos prosseguimento à construção de um referencial teórico para os três tipos de UF mais recorrentes no nosso *corpus*, quais sejam, as colocações, as locuções e os pragmatemas. Assim, vimos que as colocações são UF formadas pela combinação recorrente de certas lexias que são frequentemente empregadas em conjunto, sem uma motivação explícita, que se fixam na língua, criando uma percepção léxico-sintática de gramaticalidade. Vimos também que as locuções são definidas como construções fraseológicas que apresentam restrição sintática e compreensão não composicional. Por essa razão, as locuções são divididas em fracas, fortes e semilocuções de acordo com a relação entre estrutura fraseológica e sentido presente na unidade. Além disso, demonstramos como as locuções são passíveis de serem etiquetadas tanto como UF lexicais, como gramaticais, o que é justificável pela funcionalidade gramatical de determinadas locuções. Adicionalmente, propusemos a etiquetagem de locuções vocativas, as quais não foram tratadas nos trabalhos científicos aos quais tivemos acesso.

Também chamamos a atenção para a distinção entre locução e colocação, que se dá principalmente pela natureza de seus componentes. Nas locuções, todos os componentes têm o mesmo *status* e contribuem igualmente para o significado da UF, ao passo que nas colocações há uma hierarquia de seleção entre os componentes. Além disso, as locuções são mais propensas a apresentarem significados metafóricos e opacos, ao contrário das colocações, que são frequentemente transparentes.

Por fim, destacamos que a construção das UF do tipo pragmatema se realiza a partir do uso totalmente pragmático de uma construção fraseológica, que é atualizada por meio da função interacional que essas UF desempenham em contextos comunicativos específicos. Além disso, sugerimos a criação da denominação de determinados pragmatemas que atuam como organizadores de narrativas, quais sejam: os marcadores conversacionais por encadeamento narrativo. Tal terminologia destaca a função desses pragmatemas em guiar e organizar a narrativa, facilitando a coesão e a fluidez do discurso.

Levando isso em conta, percebemos que cada um dos três tipos de UF trazidos aqui para o debate se aproximam, em certa medida, de uma das três dimensões definidoras do fenômeno fraseológico, como demonstrado da Figura 29.

**Figura 29** - Proximidade das UF com as dimensões definidoras da Fraseologia



Fonte: elaborado pelo autor

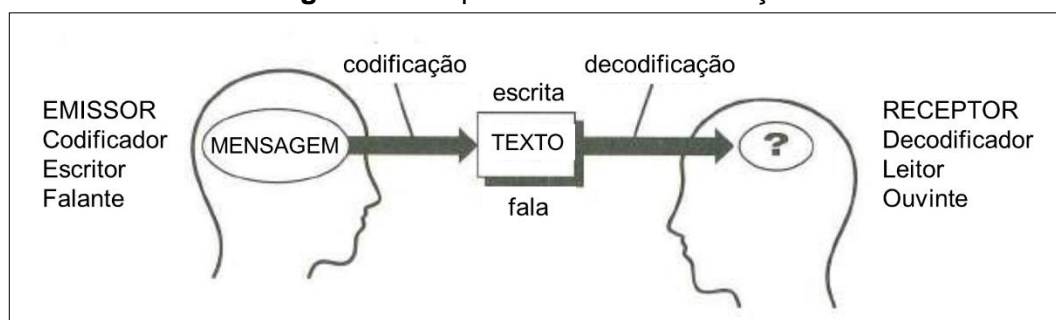
Ainda que qualquer UF exerça, simultaneamente, algum nível de fixação sintática, semântica e pragmática, cada tipo está, como pode ser visto na Figura 29, mais próxima de uma das três dimensões definidoras da Fraseologia. Assim, as colocações, por serem combinações preferenciais na língua, estariam mais próximas da dimensão sintática. As locuções, por serem, em sua maioria, idiomáticas, estabeleceriam maior proximidade com a dimensão Semântica. Por fim, os pragmatemas, por estarem em um nível de intersecção entre o fenômeno fraseológico e o uso pragmático, teria mais proximidade com a Pragmática.

No que compete ao ensino e aprendizado de línguas, seja materna ou estrangeira, diversos estudos apontam o domínio das estruturas fraseológicas como facilitador da aquisição de um vocabulário contextualizado e culturalmente relevante, melhorando a fluência e a competência comunicativa os aprendizes (Tagnin, 2013; Monteiro-Plantin, 2014; Sułkowska, 2013, 2016; González-Rey, 2010, 2019a, 2019b). Portanto, discutiremos na próxima seção a relação entre a Fraseologia e o ensino de línguas estrangeiras.

## 6 OS TEXTOS AUTÊNTICOS NO ENSINO DE LÍNGUA FRANCESA: EM FOCO, *LE PETIT NICOLAS*

Como já discutido anteriormente, as UF desempenham um papel importante no processo de interação comunicativa, agindo, entre outros quesitos, como veículos essenciais de identidade e cultura de uma comunidade linguística de fala. Como exemplificado na seção 3, para que o ato comunicativo seja considerado eficiente, isto é, para que a mensagem emitida seja devidamente compreendida por seu receptor tal como pretendido pelo emissor, é necessário que, juntamente com outros aspectos, ambos os participantes da conversação compartilhem entre si ao menos três conhecimentos: o código linguístico em uso, as informações extralinguísticas e os comportamentos pragmáticos exigidos pelas convenções sociais que permeiam a comunidade linguística em questão. O ato comunicativo está imagetivamente representado na Figura 30.

**Figura 30** - O processo de comunicação



Fonte: Nuttall (1996 [1982], tradução nossa)

Tal como se vê na ilustração da Figura 30, ao codificar uma mensagem a ser transmitida, o emissor faz uso quer do suporte falado (ou gestual, nos casos das línguas de sinais), quer do suporte escrito. Porém, não há nenhuma garantia de que a mensagem será corretamente interpretada pelo receptor. Para que ocorra a decodificação adequada da mensagem, o receptor deve possuir um repertório linguístico, cultural e social similar ao do emissor. Em condições ideais, onde ambos os interlocutores compartilham dos mesmos códigos, a comunicação ocorre de maneira fluida e eficaz. Porém, em cenários não ideais, diversos ruídos de comunicação podem interferir na construção do sentido, dificultando a compreensão mútua.

No que compete ao uso da fraseologia de uma língua, em contextos ideais de comunicação as UF funcionam como instrumentos cotidianos de expressão que foram enraizados no pensamento social ao longo dos séculos, refletindo a história e a cultura de uma determinada comunidade. Entretanto, fora desses contextos ditos ideais, a fraseologia pode representar obstáculos significativos, especialmente no tangente aos falantes de uma mesma língua que são, no entanto, oriundos de diferentes regiões ou ainda aos falantes estrangeiros. Ao considerarmos atos comunicativos em que ao menos um dos interlocutores não seja nativo da língua em uso, a falta de familiaridade com certas UF pode ocasionar em rupturas no processo comunicativo.

Considerando a nossa experiência profissional no ensino do FLE, percebemos que, no que diz respeito às interações comunicativas através da competência leitora, as dificuldades de compreensão das UF tornam-se ainda mais evidentes em língua estrangeira, especialmente no que diz respeito ao acesso aos textos autênticos<sup>227</sup>, ou seja, aqueles que não foram especificamente elaborados para fins pedagógicos (Nguyen, 2019).

A ausência de proximidade com o contexto histórico e cultural subjacente às UF pode levar a interpretações equivocadas e a uma compreensão superficial do texto. Nesse sentido, traremos nas próximas subseções explanações sobre o ensino do FLE e a prática da competência leitora em língua estrangeira. Mostraremos que, tradicionalmente, os textos ditos autênticos desempenham um papel importante no processo de aquisição da competência leitora em línguas estrangeiras e que, por esse motivo, tais documentos são frequentemente explorados em sala de aula e/ou recomendados como leituras paradidáticas, evidenciando que eles necessitam de atenção especial por parte do leitor estrangeiro, sobretudo no que concerne à fraseologia ali presente.

## 6.1 DA LÍNGUA MATERNA À LÍNGUA ESTRANGEIRA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

A UF *língua materna* é um termo bastante difundido não apenas entre os estudiosos da Linguística aplicada ao aprendizado de línguas, como também por pessoas alheias aos estudos linguísticos de modo geral. Isso porque “faz parte do

---

<sup>227</sup> O conceito de documento autêntico será melhor discutido mais à frente.

senso comum, saber que a primeira língua de aquisição de um ser humano é aquela à qual o indivíduo foi exposto durante os primeiros anos de vida” (Sampaio, 2017, p. 28). Tal contato é oriundo, em grande parte, por intermédio do círculo familiar no qual a criança está inserida. Por essa razão, existe uma associação implícita entre a primeira língua de contato de uma criança, aquela que gera o sistema linguístico na mente do falante, e a ideia de genitora, aquela que gerou a própria criança.

Contudo, “existe um número significativo de sociedades [e de situações] nas quais a língua da mãe biológica não é a primeira a ser transmitida para o filho<sup>228</sup>” (Cuq; Gruca, 2017, p. 82, tradução nossa), é o caso, por exemplo, de crianças filhas de imigrantes que aprendem a língua do país onde moram como língua materna ao invés da língua dos pais. Por isso, é necessário ressaltar que o termo *língua materna* remete ao conceito de *primeiro contato*. “A língua *materna* é a língua da primeira socialização da criança. Para evitar conotações culturais, ela também é frequentemente chamada de *primeira língua* [L1]” (Cuq; Gruca, 2017, p. 82, grifos dos autores e tradução nossa)<sup>229</sup>.

Para algumas correntes teóricas, a língua materna não é aprendida, mas sim adquirida, visto que

outra característica da língua materna é o seu modo de apropriação, que é frequentemente descrito como natural. Para o senso comum, isso significa que o sujeito adquire o uso da linguagem por meio do contato e da interação com os membros do seu grupo, sem realmente aprender, ou seja, sem reflexão e sem ajuda<sup>230</sup> (Cuq; Gruca, 2017, p. 83, tradução nossa).

O fenômeno de aquisição de linguagem é, entre outros ramos da Linguística, o objeto de estudo da Linguística Gerativa, também conhecida como Gerativismo ou Gramática Universal (GU). Segundo essa corrente teórica (Chomsky, 1980, 1994), a aquisição de uma língua se dá por intermédio da faculdade da linguagem. Tal teoria explica cientificamente aquilo que já é de conhecimento comum: todo ser humano é, salvo casos patológicos, capaz de adquirir linguagem. Em vista disso,

<sup>228</sup> No original: *Il existe de nombreuses sociétés dans lesquelles la langue de la mère biologique n'est pas la première à être transmise à l'enfant.*

<sup>229</sup> No original: *La langue maternelle et la langue de première socialisation de l'enfant. Pour éviter les connotations culturelles on l'appelle souvent langue première.*

<sup>230</sup> No original: *Une autre caractéristique de la langue maternelle est son mode d'appropriation, qu'on qualifie souvent de naturel. Pour le sens commun, cela veut dire que le sujet acquiert l'usage de la langue par contact et interaction avec des membres de son groupe, sans véritablement apprendre, c'est-à-dire sans réflexion et sans aide.*

pode-se encarar esta faculdade como um “mecanismo de aquisição da linguagem”, uma componente inata da mente humana que origina uma língua particular pela interação com a experiência vivida, ou ainda como um mecanismo que converte a experiência num sistema de conhecimento atingido: conhecimento de uma ou de outra língua (Chomsky, 1994, p. 23).

Para as teorias gerativas, todas as pessoas nascem com a capacidade, inerente à espécie humana e transmitida geneticamente de uma geração à outra, de adquirir linguagem a partir da relação com o meio linguístico ao qual estão imersas, independentemente da L1 de seus pais. Nesse caso, o que conta não são as relações linguísticas individuais, mas sim em comunidade: televisão, escola, colegas, vizinhos etc. A Linguística Gerativa é a teoria que se ocupa da faculdade da linguagem. Ela concebe a ideia da divisão modular da mente humana. Assim, a GU seria o módulo mental responsável pela aquisição da linguagem, o qual é composto por três bases elementares, quais sejam: i) base cognitiva; ii) base biológica; iii) hipótese inatista.

A base cognitiva corresponde à intuição, exercida pelo falante nativo de uma determinada língua (uma língua-L), com relação ao reconhecimento daquilo que é possível e aceitável, em termos de estrutura morfossintática, na sua língua. Trata-se, portanto, do conceito de gramaticalidade, abordado anteriormente. Dito de outro modo, a base cognitiva refere-se ao conhecimento tácito que cada indivíduo tem de sua própria língua: todo e qualquer falante nativo de uma língua-L, a despeito de sua identidade de gênero, escolaridade ou classe social, é capaz de reconhecer quando uma dada sentença é agramatical. A essa noção de estrutura existente na mente humana dá-se o nome de *competência linguística*, o que Saussure (2006 [1916]) chamou de *langue*. Em resumo, “dizemos que a competência linguística é o módulo da mente humana em que todos os conhecimentos sobre a fonologia, a morfologia, o léxico, a sintaxe, a semântica e a pragmática de uma língua estão armazenados” (Kenedy, 2016, p. 57).

A base biológica refere-se à composição biológica humana, a qual, por questões evolutivas diversas, estaria apta para adquirir e produzir linguagem (Chomsky, 1994). Seja pela presença do aparelho fonador, essencial para a realização das línguas orais, seja pelo uso de outros meios corporais que propiciem a produção linguística, como as línguas de sinais, é inegável que o corpo humano foi potencialmente adaptado, através da evolução da espécie, como discutido na seção 3 desta tese, para a aquisição de línguas.

A hipótese inatista, por sua vez, sugere que todo ser humano nasce com a capacidade inata para adquirir linguagem e que, com base nisso, a GU seria um módulo mental proveniente do código genético humano. Tal sugestão é corroborada a partir de dois argumentos: i) o argumento da criatividade linguística e ii) o argumento da pobreza de estímulo.

Tais argumentos estão atrelados ao que ficou conhecido como o Problema de Platão. Para o filósofo grego, era inquietante a maneira tão rápida e precisa com a qual o ser humano constrói conhecimento, tendo em vista que o nosso contato com o mundo é tão breve e limitado. Essa reflexão permitiu questionar como é possível que uma criança aprenda a falar em tão poucos anos de vida, uma vez que “a língua que cada pessoa adquire é uma construção rica e complexa, que não poderia ser determinada pela evidência fragmentária disponível” (Chomsky, 1980, p. 14).

Com base nas problemáticas relacionadas à aquisição de linguagem, Chomsky (1980, p. 11) concebe que “uma ‘base de conhecimento preexistente’ seria pré-requisito para a aprendizagem. [Logo], devemos ter uma capacidade inata para atingir estágios desenvolvidos de conhecimento”. Na ótica gerativista,

o problema de Platão chama a atenção para o fato de que a aquisição da linguagem ou de qualquer tipo de conhecimento socialmente compartilhado só é possível para um organismo que seja capaz de aprender (Kenedy, 2016, p. 63).

Assim, pode-se dizer que o ser humano só é capaz de adquirir linguagem porque é humano e, portanto, um organismo potencialmente dotado para este tipo de conhecimento.

Durante o processo de aquisição da linguagem, as crianças são expostas aos dados linguísticos que servem como estímulo (*input*) para o aprendizado de uma determinada língua-L (Carnie, 2006). Porém, o *input* recebido pelas crianças é limitado, tendo em vista que, segundo o Problema de Platão, as interações humanas também o são. Portanto, pode-se dizer que, para a composição do *input*, as crianças têm acesso a uma quantidade finita de dados linguísticos. Por outro lado, as possibilidades de utilização da língua, quer seja pela produção, quer seja pela compreensão de frases e discursos, os *outputs*, são infinitas. Desse modo, uma vez que o ser humano é provido da criatividade linguística, uma criança é linguisticamente capacitada para produzir, sozinha, uma frase que nunca ouviu antes.

Chomsky (1957, p. 15) concebe a língua como sendo



Um conjunto (finito ou infinito) de frases, todas elas de extensão finita e construídas a partir de um conjunto de elementos. Todas as línguas naturais, quer na sua forma oral quer escrita são línguas neste sentido, uma vez que cada língua natural possui um número finito de fonemas (ou de letras no seu alfabeto) e que cada frase pode representar-se como uma sequência finita desses fonemas (ou letras), embora o número de frases seja infinito.

Portanto, a hipótese inatista fundamenta que é logicamente impossível obter *outputs* infinitos a partir de *inputs* finitos. A aquisição linguística é conduzida pelo aparato inato e não somente pela experiência. Papagaios, por exemplo, podem aprender a repetir palavras. Porém, não são capazes de produzir espontaneamente sentenças isoladas. Isso porque o conhecimento linguístico é inato à espécie humana.

No que tange o conceito de primeira língua, Cuq e Gruca (2017, p. 83, tradução nossa) salientam que “a única desvantagem dessa denominação reside no fato de que, em algumas sociedades com mais frequência do que em outras, um indivíduo pode estar desde a primeira infância em contato simultâneo de várias línguas<sup>231</sup>”. Para as teorias gerativas, é esse o fenômeno denominado de bilinguismo (Correa, 2007).

Em oposição ao conceito de língua materna, encontra-se o de língua estrangeira, a qual pode ser classificada como toda e qualquer língua que não seja aquela da primeira socialização de um indivíduo, muito menos a primeira na ordem das apropriações linguísticas (Cuq; Gruca, 2017).

Por outro lado, em oposição aos conceitos gerativistas, para os estudos da Linguística Aplicada, em especial no tocante ao ensino de línguas estrangeiras, existe uma distinção conceitual entre os termos *aquisição* e *aprendizagem* (Schmitz, 1992). Para esse ramo da Linguística, uma língua estrangeira não pode ser adquirida, sendo tal termo reservado às línguas maternas, visto que, geralmente, o contato entre o falante e a língua estrangeira se dá em ambientes de instrução formal fora do contexto de imersão linguística, isto é, de maneira institucionalizada. Assim, diz-se que uma língua estrangeira é aprendida. Para as teorias gerativistas, contudo, tal distinção é irrelevante, uma vez que o Gerativismo se ocupa do estudo das representações mentais da língua a partir da GU.

Outra diferenciação terminológica existente entre as linguísticas Aplicada e Gerativa está na própria definição de língua estrangeira.

---

<sup>231</sup> No original: *Le seul inconvénient de cette dénomination réside dans le fait que, dans certaines sociétés plus fréquemment que dans d'autres, un individu peut être dès sa prime enfance, au contact simultané des plusieurs langues.*

Para a lingüística aplicada, a denominação língua estrangeira é a mais empregada para o estudo de uma língua que vem a ser adquirida por um aprendiz adulto, e emprega o termo segunda língua para os casos de bilingüismo ou línguas extra aprendidas ainda na infância. Nos estudos formais [isto é, para a Linguística Gerativa] não se emprega o termo língua estrangeira. [...] Todas as línguas aprendidas/adquiridas fora do período crítico de aquisição da linguagem [na fase adulta] têm apenas a denominação de segunda língua [L2], uma vez que não importa, para a perspectiva formal, o contexto em que essa língua é adquirida, já que os estudos formais se ocupam da representação mental da língua, do seu conhecimento interno, independentemente da maneira como o aprendiz está exposto aos dados (Correa, 2007, p. 12).

Especialmente em Linguística Aplicada, os termos *língua fonte* ou *língua de referência* também podem ser empregados para se referir à língua materna. Em analogia, o termo *língua alvo* é relacionado à língua estrangeira/segunda língua.

Por outro lado, a literatura atual demonstra que

embora o processo de aquisição da linguagem no âmbito das teorias gerativas já esteja bem esclarecido no tocante à aquisição de L1, o mesmo não ocorre quando se trata da aquisição de L2 em fase adulta. Os resultados obtidos por crianças e adultos, no que tange à *performance* linguística, são, evidentemente, muito distintos. As crianças, uma vez expostas ao *input* necessário, não podem evitar a aquisição de sua L1, visto que aprender ao menos uma língua natural (salvo casos patológicos) é inato à espécie humana. Com o adulto, por outro lado, é notada certa “dificuldade” em adquirir a L2 (Sampaio, 2017, p. 45, grifo do autor).

Assim, alguns estudos gerativistas (Correa, 2007; Yokota, 2007; Pinto; Cavalcante, 2008 dentre outros) buscam entender qual é o papel exercido pela GU durante o processo de aquisição de L2 em fase adulta. A este propósito, três hipóteses foram estabelecidas: i) acesso pleno à GU; ii) acesso parcial à GU; iii) não há acesso à GU.

A primeira hipótese prevê que, durante o processo de aquisição de segunda língua, o falante adulto tenha acesso pleno à GU e, guiado pela faculdade da linguagem, tenha à sua disposição as mesmas condições de aquisição de uma L2 que aquelas obtidas quando da aquisição da L1, na infância. Entretanto, essa hipótese é refutada por alguns linguistas (White, Lydia, 2003; Yokota, 2007) por considerarem que os objetivos de aquisição de uma L1 se diferem, em termos práticos, dos objetivos de aquisição de uma L2 em fase adulta. Em outras palavras, um aprendiz adulto de L2 tem demandas pragmáticas, de uso, que vão além daquelas esperadas de uma

criança em processo de construção de uma L1, com menos de três anos de idade. Portanto, o processamento do *input* não se daria de igual forma entre L1 e L2.

A hipótese do acesso parcial à GU remete à concepção de que durante a aquisição da L2 o falante deixaria de ser guiado pela faculdade linguagem, sendo as suas funções exercidas pela própria L1. Assim, tendo o adulto recebido o *input* necessário para gerar o estímulo à língua, haveria em sua GU uma reorganização ou reestruturação das unidades específicas das representações linguísticas pré-existentes em sua L1 (Yokota, 2007, p. 20). Dito de outro modo, compreende-se que, para a aquisição de uma L2, a GU só seria alcançada por intermédio da L1. Para tanto, a mente do adulto poria em funcionamento um mecanismo que permitisse a reestruturação das representações linguísticas já existentes. Portanto, a L1 sempre será a mediadora entre a L2 e a GU, causando perturbações no resultado final, ou seja, na língua exteriorizada, a *parole* em termos saussurianos, o que explicaria a dificuldade de compreensão de UF opacas em línguas estrangeiras, assim como a tendência em traduzir literalmente para a L2 as UF de sua L1.

A terceira hipótese, que trata do não acesso à GU durante a aquisição de L2 por adultos, faz referência ao que ficou conhecido como Período Crítico (Chomsky, 1980, 1994). Para o Gerativismo, a aquisição de L2 em fase adulta estaria comprometida, tendo em vista a existência de um período a partir do qual o dispositivo de aquisição da linguagem, a GU, estaria atrofiado total ou parcialmente (Yokota, 2007, p. 19). Isto é, haveria um prazo de validade para o acesso à GU, depois do qual a aquisição de línguas estaria dificultada. Essa fase da vida humana estaria em concomitância com a puberdade. Portanto, para essa hipótese, os meios sanadores que permitem a aquisição de uma L2 estariam vinculados a mecanismos cognitivos diversos dos quais o falante dispõe para a criação de um sistema de resolução de problemas. Tal sistema,

explicaria as características que diferenciam a aquisição de uma língua não nativa de uma LM [língua materna, L1], como: falta de êxito; variação individual; fossilização; indeterminação das intuições; influência de fatores afetivos; papel da instrução e da evidência negativa. [...] Os dispositivos de resolução de problemas estão relacionados com as etapas de desenvolvimento cognitivo de Piaget. A construção do conhecimento da língua não nativa seria semelhante à construção de outros conhecimentos (lógica, matemática, etc) (Yokota, 2007, p. 19).

O nosso posicionamento é favorável à segunda e à terceira hipótese. Acreditamos, a partir da nossa experiência, enquanto professor e aprendiz de línguas estrangeiras, que, efetivamente, o adulto que está em processo de aquisição/aprendizado de uma L2/língua estrangeira não dispõe dos mesmos instrumentos linguísticos para a aquisição da língua tal qual ocorreu com a L1/língua materna. Além disso, percebemos que há uma forte influência, ainda que inconsciente, da L1 sobre a L2, especialmente no que tange aos aspectos sintáticos e de escolha lexical. Por essa razão, ao longo deste trabalho, adotaremos os termos língua materna e língua estrangeira, não apenas com as acepções oferecidas pela Linguística Aplicada, mas sim como hiperônimos capazes de abarcar também a conceituação de língua primeira e segunda defendida pela Linguística Gerativa.

No que compete ao ensino regular de línguas estrangeiras, em especial ao ensino do francês, um termo bastante conhecido entre os professores dessa língua é o FLE (francês língua estrangeira), como já mencionado. As reflexões resultantes dos estudos de FLE foram muito significativas para o desenvolvimento das práticas pedagógicas do ensino da língua francesa para falantes não nativos. Também por isso, a subseção a seguir é dedicada a essa temática.

## 6.2 O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: UM OLHAR SOBRE O FLE

Apesar de as linguísticas tradicionais, Aplicada e Gerativa, adotarem conceitos e termos distintos sobre as experiências que um ser humano pode ter ao longo da vida ao entrar em contato com línguas naturais, isto é, se aquisição ou aprendizagem ou ainda se língua materna/L1 ou língua estrangeira/L2, para alguns teóricos

não haveria aquisição pura, quer dizer, nenhuma aquisição sem aprendizado. Da mesma forma, pode-se dizer que também não há aprendizado puro: nas aulas, percebe-se que existem elementos que são "adquiridos" sem realmente serem ensinados<sup>232</sup> (Cuq; Gruca, 2017, p. 103, tradução nossa).

Esse é o posicionamento dos estudos em FLE, os quais afirmam haver uma influência recíproca e indispensável entre aprendizagem e aquisição, essencial para

---

<sup>232</sup> No original: *Il n'y aurait pas d'acquisition pure, c'est-à-dire pas d'acquisition sans apprentissage. De même, on peut dire qu'il n'y a pas non plus d'apprentissage pur: en classe, on s'aperçoit qu'il y a des éléments qui sont "acquis" sans qu'ils aient véritablement été enseignés.*

se obter êxito no aprendizado de uma língua estrangeira. Desse modo, a preocupação teórica em saber se realmente existe uma diferença fundamental entre os conceitos de *aprender* e de *adquirir*, no que tange à apropriação de uma língua estrangeira, seria, para além das teorias linguísticas antes mencionadas, de responsabilidade dos psicólogos e psicolinguistas (Cuq; Gruca, 2017). Assim, não faremos distinção, neste trabalho, entre as definições de aprendizado e aquisição. Visto que ambos contemplam a nossa compreensão sobre a apropriação de uma língua estrangeira, empregaremos esses termos como sinônimos.

Para os estudos em FLE, portanto, a diferença entre aprendizado e aquisição é puramente de ordem metodológica. Ou seja, de acordo com as circunstâncias ou situações em que o aprendizado da língua estrangeira acontece: se em contexto formal e institucionalizado de ensino (sala de aula) ou se em contexto de imersão linguística (em convívio com um falante nativo), respectivamente. O FLE é, portanto, considerado como um campo de estudo didático do ensino e aprendizado do francês para falantes não nativos.

Tendo como público alvo aprendizes que se proponham a estudar o francês, seja na educação básica, seja em cursos livres, ou ainda aqueles oriundos de países onde o francês se faz presente por questões históricas e políticas, isto é, que têm o francês como uma das línguas oficiais, mas não obrigatoriamente como língua materna<sup>233</sup>, o FLE, enquanto disciplina, teve origem na década de 1960. De acordo com Cuq e Gruca (2017), àquela época, buscava-se, com a oficialização desse campo de estudo, estruturar um quadro político de difusão da língua francesa que desse acesso às diversas variantes e normas linguísticas dos falares dessa língua (francês da França, do Quebec, dos países africanos etc.), de modo a estabelecer teorias pedagógicas para o ensino do francês e, em consequência, prescrever o que deve ser ensinado, visando a padronização dos livros didáticos e dos exames oficiais de proficiência, por exemplo.

Ao longo das últimas décadas, o FLE, acompanhando as pesquisas metodológicas para o ensino de línguas estrangeiras, passou por diversas modificações feitas, em especial, na busca por se adaptar aos objetivos esperados pelo público alvo bem como ao surgimento das novas tecnologias. Os períodos em que cada modalidade metodológica esteve em vigor foram classificados de acordo

---

<sup>233</sup> Tunísia, Marrocos, Argélia e Costa do Marfim são exemplos de países onde a língua francesa é cooficial.

com as práticas pedagógicas empregadas na época. Cuq e Gruca (2017, p. 263-283) traçam, de forma sucinta e objetiva, o percurso histórico cronológico das metodologias voltadas para o ensino de línguas estrangeiras, a saber: i) método tradicional; ii) método direto; iii) método audiolingual; iv) método estruturo-global audiovisual; v) abordagem comunicativa.

O método tradicional também é conhecido como método da gramática-tradução ou leitura-tradução. Embora ainda esteja vigente, sobre certos aspectos, nos dias atuais, esse método foi posto em prática em meados do século XX. É marcado pela supervalorização da língua materna e pela ênfase na leitura. Como os próprios nomes sugerem, esse método remete ao estilo tradicional de aula das línguas clássicas, grego antigo e latim, que consistiam em análises das estruturas gramaticais da língua, voltadas para a tradução de textos literários, usados como obras de referência. Dessa forma, cada aula é organizada com base em um ponto gramatical específico, o qual é apresentado de maneira expositiva pelo professor, seguido de uma série de exercícios de aplicação que têm como objetivo privilegiar a sistematização das regras gramaticais e a prática da tradução, quer seja da língua de referência para a língua alvo, quer seja o inverso.

No que tange ao sistema educacional francês, o método direto entra em vigor em 1901, a partir de um decreto ministerial que impõe a sua adoção no ensino secundário. Tal decreto previa, dentre outras práticas, a substituição da leitura-tradução pela leitura explicada. Influenciada pela revolução industrial, o método direto marca a ênfase na presença da língua alvo em sala de aula, uma vez que, para além da leitura, outras habilidades eram desenvolvidas e a expressão oral em língua estrangeira era valorizada e encorajada, visto a necessidade de se estudar as línguas vivas e não mais as clássicas, como o grego antigo e o latim. Assim, as aulas não eram apenas voltadas para temas de gramática e literatura, mas também para a civilização dos países da língua em questão.

Outra característica do ensino direto consiste na utilização, pelo professor e pelos alunos, desde a primeira aula, da língua estrangeira. A utilização da língua materna estava proibida e, para tanto, era necessário se apoiar em elementos não verbais, tais como mímicas, gestos, desenhos, bem como o próprio ambiente da sala de aula, utilizado como exemplificador da realidade, dando maior destaque ao aprendizado do léxico. As regras gramaticais, por sua vez, eram apresentadas de

forma indutiva e implícita, conduzindo os aprendizes a inferirem, a partir das estruturas mais frequentes, sobre os padrões a serem empregados.

Desenvolvido nos Estados Unidos entre aproximadamente 1940 e 1970, o método audiolingual foi inspirado em uma experiência didática realizada pelas forças armadas, que objetivava formar, em um curto período de tempo, um grande número de militares capazes de se comunicar nas línguas dos diferentes campos de batalha da Segunda Guerra Mundial. A principal característica desse método estava na utilização exaustiva de gravações em áudio de falantes nativos e na sua repetição pelos aprendizes. Portanto, o enfoque primeiro era a compreensão e a produção oral, habilidades nas quais as aulas eram centradas. As estruturas linguísticas veiculadas pelos diálogos das gravações eram reforçadas por exercícios que incentivam os estudantes a fazerem manipulações, de ordem paradigmática e sintagmática, visando a memorização e a reprodução de tais estruturas em outros contextos.

Após a Segunda Guerra Mundial, o francês, enquanto uma das línguas mais estudadas do Ocidente, perde espaço para o inglês, que se tornava cada vez mais a língua das comunicações internacionais. É devido a isso que o governo francês decide, como tentativa de restaurar o prestígio da língua francesa, pôr em prática uma política de difusão da língua no exterior, através do Método estruturo-global audiovisual.

Chefiada pelo linguista Georges Gougenheim, é criada uma equipe, o *Centre de recherche et d'étude pour la diffusion du français*<sup>234</sup> (Crédif) incumbida de realizar um estudo estatístico lexical e gramatical a partir da análise de dados orais. Graças a esse estudo, foram concebidos dois cursos audiovisuais: o *Français fondamental premier degré*<sup>235</sup> (Gougenheim et al., 1970) e o *Français fondamental second degré*<sup>236</sup> (Gougenheim et al., 1972). É também graças aos metodologistas do Crédif que o primeiro livro didático voltado para o ensino do francês a partir do método estruturo-global audiovisual, intitulado *Voix et Images de France*<sup>237</sup> (Cuq; Gruca, 2017), foi publicado.

O método estruturo-global audiovisual concebe a língua como um meio de expressão e de comunicação oral, razão pela qual a língua contextualizada é o foco

---

<sup>234</sup> Centro de pesquisa e de estudo para a difusão do francês (tradução nossa).

<sup>235</sup> Francês Fundamental primeiro grau (tradução nossa).

<sup>236</sup> Francês Fundamental segundo grau (tradução nossa).

<sup>237</sup> Vozes e Imagens da França (tradução nossa).

principal desse método. Os meios não verbais eram igualmente trabalhados em sala de aula, tais como ritmo, entonação, gestos, o quadro espaço-temporal, o contexto social e psicológico, entre outros. A representação, através do audiovisual, dos diversos contextos de uso da língua tentava simular uma situação de imersão linguística na qual o estudante poderia observar a língua em funcionamento.

Sendo um método fundamentado na oralidade, a escrita, em nível de compreensão ou de produção, era considerada como uma derivação da prática oral e, por isso, os livros didáticos eram compostos majoritariamente por imagens e não dispunham das transcrições dos áudios/vídeos. Esse método foi aprofundado entre as décadas de 1960 e 1980 e serviu de modelo para o ensino não apenas do francês, como também de outras línguas estrangeiras.

Procedente do método estruturo-global audiovisual, a Abordagem Comunicativa buscou reformular as práticas de ensino em sala de aula, de modo a dar maior destaque à comunicação em língua estrangeira. Tal abordagem está fundamentada nas teorias da Linguística da Enunciação, da Análise do Discurso e da Pragmática e nasce, no final da década de 1970 e início dos anos 1980, devido a uma necessidade de readequação do ensino de línguas estrangeiras à nova realidade política da Europa.

Com a assinatura do acordo de *Schengen*, de 14 de junho de 1985, entre vários países da União Europeia, que autoriza a abertura das fronteiras dos principais países da Europa e, em consequência, permite a livre circulação de pessoas entre os países signatários, houve um aumento significativo da mobilidade e da integração humana, o que incitou, cada vez mais, a procura pelo aprendizado de línguas estrangeiras. Logo, a Abordagem Comunicativa compreende que, para estabelecer a comunicação em língua estrangeira, é necessário que o falante não esteja apto apenas em competências linguísticas, isto é, conhecer as regras e estruturas gramaticais, fonético-fonológicas e lexicais da língua alvo, como também seja capaz de reconhecer o contexto de uso da língua tomando como referência práticas socioculturais da comunidade nativa, em outras palavras as competências extralinguística e pragmática, estando de acordo com o que foi debatido na seção 3 desta tese quanto às dimensões comunicativas.

Tendo em vista que as UF são concebidas com base nas três dimensões comunicativas, tal como vimos na seção 4, ou seja, sintática, semântica e pragmática,



o nosso posicionamento é que a Abordagem Comunicativa seja o método didático que melhor se adequa ao ensino da fraseologia de uma língua em contexto não nativo.

As aulas previstas com base na abordagem comunicativa sugerem que

saber se comunicar não se reduz, em nenhum caso, ao simples conhecimento da língua, mas implica, de uma maneira ou de outra, ao conhecimento das regras de uso da língua, colocadas em valor pelas quatro competências que formam a competência da comunicação [a compreensão oral e escrita e a produção oral e escrita]<sup>238</sup> (Cuq; Gruca, 2017, p. 275, tradução nossa).

Em outras palavras, saber se comunicar implica saber fazer uso das competências linguística, extralinguística e pragmática. Por essa razão, a Abordagem Comunicativa dá preferência aos documentos ditos autênticos<sup>239</sup>, ou seja, aqueles pensados para atender a uma comunidade nativa da língua alvo, em detrimento àqueles elaborados para atender a situações didáticas precisas, chamados documentos didáticos (Albuquerque-Costa, 2011). Em casos de impossibilidade de uso de materiais autênticos, os documentos elaborados para fins pedagógicos deverão se aproximar o máximo da realidade linguística, cultural e social da língua em aprendizado.

A Abordagem Comunicativa é, ainda hoje, a mais difundida entre os profissionais do ensino de línguas estrangeiras. Contudo, a partir da nossa experiência, acreditamos ser inegável dizer que haja uma aula em língua estrangeira que adote, em cem por cento, este ou aquele método de ensino. O que se percebe é um misto das diversas metodologias, dando, aqui ou ali, maior ênfase a uma corrente metodológica ou a outra.

### 6.2.1 O francês instrumental

Outra vertente de ensino do FLE que conquistou muitos adeptos, sobretudo na América Latina, foi o que ficou conhecida como Francês Instrumental. Tal abordagem metodológica, voltada especificamente para o ensino da competência leitora, se desenvolveu durante a década de 1960 como reflexo de uma crise no ensino do FLE,

<sup>238</sup> No original: *Savoir communiquer ne se réduit en aucun cas à la simple connaissance de la langue, mais implique d'une manière ou d'autre à la connaissance des règles d'emploi de cette langue mise en valeur par les quatre composantes qui forment la compétence de communications.*

<sup>239</sup> Retomaremos a discussão sobre os documentos autênticos mais à frente.

estimulada, sobretudo, a partir da supremacia do inglês como língua estrangeira de referência no ensino formal e como língua da comunicação de intercâmbios internacionais em diversos países (Albuquerque-Costa; Paulo, 2012).

Por outro lado, ao passo que a busca pelo aprendizado do FLE diminuía, a necessidade em atender a uma demanda específica do público acadêmico, que desejava aprender a ler textos científicos em língua francesa de seus campos de estudo ou de pesquisa, era cada vez maior (Pietraróia, 1997; Albuquerque-Costa, 2011). Desse modo, o Francês Instrumental vem, em primeira instância, promover a divulgação da língua francesa, e também atender a demanda específica de determinados aprendizes.

Durante a década de 1960, um novo tema de reflexão começou a obcecar os círculos da pedagogia de línguas: o ensino de uma língua estrangeira a especialistas de várias disciplinas científicas, técnicas ou industriais. Já em 1964, se reuniu em Paris um grupo de especialistas em "língua de especialidade" e, em 1967, sob os auspícios do Conselho da Europa, foi realizado um seminário em Saint-Cloud, reunindo noventa e oito participantes de vinte e quatro países, com o tema "língua de especialidade". O ensino de idiomas para técnicos, pesquisadores, cientistas e estudantes em geral é mencionado nesse seminário como uma das necessidades características de nosso [daquele] tempo<sup>240</sup> (Passos; Schwebel; Guimarães, 1985, p. 23, tradução nossa).

O principal objetivo do ensino do Francês Instrumental era considerar a língua francesa como um "instrumento", destinado a facilitar a compreensão de textos especializados, daí o nome dessa nova abordagem metodológica.

Ao tratar da inserção do Francês instrumental no Brasil, Albuquerque-Costa e Paulo (2012) salientam que essa abordagem metodológica encontrou uma significativa procura entre estudantes e professores universitários que tinham como objetivo melhorar suas habilidades de leitura para obter acesso a bibliografias específicas destinadas ao desenvolvimento de suas pesquisas, a passar em exames

---

<sup>240</sup> No original: *Durant les années 1960, un nouveau sujet de réflexion commence à obséder les cercles de la pédagogie des langues: l'enseignement d'une langue étrangère aux spécialistes des diverses disciplines scientifiques, techniques ou industrielles. Dès 1964, se réunit à Paris un groupe d'experts sur les "langues de spécialité" et en 1967, se tient à Saint-Cloud, sous les auspices du Conseil de l'Europe, un stage qui réunit quatre-vingt-dix-huit participants de vingt-quatre pays, ayant pour thème "Les langues de spécialité". L'enseignement des langues aux techniciens, aux chercheurs, aux hommes de science et aux étudiants en général est signalé dans ce stage comme l'un des besoins caractéristiques de notre époque.*

de acesso a programas de pós-graduação ou mesmo para serem capazes de citar autores francófonos em seus trabalhos acadêmicos.

Seguindo esses objetivos, o estudo do Francês Instrumental é, ainda hoje, muito recorrente no meio universitário brasileiro. A exemplo disso, podemos citar os cursos de Licenciatura em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna e de Bacharelado em Língua Estrangeira Moderna ou Clássica, ambos com habilitação em língua francesa, oferecidos pelo Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Em suas grades curriculares<sup>241</sup>, observa-se a existência de cinco disciplinas voltadas exclusivamente para a prática da leitura de textos em língua francesa, a saber: i) LETA37 - Leitura de textos em língua francesa; ii) LETB24 - Leitura de produções artísticas em língua francesa; iii) LETB25 - Leitura de produções da mídia em língua francesa; iv) LETD49 - Leitura de textos acadêmicos em língua francesa; v) LETD50 - Leitura de textos literários em língua francesa. Por isso, consideramos importante tratar desse tema neste trabalho, tendo em vista que, como já mencionado, esta pesquisa surgiu das inquietações do pesquisador durante a sua prática docente voltada para o ensino da competência leitura em língua francesa.

### **6.2.2 As habilidades comunicativas**

À parte o período do método tradicional, que atuava apenas no nível da compreensão escrita, seja qual for a metodologia de ensino que esteja em prática, há sempre quatro habilidades (por vezes também chamadas de competências) comunicativas (ou linguísticas) que perpassam o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Duas competências são voltadas para a produção (falar e escrever) e duas para a compreensão (ouvir e ler). Durante as aulas, os aprendizes são conduzidos ao aperfeiçoamento de tais habilidades, as quais são, em função disso, objeto de avaliação e de verificação de aprendizagem, quando fazendo parte de um sistema formal de ensino.

Tal como defendido pela Abordagem Comunicativa, acreditamos que, ao se comunicar em língua estrangeira, o falante necessita dominar minimamente os aspectos linguísticos pertencentes à língua alvo que está em processo de aprendizado, isto é, o léxico, a semântica, a morfossintaxe, a fonética, a fonologia e a

---

<sup>241</sup> Disponível em <https://colegiadosdeletras.ufba.br/> acesso em 26 abr. 2024.

ortografia. Como se sabe, em línguas naturais orais, esses elementos linguísticos se realizam, durante os atos comunicativos, a partir de dois canais de condução, o oral e o escrito, e por dois tipos diferentes de operação: a produção/expressão e a recepção/compreensão.

A produção oral, que ganhou maior força e visibilidade após o método estruturo-global audiovisual, é atualmente tida como uma das habilidades mais difíceis de se apreender (Cuq; Gruca, 2017). Ela envolve, principalmente, questões fonéticas, fonológicas e morfossintáticas. A produção escrita, por sua vez, a qual abarca questões lexicais, semânticas, morfossintáticas e ortográficas, é uma das habilidades menos trabalhadas em sala de aula, de acordo com Fernandes e Paula (2008), visto que o ensino da habilidade da escrita abrange diversas etapas e, raramente, o professor detém de tempo para fazê-lo com precisão, delegando tal exercício, com certa frequência, à execução de atividades extraclasse.

Durante muito tempo negligenciada, a habilidade da compreensão oral ganhou destaque graças ao método audiolingual, como vimos. Ela envolve o conhecimento linguístico do léxico, da semântica e da morfossintaxe, assim como da fonética e da fonologia. A compreensão escrita, por sua vez, é a habilidade há mais tempo estudada, sendo foco de observação desde o método tradicional. Graças à abordagem comunicativa, contudo, as práticas de leitura em aulas de língua estrangeira foram renovadas, dando espaço para outros tipos de documentos escritos. Os textos literários não são mais o modo dominante, mas apenas um gênero a mais, dentre tantos outros.

Entre as quatro habilidades comunicativas que perpassam o ensino de línguas estrangeiras, aquela que mais interessa a esta pesquisa é a habilidade da compreensão escrita, doravante competência leitora. Nesse sentido, a subseção que se segue é dedicada a ela.

#### 6.2.2.1 A competência leitora

Embora todo aprendiz de uma língua estrangeira, ao menos aqueles inseridos em contextos de ensino formal, disponha previamente dos conhecimentos da competência leitora, visto que tal habilidade já é praticada em sua língua materna, o seu desenvolvimento em língua estrangeira decorre, por vezes, de forma bastante complexa. Isto ocorre porque, “ler é a capacidade de atribuir significado ao texto. Não

é suficiente apenas identificar as palavras de um texto, é preciso perceber como tal texto se organiza para comunicar algo” (Fernandes; Paula, 2008, p. 83).

Dito de outro modo,

a leitura não é uma decodificação de signos ou de unidades gráficas, mas a construção de um sentido a partir da formulação de hipóteses de significação, constantemente definidas ao longo do ato da leitura e da exploração do texto: o acesso ao sentido se realiza por tentativa e erro, por ajustes sucessivos que permitem antecipações novas e mais precisas antes de sua construção definitiva<sup>242</sup> (Cuq; Gruca, 2017, p. 154, tradução nossa).

A partir dessa concepção de compreensão escrita, espera-se que um leitor estrangeiro seja capaz de “fazer inferências, deduções e paráfrases; distinguir o que está implícito do que está explícito; identificar o ponto central do texto e as ideias [centrais e secundárias] que o suportam” (Fernandes; Paula, 2008, p. 90). Tal como praticado pela Abordagem Comunicativa, o leitor de língua estrangeira deve ser capaz de emitir opinião, por meio oral ou escrito, sobre o texto lido. Em resumo, “a leitura é, por definição, uma interação entre o texto e seu leitor<sup>243</sup>” (Cuq; Gruca, 2017, p. 154, tradução nossa).

Portanto, para que a prática da leitura seja bem-sucedida, é fundamental que ambos os agentes da comunicação, escritor e leitor, compartilhem o mínimo de três informações (Nuttall, 1996 [1982], p. 5-7): i) o código; ii) o conhecimento vocabular; iii) o conhecimento de mundo.

Evidentemente, para que se possa ler e compreender, é necessário que o leitor compartilhe o mesmo código linguístico que o autor do texto. Será impossível para um leitor que nunca tenha estudado alemão, por exemplo, decodificar a mensagem presente em um texto escrito nessa língua. Ainda que ferramentas digitais de tradução possam ser utilizadas, tal informação é válida, visto que, para obter resultados satisfatórios, a tradução deverá ser feita para uma língua de conhecimento do leitor.

Entretanto, há vários níveis de conhecimento de uma língua estrangeira, sobretudo no tocante ao vocabulário, isto é, ao léxico, dessa língua. Por vezes, o

---

<sup>242</sup> No original: *Lire n'est pas un décodage de signes ou d'unités graphiques, mais la construction d'un sens à partir de la formulation d'hypothèses de signification, constamment définie tout au long de l'acte lectoral et de l'exploration du texte : l'accès au sens se réalise par tâtonnements, par reamenagements successifs qui autorisent de nouvelles anticipations plus précises avant sa construction définitive.*

<sup>243</sup> No original: *La lecture est, par définition, une interaction entre le texte et son lecteur.*

conhecimento vocabular do autor do texto é, por diversas razões, como em textos especializados de uma determinada área de estudos, distinto ao do receptor, o que acarreta em dificuldades de compreensão da mensagem. Portanto, para além do código linguístico em si, é essencial que o conhecimento vocabular também seja compartilhado entre emissor e receptor da mensagem escrita.

O simples conhecimento das lexias de uma língua não assegura a total compreensão da informação transmitida. Isso porque, como vimos antes, particularmente no que diz respeito à fraseologia da língua alvo, há uma série de expressões e construções próprias da língua que são compartilhadas através do conhecimento de mundo implícito à cultura daquele idioma, as quais precisam ser igualmente compartilhadas entre autor e leitor. O mesmo vale para conhecimentos de áreas específicas. Dificilmente, um profissional da área de Letras compreenderá com total eficiência textos pertencentes aos estudos em Física, por exemplo. Acreditamos que, em se tratando de línguas estrangeiras, tal dificuldade tende a ser agravada.

Dessa forma, especialistas no ensino da competência leitora (Alvermann; Unrau; Ruddell, 2013) categorizaram os processos de leitura, sejam em língua materna sejam em língua estrangeira, da seguinte maneira: i) leitura *bottom-up* (de baixo para cima, em inglês); ii) leitura *top-down* (de cima para baixo, em inglês).

Em um processo de leitura do tipo *bottom-up*, a decodificação da mensagem escrita é feita de forma linear e em crescente. Isto é, o leitor identifica gradativamente cada elemento que compõe o texto: letras, palavras, orações, sentenças e parágrafos, até chegar ao texto em si. Assim, a construção do sentido se dá pelo domínio, por parte do leitor, de todas as unidades linguísticas ali presentes, das mais simples às mais complexas. Nessa técnica de leitura, é constituída de uma série de sucessões de estágios de entendimento, “cada um correspondendo a um nível de análise em que nenhum nível superior pode, de alguma forma, modificar ou alterar a análise em um nível inferior” (Rumelhart, 2013, p. 723)<sup>244</sup>.

O processo de leitura *top-down*, por outro lado, prevê um percurso contrário. Nesse caso, o processo de leitura deixa de ser linear e torna-se global, com base em critérios de inferências e deduções. Por isso, não seria necessário ler todas as palavras do texto. À medida em que a leitura é feita, o leitor estabeleceria,

---

<sup>244</sup> No original: *a series of stages, each corresponding to a level of analysis in which no higher level can in any way modify or change the analysis at a lower level. Agradeço ao amigo Patrick Cardoso pelas traduções em língua inglesa.*

inconscientemente, um processo psicolinguístico de criação de hipóteses, acerca do desenvolvimento semântico do texto. Em paralelo à leitura, um processo de confirmação ou refutação das hipóteses é posto em prática, de modo que o leitor, induzido pelo conhecimento prévio sobre o conteúdo da leitura, decodificaria apenas as primeiras letras ou palavras de uma sentença e inferiria sobre como ela seria completada. Uma vez confirmada a hipótese, ele prosseguiria na leitura. Do contrário, retomaria o texto do início em busca de novas pistas.

No entanto, reconhecendo vários problemas com modelos de processamento de leitura no estilo *bottom-up*, Rumelhart (2013, p. 719-747) propôs um modelo interativo de leitura, criado pela junção dos processos *bottom-up* e *top-down*. Esse modelo levou em consideração três ações que favoreceriam a compreensão da leitura: i) a percepção das palavras em seu ambiente semântico; ii) a seleção da sintaxe vinculada ao contexto semântico e iii) a interpretação das orações dependentes e das sentenças completas em contexto sociocultural. A nosso ver, no modelo interativo de leitura, o entendimento fraseológico da língua estrangeira torna-se ainda mais pertinente. Uma vez que, para depreender o sentido das UF, é necessário observá-las em seu contexto semântico e pragmático, isto é, é fundamental ter em mente que a seleção sintática de uma UF é fixa e convencionalmente vinculada ao contexto de uso de tal modo que a sua interpretação depende do contexto sociocultural em que está sendo empregada.

Outra técnica de leitura em língua estrangeira é a das leituras intensiva e extensiva (Fernandes; Paula, 2008). Sendo a mais utilizadas em aulas de língua estrangeira, em especial aquelas voltadas para uma abordagem instrumental (Bezerra; Machado; Moreira, 1978), a técnica intensiva prevê três etapas de leitura, visto que busca fornecer ao aprendiz o máximo de compreensão textual. Tais etapas se realizam antes, durante e após a leitura (Coutinho; Silva, 2002).

A primeira etapa consiste em uma leitura preliminar, a qual envolve a identificação de informações tipográficas – aspectos visuais como figuras e ilustrações, data de publicação, autor etc. – que possam ajudar o leitor a melhor se situar no texto e, assim, se preparar para a leitura. A segunda etapa é composta pela leitura efetiva do texto buscando fazer uma sistematização lexical – identificação de informações gerais, palavras que em determinados contextos são transparentes de uma língua a outra e construção de hipóteses – e uma sistematização linguística – reconhecimento dos elementos gramaticais que facilitem a compreensão do texto, tais

como tempos e modos verbais, adjetivos, estruturas morfossintáticas etc. A terceira etapa, por fim, caracteriza-se pela retomada do texto e a redação/tradução em língua materna das informações elementares da mensagem, confirmando a compreensão total da informação. A leitura intensiva é ideal para leitores que estejam nos níveis iniciais de aprendizado da língua estrangeira.

A técnica da leitura extensiva por outro lado propõe que a prática leitora faça parte da rotina do estudante, sobretudo como atividade extraclasse. Em um número mínimo de quatro textos por semana, o leitor estrangeiro tem a oportunidade de aprimorar as suas competências linguísticas, incluindo a prática da leitura em voz alta, graças ao contato com a vertente escrita da língua. A proposta da leitura extensiva é que o estudante adquira autonomia na língua estrangeira, podendo ele próprio escolher o conteúdo e a densidade dos textos que pretende ler, uma vez que a “habilidade de leitura dos alunos melhora quando eles têm um propósito real para ler” (Fernandes; Paula, 2008, p. 92). Por essa razão, a técnica da leitura extensiva requer um nível mais avançado de proficiência na língua alvo.

Uma vez definido o tipo de leitura a ser adotado, é necessário escolher qual a categoria do texto a ser lido, quer dizer, se textos originais ou textos adaptados. Entre os profissionais que atuam com o ensino de línguas estrangeiras, há sempre o questionamento sobre qual categoria de textos é a mais eficiente para o desenvolvimento da competência leitora.

Textos originais não sofrem adaptações que tornam sua compreensão mais fácil para alunos estrangeiros. Eles são retirados de contextos de uso da língua por e para nativos. Já os textos modificados são adaptados para melhor se adequarem aos diferentes níveis linguísticos peculiares a alunos de línguas estrangeiras. As principais modificações que esses textos sofrem dizem respeito à **escolha vocabular**, optando-se por palavras de uso mais frequente e ao uso de estruturas gramaticais menos complexas (Fernandes; Paula, 2008, p. 93, grifo nosso).

Os textos modificados normalmente são encontrados em materiais didáticos e, por isso, também são conhecidos como *documentos didáticos*, quando criados especificamente para o uso em sala de aula. Os textos originais, em contrapartida, são aqueles concebidos para servir a uma comunidade nativa da língua, sem fins pedagógicos. Em função disso, são também conhecidos como *documentos autênticos* e podem ser utilizados tanto em sala de aula quanto indicados como leituras



paradidáticas. Nesse caso, alguns teóricos também empregam o termo *documento didatizado*, quando o documento autêntico é adaptado para o uso didático (Albuquerque-Costa, 2011). Os documentos didáticos são, em geral, voltados para os níveis iniciais de ensino, ao passo que os documentos autênticos configuram um recurso direcionado aos níveis intermediário e avançado, visto que não há como controlar o nível de complexidade linguística ali presente.

Ao considerarmos que as UF são entidades léxicas impregnadas de nuances culturais específicas de uma comunidade linguística, e que seu uso reflete uma aplicação não monitorada da língua, é razoável inferir que tais recursos lexicais sejam mais predominantes em interações conversacionais cotidianas e inconscientes. Nessa perspectiva, as subseções a seguir serão direcionadas à discussão sobre os documentos autênticos. Dado que esta pesquisa se concentra no funcionamento da língua em seu aspecto mais espontâneo e, portanto, repleto de elementos culturais, a análise de documentos autênticos se mostra essencial para obter uma compreensão mais aprofundada da realização desse fenômeno linguístico e das suas implicações para o desenvolvimento da competência leitora.

### 6.3 OS DOCUMENTOS AUTÊNTICOS

Em teorias voltadas para o ensino de línguas estrangeiras, *documento autêntico* é um termo genérico capaz de abarcar toda sorte de material linguístico extraído do patrimônio cultural de uma determinada comunidade de fala (Deluigi; Roggo, 2016, p. 11). Trata-se, portanto, de documentos projetados para atender a necessidades socioculturais e não para o aprendizado escolar. São assim chamados porque permitem ao professor contextualizar a aprendizagem da língua estrangeira em uma situação autêntica, viva e natural de uso da língua (Meyssonnier, 2005, p. 6).

Para melhor conceituar, podemos dizer que

ao contrário dos materiais didáticos, [que são] escritos de acordo com vários critérios linguísticos e pedagógicos, os documentos autênticos são documentos “brutos”, desenvolvidos por francófonos para francófonos [considerando o contexto do ensino de FLE] para fins de comunicação. Trata-se, portanto, de enunciados produzidos em situações reais de comunicação e não com o objetivo de aprender uma língua segunda. Pertencem assim a um conjunto muito extenso de situações de comunicação e **mensagens escritas**, orais e visuais, de incrível riqueza e variedade: desde documentos da vida cotidiana (mapa de uma cidade, horários de trens, folhetos turísticos, etc.) até

aos de natureza administrativa (fichas de inscrição, formulário de abertura de conta bancária ou de obtenção de autorização de residência, etc.) passando por documentos mediáticos escritos, sonoros ou televisivos (artigos, boletins meteorológicos, horóscopos, anúncios, novelas etc.), sem esquecer documentos orais (entrevistas, músicas, conversas ao vivo, trocas espontâneas, etc.), nem aqueles que combinam textos e imagens (filmes, histórias em quadrinhos, etc.) ou aqueles que são exclusivamente iconográficos (fotos, pinturas, charges, etc.). [...] Note-se que alguns teóricos didáticos os chamam de “documentos brutos”, outros preferem caracterizá-los como “**documentos sociais**”<sup>245</sup> (Cuq; Gruca, 2017, p. 404, tradução e grifos nossos)

Ao contrário do que ocorre com os documentos didáticos, os documentos autênticos não sofrem adaptações em termos de seleção lexical ou de estruturas morfossintáticas, em se tratando de documentos escritos, ou de mudanças de entonação ou velocidade de fala, levando-se em conta os documentos orais. Portanto, ele é apresentado ao aprendiz da língua estrangeira em sua forma bruta, original, tal como teria sido apresentado a um público nativo (Courtade, 2014, p. 11). São documentos que provavelmente teriam um uso efetivo na vida diária, profissional ou sociocultural do público a que se destinam.

Embora os textos literários tenham sido os primeiros documentos autênticos a serem explorados em aulas de língua estrangeira, ainda durante a vigência do método tradicional, ainda que tal nomenclatura não tenha sido empregada na época, os documentos autênticos, como ferramenta conceitual e metodológica, apareceram no cenário didático do ensino de línguas estrangeiras na década de 1970 (Gâță, 2014; Cuq; Gruca, 2017).

Nessa esteira, Lherete (2010, p. 3) define os documentos autênticos tal como descrito no Quadro 22, a seguir.

---

<sup>245</sup> No original: *Par opposition aux supports didactiques, rédigés en fonction de critères linguistiques et pédagogiques divers, les documents authentiques sont des documents « bruts », élaborés par des Francophones pour des Francophones à des fins de communication. Ce sont donc des énoncés produits dans des situations réelles de communication et non en vue de l'apprentissage d'une seconde langue. Ils appartiennent ainsi à un ensemble très étendu de situations de communication et de messages écrits, oraux et visuels, d'une richesse et d'une variété inouïes : des documents de la vie quotidienne (plan d'une ville, horaires de train, dépliants touristiques, etc.) à ceux d'ordre administratif (fiches d'inscription, formulaires pour ouvrir un compte bancaire ou pour obtenir une carte de séjour, etc.) en passant par les documents médiatiques écrits, sonores ou télévisés (articles, bulletins météorologiques, horoscopes, publicités, feuilletons, etc.), sans oublier les documents oraux (interviews, chansons, conversations à vif, échanges spontanés, etc.) ni ceux qui allient textes et images (films, bandes dessinées, etc.) ou ceux qui sont uniquement iconographiques (photos, tableaux, dessins humoristiques, etc.). [...] A noter que certains didacticiens les dénomment « documents bruts », d'autres préfèrent les caractériser de « documents sociaux ».*

**Quadro 22** - As características dos documentos autênticos

Ancoragem	Estão inscritos em um espaço e uma sociedade e só são compreendidos em contexto.
	Estão inscritos em um tempo-T e só podem ser lidos a partir de uma perspectiva histórica.
Autor	São o produto de um autor "ator social".
Leitor	São destinados a um grupo de atores sociais.
Forma	Têm um componente essencialmente retórico.
Objetivo	Têm um escopo informativo ou argumentativo.

Fonte: Lherete (2010, p. 3, tradução e adaptação nossa)

A partir da leitura do Quadro 22, constata-se que um documento autêntico é aquele que foi fabricado por falantes nativos da língua, os quais pertencem à uma comunidade de fala específica, com a qual interagem socialmente em um determinado espaço temporal. Tais documentos têm objetivos informativos ou argumentativos e são destinados a leitores que compartilham as mesmas características sociais e temporais que seus autores. Por essa razão, os documentos autênticos apresentam traços retóricos correspondentes aos conceitos sociais da época em que foram produzidos e, por isso, sua compreensão só pode ser feita quando observados de maneira contextualizada.

Gâță (2014, p. 74, *itálicos do autor e negrito nosso*, tradução nossa) ressalta também que

a introdução desse tipo de documento em aulas de línguas permitiu, assim, mesclar o ensino-aprendizagem do **vocabulário**, da civilização, da gramática e de **expressões pragmaticamente determinadas** (do tipo *Como vai, Aí está, E o que mais?*)<sup>246</sup>.

Considerando que as UF são compostas por signos linguísticos complexos, tal como discutido na seção 2, que estão incorporadas no vocabulário de uma dada língua-L; considerando também que as ditas expressões pragmaticamente determinadas, como vimos, são UF do tipo pragmatema, é válido dizer, com base em Gâță (2014), que a inserção do uso de documentos autênticos em aulas de línguas estrangeiras propiciou, dentre outros benefícios, o acesso dos aprendizes à fraseologia da língua alvo.

<sup>246</sup> No original: *L'introduction de ce type de documents en classe de langue permettait ainsi de faire fusionner l'enseignement-apprentissage du vocabulaire, de la civilisation, de la grammaire et des expressions pragmatiquement déterminées (du type Comment ça va, Ça y est, Et avec ça ?)*.

Um bom exemplo do emprego de documentos autênticos em aulas de FLE está, ao menos no que tange a modalidade escrita da língua francesa, nos contos da coletânea de livros infantojuvenis *Le Petit Nicolas*<sup>247</sup> (Gosciny; Sempé, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964) comumente indicada como leitura paradidática durante as aulas dessa língua, quer por recomendação do livro didático (Chatenet et al., 2003; Capelle; Menand, 2009), quer por indicação de *sites* especializados em materiais didáticos de FLE.<sup>248</sup> Por outro lado, por conta das características da opacidade e da não composicionalidade semânticas, falantes estrangeiros demonstram certa dificuldade em compreender expressões pertencentes ao acervo fraseológico de outras línguas presentes em materiais autênticos (Gross, 1996; Monteiro-Plantin, 2014; González-Rey, 2021, entre outros).

Isso dito, para melhor compreender o *corpus* dessa pesquisa, a subseção a seguir é dedicada à explanação da referida obra literária, de modo a contextualizá-la histórica, cultural e socialmente.

### 6.3.1 *Le Petit Nicolas*: um exemplo de documento autêntico

No que tange a prática da leitura em língua estrangeira,

é importante frisar que a leitura está longe de ser uma habilidade passiva, principalmente em se tratando de leitura em língua estrangeira. O leitor que se depara com um texto escrito em uma língua estrangeira, além de buscar construir significado a partir desse próprio texto, ainda terá que lidar com as limitações que a própria língua lhe impõe, no tocante ao seu conhecimento de estruturas gramaticais, de vocabulários e de **temas que abordam questões culturais** que ele desconhece (Fernandes; Paula, 2008, p. 83, grifo nosso).

Os contos da coletânea *Le Petit Nicolas* (Gosciny; Sempé, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964), por exemplo, são tidos como um clássico da literatura infantojuvenil francesa (Chatenet et al., 2003; 2022) e, por essa razão, estão carregados de informações culturais próprias não apenas do recorte geográfico, como também temporal, no qual estão inseridos.

<sup>247</sup> O *Pequeno Nicolas*, em tradução do francês para o português.

<sup>248</sup> A título de exemplificação, podemos citar: <https://www.lepointdufle.net/>, <http://ticsenfle.blogspot.com>, <https://letreflesite.wordpress.com>, <https://www.cia-france.com> (acesso em 27 abr. 2023).

Tendo sido criados em dupla autoria pelos humoristas René Goscinny, responsável pela produção textual, e Jean-Jacques Sempé, encarregado pelas ilustrações, os contos da coletânea *Le Petit Nicolas* surgiram primeiramente em forma de histórias em quadrinhos (HQ) em cores. As tirinhas foram publicadas entre 1955 e 1956 na revista belga *Le Moustique*<sup>249</sup>, na qual Goscinny e Sempé atuavam como colaboradores (Chatenet, 2017).

A Figura 31 apresenta uma das primeiras publicações do *Le Petit Nicolas*, ainda em forma de quadrinhos.

**Figura 31** - Exemplo de tinha do *Le Petit Nicolas*, publicada na revista *Le Moustique* (s/d)



Fonte: Goscinny e Sempé (2017)

A Figura 31 é um recorte de uma tirinha maior, que conta com 11 quadros. Ao todo, foram publicadas 28 tirinhas na revista *Le Moustique*, todas intituladas como *Les aventures du Petit Nicolas*<sup>250</sup>, ilustradas por Sempé e roteirizadas por Goscinny sob o pseudônimo de Agostini (Chatenet, 2017, p. 5). As tirinhas são majoritariamente ambientadas no contexto familiar de Nicolas, tendo como personagens secundários os pais do garoto e o vizinho, o senhor Blédurt. Sempre voltadas para o humor, as tirinhas são construídas a partir de situações da vida cotidiana, tais como a volta do pai para casa após o trabalho, a ida ao barbeiro, ou a visita da avó. Os autores brincam com a espontaneidade pueril de Nicolas, que faz comentários excessivamente sinceros ou age de forma pragmaticamente inapropriada, resultando em consequências cômicas que recaem sempre sobre o seu pai, gerando humor.

Cerca de três anos após deixarem *Le Moustique*, em 1959, Goscinny e Sempé retomaram a escrita do *Le Petit Nicolas*, dessa vez, contudo, em forma de contos

<sup>249</sup> *O Mosquito*, em tradução livre do francês para o português.

<sup>250</sup> *As aventuras do Pequeno Nicolas*, em tradução livre para o português.

ilustrados. As novas histórias foram publicadas entre 1959 e 1965 em dois periódicos franceses: o jornal *Sud-Ouest Dimanche*<sup>251</sup> e a extinta revista infantil *Pilote*<sup>252</sup>. Embora a proposta inicial, a pedido do editor chefe do jornal *Sud-Ouest Dimanche*, tenha sido a criação de uma história única que deveria compor a edição especial de páscoa do jornal, datada de 29 de março de 1959 (Chatenet et al., 2022), as publicações semanais dos contos seguiram-se por aproximadamente sete anos de forma paralela entre os dois periódicos, jornal e revista: no primeiro, as publicações eram realizadas aos domingos. No segundo, às quintas-feiras. A Figura 32 exibe uma das histórias do *Le Petit Nicolas* que foi publicada no jornal *Sud-Ouest Dimanche*.

**Figura 32 - Le Petit Nicolas no jornal *Sud-Ouest Dimanche***



Fonte: Jornal *Sud-Ouest Dimanche* de 9 de agosto de 1959, 10º ano - Nº 526

<sup>251</sup> *Sudoeste Domingo*, em tradução livre do francês para o português.

<sup>252</sup> *Piloto*, em tradução livre do francês para o português.

Como se vê a partir da observação da imagem presente na Figura 32, os contos da série *Le Petit Nicolas* integraram, no jornal *Sud-Ouest Dimanche*, a seção *Le dimanche de nos enfants*<sup>253</sup>, voltada especialmente para o público infantil. Sendo intitutados apenas como *Nicolas*, os contos são posicionados na parte superior da página, ocupando aproximadamente 1/3 da lauda. O texto aqui apresentado está dividido em sete colunas e conta com quatro gravuras em preto e branco que ilustram as cenas da história. Ao centro, cercada por uma borda quadrada, está inscrita a referência aos autores: *par Sempé et Goscinny* (*por Sempé e Goscinny*, em tradução livre). Além do conto *Nicolas*, a seção também dispõe de outras duas histórias ilustradas no formato de HQ.

Nos contos, escritos em primeira pessoa, uma criança de aproximadamente oito anos, Nicolas, narra a sua vida, em especial sua rotina na escola, e conta suas impressões, sempre a partir de uma ótica infantil e humorística, sobre os seus amigos e sobre os adultos que o rodeiam. Os seus colegas de classe, todos com nomes estranhos – Alceste, Rufus, Eudes, Geoffroy, Maixent, Joachim, Clotaire e Agnan –, as suas amigas – Marie-Edwige e Louise – –, que aparecem sempre fora do contexto escolar, assim como os seus pais, o vizinho Blédurt, a sua professora e o inspetor da escola – o senhor Bubon, apelidado pelas crianças de Le Bouillon<sup>254</sup> –, constroem o cenário e favorecem o lado jocoso das narrativas.

Ainda que o jornal *Sud-Ouest Dimanche* seja uma edição dominical do jornal *Sud-Ouest* que se propõe a trazer notícias do fim de semana, o alcance de sua cobertura tende a ser em uma escala global, oferecendo ao público leitor atualizações gerais, esportivas e culturais de todo o mundo. A título de exemplificação, em 6 de setembro de 1959, foi noticiada a construção da cidade de Brasília. A Figura 33, a seguir, mostra uma parte da reportagem, intitulada *Une capitale en plein désert: Brasília* (*Uma capital em pleno deserto: Brasília*, em tradução livre para o português), que narra a construção de Brasília através do olhar do poeta francês André Malraux, o qual visitou, no mesmo ano, os canteiros de obras da então futura capital brasileira.

---

<sup>253</sup> *O domingo de nossas crianças*, em tradução livre do francês para o português.

<sup>254</sup> O Caldo, em tradução livre do francês para o português.





Figura 34 - La guerre froide de l'humour



Fonte: Jornal Sud-Ouest Dimanche de 14 de junho de 1959, 10º ano - Nº 518

Embora o jornal *Sud-Ouest Dimanche* noticiasse questões voltadas para a evolução mundial, tais como a grande construção de Brasília ou ainda sobre manifestações artísticas relacionadas ao cinema, teatro e esporte, ao observarmos o contexto histórico político, não apenas a nível regional como também mundial, que esteve vigente durante no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, percebemos, sobretudo ao consultar os exemplares originais do jornal, que havia uma atmosfera predominantemente de guerra sendo noticiada, mesmo antes da estreia do quadro *Nicolas*.

Relatos frequentes de tensões políticas e conflitos diversos tais como a guerra civil na Argentina, publicada em 5 de março de 1959; os confrontos entre a França e o *Front de Libération Nationale*<sup>255</sup> (FLN), constantemente noticiados até o fim da guerra que levou à independência da Argélia em 19 de março de 1962; a Guerra do Vietnã, as tensões políticas em Cuba e incidentes de racismo nos Estados Unidos da América, mencionados na edição de 3 de novembro de 1963, por exemplo; a notícia do assassinato do então presidente dos Estados Unidos da América, John F. Kennedy, anunciada em 24 de novembro 1963; a migração clandestina de portugueses para a França, suscitada pela ditadura de António Salazar em Portugal,

<sup>255</sup> Frente de Liberação Nacional, em tradução livre do francês para o português.

noticiada em 1 de março de 1964, assim como as frequentes atualizações sobre a Guerra Fria, eram destaque em quase todas as edições do jornal *Sud-Ouest Dimanche* durante o período em que as histórias de *Nicolas* foram reproduzidas.

Nesse sentido, e a partir da nossa percepção, acreditamos que a coluna *Le dimanche de nos enfants*, bem como o aumento de séries humorísticas – incluso os contos de *Nicolas* – surgiu como uma tentativa da equipe editorial do jornal em oferecer um contraponto à atmosfera pesada das notícias de guerra, proporcionando aos leitores momentos de leveza e entretenimento através do humor que servissem de válvula de escape às tensões políticas da época.

Embora não consigam exemplificar à exaustão, as imagens expostas na Figura 35, mais adiante, ilustram a ampla gama de reportagens do jornal *Sud-Ouest Dimanche* que cobriram os conflitos políticos ocorridos em várias regiões do mundo durante o período compreendido entre os anos de 1959 e 1964. A análise dessas reportagens nos permite fazer uma contextualização das dinâmicas geopolíticas que permeavam a época em que os contos foram escritos, dando um indício das perspectivas jornalísticas adotadas pelo *Sud-Ouest Dimanche*. Mesclar uma vasta cobertura das tensões políticas que eram de interesse global a uma alta produção de conteúdos voltados para o humor nos parece ter sido uma escolha proposital.

**Figura 35** - Foto montagem – recortes do jornal *Sud-Ouest Dimanche*



Fonte: Jornal *Sud-Ouest Dimanche* de 3 de mai. de 1959, 10º ano - Nº 512 (imagem 1); 10 de abr. de 1960, 11º ano - Nº 561 (imagem 2); 23 de abr. de 1961, 12º ano - Nº 614 (imagem 3); 25 de fev. de 1962, 14º ano - Nº 658 (imagem 4); 03 de nov. de 1963, 15º ano - Nº 749 (imagem 5) e 09 de ago. de 1964, 15º ano - Nº 789 (imagem 6).

Em tradução livre para o português, os recortes do jornal *Sud-Ouest Dimanche*, selecionados na Figura 35, apresentam as seguintes notícias: na imagem 1, “O seu filho na Argélia”, a reportagem narra, através do testemunho do soldado Michel Rigaud, o cotidiano dos jovens franceses que serviam ao exército na linha de frente dos combates na Argélia; a imagem 2 contém uma manchete que anuncia o atentado ocorrido contra o então primeiro ministro da África do Sul, Hendrik Frensch Verwoerd, aqui tratado de Doutor Verwoerd; na imagem 3, é anunciado que “O general Olié, nomeado comandante chefe das forças armadas na Argélia, partiu ontem para Argel”; a imagem 4, “Quatro horas de tiroteio: 20 mortos em Bab El-Oued”, faz referência ao que ficou conhecido como o Cerco de Bab El-Oued (Crochet; Piouffre, 2009), episódio no qual o exército francês foi confrontado pela *Organisation de l'armée secrète*<sup>256</sup> (OAS) no bairro Bab El-Oued da capital argelina; na reportagem da imagem 5, “De Gaulle no funeral de Kenedy”, é relatada a ida do general francês Charles de Gaulle aos Estados Unidos da América para participar do velório do então presidente John F. Kenedy; a imagem 6, por fim, anuncia: “Chipre: gregos e turcos à beira de uma guerra”.

Apesar de toda a carga negativa presente nos jornais ao longo das edições publicadas entre 1959 e 1964, as quais dão uma visão detalhada dos eventos políticos que moldaram o cenário internacional nesse intervalo temporal, é visível o sucesso conquistado pelas histórias de *Nicolas*. Ao examinaros a organização gráfica dos jornais publicados nesse período, isto é, o *layout* jornalístico adotado na época, é possível constatar um contínuo crescimento no destaque dado aos contos, indicando que a aceitação das histórias pelo público leitor foi imediata.

No decorrer do primeiro ano após a inclusão definitiva das histórias do *Le Petit Nicolas* à coluna *Le dimanche de nos enfants*, os desenhos de Sempé, exibindo sempre os mesmos traços artísticos adotados para a ilustração dos contos, passaram a estampar também outras notícias, majoritariamente campanhas publicitárias de produtos diversos, ou simplesmente charges humorísticas relacionadas a temas do cotidiano, tais como uma ida ao restaurante ou afazeres domésticos. Entretanto, propagandas fazendo referência aos próprios contos de *Nicolas*, sempre estampadas na primeira página do jornal, como pode ser visto nos recortes expostos na Figura 36,

---

<sup>256</sup> Organização armada secreta, em tradução livre para o português.

a seguir, também se tornaram frequentes já no primeiro ano de publicação das histórias.

**Figura 36** - Propaganda das histórias de *Nicolas* no jornal *Sud-Ouest Dimanche*



Fonte: Jornal *Sud-Ouest Dimanche* de 27 de set. de 1959, 10º ano - Nº 533 e de 4 de out. de 1959, 10º ano – Nº 534

A Figura 36 exibe dois recortes do jornal *Sud-Ouest Dimanche* datados de 27 de setembro e 4 de outubro de 1959. Ambos os desenhos fazem propaganda das aventuras de *Le Petit Nicolas* e integram a primeira página do jornal, concorrendo com as chamadas para outras reportagens relacionadas a conflitos políticos como a Guerra da Argélia e a Guerra Fria. A imagem da esquerda, em tradução livre para o português, diz: “Até mesmo Kiki... que só gosta de marrom glacê, lê as Aventuras de Nicolas”, seguido da indicação de onde se encontra a história de Nicolas dentro do jornal, isto é, a página 13. O mesmo modelo propagandístico é utilizado na imagem da direita, na qual está escrito: “Até mesmo avô... que só gosta das reportagens, lê as Aventuras de Nicolas”, sugerindo que os contos não eram destinados exclusivamente ao público infantil. Embora não esteja legível, acreditamos que aqui também havia a indicação da página, em vermelho na parte inferior da imagem, onde se encontra a história de *Nicolas* no exemplar em questão.

Além das propagandas às aventuras de Nicolas, única da coluna humorística a integrar a primeira página do jornal, Goscinny e Sempé também passaram a realizar

coberturas jornalísticas fora do quadro infantil, tal como o exibido no recorte de 8 de maio de 1960.

Figura 37 - Sempé e Goscinny fora da coluna *Le dimanche de nos enfants*

# Goscinny et Sempé assistaient au mariage

**D** EN BONNE SAISON, il nous proposons au journal de faire un reportage sur le mariage ?

Sempé me regarda avec deux yeux grands ouverts.

« Quel mariage ? » me demanda-t-il.

« Celui de Margaret, pardieu ? »

« Margaret ? »

« Mais oui, la princesse Margaret, elle se marie avec un photographe, Tony Armstrong-Jones ».

« Dans lequel ? » me dit Sempé, qui, les journaux, ne regarde que les nouvelles humoristiques en poussant d'affranchissement à la vue de ceux qui ne sont pas falls par lui.

« Ce sera formidable, dit-il. Le mariage se passe en Angleterre. Alors nous aurons des journaux de nous suivre partout dans tous les pays. On va bien réussir et il paraît qu'en Angleterre, on peut acheter des impressions, des polycopiés et du whisky à des prix très avantageux ».

« Et des vestes en tweed ? » me demanda Sempé, les yeux brillants de convoitise.

« Bien sûr ! »

« Et tu crées que le journal marche ? » me dit Sempé.

« Laissons faire », lui répondis-je. Le journal n'a pas marché.

Et voilà la raison pour laquelle nous avons été obligés de faire ce reportage en regardant la télévision chez moi. Le jour où on avait accepté de faire ce reportage, j'ai demandé à nos amis de nous accompagner. Ils ont dit que ça leur semblait bien, mais ils ont dit qu'ils n'ont pas le temps de venir avec nous.

« Ça commence bien », dit Sempé.

« Comment trouves-tu que le journal se vende ? » me dit Sempé.

« Ça va », lui dis-je.

« Ça va », me dit-il.

« Comment trouves-tu que le journal se vende ? » me dit Sempé.

« Ça va », lui dis-je.

« Ça va », me dit-il.

« Ça va », me dit-il.

« Comment trouves-tu que le journal se vende ? » me dit Sempé.

« Ça va », lui dis-je.

« Ça va », me dit-il.

« Comment trouves-tu que le journal se vende ? » me dit Sempé.

« Ça va », lui dis-je.

« Ça va », me dit-il.

**Pour le NYLON DIP-NU... le vrai !**  
avec DIP-NU... nous vous garantissons

Fonte: Jornal *Sud-Ouest Dimanche* de 8 de maio de 1960, 11º ano - Nº 564

Em reportagem publicada no nº 564, Sempé e Goscinny cobrem, através de um olhar satírico, o casamento da princesa da Inglaterra Margaret com o fotógrafo Antony Armstrong-Jones, ocorrido em 6 de maio do mesmo ano. Embora não fizesse parte direta do conto *Nicolas* publicado nesse número do jornal, a reportagem é ilustrada com o desenho do personagem *Nicolas* assistindo ao casamento pela televisão.

Ainda no ano de 1960, foi publicada uma reportagem, datada de 30 de outubro, na qual foi anunciado o lançamento do primeiro livro, assinado por Goscinny e Sempé, produzido a partir da compilação de 19 contos de *Nicolas*, e intitulado *Le Petit Nicolas*, como se vê na Figura 38 mais à frente.

**Figura 38** - Reportagem sobre o lançamento do livro *Le Petit Nicolas* (Goscinnny; Sempé, 1960) no jornal *Sud-Ouest Dimanche*



Fonte: Jornal *Sud-Ouest Dimanche* de 30 de outubro de 1960, 11º ano - Nº 589

Tendo como destaque a foto da capa do livro, composta por uma gravura com os traços característicos de Sempé na qual estão ilustrados Nicolas e seus colegas na saída da escola, a reportagem destaca que o livro foi produzido após o recebimento, por parte da edição do jornal, de numerosas cartas dos leitores que questionavam quando as histórias de Nicolas estariam disponíveis nas livrarias. A reportagem fala ainda sobre o processo criativo de concepção dos contos e menciona detalhes da vida pessoal dos autores, além de indicar a casa editorial responsável pela publicação do livro: a Editora Denoël.

A partir de 12 de fevereiro de 1961, ainda integrando a coluna *Le dimanche de nos enfants*, foram incorporados, ao espaço dedicado a alguns contos de *Nicolas*,

anúncios publicitários, como os que estão expostos na Figura 39. Dentro do quadro infantil, *Nicolas* foi a único conteúdo a receber propagandas, sugerindo, a nosso ver, que as histórias tinham conquistado um espaço de prestígio dentro da estrutura editorial do jornal.

Figura 39 - Incorporação de anúncios publicitários aos contos de *Le Petit Nicolas*



Fonte: Jornal *Sud-Ouest Dimanche* de 12 de fevereiro de 1961, 12º ano - Nº 604

No canto inferior direito do recorte de jornal da Figura 39, quatro anúncios publicitários compartilham o espaço destinado ao conto de *Nicolas*: a propaganda de um salão de beleza na cidade de Bordeaux; de um folhetim de histórias sobrenaturais; de um tira-manchas e de um suplemento natural que auxilia no tratamento de doenças do fígado. A diversidade dos produtos anunciados nesta página também indica, em nossa leitura, o sucesso que os contos de Gosciny e Sempé havia conquistado junto aos leitores. Acreditamos que a inclusão de propagandas ao lado dos contos revela que *Nicolas* seria o quadro de maior audiência do jornal, sendo, possivelmente, aquele com maior potencial de alcance do público-alvo, proporcionando mais exposição dos anúncios.

Após a publicação do primeiro livro, *Le Petit Nicolas*, em 1960, outras histórias de *Nicolas* foram editoradas em formato de livro. Assim, de 1960 a 1964 foi lançado um livro por ano, a saber: *Le Petit Nicolas* (1960); *Les récrés du Petit Nicolas* (1961);

*Les vacances du Petit Nicolas* (1962); *Le Petit Nicolas et les copains* (1963) e *Le Petit Nicolas a des ennuis* (1964)<sup>257</sup>.

Atestando a aderência das histórias de *Nicolas* ao público leitor, além da qualidade literária dos contos, o *Sud-Ouest Dimanche* publicou, em 16 de fevereiro de 1964, uma matéria comemorativa anunciando que o livro *Le Petit Nicolas et les copains* (Goscinnny; Sempé, 1963) havia sido contemplado, na categoria de livro mais engraçado do ano, com o Prêmio Alphonse Allais, distinção literária francesa concedida anualmente, desde 1954, pela Academia Alphonse Allais. O recorte da matéria pode ser visto na Figura 40.

**Figura 40** - Matéria comemorativa sobre o recebimento do Prêmio Alphonse Allais



Fonte: Jornal *Sud-Ouest Dimanche* de 16 de fevereiro de 1964, 15º ano - Nº 761

Na foto da Figura 40, Goscinnny, à esquerda, usando um gorro de cozinheiro, e Sempé, à direita, aparecem preparando crepes francesas<sup>258</sup>. Na descrição da imagem, é relatado que o sorriso dos autores é devido à premiação conferida na última quarta-feira. O recebimento em 1964 do Prêmio Alphonse Allais, uma das mais importantes premiações literárias da França, evidenciou a permanência do sucesso

<sup>257</sup> *O Pequeno Nicolas* (1960); *Os recreios do Pequeno Nicolas* (1961); *As férias do Pequeno Nicolas* (1962); *O Pequeno Nicolas e os amigos* (1963); *O Pequeno Nicolas está com problemas* (1964), tradução nossa.

<sup>258</sup> A título de curiosidade, informamos que tradicionalmente, na França, o mês de fevereiro é considerado como o período de maior consumo de crepes, devido às comemorações das festas religiosas da *Chandeleur* (Candeias), em 2 de fevereiro.



alcançado pelos contos e cunhou *Le Petit Nicolas* como uma importante produção cultural desse país.

Para além da consagração alcançada pelas histórias, tanto por parte dos leitores quanto através do seu reconhecimento como obra literária de excelência, a trajetória do *Le Petit Nicolas* dentro do jornal *Sud-Ouest Dimanche* revela que os contos não foram pensados como um recurso de entretenimento aleatório, mas sim como uma expressão artística e textual criada para atender a uma demanda sociocultural específica. Como antes mencionado, ao analisar o contexto histórico mundial abordado pelo jornal entre 1959 e 1964, acreditamos que *Le Petit Nicolas* tenha surgido para suprir uma necessidade sentida por um grupo particular em obter diversão, indicando uma intencionalidade por trás da obra.

Entretanto, observamos também que, a partir de um dado momento, houve um desinteresse gradual, por parte do corpo editorial, em manter o conteúdo infantil ou humorístico na programação jornalística.

Já após o término da Guerra da Argélia, em 19 de março de 1962, houve uma ruptura na publicação da coluna *Le dimanche de nos enfants*: a partir da edição de 21 de julho de 1962, a coluna foi excluída, sendo substituída por uma HQ, embora as histórias do *Le Petit Nicolas* tenham continuado a serem veiculadas de forma independente em outras partes do jornal. Esse formato alternativo persistiu até 22 de setembro de 1963, quando a coluna *Le dimanche de nos enfants* retorna à programação, reintegrando os contos de Nicolas. Ainda assim, em 20 de dezembro de 1964, a coluna é reduzida de tamanho na formatação gráfica do jornal, confirmando o possível desinteresse por parte dos editores em manter o conteúdo infantil, o qual aparentemente não era mais necessário como estratégia amenizadora das notícias de guerra.

Apesar da retomada da coluna, após um hiato de mais de um ano, a redução do espaço a ela destinado coincide com o início do declínio da frequência das histórias de *Le Petit Nicolas* no jornal. A partir de 1964, os contos vão, gradativamente, deixando de ser publicados. Ao longo desse ano, apenas 14 contos foram editados no jornal: de janeiro a junho, as publicações foram feitas com uma frequência alternada de um conto a cada dois números do jornal. Durante os meses de julho, agosto, setembro e novembro, foram publicados apenas um conto por mês. Em outubro e dezembro não houve nenhuma publicação.

Tal percepção é reforçada através da análise da revista *Pilote*, na qual os contos seguem uma trajetória muito semelhante: assim como ocorreu no *Sud-Ouest Dimanche*, a revista infantil *Pilote*, criada em 29 de outubro de 1959, tendo Goscinny como membro fundador, ocupando o cargo de secretário de redação, traz, desde a sua primeira edição, ainda que de maneira mais sutil, referências à temática da guerra. Seja pela presença de uma coluna dedicada aos ditos heróis de guerra, seja pela veiculação de relatos da Segunda Guerra Mundial, ou mesmo através de campanhas de alistamento militar, é notável que esse era um tema ativo na cultura francesa da época, tal como exemplificado na Figura 41.

**Figura 41** - Campanha de alistamento militar na revista *Pilote*



Fonte: revista *Pilote* de 9 de julho de 1964 – 6º ano, nº 246

A capa da revista *Pilote* de 9 de julho de 1964 traz como destaque, abaixo do logo da revista, a imagem desenhada de jovens soldados, empunhando armas e correndo no que parece ser um campo de batalha, seguidos de tanques e helicópteros de guerra, tendo como plano de fundo nuvens de fumaça em tons marrom avermelhado, criando uma atmosfera de combate. Em letras garrafais, no canto superior esquerdo, a manchete: *Notre grand reportage. L'armée de demain* (A nossa grande reportagem. O exército de amanhã, em tradução livre). A imagem faz alusão à reportagem, que cobre cinco páginas da revista, na qual é descrito, em detalhes e de forma bastante poética, o cotidiano dos jovens que estão cumprindo o serviço obrigatório nas forças armadas francesas.

Embora a temática da guerra fosse recorrente, a revista, por estar voltada especificamente para o público jovem, também apresenta uma abordagem educativa,

incorporando ao conteúdo editorial artigos teóricos sobre física, química e matemática, por exemplo. Além disso, também são propostas atividades lúdicas de passatempo, como fotografia, filatelia, numismática e cinema.

Orientações sobre normas e práticas sociais a serem adotadas em determinadas situações, como em viagens de trem ou à mesa, também são abordadas, evidenciando, a nosso ver, o caráter formativo que a revista desempenhava para os jovens da época. Ademais, o periódico explora ainda a vida de celebridades do universo juvenil, como cantores, atletas e estrelas de cinema, além de falar da diversidade cultural existente fora da França, apresentando, dentre outras, matérias sobre curiosidades de outros países, tais como as tradições dos povos indígenas na Amazônia e em comunidades autóctones de países africanos, como demonstrado na Figura 42.

Figura 42 - Foto montagem – recortes e capas da revista *Pilote*



Fonte: revista *Pilote* de 17 de dez. de 1959 – 1º ano, nº 8; 25 de fev. de 1960 – 2º ano, nº 18; 26 de jan. de 1961 – 3º ano, nº 66; 12 de abr. de 1962 – 4º ano, nº 129; 29 de ago. de 1963 – 5º ano, nº 201

A Figura 42 agrupa dois recortes e três capas da revista *Pilote* com exemplos da diversidade de temas abordados pela equipe editorial. Na primeira imagem, extraída do número 8 da revista, datado de 17 de dezembro de 1959, a reportagem intitulada “Aqui está o Novo Franco” (em tradução livre para o português) busca

ensinar para as crianças como deve ser feita a conversão de câmbio entre o franco e o novo franco após a reforma monetária que estaria em vigor no país em 1 de janeiro do ano seguinte. Na imagem 2, “No Brasil com os nossos campeões” (em tradução livre), é relatada como se deu a partida da comitiva formada pelos jovens europeus que participariam do Campeonato Universitário Mundial realizado na cidade de Porto Alegre, no Brasil, entre 30 de agosto e 8 de setembro de 1963.

As capas exibidas das imagens 3, 4 e 5, datadas respectivamente de 25 de fevereiro de 1960, 26 de janeiro de 1961 e 12 de abril de 1962, estão configuradas seguindo basicamente o mesmo padrão estético, qual seja, uma fotografia que cobre quase toda a extensão da página sobreposta por uma frase curta que chama a atenção do leitor para a principal matéria daquela edição: os rodeios do Arizona, uma viagem a Moçambique e a vida do cantor Johnny Hallyday.

No que tange ao *Le Petit Nicolas*, percebemos que, tal como acontece no jornal *Sud-Ouest Dimanche*, há um aumento progressivo do destaque atribuído às histórias na formatação da revista, conforme evidenciado na Figura 43.

**Figura 43** - Primeira publicação do conto *Nicolas* na revista *Pilote*



Fonte: revista *Pilote* de 29 de outubro de 1959 – 1º ano, nº 1

A Figura 43, corresponde ao primeiro conto de *Nicolas* publicado na revista *Pilote*, isto é, a edição inaugural do periódico. Como pode ser observado na Figura 43, os contos foram sendo inicialmente integrados à coluna *Le club des joueurs*<sup>259</sup>, a qual está disposta entre as páginas 18 e 19, ocupando aproximadamente 1/3 da dupla paginação. O espaço dedicado à história é contornado por figuras representativas do tema abordado no conto: botas e chapéus de cowboys, espingardas, cactos e outras imagens que remetem ao universo de faroeste, criando uma moldura para o conto e separando-o dos demais artigos que compõem a coluna, quais sejam, seis matérias com dicas de experimentos, brincadeiras e outras histórias ilustradas.

Ainda em conformidade com o que vinha acontecendo no jornal *Sud-Ouest Dimanche*, os primeiros contos publicados na revista *Pilote* eram publicados apenas como *Nicolas*. Entretanto, já a partir do número 8, datado de 17 de dezembro de 1959, as histórias passam a receber títulos, se enquadrando cada vez mais no formato literário de conto. O conto da edição de número 8 foi intitulado como *La photo de la classe* (*A foto da turma*, em tradução livre para o português). Esse é o mesmo conto que viria a ser o primeiro do livro *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960), intitulado, porém, como *Un souvenir qu'on va chérir*<sup>260</sup>.

Revelando o quanto a presença das histórias de *Nicolas* evoluiu ao longo das edições da revista *Pilote*, destacamos as seguintes observações: i) a partir do número 15, os contos saem da coluna *Club des Joueurs*, passando a ocupar um quadro próprio; ii) do número 64 em diante, observa-se uma mudança na disposição dos contos, que passam a figurar predominantemente no início da revista, entre as páginas 2 e 4. Tal formatação se segue até o número 137, quando a história passa a ser dividida em duas partes, sendo a primeira apresentada nas páginas iniciais da revista e a segunda ao final. Essa estratégia, acreditamos, visava engajar os leitores a percorrer todo o conteúdo veiculado na revista, destacando a alta relevância dos contos; iii) embora não tenha sido uma mudança sistemática, alguns contos, a partir do número 79, passaram a ocupar uma página inteira. Isso aconteceu, por exemplo, nos números 80, 81 e 177; iv) alinhando-se aos títulos dos livros já publicados até então, isto é, *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960); *Les récrés du Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1961); *Les vacances du Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1962), a

<sup>259</sup> O clube dos jogadores, em tradução livre para o português.

<sup>260</sup> Uma lembrança para guardar com carinho, na tradução oficial de língua portuguesa de Rivera (1997).

partir do número 119, o quadro passou a ser nomeado como *Le Petit Nicolas*, e não apenas *Nicolas*. Contudo, cada conto continuou a receber um título individual.

As imagens da Figura 44 exemplificam as mudanças ocorridas na coluna *Nicolas* em *Pilote*.

Figura 44 - Exemplos de publicação de *Le Petit Nicolas* na revista *Pilote*



Fonte: revista *Pilote* de 25 de maio de 1961 – 3º ano, nº 83 e de 1 de fevereiro de 1962 – 4º ano, nº 119

Na Figura 44, estão reproduzidas, de forma fac-símile, a página 4 do número 83 da revista *Pilote* de 25 de maio de 1961, à esquerda, e, igualmente, a página 4, do número 119, de 1 de fevereiro de 1962, à direita. Na primeira imagem, vê-se que o conto, mesclando quatro colunas de texto a seis ilustrações, ocupa toda a dimensão da página. No canto superior direito, destacado em vermelho, está o título da coluna: *Nicolas*. Logo abaixo, em preto e em caixa alta, o título do conto em questão: *On a Apprivoisé M. Courteplaque* (A gente cativou o Sr. Courteplaque, em tradução livre).

Na segunda imagem, por outro lado, a lauda dedicada ao conto é compartilhada com o anúncio de que, pelo segundo ano consecutivo, Claudine Vanson, piloto francesa de rali, havia ganhado o campeonato francês de automobilismo. O anúncio ocupa 1/4 da página. Ainda que o espaço não tenha sido exclusivamente reservado ao conto, acreditamos que o teor do anúncio seja muito relevante, indicando o prestígio da coluna *Nicolas*. Além disso, na parte central superior da página,

destacado em azul, está apontado o novo nome da coluna: *Le Petit Nicolas*. Na sequência, o título do conto, em preto e em caixa alta: *Hoplà* (interjeição de língua francesa utilizada para chamar a atenção ou para indicar movimento).

O aumento no destaque conferido aos contos na revista *Pilote* reflete não apenas o crescimento da popularidade de *Le Petit Nicolas* enquanto obra literária, como também dá indícios do amadurecimento profissional dos autores, enquanto escritor e ilustrador, o que também é perceptível através da análise linear dos números da revista publicados entre 1959 e 1965. Para além das contribuições voltadas para a criação das histórias de *Le Petit Nicolas*, René Goscinny também se destaca por outros projetos, em colaboração com outros desenhistas, a exemplo das aventuras de Asterix e Obelix, também difundidas na revista *Pilote*. De igual forma, no número 218, de 26 de setembro de 1963, é noticiado o lançamento do livro individual, em formato de álbum, de Sempé, evidenciando o alcance e a diversidade das produções de ambos os artistas, como ilustrado na Figura 45.

Figura 45 - Goscinny e Sempé em *Pilote*



Fonte: revista *Pilote* de 28 de fevereiro de 1963 – 5º ano, nº 175 e 26 de dezembro de 1963 – 5º ano, nº 218

As imagens da Figura 45 dão exemplos do destaque de Goscinny e Sempé na revista *Pilote*. À esquerda, com o título *Pour Goscinny, auteur du Petit Nicolas, le critique le plus impitoyable : sa mère* (Para Goscinny, autor do *Petit Nicolas*, a crítica mais implacável: sua mãe, em tradução livre), a reportagem extraída do número 175, de 28 de fevereiro de 1963, explora o processo criativo de Goscinny para a escrita

dos contos *Le Petit Nicolas*, além da amizade entre o autor e o quadrinista Sempé, aprofundando para os leitores a relação entre os criadores e a obra. Na imagem à direita, estão desenhos extraídos do livro *Tout se complique* (*Tudo se complica*, em tradução livre), assinado por Sempé. A reportagem *Réveillez avec notre ami Sempé* (*Passem o réveillon com nosso amigo Sempé*, em tradução livre), explica que o livro, de caráter humorístico, tem como objetivo narrar histórias engraçadas vividas durante o réveillon. No texto, é mencionado que “é inútil lembrar que ele [Sempé] é considerado o melhor desenhista humorístico de sua geração”<sup>261</sup>.

Ao longo das edições da revista, além de outras reportagens que destacam a importância cultural dos contos *Le Petit Nicolas* e o progresso profissional dos autores, tais como o anúncio do lançamento do primeiro livro *Le Petit Nicolas* (Gosciny; Sempé, 1960) e dos volumes subsequentes da série literária, além da conquista do Prêmio Alphonse Allais, a notoriedade alcançada por Gosciny e Sempé é confirmada no número 172, datado de 7 de fevereiro de 1963, quando os dois se tornam personagens de uma HQ, tendo uma tirinha publicada a cada semana, tal como o exposto na Figura 46.

**Figura 46** - Gosciny e Sempé como personagens de HQ em *Pilote*



Fonte: revista *Pilote* de 7 de fevereiro de 1963 – 5º ano, nº 172

No universo das HQ, o recurso de *voz off*, isto é, as narrações ou pensamentos dos personagens que transmitem informações adicionais sobre o contexto da cena em questão, é graficamente simbolizado por caixas de texto adicionadas na borda superior ou inferior do quadro e pela formatação em itálico do texto. Nesse sentido, na *voz off* presente no primeiro e no segundo quadro da tirinha exibida na Figura 46, é contextualizado que “há poucos dias, dois dos nossos colaboradores caminhavam

<sup>261</sup> No original: *il est inutile de vous rappeler qu'il est considéré comme le meilleur dessinateur humoriste de sa génération.*



tranquilamente no cais de um pequeno porto bretão... quando...<sup>262</sup>”, dando início à HQ *Obélisc’h* protagonizada por Goscinny e Sempé.

Segundo os estudos em didática do ensino de línguas estrangeiras, um documento autêntico é aquele que, como vimos, foi concebido para atender a uma demanda sociocultural de uma determinada comunidade linguística. Sob essa perspectiva, os documentos autênticos são entendidos como sendo o produto de um recorte social, geográfico e temporal específico, cuja compreensão plena requer uma análise ancorada na história e na cultura que perpassa pela língua em processo de aprendizado. Sendo assim, admite-se que os autores de tais documentos sejam agentes sociais que produzem um determinado conteúdo para ser consumido por outros membros que estejam igualmente inseridos nesse tecido social de base. Assim, a legitimidade de um documento autêntico não se limita apenas à sua origem, mas também, e sobretudo, à sua interação com a comunidade de consumidores daquele produto.

À vista disso, evidências da autenticidade das histórias de *Le Petit Nicolas* são encontradas na forma como os contos foram recebidos pela sociedade e integrados ao contexto sócio-histórico daquele período. Como destacamos, a publicação das aventuras de *Le Petit Nicolas*, tanto na revista *Pilote* como no *Jornal Sud-Ouest Dimanche*, ao lado de anúncios comerciais e de notícias importantes da época, demonstra sua relevância e popularidade para a cultura francesa da década de 1960. Por outro lado, a relação direta entre o conteúdo de tais publicidades, ou mesmo de eventos sociais diversos, e o tema dos contos é reveladora do seu caráter autêntico.

Por exemplo, no número 80, datado de 4 de maio de 1961, o personagem Nicolas integra a capa da revista. No mesmo número, é anunciada a 40ª edição da Copa Francesa de Futebol que aconteceu naquele ano. Em conformidade com o evento esportivo anunciado, o tema escolhido para o conto dessa edição também foi sobre futebol, intitulado *Le grand match* (*A grande partida*, em tradução livre). Essa escolha indica a adequação dos contos à realidade da sociedade na qual estavam inseridos. Outro exemplo que ratifica os contos do *Petit Nicolas* como documentos autênticos está no número 104, datado de 19 de outubro de 1961. Nele, o conto intitulado *Le stylo* (*A caneta*, em tradução livre) aparece ao lado da propaganda da recém lançada caneta recarregável Visor Pen 7. No conto dessa edição, Geoffroy, um

---

<sup>262</sup> No original: *Il y a de cela quelques jours, deux de nos collaborateurs se promenaient tranquillement sur les quais d'un petit port breton... quand...*

dos colegas de turma de Nicolas, ganha uma caneta recarregável de seu pai. Ainda que no conto não seja mencionada diretamente a caneta Visor Pen 7, tanto a descrição feita por Goscinny, quanto a ilustração de Sempé fazem alusão à caneta da publicidade, que vem acompanhada do slogan “Peça-a [a caneta] a sua mãe...<sup>263</sup>”, reforçando ainda mais o caráter autêntico do conto, dado que, a nosso ver, visa a fomentar a compra do objeto anunciado.

Ainda como forma de validar a autenticidade dos contos da coletânea *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964), podemos citar o fato de que todas as histórias publicadas entre os números 39 e 50, isto é, entre 21 de julho e 6 de outubro de 1960, e também entre os números 94 e 102, ou seja, de 10 de agosto a 10 de outubro de 1961, períodos correspondentes ao verão europeu e, consecutivamente, às férias escolares, tiveram como temática principal o contexto de férias, mostrando mais uma vez a adequação dos contos à vida real. Além disso, foi o agrupamento desses contos, publicados durante os verões de 1960 e de 1961, que resultou no livro *Les vacances du Petit Nicolas*<sup>264</sup> (Goscinny; Sempé, 1962).

Por fim, o número 136, datado de 31 de maio de 1962, edição especial da revista em comemoração à Copa do Mundo daquele ano, intitulada *Pelé : roi du football* (*Pelé: rei do futebol*, em tradução livre), apresenta, em destaque na capa, o futebolista brasileiro Pelé ao lado do personagem Nicolas e sua turma, simbolizando uma intersecção entre a vida real, através do universo do futebol, e a narrativa ficcional de *Le Petit Nicolas*. A união de um ícone do esporte mundial a um personagem da literatura infantojuvenil evidencia a relevância e a popularidade tanto do futebol quanto dos contos na cultura francesa da época. Tal associação, ocorrida antes mesmo da seleção brasileira se consagrar como bicampeão da Copa do Mundo de 1962, ressalta o impacto cultural e a influência dessas figuras, Pelé e Nicolas, na imaginação coletiva dos leitores da revista *Pilote*. Além disso, a história publicada nessa edição também tem como tema principal o futebol, trazendo o conto *Match nul* (*Empate*, em tradução livre).

As imagens da Figura 47, a seguir, dão exemplos da autenticidade dos contos *Le Petit Nicolas* no contexto editorial da revista *Pilote*, trazendo três imagens extraídas da revista: a cópia das capas das edições 80 e 136 e a reprodução fac-símile do conto *Le stylo*, publicado na edição 104.

<sup>263</sup> No original: “*Demande-le à ta maman...*” (tradução nossa).

<sup>264</sup> *As férias do pequeno Nicolau*.

Figura 47 - Elementos de autenticidade dos contos *Le Petit Nicolas* em *Pilote*



Fonte: revista *Pilote* de 4 de maio de 1961 – 3º ano, nº 80; 19 de outubro de 1961 – 3º ano, nº 104 e 31 de maio de 1962 – 4º ano, nº 136

O desenho que compõe a primeira imagem, localizada à esquerda da Figura 47, é assinado por Sempé (canto inferior direito) e retrata uma cena do conto *Le Grand Match*, dessa edição. Na imagem central da Figura 47, está a propaganda da caneta Visor Pen 7, posicionada à margem esquerda da página. Nas ilustrações feitas por Sempé para esse conto, se nota a semelhança entre a caneta de Geoffroy e a Visor Pen 7. Por último, na imagem posta à direita da Figura 47 se encontra Pelé, vestindo o uniforme oficial do Santos Futebol Clube, time no qual atuou como camisa 10, e a turma de Nicolas jogando futebol, possivelmente no terreno baldio que é descrito nos contos como sendo o ponto de encontro dos amigos.

A aproximação direta dos temas abordados nos contos a tópicos importantes da vida cotidiana da época em que foram criados, tais como a vida escolar, as férias e as práticas esportivas, profissionais ou amadoras, atesta a autenticidade dos contos da coletânea *Le Petit Nicolas* e reforça a pertinência de sua utilização como recurso pedagógico que oferece não apenas um material linguístico significativo para o ensino do FLE, como também proporciona aos aprendizes uma efetiva imersão histórica e cultural, consolidando os contos criados por Gosciny e Sempé como verdadeiros documentos autênticos para o ensino e a aprendizagem do FLE.

Ao examinarmos o conjunto de exemplares da revista *Pilote* editoradas desde a sua fundação em 1959 até o ano de 1965<sup>265</sup>, percebemos que para além do sucesso conquistado pelas histórias de *Le Petit Nicolas*, a própria revista aparenta ter adquirido

<sup>265</sup> O que totaliza 322 exemplares.

certa popularidade ao longo dos anos. Isso se reflete, entre outros fatores, na contínua expansão do seu alcance geográfico dentro do mundo francófono. Inicialmente circulando somente na França e na Bélgica, a revista começou a ganhar espaço internacional a partir do número 60 – edição especial de Natal datada de 15 de dezembro de 1960, que apresenta mais uma vez a turma de Nicolas na capa. Tal destaque coincidiu com a entrada da revista no mercado suíço, marcando o início de uma expansão que se estendeu para o Canadá, a partir do número 106, de 2 de novembro de 1961, e para a Argélia a partir do número 195, de 18 de julho de 1963. O crescimento geográfico indica, a nosso ver, não apenas a popularidade crescente dos personagens, como também a alta aceitação da revista entre o público jovem que tinham o francês como língua de expressão.

Entretanto, apesar de todo o sucesso conquistado pela revista, que teve seu último número publicado em 1 de outubro de 1989, totalizando mais de 30 anos de existência, a partir de 1964, a presença das histórias de Nicolas foram gradualmente perdendo força no periódico. O declínio dos contos no âmbito da revista é evidenciado pela diminuição significativa da quantidade de histórias publicadas: em 1964, apenas 20 contos foram incluídos na revista. No ano seguinte, 1965, a redução foi ainda mais acentuada, tendo sido publicadas apenas três histórias ao longo de todo o ano, marcando o fim da coluna *Le Petit Nicolas* na revista *Pilote*. O último conto, intitulado *On va rentrer (Vamos voltar para casa)*, em tradução livre) foi publicado na revista de número 309, datada de 23 de setembro de 1965. O encerramento da produção de novas histórias sugere, em nossa leitura, uma mudança nos interesses do público leitor.

Uma análise minuciosa do conjunto de exemplares, tanto da revista *Pilote* quanto do jornal *Sud-Ouest Dimanche*, nos levaram a inferir alguns fatores que, possivelmente, contribuíram para o desaparecimento dos contos *Le Petit Nicolas* nos periódicos. No que tange à revista *Pilote*, acreditamos haver uma relação direta entre a ascensão da televisão durante a década de 1960 e as mudanças sofridas no conteúdo da revista, considerando que “os anos 1960 são aqueles do grande ‘boom’ da televisão, que penetra amplamente nos lares franceses<sup>266</sup>” (Gaillard, 2004, p. 5, tradução nossa). Devido a isso,

---

<sup>266</sup> No original: *Les années 1960 sont celles du grand "boom" de la télévision. Elle pénètre largement les foyers français.*

desde 1964, segundo dados do *Centre d'étude des supports de publicité* (CESP)<sup>267</sup>, os franceses com 15 anos ou mais [...] que possuem uma televisão têm um tempo de visualização de 134 minutos (mais de duas horas). Esta duração atingiu 165 minutos em 1969. No final da década de 1960, os franceses com 15 anos ou mais, equipados com receptores, dedicavam, portanto, cerca de três horas por dia à televisão, enquanto que para a grande maioria desses últimos, esse objeto não se inscrevia em sua programação cotidiana no início da década<sup>268</sup> (Gaillard, 2004, p. 6, tradução nossa).

O aumento do consumo da televisão em território francês, em 1964, coincidiu com o que nos pareceu ser uma resposta do corpo editorial da revista às mudanças comportamentais da sociedade, isto é, uma introdução, cada vez mais frequente, de elementos que abordassem, de uma maneira ou de outra, a temática da televisão. Tal postura se deu, possivelmente, na tentativa de manter-se relevante em um ambiente cultural que estava em rápida evolução e de competir com a crescente influência dos conteúdos televisivos sobre os jovens que eram o público alvo do periódico.

A título de exemplificação, podemos citar: i) publicação, no número 220, datado de 9 de janeiro de 1964, do *Petit Dictionnaire Pilote de la Télévision* (*Pequeno Dicionário Pilote da Televisão*, em tradução livre), coluna assinada por Goscinny que, através do humor, explorava o universo televisivo; ii) publicação, no número 222, de 23 de janeiro de 1964, na coluna *Ce qu'il ne faut pas faire* (*O que não deve ser feito*, em tradução livre) do que não deve ser feito em frente à televisão. Essa coluna, igualmente de autoria de Goscinny, dava dicas, sempre a partir do humor, de boas maneiras; iii) adaptação, em formato de HQ, a partir do número 288, datado de 29 de abril de 1965, da série televisiva *Bob Marane*, acompanhada de uma reportagem completa sobre os bastidores da série.

As mudanças de conteúdo sofridas pela revista mostram um afastamento gradual do interesse do público em personagens como Nicolas em favor de outros, apesar de, por vezes, serem da mesma autoria. Tal transição poderia, talvez, ser interpretada como uma estratégia editorial em diversificar o conteúdo e atrair novos leitores, se ajustando às preferências mutáveis do mercado editorial.

<sup>267</sup> Centro de Estudos dos Meios Publicitários, em tradução livre.

<sup>268</sup> No original: *Dès 1964, d'après les chiffres du Centre d'étude des supports de publicité (CESP), les Français de 15 ans et plus [...] qui possèdent un téléviseur ont une durée d'écoute de 134 minutes (plus de deux heures). Cette durée atteint 165 minutes en 1969. À la fin des années 1960, les Français de 15 ans et plus, équipés en récepteurs, consacrent donc près des trois heures par jour à la télévision alors que pour la grande majorité de ces derniers, cet objet ne s'inscrivait pas dans leur calendrier quotidien au début de la décennie.*

A incorporação de novas séries e a diminuição da presença de Nicolas, por exemplo, pode ser vista como parte de um processo evolutivo na identidade da revista que buscou se adaptar às novas demandas socioculturais. No que tange a Goscinny, são as aventuras de Asterix e Obelix que ganham espaço. Primeiro, sendo estendidas à televisão, em forma de desenho animado, tal como anunciado no número 180 do periódico. Posteriormente, sendo incorporadas ao subtítulo da revista, que foi alterado, a partir da edição comemorativa de número 300, datada de 22 de julho de 1965, de *Le magazine des jeunes de l'an 2000* (A revista dos jovens do ano 2000, em tradução livre) para *Le journal d'Astérix e d'Obélix* (O jornal de Asterix e de Obelix, em tradução livre).

Como vimos, 1964 também foi um ano marcante para os contos *Le Petit Nicolas* no âmbito do jornal *Sud-Ouest Dimanche*, a partir do qual as histórias foram da mesma maneira deixando de ser publicadas. Ao observarmos a totalidade dos jornais publicados entre 1959 e 1965, identificamos que houve uma redução significativa das publicações ocorridas em 1964 (apenas 14 contos), com longos hiatos entre uma publicação e outra (cerca de uma a duas semanas no primeiro semestre e um a dois meses no segundo). Em 1965 já não há nenhuma publicação de *Nicolas* no jornal, tendo a última ocorrido em 29 de novembro de 1964.

Portanto, ainda que os contos do *Le Petit Nicolas* tenham se popularizado, especialmente entre as gerações atuais, a partir da sua versão em formato de livro, a sua concepção não foi pensada primeiramente como uma obra literária. Ao contrário, ao serem difundidas inicialmente através dos periódicos *Sud-Ouest Dimanche* e *Pilote* em formato de histórias ilustradas, os contos buscavam atender, em nosso entendimento, uma demanda social oriunda, tanto de um público jovem como adulto, de uma comunidade que ansiava por diversão, patenteando o caráter autêntico do universo *Le Petit Nicolas*, mesmo que acessado via obra literária.

Lembramos que os documentos autênticos

podem ser classificados, como o discurso, em categorias funcionais: documentos autênticos usados na vida cotidiana (cardápios de restaurantes, receitas, guias turísticos, formulários de reservas, catálogos, folhetos, brochuras) e documentos autênticos usados na vida profissional (atas da reunião de trabalho, notas fiscais, mensagem telefônica ou eletrônica profissional)<sup>269</sup> (Gâță, 2014, p. 74-75, tradução nossa).

<sup>269</sup> No original: *Ils peuvent être classés, comme le discours, dans des catégories fonctionnelles : documents authentiques utilisés dans la vie ordinaire (menus de restaurants, recettes de cuisine,*

Nesse sentido, ao considerarmos o suporte midiático no qual os contos foram concretizados, estando inseridos em um contexto prático da vida cotidiana, é inegável o seu caráter autêntico.

Além dos primeiros cinco livros publicados com ambos os autores em vida (Goscinny; Sempé, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964), outros contos, que não tinham sido publicados em formato de livro, mas que eram pertencentes ao acervo dos periódicos, foram resgatados pela filha de Goscinny, Anne Goscinny, e editorados em três volumes com publicação póstuma: *Histoires inédites du Petit Nicolas*<sup>270</sup> (Goscinny; Sempé, 2004), que recebeu o prêmio *Globe de Cristal* (Globo de Cristal), concedido pelos membros da Associação Francesa de Imprensa em reconhecimento à excelência em arte e cultura da obra; *Histoires inédites du Petit Nicolas - volume 2*<sup>271</sup> (Goscinny; Sempé, 2006); *Le Petit Nicolas, le ballon et autres histoires inédites*<sup>272</sup> (Goscinny; Sempé, 2009), primeiro livro com desenhos em cores, aquarelados por Sempé especialmente para essa edição. Por último, também como publicação póstuma, as 28 tirinhas publicadas na revista belga *Le Moustique* entre 1955 e 1956 foram reunidas no álbum *Le Petit Nicolas: La bande dessinée originale*<sup>273</sup> (Goscinny; Sempé, 2017).

No universo cinematográfico, várias adaptações foram realizadas: i) em 30 de setembro de 2009, em comemoração aos 50 anos do primeiro conto do *Le Petit Nicolas*<sup>274</sup>, foi lançado o filme homônimo, dirigido por Laurent Tirard, inspirado em contos presentes nos cinco livros iniciais; ii) em 9 de junho de 2014, a adaptação cinematográfica do livro *Les vacances du Petit Nicolas*<sup>275</sup> (1962), igualmente dirigida por Laurent Tirard, estreou nas salas de cinema de toda a França; iii) em 20 de outubro 2021, foi estreado o filme *Le Trésor du Petit Nicolas*<sup>276</sup>, dirigido por Julien Rappeneau; iv) em 12 de outubro 2022 estreou o primeiro longa-metragem em

---

*guides touristiques, formulaires de réservation, catalogues, dépliants, brochures) et documents authentiques utilisés dans la vie professionnelle (compte rendu de réunion de travail, note de service, message téléphonique ou électronique professionnel).*

<sup>270</sup> *Histórias inéditas do Petit Nicolas (em tradução livre)*. Em nosso conhecimento, esse volume ainda não foi traduzido para o português brasileiro.

<sup>271</sup> *Histórias inéditas do Petit Nicolas – Volume 2 (em tradução livre)*. Em nosso conhecimento, esse volume ainda não foi traduzido para o português brasileiro.

<sup>272</sup> *O Pequeno Nicolas, o balão e outras histórias inéditas (em tradução livre)*. Em nosso conhecimento, esse volume ainda não foi traduzido para o português brasileiro.

<sup>273</sup> *O Pequeno Nicolas: A história em quadrinhos original (em tradução livre)*. Em nosso conhecimento, esse volume ainda não foi traduzido para o português brasileiro.

<sup>274</sup> *O pequeno Nicolau*.

<sup>275</sup> *As férias do pequeno Nicolau*.

<sup>276</sup> *O tesouro do pequeno Nicolau*.

formato de animação intitulado *Le Petit Nicolas : Qu'est-ce qu'on attend pour être heureux ?*<sup>277</sup>, produzido por Amandine Fredon e Benjamin Massoubre. A animação recebeu quatro prêmios: Cristal de longa-metragem do Festival internacional do filme de animação de Annecy 2022; Grande Prêmio do júri 2022 do Festival *Animation is Film* (AIF); prêmio de melhor música de filme 2022 do Festival de Cinema e Música de Filme de La Baule; Prêmio Lumières do melhor filme de animação 2023. Acreditamos que a produção dos filmes de 2021 e 2022, além de todos os prêmios recebidos, validam as histórias do *Petit Nicolas* como uma produção cultural ainda ativa na sociedade francesa.

Além das adaptações para o cinema, também há versões dos contos para a televisão, em formato de desenho animado, tendo duas grandes estreias: setembro de 2009 e dezembro de 2021, ambas para o canal francês M6. A primeira contou com duas temporadas e a segunda com apenas uma, cada uma com 52 episódios de 13 minutos.

As obras de Goscinny e Sempé, em sua totalidade, já venderam mais de 15 milhões de cópias e foram traduzidas em quarenta e cinco países, atribuindo ao *Le Petit Nicolas* o caráter de representante internacional da cultura francesa (Chatenet, 2019). A representação cultural de *Le Petit Nicolas* é tanta que, em 19 de novembro de 2011, uma escola pública francesa, na cidade de Athis de l'Orne, recebeu o nome de *Petit Nicolas*.

Em entrevista ao *site* oficial do *Le Petit Nicolas*, Sempé afirma que “o universo do *Petit Nicolas* é um mundo ideal. É a infância com a qual todo mundo sonha” (Capelle; Menand, 2009, p. 58). Portanto, as histórias são culturalmente representativas não apenas do ponto de vista do povo francês, como também da época em que foram escritas, tornando-as documentos autênticos propícios para o uso em aulas de línguas estrangeiras.

*Le Petit Nicolas* é um clássico da literatura. Para o aprendizado da leitura, suas aventuras são prescritas por instrutores e professores. Milhares de crianças devem a ele o essencial: o amor pela leitura. A força deste trabalho é seduzir todas as gerações. As crianças se reconhecem. Os pais se recordam<sup>278</sup> (Chatenet, 2019, s/p, tradução nossa).

<sup>277</sup> O pequeno Nicolau: o que estamos esperando para sermos felizes? (em tradução livre).

<sup>278</sup> No original: *Le Petit Nicolas est un classique de la littérature. Pour l'apprentissage de la lecture, ses aventures sont prescrites par les instituteurs et professeurs. Des milliers d'enfants lui doivent l'essentiel: l'amour de la lecture. La force de cette œuvre est de séduire toutes les générations. Les enfants se retrouvent. Les parents se souviennent.*



Isso posto, podemos afirmar que as experiências narradas por Gosciny e Sempé através de Nicolas são uma fonte de estudo dos costumes da época da escola e da infância no contexto da França dos anos 1960 (Chatenet, 2019) e, em vista disso, da língua francesa em si. Por isso, atendendo à premissa de que a fraseologia de uma língua é também uma excelente fonte de cultura, consideramos pertinente e atual a análise das UF presentes nos contos da coletânea *Le Petit Nicolas*.

#### 6.4 FRASEODIDÁTICA: O ENSINO DO FENÔMENO FRASEOLÓGICO

Assim como foi discutido na seção 4 desta tese, os primeiros estudos formais em Fraseologia foram desenvolvidos por Bally (1921, 1944), quem, na tentativa de solucionar uma demanda prática do ensino de francês como língua estrangeira para estudantes alemães, problematizou, pelo ponto de vista da Estilística, as prováveis dificuldades de compreensão, interpretação e tradução de determinadas sequências fixas do léxico francês. Já àquela época, o autor não apenas identificou as diversas possibilidades de combinações fixas e semifixas da língua, como também ofereceu soluções, a partir de exercícios didáticos (Bally, 1919), elaborados para alcançar melhores resultados no processo de aprendizado da fraseologia do francês e fornecer aos professores um repertório de exemplos que pudessem servir como base para a elaboração de novos exercícios.

Estudos mais recentes (Sułkowska, 2016; González-Rey, 2021) ainda consideram a impossibilidade de haver uma correspondência direta entre as UF de línguas distintas como uma das principais estratégias de reconhecimento da fraseologia:

A idiomaticidade das locuções [portanto das UF] é uma característica notada pelos linguistas professores de línguas estrangeiras que, aliás, a consideram como a característica mais importante de todas. De fato, é primeiramente pela comparação entre duas línguas diferentes que aparece a impossibilidade de traduzir, palavra por palavra, muitas de suas expressões [fraseológicas]. É somente, com um movimento de observação inversa [da língua estrangeira para a materna], que se toma consciência da presença dessas unidades no seio da língua materna<sup>279</sup> (González-Rey, 2021, p. 164, tradução nossa).

<sup>279</sup> No original: *L'idiomaticité des locutions est un trait relevé de l'ordinaire par les linguistes enseignants des langues étrangères qui le considèrent d'ailleurs comme la caractéristique la plus importante de toutes. En effet, c'est d'abord par comparaison entre deux langues différentes qu'apparaît l'impossibilité de traduire mot à mot beaucoup de leurs expressions. Ce n'est qu'à rebours qu'on prend ensuite conscience de la présence de ces unités au seins de la langue maternelle.*

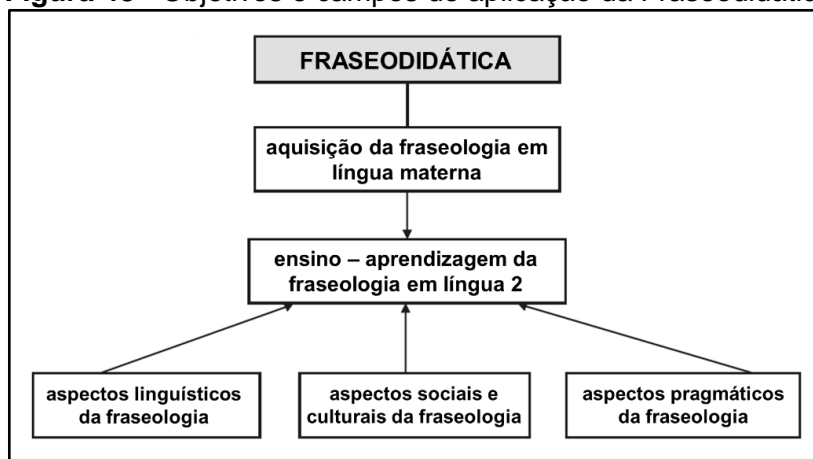
Portanto, é por meio da tradução literal de uma UF de língua estrangeira que percebemos o quão estranha ela pode ser para um falante não nativo, o que dificulta ainda mais o aprendizado dessa língua. Mesmo em língua materna, problemas diversos são encontrados durante o processo de assimilação e aplicação de UF, especialmente em ambientes formais de ensino que impliquem na

reflexão sobre o funcionamento da língua, de forma a propiciar o reconhecimento e seleção das estruturas linguísticas e paralinguísticas disponíveis que melhor atendam aos propósitos discursivos do aprendiz (Monteiro-Plantin, 2014, p. 108).

Nessa esteira, entendemos que os estudos fraseológicos também estiveram, desde os seus primórdios, voltados não somente para a descrição teórica do fenômeno, como também para a compreensão da sua aplicabilidade prática com vistas à melhoria do ensino e aprendizado de língua materna e estrangeira. Essa observação interdisciplinar da Fraseologia ficou conhecida como Fraseodidática e tem sido objeto de discussão de vários trabalhos científicos ao longo das últimas duas décadas do século XXI (González-Rey, 2019a), se manifestando como uma tendência entre os linguistas e professores de língua do século XX na busca por solucionar as demandas dos aprendizes quanto ao uso das combinações fixas do léxico (González-Rey, 2010; Sułkowska, 2016).

Isso posto, é possível afirmar que a Fraseodidática tem como objetivo principal a compreensão e a elaboração de ferramentas pedagógicas que auxiliem no ensino e na aprendizagem da fraseologia de uma língua, garantindo a aquisição das UF tanto em língua materna quanto em uma língua estrangeira, dentro de uma abordagem acionária que inclua todos os aspectos da competência comunicativa (González-Rey, 2007, 2010), isto é, as dimensões linguística, extralinguística e pragmática, como discutido na seção 3.

Em outras palavras, a Fraseodidática busca compreender os mecanismos que entram em jogo durante o processo de aquisição das UF de todos os tipos em língua materna e investiga como o fenômeno ocorre durante o ensino e a aprendizagem de língua estrangeira, tal como foi esquematizado por Sułkowska (2016) no organograma exposto na Figura 48, a seguir.

**Figura 48** - Objetivos e campos de aplicação da Fraseodidática

Fonte: Sułkowska (2016, p. 39, tradução nossa)

Como ilustrado no organograma da Figura 48, a Fraseodidática estuda como se dá a aquisição da fraseologia em nível de língua materna, de modo que possa, a partir daí, entender como ocorre o ensino e a aprendizagem eficientes da fraseologia em línguas estrangeiras, abarcando aspectos linguísticos, socioculturais (extralinguísticos) e pragmáticos.

No que compete à Fraseodidática para o ensino de línguas estrangeiras, Bally (1921, p. 73, tradução nossa) afirma que

o estudo das séries [fraseológicas], e em geral de todos os agrupamentos fraseológicos, é muito importante para a compreensão de uma língua estrangeira. Por outro lado, o emprego de séries incorretas é um indício com o qual reconhecemos que um estrangeiro não está muito avançado no manuseio da língua ou que a aprendeu mecanicamente<sup>280</sup>.

Seguindo essa linha de raciocínio, Bally (1921, p. 73) apresenta dois tipos de erros<sup>281</sup> mais frequentes, cometidos por falantes não nativos, ao fazer uso da fraseologia de uma língua estrangeira:

os estrangeiros constroem séries [fraseológicas] incorretas, primeiro porque imaginam que as palavras de um grupo [fraseológico] têm existência independente e podem ser substituídas pelos seus sinônimos. [...] Em seguida, por uma espécie de confusão, que

<sup>280</sup> No original: *L'étude des séries, et en général de tous les groupements phraséologiques, est très importante pour l'intelligence d'une langue étrangère. Inversement, l'emploi de séries incorrectes est un indice auquel on reconnaît qu'un étranger est peu avancé dans le maniement de la langue ou qu'il l'a apprise mécaniquement.*

<sup>281</sup> Por erro, compreendemos qualquer violação das regras semânticas, sintáticas e pragmáticas que não sejam causados por uma intenção estilística.

chamamos de contaminação, transformamos dois grupos usuais em uma única série fraseológica<sup>282</sup>.

O primeiro erro está ligado à propriedade de fixação das UF, as quais, como vimos nas seções 4 e 5, não apresentam composicionalidade semântica e, portanto, devem ser compreendidas sempre em blocos, independentemente de serem opacas ou transparentes. A UF *pano de chão*, por exemplo, é considerada como sendo uma UF transparente, visto que é endocêntrica, pois faz efetivamente referência a um pano utilizado para a limpeza do chão. Porém, a substituição da lexia *pano* por *tecido* seria considerada como uma manipulação errônea da UF, ainda que essa seja uma alteração possível de ser feita por um falante estrangeiro.

O segundo erro, também está relacionado ao caráter fixo das UF, especialmente às colocações, no que tange à atração existente entre as lexias que a formam. Por exemplo, as colocações verbais *fazer sentido* e *ter lógica* podem ser confundidas por um falante não nativo do português, levando-os à construção de expressões do tipo *fazer lógica*<sup>283</sup>. Acreditamos que tal contaminação aconteça devido à similaridade semântica existente entre as duas UF, levando a uma interferência na mente do falante estrangeiro ao tentar se lembrar das formas corretas.

Os erros descritos por Bally (1921) se enquadram, seguindo a classificação proposta por Sułkowska (2016), nos erros do tipo léxico-semântico. Porém, tendo em vista que “uma grande parte dos erros cometidos pelos alunos na aprendizagem da fraseologia estrangeira resulta, por um lado, da competência linguística do aprendiz e, por outro, das características inerentes às expressões fixas<sup>284</sup>” (Sułkowska, 2016, p. 41, tradução nossa), quais sejam, a fixação semântica, sintática e pragmática, outros tipos de erros são passíveis de acontecer durante a utilização de uma UF por falantes estrangeiros que não estejam totalmente familiarizados com tais combinações léxicas. Essas possibilidades de erros estão representadas no organograma da Figura 49, a seguir.

<sup>282</sup> No original: *Les étrangers construisent des séries incorrectes, d'abord parce qu'ils s'imaginent que les mots d'un groupe ont une existence indépendante et peuvent être remplacés par leurs synonymes. [...] Ensuite, par une sorte de confusion qu'on appelle contamination, on fait de deux groupes usuels uneseule série phraséologique.*

<sup>283</sup> Exemplo ouvido, em língua portuguesa, pelo autor na fala de um colega nativo de língua alemã quando do estágio doutoral realizado na Universidade de Santiago de Compostela (Espanha) no segundo semestre de 2023.

<sup>284</sup> No original: *Une grande partie des erreurs commises par les élèves qui apprennent la phraséologie étrangère résulte d'un côté de la compétence linguistique de l'apprenant, et de l'autre des traits inhérents des expressions figées.*

**Figura 49** - Tipos de erros fraseológicos

Fonte: Sułkowska (2016, p. 42, tradução nossa)

Os erros léxico-semânticos ocorrem quando uma UF é utilizada de forma inadequada no que tange à sua significação original ou quando há uma substituição indevida de um dos seus constituintes, tal como descrito por Bally (1921). Já os erros morfossintáticos estão relacionados aos desvios das regras gramaticais e estruturais que orientam a UF. A título de exemplificação, podemos citar os casos em que a ordem sintática das lexias é alterada, como em *bus ticket*, do inglês, com sentido de *bilhete de ônibus*, que pode resultar no uso inadequado por um falante nativo do português na construção *\*ticket bus*<sup>285</sup>. Por fim, os erros pragmáticos surgem do uso inapropriado de uma UF em contextos situacionais que não condizem com seu emprego habitual, prejudicando a adequação comunicativa, a exemplo de *bom dia*<sup>286</sup>, quando empregado no período da tarde.

São várias as razões causadoras dos erros fraseológicos cometidos por aprendizes de uma língua estrangeira. Sułkowska (2013, 2016), elenca quatro possibilidades: i) modificações formais; ii) empréstimos; iii) falsos cognatos; e iv) idiomaticidade. Os erros cometidos por modificações formais são, em geral, aqueles já mencionados e exemplificados aqui.

Os erros causados por empréstimos estão ligados aos decalques tomados de outras línguas, podendo ser tanto da língua materna quanto de uma língua estrangeira que o aprendiz já domine. É o caso, por exemplo, da expressão *you have a point*, do inglês, com o sentido de  *você tem razão*, que não encontra uma tradução direta nem em português nem em francês. Assim, as construções  *você tem um ponto* ou *tu as un*

<sup>285</sup> Situação vivida pelo autor ao tentar comprar uma passagem de ônibus durante uma viagem no exterior.

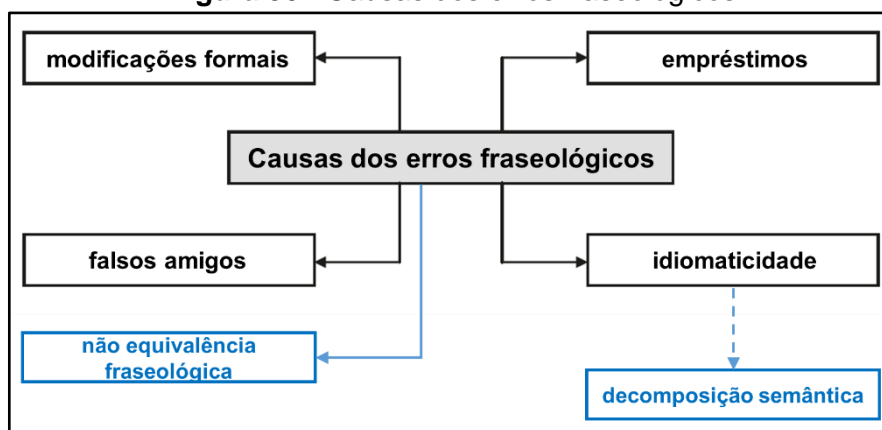
<sup>286</sup> Exemplo ouvido pelo autor na fala de estudantes franceses de língua portuguesa durante a realização de intercâmbio profissional, no qual atuava como professor de português língua estrangeira (PLE) em escolas do ensino fundamental e médio em Clermont-Ferrand (França) durante o ano letivo europeu 2012-2013.

*point* causaria um ruído de comunicação<sup>287</sup>. Já os erros causados por falsos cognatos são aqueles em que uma determinada UF possui um correspondente direto em língua estrangeira, porém com outro significado. Por exemplo, a UF *quedarse embarazada*, de língua espanhola, com sentido de *engravidar*, pode ser confundida com *ficar embaraçada*, em português, com o sentido de *ficar constrangida* ou *envergonhada*.

Os erros ocasionados pela idiomaticidade, por sua vez, estão relacionados ao caráter opaco das UF. Isso porque o sentido imagético entre as línguas nem sempre é o mesmo. Assim, o aprendiz, por não assimilar o significado idiomático de uma UF, está sujeito a empregá-la incorretamente, a exemplo de *ficar para titia*, empregada para descrever a situação de uma mulher solteira sem perspectivas iminentes de casamento. Por não identificar o caráter opaco da UF, um falante estrangeiro poderia construir erroneamente a expressão *ficar para mamãe*, para se referir a uma mulher que acabou de dar à luz<sup>288</sup>.

Os diferentes fatores capazes de ocasionar erros fraseológicos, identificados por Sułkowska (2013, 2016), estão esquematizados na Figura 50.

**Figura 50 - Causas dos erros fraseológicos**



Fonte: Sułkowska (2016, p. 42, tradução e adaptação nossa)

Para além dos quatro elementos passíveis de propiciar erros fraseológicos, reconhecidos por Sułkowska (2013, 2016) e destacados em preto no organograma da Figura 50, acreditamos, a partir da nossa experiência profissional e pessoal, que mais duas situações também estão suscetíveis de provocar erros fraseológicos por falantes estrangeiros, são elas, a não equivalência fraseológica e a decomposição semântica, destacadas em azul na Figura 50.

<sup>287</sup> Situação vivida pelo autor em conversa, em língua francesa, com um interlocutor estadunidense.

<sup>288</sup> Situação vivida pelo autor em conversa, em língua portuguesa, com um interlocutor francês.

A não equivalência fraseológica ocorre quando há, por parte do falante não nativo, a tentativa de reproduzir em uma língua estrangeira uma informação que, na língua materna, é transmitida por meio de uma UF, mesmo que não haja, na língua alvo, um equivalente igualmente fraseológico, tal como exemplificamos na seção 3 desta tese. Esse é o caso da UF *roubar o namorado*, empregada para descrever uma situação na qual uma pessoa se envolve romanticamente com alguém que já está em um relacionamento com outra pessoa. Ao tentar reproduzir tal UF em língua francesa, por exemplo, em tradução literal, *voler le petit ami*, um falante brasileiro poderia passar a informação equivocada de que o namorado em questão teve seus pertences roubados e não de que foi seduzido por outra pessoa<sup>289</sup>.

A decomposição semântica, por outro lado, diz respeito à idiomaticidade das UF. Tal erro é frequentemente relacionado, embora não exclusivamente, à competência comunicativa de compreensão (leitura e escuta). Ao desmembrar as lexias que compõem a UF, o falante estrangeiro corre o risco de compreender a sequência léxica a partir da somatória dos significados de cada lexia, desconsiderando o sentido global da UF. Esse erro ocorre principalmente com o emprego de uma UF que apresente uma imagem congruente, ou seja, quando a UF permite tanto uma leitura literal quanto metafórica. Como exemplificação, podemos citar a UF *vender o peixe*, usada metaforicamente quando alguém está tentando fazer uma autopromoção de suas ideias, mas que pode ser compreendida com o sentido literal<sup>290</sup>.

Os erros fraseológicos cometidos por falantes de línguas estrangeiras estão diretamente ligados ao conceito de falante ingênuo (Fillmore, 1979, p. 65), sobre o qual discorremos na seção 3. No contexto dos estudos de línguas estrangeiras, é considerado como sendo um falante ingênuo o indivíduo que possui um bom entendimento do funcionamento gramatical da língua estrangeira enquanto código linguístico, mas que desconhece as sutilezas da forma como a realidade de mundo é expressa, através da linguagem, pelos falantes nativos. Em outras palavras, os falantes ingênuos, apesar de dominarem as regras gramaticais da língua estrangeira, não conseguem assimilar corretamente as normas socioculturais (extralinguísticas e

---

<sup>289</sup> Situação vivida pelo autor em conversa, em língua francesa, com interlocutores brasileiros e italianos.

<sup>290</sup> Situação vivida pelo autor em conversa, em língua portuguesa, com um interlocutor francês durante a realização do primeiro estágio doutoral na Universidade Sorbonne Paris Nord (França) em 2020.

pragmáticas) que regem a comunicação na segunda língua, buscando referências na língua materna ou em outra língua estrangeira para fazer suas escolhas lexicais, especialmente no que compete à construção fraseológica.

Embora a importância dos estudos da Fraseodidática tenha sido reconhecida já no início do século XX por Bally (1919; 1921), foi somente em 1987, a partir dos trabalhos de Peter Kühn (*apud* González-Rey, 2019a<sup>291</sup>), que a Fraseodidática ganhou força enquanto ramo dos estudos Fraseológicos. Essa é, portanto, uma abordagem que, para além de relativamente recente, esteve às margens dos estudos didáticos, tendo sido, por vezes, desencorajada em aulas de língua materna (Monteiro-Plantin, 2014) e pouco observada na elaboração de materiais pedagógicos para o ensino de línguas estrangeiras (González-Rey, 2019b).

Ao discorrer sobre as práticas didáticas voltadas para o ensino de línguas em um ambiente de escolarização formal, Monteiro-Plantin (2014, p. 108) chama atenção para o fato de que

professores de língua estrangeira já reconhecem a importância do ensino das UF, embora se ressentam da falta de orientação didática para a concretização de um ensino que possa propiciar ao aprendiz um conhecimento linguístico suficiente para a participação em interações cotidianas (saudação, agradecimento, acordo, desacordo, polidez...).

A lacuna existente em materiais didáticos de língua estrangeira quanto ao estudo das UF, da qual Monteiro-Plantin (2014, p. 108) se refere, também é perceptível em dicionários gerais bilíngues (Marques; Budny, 2019; Sampaio; Ribeiro, 2021c), o que prejudica ainda mais a compreensão da noção de fraseologia por parte aprendizes não nativos. Acreditamos que a marginalização da Fraseodidática esteja relacionada à marginalização da própria Fraseologia, a qual, como apresentamos na seção 4, foi por muito tempo desconsiderada pelos estudos linguísticos pós saussurianos (Mejri, 2011a; González-Rey, 2021).

Apesar do cenário linguístico mundial ter sido revisto no que compete à concepção da Fraseologia enquanto teoria linguística, mesmo que por vezes seja vinculada à Lexicologia, a sua aplicação na esfera didática ainda é pouco perceptível

---

<sup>291</sup> O trabalho original de Kühn (1987) foi desenvolvido em língua alemã. Infelizmente, desconhecemos a existência de alguma versão traduzida em português, francês, espanhol ou inglês, línguas com as quais estamos familiarizados. Por essa razão, o acesso ao conteúdo de texto teve de ser feito via *apud*.



(González-Rey, 2010, 2019b). Tendo em conta que falantes nativos utilizam as UF de maneira inconsciente, visto que são entidades que integram naturalmente o seu repertório lexical, e que, em contrapartida, os falantes estrangeiros tendem a ignorar a sua presença no discurso, é correto afirmar que a inserção dessas combinações léxicas em aulas de línguas pode tornar o processo de aprendizado ainda mais desafiador, seja para os professores, seja para os aprendizes.

Em trabalhos anteriores (Sampaio, 2017), defendemos que a formação acadêmica específica e a conscientização, por parte de professores e alunos, da existência de determinados fenômenos linguísticos são os melhores recursos para superar os obstáculos inerentes ao ensino e ao aprendizado de línguas estrangeiras. Tal postura está de acordo com Pinto e Cavalcante (2008), os quais afirmam que, em geral, os profissionais de ensino de língua estrangeira não estão muito familiarizados com as teorias linguísticas e que, por essa razão, tendem a não reconhecer a relevância desses conhecimentos teóricos para o desempenho de suas funções.

De igual forma, ao observarmos as questões voltadas para o ensino da fraseologia, mantemos nosso posicionamento, concordando com as propostas de González-Rey (2019b), ao considerar que a resposta para os problemas relacionados ao ensino da competência fraseológica em aulas de línguas estrangeiras esteja em estimular nos aprendizes, por meio de um processo pedagógico de conscientização da noção de fraseologia em língua materna, a aquisição uma proficiência fraseológica consciente.

A nossa opinião é que, para solucionar tais desafios, é fundamental que tanto professores quanto estudantes estejam cientes da importância das UF para a construção do discurso e o estabelecimento da comunicação. Nesse sentido, é papel da Fraseodidática conscientizar os falantes nativos sobre o uso involuntário das UF em língua materna e proporcionar a percepção de sua existência em língua estrangeira. Mesmo sem um aprofundamento teórico sobre a Fraseologia, a simples conscientização das possíveis combinações fixas e semifixas que são licenciadas por todas as línguas naturais já garantiria, a nosso ver, uma melhoria significativa no ensino de língua materna e, por conseguinte, de língua estrangeira.

Tendo em vista que

as unidades fraseológicas, enquanto estruturas situadas a meio caminho entre a combinatória lexical e a fixação sintática, exigem mais competências lexicais e colocacionais em comparação com as

unidades lexicais simples; e mais competências sintáticas em relação aos sintagmas livres<sup>292</sup> (Sułkowska, 2013, p. 150-151, tradução nossa).

Os conhecimentos prévios sobre as estruturas linguísticas adquiridos pelos aprendizes através da escolarização básica nem sempre são capazes de garantir o bom entendimento do funcionamento das UF, visto que é raro que tais questões sejam abordadas em aulas de língua materna (Monteiro-Plantin, 2014, 2017). Sułkowska (2013) sintetiza as correlações mútuas existentes entre as competências fraseológicas e outras subcompetências linguísticas e comunicativas através do diagrama exposto na Figura 51.

**Figura 51** - Correlações mútuas existentes entre as competências fraseológicas e outras subcompetências linguísticas e comunicativas



Fonte: Sułkowska (2013, p. 151, tradução nossa)

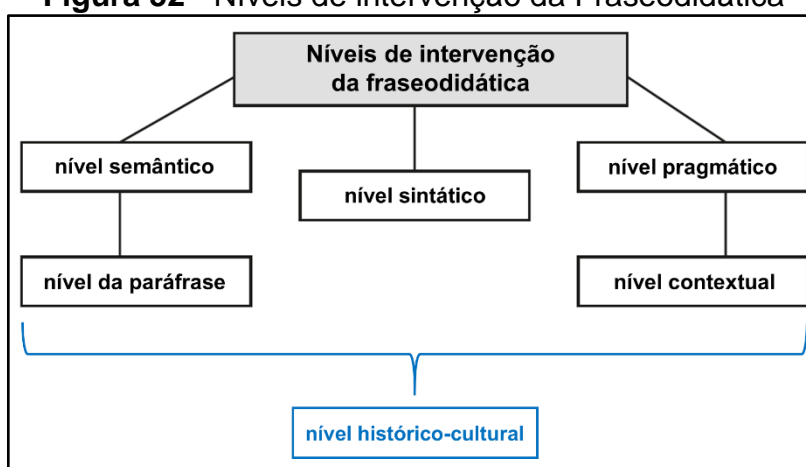
O diagrama da Figura 51 ilustra como as diferentes competências linguísticas convergem para a formação da competência fraseológica. As competências fonética e prosódica, se conectam diretamente à competência fraseológica. As competências colocativas, por sua vez, referentes às atrações combinatórias semifixas entre as leixias, unem as competências lexicais e sintáticas à competência fraseológica. Já as competências semânticas estão relacionadas à competência fraseológica através das competências metafóricas. Concluindo o quadro, as competências interculturais,

<sup>292</sup> No original: *Les unités phraséologiques, en tant que structures placées à mi-chemin entre la combinatoire lexicale et la fixité syntaxique, exigent plus de compétences lexicales et collocatives par rapport aux unités lexicales simples ; et plus de compétences syntaxiques par rapport à des syntagmes libres.*

sociolinguísticas e pragmáticas, situadas na borda inferior do diagrama, destacadas com fundo de cor branca, completam a competência fraseológica.

O cenário descrito por Sułkowska (2013) reflete como a competência fraseológica abarca diferentes competências linguísticas e comunicativas. Porém, atrelado a tais competências, se encontra o caráter fixo das UF. Dessa forma, a conscientização fraseológica deverá acontecer de forma triangular, destacando o funcionamento dos elementos linguísticos, socioculturais e pragmáticos que perpassam pela construção da fraseologia de uma língua, explicitando como essas informações são distintas de uma língua para a outra e sensibilizando os aprendizes para a percepção dos níveis semântico, sintático e pragmático de fixação das UF, além de oferecer a possibilidade de recuperação de uma UF em situações em que a desfixação lexical esteja sendo empregada. Seguindo esse pensamento, Sułkowska (2016) esquematiza os níveis de intervenção da Fraseodidática por meio de um organograma que reproduzimos, de forma adaptada, na Figura 52.

**Figura 52 - Níveis de intervenção da Fraseodidática**



Fonte: Sułkowska (2016, p. 39, tradução e adaptação nossa)

O organograma da Figura 52, traduzido e adaptado de Sułkowska (2016, p. 39), sintetiza os níveis de intervenção da Fraseodidática no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. O nível semântico permite que o aprendiz seja capaz de lidar com o caráter idiomático das UF. Vinculado à semântica, estão as habilidades de parafrasear, que asseguram o uso adequado das UF, a partir do conhecimento do seu significado global e não-composicional. No que tange ao nível sintático, a intervenção é feita de modo a trazer à consciência dos aprendizes as restrições sintagmáticas impostas pela convencionalidade para que a introdução de

uma UF no discurso, assim como o seu reconhecimento, seja feita de forma correta. O nível pragmático permite empregar as UF com a consciência da sua dimensão comunicativa, possibilitando ao falante estrangeiro utilizar uma expressão fixa de maneira apropriada a uma situação específica. O mesmo acontece com o nível contextual, que possibilita aos aprendizes reconhecer o contexto de uso das UF.

Entretanto, adicionamos ao organograma elaborado por Sułkowska (2016), em cor azul, as intervenções realizadas por meio de informações relacionadas ao nível histórico-cultural de concepção das UF. Acreditamos que tais conhecimentos, quando possíveis de serem recuperados, facilitem a compreensão das nuances da UF, especialmente aquelas que exigem uma leitura metafórica.

Nessa lógica, uma proposta metodológica que ponha em prática, de forma eficiente, o ensino das UF, seria bem-sucedida se propiciasse aos aprendizes uma sensibilização gradativa sobre o tema e se estimulasse um contato contínuo com a fraseologia da língua alvo durante todo o processo de aprendizado, gerando uma tomada de consciência duradoura sobre a importância dos estudos fraseológicos para a aquisição da segunda língua. Com o intuito de viabilizar essa compreensão progressiva e consciente das UF no âmbito do ensino de línguas estrangeiras, González-Rey (2019b) propõe uma metodologia de conscientização fraseológica que sintetizamos no Quadro 23.

**Quadro 23** - Etapas do processo de conscientização fraseológica

Etapa	Descrição	Fases
Despertar para a Fraseologia	A primeira etapa visa iniciar o aluno na percepção da existência das UF na língua de aprendizado (L2), começando pelo reconhecimento da fraseologia em língua materna (L1). Essa etapa inclui a desconstrução dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a estrutura da linguagem, para, em seguida, reconstruí-la considerando a noção de fraseologia.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Desencadeador:</b> exposição a exemplos provocativos na L1 que levem os aprendizes a questionarem os seus conhecimentos prévios e passem a observar a língua de forma diferente;</li> <li>2. <b>Choque:</b> provoca curiosidade e atenção, levando o aluno a repensar sua própria língua;</li> <li>3. <b>Reavaliação:</b> questionamento de ideias pré-concebidas sobre regras gramaticais, construção de sentido e organização frasal;</li> <li>4. <b>Descoberta:</b> reconhecimento da existência do fenômeno fraseológico na L1 e, subsequentemente, na L2.</li> </ol>

Acomodação à Fraseologia	A segunda etapa coloca em prática o processo de aquisição fraseológica, dando acesso ao aluno a um conhecimento explícito sobre as UF (tipos, características, funcionamento etc.) tanto na L1 quanto na L2. Essa etapa enfatiza a reconstrução dos saberes do aprendiz, levando-os a contatar que a L2, assim como a sua L1, também possui uma cobertura fraseológica particular.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Acesso ao Saber:</b> construção de um conhecimento explícito das UF em L1 e L2;</li> <li>2. <b>Adaptação:</b> prática dos novos conhecimentos sobre o fenômeno fraseológico a partir de atividades que permitam refletir sobre o processo de aquisição do léxico da L2;</li> <li>3. <b>Assimilação:</b> integração das UF ao sistema de conhecimento linguístico do aluno, que devem não apenas aceitá-las como elementos naturais do léxico, como também ganhar autonomia na percepção de novas UF.</li> </ol>
Apropriação da Fraseologia	A terceira e última etapa busca consolidar uma competência fraseológica explicitamente consciente na L2, baseada em uma memória de médio e longo prazo. O objetivo é tornar o uso das UF natural e espontâneo, mas ainda assim consciente.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Formulação:</b> treinamento do uso das UF em diversas situações;</li> <li>2. <b>Automatização:</b> fixação das UF na memória através da repetição de atividades que variem as possibilidades de forma, sentido e uso das UF, gerando confiança nos aprendizes em empregar as UF no seu discurso;</li> <li>3. <b>Reformulação:</b> uso espontâneo e natural das UF em várias situações de produção linguística, tanto orais quanto escritas.</li> </ol>

Fonte: elaborado pelo autor com base em González-Rey (2019b, tradução nossa)

O Quadro 23 resume as três etapas principais empregadas no processo de conscientização fraseológica descrito por González-Rey (2019b), destacando os objetivos e as fases de cada uma. Visando promover a implementação do ensino da Fraseologia em classes de línguas estrangeiras, a proposta de conscientização fraseológica tem por objetivo geral capacitar os aprendizes não apenas para identificarem, mas também para melhor compreenderem as UF, propiciando uma utilização competente da fraseologia da língua em aprendizado. Desse modo, os alunos são incitados a questionar as suas concepções prévias sobre as estruturas linguísticas, despertando para a fraseologia, enquanto fenômeno linguístico, primeiramente em língua materna e em seguida em língua estrangeira. Com isso, se pretende preparar os estudantes para reconhecer e integrar as UF em suas práticas discursivas na língua alvo, de modo a promover um aprendizado consciente das UF em contextos variados de comunicação.

Concluindo, a Fraseodidática, enquanto abordagem pedagógica voltada para o ensino do fenômeno fraseológico em classes de língua materna e estrangeira, busca não somente propor a elaboração de materiais e métodos que facilitem a atuação profissional de professores e auxiliem os alunos durante o processo de aquisição da nova língua, como também incentiva a conscientização linguística sobre a existência da fraseologia e a sua importância para os atos comunicativos. Acreditamos que o uso de documentos autênticos como ferramenta de exemplificação da fraseológica da língua alvo em atividades de conscientização seja o melhor recurso para levar a cabo tal tarefa.

## 6.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO

No decorrer desta seção, demonstramos que as UF de uma determinada língua são passíveis de ocasionar uma interpretação e/ou compreensão deficitária ou incorreta de mensagens emitidas em situações de comunicação ditas não ideais. Mostramos que, para nós, tais situações podem ocorrer em duas instâncias: entre falantes de variantes diferentes de uma mesma língua e quando ao menos um dos participantes do ato comunicativo não é falante nativo da língua em uso.

De modo a estabelecer os conceitos e definições de língua materna e língua estrangeira, trouxemos ao debate as diferentes correntes linguísticas que tratam do tema, a saber, a Linguística Gerativa e a Linguística Aplicada. Além disso, fizemos um breve relato histórico sobre as abordagens didáticas do ensino de línguas estrangeiras no Ocidente, dando ênfase ao ensino do FLE. Ao analisar o percurso histórico do ensino dessa língua, mostramos que tanto a abordagem comunicativa – método mais recente e atualmente em vigor – quanto a técnica do francês instrumental – muito procurada no meio universitário latino americano – encorajam o uso de textos autênticos durante as aulas da prática leitora.

Ainda nesta seção, explicamos que os textos autênticos se diferem dos didáticos por não sofrerem nenhum tipo de adaptação lexical ou morfossintática para se adequarem ao nível linguístico do leitor estrangeiro e simplificar a sua compreensão. Ao contrário, os documentos autênticos estão ancorados em um contexto sociocultural e em um espaço temporal específicos, visto que foram produzidos e destinados por autores e para leitores igualmente atores sociais. A sua forma é, portanto, fruto da interação histórica, cultural e social dessas três esferas:

tempo, autor e leitor. Por esse motivo, tais textos só podem ser lidos de maneira contextualizada e, assim, tornam-se um excelente veículo da espontaneidade de uso da língua estrangeira e, em consequência, da fraseologia dessa língua.

Como exemplo de uso de textos autênticos em aulas de FLE, apresentamos a coletânea de contos infantojuvenis *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964). A partir da contextualização histórica do recorte temporal no qual os contos foram publicados, salientamos a importância cultural dessa obra literária para a língua francesa e a sua tradicional utilização em aulas de leitura em francês, não apenas como língua materna, mas também como língua estrangeira. Reforçamos que a forma de publicação dos contos da série, primeiramente como folhetins semanais em periódicos franceses e posteriormente acoplados em formato de livro, o caráter autêntico dos contos da coletânea *Le Petit Nicolas* se torna ainda mais evidente, visto que foram pensados, em nossa interpretação, para atender a uma demanda social por entretenimento. De modo a ilustrar a importância cultural das histórias do *Le Petit Nicolas*, reproduzimos de forma fac-símile algumas páginas dos periódicos *Sud-Ouest Dimanche* e *Pilote*. Contudo, não objetivamos, com isso, fornecer cópias que permitissem a leitura dos exemplares, mas sim dar uma visão panorâmica da configuração dos contos na editoração dos periódicos.

De modo a complementar o rol das abordagens metodológicas do ensino de línguas estrangeiras, discorreremos sobre a Fraseodidática, ramo dos estudos fraseológicos que busca orientar profissionais do ensino e aprendizes, de língua materna e estrangeira, na aplicação da noção de fraseologia com o intuito de melhorar a compreensão sobre as combinações léxicas da língua materna e a proficiência na língua estrangeira. Através de um processo gradual de conscientização quanto à existência da fraseologia, os alunos são conduzidos a reconhecer, compreender e aplicar de forma competente as UF em diversos contextos comunicativos, promovendo uma compreensão mais aprofundada não só das estruturas linguísticas de/em ambas as línguas, como também da cultura e das nuances pragmáticas da língua estrangeira, resultando em um uso mais natural e espontâneo da língua alvo. Ao final, opinamos sobre o uso de documentos autênticos como sendo o melhor recurso na elaboração de atividades que ajudam na execução dessa tarefa.

As seções que se seguem têm como finalidade descrever a construção da metodologia empregada nesta pesquisa e os resultados obtidos.

## 7 PERCURSOS METODOLÓGICOS: ABORDAGENS E APLICAÇÕES

Nesta seção, serão detalhados os percursos metodológicos adotados para a construção da pesquisa, apresentando um panorama das estratégias e técnicas utilizadas durante o desenvolvimento deste estudo. Nessa esteira, a seção está dividida em cinco subseções, que descrevem as escolhas metodológicas que orientaram os desdobramentos da investigação. Cada uma delas abordará os seguintes pontos: i) a constituição do *corpus* da pesquisa; ii) as técnicas adotadas para a coleta, classificação e catalogação dos dados, incluindo a consulta a obras lexicográficas de referência para a validação das UF encontradas; iii) a consulta aos periódicos originais nos quais os contos *Le Petit Nicolas* foram publicados; iv) a criação de um manual de leitura *on-line* a partir dos dados da pesquisa; e v) a constituição de um diário de bordo capaz de documentar as decisões tomadas em cada uma das fases da investigação.

### 7.1 O CORPUS DA PESQUISA

No início dos nossos estudos, estava prevista a realização de uma pesquisa mista (quantitativa e qualitativa) que nos possibilitasse confrontar a cobertura fraseológica presente na obra literária *Le Petit Nicolas* a fontes documentais que tratassem das teorias sobre Fraseologia e, ao mesmo tempo, aos dicionários bilíngues gerais e especializados, francês/português, mais difundidos no Brasil, a fim de se obter uma triangulação dos resultados: i) a dimensão do tecido fraseológico na obra analisada; ii) as principais características das UF coletadas; iii) uma possível equivalência dessas UF de língua francesa em português brasileiro. Com isso, esperávamos reconstituir os caminhos que um leitor brasileiro teria que percorrer para alcançar o entendimento das UF presentes nos contos.

Dessa forma, estava previsto no nosso anteprojeto que o *corpus* seria composto das UF presentes nos cinco primeiros livros da coletânea de contos *Le Petit Nicolas* (Gosciny; Sempé, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964), publicados com ambos os autores ainda em vida. Mesmo que todo o conjunto da obra (os livros contendo as histórias inéditas, os filmes, os desenhos animados etc.) tenha ganhado popularidade e seja, hoje, considerado como um *best-seller* da literatura infantojuvenil de língua francesa, acreditávamos que os cinco primeiros livros seriam mais pertinentes para a



nossa pesquisa. Visto o caráter histórico e cultural que se relaciona ao modo de publicação dos primeiros livros, inicialmente em periódicos, em forma de folhetins, com periodicidade semanal, e, posteriormente, agrupados em formato de livros, julgamos que esse seria um recorte representativo da totalidade da obra enquanto documento autêntico de língua francesa.

A Figura 53 exibe a cópia das capas dos cinco primeiros livros publicados pela editora Folio Junior.

**Figura 53** - Capas dos primeiros livros da série *Le Petit Nicolas* (Goscinnny; Sempé, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964)



Fonte: foto montagem – arquivo pessoal

Embora atualmente os direitos legais a essa obra pertençam à editora IMAV éditions (Chatenet, 2019), utilizamos, para a coleta dos dados e constituição do *corpus*, a versão original, com textos integrais, pertencente à coleção Folio, da editora Denoël, tal como exposto na Figura 53. Esses exemplares, em brochura, são padronizados no que se refere ao formato físico: possuem 11cm de largura por 18cm de altura e totalizam em torno de 160 páginas.

De modo geral, os contos apresentam as mesmas configurações quanto a sua formatação: são compostos por cerca de oito a nove páginas; exibem desenhos, sempre assinados por Sempé, que ilustram as ações dos personagens; os desenhos se apresentam em dimensões diversas e o seu posicionamento na página varia de conto a conto, por vezes estendendo-se por uma ou duas páginas, cobrindo, sozinhos, a sua totalidade, por vezes ocupando apenas metade da lauda, competindo com os textos escritos; geralmente em número de quatro por conto, os desenhos são sempre em preto e branco. Tais padrões certificam que as histórias eram previstas, tanto em termos de texto escrito quanto em texto imagético, para serem editados em um suporte de periódico, o qual, como sabemos, tem um número predeterminado e limitado de caracteres e, dificilmente, sobretudo na década de 1960, dispunha de recursos de impressão colorida. A Figura 54 exibe uma das ilustrações feitas por Sempé para o primeiro livro da série.

**Figura 54** - Exemplo de ilustração do volume 1 da série *Le Petit Nicolas*



Fonte: Gosciny e Sempé (1960, p. 60)

Contudo, o quantitativo de dados encontrados já no primeiro livro foi muito maior do que tínhamos previsto inicialmente. Portanto, optamos por priorizar a constituição de uma amostra linguística, preservando a execução de análises quali-quantitativas dos dados coletados, que nos permitisse delimitar aos poucos o *corpus* da pesquisa e oferecer, como um dos resultados finais da tese, um estudo descritivo em Fraseologia. Para tanto, foram desenvolvidos diversos trabalhos científicos (Sampaio; Ribeiro, 2018a, 2018b, 2019a, 2019b, entre outros) ao longo do primeiro ano de doutoramento, que tinham como finalidade principal fazer um ensaio de metodologia para a nossa pesquisa. Em primeira instância, foram coletados, catalogados e analisados os dados dos 10 primeiros contos, em seguida, de todo o primeiro volume da série.

Assim, para compor o recorte do *corpus* deste trabalho que seria apresentado ao exame de qualificação, defendido em 11 de dezembro de 2019, foram consideradas as UF compostas por sintagmas nominais (SN) coletadas apenas no primeiro volume da coletânea, isto é, o livro que dá nome à série: *Le Petit Nicolas* (Gosciny; Sempé, 1960). Naquele momento, nosso olhar estava voltado para as UF do tipo locução verbal (ainda sob a nomenclatura de expressão idiomática), colocação, pragmatema e parêmia. Foi recolhido, portanto, um total de 1258 ocorrências de 431 UF distintas, sendo 52% construídas a partir de SN e 48% por sintagmas verbais (SV).

Em conformidade com o que havíamos percebido, ao se deparar com a amplitude dos dados extraídos já no primeiro volume da série, a banca examinadora da defesa de qualificação, composta pelas professoras doutoras Josane Moreira de

Oliveira (membro interno) e Elizabete Aparecida Marques (membro externo), recomendou que a pesquisa se concentrasse unicamente na análise da cobertura fraseológica do primeiro livro, considerando que a quantidade de dados ali presente já seria suficiente para atender aos objetivos traçados para a pesquisa<sup>293</sup>.

Contudo, após o exame de qualificação e a realização de três estágios doutorais (doutorado sanduíche)<sup>294</sup>, bem como o desenvolvimento de novos trabalhos científicos que nos permitiram melhor compreender o *corpus* da pesquisa (Sampaio; Ribeiro, 2021a, 2021b, 2021c; Sampaio, 2022, 2023), estendemos o nosso olhar para outros tipos de UF. Com isso, identificamos, no total, 14 tipos de UF diferentes no primeiro volume da série: i) binômio; ii) colocação; iii) comparação estereotipada; iv) construção com verbo suporte (CVS); v) determinante quantificador; vi) fórmula; vii) fraseoantropônimo; viii) fraseosinalética; ix) fraseotermo; x) locução; xi) molde; xii) perífrase verbal; xiii) pragmatema; xiv) segmento repetido.

Dito isso, o *corpus* dessa pesquisa foi constituído por meio da coleta dos dados fraseológicos presentes no livro *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960), que é formado por dezenove contos, tal como exposto no Quadro 24.

**Quadro 24** - Composição do livro *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960)

Ordem do conto	Título original	Tradução oficial para o português brasileiro
Conto 1	<i>Un souvenir qu'on va chérir</i>	Uma lembrança para guardar com carinho
Conto 2	<i>Les cow-boys</i>	Os caubóis
Conto 3	<i>Le Bouillon</i>	O Sopa <sup>295</sup>
Conto 4	<i>Le football</i>	O futebol
Conto 5	<i>On a eu l'inspecteur</i>	A visita do inspetor
Conto 6	<i>Rex</i>	Rex
Conto 7	<i>Djodjo</i>	Djodjo
Conto 8	<i>Le chouette bouquet</i>	O lindo buquê
Conto 9	<i>Les carnets</i>	Os boletins
Conto 10	<i>Louissette</i>	Luisinha
Conto 11	<i>On a répété pour le ministre</i>	O ensaio para a visita do ministro
Conto 12	<i>Je fume</i>	Eu fumo

<sup>293</sup> Os dados quantitativos atualizados serão expostos na seção 8.

<sup>294</sup> Foram realizados dois estágios doutorais na Universidade Sorbonne Paris Nord (França), sendo o primeiro de janeiro a agosto de 2020 e o segundo de março de 2022 a maio de 2023, ambos sob orientação do professor doutor Salah Mejri, coorientador desta tese, e um estágio na Universidade de Santiago de Compostela (Espanha) de agosto a dezembro de 2023, com a supervisão da professora doutora María Isabel González-Rey.

<sup>295</sup> Essa foi a tradução feita por Rivera (1997) para a versão oficial do livro em português. Contudo, discordamos dessa escolha tradutológica, visto que, a nosso ver, *O Caldo* se adequa melhor à ideia transmitida pelos autores. Diante disso, adotaremos, ao longo desta tese, o termo *O Caldo*.

Conto 13	<i>Le petit poucet</i>	O Pequeno Polegar
Conto 14	<i>Le vélo</i>	A bicicleta
Conto 15	<i>Je suis malade</i>	Estou doente
Conto 16	<i>On a bien rigolé</i>	Foi muito divertido
Conto 17	<i>Je fréquente Agnan</i>	Fui visitar o Agnaldo
Conto 18	<i>M. Bordenave n'aime pas le soleil</i>	O sr. Bordenave não gosta de sol
Conto 19	<i>Je quitte la Maison</i>	Fugi de casa

Fonte: elaborado pelo autor com base em Goscinny e Sempé (1960, tradução de Luís Lorenzo Rivera, 1997)

Em se tratando do primeiro volume da coletânea, e, portanto, do livro de apresentação da série, a obra não é centrada em nenhuma temática específica, ao contrário de alguns dos livros que o sucedem. Por essa razão, as histórias presentes nos contos se desenrolam nos três núcleos básicos da vida de Nicolas: o ambiente familiar, tendo como personagens<sup>296</sup> coadjuvantes os pais da criança e o vizinho Blédurt; o ambiente escolar, caracterizado pela presença dos colegas de classe, da professora, do diretor e dos supervisores da escola; o círculo de amizade da criança, integrado pelos colegas de classe, todos personagens masculinos, chamados Alceste, Rufus, Eudes, Geoffroy, Maixent, Joachim, Clotaire e Agnan, e por duas personagens femininas, ambientadas sempre fora do contexto escolar: Marie-Edwige, vizinha de Nicolas, e Louissette, filha de uma amiga da mãe de Nicolas. As histórias abrangentes ao núcleo de amizade são contextualizadas, em geral, em espaços ao ar livre.

## 7.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Nessas etapas de trabalho (coleta e análise de dados), buscamos identificar, classificar e catalogar as UF presentes na série *Le Petit Nicolas*, estabelecendo regras de descrição e estrutura de codificação dos dados de forma a servir como modelo da metodologia que seria aplicada à tese. Ao longo do processo, cinco etapas principais delinearam a coleta dos dados: i) leitura dos contos a partir da edição Folio e coleta das UF; ii) classificação e catalogação dos dados para a qualificação; iii) releitura dos contos a partir de uma edição digitalizada e coleta complementar das UF; iv) classificação e catalogação dos dados após a realização do primeiro estágio doutoral no exterior; v) validação dos dados coletados com base em obras lexicográficas de

<sup>296</sup> Como dito em 6.3.1 e aqui retomados.

referência. Portanto, nas subseções que se seguem, detalharemos a construção da atual metodologia aplicada à coleta, à classificação, à catalogação e à validação dos dados.

### 7.2.1 A leitura dos contos

Sabemos que, em estudos mais recentes de tratamento de dados lexicais, existem diversos instrumentos computacionais que visam a coleta e a construção automatizada de bancos de textos que permitem a realização de consultas e a detecção da coocorrência e recorrências de UF de uma determinada língua. Trata-se da Linguística de *corpus* (Tagnin, 2013; Zhu, 2013). Tal ramo da Linguística faz uso de ferramentas digitais, a exemplo de concordanciadores, para verificação, por meio da busca de palavras-chaves, da fixação de estruturas léxicas e sintáticas que compõem, entre outros casos, a cobertura fraseológica do texto em análise. Essas ferramentas apresentam resultados quantitativos que possibilitam ao pesquisador averiguar os padrões de uso, em contexto, de tais estruturas.

Contudo, tendo em vista que a nossa pesquisa tem como *corpus* textos autênticos específicos e que, no início das investigações, não conhecíamos os tipos de estruturas convencionais com que iríamos nos deparar, não era cabível valer-se das premissas da Linguística de *corpus* para a coleta de dados, visto que não dispúnhamos de meios para prever quais eram as lexias potencialmente favoráveis a serem utilizadas como palavras-chaves nas ferramentas de busca, tampouco as estruturas sintáticas mais recorrentes. Diante disso, optamos por fazer um levantamento de dados em estilo tradicional, isto é, através da efetiva leitura dos contos.

No entanto, essa decisão mostrou-se bastante oportuna, pois a leitura efetiva trouxe vantagens para o desenvolvimento da pesquisa: em primeiro lugar, a leitura dos contos nos permitiu vivenciar o processo de construção do sentido, tal qual aconteceria com os leitores brasileiros de FLE. Em segundo plano, essa experiência nos possibilitou obter uma percepção completa do estilo narrativo do autor e a verificação de possíveis expressões idiossincráticas presentes no texto, como jogos de palavras e casos de desfixação lexical. Assim, pudemos melhor entender quais as estruturas da língua que poderiam causar maior ou menor dificuldade de compreensão por parte dos leitores.

A partir das propriedades de caracterização da fraseologia, descritas na seção 4 deste trabalho, procuramos encontrar, no decorrer das leituras, as possíveis ocorrências de UF. No primeiro momento, como já dito, procuramos apenas pelos tipos de UF mais difundidos, tais como parêmiias, locuções verbais, colocações e pragmatemas). Qualquer estrutura que nos parecesse fraseológica era destacada à lápis. Dois símbolos de etiquetagem foram empregados: o sublinhado, destinado às estruturas que manifestassem evidentemente as características de uma UF, e o círculo, aplicado às expressões que conotassem tais características, mas que não nos transmitissem segurança de classificação. Elas eram grifadas e reservadas para validação futura.

O levantamento dos dados coletados nesta primeira etapa foi dividido em duas partes: inicialmente, realizamos a leitura dos 10 primeiros contos, com a coleta e a etiquetagem das UF e, posteriormente, dos nove contos restantes. Como mencionado, os dados parciais alcançados, tanto do primeiro quanto do segundo bloco de leitura, foram divulgados em eventos acadêmicos e resultaram em publicações científicas (Sampaio; Ribeiro, 2018a, 2018b, 2019a, 2019b, 2021a, 2021b, 2021c; Sampaio, 2023, entre outros). Essas divulgações nos garantiram criar, especialmente através dos comentários de outros pesquisadores sobre os nossos primeiros resultados, durante os eventos científicos, uma amostragem da etiquetagem, que será descrita na próxima subseção, dos dados obtidos, favorecendo a construção contínua e gradual da tabulação.

Entretanto, durante a realização do primeiro estágio doutoral junto ao Laboratório TTN<sup>297</sup> da Universidade Sorbonne Paris Nord, sentimos a necessidade de ampliar a tipologia das UF que seriam observadas nos contos. Desse modo, seria preciso reler a totalidade do primeiro volume da série *Le Petit Nicolas* (Gosciny; Sempé, 1960). Nesse momento, percebemos que a coleta dos dados, ainda que feita de forma manual, poderia ser otimizada através da leitura dos contos em formato digital, visto que, dessa maneira, seria possível projetar, em toda a extensão do livro, as UF já identificadas, fazendo uso de ferramentas de busca por palavras-chave.

Por essa razão, foi necessário criar uma edição dos contos formatada exclusivamente para esta pesquisa. Optamos por manter unicamente o conteúdo textual, tendo em vista que não iríamos trabalhar, por hora, com as ilustrações de

---

<sup>297</sup> *Texte, Théories, Numériques* (Textos, Teorias, Digitais, em tradução livre para o português).

Sempé. Assim, os textos foram transcritos em arquivo *Microsoft Office Word 2013* seguindo a seguinte formatação: página tamanho A4, margens superiores e inferiores 2,5 cm e esquerda e direita 3 cm, fonte Arial tamanho 12 com espaçamento entre linhas 1,5. Os contos foram separados por quebra de seção e as páginas enumeradas de forma contínua. A numeração das linhas também foi aplicada, tendo sido reiniciada a cada página. Tal formatação resultou em um arquivo de 70 páginas, com aproximadamente 34 linhas por lauda. Os parágrafos foram separados por quebra de linha, sem espaços adicionados antes ou depois, mas com recuo de 1,25 à margem esquerda da primeira linha. Essa formatação foi, como veremos mais a frente, de fundamental importância para garantir a identificação em contexto das UF em cada conto, através da localização do número da página e da linha.

A nova etapa de leitura e coleta de dados foi conduzida simultaneamente à pesquisa bibliográfica sobre Fraseologia, realizada em grande parte através de consultas ao acervo da Biblioteca Nacional da França (BnF). Com isso, visávamos não apenas ampliar o nosso conhecimento sobre o tema para o desenvolvimento do referencial teórico, como também facilitar a identificação das UF durante a leitura dos contos.

Tendo em vista que, a partir de agora, iríamos trabalhar com textos em formato digital, também foi necessário modificar a maneira de etiquetagem das UF. Assim, optamos por empregar uma marcação cromática, através da ferramenta de realce do *Microsoft Office Word 2013*, a partir da seguinte rotulagem: amarelo para os casos em que tínhamos plena certeza de que se tratavam de uma UF; vermelho para os casos de dúvida; azul para as realizações de jogos de palavras e cinza para casos de idiossincrasia, isto é, as sequências léxicas que apresentavam traços fraseológicos, mas que, a nosso ver, estavam relacionadas ao estilo de escrita de Gosciny.

Diante disso, a leitura foi realizada em duas partes. Primeiramente, foi aplicada a etiquetagem de cores em todos os contos. Já nesse momento, algumas UF foram classificadas, a partir de balões de comentários do *Microsoft Office Word 2013*, para facilitar a tabulação futura. Na segunda leitura, o foco principal foi, de um lado, resolver os casos de dúvida classificados em vermelho e, de outro, identificar as UF gramaticais que não haviam sido consideradas inicialmente. Para a resolução dos casos duvidosos, pudemos contar não apenas com a pesquisa bibliográfica e com a consulta a obras lexicográficas de referências, das quais falaremos mais adiante, mas também com a colaboração, por meio de sessões de orientação, em formato *on-line*

e presencial, do professor doutor Salah Mejri, além do apoio dos então estudantes de doutorado e pós-doutorado Imen Mizouri e Lichao Zhu, bem como do professor doutor Luís Menezes, da Universidade d'Artois, na França, todos membros do grupo de pesquisa do laboratório TTN.

A Figura 55, exemplifica a formatação aplicada à edição digital.

**Figura 55** - Formatação e etiquetagem aplicadas aos contos em formato digital

5	On s'est installés. <b>Moi</b> , j'étais assis <b>par terre</b> , <b>à côté d'</b> Alceste. Alceste,	<b>Angelo</b>	Locução preposicional
6	<b>C'est mon copain</b> qui est très gros et qui mange <b>tout le temps</b> . Il <b>était en train</b>	<b>Angelo</b>	C'est une moule
7	<b>de</b> mordre dans une <b>tartine de confiture</b> et le photographe lui a <b>dit de cesser de</b>	<b>Angelo</b>	Périphrase verbale
8	<b>manger</b> , mais Alceste a répondu qu' <b>il fallait</b> bien qu'il se nourrisse. « Lâche	<b>Angelo</b>	Périphrase verbale
9	cette tartine ! » a crié la maîtresse qui était assise juste derrière Alceste. Ça l'a	<b>Angelo</b>	Périphrase verbale
10	tellement surpris, Alceste, qu' <b>il a laissé tomber</b> la tartine sur sa chemise. « <b>C'est</b>	<b>Angelo</b>	Périphrase verbale
11	<b>gagné</b> », a dit Alceste, <b>en essayant de racler</b> la confiture avec son pain. La	<b>Angelo</b>	Négation : ne plus
12	maîtresse a dit qu' <b>il n'y avait plus qu'une chose à faire</b> , c'était de mettre Alceste	<b>Angelo</b>	Il y a
13	au dernier rang pour qu'on <b>ne voie pas</b> la tache sur sa chemise. « Eudes, a dit	<b>Angelo</b>	Laisser la place à qqn
14	la maîtresse, <b>laissez votre place à votre camarade</b> . – Ce n'est pas mon	<b>Angelo</b>	Négation : ne que
15	camarade, a répondu Eudes, il <b>n'aura pas ma place</b> et <b>il n'a qu'à</b> se mettre de	<b>Angelo</b>	N'avoir que + infinitif
16	dos à la photo, <b>comme ça</b> on ne verra pas la tache, ni sa <b>grosse figure</b> . » La	<b>Angelo</b>	Donner une punition –

Fonte: captura de tela da edição do conto 1 formatada para a coleta de dados

A captura de tela exposta na Figura 55 é um trecho extraído da página 3, considerando a formatação da versão digital, do conto 1, intitulado *Un souvenir qu'on va chérir*. Como se vê, além da etiquetagem cromática, a pré-classificação da tipologia das UF, através dos balões de comentários, desempenhou um papel muito importante para a identificação das UF, visto que, em muitos casos, as UF ocorriam de maneira concatenada, dificultando o reconhecimento de cada uma delas. Esse é o caso, por exemplo, da sequência *il n'y avait plus qu'une chose à faire*, presente na linha 12 da imagem, da qual podemos extrair três UF: a locução negativa *ne plus*; a fórmula *il y a*; a fórmula *il n'y a plus qu'une chose à faire*.

Uma vez tendo sido vencida a fase de reconhecimento das UF presentes na totalidade dos contos do primeiro volume da série, passamos para a etapa de classificação e tabulação dos dados, a qual será descrita a seguir.

## 7.2.2 Classificação e tabulação dos dados

Levando em conta que a leitura dos contos foi realizada em dois momentos distintos, o primeiro utilizando o livro físico da editora Denoël e o segundo a partir da edição formatada por nós especificamente para este trabalho, a classificação e a



tabulação dos dados também seguiram duas etapas, tendo cada fase sido desenvolvida de acordo com a edição que estivesse sendo considerada.

Uma vez concluída a primeira etapa de leitura e etiquetagem, aquela realizada a partir do livro físico e levada para o exame de qualificação, passamos para a fase de classificação e tabulação dos dados identificados. Para tanto, nos valemos dos recursos oferecidos pelo editor de planilhas *Microsoft Office Excel 2013*. Primeiramente, classificamos as UF quanto à tipologia, apresentando, sempre que possível, uma tradução equivalente ou, em casos em que a tradução direta não fosse possível, a definição ou paráfrase da UF em questão, tal como exposto na Figura 56.

**Figura 56** - Exemplo da primeira versão da planilha *Excel* para classificação dos dados

Frasema	Tipo de frasema	Tradução equivalente/definição
c'est dommage	Pragmatema	é uma pena
coup de poing	Colocação	murro/soco
il faut	Pragmatema	é preciso
par terre	Colocação	no chão
et puis	Pragmatema	e aí/então depois
avoir l'air	Expressão idiomática	parecer
tout noirs	Colocação	bem preto
c'est vrai	Pragmatema	é verdade
faire le guignol	Expressão idiomática	(se fazer de palhaço/bancar o bobo
ce n'est pas grave	Pragmatema	não faz mal

Fonte: elaborado pelo autor

Como se lê no recorte da planilha na Figura 56, nessa fase da pesquisa ainda não tínhamos claro que nomenclatura adotaríamos para nos referirmos ao objeto de estudo da Fraseologia, ora empregando o termo *frasema*, ora UF, ou mesmo fraseologismo, os quais eram utilizados indistintamente, como sinônimos, razão pela qual, nas imagens referentes às etapas iniciais da investigação, o termo *frasema* é o mais frequente.

No entanto, percebemos que tal classificação era insuficiente, visto que não permitia a localização da UF em análise no contexto do conto, para possível verificação do uso e melhor categorização da tipologia. Portanto, foi necessário voltar aos contos e enumerar as linhas do texto, de modo a garantir, posteriormente, a fácil recuperação da UF, a partir da paginação e do número da linha. Tais marcações foram feitas à lápis no livro físico. Além disso, uma classificação prévia da tipologia buscada foi igualmente realizada, ainda à lápis, em formato de marginária. Diante disso, foram adicionadas duas novas colunas à planilha inicial, como exemplificado na Figura 57.

**Figura 57** - Exemplo da segunda versão da planilha *Excel* para classificação dos dados

Frasema	Tipo de frasema	Conto	Página/linha	Tradução/definição
Agent de police	Colocação	Conto 02	14.04	policial
Agent de police	Colocação	Conto 02	18.04	policial
Agent de police	Colocação	Conto 04	31.01	policial
Agent de police	Colocação	Conto 05	45.18	policial
Agent de police	Colocação	Conto 18	142.22/143.01	policial
ballon de football	Colocação	Conto 10	86.28	bola de futebol
bande de garnements	Colocação	Conto 13	107.34	bando de malcriados
bateaux en papier	Colocação	Conto 17	137.26	barcos de papel

Fonte: elaborado pelo autor

Como se vê, as duas novas colunas acrescentadas à planilha inicial informam sobre o conto de extração da UF, bem como sobre a página e a linha de localização, separadas por ponto. As situações em que a UF em análise se iniciasse em uma linha e fosse concluída em outra foram indicadas pelo símbolo de barra.

Posteriormente, foram adicionadas mais duas colunas à planilha, de forma a verificar em qual categoria gramatical as UF ocorriam em maior número, se em sintagmas verbais ou se em sintagmas nominais, e a possível frequência de repetições de uma mesma estrutura interna de cada UF, como exposto na Figura 58.

**Figura 58** - Exemplo da terceira versão da planilha *Excel* para classificação dos dados

Frasema	Categoria gramatical	Estrutura interna	Tipo de frasema	Conto	Página/linha	Tradução/definição
Agent de police	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 02	14.04	policial
Agent de police	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 02	18.04	policial
Agent de police	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 04	31.01	policial
Agent de police	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 05	45.18	policial
Agent de police	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 18	142.22/143.01	policial
ballon de football	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 10	86.28	bola de futebol
bande de garnements	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 13	107.34	bando de malcriados
bateaux en papier	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 17	137.26	barcos de papel

Fonte: elaborado pelo autor

A Figura 58 exemplifica a inclusão das colunas *categoria gramatical* e *estrutura interna* à planilha. Ao tratarmos do nível semântico de análise dos dados, concluímos que, para melhor ilustrar os potenciais problemas de compreensão das UF, uma coluna que contivesse a tradução literal das UF, ou seja, seu sentido composicional, se faria necessária. Desse modo, a diferença de compreensão do sentido opaco em relação ao sentido literal ficaria melhor explicitada. A versão quatro da planilha de classificação dos dados encontra-se na Figura 59.

**Figura 59** - Exemplo da quarta versão da planilha *Excel* para classificação dos dados

Frasema	Categoria gramatical	Estrutura interna	Tipo de frasema	Conto	Página/linha	Tradução literal	Tradução/definição
Agent de police	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 02	14.04	agente de polícia	policial
Agent de police	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 02	18.04	agente de polícia	policial
Agent de police	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 04	31.01	agente de polícia	policial
Agent de police	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 05	45.18	agente de polícia	policial
Agent de police	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 18	142.22/143.01	agente de polícia	policial
bande de garnements	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 13	107.34	bando de crianças mal educadas	bando de malcriados
bateaux en papier	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	Conto 17	137.26	barcos em papel	barcos de papel

Fonte: elaborado pelo autor

Nesse ponto, acreditávamos que a planilha *Excel* havia chegado à sua versão final. Todavia, ao iniciarmos as análises dos dados que seriam apresentadas em exame de qualificação, percebemos que a planilha não dava conta da etiquetagem dos diferentes tipos de colocações (se adjetivas, adverbiais, nominais ou verbais), tampouco dos tipos de pragmatemas (se fórmula ritualizada, fórmula de rotina, marcadores conversacionais etc.), ou ainda da categorização dos possíveis marcadores conversacionais. Portanto, a criação de mais três colunas se fez necessária, tal como mostra a Figura 60.

**Figura 60** - Exemplo da versão final da planilha *Excel* para classificação dos dados

Frasema	Categoria gramatical	Estrutura interna	Tipo de frasema	tipo de colocação	tipo de pragmatema	tipo de marcador conv.	Conto	Página/linha	Tradução literal	Tradução/definição
alors quoi	Sintagma Nominal	adverbio + conjunção	Pragmatema		marcador conversacional	controle da comunicação	Conto 03	28.03	então o que	interjeição
au lieu	Sintagma Nominal	preposição + determinante + nome	Pragmatema		marcador conversacional	demais casos	Conto 06	50.23	no lugar	ao invés
bande de garnements	Sintagma Nominal	nome + preposição + nome	Colocação	colocação nominal			Conto 13	107.34	bando de crianças mal educadas	bando de malcriados
bâton blanc	Sintagma Nominal	nome + adjetivo	Colocação	colocação adjetiva			Conto 02	14.05	bastão branco	cassetete

Fonte: elaborado pelo autor

A versão da planilha *Excel* exposta na Figura 60 foi aquela considerada por nós como a versão definitiva para a classificação das UF coletadas durante o primeiro momento de leitura dos contos. Entretanto, dado que, durante o processo de leitura da versão digital das histórias, a tipologia considerada para o levantamento das UF foi significativamente expandida, novas colunas foram adicionadas à planilha original. Além disso, após a conclusão das leituras e consequente escrita do referencial teórico, surgiram novas formas de análise dos dados obtidos, demandando, mais uma vez, a inserção de outras colunas. Assim, de 11 colunas iniciais, a planilha atual passou a contar com 20 colunas, ao menos no que diz respeito à classificação das UF<sup>298</sup>.

No que compete ao acréscimo de colunas referentes à nova tipologia adotada, foram incluídas as seguintes classificações: i) categoria da UF, se gramatical ou se lexical; ii) tipo de UF, isto é, de qual dos 14 tipos de UF encontrados se trata cada unidade; iii) tipo de locução, se adjetiva, adverbial, conjuntiva, nominal, preposicional, verbal ou vocativa; iv) tipo de locução adverbial, se de afirmação, dúvida, exclusão, explicação, inclusão, intensidade, interrogação, lugar, modo ou tempo; v) tipo de imagem da locução, se congruente, incongruente ou se não imagético; e vi) tipo de determinante quantificador, se nominal figurativo, se N1 é um contenedor ou se N1 é uma parte.

<sup>298</sup> A tabulação da validação das UF em obras lexicográficas de referências será descrita na próxima subseção.

Quanto às colunas relativas à análise fraseológica, classificamos os dados obtidos quanto ao i) tipo de lexia, se complexa, composta ou textual; ii) nível de idiomatidade, se as UF são semanticamente opacas ou transparentes; e iii) nível de fixação, se sequência fraseológica ou semifraseológica. Por fim, uma coluna extra foi adicionada, na qual foram transcritos todos os contextos de uso, nos contos, de cada ocorrência de uma determinada UF. O objetivo desse acréscimo foi propiciar a compreensão da UF quanto à possibilidade de nos depararmos com sequências léxicas que fossem ao mesmo tempo livres e fraseológicas, ou seja, os casos de congruência, discutidos nas seções 4 e 5. Assim, a versão definitiva da planilha *Excel* desenvolvida para a classificação e análise dos dados está composta tal como o exposto na Figura 61.

**Figura 61 - Versão final da planilha *Excel* para classificação dos dados**

Contexto de uso	Unidade Fraseológica	Categoria gramat.	Categoria da UF	Tipo de UF	Tipo de colocação	Tipo de locução	Tipo de imagem da locução	Tipo de locução adverbial	Tipo de pragmatema	Tipo de marcador conversacional	Tipo de determinante quantificador	Tipo de lexia	Nível de idiom.	Nível de fixação	Estrutura interna	Conto	Pág. Linha	Tradução literal	Equivalência / definição
papa est agent de police	agent de police	sintagma nominal	fraseol. lexical	colocação	nominal							complexa	transp.	semi	N + Prep + N	C4	12.17	agente de polícia	policial
au bout d'un temps	au bout d'un temps	sintagma preposicional	fraseol. lexical	pragmatema					marcador conversacional	encadeamento de texto		complexa	opaco	SF	Prep + Det + N + Prep + Det + N	C17	61.29	so depois de um tempo	pedaço de um tempo
Tu as de la veine que j'ai des fleurs	avoir de la veine	SV + SN	fraseol. lexical	locução		verbal	congrue					complexa	opaco	SF	V + Prep + Det + N	C8	28.7	ter da veia	ter sorte
Agnan a pris la grande bouteille d'encre	bouteille de	não forma sintagma	fraseol. lexical	determinante quantificador							N1 é um contenedor	complexa	opaco	semi	N + Prep	C5	16.21	garrafa de + N	garrafa de + N
il était encore de bonne heure	de bonne heure	não forma sintagma	fraseol. gramatical	locução		adverbial	congrue	tempo				complexa	opaco	SF	Prep + Adj + N	C8	28.32	de boa hora	cedo
c'est un vilain cafard	être un cafard	SV + SN	fraseol. lexical	locução		verbal	incongrue					complexa	opaco	SF	V + Det + N	C18	65.14	ser uma barata	ser dedo duro
J'ai ouvert la porte et j'ai dit à maman "Joyeux anniversaire"	joyeux anniversaire	não forma sintagma	fraseol. lexical	pragmatema					fórmula ritualizada			complexa	transp.	SF	Adj + N	C8	30.2	feliz aniversário	feliz aniversário
Je lui ai donné un bout de mon morceau de	morceau de	não forma sintagma	fraseol. lexical	determinante quantificador							N1 é uma parte	complexa	transp.	SF	N + Prep	C7	25.12	pedaço de	pedaço de

Fonte: elaborado pelo autor

Dentre as 20 colunas que constituem a versão definitiva da planilha de classificação dos dados fraseológicos coletados ao longo da leitura dos 19 contos do primeiro volume da série *Le Petit Nicolas* (Goscinnny; Sempé, 1960), destacamos, tal como se vê na Figura 61, as colunas criadas para atender à nova tipologia adotada, grifadas em cor bege; as colunas referentes às análises das UF, grifadas em cor verde, e a coluna indicando o contexto de uso de cada UF, grifada em cor violeta.

No que concerne ao processo de tabulação dos dados, informamos que a transferência, para a planilha definitiva, das UF identificadas durante a leitura da versão digital dos contos também foi feita manualmente. Devido ao grande quantitativo de dados coletados – um total de 4757 dados absolutos e 1033 dados relativos – todo o procedimento de tabulação teve uma duração de oito meses e se procedeu da seguinte forma: as UF eram transferidas de maneira gradual, sendo

processada uma página por vez. Em primeira instância, preenchíamos simultaneamente as colunas *Unidade Fraseológica* e *Contexto de uso*, bem como as colunas relacionadas à localização da UF, ou seja, *conto* e *página.linha*.

Uma vez tendo sido transcritas todas as UF de uma mesma página, procedíamos à classificação quanto à categoria e ao tipo. As demais colunas eram preenchidas somente após a transferência de todas as UF de um mesmo conto. A fim de otimizar o processo, lançávamos mão da ferramenta de filtro do *Excel*, que nos possibilitava agrupar as UF semelhantes e completar as colunas restantes em blocos através da função de cópia automática, o que nos permitiu agilizar o preenchimento das informações referentes às ocorrências duplicadas. Embora não tenham contribuído significativamente para a celeridade do processo de tabulação como um todo, tais estratégias garantiram uma maior precisão da transferência e homogeneidade da classificação dos dados.

### **7.2.3 Pesquisa em obras lexicográficas de referência**

A pesquisa em obras lexicográficas de referência também foi segmentada em duas partes, de acordo com a base de *corpus* utilizada: se o livro físico ou se a versão digital. Cada etapa tinha objetivos de consulta distintos. Inicialmente, tomando como referência os dados coletados da leitura do livro impresso, avaliamos se os dicionários bilíngues, gerais ou fraseológicos, mais difundidos no Brasil, abrangiam adequadamente a cobertura fraseológica dos contos analisados. Aqui, desejávamos entender o quão difícil poderia ser a busca pelo sentido de determinadas UF por parte dos leitores brasileiros de língua francesa, verificando a dimensão do acesso à definição das UF que os leitores poderiam ter de maneira autônoma.

Posteriormente, com os dados extraídos da leitura do livro digital, o foco estava na validação das UF como sendo combinações já lexicalizadas na língua francesa, de modo a nos dar mais segurança ao coletá-las e classificá-las. Para alcançar esse objetivo, utilizamos exclusivamente dicionários monolíngues de língua francesa, gerais ou fraseológicos.

Dessa forma, para dar conta da primeira etapa de consulta, elegemos dois dicionários bilíngues, português/francês, a saber: *Dicionário Larousse francês-português* (Galvez, 2006) e *Minidicionário francês Michaelis* (Avolio; Faury, 2010). Tais dicionários foram escolhidos por serem, segundo a nossa experiência e

pesquisas empíricas sobre o tema (Zucchi, 2010a), os de acesso mais facilitado por parte dos estudantes brasileiros de línguas estrangeiras. Quer seja por questões financeiras, uma vez que são os mais baratos do mercado, quer seja pela falta de consciência fraseológica e, conseqüentemente, pela ausência de consultas a dicionários especializados. Embora a história dos métodos de ensino de línguas estrangeiras demonstre que muitos professores não encorajam o uso de dicionários durante o processo de aquisição da língua, concordamos com Zucchi (2010b, p. 1153) ao afirmar que “o dicionário bilíngue pequeno é uma das primeiras aquisições dos estudantes, apesar de não ser utilizado em sala de aula com método e sistematicamente”.

Portanto, conscientes de que as obras lexicográficas escolhidas se tratam de dicionários gerais, isto é, voltados para o uso mais abrangente da língua, e não para fins especializados, a consulta a eles foi feita em duas partes: i) busca pela UF em sua totalidade; ii) busca separada pelas lexias que compõem a UF. A primeira consulta objetivava verificar se os dicionários de maior acesso dos leitores brasileiros contemplavam, de algum modo, as UF em questão. Uma vez verificada a ausência de registro da UF em sua totalidade, buscávamos, através da consulta das lexias que constituem a unidade, em separado, se a UF era mencionada por meio de acepções, abonações ou exemplos forjados.

Completada a consulta nos dicionários gerais, passamos para a fase de verificação em dicionários especializados. Primeiramente, elegemos duas obras: o *Dicionário de idiomatismos francês-português, português-francês* (Mattos; Bretaud, 1990) e o *Dicionário de Expressões Idiomáticas* (Xatara, 2013b). Sendo o primeiro um livro físico, disponível no acervo da Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa (Biblioteca Central da UFBA) e, portanto, de acesso livre não apenas aos estudantes de francês dessa instituição de ensino superior, mas também a qualquer cidadão que deseje consultá-lo, e o segundo uma obra lexicográfica de referência em formato virtual, disponível em plataforma *on-line* e de acesso gratuito.

Entretanto, considerando a data de publicação da primeira obra, o *Dicionário de idiomatismos francês-português, português-francês* (Mattos; Bretaud, 1990), decidimos selecionar uma terceira referência, um pouco mais atual, igualmente em formato impresso. Optamos pelo volume de língua francesa da série *Xeretando a linguagem* (Zavaglia; Silva; Xatara, 2010), disponível a venda nas principais livrarias do país, com baixo custo de investimento e escrito em língua portuguesa. A obra se

propõe a apresentar definições de expressões idiomáticas, provérbios ou ditos populares empregados no dia-a-dia, falsos cognatos, expressões construídas a partir de nomes de cores, gírias e exemplos de insultos e xingamentos, o que as autoras denominam de linguagem vulgar ou obscena.

Nessa etapa, percebemos que, mais uma vez, seria necessário fazer modificações na planilha de classificação dos dados, uma vez que era preciso registrar, para uma futura análise quantitativa, quais obras lexicográficas exibiam a dicionarização das UF em análise.

Contudo, a então versão final da planilha *Excel* (versão exposta na Figura 61) documentava todas as ocorrências de UF encontradas durante a leitura dos contos, incluindo os casos em que uma mesma unidade se repetia mais de uma vez (dados absolutos), ainda que em contos diferentes. Nesse sentido, julgamos, àquele momento, ser pertinente a elaboração de uma nova planilha, na qual constassem apenas os dados relativos, isto é, somente a ocorrência unitária de cada UF encontrada, sem apresentar a frequência de cada uma. Assim, seria possível levantar um quantitativo preciso do registro das UF em cada dicionário consultado, visto que, nesse momento da pesquisa, a frequência de repetição das UF era irrelevante.

Dessa forma, a Figura 62 exemplifica a planilha *Excel* de número 2, desenvolvida para a tabulação da dicionarização dos dados. Cada coluna na planilha representa um dos cinco dicionários analisados. As informações contidas em cada célula indicam quando a UF foi encontrada em um determinado dicionário, com marcação positiva (sim) ou negativa (não).

**Figura 62** - Exemplo da planilha *Excel* para criada para a dicionarização dos dados

Frasema	Tipo de frasema	Larousse	Michaelis	Xatara	MATTOS e BRETAUD	Xeretando
au gendarme et au voleur	Expressão idiomática	Não	não	não	não	não
à droite et à gauche	Expressão idiomática	Não	não	não	sim	não
à la fin	Pragmatema	Sim	não	não	não	não
à la fois	Pragmatema	Sim	sim	não	não	não

Fonte: elaborado pelo autor

Tal como discutiremos na seção 8, os resultados da primeira consulta a obras lexicográficas se mostraram majoritariamente negativos. Por essa razão, a busca aos dicionários bilíngues, gerais ou fraseológicos, foi descartada na segunda fase da pesquisa. Com isso, para dar continuidade às análises lexicográficas, elegemos unicamente dicionários monolíngues. Considerando que, tal como salienta Biderman (1984b, p. 3, grifos da autora), “como dicionários da língua [francesa], os *Robert*

(*Grand Robert, Petit Robert, Micro Robert*) são certamente os melhores e modelo exemplar de trabalho lexicográfico”, selecionamos quatro dicionários da série *Robert* para atender à validação das UF coletadas, sendo dois dicionários gerais – *Le Nouveau Petit Robert: Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française - Version électronique* (Durand; Catach, 2009) e *Le Robert: Dico en ligne* (Lucet et al., 2021) – e dois dicionários fraseológicos – *Dictionnaire des combinaisons de mots* (Le Fur et al., 2007) e *Dictionnaire d'expressions et locutions* (Rey; Chantreau, 2003).

Ambos os dicionários gerais são em formato eletrônico, sendo o primeiro de acesso *off-line* e o segundo de acesso *on-line*. Preferimos trabalhar com dicionários eletrônicos para que a consulta fosse otimizada através da ferramenta de busca por palavras-chave, executada pelo comando Ctrl + F, quer na versão *off-line*, quer na versão *on-line*. Com isso, foi possível averiguar os casos de dicionarização parcial, ou seja, quando a UF não correspondia diretamente ao verbete do dicionário, mas era mencionada, através de acepções ou exemplos, autênticos ou forjados. Infelizmente, desconhecemos a existência de dicionários monolíngues fraseológicos de língua francesa em formato eletrônico. Sendo assim, consultamos as versões impressas de ambos os dicionários especializados da série *Robert* elegidos para a pesquisa.

O *Dictionnaire des combinaisons de mots*<sup>299</sup> funciona como um dicionário de colocações e se propõe a repertoriar as diferentes possibilidades de combinações léxicas da língua, dando acesso a uma vasta gama de contextos nos quais uma determinada lexia ocorre regularmente. As lexias nominais que atuam como base da colocação, ou seja, aquelas que selecionam outras para, juntas, emitirem um único sentido, constituem a macroestrutura do dicionário, ao passo que a microestrutura é formada pelos possíveis colocativos, independente de sua classe gramatical. O *Dictionnaire d'expressions et locutions* funciona de forma similar. Porém, se dedica a definição de expressões ou locuções que sejam construídas a partir das palavras-chave que compõem a macroestrutura do dicionário.

Visto que, nesse momento, o objetivo da análise lexicográfica não era a realização de uma pesquisa quantitativa comparativa entre os dicionários, mas sim a validação da UF em análise como sendo lexicalizada na língua, a consulta do *corpus* não foi feita exhaustivamente em todos os dicionários, tal como ocorreu na primeira fase da pesquisa lexicográfica. Ao contrário, estabelecemos uma ordem de consulta,

---

<sup>299</sup> *Dicionário de combinações de palavras*, em tradução livre para o português.



partindo dos dicionários gerais para os especializados: i) *Le Nouveau Petit Robert Version électronique* (Durand; Catach, 2009); ii) *Le Robert: Dico en ligne* (Lucet et al., 2021); iii) *Dictionnaire des combinaisons de mots* (Le Fur et al., 2007); iv) *Le Robert Dictionnaire d'expressions et locutions* (Rey; Chantreau, 2003). A partir do momento em que a UF era encontrada, parávamos a busca nos demais dicionários, visto que, a validação da UF já havia sido confirmada e, portanto, o objetivo da consulta alcançado. Contudo, a análise das colocações e das locuções verbais eram realizadas diretamente nos dicionários fraseológicos, devido ao caráter especializado dessas obras.

Isso dito, tendo em conta que não objetivávamos elaborar um estudo comparativo entre os dicionários monolíngues, a construção de uma nova planilha para a tabulação dessa fase da pesquisa não foi necessária. Por outro lado, para garantir o controle das validações encontradas, agregamos duas novas colunas à planilha geral de classificação dos dados, nas quais foi informado não apenas em qual dicionário a UF foi encontrada, como também o tipo de dicionarização: se total, quando a UF estava dicionarizada como cabeça de verbete ou como acepção em um verbete com entrada diferente da UF, tendo uma definição do seu significado, ou se parcial, quando a UF é apresentada apenas como abono ou exemplo, exibindo suas possibilidades de uso, mas sem definição.

Logo, a versal final da planilha, após a análise lexicográfica de validação dos dados, resultou no que está exposto na Figura 63, a seguir.

**Figura 63 - Versão definitiva da planilha Excel com pesquisa lexicográfica**

Contexto de uso	Unidade Fraseológica	Categoria gramat.	Categoria da UF	Tipo de UF	Tipo de colocação	Tipo de locução	Tipo de imagem da locução	Tipo de locução adverbial	Tipo de pragmatema	Tipo de marcador conversacional	Tipo de determinante quantificador	Tipo de lexia	Nível de idiom.	Nível de fixação	Estrutura interna	Conto	Pág. Linha	Tradução literal	Equivalência / definição	Dic. monolíngue	Tipo de dicionarização
papa est agent de police	agent de police	sintagma nominal	fraseol. lexical	colocação	nominal							complexa	transp.	semi	N + Prep + N	C4	12.17	agente de polícia	policial	Robert Virtual (2009)	parcial
au bout d'un temps	au bout d'un temps	sintagma preposicionado	fraseol. lexical	pragmatema					marcador conversacional	encadeamento de texto		complexa	opaco	SF	Prep + Det + N + Prep + Det + N	C17	61.29	ao pedaço de um tempo	depois de um tempo	Robert Virtual (2009)	parcial
Tu as de la veine que j'aie des fleurs	avoir de la veine	SV + SN	fraseol. lexical	locução		verbal	congrue					complexa	opaco	SF	V + Prep + Det + N	C8	28.7	ter da veia	ter sorte	Robert Expressions et Locutions (2003)	total
Agnan a pris la grande bouteille d'encre	bouteille de	não forma sintagma	fraseol. lexical	determinante quantificador							N1 é um contenedor	complexa	opaco	semi	N + Prep	C5	16.21	garrafa de + N	garrafa de + N	Robert Virtual (2009)	total
il était encore de bonne heure	de bonne heure	não forma sintagma	fraseol. gramatical	locução		adverbial	congrue	tempo				complexa	opaco	SF	Prep + Adj + N	C8	28.32	de boa hora	cedo	Robert Virtual (2009)	total
c'est un vilain cafard	être un cafard	SV + SN	fraseol. lexical	locução		verbal	incongrue					complexa	opaco	SF	V + Det + N	C18	65.14	ser uma barata	ser dedo duro	Robert Virtual (2009)	total
J'ai ouvert la porte et j'ai dit à maman "Joyeux anniversaire"	joyeux anniversaire	não forma sintagma	fraseol. lexical	pragmatema					fórmula ritualizada			complexa	transp.	SF	Adj + N	C8	30.2	feliz aniversário	feliz aniversário	não dicionarizado	
Je lui ai donné un bout de mon morceau de	morceau de	não forma sintagma	fraseol. lexical	determinante quantificador							N1 é uma parte	complexa	transp.	SF	N + Prep	C7	25.12	pedaço de	pedaço de	Robert Virtual (2009)	parcial

Fonte: elaborado pelo autor

As últimas duas colunas da planilha exposta na Figura 63, destacadas em amarelo, exemplificam a tabulação da pesquisa lexicográfica da segunda fase da pesquisa. Com isso, a planilha desenvolvida ao longo da nossa pesquisa para dar conta do tratamento da cobertura fraseológica presente no primeiro volume da série *Le Petit Nicolas* chega à sua versão completa.

Essa foi, sem dúvida, a tarefa mais árdua de toda a pesquisa, já que, de início, não tínhamos uma ideia clara de quais tipos de UF seriam encontradas no texto. Por isso, foi necessário elaborar diversos testes de classificação, buscando não apenas promover a identificação como também a catalogação das UF, estabelecendo normas de descrição teórica e prática dos dados de tal forma que possibilitasse delimitar o *corpus* da investigação. Além disso, visto que a coleta dos dados foi realizada em paralelo à construção do referencial teórico, ajustes frequentes eram feitos na planilha sempre que nos deparávamos com um novo conceito ou dimensão de análise.

A título de exemplificação dos ajustes feitos, após a definição final da planilha, podemos citar as UF que incluem outras UF, tais como *bouteille d'eau* (*garrafa de água*, em tradução livre). Primeiramente, reconhecemos que se tratava de uma colocação nominal, em que *eau* seria a base e o colocativo *bouteille*, tendo como elemento de ligação a preposição *de*. Porém, ao estudarmos sobre os determinantes quantificadores, percebemos que *bouteille de*, por si só, também configura uma UF. Dessa forma, foi preciso voltar à planilha e agregar, em linhas separadas, essas UF, preenchendo todas as colunas necessárias e realizando a consulta lexicográfica correspondente. Portanto, durante todo o processo de elaboração deste trabalho, desde a coleta dos dados até à pesquisa bibliográfica, foi preciso aplicar ajustes da planilha ao *corpus*.

### 7.3 CONSULTA AOS PERIÓDICOS *SUD-OUEST DIMANCHE* E *PILOTE*

Considerando a natureza do programa de pós-graduação ao qual esta pesquisa está vinculada, ou seja, o Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA), e tendo em conta que a dimensão cultural é fundamental para o estabelecimento da comunicação, tal como discutido na seção 3, nos dedicamos também a explorar o aspecto sócio-histórico-cultural dos contos que constituem o nosso *corpus*. Para tanto, analisamos os exemplares originais dos periódicos nos quais as histórias do *Le Petit Nicolas* foram inicialmente

publicadas, de modo a verificar o contexto sociopolítico da França no início dos anos 1960, como demonstrado e argumentado na seção 6.

As consultas ocorreram em dois momentos, o primeiro em 2020 e o segundo em 2022, ambos realizados na BnF, que detém em seu acervo os exemplares originais tanto do jornal *Sud-Ouest Dimanche* quanto da revista *Pilote*. Iniciamos as consultas com o exame do jornal *Sud-Ouest Dimanche*. As leituras dos exemplares foram realizadas seguindo a ordem cronológica de publicação, a partir de janeiro de 1959, com o intuito de obter uma visão suficientemente ampla de toda a extensão temporal durante a qual as histórias foram publicadas, observando as possíveis referências aos contos, bem como às notícias da época que julgássemos pertinentes para traçar o panorama socio-histórico-cultural que se desenhava à época. Portanto, o objetivo dessa análise era duplo: identificar todas as menções ao *Petit Nicolas* e aos seus autores, assim como contextualizar historicamente tais publicações.

Tendo em vista que a BnF permite a fotografia digital, para fins pessoais e acadêmicos, de documentos protegidos por direitos autorais em todas as salas de leitura da biblioteca, fotografamos sistematicamente a primeira página do periódico e aquela na qual o conto estivesse publicado. Eventualmente, também registramos notícias que nos pareciam historicamente relevantes. Para assegurar a qualidade das fotografias, fizemos uso as cabines de digitalização, disponibilizadas pela biblioteca, que aprimoram a resolução das fotografias feitas com a câmera do celular. Esse procedimento técnico garantiu a precisão e a nitidez dos registros fotográficos, o que seria fundamental para a realização de análises futuras.

Na Figura 64, se vê um modelo da cabine de digitalização da BnF.

**Figura 64** - Modelo de cabine de digitalização da BnF



Fonte: acervo pessoal do autor

Através de uma sequência contínua de lâmpadas LED, instaladas em todas as angulações internas da cabine, é possível obter condições adequadas de iluminação para que as fotografias sejam realizadas sem a presença de sombras. Além disso, a estrutura da cabine permite a estabilização do aparelho celular, que deve ser posicionado no topo do equipamento, proporcionando o registro em boa definição dos documentos.

No que tange aos exemplares dos periódicos analisados, o jornal *Sud-Ouest Dimanche* está arquivado na BnF em caixas que dividem todas as edições por ano de publicação. Por outro lado, os exemplares da revista *Pilote* estão organizados em encadernações que agrupam, por trimestres, os números publicados. Os jornais têm uma dimensão de aproximadamente duas folhas A3, ao passo que as revistas têm medidas próximas a uma folha de tamanho A4. As imagens da Figura 65 dão noção das dimensões de ambos os periódicos.

**Figura 65** - Dimensões dos exemplares do jornal *Sud-Ouest Dimanche* e da revista *Pilote*



Fonte: acervo pessoal do autor

Na Figura 65, exemplificamos, à esquerda, o tamanho do jornal *Sud-Ouest Dimanche* e, à direita, da revista *Pilote*. Com a ajuda das cabines de digitalização, digitalizamos em 2020 um total de 260 exemplares do jornal *Sud-Ouest Dimanche*, tendo antes examinado e lido cada exemplar. Porém, a declaração da pandemia da COVID-19, em 16 de março de 2020, pela Organização Mundial de Saúde, resultou no fechamento oficial das bibliotecas de todo o território francês, interrompendo abruptamente o nosso trabalho e impossibilitando a conclusão das consultas aos jornais *Sud-Ouest Dimanche*, assim como o acesso à revista *Pilote*. Diante dessa adversidade, só foi possível retomar essa fase da pesquisa em 2022, durante o

segundo estágio doutoral, quando a situação pandêmica já estava mais controlada e o funcionamento das bibliotecas normalizado.

Ao retornar à França em 2022 e dar continuidade ao processo de análise dos periódicos, mantivemos a metodologia adotada em 2020, porém, passamos a realizar anotações manuais regulares, em formato de diário de bordo<sup>300</sup>, sobre todas as questões históricas e culturais que nos chamassem a atenção, sinalizando em que número do jornal ou revista tal dado ocorreu. Além disso, passamos também a registrar as datas de publicação de cada exemplar, informando se, naquele número, o conto do *Petit Nicolas* se fez presente.

Ao todo, foram lidos e fotografados 363 exemplares do jornal *Sud-Ouest Dimanche*, correspondendo ao intervalo de tempo que vai de 4 de janeiro de 1959 a 26 de dezembro de 1965, e 322 exemplares da revista *Pilote*, o que corresponde ao período entre 29 de outubro de 1959, data de lançamento da revista, e 30 de dezembro de 1965. A análise desse material nos proporcionou uma visão panorâmica do contexto histórico em que os contos foram produzidos, enriquecendo, assim, a nossa compreensão quanto ao caráter autêntico dessa obra literária, como exposto em detalhes na seção 6.

O retorno aos exemplares originais dos periódicos em 2022 também foi muito pertinente para a nossa pesquisa, visto que, já em 2020, notamos haver uma quantidade significativa de imagens (fotografias, símbolos, *slogans*) ligados à temática de guerra ilustrando as reportagens. Após fazer uma pesquisa rápida sobre os conflitos políticos, a níveis local e mundial, que ocorreram durante a década de 1960, constatamos que a França esteve envolvida em várias situações de guerra nesse período. Contudo, o fechamento das bibliotecas por conta da pandemia da COVID-19 impossibilitou que uma análise mais aprofundada sobre esse dado fosse realizada naquele momento. Depois da retomada das consultas em 2022, tal informação nos chamou mais uma vez a atenção, o que nos levou a ler mais atentamente algumas reportagens, confirmando que esse era realmente um tema frequente tanto no jornal quanto na revista, como argumentamos na seção 6.

Porém, para além das imagens de guerra, nos deparamos, no decorrer das leituras dos periódicos, com outra questão: uma parcela considerável da nomenclatura empregada, sobretudo no jornal *Sud-Ouest Dimanche*, era desconhecida para nós,

---

<sup>300</sup> Descreveremos mais à frente o processo de criação do diário de bordo.

especialmente siglas e nomes próprios, a exemplo de *Monsieur K*, *FLN*, *OAS* e *porteurs de valises*<sup>301</sup>. Suspeitando de que essa terminologia também pudesse estar ligada ao tema de guerra, decidimos consultar livros históricos (Fontaine, 1967; Rioux, 1990, 2012; Crochet; Piouffre, 2009; Pernot; Toureille, 2010) que tratassem especificamente dos conflitos políticos da época, objetivando averiguar se havia alguma informação relevante que pudéssemos ter negligenciado ou se se tratava simplesmente do vocabulário típico do início dos anos 1960, com o qual não estávamos familiarizados.

O estudo histórico da época nos proporcionou uma compreensão mais sólida sobre a participação da França nos conflitos mundiais, revelando a existência de uma fraseologia específica para aquele período. Assim, retornamos uma terceira vez aos periódicos, agora munidos de um embasamento histórico e de uma consciência terminológica melhor estruturados, e pudemos entender com maior clareza as notícias relacionadas à temática de guerra. A análise repetida dos periódicos confirmou que a criação dos contos da série *Le Petit Nicolas* estava, de fato, vinculada a uma demanda social por entretenimento, confirmando o caráter autêntico da obra, como antes discutido.

Outro desafio enfrentado, dessa vez durante a consulta à revista *Pilote*, foi o desaparecimento dos exemplares de número 24 a 36, publicados entre 7 de abril e 30 de junho de 1960, do acervo da BnF. Embora esses exemplares estivessem listados como disponíveis no catálogo da biblioteca, não estavam acessíveis para consulta. Para solucionar esse impasse, recorremos à plataforma *on-line Sudoc*, que compila gratuitamente o acervo de todas as bibliotecas, universitárias ou públicas, da França. Com isso, conseguimos localizar exemplares faltantes na Biblioteca da *Cité internationale de la bande dessinée*, que é um complexo cultural voltado para a preservação e difusão de conteúdos relacionados a HQ, situada na cidade de Angoulême, no sudoeste da França. Após entrar em contato via *e-mail* com a equipe da biblioteca, recebemos os exemplares completos digitalizados em formato PDF.

---

<sup>301</sup> A título de curiosidade, *Monsieur K* foi o codinome veiculado nos jornais da época para se referir a Nikita Khrouchtchev, dirigente soviético durante a Guerra Fria. O *FLN* (*Front de Libération Nationale*, Frente de Libertação Nacional, em português) foi o principal grupo de luta pela independência da Argélia. A *OAS* (*Organisation de l'armée secrète*, Organização do Exército Secreto, em português) foi uma organização militar clandestina de extrema direita que se opôs à independência da Argélia. O termo *porteurs de valises* (carregadores de malas, em tradução livre) faz referência aos indivíduos que transportaram secretamente recursos para o *FLN*.

Infelizmente, não conseguimos encontrar em nenhuma biblioteca da França os originais da extinta revista belga *Le Moustique*, na qual as primeiras histórias do *Petit Nicolas*, ainda em formato de HQ, foram publicadas. Dessa forma, para esta pesquisa, tivemos que recorrer à edição *Le Petit Nicolas: la bande dessinée originale* (Goscinny; Sempé, 2017) que reúne os quadrinhos publicados na revista *Le Moustique*, embora essa edição não dê conta do contexto histórico e social da época em que os HQ foram publicados.

Ao todo, foram publicados 203 contos no jornal *Sud-Ouest Dimanche* e 198 na revista *Pilote*.

#### 7.4 A CRIAÇÃO DO DICOFRASEO

Desde o princípio desta pesquisa, objetivávamos oferecer, como um dos produtos finais das investigações aqui descritas, um glossário<sup>302</sup> que fosse parte integrante de um manual de leitura capaz de auxiliar aos aprendizes brasileiros de francês na interpretação, no entendimento e na tradução das UF presentes nos contos da série *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964). A proposta da criação do manual surgiu da nossa experiência em sala de aula e da tentativa de propor soluções para sanar a carência de fontes lexicográficas de referência capazes de dar conta do material fraseológico de língua francesa existente nos contos, especialmente após a confirmação da ineficácia, para esse fim, dos dicionários bilíngues, gerais e fraseológicos, mais difundidos no Brasil (Sampaio; Ribeiro, 2021c).

Desse modo, através do manual de leitura, estariam à disposição do consulente informações diversas sobre Fraseologia, tais como explicações curtas e objetivas sobre o tema e dicas de leituras complementares, assim como exercícios que permitam conscientizar o leitor sobre a noção de fraseologia em língua materna e estrangeira, tal como previsto por González-Rey (2019a; 2019b) e descrito por nós na seção 6 desta tese.

Na tentativa de encontrar a melhor forma de construção do manual, estabelecemos as seguintes etapas: i) levantamento dos dados e análise geral do tipo

---

<sup>302</sup> Com base nas definições de Welker (2004, p. 25).



de UF mais frequente; ii) escolha do formato da obra lexicográfica que melhor se adequasse aos dados encontrados; iii) elaboração do glossário.

Após o levantamento dos dados, constatamos que as UF do tipo colocações e locuções foram as mais frequentes. Nesse sentido, considerando o caráter semifraseológico das colocações e a possibilidade de flexão das colocações e locuções verbais, entendemos que o modelo lexicográfico tradicional, em via impressa, não atenderia à demanda dos nossos dados, já que a macroestrutura desse formato de obra dicionarística não permitiria a realização de consultas dinâmicas.

Tal como descrito na seção 2 desta tese, tradicionalmente, as obras lexicográficas, impressas ou eletrônicas, são elaboradas tomando como verbete a forma básica ou canônica do lexema que está sendo repertoriado, qual seja, o infinitivo dos verbos e o singular masculino dos nomes e adjetivos. O processo de busca dessa dita forma básica é chamado de lematização (Biderman, 1984b; Welker, 2004). Contudo, ao construir a lista de verbetes de uma obra lexicográfica, “alguns itens lexicais são problemáticos com relação à forma. Às vezes o lexicógrafo se pergunta se uma combinação de duas ou mais palavras é um sintagma lexicalizado” (Biderman, 1984b, p. 31). Sabendo que para, alguns lexicógrafos, são consideradas como lexicalizadas as unidades polilexicais separadas por hifens, o que não corresponde à totalidade da cobertura fraseológica de uma língua, é preciso ponderar que

para ajudar consulentes cuja língua materna não é a do dicionário, ou mesmo falantes nativos pouco competentes na sua própria língua, seria importante que o dicionário desse como lema também formas flexionadas bem diferentes da forma básica, ou seja, opacas [...], por exemplo, as formas irregulares dos verbos, como *fiz*, *houve*. Tais lemas precisariam ser acompanhados apenas de uma remissão para o lema principal (Welker, 2004, p. 91, itálico do autor).

Diante disso, entendemos que o glossário que almejávamos desenvolver deveria ser em formato eletrônico, de modo a proporcionar mais facilmente uma consulta remissiva (doravante consulta dinâmica), a partir de qualquer constituinte da UF, independentemente da lexia estar lematizada ou não.

Uma vez que o objetivo principal da criação desse material é empregá-lo em aulas de FLE, julgamos, primeiramente, que o manual deveria ser desenvolvido em forma de aplicativo para celular, visando oportunizar o acesso rápido por estudantes e professores. Dada a experiência que o laboratório TTN da Universidade Sorbonne Paris Nord possui na elaboração de obras lexicográficas virtuais, esperávamos obter,

durante a realização de estágio doutoral nesta instituição, a metodologia adequada a ser aplicada à construção do manual de leitura. Entretanto, devido aos contratemplos ocasionados pela pandemia da COVID-19, as discussões sobre esse tema foram suspensas. Com o intuito de encontrar uma solução alternativa, contamos com a ajuda da professora doutora Daniela Barreiro Claro, do curso de Ciência da Computação da Universidade Federal da Bahia, e de seus orientandos Luis Emanuel Neves de Jesus e João Gondim.

Em reuniões ocorridas em 2021, na modalidade à distância, chegamos à conclusão de que o suporte de página *web* seria o melhor formato para a hospedagem do manual de leitura, evitando a limitação do acesso apenas aos dispositivos móveis, ampliando a possibilidade de consulta também por computadores. Para atender a essa demanda, decidimos solicitar junto ao Núcleo de elaboração de *home page* (NEHP) da Superintendência de Tecnologia da Informação da Universidade Federal da Bahia (STI/UFBA) a criação de um *site* que pudesse ser vinculado ao domínio *ufba.br*.

Após recebermos a autorização para a criação do *site*, contamos com a colaboração da analista de sistemas Aline Meire Rocha, funcionária do NEHP/STI/UFBA, que ficou responsável pela diagramação do *site* que seria concebido para hospedar o glossário. O desenvolvimento da página *web* foi realizado utilizando o CMS (*Content Management Systems* - Sistema de Gerenciamento de Conteúdo) Drupal na versão 7, que é um *software* de código aberto usado para criar e gerenciar *sites* e aplicativos da *web*, disponível gratuitamente para *download* na sua página oficial, no endereço <https://drupal.org/>. De acordo com a analista Aline Meire Rocha, o CMS possibilita o ganho de velocidade na criação de *sites*, já que essa ferramenta disponibiliza vários modelos de *layouts (templates)* pré-fabricados e módulos que permitem a adição de novas funcionalidades ao *site*. Além disso, o gestor do *site* dispensa a necessidade de conhecimentos prévios sobre programação de *web* para que as informações sejam atualizadas, visto que a interface apresentada para inserção de conteúdo funciona de forma bastante intuitiva.

Considerando que o Drupal utiliza em seu sistema de funcionamento uma arquitetura modular, ou seja, que os recursos e as funcionalidades podem ser estendidas através de módulos adicionais, ficou a cargo da analista de sistemas Aline Meire Rocha a busca por módulos capazes de atender a três características principais: i) a estruturação dos dados fraseológicos em formato de glossário; ii) a possibilidade

de consulta dinâmica; iii) a inserção de atividades interativas visando a prática do uso das UF ali repertoriadas.

A forma de interação com a analista de sistemas Aline Meire Rocha para a construção do *site* também foi através de reuniões *on-line* entre a analista, o doutorando e a orientadora Silvana Ribeiro. As reuniões com a analista seguiram um padrão de demanda e busca de solução, isto é, durante os encontros, apresentávamos as nossas necessidades em forma de tarefas específicas e a analista nos trazia os resultados alcançados na reunião subsequente ou por meio de relatórios de trabalho, redigidos por ela, e encaminhados previamente por *e-mail*.

Para a construção do *site* <https://dicofraseo.ufba.br/> foram utilizados os módulos do CMS Drupal tal como descritos no Quadro 25.

**Quadro 25** - Módulos do CMS Drupal utilizados para a criação do *Dicofraseo*

Módulo	Descrição
<i>Taxonomy</i>	Módulo que permite categorizar conteúdos em vocabulários. Foi utilizado para armazenar no <i>site</i> as informações sobre as UF do glossário.
<i>Lexicon</i>	Módulo que permite visualizar um vocabulário no formato de dicionário. Foi utilizado para gerar a formatação de dicionário ao agrupamento das classificações das UF.
<i>Taxonomy CSV import/export</i>	Módulo que permite realizar o <i>upload/download</i> de termos (verbetes) de uma taxonomia no formato CSV. Foi utilizado para realizar o <i>upload</i> das UF que estavam armazenadas na planilha no <i>Excel</i> (.xlsx) que foi convertida para o formato (.csv) para ser carregada no <i>site</i> .
<i>Term Search</i>	Módulo que permite configurar uma busca dos termos da taxonomia. Foi utilizado para determinar quais informações sobre as UF (a exemplo de verbos conjugados) deveriam ser consideradas ao se realizar uma consulta dos termos cadastrados no <i>site</i> , possibilitando a realização da consulta dinâmica.
<i>H5P Editor</i>	Módulo que permite criar conteúdos interativos no <i>site</i> utilizando o pacote H5P que possui diversos recursos interativos da linguagem HTML5. Foi utilizado para gerar o conteúdo da aba de exercícios, a qual tem por finalidade disponibilizar algumas atividades que sirvam como prática dos conhecimentos sobre o uso das UF.

Fonte: elaborado pelo autor com base nas informações concedidas pela analista de sistemas Aline Meire Rocha via relatório de trabalho

Para garantir o bom funcionamento do manual eletrônico, ou seja, a busca alfabética e por digitação da UF, foram selecionados cinco módulos do CMS Drupal, que objetivavam não apenas para proporcionar a aparência de dicionário ao *site*, como também possibilitar a consulta dinâmica, tal como descrito no Quadro 25. De modo a facilitar a inserção dos dados no *site*, foi necessário ajustar a planilha *Excel* desenvolvida para a tabulação dos dados. Para isso, importamos a lista de UF, em

dados relativos, para outro arquivo *Excel* e procedemos a adaptação da planilha, evitando perder a classificação dos dados que já havia sido feita anteriormente.

Em primeira instância, eliminamos a coluna com as citações do contexto de uso das UF, visto que não poderíamos usar trechos dos contos da coletânea *Le Petit Nicolas*, uma vez que a obra ainda está protegida pela lei de direitos autorais<sup>303</sup>. Conseqüentemente, excluimos as colunas relacionadas à localização da UF dentro do conto. Em seguida, utilizando o recurso de cor de fundo, destacamos as células da planilha para sinalizar à analista de sistemas quais informações deveriam ficar visíveis ao usuário comum (o consultante), e que formariam, portanto, a microestrutura do glossário, e quais deveriam permanecer ocultas para o consultante, mas visíveis para nós, prevendo a necessidade de utilização desses dados em pesquisas futuras.

Diante da impossibilidade de utilizar trechos dos contos *Le Petit Nicolas* na microestrutura do dicionário em forma de abono, foi necessário forjar, para cada UF, uma sentença que servisse como exemplo de uso. Esse procedimento visou respeitar as restrições de direitos autorais impostas aos textos originais e, ao mesmo tempo, garantir que as UF fossem adequadamente contextualizadas, facilitando a compreensão e o uso correto de cada UF em análise, já que, por vezes, o sentido da unidade é modificado a partir do contexto no qual ela está sendo empregada.

Assim, o realce das células foi feito conforme o seguinte código cromático: amarelo para as UF que deveriam aparecer como cabeça do verbete; verde para as células que ficariam visíveis como microestrutura do glossário e vermelho para as células ocultas. Além disso, foi necessário converter a planilha do formato xls (padrão do *Excel*) para o csv, que é aquele aceito pelo módulo de importação do Drupal.

Uma vez tendo sido realizado o *upload* das UF no *site*, a analista de sistemas percebeu que aquelas que continham acentuação, assim como apóstrofo, não eram reconhecidas pelos módulos do Drupal, o qual substituía sistematicamente qualquer letra acentuada ou o símbolo de apóstrofo pelo código `&#039`. Para corrigir o erro, foi necessário atualizar as regras de acentuação do módulo. Para isso, indicamos, manualmente, à analista, todas as possibilidades de acentuação em língua francesa, qual sejam: é:e, è:e, ê:e, à:a, ç:c, â:a, î:i, ô:o, û:u, ù:u, ë:e, ï:i, ü:u.

---

<sup>303</sup> De acordo com a lei nº 92-597, de 1º de julho de 1992, que rege os direitos autorais na França, as propriedades intelectuais têm prerrogativa legal durante toda a vida do autor, acrescidos de 70 anos após a sua morte. Tendo em vista que Gosciny faleceu em 5 de novembro de 1977 e Sempé em 11 de agosto de 2022, toda a obra *Le Petit Nicolas* ainda está legalmente protegida.

Porém, para assegurar o funcionamento eficiente do sistema de consulta dinâmica, foi necessário adicionar novas colunas à planilha de *upload*, informando as conjugações dos verbos presentes em UF, além da concordância de gênero e número dos nomes e adjetivos. Com isso, a versão final da planilha desenvolvida para *upload* dos dados fraseológicos ficou como o exposto na Figura 66, a seguir.

Figura 66 - Versão final da planilha desenvolvida para criação do manual de leitura

Unidade fraseológica	Tipo de frasema	Definição ou equivalência em português	Onde está dicionarizado	Exemplo de uso	Le matização dos adjetivos e nomes	présent de l'indicatif	imparfait de l'indicatif	passé simple de l'indicatif	futur simple de l'indicatif	présent du subjonctif	imparfait du subjonctif	présent conditionnel	participes	Tipo de colocação	Tipo de locução	Tipo de imagem da locução	Tipo de locução adverbial	Tipo de pragmatema	Tipo de marcador conversacional	Tipo de déterminant quantifieur	Tipo de lexia	Nível de idiom.	Nível de fixação	Estrutura interna	Tradução literal	Tipo de dicionarização
Aimer bien	Colocação	Gostar	Robert Virtual (2009)	J'aime bien aller me promener dans le parc le dimanche.		aime, aimes, aime, aimons, aimez, aiment	aimais, aimais, aimait, aimions, aimiez, aimaient	aimai, aimas, aimâmes, aimâmes, aimèrent	aimerai, aimeras, aimerai, aimerons, aimez, aimeront	aime, aimes, aime, aimions, aimez, aiment	aimasse, aimasses, aimât, aimassions, aimassiez, aimassent	aimerais, aimerais, aimerais, aimerais, aimerais, aimerais	aimant, aimé, aimée, aimés, aimées	adverbial							complexa	opaco	semi	V + Adv	amar bem	parcial
Aimer mieux	Colocação	Gostar mais	Robert Virtual (2009)	J'aime mieux les films d'action que les films d'amour.		aime, aimes, aime, aimons, aimez, aiment	aimais, aimais, aimait, aimions, aimiez, aimaient	aimai, aimas, aimâmes, aimâmes, aimèrent	aimerai, aimeras, aimerai, aimerons, aimez, aimeront	aime, aimes, aime, aimions, aimez, aiment	aimasse, aimasses, aimât, aimassions, aimassiez, aimassent	aimerais, aimerais, aimerais, aimerais, aimerais, aimerais	aimant, aimé, aimée, aimés, aimées	adverbial							complexa	opaco	semi	V + Adv	amar melhor	parcial
Aller à quelqu'un	Locução	Convir	Robert Virtual (2009)	Cette robe va très bien à ma sœur.		vais, vas, va, allons, allez, vont	allais, allait, allions, alliez, allaient	allai, allas, alla, allâmes, allâmes, allèrent	irai, iras, ira, irons, irez, iront	aille, ailles, allions, alliez, aillent	allasse, allasses, allât, allassions, allassiez, allassent	irais, irais, irait, irions, iriez, iraient	allant, allé, allée, allés, allées		verbal	congrue					complexa	opaco	SF	V + Prep + S	ir à alguém	total
Aller au piquet	Colocação	Castigo infligido a um aluno, que consiste em colocá-lo em um canto, de pé e imóvel de frente para a parede	Robert Virtual (2009)	Il va aller au piquet s'il ne termine pas ses devoirs à temps.		vais, vas, va, allons, allez, vont	allais, allait, allions, alliez, allaient	allai, allas, alla, allâmes, allâmes, allèrent	irai, iras, ira, irons, irez, iront	aille, ailles, allions, alliez, aillent	allasse, allasses, allât, allassions, allassiez, allassent	irais, irais, irait, irions, iriez, iraient	allant, allé, allée, allés, allées	verbal							complexa	opaco	SF	V + Prep + Det + N	ir à estaca	parcial
Aller en classe	Colocação	Ir para a aula	Robert Virtual (2009)	Les élèves doivent aller en classe dès que la cloche sonne.		vais, vas, va, allons, allez, vont	allais, allait, allions, alliez, allaient	allai, allas, alla, allâmes, allâmes, allèrent	irai, iras, ira, irons, irez, iront	aille, ailles, allions, alliez, aillent	allasse, allasses, allât, allassions, allassiez, allassent	irais, irais, irait, irions, iriez, iraient	allant, allé, allée, allés, allées	verbal							complexa	transp.	semi	V + Prep + N	ir em classe	total
Alors que	Locução	Sendo que	Robert Virtual (2009)	Il pensait qu'il allait réussir, alors que tout le monde doutait de lui.										conjuntiva	não é magético						complexa	opaco	SF	Adv + Conj	então que	total
Ancien élève	Colocação	Antigo aluno	Robert Virtual (2009)	Notre ancien élève est devenu un acteur célèbre.	anciens, ancienne, anciennes									adjetiva							complexa	transp.	semi	Adj + N	antigo aluno	total

Fonte: elaborado pelo autor

O recorte da planilha criada para atender à elaboração do manual de leitura, exemplificado na Figura 66, mostra as colunas que foram adicionadas para indicar sobre todas as formas de conjugação verbal em língua francesa, de modo que tais informações pudessem ficar invisíveis para o consulente, mas possibilitassem a remissão à forma lematizada.

Não foi preciso incluir as conjugações de tempos verbais compostos, pois os verbos auxiliares utilizados nesses casos (*être* e *avoir*) são sempre os mesmos. Dessa forma, a identificação desses verbos traria como resultado de consulta todas as UF verbais, invalidando a consulta dinâmica. Portanto, a indicação apenas dos participípios passados de cada verbo foi suficiente.

Ao final, ficaram visíveis as seguintes informações: tipo de UF, definição ou equivalência em português; onde está dicionarizado (tomando como base os dicionários monolíngues) e o exemplo de uso. Ademais, inserimos nove colunas na nova planilha, destacadas em azul, a serem usadas na consulta dinâmica: as conjugações verbais – presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito perfeito simples do indicativo, futuro do presente do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo, presente do condicional e participípios – e as possibilidades de acordo gênero-nominal – adjetivos e nomes.

Como escolha metodológica para a criação do glossário, aplicamos um recorte às colocações e às locuções, embora os principais testes de adequação dos módulos Drupal, feitos durante a constituição do *site*, tenham sido realizados com a totalidade do nosso *corpus*. Isso foi feito com o objetivo de traçar uma amostra do processo de dicionarização fraseológica, identificando os desafios e as soluções para melhor atender ao objetivo primeiro do manual, que é a melhoria do ensino do francês para brasileiros. Ao todo, estão inventariadas 663 UF, sendo 379 colocações e 284 locuções.

No que tange ao batismo do manual de leitura, escolhemos o nome *Dicofraseo*. Para isso, nos inspiramos nos termos *dico*, abreviatura usada na linguagem coloquial em francês para *dictionnaire* (dicionário), e em *fraseo*, referente à Fraseologia. Acreditamos que essa nomenclatura captura de maneira eficaz a proposta que idealizamos para o desenvolvimento da pesquisa, refletindo tanto a funcionalidade do *site*, em formato de glossário, quanto o foco em combinações léxicas fraseológicas.

Ainda devido à impossibilidade de se fazer menção direta ao *Petit Nicolas* no glossário, escolhemos como personagem apresentador do *Dicofraseo* o pássaro *pie*

*bavarde* (pega rabuda, em português). Tal escolha se deu, de um lado, a partir da experiência pessoal do doutorando, quando do seu primeiro intercâmbio acadêmico, ainda em nível de graduação, realizado em 2011 na Universidade Rennes 2, na França, ocasião na qual teve o primeiro contato com esse pássaro. Por outro lado, a escolha está ligada também à carga cultural que a *pie* representa no imaginário francês. Além de fazer parte do cenário urbano de países do hemisfério norte, muitas UF de língua francesa são construídas tomando como referência as características comportamentais desse pássaro.

A título de exemplificação, podemos citar *bavarder comme une pie* (tagarelar como uma pega, com o sentido de falar demais e com voz esganiçada), *être un voleur comme une pie* (ser um ladrão como uma pega, no sentido de ser uma pessoa que rouba por banalidade) ou mesmo *nid-de-pie* (ninho de pega, com o sentido de guarita de um navio). Portanto, acreditamos que a *pie* seja uma excelente representante da fraseologia de língua francesa.

Após algumas tentativas frustradas de parcerias com ilustradores, na busca de dar vida ao personagem, em forma de desenhos que integrassem o *Dicofraseo*, contamos finalmente com a colaboração do ilustrador e cartunista Daniel Cesart. Para apresentar ao ilustrador a proposta de criação do personagem, elaboramos um portfólio, em formato PDF, contendo o esboço do que viria a ser o manual, indicando o *layout* que estava em fase de diagramação, o conteúdo que seria inserido em cada aba do *site* etc. Ademais, recolhemos imagens, especialmente fotografias disponíveis gratuitamente na *web*, que representassem as poses comportamentais características desse pássaro, de modo a servir de inspiração para a criação dos desenhos.

O resultado obtido pode ser visto na Figura 67.

**Figura 67** - Personagem Pie, criado para compor o *Dicofraseo*



Fonte: ilustração feita por Daniel Cesart (2024)

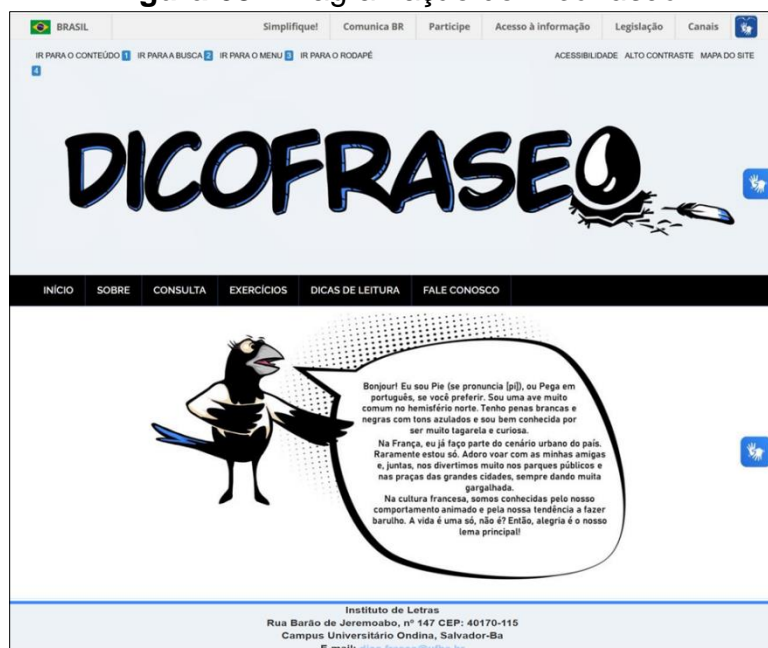


A Figura 67 exibe o desenho da personagem Pie, criada para ilustrar o glossário *Dicofraseo*. Como se vê, a personagem apresenta características antropomórficas, preservando, contudo, os traços identitários da ave: plumagem de cor alvinegra com tom azulado na calda, além a cabeça pequena e levemente arredondada.

Através de interações via troca de mensagens por *whatsapp* e presencialmente, Daniel Cesart elaborou também o manual de marca do *Dicofraseo*, isto é, o guia de identidade visual do personagem e a logo do *site*. Desse modo, foi possível associar as expressões corporais e emocionais da Pie ao tipo de informação que estaria em cada aba do *site* onde o desenho seria incorporado. No exemplo exposto na Figura 67, o pássaro foi desenhado em posição de questionamento que, na ilustração, está evidenciada pelo ponto de interrogação vermelho acima da sua cabeça, sugerindo dúvida ou confusão. A escolha para essa pose foi pensada de forma a representar as dificuldades de compreensão, por parte dos leitores brasileiros, da cobertura fraseológica presente nos contos que compõem o nosso *corpus*. A sua postura e expressão facial foram projetadas para transmitir emoções humanas, de modo que fosse possível gerar uma conexão entre a personagem e o consultante do glossário.

Diante do exposto, após a publicação, o *Dicofraseo* ficou diagramado tal como consta na Figura 68.

Figura 68 - Diagramação do *Dicofraseo*



Fonte: Sampaio (2024), disponível em [www.dicofraseo.ufba.br](http://www.dicofraseo.ufba.br)

A imagem presente na Figura 68 é uma captura de tela da página *web* que hospeda o manual de leitura *Dicofraseo*. Como se vê, na parte superior central da página, está o logotipo do *site*, que foi igualmente desenvolvido pelo cartunista Daniel Cesart. Em letras grandes, com um ovo em um ninho substituindo a letra *O* ao final do título do manual. Logo abaixo do logotipo, há uma barra de navegação com as seis abas que estão assim nomeadas: i) *início*, na qual a personagem Pie apresenta o manual, explicando o propósito do *site* e as motivações para a escolha do pássaro pega como mascote do manual; ii) *sobre*, a qual contém informações gerais sobre o projeto de pesquisa que deu origem ao manual; iii) *consulta*, o qual integra o glossário fraseológico desenvolvido a partir dos dados da pesquisa, como já mencionado; iv) *exercícios*. Ainda em processo de construção, pretendemos inserir esta aba exercícios de sensibilização e memorização de UF da língua francesa, podendo estar presentes nos contos *Le Petit Nicolas* ou não; v) *dicas de leitura*, na qual oferecemos sugestões de leituras adicionais sobre Fraseologia; e vi) *fales conosco*, que fornece uma forma de contato direto através de um endereço de *e-mail* criado especificamente para atender às perguntas dos consulentes.

A título de exemplificação de como ficou construída a microestrutura do glossário, realizado com base na planilha exemplificada anteriormente na Figura 66, apresentamos, na Figura 69, uma captura de tela da dicionarização da UF *coup de pied*.

**Figura 69 - Exemplo de microestrutura do *Dicofraseo***

The screenshot shows the website interface for 'Dicofraseo'. At the top, there are navigation links: 'IR PARA O CONTEÚDO', 'IR PARA A BUSCA', 'IR PARA O MENU', and 'IR PARA O RODAPÉ'. On the right, there are links for 'ACESSIBILIDADE', 'ALTO CONTRASTE', and 'MAPA DO SITE'. The main title 'DICOFRASEO' is displayed in large, stylized, blue-outlined letters, with a cartoon bird (Pie) perched on the final 'O'. Below the title is a navigation bar with buttons for 'INÍCIO', 'SOBRE', 'CONSULTA', 'EXERCÍCIOS', 'DICAS DE LEITURA', and 'FALE CONOSCO'. The current page is titled 'Coup de pied'. The entry details are as follows:

- Tipo de frasema: Colocação
- Definição ou equivalência em português: Pontapé/chute
- Onde está dicionarizado: Robert Virtual (2009)
- Exemplo de uso: Le joueur a donné un coup de pied dans le ballon.

At the bottom, the contact information for the Instituto de Letras is provided: Rua Barão de Jeremoabo, nº 147 CEP: 40170-115, Campus Universitário Ondina, Salvador-Ba, with the email address dico.fraseo@ufba.br.

Fonte: Sampaio (2024), disponível em [www.dicofraseo.ufba.br](http://www.dicofraseo.ufba.br)

A partir da análise da Figura 69, percebemos que a microestrutura do glossário fraseológico presente no manual *Dicofraseo* foi organizada, sistematicamente, de maneira informativa, a partir de quatro elementos: i) tipo de frase, isto é, tipo de UF; ii) definição ou equivalência em português, oferecendo ao consultante uma compreensão imediata do significado aproximado no português; iii) onde está dicionarizado, que tem por finalidade disponibilizar uma fonte de consulta complementar monolíngue, e iv) exemplo de uso, que apresenta exemplos forjados do emprego contextualizando, da UF em questão, em uma situação comunicação próxima à da vida real. Como já descrito nessa seção, tal organização foi feita com o intuito de oferecer uma consulta rápida e direta, de modo que não interferisse no ritmo de leitura dos contos.

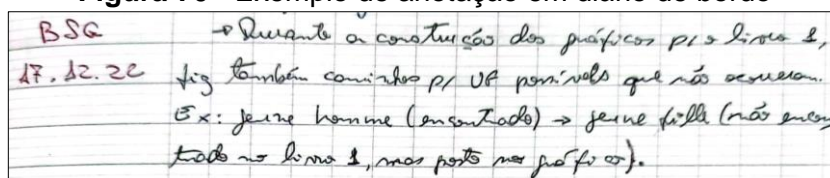
No exemplo exposto na Figura 69, os elementos da microestrutura apresentam as seguintes informações: trata-se de uma UF do tipo colocação, que pode ser traduzida em português como *pontapé* ou *chute*, que está registrada no Dicionário *Robert Virtual* (2009) e que pode ser empregada em sentenças do tipo *Le joueur a donné un coup de pied dans le ballon* (o jogador deu um pontapé na bola, em tradução livre para o português), ilustrando o emprego da UF em um contexto oracional.

## 7.5 A CONSTRUÇÃO DO DIÁRIO DE BORDO

Como foi descrito ao longo dessa seção, a pandemia da COVID-19 interferiu diretamente no desenvolvimento da nossa pesquisa, afetando a sua duração e nos obrigando a reprogramar tanto o cronograma quanto os objetivos inicialmente traçados. Entretanto, para além das limitações ocasionadas pela pandemia, como o fechamento das universidades e das bibliotecas, questões de saúde também prejudicaram o bom funcionamento de algumas escolhas metodológicas desenhadas para a pesquisa, visto que fomos, por três vezes, contaminados pelo vírus. Considerando que a perda de memória é um dos efeitos mais relatados da infecção por essa doença (Fontes-Dantas et al., 2023), sentimos a dificuldade de lembrar de muitas decisões metodológicas tomadas ao longo do processo de pesquisa, prejudicando a fluidez do trabalho. Para sanar essa situação, adquirimos o hábito de documentar, em forma de diário de bordo, todas as decisões, desafios e soluções relacionados à pesquisa, abrangendo não apenas aspectos metodológicos e técnicos,

mas também teóricos e analíticos. Na Figura 70, está um exemplo de anotação do diário de bordo.

**Figura 70** - Exemplo de anotação em diário de bordo



Fonte: arquivo pessoal do autor

A anotação do diário de bordo presente na Figura 70, datada de 17 de dezembro de 2022, foi escrita na Biblioteca Sainte-Geneviève (BSG), como indica a marginária em vermelho, à esquerda, e trata de uma escolha metodológica adotada durante a criação dos gráficos para o tratamento automatizado dos dados via aplicativo *Unitex/GramLab*<sup>304</sup>.

O uso do diário de bordo trouxe muitos benefícios para a condução da pesquisa, visto que nos permitiu manter o registro detalhado e sistemático das decisões tomadas, das dificuldades encontradas e das soluções implementadas ao longo do processo, garantindo a continuidade e a coerência do trabalho. Além disso, o diário também serviu como ferramenta de reflexão crítica, possibilitando, através da recuperação facilitada de informações, a avaliação constante das metodologias empregadas. É por essa razão que optamos por descrevê-lo desta seção, ainda que de forma bastante breve, pois essa foi uma abordagem escolhida e aplicada de bastante valia para o desenrolar da pesquisa.

## 7.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO

Nesta seção, apresentamos os processos metodológicos adotados para a construção desta pesquisa, os quais foram produzidos a partir de um conjunto de testes, executados por intermédio de trabalhos científicos com vistas a melhor compreender os dados obtidos durante a pesquisa e a garantir maior precisão dos resultados. Desse modo, a constituição do *corpus* passou por vários processos técnicos de coleta, classificação, catalogação e validação dos dados. Embora não

<sup>304</sup> Durante as pesquisas na França, foi feito um trabalho exaustivo de testagem para o tratamento automatizados dos dados da pesquisa por meio do aplicativo de mineração de dados lexicais de língua francesa *Unitex/GramLab*, o qual nos permitirá projetar às análises aos demais volumes da série literária *Le Petit Nicolas*.

tenhamos detalhado aqui, para além da validação dos dados através da consulta a obras lexicográficas monolíngues de língua francesa, também submetemos o *corpus* a um processo de tratamento automatizado por meio do *software* de mineração de dados lexicais de língua francesa, o *Unitex/GramLab*, o que também nos permitiu projetar as UF coletadas de forma analógica aos demais volumes da série literária. Contudo, por escolha de recorte metodológico, reservamos essa parte da pesquisa para produções científicas futuras.

Além disso, a consulta aos periódicos *Sud-Ouest Dimanche* e *Pilote*, embora desafiadora, devido ao grande quantitativo de exemplares consultados, foi essencial para o entendimento mais aprofundado do contexto histórico, político e cultural no qual os contos da coletânea *Le Petit Nicolas* estavam inseridos, confirmando o caráter autêntico do *corpus*.

A elaboração do manual de leitura *on-line*, ainda que em fase embrionária, construído com parte dos dados obtidos, tem por finalidade não apenas consolidar, de forma prática os estudos aqui descritos, como também, e principalmente, oferecer à comunidade brasileira um produto final oriundo desta tese, de acesso fácil e gratuito, que tem por objetivo contribuir para a melhoria do ensino do FLE no Brasil.

Ademais, a criação de um diário de bordo se revelou bastante eficaz para a documentação e a reflexão crítica sobre cada etapa do processo metodológico aqui descrito, facilitando a recuperação de informações e o enfrentamento das adversidades impostas pela pandemia da COVID-19.

Acreditamos, com isso, que esta seção cumpre com seu propósito de detalhar as estratégias e técnicas empregadas durante o desenvolvimento desta pesquisa de doutorado, oferecendo uma visão em perspectiva dos procedimentos metodológicos que nortearam a investigação.

Dessa forma, esperamos obter resultados quantitativos, no que tange à ocorrência e à repetição das UF em análise, e qualitativos, no que diz respeito às características de construção e uso da cobertura fraseológica presente nos contos *Le Petit Nicolas*. Sendo assim, a seção subsequente é destinada a apresentar os resultados alcançados.

## 8 O QUE DIZEM OS DADOS

Esta seção aprofunda a análise da cobertura fraseológica do primeiro volume da coletânea *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960) dando ênfase em uma descrição tanto quantitativa quanto qualitativa dos dados coletados. A investigação explora os padrões sintáticos, semânticos e pragmáticos que contribuem para a construção das UF em estudo, ao mesmo tempo em que, por meio da tradução literal<sup>305</sup> dessas unidades, identifica os critérios que podem gerar maior dificuldade de compreensão para um leitor brasileiro.

Diante disso, foram trazidos à discussão cinco itens classificatórios, quais sejam: i) a tipologia do *corpus*, no qual avaliamos o quantitativo absoluto e o relativo de cada tipo de UF identificada na obra, assim como às características comportamentais de cada um, aplicando um recorte àqueles com maior ocorrência; ii) questões culturais, no qual tomamos como exemplo os jogos de palavras para mostrar a importância e a influência da dimensão cultural na compreensão das UF; iii) a estrutura interna, no qual analisamos quais os padrões sintáticos mais recorrentes no *corpus*; iv) a alta frequência de uso, no qual verificamos quais as UF mais repetidas nos contos; v) a consulta a obras lexicográficas, no qual verificamos a possível dicionarização do *corpus*.

### 8.1 ANÁLISE TIPOLOGICA

Ao longo da leitura do livro *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960), foi extraído um total de 4757 ocorrências de 1033 UF distintas<sup>306</sup>. Embora saibamos que a frequência de uso é um dos fatores que influencia na convencionalidade de uma UF, concentramos, por hora, as nossas análises aos dados relativos, ou seja, o quantitativo unitário de cada ocorrência das UF coletadas. Com isso, almejamos obter

---

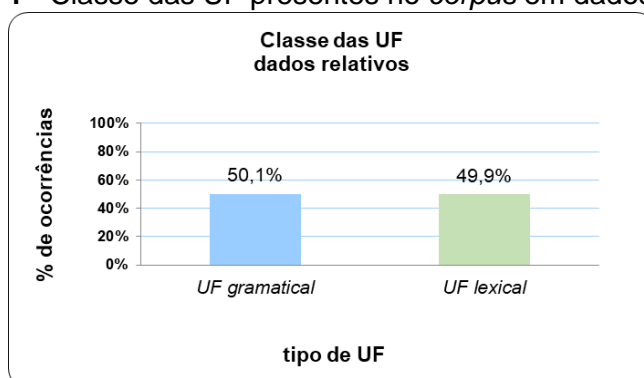
<sup>305</sup> Entendemos por tradução literal aquela feita ao pé da letra, isto é, palavra por palavras, mantendo a estrutura sintática da sentença. Almejamos, com isso, fornecer ao leitor pouco experiente com a língua francesa uma percepção geral de como determinadas sequências léxicas são construídas na língua estrangeira. Portanto, ao fazer uso do termo *tradução literal*, o objetivo principal será o de preservar a correspondência entre as lexias formativas das UF em língua francesa para o português, desconsiderando as diferenças culturais, idiomáticas ou contextuais correspondentes entre os idiomas.

<sup>306</sup> Apesar de termos realizado a tabulação informando a localização de cada ocorrência nos contos, como descrito na seção 7, não estamos autorizados a disponibilizar a versão digital dos textos utilizados na coleta dos dados, pois eles ainda estão protegidos por leis de direitos autorais. No entanto, mantivemos nesta seção uma descrição exemplificativa da localização de cada UF, a fim de situar minimamente o leitor quanto à distribuição dos dados nos contos.

resultados voltados para a diversidade de cada tipo de UF presente nos contos, evitando que a alta repetição de uma mesma unidade altere a porcentagem.

Nessa primeira fase de análise, enquadramos as UF em dois blocos. De um lado, identificamos a funcionalidade de cada uma, se gramatical ou se lexical. De outro lado, buscamos reconhecer o tipo de UF de cada ocorrência. Foram, portanto, distinguidas 14 categorias: i) binômio; ii) colocação; iii) comparação estereotipada; iv) construção com verbo suporte; v) determinante quantificador; vi) fórmula; vii) fraseoantropônimo; viii) fraseosinalética; ix) fraseotermo; x) locução; xi) molde; xii) perífrase verbal; xiii) pragmatema; xiv) segmento repetido. Além disso, quantificamos também as ocorrências de jogos de palavras. Desse modo, no que se refere ao primeiro item de observação, isto é, a classe das UF, o Gráfico 1 apresenta os resultados.

**Gráfico 1** - Classe das UF presentes no *corpus* em dados relativos



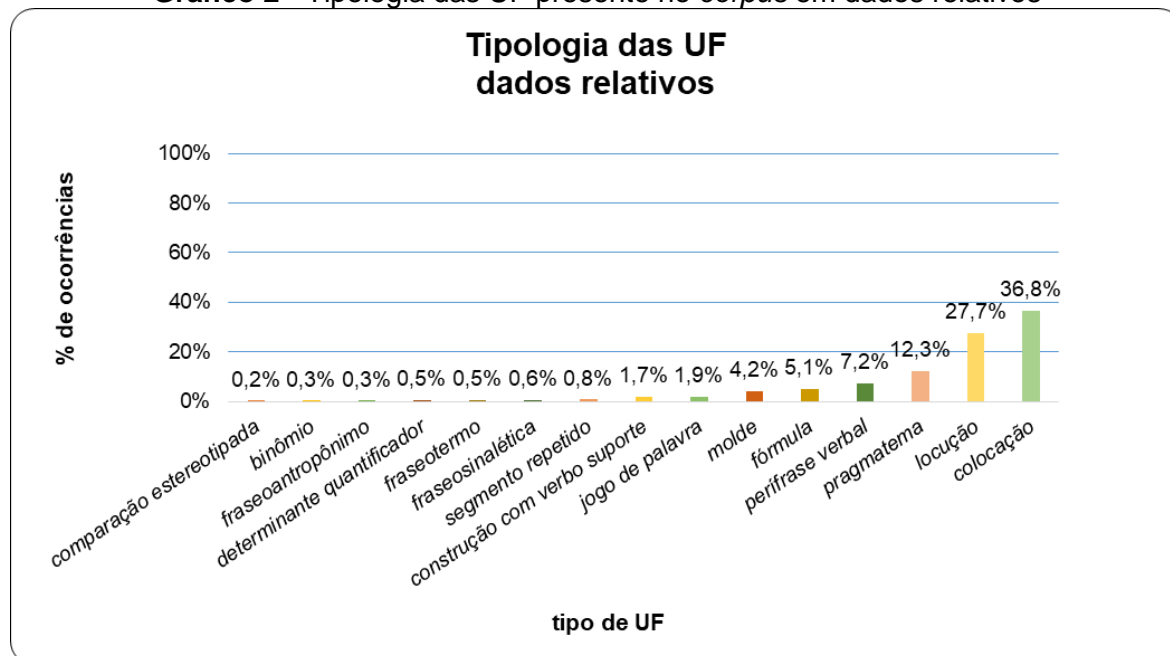
Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Por meio do exposto no Gráfico 1, e tomando como base as definições de Mejri (2012) sobre as classes de UF, discutidas na seção 5, vemos que, das 1033 ocorrências, 50,1% são do tipo gramatical, ao passo que 49,9% são lexicais. Ainda que as UF gramaticais estejam em maior número, acreditamos haver um equilíbrio entre as categorias, visto que a diferença quantitativa entre uma e outra é de apenas dois décimos de ponto percentual. Diante disso, não julgamos ser pertinente aplicar um recorte observacional às classes de UF. Consideramos, portanto, para as análises aqui realizadas, ambos os casos.

Em segunda instância de observação, o Gráfico 2, apresentado a seguir, ilustra a distribuição percentual das ocorrências dos diferentes tipos de UF encontradas no *corpus*. Conforme se vê, é possível constatar que três categorias se destacaram pela alta diversidade, ou seja, pelo maior número de UF distintas dentro de um mesmo tipo.

Essas categorias são as colocações, as locuções e os pragmatemas, que apresentaram uma variedade significativa em comparação com as demais.

**Gráfico 2** - Tipologia das UF presente no *corpus* em dados relativos



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Ao examinar o Gráfico 2, notamos que as colocações apresentam a maior prevalência, com 375 ocorrências gerais, o que corresponde a 36,8% dos dados. Em seguida, as locuções ocupam o segundo lugar, com 291 ocorrências, representando 27,7% da totalidade dos dados. A categoria dos pragmatemas aparece como a terceira mais diversa, com 127 ocorrências, isto é, 12,3% dos dados.

Analisando os demais tipos de UF, percebemos que sete dentre eles não atingiram 1% dos dados totais, quais sejam: comparação estereotipada, binômio, fraseoantropônimo, determinante quantificador, fraseotermo, frasesinalética e segmento repetido, sendo, portanto, as UF com menor diversidade. Em posição intermediária, estão as construções com verbo suporte, os jogos de palavras, os moldes, as fórmulas e as perífrases verbais, expressando entre 1,8% e 7,2%. Todas essas categorias totalizam, juntas, 240 ocorrências, correspondendo a 23,2% dos dados.

Os resultados apresentados no Gráfico 2 destacam a importância das colocações, das locuções e dos pragmatemas na construção fraseológica do *corpus* analisado, sugerindo que esse tipo de UF desempenha papéis importantes na formação e no uso da fraseologia na narrativa dos contos. Diante disso, aplicamos um



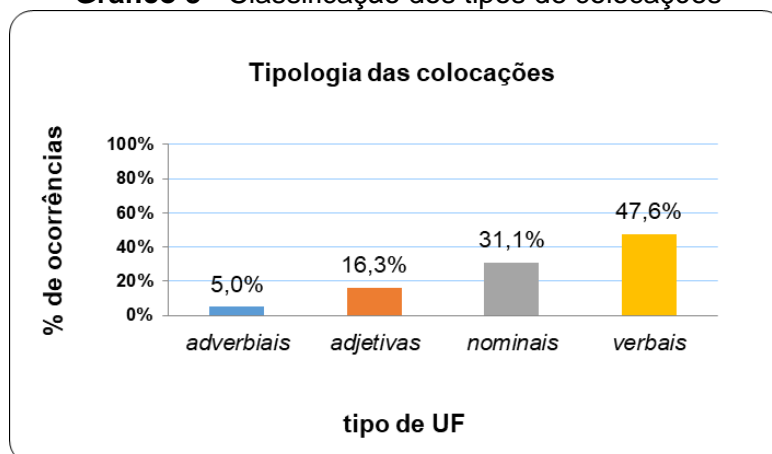
recorte a essas categorias, sobre as quais focalizaremos o nosso olhar nas próximas subseções.

Contudo, salientamos que embora os jogos de palavras não configurem um tipo de UF propriamente dito, como já discutido e exemplificado na seção 4, o consideramos na nossa análise quantitativa por acreditarmos que eles também sejam causadores em potencial de ruídos de compreensão de textos autênticos em língua estrangeira. Porém, eles serão discutidos na subseção voltada para a análise das questões culturais, mais adiante.

### 8.1.1 Análise das colocações

As colocações, tal como descritas por Mejri (2012), são, por natureza constitutiva, UF lexicais, as quais se apresentam em quatro formas distintas, classificadas de acordo com a estrutura formativa de cada uma (Tagnin, 2013): i) adjetivas; ii) adverbiais; iii) nominais; e iv) verbais. Assim, as colocações aqui em análise apresentaram o quantitativo expresso no Gráfico 3.

**Gráfico 3 - Classificação dos tipos de colocações**



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

O Gráfico 3 apresenta a classificação dos tipos de colocações. Em primeiro lugar, figuram as colocações verbais, com 181 ocorrências, representando 47,6% dos dados catalogados. Em segundo plano, encontram-se as colocações nominais, com 116 ocorrências, isto é, 31,1% dos dados. Com 59 ocorrências, ou seja, 16,3% das colocações, em terceira posição, estão as adjetivas. Por fim, em última posição, com

19 ocorrências, totalizando 5,0% dos resultados, estão as colocações classificadas como adverbiais<sup>307</sup>. Cada tipo está exemplificado em (1), a seguir.

- (1) a *Donner rendez-vous* (C4-12.5)  
 b *Coup de pied* (C10-36.2)  
 c *Espèce de guignol* (C7-25.16)  
 d *Aimer bien* (C1-2.9)

As UF em (1) exemplificam os quatro tipos de colocações. A UF em (1a), *donner rendez-vous*, é um exemplo de colocação verbal e pode ser localizada no conto 4, página 12, linha 5<sup>308</sup>. Em tradução livre para o português, essa UF equivale a *marcar um encontro* ou *marcar uma reunião* e pode ser usada tanto em contextos formais quanto informais. Porém, a construção dessa colocação passa por dois processos de fixação: em primeira instância, há a lexicalização da UF *rendez-vous* que é composta pelo verbo *rendre* (que significa *dar* ou *entregar*), conjugado na segunda pessoa do plural no imperativo, e pelo pronome pessoal oblíquo de segunda pessoa do plural *vous* (equivalente a *vos*, em português). Diante disso, em tradução literal, a UF *rendez-vous* poderia ser compreendida como *dai-vos* ou *entregai-vos*. Contudo, durante o processo de cristalização, a combinação léxica foi substantivada e passou a significar *encontro* ou *reunião*.

Se analisada separadamente, tal UF é classificada como uma locução nominal. Entretanto, aqui, ela funciona como a base de uma colocação que seleciona o verbo *donner* como seu colocado para, através de um mecanismo de solidariedade semântica, expressar um único sentido: *marcar um encontro*. Acreditamos que este seja também um exemplo de colocação complexa, tal como prevista por García-Page (2005, 2011) e Koike (2008, 2012).

A UF em (1b) é um exemplo de colocação nominal. Estando de acordo com o previsto por Tagnin (2013) e Pamies (2018), a sua estrutura interna é N + Prep + N, que é a mais frequente entre as colocações nominais, tanto em língua portuguesa como em língua francesa. Essa UF pode ser localizada à página 36, linha 2 do conto 10 e é constituída pela base *coup* e pelo colocado *pied*, tendo como elemento

<sup>307</sup> O quantitativo relativo das colocações pode ser verificado no Apêndice B.

<sup>308</sup> Todas as localizações dos exemplos em análise nesta seção são referentes à versão digital dos contos elaborada especificamente para a construção desta pesquisa, como detalhado na seção 7.

de ligação a preposição *de*. Se traduzida literalmente, sua equivalência em português é *golpe de pé*. Porém, em tradução fraseológica, essa colocação equivale a *chute* ou *pontapé*.

A lexia *coup* é, em língua francesa, comumente empregada para, em conjunto com outras lexias, formar estruturas que, em língua portuguesa, são construídas de forma monolexical, em geral a partir do uso do sufixo *-ada*. O Quadro 26, a seguir, exemplifica a questão.

**Quadro 26** - Exemplificação do uso da lexia *coup* e do sufixo *-ada*

Francês	Português
<i>Coup de pied</i> (C1-3.23)	Chute/pontapé
<i>Coup de poing</i> (C1-2.26)	Murro/soco
<i>Coup de revolver</i> (C2-7.6/7)	Coronhada
<i>Coup d'envoi</i> (C4-14.13)	Chute de saída
<i>Coup de canon</i> (C15-55.16)	Tiro de canhão
<i>Coup de paupières</i> (C10-37.2)	Piscada
<i>Coup de hache</i> (C2-7.8/9)	Machadada
<i>Coup de marteau</i> (C6-22.15)	Martelada
<i>Coup de sifflet</i> (C2-6.11)	Apitada <sup>309</sup>

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

No Quadro 26, nota-se que, assim como foi exposto na seção 3 desta tese, não há, em português, uma equivalência fraseológica direta entre determinadas entidades léxicas do francês. A colocação *coup de pied*, já discutida nos parágrafos anteriores, foge à regra da formação pelo sufixo *-ada*. O mesmo acontece com as colocações *coup de poing*, literalmente *golpe de punho*, que é traduzida como *murro* ou *soco*; *coup de revolver* (golpe de revolver – coronhada); *coup d'envoi* (golpe de envio - chute de saída) e *coup de canon* (golpe de canhão - tiro de canhão). Porém, no que se refere à *coup de pied*, sabemos que, em determinados dialetos do português brasileiro, a variante *pézada* coexiste com as formas canônicas *chute* ou *pontapé*.

A produção de colocações nominais a partir da lexia *coup* é comumente empregada com partes do corpo. Além dos exemplos com *pied* e *poing*, destacamos também a ocorrência de *coup de paupières*, *golpe de pálpebras*, com o sentido de *piscada*. Todos os casos estão registrados no *corpus* em análise, passíveis de serem localizados pela referência ao conto, página e linha entre parênteses ao lado do exemplo.

<sup>309</sup> Esclarecemos que *apitada* é uma formação possível, mas que nos parece pouco usual.

Além dos exemplos destacados no Quadro 26, conhecemos outras formas de ocorrência desse fenômeno em língua francesa, tais como *coup de tête* (golpe de cabeça – cabeçada), *coup de main* (golpe de mão – mãozinha, no sentido de ajuda), *coup d'œil* (golpe de olho – olhada rápida, olhadinha), *coup de cœur* (golpe de coração – favorito).

Outra forma comum de emprego da lexia *coup* é em associação ao objeto que se utiliza para dar o golpe. Esse é o caso as colocações nominais *coup de hache* (golpe de machado – machadada), *coup de marteau* (golpe de martelo – martelada), *coup de sifflet* (golpe de assobio – apitada) e *coup de revolver* (golpe de revolver – coronhada), todas registradas a partir da leitura no primeiro volume do *Le Petit Nicolas*. A língua francesa apresenta outras construções semelhantes. É esse o caso, por exemplo, de *coup de couteau* (golpe de faca – facada) e *coup de fil* (golpe de fio, empregado metaforicamente como ligação telefônica).

Por fim, as colocações nominais *coup d'envoi* e *coup de canon* são as únicas, dentre as documentadas no *corpus*, que encontram, em língua portuguesa, uma equivalência fraseológica. A primeira, *golpe de envio*, em tradução literal, corresponde ao lance inicial da bola em uma partida de futebol, por exemplo. Sua equivalente fraseológica em português é *chute de saída*. A segunda, *golpe de canhão*, em tradução livre, equivale a *tiro de canhão*. De igual forma, outras colocações do francês construídas com a lexia *coup* também apresentam equivalência fraseológica em português. São elas: *coup d'état* (golpe de estado) e *coup de foudre* (golpe de relâmpago – paixão à primeira vista).

O exemplo em (1c), *espèce de guignol*, *espécie de marionete*, se traduzido literalmente, localizada no conto 7, página 25, linha 16, é considerada como adjetiva porque a lexia *guignol* é, em língua francesa, comumente empregada como um insulto para designar uma pessoa ridícula, imbecil (Larousse Dictionnaires, 2015, p. 381). Tal colocação é formada pela base *guignol*, que seleciona o colocado *espèce*, e que tem como elemento de ligação a preposição *de*, assumindo a estrutura interna N + Prep + Adj. Nesse caso, o insulto *guignol* tem o seu valor semântico pragmático intensificado por intermédio da lexia *espèce*.

Em língua francesa, há uma série de lexias que funcionam como intensificadoras de xingamentos e que, por convencionalidade, são capazes de ampliar a ofensa vinculada ao insulto proferido. Os intensificadores de xingamentos

mais comuns do francês são *espèce*, *sale* e *vilain*. Em (2), encontram-se exemplos do uso desses intensificadores.

- (2) a *Espèce de guignol* (C7-26.6);  
 b *Sale menteur* (C11-39.18);  
 c *Vilain cafard* (C18-65.14).

Os exemplos em (2), pertencentes ao nosso *corpus*, exibem a utilização dos intensificadores de xingamentos. O primeiro, em (2a), já apresentado, é o mais frequente, com sete aparições, sendo seis em correspondência com a base *guignol* e uma com a base *ours* (urso). A lexia *ours* não é, normalmente, empregada como xingamento em francês. Porém, o seu uso em contexto, dentro do conto, acrescido do intensificador *espèce*, nos leva à interpretação de que se trata de um insulto.

A colocação adjetiva *sale menteur*, em (2b), é formada pela base *menteur*, equivalente a *mentiroso*, e, nesse caso, pelo colocado *sale*, isto é, *sujo*. Ao longo dos contos, o intensificador *sale* é utilizado oito vezes por Nicolas e seus amigos em quatro ocorrências distintas: *sale menteur*, com quatro aparições; *sale chouchou*, com dois registros; *sale mioche*, proferido uma vez e *sale cafard*, igualmente com uma ocorrência. As lexias *chouchou*, comumente empregada como vocativo carinhoso entre namorados ou para se dirigir a crianças, e *mioche*, equivalente a *criança pequena* em um nível de linguagem familiar, não são consideradas oficialmente como xingamentos. Porém, a sua utilização acompanhada do intensificador *sale* as caracteriza automaticamente como tal.

O mesmo acontece com o intensificador *vilain*, em (2c), empregado, aqui, com a base da colocação *cafard*. Há várias possibilidades de tradução em português para a lexia *vilain*. As mais usuais são *feio* ou *desagradável* (em nível físico ou moral). Quanto à lexia *cafard*, essa corresponde a *barata*. Portanto, ao ser associado a *cafard*, substantivo comum originalmente sem nenhum valor depreciativo, mas que, em determinados contextos, equivale a *dedo-duro*, isto é, *delator*, a lexia *vilain* atribui o valor injurioso à colocação como um todo, o que também acontece com a colocação *sale cafard*. Essa UF ocorre quatro vezes em todo o *corpus*. Registramos também uma outra ocorrência do intensificador *vilain*, acompanhado da lexia *loup* (lobo), com o sentido de *lobo mau*.

Assim, observamos que as lexias *espèce*, *sale* e *vilain* são selecionadas, a partir da convencionalidade semântica e pragmática, por qualquer lexia para, em conjunto com ela, expressar um valor insultuoso. A seleção dessas lexias não estão, portanto, condicionadas diretamente à base da colocação, mas sim ao contexto semântico-pragmático de xingamento que o locutor queira atribuir ao seu discurso. O emprego das lexias *sale* e *vilain* acompanhadas do adjetivo *cafard* como intensificadores de xingamentos, tal como encontrado em nosso *corpus*, reforça o caráter colocacional dessas construções, visto que a base da colocação *cafard* está licenciada a selecionar como colocado qualquer uma das três lexias que agravem o valor injurioso.

Por fim, a exemplo das colocações adverbiais, apresentamos, em (1d), a construção *aimer bien*, possível de ser localizada, entre outras ocorrências, no conto 1, página 2, linha 9. Essa UF, composta pelo verbo *aimer* (amar), que funciona como base da colocação, e pelo advérbio *bien* (bem), que é selecionado como colocado, é empregada para atenuar a intensidade do verbo *aimer*. Dito de outro modo, enquanto o verbo *aimer* por si só expressa tanto o sentimento de *amar* quanto o de *gostar muito*, em tradução livre para o português, a inserção do advérbio *bien*, ao contrário do que um falante ingênuo da língua poderia interpretar, modifica a força expressiva do verbo, reduzindo-o a um simples *gostar*, já que, em língua francesa, inexistente um correspondente direto desse verbo. Dessa forma, a colocação *aimer bien* comunica uma afinidade ou apreciação moderada, em contraste com a intensidade emocional que o verbo *aimer*, sozinho, pode sugerir.

Melhor explicando, o verbo *aimer* tem um duplo valor semântico no francês: i) indica um sentimento profundo de amor, como em *je t'aime* (*eu te amo*, combinação léxica geralmente empregada para expressar o amor Eros), ou ii) uma forte preferência, como em *j'aime le chocolat* (*eu amo/gosto muito de chocolate*). No entanto, ao selecionar o advérbio *bien* como colocado, a construção *aimer bien* suaviza a declaração, sinalizando uma apreciação mais leve e menos comprometida. Por exemplo, na sentença *j'aime bien le cinéma*, o falante está expressando que gosta de cinema, mas de maneira menos intensa do que se apenas o verbo *aimer* estivesse em uso.

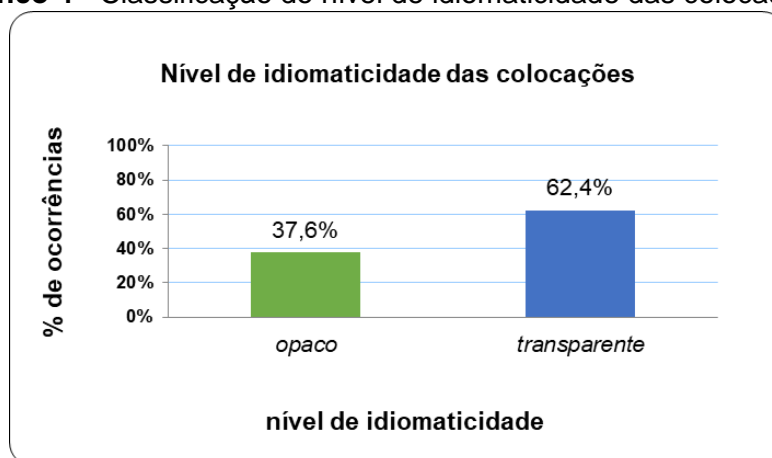
As nuances comunicativas expressas por essa colocação estão relacionadas às escolhas lexicais que perpassam pela prática discursiva cotidiana e que são impostas pelas interações sociais, tendo em vista que ela permite ao falante modular

significados, evitando, nesse caso, o comprometimento emocional que o verbo *aimer* pode implicar. Outra construção semelhante foi encontrada no nosso *corpus*, qual seja, a colocação *aimer mieux*. Nesse caso, porém, a construção expressa uma predileção entre duas ou mais opções. A colocação construída a partir da adição do advérbio *mieux* (melhor) ao verbo *aimer* sinaliza que uma das opções é mais apreciada ou preferida em comparação à outra, ainda que de maneira implícita, tal como exemplificado pela sentença *J'aime mieux les histoires de cow-boys (eu gosto mais das histórias de caubóis*, em tradução livre para o português). Em resumo, enquanto a colocação *aimer bien* reduz a intensidade do sentimento, *aimer mieux* estabelece uma hierarquia de preferência.

Esses são casos que, pela nossa experiência profissional, percebemos como causadores de ruídos de compreensão por leitores brasileiros que não estejam atentos à fraseologia da língua francesa, visto que, em tradução literal para o português, tais colocações perdem o seu valor semântico idiomático: *\*amar bem* e *\*amar melhor* não transmitem o mesmo significado global encontrado em língua francesa.

Por essa razão, uma vez tendo analisado os tipos de colocações, nos concentramos em identificar os diferentes níveis de idiomaticidade expressos por cada ocorrência, isto é, se semanticamente opaco ou se semanticamente transparentes, considerando as definições debatidas na seção 4 e 5 desta tese. Os resultados estão expostos no Gráfico 4.

**Gráfico 4** - Classificação do nível de idiomaticidade das colocações



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

O Gráfico 4 apresenta a distribuição percentual das ocorrências de colocações com base nos níveis de idiomaticidade, dividindo-as em dois grupos: aquelas que expressam um significado semanticamente opaco ou aquelas com características semanticamente transparentes. Da leitura do gráfico, observa-se que 141 colocações (62,4%) são classificadas como transparentes. Em contrapartida, 234 ocorrências (37,6%) são opacas. Tais resultados já eram esperados, considerando que as colocações são, por natureza, UF menos idiomáticas, se comparadas a outros tipos de UF, a exemplo das locuções. Para dar exemplos, transcrevemos em (3) alguns casos de colocações opacas e transparentes.

- (3) a *Appareil de photo* (C1-2.31);  
 b *Bateau en papier* (C17-61.21);  
 c *Mardi-gras* (C2-5.17);  
 d *Tableau noir* (C13-47.17).

As UF em (3a) e (3b) são exemplos de colocações semanticamente transparentes, ao passo que aquelas em (3c) e (3d) apresentam um nível de idiomaticidade opaco. A colocação *appareil de photo*, localizada no conto 1, página 2, linha 31, pode ser traduzida literalmente como *aparelho de foto*. Porém, equivale em português a *máquina fotográfica*. Trata-se de uma colocação nominal construída a partir da estrutura interna N + Prep + N, na qual a base *photo* seleciona o colocado *appareil*, tendo como elemento de ligação a preposição *de*. Em nossa experiência enquanto falante de francês, desconhecemos tal construção. Estamos familiarizados com as colocações *appareil photographique* ou *appareil photo*, as quais estão dicionarizadas no *Nouveau Petit Robert* (Durand; Catach, 2009). Não encontramos, contudo, em nenhum dos dicionários monolíngues consultados, o registro dessa colocação com elemento de ligação, o que nos leva a crer que essa construção sintática seja, possivelmente, uma variante empregada no início dos anos 1960. Ela é considerada como uma combinação transparente porque o seu referente é semanticamente composicional: um aparelho capaz de capturar imagens em fotografias.

O mesmo acontece com a colocação *bateau en papier*, encontrada no conto 17, página 61, linha 21, composta pela base *bateau* (barco) e pelo colocado *papier* (papel), estando ligadas pela preposição *en*. O seu equivalente em português, porém,



faz uso da preposição *de* como elemento de ligação: *barco de papel*. Contudo, independentemente da língua de expressão, ambas as colocações possuem o mesmo referente: uma representação em miniatura de um barco que teve como material de construção o papel. Esse é, portanto, outro exemplo de colocação semanticamente transparente.

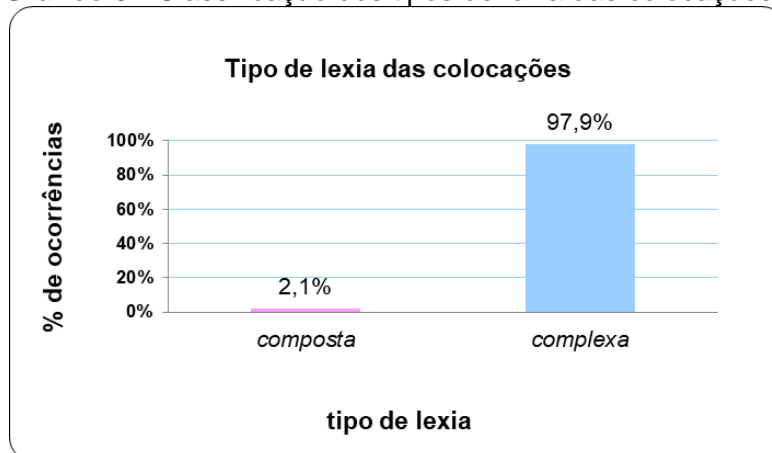
As colocações em (3c), *mardi-gras*, e (3d), *tableau noir*, são exemplos de colocações opacas ou semi-idiomáticas (empregando os termos de Pamies, 2018). A primeira está localizada no conto 2, página 5, linha 17 e pode ser traduzida como *terça-feira gorda*. A segunda, no conto 13, página 47, linha 17 e equivale em português a *quadro negro*. Na liturgia judaico-cristã, a colocação *mardi-gras* faz referência à festa celebrada na véspera da quarta-feira de cinzas, marcando o início da quaresma. Tradicionalmente, essa data é caracterizada pelo consumo excessivo de alimentos gordurosos, visto que antecede o período de jejum e abstinência imposto pela prática religiosa exercida nesse período. Contudo, em termos de significação semântica, o adjetivo *gordo*, ao ser atribuído a um dia da semana, neste caso a terça-feira, rompe com aquilo que é semanticamente esperado, isto é, um referente que tenha muita matéria gordurosa e que, portanto, está acima do peso considerado ideal, característica geralmente empregada a seres animados. Aqui, o adjetivo *gordo* é empregado metaforicamente, em alusão à grande quantidade de comida consumida nesse dia, tornando a colocação semanticamente opaca.

De igual forma, a colocação *tableau noir*, que tem como referente o quadro escolar usado por professores para escrever à giz, não é necessariamente de cor negra, podendo, em muitos casos, ser de cor verde escura. Contudo, independentemente da sua cor, tal objeto segue sendo denominado *tableau noir*, o que também o caracteriza como semanticamente opaco.

Por fim, o último critério de observação foi o tipo de lexia a partir do qual as colocações são formadas, se complexa, composta ou textual, tomando como base a definição de Pottier (1974). O Gráfico 5, a seguir, mostra os resultados. Como pode ser observado, a maior parte das colocações, isto é, 367 ocorrências (97,9% das colocações), foi classificada como lexia do tipo complexa, quer dizer, os signos linguísticos complexos separados graficamente por espaços em branco. Em contraste, apenas 8 ocorrências (2,1% das colocações) são construídas por lexias compostas, que são aquelas graficamente separadas por hífen ou que são o resultado de justaposição, aglutinação, siglas ou abreviações. Não registramos colocações

oriundas de lexias textuais, que são aquelas originalmente pertencentes a documentos textuais que foram cristalizados na língua

**Gráfico 5** - Classificação dos tipos de lexia das colocações



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Em (4), damos exemplos das ocorrências das colocações construídas a partir de lexias complexas e compostas.

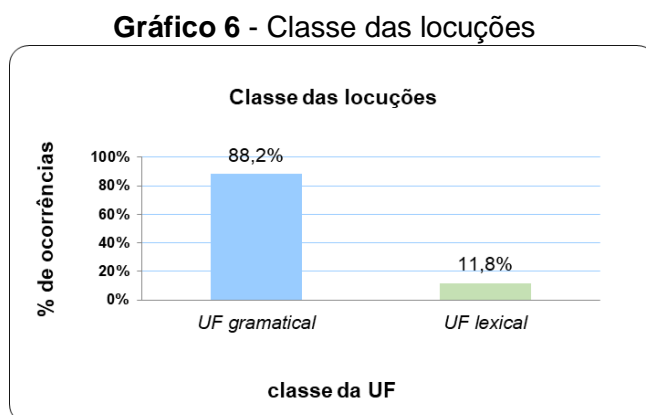
- (4) a *Sifflet à roulette* (C9-31.17);  
 b *Montre-bracelet* (C17-61.27).

A colocação em (4a) é uma lexia complexa, localizada na página 31, linha 17 do conto 9. Nesse caso, a colocação é formada pela base *sifflet* acrescida do colocado *roulette* e tem como elemento de ligação a preposição *à*. Se traduzida literalmente, tal colocação equivale em português a *assobio à roleta*, contudo, sua tradução fraseológica equivale a *apito*. A colocação em (4b), *montre-bracelet*, é uma lexia composta do tipo separada por hífen. Está localizada no conto 17, página 61, linha 27. É constituída da base *montre* e do colocado *bracelet*, sendo traduzida literalmente em português como *relógio-bracelete*. Porém, em tradução livre, equivale a *relógio de pulso*.

### 8.1.2 Análise das locuções

As locuções foram o segundo tipo de UF mais recorrente no nosso *corpus*. Como debatido anteriormente, as locuções têm caráter híbrido, podendo exercer tanto

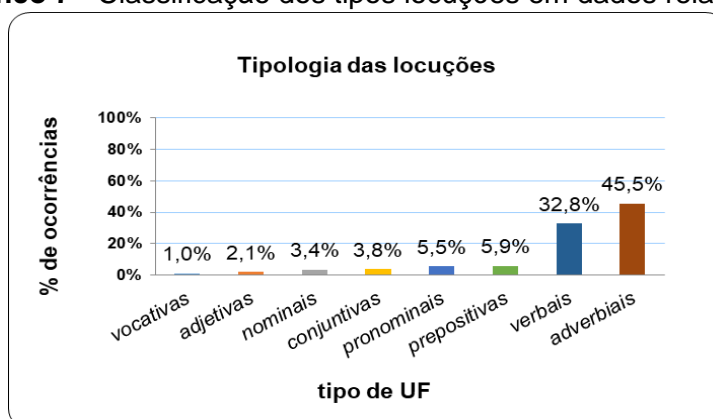
funções gramaticais como lexicais. Dessa forma, para melhor compreender a sua formação, repartimos, primeiramente, todas as ocorrências em dois grupos: as UF gramaticais e as UF lexicais, como pode ser verificado no Gráfico 6, a seguir.



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

A leitura do Gráfico 6 nos mostra que 88,2% das locuções (253 ocorrências) tiveram caráter gramatical, contra 11,8% (38 ocorrências) de locuções com funções lexicais<sup>310</sup>. Para lembrar, as UF gramaticais são aquelas empregadas para estruturar frases e discursos. Já as lexicais são as UF que desempenham funções de denominação e categorização lexical (Mejri, 2012). Assim, as locuções que integram o grupo das UF gramaticais são: adverbiais, conjuntivas, prepositivas e verbais. Por outro lado, aquelas inseridas no grupo das UF lexicais são: adjetivas, nominais, pronominais e vocativas. Diante disso, segmentamos todas as ocorrências de locuções de acordo com cada tipo, de modo a averiguar qual dentre eles era o mais frequente no *corpus*.

**Gráfico 7 - Classificação dos tipos locuções em dados relativos**



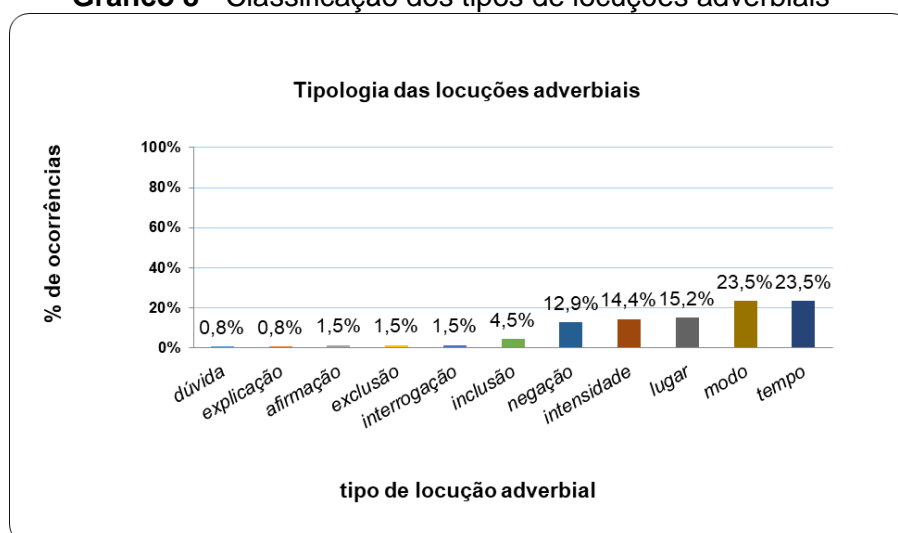
Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

<sup>310</sup> As informações sobre as Locuções, em dados relativos, podem ser verificadas no Apêndice J

O Gráfico 7 apresenta a tipologia das locuções em diferentes categorias, representando a porcentagem de ocorrências de cada tipo. As locuções adverbiais se destacaram como a categoria mais diversa, com 132 ocorrências, representando 45,5% dos dados. Em seguida, estão as locuções verbais, com 95 ocorrências, o que constitui 32,8% do total das locuções, sendo a segunda tipologia com maior diversidade no conjunto analisado. As demais categorias apresentaram valores percentuais inferiores a 6%. São elas: as locuções vocativas (1,0%), adjetivas (2,1%), nominais (3,4%), conjuntivas (3,8%), pronominais (5,5%) e prepositivas (5,9%), somando, juntas, 64 ocorrências. Visto que essas locuções possuem menor representatividade em comparação com as locuções adverbiais e verbais, elas serão agrupadas, para fins de análise, em um bloco único. Exemplificaremos, portanto, aquelas que julgamos ser as mais pertinentes.

No que compete às locuções adverbiais, as classificamos de acordo com a função adverbial exercida por cada uma delas na narrativa dos contos. Os resultados dessa análise se encontram repartidos no Gráfico 8.

**Gráfico 8 - Classificação dos tipos de locuções adverbiais**



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

De acordo com a leitura do Gráfico 8, as locuções adverbiais de modo e de tempo são as mais diversificadas, ambas com 31 ocorrências, representando, cada uma, 23,5% dos dados. Seguem-se as locuções de lugar, com 20 ocorrências, que representam 15,2% das locuções, e as de intensidade, com 19 ocorrências, ou seja, 14,4% dos dados. As locuções de negação também aparecem com destaque, somando 17 ocorrências, o que corresponde a 12,9% do total analisado. As demais

categorias, que possuem percentuais inferiores a 10%, são as locuções de dúvida (0,8%), de explicação (0,8%), de afirmação (1,5%), de exclusão (1,5%), de interrogação (1,5%) e de inclusão (4,5%), que, juntas, somam apenas 14 ocorrências em dados relativos.

O Gráfico 8 revela, portanto, uma prevalência das locuções adverbiais de modo e de tempo, com as categorias de lugar, intensidade e negação também desempenhando papéis importantes, enquanto as demais categorias têm uma ocorrência menos expressiva. Acreditamos que esses resultados estejam em conformidade com o *corpus* da pesquisa, visto o caráter narrativo literário da obra. Exemplificaremos, em (5), as locuções adverbiais que obtiveram porcentagem superior a 10%.

- (5) a *de bonne heure* (C8-28.32);
- b *de nouveau* (C3-10.5);
- c *là-bas* (C11-40.3);
- d *comme tout* (C15-54.33);
- e *ne... pas* (C12-41.14).

A UF em (5a), *de bonne heure*, é uma locução adverbial de tempo que pode ser encontrada no conto 8, página 28, linha 32. Tal locução pode ser empregada em língua francesa em dois contextos situacionais: i) para designar uma ação que ocorre nas primeiras horas do dia; ii) antes do horário habitual ou previamente estabelecido. Portanto, seu uso denota não apenas a precocidade temporal, mas também certa prontidão por parte do sujeito que realiza a ação. Se traduzida literalmente, contudo, a UF corre o risco de ser mal interpretada, já que *de boa hora*, pode facilmente ser compreendida como *em boa hora* ou *em momento oportuno*. Porém, em termos de equivalência semântica, essa locução expressa o sentido de *cedo*. Para melhor exemplificar, vejamos as sentenças em (6).

- (6) a *Pierre s'est levé de bonne heure ce matin.*  
(Pierre se levantou cedo esta manhã)
- b *Pierre est arrivé de bonne heure au rendez-vous.*  
(Pierre chegou cedo ao encontro)

Nas sentenças em (6), a locução *de bonne heure* desempenha um papel significativo na construção da narrativa temporal. Na sentença em (6a), *Pierre s'est levé de bonne heure ce matin*, a locução adverbial indica a precocidade com que Pierre iniciou o seu dia, implicando em uma prática matinal anterior ao horário que é de costume na sua rotina. Da mesma forma, o emprego dessa locução adverbial na sentença em (6b), *Pierre est arrivé de bonne heure au rendez-vous*, expressa que Pierre chegou ao compromisso antes do horário previamente agendado.

A UF em (5b), *de nouveau*, é uma locução adverbial de modo. Pode ser localizada no conto 3, página 10, linha 5. Essa locução adverbial equivale em português a *de novo*, indicando a repetição de uma ação. Contudo, em termos comparativos, tal locução adverbial também pode causar problemas de compreensão por um leitor lusófono. Isso porque, a locução adverbial de modo *de novo*, de língua portuguesa, encontra dois equivalentes em língua francesa: *de nouveau* e *à nouveau*, os quais expressam nuances distintas de significado, como exemplificadas em (7).

- (7) a *Pierre a préparé de nouveau son gâteau préféré.*  
(Pierre preparou de novo o seu bolo preferido)
- b *Pierre a préparé à nouveau un gâteau au chocolat.*  
(Pierre preparou de novo um bolo de chocolate)

A sentença de língua francesa em (7a) sugere que Pierre preparou, mais uma vez, seu bolo preferido. Nesse contexto, está implícito que Pierre seguiu as mesmas instruções habituais para a execução da receita. Portanto, ele simplesmente reproduziu as ações previamente conhecidas por ele para fazer o seu bolo favorito. Entretanto, a sentença em (7b) indica que Pierre fez um bolo de chocolate de forma diferente, possivelmente utilizando um novo receituário ou técnica diferente daquela empregada anteriormente. Assim, a locução adverbial *de nouveau* refere-se à repetição de uma ação exatamente como foi realizada na primeira vez, enquanto *à nouveau* denota uma alteração na forma de executar a ação na segunda ocasião, em comparação com a primeira.

Chamamos a atenção para o fato de que as traduções em português para as sentenças em (7) não expressam a diferença de uso entre uma UF e outra, o que, em nossa compreensão, ratifica o caráter opaco das locuções – a partir da perspectiva de um leitor estrangeiro – assim como a dificuldade de compreensão das nuances de informação expressas pelo locutor ao empregar tais UF.

A UF em (5c), *là-bas*, é uma locução adverbial de lugar, encontrada no conto 11, página 40, linha 3. Essa locução é constituída pela combinação léxica dos advérbios de lugar *là*, traduzido em português para *lá* ou *aqui*, a depender do contexto de uso, e *bas*, que equivale em português a *abaixo*. Pela nossa experiência, percebemos que essa convenção fraseológica é, entre os leitores brasileiros de francês, difícil de ser compreendida, visto que a lexia *là*, pode ser um falso cognato em português. Em determinados contextos comunicativos em língua francesa, o advérbio de lugar *là* é comumente empregado em substituição ao advérbio de lugar *ici* (aqui), de forma que um e outro podem ser, em linhas gerais, considerados como sinônimos.

Assim, de modo a evitar a ambiguidade, a locução adverbial *là-bas* é empregada em oposição ao sentido de *là* ou *ici*, isto é, quando se trata de um lugar mais distante daquele em que o locutor se encontra. Em termos de tradução, essa locução equivale a *lá embaixo* ou simplesmente *lá*, em português. Outra forma de emprego da locução adverbial *là-bas* é com o sentido de algo ou alguém que esteja fisicamente a um nível mais baixo, em sentido antônimo da locução adverbial *là-haut* (*lá alto*, em tradução literal ou *lá em cima*, em tradução livre).

A UF em (5d), *comme tout*, é uma locução adverbial de intensidade e pode ser localizada no conto 15, página 54, linha 33. Se traduzida literalmente, *como tudo*, essa locução pode igualmente gerar, para um leitor brasileiro de francês, dificuldades de compreensão, visto que, em termos semânticos, essa locução funciona como um modificador que amplifica a qualidade ou característica descrita por um adjetivo, podendo ser equiparada, em português, ao advérbio *extremamente*, como exemplificado em (8).

- (8) *Pierre est intelligent comme tout.*  
(Pierre é bastante inteligente)

Na sentença em (8), o emprego de *comme tout* intensifica o adjetivo *intelligent* (inteligente), informando que a pessoa em questão, *Pierre*, possui padrões intelectuais extremamente elevados. Por ser uma locução predominantemente de uso informal, seu emprego é frequente na fala de locutores mais jovens, razão pela qual, acreditamos, seja usada nas narrativas do *Le Petit Nicolas*.

Por fim, a UF em (5e), *ne... pas*, possível de ser localizada, entre outras ocorrências, no total de 447 repetições, no conto 12, página 41, linha 14, é uma locução adverbial de negação. Como já mencionado anteriormente, a negação em

língua francesa é construída por intermédio de duas partículas negativas, os advérbios de negação *ne* e *pas*, que operam em conjunto para expressar o sentido de negação. As sentenças em (9) dão exemplos disso.

- (9) a *J'espère ne pas avoir de problèmes pour arriver à l'aéroport.*  
(Espero não ter problemas para chegar ao aeroporto.)
- b *Je ne vais pas avoir de problèmes pour arriver à l'aéroport.*  
(Eu não vou ter problemas para chegar ao aeroporto.)

A diferença de uso da locução adverbial de negação *ne... pas* nas sentenças em (9) reside na estrutura sintática e na conjugação do verbo. Em (9a), o verbo *avoir* (ter) está no infinitivo e é, portanto, precedido de toda a locução adverbial, já que “diante do infinitivo, as partículas negativas se empregam juntas: *ne pas*” (Veiga, 1974, p. 155), antes do verbo. Contudo, o verbo *aller* (ir) que, a sentença em (9b), funciona como um verbo semiauxiliar, está conjugado no presente do indicativo: *vais* (vou). Nesse caso, a negação se realiza em torno do verbo: o advérbio *ne* precede o verbo conjugado e o advérbio *pas* o sucede: *ne vais pas*.

A existência das UF que atuam, em níveis fônicos ou gráficos, separadamente, dentro da estrutura sintática do discurso, já havia sido prevista por Bally (1921 p. 76, *itálico do autor, tradução nossa*) ao afirmar que

uma locução [fraseológica] pode perfeitamente ser dividida em duas por outras palavras da frase, sem perder nada da sua unidade. [...] A negação *ne... pas* é uma unidade fraseológica; de maneira geral, se poderia provar que uma infinidade de fatos sintáticos são apenas agrupamentos fraseológicos [no sentido de UF] com elementos *separáveis*.<sup>311</sup>

Em língua francesa, outras locuções adverbiais de negação obedecem a mesma estrutura sintática. Em nosso *corpus* identificamos as seguintes ocorrências: *ne... aucun(e)* (nenhum/nenhuma); *ne... jamais* (nunca); *ne... ni* (nem); *ne... pas encore* (ainda não); *ne... pas trop* (não muito); *ne... personne* (ninguém); *ne... plus* (não mais); *ne... que* (apenas); *ne... rien* (nada). Entretanto, algumas dessas locuções adverbiais de negação podem ocasionar maior dificuldades de compreensão por

<sup>311</sup> No original: *Une locution peut parfaitement être coupée en deux par d'autres mots de la phrase, sans rien perdre de son unité. [...] La négation ne... pas est une unité phraséologique ; d'une manière générale, on pourrait prouver qu'une foule de faits de syntaxe ne sont que des groupements phraséologiques à éléments séparables.*



leitores brasileiros em níveis iniciais de aprendizado da língua francesa, já que, no que tange à sua tradução para o português,

traduz-se, normalmente, **ne... pas** por **não**. Em algumas construções, todavia, é traduzido pela conjunção **nem**, quando a idéia negativa incide menos sobre o verbo do que sobre certas palavras, como o indefinido **tout** [todo] e o advérbio **même** [mesmo]. [...] Seguido ou precedido de pronome ou advérbio que completam a negação, tais como **jamais**, **rien**, **personne**, **aucun**, **nul**, o advérbio **ne** deixa de ser traduzido, bastando, em português, antepor ao verbo a adequada tradução daquelas palavras negativas [nunca, nada, ninguém, nenhum]. [...] Colocados, porém, depois dos verbos, tais palavras negativas, traduzir-se-á o advérbio *ne*: *Isso não prova nada*. – *Não quero nada*. – *Não saio nunca de noite*. O advérbio **ne** deixa também de ser traduzido, quando associado à conjunção **ni**, em construções como as seguintes: **ni... ni... NE + verbo** [*Ni l'esprit ni la vanité ne peuvent donner le génie* – *Nem o espírito, nem a vaidade podem dar gênio*]; **ne + verbo... ni + NE + verbo** [*Il ne veut ni ne peut refuser* – *Ele não quer nem pode recusar*]; **ni... NE + verbo, ni... NE + verbo** [*Ni le dégoût n'est une marque de santé, ni l'appétit n'est une maladie* – *Nem o desgosto é indicio de saúde, nem o apetite é doença*] (Veiga, 1974, p. 236-238, grifos do autor).<sup>312</sup>

As locuções verbais foram a segunda categoria das locuções com maior expressividade no nosso *corpus*. Como vimos anteriormente, esse tipo de locução é caracterizado por apresentar total opacidade semântica, ao contrário das colocações que podem, por vezes, manifestar certo grau de transparência. Vimos também que existem três critérios básicos de reconhecimento das locuções verbais, quais sejam: i) critérios formais de reconhecimento; ii) critérios semânticos de reconhecimento e iii) critérios pragmáticos de reconhecimento. Exemplificamos em (10) esse tipo de locução.

- (10) a *Avoir de la veine* (C8-28.7);  
 b *Faire de la dentelle* (C13-46.12);  
 c *Se saigner aux quatre veines* (C9-32.33/34).

Em (10a), a locução verbal *avoir de la veine*, ter da veia, se traduzida literalmente para o português, está localizada no conto 8, página 28, linha 7. Contudo, em compreensão global, equivale em português a *ter sorte* ou *estar em uma situação favorável*. Esta locução condiz com os critérios formais e semânticos de

<sup>312</sup> Os exemplos em francês e suas devidas traduções adicionadas à citação entre colchetes foram extraídas de Veiga (1974, p. 238).

reconhecimento, tendo em vista que não há hierarquia entre seus constituintes e que seu significado é obtido através da leitura não composicional da sequência léxica. Contudo, esse é um caso de locução verbal possuidora de imagem congruente, ou seja, uma dupla leitura dessa UF é possível, sendo uma literal e outra metafórica. Em termos pragmáticos, o emprego dessa locução está condicionado a uma situação em que alguém esteja experienciando boa sorte ou que está sendo beneficiado por circunstâncias favoráveis que parecem ser um fruto do acaso.

A locução verbal em (10b), *faire de la dentelle*<sup>313</sup>, pode ser traduzida literalmente em português como *fazer da renda* (no sentido de bordado) e está localizada no conto 13, página 46, linha 12. Porém, seu significado fraseológico equivale a realizar algo com extrema delicadeza, cuidado e refinamento. *Dentelle* é uma lexia de língua francesa que se refere a um tipo de tecido delicado e ornamentado, caracterizado por ter padrões de fios entrelaçados que criam desenhos vazados com técnicas de bordado e que é utilizado tradicionalmente em roupas e acessórios elegantes. Por ser geralmente feito à mão, a associação metafórica entre a técnica de execução desse tecido e o ato de realizar tarefas com atenção e cuidado foi estabelecida. No contexto situacional, essa locução sugere uma abordagem meticulosa, na qual cada detalhe é tratado com precisão, similar à forma delicada e artística com que se confecciona a *dentelle*. Essa é, portanto, uma locução verbal com imagem congruente, já que pode se referir tanto ao ato de fazer a renda, como à realização minuciosa de uma determinada tarefa.

Por fim, a locução verbal *se saigner aux quatre veines*, em (10c) equivale em português a fazer um grande esforço ou se sacrificar intensamente para alcançar um objetivo. Pode ser encontrada no conto 9, página 32, linhas 33 e 34. Literalmente traduzida como *se sangrar às quatro veias*, essa UF encontra como correspondente fraseológico do português a locução verbal *fazer das tripas coração*. Para a construção dessa locução, é utilizada a metáfora de sangrar para transmitir a ideia de um esforço extremo, implicando que a pessoa está disposta a se sacrificar para realizar o seu propósito. Esse também é um caso de locução verbal com imagem congruente, já que duas leituras são possíveis: o sangramento real e o metafórico. No uso situacional, a locução está condicionada a descrever ações que envolvam um alto

---

<sup>313</sup> Esta foi a forma encontrada no *corpus*. Porém, alguns dicionários monolíngues consultados registraram *faire dans la dentelle*.

grau de empenho, dedicação ou sofrimento. Nos contos, por exemplo, seu uso está vinculado ao sacrifício feito pelos pais de Nicolas para lhe garantir uma boa educação.

Considerando que, à parte as locuções adverbiais e verbais, os outros tipos de locuções catalogados em nosso *corpus* apresentaram um quantitativo inferior a 6%, não exemplificaremos<sup>314</sup>, aqui, cada um deles. Contudo, julgamos ser pertinente trazer para as análises o caso das locuções vocativas. Como já mencionado na seção 5 desta tese, identificamos no nosso *corpus* algumas construções locucionais com função vocativa, para as quais não encontramos, ao longo da nossa pesquisa bibliográfica, nenhuma descrição. Por essa razão, propusemos denominá-las de locuções vocativas. Expomos, em (11), cada caso.

- (11) a *Mon pauvre* (C14-50.25/26);  
 b *Mon petit* (C19-70.15);  
 c *Mon vieux* (C14-51.22).

A locução em (11a), *mon pauvre*, está localizada no conto 14, página 50, linhas 25 e 26 e pode ser traduzida em português como *meu pobre*. A locução em (11b), *mon petit*, se encontra no conto 19, página 70, linha 15 e equivale em português a *meu pequeno*. Por fim, a locução em (11c), *mon vieux*, está no conto 14, página 51, linha 22 é traduzida em português como *meu velho*. Inicialmente, acreditamos que se tratavam de locuções pronominais. No entanto, ao analisarmos o contexto de uso de cada uma, observamos que, ao contrário da função sintática esperada de um pronome, ou seja, a substituição de um nome na sentença, essas combinações léxicas estavam sendo empregadas no discurso narrativo para chamar ou se dirigir diretamente a alguém, com função semelhante a de um vocativo, tal como expresso nas sentenças em (12).

- (12) a *Tu es complètement idiot, mon pauvre.* (C14-50.25/26);  
 (Você é completamente idiota, meu pobre.)  
 b *Mon petit, je n'achète pas des jouets.* (C19-70.15);  
 (Meu pequeno, eu não compro brinquedos.)  
 c *Mon vieux, avec toi, le Tour de France ça durerait six mois.*  
 (C14-51.22).  
 (Meu velho, com você, o Tour da França duraria seis meses.)

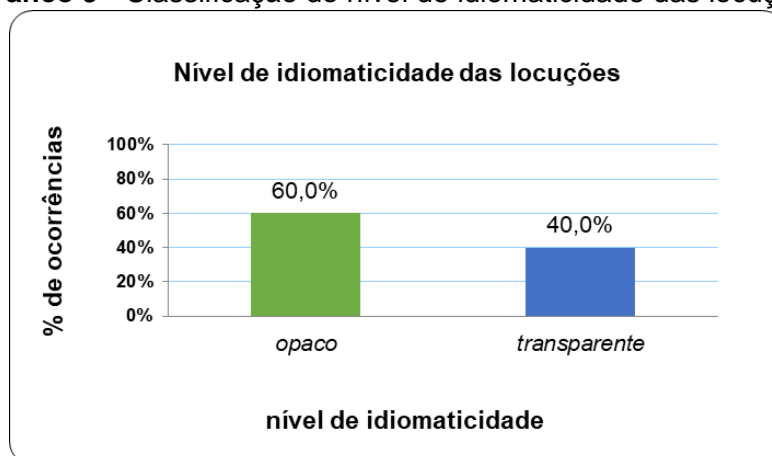
<sup>314</sup> A lista completa das ocorrências pode ser verificada no Apêndice J.

Nas sentenças em (12), as locuções *mon pauvre*, *mon petit*, e *mon vieux* desempenham funções vocativas na comunicação entre os personagens. Na sentença em (12a), a locução *mon pauvre* é utilizada pelo pai de Nicolas para se dirigir diretamente ao seu vizinho, Blédurt, com quem tem uma constante relação de animosidade, conferindo um tom de crítica à sua fala. Já em (12b), a locução *mon petit*, funciona como um vocativo carinhoso, empregado pelos adultos para se dirigir às crianças. Em (12c), a locução *mon vieux*, estabelece uma comunicação informal e amigável, refletindo uma relação de camaradagem entre os personagens. Em todos esses casos, as locuções não substituem nomes na estrutura gramatical das sentenças, mas desempenham papéis de interpelação no discurso.

Diante disso, considerando que o vocativo não é um elemento obrigatório da estrutura gramatical da frase, mas sim da comunicação direta, ao contrário dos pronomes, que integram a estrutura da frase, desempenhando funções de sujeito, de objeto ou de complemento, descartamos a possibilidade de se tratarem, aqui, de locuções pronominais e confirmamos o caráter vocativo dessas locuções.

Após compreendermos o comportamento das locuções no nosso *corpus*, direcionamos a nossa análise para a identificação dos diferentes níveis de idiomaticidade manifestados por esse tipo de UF. Os resultados alcançados estão apresentados no Gráfico 9.

**Gráfico 9** - Classificação do nível de idiomaticidade das locuções



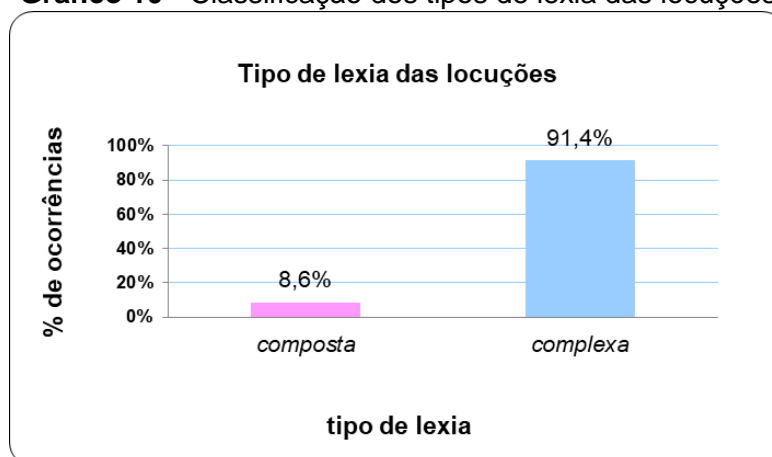
Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

O Gráfico 9 mostra a distribuição do nível de idiomaticidade das locuções. Aquelas com idiomaticidade opaca representam 60% do total dos dados (176 ocorrências), enquanto as transparentes correspondem a 40% dos dados (115

ocorrências). Tais resultados, indicando uma prevalência de locuções opacas, estão, de certa maneira, em consonância com as previsões de González-Rey (2021), ao classificar esse tipo de UF como sintagmas fraseológicos exocêntricos. Contudo, apesar da maior presença de locuções opacas, há uma quantidade significativa de locuções transparentes, o que condiz com a observação de Pamies (2018), ao considerar que diferentes níveis de idiomaticidade podem ocorrer em todos os tipos de UF, validando, assim, a nossa escolha metodológica de não nos restringirmos à tipologia proposta por um único pesquisador.

No que tange aos tipos de lexia mais presentes entre as locuções, observamos que, assim como ocorreu com as colocações, as lexias complexas são predominantes, como exposto no Gráfico 10.

**Gráfico 10** - Classificação dos tipos de lexia das locuções



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

O Gráfico 10 exhibe a distribuição percentual do tipo de lexia das locuções, distinguindo entre composta e complexa. Observa-se que a maioria das locuções foram construídas a partir de lexias complexas, isto é, 266 ocorrências, o que corresponde a 91,4% dos dados, ao passo que apenas 25 locuções, ou seja, 8,6% dos dados, são construídas por meio de lexias compostas. Em nosso *corpus*, não registramos nenhum caso de locução formada por lexia textual. Esse resultado também já era esperado, visto que, como descrito na seção 5 desta tese, a estrutura sintática das locuções, ao menos no que se refere às nominais e verbais, tende a ser semelhante à das colocações. Por serem as menos comuns, exemplificaremos em (13) as locuções concebidas por lexias compostas.

- (13) a *Arrière-droit* (C4-14.4);  
 b *Longtemps* (C19-69.12);

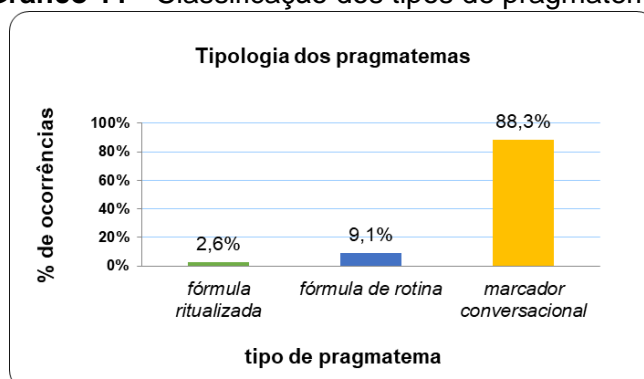
A UF em (13a) é uma locução adjetiva que pode ser encontrada no conto 4, página 14, linha 4. É traduzida literalmente para o português como *atrás-direito*. Porém, essa é uma locução empregada na área temática do futebol para designar o *zagueiro*. Esse é um exemplo de lexia composta separada por hífen que apresenta nível de idiomaticidade opaco e imagem incongruente, já que somente a leitura metafórica é possível.

A UF em (13b), por fim, é uma locução adverbial de tempo. Está localizada no conto 19, página 69, linha 12. Esse é um caso de lexia composta construída por justaposição das lexias simples *long* (longo) e *temps* (tempo), sendo, portanto, traduzida literalmente para o português como *longo tempo*. Porém, equivale em português a  *muito tempo*. É, portanto, uma locução opaca de imagem incongruente, já que o tempo, enquanto entidade abstrata, não pode apresentar características físicas de comprimento.

### 8.1.3 Análise dos pragmatemas

Como discutido na seção 5 desta tese, os pragmatemas são UF empregadas durante as interações sociais, usadas de forma recorrente e ritualizada, estando vinculadas a elementos comportamentais e discursivos que são fixados a situações comunicativas específicas e que conectam logicamente as informações que estão sendo transmitidas, podendo ser expressos na oralidade ou na escrita. Segundo Tagnin (2013) e Monteiro-Plantin (2014), os pragmatemas podem ser etiquetados como sendo fórmulas de rotina, fórmulas epistolares, fórmulas ritualizadas, fórmulas religiosas, fórmulas situacionais e marcadores conversacionais.

Contudo, como já era previsível diante da obra literária que constitui o *corpus* desta pesquisa, dentre os pragmatemas encontrados durante a leitura do primeiro volume da série *Le Petit Nicolas*, não detectamos nenhuma ocorrência de pragmatemas formado por UF lexical. Tampouco quantificamos pragmatemas do tipo fórmula epistolar, fórmula religiosa ou fórmula situacional. Desse modo, as UF catalogadas como construções pragmáticas, se manifestaram no nosso *corpus* tal como o exposto no Gráfico 11, a seguir.

**Gráfico 11 - Classificação dos tipos de pragmatemas**

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Como pode ser depreendido da leitura do Gráfico 11, foram classificados como marcadores conversacionais 88,3% dos pragmatemas, o que corresponde a 114 ocorrências, sendo esse o rótulo que apresentou o maior quantitativo. Quanto aos pragmatemas do tipo fórmula de rotina, registramos nessa categoria 9,1% dos casos, referentes a 11 ocorrências. Por último, contabilizamos apenas 2,6% dos dados, estão os pragmatemas do tipo fórmula ritualizada, com apenas 2 ocorrências, sendo essa a menor porcentagem calculada<sup>315</sup>. Em (14), apresentamos exemplos dos pragmatemas do tipo fórmula de rotina e fórmula ritualizada. Os marcadores conversacionais serão melhor exemplificados mais à frente.

- (14) a *Joyeux anniversaire* (C8-72.01/02);  
 b *C'est gentil* (C15-53.30/31).

O pragmatema *joyeux anniversaire*, em (14a), está localizado no conto 8, página 72, linhas 01 e 02, e se trata de uma fórmula ritualizada. Em tradução livre, equivale em português a *feliz aniversário*. As fórmulas ritualizadas, como dito antes, são estruturas pré-fabricadas que são convencionalmente solicitadas em contextos pragmáticos extremamente precisos. Nesse caso, o contexto ao qual o pragmatema em (14a) pertence é aquele referente aos ritos comemorativos de aniversário.

Localizado no conto 15, página 53, linhas 30 e 31, o pragmatema *c'est gentil*, em (14b), é uma fórmula de rotina que é traduzida literalmente em português como *isso é gentil*. Contudo, esse pragmatema é utilizado para demonstrar apreço e reconhecimento por um gesto de cortesia ou amabilidade por parte do receptor da

<sup>315</sup> Os dados relativos gerais referentes aos pragmatemas estão expostos no Apêndice M.

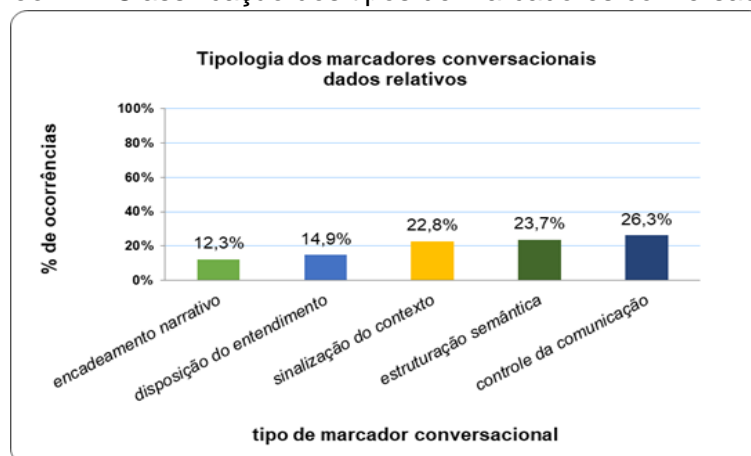
mensagem, podendo equivaler em português ao pragmatema *gentileza sua*. Tal UF serve, portanto, como um meio de expressar agradecimento, enfatizando a delicadeza da ação realizada pelo receptor da mensagem. No contexto comunicativo, o emprego de *c'est gentil* não apenas reitera a consideração e o respeito pelo outro, como também contribui para a manutenção de relações sociais harmoniosas, ao expressar de maneira sucinta a gratidão ou a satisfação com o comportamento alheio. Por outro lado, a ausência da sua utilização pode configurar em uma ruptura do ritual de interação conversacional, caracterizando aquele que foi agraciado pela ação do outro como rude ou mal-educado.

Quanto aos marcadores conversacionais, acreditamos que a sua predominância entre os pragmatemas seja um dado extremamente relevante e que diz muito a respeito do perfil de utilização dessa UF dentro da obra aqui analisada. Por essa razão, faremos uma descrição pormenorizada dessa categoria. O Gráfico 12, a seguir, apresenta os resultados quantitativos sobre os diferentes tipos de marcadores conversacionais presentes no *corpus*, os quais foram subdivididos em classes menores, de acordo com a função pragmática que cada ocorrência exerce durante as interações discursivas.

A classificação dos marcadores conversacionais exposta no Gráfico 12 foi feita tomando como ponto de partida as definições para esse tipo de pragmatema estabelecidas por Tagnin (2013), a saber: i) marcador conversacional de estrutura semântica, ii) marcador conversacional de sinalização do contexto social, iii) marcador conversacional de sinalização da disposição do entendimento e iv) marcador conversacional de situação de controle da comunicação.

Contudo, como mencionado na seção 5, percebemos no nosso *corpus* a alta frequência de pragmatemas conversacionais que tinham como funcionalidade principal marcar a organização do discurso e indicar a progressão lógica da mensagem dentro da narrativa. Tendo em vista que, em nossas pesquisas, não encontramos trabalhos que abordassem esse tipo específico de marcador discursivo, propusemos a sua inclusão no rol dos pragmatemas sob a designação de *marcadores conversacionais de sinalização do encadeamento narrativo*. Sendo assim, o Gráfico 12 também inclui essa categoria, a seguir.



**Gráfico 12** - Classificação dos tipos de marcadores conversacionais

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Expressas em porcentagens, o Gráfico 12 apresenta a tipologia dos marcadores conversacionais considerando as ocorrências mais diversificadas. Os resultados obtidos foram: controle da comunicação, com 26,3% (30 ocorrências), estruturação semântica, com 23,7% (27 ocorrências), sinalização do contexto social, com 22,8% (26 ocorrências), disposição do entendimento, com 14,9% (17 ocorrências) e encadeamento narrativo, com 12,3% (14 ocorrências). Observa-se, portanto, que o controle da comunicação é a categoria com a maior porcentagem de ocorrências, enquanto o encadeamento narrativo registra a menor diversidade entre os tipos de marcadores conversacionais analisados.

Os pragmatemas em (15) são exemplos dos marcadores conversacionais identificados no *corpus*.

- (15) a *Bien sûr* (C1-2.34);  
 b *Il faut dire que* (C14-49.13);  
 c *Qu'est-ce que c'est que ce vacarme* (C2-7.14);  
 d *T'es pas un peu fou ?* (C3-8.27);  
 e *On ne sait jamais* (C19-68.14).

O pragmatema em (15a), corresponde ao marcador conversacional de sinalização de controle da comunicação. Essa classe de pragmatema tem como objetivo assegurar ao falante que o ouvinte continua disposto a receber a mensagem que está sendo emitida. Localizado no conto 1, página 2, linha 34, nosso exemplo,

*bien sûr* (*bem seguro*, se traduzido ao pé da letra), tem como característica incentivar o falante a prosseguir em sua fala, demonstrando concordância com aquilo que está sendo dito. Em língua portuguesa, essa UF equivale a *claro/obviamente*.

Já o pragmatema *il faut dire que*, em (15b), localizada na página 49 e linha 13 do conto 14, é um marcador conversacional de estrutura semântica. Esse tipo de pragmatema, como explicado na seção 5, tem por finalidade sinalizar o desejo do falante de que o enunciado que se segue seja interpretado de uma determinada forma. Tagnin (2013) indica como exemplos de interpretações possíveis, por parte do receptor da mensagem, a opinião, a restrição, a digressão ou a sugestão do locutor. Porém, acreditamos que nesse grupo também devam ser inseridos os casos em que o emissor deseja explicitar sua concordância ou discordância, além do nível de valorização da informação transmitida. Nesse sentido, o pragmatema *il faut dire que* reflete uma necessidade, ou obrigação, percebida pelo falante, de evidenciar, para o seu receptor, que a mensagem emitida é considerada por ele como sendo de extrema relevância para o contexto da conversa.

A UF *il faut dire que* é construída a partir do verbo francês *falloir*, que tem o significado de *ser necessário* ou *ser preciso*, em português. Esse é um verbo impessoal que é conjugado exclusivamente com o sujeito pronominal expletivo *il*. Diferentemente dos pronomes referenciais, que remetem a um substantivo previamente mencionado ou conhecido, os pronomes expletivos são elementos que não possuem nenhum valor semântico. Em termos sintáticos, são empregados na sentença apenas para que a posição do sujeito não permaneça vazia, embora não representem nenhum referente no mundo (Carnie, 2006; Sampaio, 2017). Em outras palavras, o pronome expletivo *il*, nesse contexto, é utilizado unicamente para permitir a conjugação do verbo *falloir*, funcionando como um sujeito gramatical obrigatório, mas desprovido de conteúdo semântico.

Diante disso, o pragmatema *il faut dire que* equivale em português a *é preciso dizer que*, empregado com o intuito de preparar o receptor da mensagem para a importância da informação que se seguirá. Considerando que o expletivo de língua francesa *il* é homógrafo e homófono ao pronome referencial *il*, terceira pessoa do singular masculina (*ele*), construções em que seu uso é requisitado são, em geral, difíceis de serem compreendidas e aplicadas por falantes não nativos em níveis iniciais de aprendizado do FLE (Sampaio, 2017).

O pragmatema em (15c), *qu'est-ce que c'est que ce vacarme ?*, localizado no conto 2, página 7, linha 14, é um marcador conversacional de sinalização do contexto social, o qual tem por finalidade indicar o desejo do falante em deixar claro o seu papel de liderança durante a comunicação. Além dos desejos de tomar, manter, deixar ou passar o turno de fala, elencados por Tagnin (2013), incluímos nessa categoria os desejos de dar ordens, ameaçar e assegurar a disciplina. Esse é o caso do exemplo em (15c). Embora o pragmatema *qu'est-ce que c'est que ce vacarme ?* seja construído em forma de uma sentença interrogativa, podendo ser traduzido em português como *que barulheira é essa?*, seu emprego pragmático não está em, efetivamente, questionar a origem de um barulho causado por pessoas falando alto e que é considerado como perturbador, mas sim em chamar a atenção dos interlocutores para o desagrado causado pelo barulho excessivo, demonstrando simultaneamente um descontentamento e uma exigência de retomada da disciplina.

Assim, na formulação do pragmatema em (15c), o termo *vacarme* designa um ruído intenso e desordenado gerado por falas ou gritos, isto é, tumulto. A UF incorpora a expressão expletiva *est-ce que*, utilizada na construção de frases interrogativas de língua francesa, mas que é isento de valor semântico, e o pronome interrogativo *que*, que desempenha o papel de inquirir sobre um objeto ou situação indeterminada. Tais elementos também poderiam ocasionar dificuldade de compreensão do pragmatema por falantes não nativos, já que a sua tradução literal seria *o que é isso que é este barulho?*, sendo, portanto, uma estrutura incomum em língua portuguesa.

O pragmatema em (15d) é um marcador conversacional de sinalização da disposição do entendimento. Esse tipo de marcador tem como função indicar qual postura o falante está adotando para fornecer, receber ou partilhar informações, opiniões ou emoções durante a comunicação. Nosso exemplo, *t'es pas un peu fou ?*, pode ser encontrado no conto 3, página 8, linha 27 e é traduzido literalmente em português como *você não está um pouco louco?*. Contudo, sua utilização em um ato comunicativo tem a intenção de demonstrar que o falante não está aberto a receber a informação, demonstrando a falta de credibilidade naquilo que está sendo dito, em termos de equivalência, poderia ser melhor comparado com *você está ficando doido?*, em português. A estruturação desse pragmatema reflete duas características marcantes da linguagem cotidiana oral em francês: i) a contração de *tu es* para *t'es*; ii) a omissão do advérbio de negação *ne*. Tais aspectos conferem à UF um tom mais familiar e, a depender da situação de fala, impolido, o que também pode causar

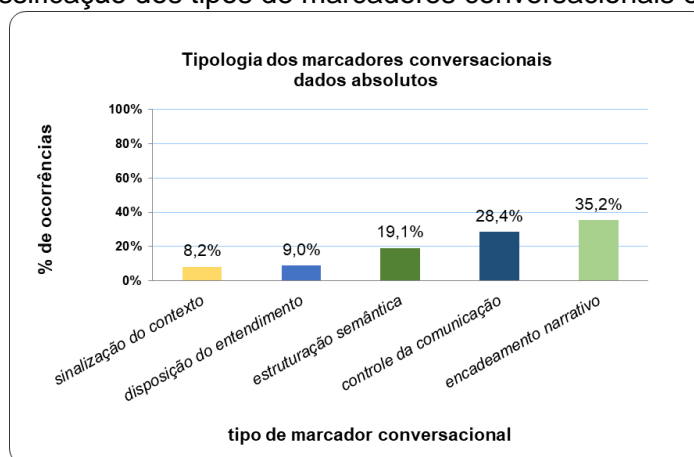
dificuldades de compreensão por aprendizes estrangeiros que não estejam familiarizados com o registro coloquial da língua alvo.

Por fim, o pragmatema em (15e), *on ne sait jamais*, localizado no conto 19, página 68, linha 14, é um marcador conversacional de sinalização do encadeamento narrativo. Como dito, tais pragmatemas são majoritariamente usados na construção do discurso indireto e exercem a função de organizar o discurso, situando o ouvinte no contexto temporal daquilo que está sendo narrado, bem como fornecendo elementos que justifiquem as motivações das ações que foram executadas ao longo da história que está sendo contada, facilitando a fluidez do relato e guiando o ouvinte através do tempo e das reflexões do locutor.

Nesse sentido, o exemplo em (15e), traduzido em português como *nunca se sabe*, é utilizada para expressar a imprevisibilidade de eventos futuros. Num contexto narrativo, essa UF é empregada para justificar determinadas decisões que tiveram como objetivo se precaver de situações inesperadas. A construção desse pragmatema emprega o pronome indeterminado *on*, equivalente ao *se* em português, o que confere a ideia de generalização à decisão que está sendo tomada.

Entretanto, o pronome *on* tem uma dupla funcionalidade na linguagem coloquial do francês. Além de indicar a indeterminação, é igualmente utilizado para se referir a um grupo de pessoas ao qual o falante também está inserido, ou seja, em situações conversacionais informais o pronome *on* pode ser empregado em substituição ao pronome pessoal do caso reto de primeira pessoa do plural, *nous* (nós), embora a conjugação verbal siga sendo feita a partir do paradigma verbal correspondente à terceira pessoa do singular. Em termos de equivalência, podemos compará-lo ao *a gente* do português brasileiro. Em trabalhos anteriores (Sampaio, 2017), constatamos que esse também é um causador em potencial de incompreensão por aprendizes brasileiros de FLE, visto que, em níveis tradutológicos, não há um correspondente igualmente pronominal em língua portuguesa.

Contudo, no que concerne aos marcadores conversacionais rotulados como sinalização do encadeamento narrativo, também é importante ressaltar que, embora essa categoria tenha sido a menos diversa entre os marcadores conversacionais, foi a mais recorrente em termos de frequência. Diferentemente do demonstrado para as colocações e as locuções, optamos aqui por descrever também os dados absolutos, visto que os resultados de tal análise, expostos no Gráfico 13, a seguir, comprovam essa observação.

**Gráfico 13** - Classificação dos tipos de marcadores conversacionais em dados absolutos

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

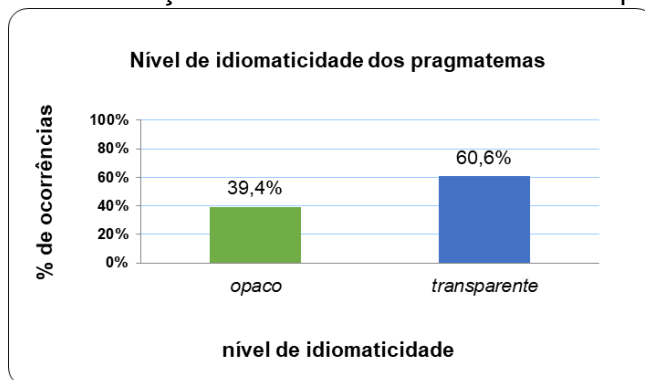
No Gráfico 13, os dados referentes à distribuição percentual das ocorrências dos diferentes tipos de marcadores conversacionais estão expressos em termos absolutos, ou seja, verificamos a frequência de ocorrência, que havia sido controlada conto por conto, de repetições entre os pragmatemas. A análise revela que o tipo de marcador conversacional mais frequente é o de sinalização do encadeamento narrativo, que corresponde a 35,2% dos casos (129 ocorrências), isto é, um terço dos dados totais. Em seguida, o controle da comunicação representa 28,4% dos dados (104 ocorrências). Os marcadores relacionados à estruturação semântica ocupam o terceiro lugar com 19,1% (70 ocorrências). Os marcadores conversacionais do tipo disposição do entendimento e sinalização do contexto social apresentam as menores frequências, com 9,0% (33 ocorrências) e 8,2% (30 ocorrências), respectivamente.

Ao compararmos a porcentagem dos dados relativos (12,3%) e absolutos (35,2%) referentes aos marcadores conversacionais de sinalização do encadeamento narrativo, percebemos que, embora menos diversificados, em comparação com os demais marcadores conversacionais, essa é a categoria com maior frequência. Ao todo, foram somente 14 pragmatemas que se repetiram ao longo dos contos. A unidade com maior frequência foi *et puis*, com 101 ocorrências. Essa UF exprime na narrativa uma progressão dos fatos relatados e pode ser traduzida literalmente para o português como *e pois*. Contudo, em uma equivalência fraseológica, poderíamos associá-la à expressão *e aí*, do português, ou, em determinados contextos, à expressão *em seguida*. Sendo um elemento muito comum do registro oral informal de fala, esse pragmatema é empregado com muita frequência pelo personagem Nicolas, talvez, acreditamos, como um recurso dos autores para caracterizar a fala infantil.

Além disso, a análise em contexto desse tipo de marcador conversacional nos deu indícios de que eles não representam efetivamente uma interação conversacional entre os personagens, mas sim, e de certo modo, entre o narrador e o leitor. Através desses pragmatemas, o narrador busca reportar para o leitor, de maneira coesa e coerente, no tempo e espaço da ficção, a progressão da história que está sendo contada, tal qual aconteceria em um ato conversacionais oral.

No que tange aos níveis de idiomaticidade expressos pelos pragmatemas, constatamos que essa categoria é majoritariamente composta por construções semanticamente transparentes, como ilustra o Gráfico 14.

**Gráfico 14** - Classificação do nível de idiomaticidade dos pragmatemas



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

O Gráfico 14 apresenta a distribuição percentual dos níveis de idiomaticidade dos pragmatemas identificados no *corpus*, em dados relativos. Observa-se que 39,4% (77 ocorrências) dos pragmatemas foram classificados como opacos. Em contrapartida, 60,6% (50 ocorrências) foram classificados como transparentes. A partir da nossa leitura, a predominância de construções semanticamente composicionais está condizente, em certa medida, com a alta frequência de pragmatemas do tipo marcador conversacional, tal como quantificado e exemplificado anteriormente. Em (16), contudo, damos exemplos de pragmatemas opacos.

- (16) a *Sans blague* (C15-53.34);  
 b *Ça va fumer* (C11-39.11/12).

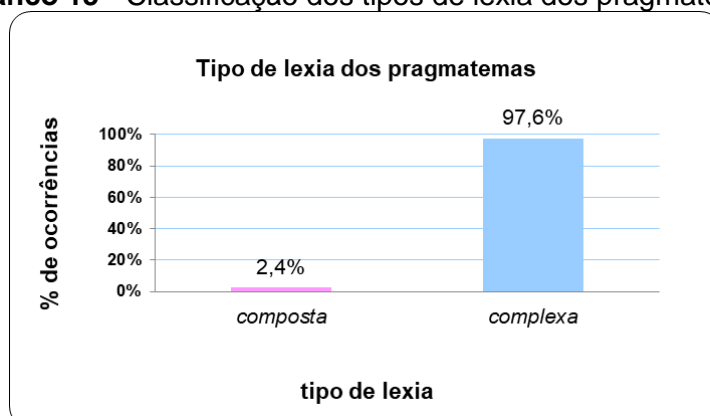
A UF em (16a), *sans blague*, foi identificada no conto 15, página 53, linha 34. É um pragmatema do tipo marcador conversacional de sinalização da disposição do entendimento e pode ser traduzido literalmente em português como *sem piada*.

Contudo, sua utilização em contexto não faz alusão a nenhuma uma história engraçada propriamente dita, mas, ao contrário, tem a intenção de demonstrar que o interlocutor está aberto a receber ou fornecer uma informação, demonstrando seu interesse na conversa. Em equivalência fraseológica com o português, podemos citar *é sério(?)*. A opacidade se encontra, portanto, na obrigatoriedade de uma leitura exocêntrica.

O mesmo acontece com o pragmatema em (16b). Aqui, trata-se de um marcador conversacional de sinalização do contexto social que pode ser encontrado no conto 11, página 39, linhas 11 e 12. Traduzido ao pé da letra para o português como *isso vai fumar*. Entretanto, não há, nesse caso, nenhuma referência ao ato de fumar em si. Ao contrário, esse pragmatema funciona como uma ameaça para as possíveis consequências das ações do interlocutor. Em nossa experiência com a língua francesa, contudo, nunca tivemos acesso a esse tipo de pragmatema. Tampouco a identificamos em fontes dicionarísticas, o que nos leva a crer que essa seja, talvez, uma UF característica do registro oral da década de 1960 reproduzida no conto como recurso literário de aproximação da fala coloquial da época. Em um recorte mais atual da língua francesa, conhecemos a variante *ça va chauffer (isso vai esquentar*, em tradução literal para o português), que é empregada em contextos semelhantes. Em termos de equivalência fraseológica, identificamos em português o pragmatema *a cobra vai fumar*, que desempenha igualmente uma função de ameaça.

No que se refere ao tipo de lexia mais frequente entre os pragmatemas, obtivemos os resultados expostos no Gráfico 15.

**Gráfico 15** - Classificação dos tipos de lexia dos pragmatemas



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Como se observa na distribuição percentual no Gráfico 15, apenas 2,4% dos pragmatemas (3 ocorrências) pertencem à categoria de lexia composta. Em contraste, a grande maioria desse tipo de UF, correspondendo a 97,6% dos dados (124 ocorrências), é classificada como lexia complexa. Não registramos nenhuma ocorrência de lexia textual. As porcentagens expressas pelo Gráfico 15 também já eram esperadas, tendo em vista, como exemplificado na seção 5, que os pragmatemas se manifestam, de modo geral, pela fixação de lexias separadas por espaços em branco. Entretanto, apresentamos em (17) os casos de pragmatemas construídos por lexias compostas.

- (17) a *Tais-toi* (C2-5.28);  
 b *Toi-même* (C8-29.20).

A UF em (17a), *tais-toi*, é um pragmatema do tipo marcador conversacional de sinalização da disposição do entendimento e está localizado, entre outros, no conto 2, página 5, linha 28. A construção dessa UF é feita a partir do verbo *taire* (*silenciar* ou *calar*, em português) conjugado no modo imperativo, na segunda pessoa do singular, e o pronome reflexivo *toi* que, juntos, exprimem a ordem *cale-se*, em equivalência ao português brasileiro. Em nível de equivalência fraseológica, esse pragmatema corresponde, contudo, à UF *cale/cala a boca*. Tal pragmatema é frequente em interações infantis, caracterizando contextos de conflitos em que o locutor deixa evidente que não está disposto a receber a mensagem.

O pragmatema em (17b), *toi-même*, localizado no conto 8, página 29, linha 20, é uma fórmula de rotina, igualmente característica da fala infantil, traduzida literalmente para o português como *você mesmo*. Porém, seu emprego pragmático equivale a *você que é* ou *é você*, construções dadas como resposta a insultos, devolvendo ao ofensor a atribuição das injúrias por ele proferidas.

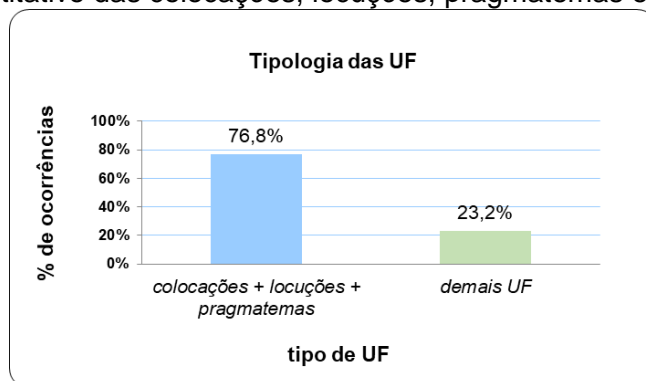
#### **8.1.4 Análise das UF menos diversas mais pertinentes**

Como já foi anteriormente mencionado, das 14 ocorrências de UF identificadas no *corpus* desta investigação (acrescidas dos jogos de palavras), as que apresentaram a maior quantidade em dados relativos, ou seja, as mais diversificadas, foram as colocações, as locuções e os pragmatemas. Com isso, a comparação entre



a soma do quantitativo percentual dessas três categorias mais diversas e as demais ocorrências é bastante expressiva, como pode ser observado no Gráfico 16, o qual exhibe a distribuição percentual dos tipos de UF coletados durante a pesquisa, classificando-as em somente duas categorias distintas.

**Gráfico 16** - Quantitativo das colocações, locuções, pragmatemas e demais tipos de UF



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

De um lado, destacado em azul no Gráfico 16, estão agrupadas as colocações, as locuções e os pragmatemas. De outro, em verde, estão as demais UF. Observa-se que a primeira categoria constitui 76,8% das UF, o que corresponde a 793 ocorrências de 1033 realizações. Já a segunda representa 23,2% dos dados, isto é, 240 ocorrências, como mencionado no início desta seção. Acreditamos que o predomínio das colocações, locuções e pragmatemas seja um reflexo do material que foi tomado como *corpus* da pesquisa, dado o estilo literário dos autores: as histórias são contextualizadas em situações narrativas e interativas que propiciam o emprego desses tipos de UF. Contudo, exemplificaremos em (18) as UF menos diversas que consideramos como mais pertinentes para a construção da narrativa e, ao mesmo tempo, para a compreensão da cobertura fraseológica dessa obra como um todo.

- (18) a *Tout + Adj*  
 b *Tout + Adv*

Os exemplos em (18) são UF do tipo molde, quer dizer, UF gramaticais construídas a partir de um modelo sintático predefinido (Zhu, 2016, 2019, 2020, 2022). Nos moldes em (18), a convencionalidade gira em torno da lexia *tout* (*tudo* ou *todo*, em português), quer seja na sua forma lematizada, ou seja, masculino singular, ou nas suas formas flexionadas: *tous* (masculino plural), *toute* (feminino singular), *toutes*

(feminino plural). Nesse caso, a lexia *tout* atua como uma espécie de intensificador que eleva o valor adjetival ou adverbial da lexia com a qual está sendo combinada.

Ao ser comparado ao português, o molde *tout* + *Adj* encontra duas possibilidades de equivalência: i) por intermédio do emprego do diminutivo; ii) pelo uso do advérbio *bem*. Assim, a combinação *tout triste*, por exemplo, poderia ser traduzida como *bem triste* ou *tristonho*. Em nosso *corpus*, encontramos as seguintes ocorrências: *tout noirs* (bem pretos), *tout fier* (bem orgulhoso), *tout content* (bem contente), *tout étonné* (bem surpreso), *tout gonflé* (bem inchado), *tout rouge* (bem vermelho), *tout bleu* (bem azul), *tout neuf* (bem novo), *toutes maigres* (bem magras), *toute nerveuse* (bem nervosa), *tout plein* (bem cheio), *tout ronds* (bem redondos), *toute chiffonnée* (bem amassada), *tout ouverts* (bem abertos), *tout grand* (bem grande), *tout petit* (bem pequeno), *tout surpris* (bem surpreso), *toute tordue* (bem retorcida), *tout chauve* (bem careca), *tout pâlot* (bem pálido), *tout mou* (bem mole) e *tout jaune* (bem amarelo).

De igual forma, o molde *tout* + *Adv* tem por finalidade intensificar o valor semântico da construção. Contudo, ao contrário do que ocorre com o molde *tout* + *Adj*, algumas construções do tipo *tout* + *Adv* não encontram equivalência fraseológica direta em língua portuguesa, visto que não podem ser traduzidas por outra UF. No nosso *corpus*, identificamos as seguintes ocorrências: *tout près* (bem perto/pertinho), *tout autour* (bem ao redor), *tout simplement* (\*bem simplesmente) e *tout bas* (bem baixo/baixinho).

Considerando as duas possibilidades de equivalência do sentido expresso por esse molde em língua portuguesa, quais sejam, o uso do diminutivo ou do advérbio *bem*, nota-se que não há meios para se preservar o caráter intensificador de *tout* na tradução do molde *tout simplement*, uma vez que o advérbio *simplesmente* não pode ser colocado no diminutivo, assim como a criação da combinação \**bem simplesmente* não é convencional em língua portuguesa, sendo, portanto, agramatical. Por ser um molde típico de língua francesa, tais construções podem, a nosso ver, causar dificuldades de compreensão por falantes estrangeiros que não estejam familiarizados com elas.

Consideramos a análise de outros exemplos de moldes como importantes para a nossa pesquisa. Em (19), estão expostas as ocorrências mais pertinentes.

(19) a *Gros* + *N*

b *Drôle de + N*

Durante a coleta dos dados, percebemos que há, com certa recorrência, ao menos no tocante à fala de Nicolas, o uso do adjetivo *gros* (*grosso* ou *gordo*, em tradução livre para o português), ou de seu feminino *grosse* (*grossa* ou *gorda*), como intensificador de determinadas lexias, como é o caso de *gros malin*. Traduzido literalmente, o seu equivalente em português é *grosso malandro*. Contudo, nota-se que, pelo contexto de uso, o sentido atribuído à construção é de *grande imbecil/malandro*, tornando-se, assim, uma construção semanticamente opaca. Em nosso *corpus*, identificamos as seguintes ocorrências desse molde: *gros cigare* (charuto grande), *gros malin* (grande imbecil/malandro), *gros soupir* (suspiro forte), *gros sourire* (sorriso largo) e *grosse voix* (voz grossa). Percebemos, portanto, que não há um padrão tradutológico para a lexia *gros/grosse* em português, o que também pode ocasionar em dificuldades de compreensão desse molde por leitores brasileiros.

O molde em (19b), *drôle de + N*, manifesta a mesma lógica de estruturação daquela apresentada pelo molde *Gros + N*. Notamos que, em língua francesa, o adjetivo *drôle* (engraçado) quando acompanhado da preposição *de*, assume a função de intensificador, tendo, assim, a capacidade de atribuir à lexia com a qual é combinado o sentido de algo que é fora do comum, que sai do ordinário, ou mesmo estranho. Entre outras realizações, essa construção é empregada pelo pai de Nicolas, o qual diz ao filho:

- (20) *Tu sais que j'étais un **drôle de champion** cycliste et que si je n'avais pas connu ta mère, je serais peut-être passé professionnel ?* (C14-111.20/22)

Em tradução literal, a sentença em (20) equivaleria em português a “você sabe que eu era um **engraçado de campeão** ciclista e que se eu não tivesse conhecido a sua mãe, eu teria talvez me tornado profissional?” (Gosciny; Sempé, 1960, p. 111, grifos nossos). Porém, o sentido expressado pela UF em destaque não é de um campeão de ciclismo que é divertido, que faz os outros rirem, mas sim de alguém que foi excepcional, um ciclista extraordinário e que, por isso, foi campeão, sendo, portanto, uma construção opaca. Foram coletadas as seguintes ocorrências desse molde: *drôle d'effort* (esforço), *drôle de punition* (punição), *drôle d'affaire* (empreitada), *drôle de morceau* (pedaço), *drôle de bruit* (barulho), *drôles d'idée* (ideia), *drôle de*

*champion cycliste* (campeão ciclista), *drôle de courage* (coragem), *drôles de sandales* (sandálias) e *drôles de bouteilles* (garrafas). Mais uma vez, esse é um exemplo de construção em língua francesa que pode gerar problemas de compreensão por aprendizes brasileiros de FLE.

## 8.2 QUESTÕES CULTURAIS: OS JOGOS DE PALAVRAS

No decorrer da leitura das histórias do *Le Petit Nicolas*, nos deparamos com determinadas estruturas léxicas que nos levaram a refletir e a nos questionar sobre a possibilidade de considerá-las como sendo uma UF, mesmo que apresentassem características próximas daquelas descritas pela Fraseologia quanto ao seu objeto de estudo. Tais construções estavam ligadas a jogos de palavras que nem sempre eram de fácil entendimento, visto que estavam ligados a questões culturais próprias da comunidade francesa. Em alguns casos, os jogos de palavras eram baseados em contextos semânticos e pragmáticos muito precisos dos anos 1960, o que dificultava ainda mais a compreensão dos contos, tendo em vista que era necessário realizar uma pesquisa paralela que nos conduzisse ao sentido da expressão.

Ao todo, foram identificados 20 de jogos de palavras, os quais, em alguns casos, eram empregados em mais de uma passagem dos contos, computando 57 ocorrências gerais. Considerando que a estruturação de um jogo de palavras está condicionada, tal como descrito na seção 4 desta tese, a uma intencionalidade lúdica do falante, que pode ser realizada, partir de aspectos linguísticos e culturais, em níveis fônicos, lexicais, morfossintáticos e pitográficos, e que, devido a isso, a recuperação da unidade léxica, seja ela mono ou polilexical, que foi utilizada como base do jogo de palavras está igualmente condicionada aos conhecimentos prévios do falante sobre tais aspectos da língua e da cultura, ainda que de forma inconsciente, a descrição de um jogo de palavras em língua estrangeira pode ser, por vezes, uma tarefa exaustiva.

Por essa razão, optamos por não reproduzir aqui todas as ocorrências depreendidas da leitura dos contos *Le Petit Nicolas*, mas sim exemplificar o quão laborioso pode ser o caminho de busca pelo significado desse recurso lexical, ficando as demais ocorrências reservadas para trabalhos futuros.

Isso dito, um dos jogos de palavras que mais chamou a nossa atenção foi o recurso idiossincrático empregado pelos autores para caracterizar a maneira jocosa como, nos contos, as crianças apelidaram o supervisor da escola: *Le Bouillon*, que

pode ser traduzido em português como, *O Caldo*. A alcunha de *Le Bouillon*, dada ao senhor Bubon, nome real do personagem, é citada pela primeira vez no conto homônimo publicado na revista *Pilote* de 28 de abril de 1960, o qual foi reeditado no primeiro volume da série literária, sendo o terceiro conto do livro. Nele, Nicolas explica:

O supervisor, nós o chamamos de o Caldo, quando ele não está por perto, é claro. Nós o chamamos assim porque ele diz o tempo todo: "olhe nos meus olhos" e no caldo há olhos. Eu também não entendi de imediato, foram as crianças maiores que me explicaram<sup>316</sup> (Gosciny; Sempé, 1960, p. 22, tradução nossa).

Em nosso entendimento, a forma zombeteira como as crianças apelidaram o senhor Dubon está ligada diretamente a três questões culturais vivenciadas na França: i) a figura do supervisor; ii) a prática de apelidar o supervisor; iii) a prática gastronômica francesa. Em primeira instância, o supervisor é uma figura icônica do ambiente escolar francês. Por ser o responsável pela supervisão dos alunos fora da sala de aula, ajudando a manter a ordem durante o recreio e em outros horários do dia escolar, o supervisor está autorizado a aplicar punições aos alunos indisciplinados, sendo, por vezes, pouco apreciado pelos estudantes. Diante disso, é uma prática comum entre as crianças lhe atribuir apelidos engraçados.

Na revista *Pilote*, há uma coluna destinada a apresentar os melhores liceus da França, mencionando, a cada edição da revista, as principais características de um estabelecimento escolar diferente, incluindo um pequeno vocabulário do léxico particular daquela escola, empregado pelos alunos. No exemplar de número 222, datado de 23 de janeiro de 1964, é apresentado o liceu Hoche, da cidade de Versalhes. Na lista de expressões próprias dessa escola, é indicado o termo *Vise Tarzan* (*Mira Tarzan*, em tradução livre), empregado para se referir ao supervisor do estabelecimento. Essa informação evidencia a prática cultural francesa, ao menos no que tange ao recorte temporal da década de 1960, em apelidar os supervisores escolares.

Por fim, no que corresponde à cultura gastronômica francesa, observa-se que as preparações gastronômicas líquidas (sopas, molhos, caldos etc.) são iguarias tradicionalmente presentes na culinária desse país: "os molhos representam a parte

---

<sup>316</sup> No original: *Le surveillant, on l'appelle le Bouillon, quand il n'est pas là, bien sûr. On l'appelle comme ça, parce qu'il dit tout le temps : "regardez-moi dans les yeux" et dans le bouillon il y a des yeux. Moi non plus je n'avais pas compris tout de suite, c'est des grands qui me l'ont expliqué.*

principal da cozinha. Eles criaram e mantiveram a preponderância universal da culinária francesa” (Escoffier, 1912, p. 4, tradução nossa)<sup>317</sup>.

Dentre as diversas possibilidades de preparações gastronômicas líquidas, o caldo é uma das que mais se destaca, seja para o consumo direto, seja para incrementar outros preparos, como bem se observa na obra *Le Grande Larousse Gastronomique* (Dictionnaire, 2007, p. 121). Extraído essencialmente do líquido de cozimento de carnes e, por vezes, legumes, o caldo geralmente concentra uma grande porcentagem de gordura que se condensa, em forma de rodela, sobre a superfície da preparação, tal como mostrado na Figura 71.

**Figura 71** - Representação da concentração de gordura do caldo francês



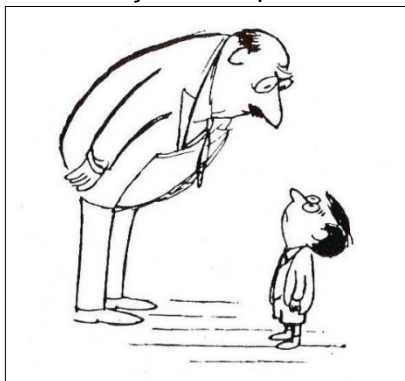
Fonte: Disponível em: <https://bionique.artbite.fr/Les-yeux-du-bouillon.html?lang=fr>. Acesso em: 7 out. 2019

Em alusão à forma circular das manchas de gordura do caldo e ao formato, igualmente circular, dos olhos, diz-se, em língua francesa, que tais manchas são os olhos do caldo (*les yeux du bouillon*). Assim, tomando como referência essa locução, Nicolas e seus amigos, em analogia ao bordão repetidamente proferido pelo senhor Dubon, qual seja *regarde-moi dans les yeux* (*me olhe nos olhos*, em tradução livre), criam o codinome *Le Bouillon* para se referir a ele em sua ausência. A expressão aparece 38 vezes em todo o livro.

A Figura 72, a seguir, exhibe a ilustração, feita por Sempé, do supervisor *Le Bouillon*. Pelo exposto, observamos a forma expressiva como ele repreende as crianças com o olhar. Os olhos esbugalhados são, sem dúvida, a sua característica mais representativa, a qual justifica o jogo de palavras criado a partir da locução *les yeux du bouillon*.

<sup>317</sup> No original: *Les sauces représentent la partie capitale de la cuisine. Ce sont elles qui ont créé et maintenu l'universelle prépondérance de la cuisine française.*

**Figura 72** - Ilustração do supervisor *Le Bouillon*.



Fonte: Gosciny e Sempé (1960, p. 27)

Inicialmente, acreditamos que a unidade *Le Bouillon* fosse uma espécie de truncamento da locução *les yeux du bouillon*, visto que, ainda que de forma reduzida, uma parte da UF original foi preservada. Porém, ao analisarmos com maior atenção, percebemos que se tratava de uma desfixação lexical, uma vez que, tal como descrevemos na seção 4 deste trabalho, uma das características primeiras desse fenômeno linguístico é a manipulação lúdica da forma ou do sentido da UF original para produzir um novo significado. Mesmo que motivado pela comparação do bordão usado pelo supervisor e a imagem que a locução referencia, o sentido dado pelas crianças ao termo *Le Bouillon* é novo e lúdico, sendo, portanto, um caso de desfixação do tipo jogo de palavras, realizada em nível lexical e semântico.

Ao mesmo tempo, observamos que há um certo grau de opacidade semântica no termo: se grafado com letras minúsculas, *le bouillon* é semanticamente composicional, quer dizer, *o caldo* no sentido gastronômico. Porém, se escrito em maiúsculo, *le Bouillon*, tal como é feito por Gosciny nos contos, a construção se torna idiomática, referindo-se, portanto, ao supervisor da escola, uma vez que se trata de um nome próprio. Tal fenômeno está manifestado, por exemplo, à página 22 do livro (Gosciny; Sempé, 1960).

### 8.3 ANÁLISE DA ESTRUTURA INTERNA

No que concerne à análise das estruturas internas das UF catalogadas, foram registradas 249 formas distintas. De modo a verificar quais as possibilidades de estruturas sintáticas mais recorrentes, foi feita uma análise quantitativa dos dados obtidos. Entretanto, trataremos aqui, para efeitos de pertinência e quantificação,

apenas as estruturas que se apresentaram em número igual ou superior a 15 ocorrências. Os resultados apurados encontram-se na Tabela 1.

**Tabela 1** - Estrutura interna das UF – recorte aos casos com mais de 15 ocorrências

<b>Estrutura interna</b>	<b>Número de ocorrências</b>
V + Det + N	110
N + Prep + N	94
Adj + N	49
V + Prep + Det + N	46
V + Prep + V	36
Adv + Adv	30
V + N	28
V + V	27
N + Adj	27
V + Prep + N	21
N + Prep + Det + N	20
Prep + N	19
V + Adv	17
V + Adj	17
<b>Total Geral</b>	<b>541</b>

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Como se observa a partir da leitura da Tabela 1, das 249 formas diferentes de estrutura interna, 14 ocorreram em número igual ou superior a 15. A título de exemplificação, trazemos, em (21), exemplos de UF compostas pelas 5 estruturas internas mais recorrentes.

- (21) a *Avoir l'air* (C2-7.13)  
 b *Taches de rousseur* (C7-24.4/5)  
 c *Frère Jacques* (C13-45.19)  
 d *Avoir du monde* (C10-35.24/25)  
 e *Penser à + V* (C15-54.24/25)

A UF em (21a) é um exemplo de construção a partir da estrutura interna V + Det + N. Foram contabilizadas 110 UF diferentes que apresentaram essa mesma ordem sintática, entre as quais estão UF do tipo colocação, construção com verbo suporte e locução. O exemplo em (21a), *avoir l'air*, pode ser localizado no conto 2, página 7, linha 13. Em tradução literal, corresponde em português a *ter o ar*. Porém, seu significado equivale a *ter cara de*, no sentido de estar com uma determinada



aparência. Nos contos, essa UF é frequentemente empregada por Nicolas para descrever os adultos, como na sentença “*Même la maîtresse avait l'air triste*” (Gosciny; Sempé, 1960, p. 75)<sup>318</sup>. Em termos de compreensão, percebemos, pela nossa experiência com o ensino da competência leitora em língua francesa, que alguns aprendizes tendem a confundir essa construção com a UF de língua portuguesa, difundida na região metropolitana da cidade de Salvador, *pegar ar*, empregada com o sentido de *ficar com raiva*.

A UF em (21b), por sua vez, *taches de rousseur*, é um exemplo da estrutura interna N + Prep + N e pode ser localizado na página 24, linhas 04 e 05, do conto 7. A tradução literal em português, *manchas de vermelhidão*, não é usual. Entretanto, essa colocação encontra equivalência na lexia simples *sardas*. As UF com estruturas internas semelhantes a essa foram repetidas 94 vezes no decorrer dos contos. Essa estrutura condiz com o tipo de ordem sintática das colocações nominais. Entretanto, além das colocações, também encontramos locuções nominais e moldes com estrutura semelhante.

Em (21c), apresentamos um exemplo da estrutura Adj + N, a qual registra uma frequência de 49 ocorrências, entre as quais encontram-se os seguintes tipos de UF: colocação, fraseosinalética, locução, molde e pragmatema. A título de exemplificação, citamos a fraseosinalética *Frère Jacques*, presente no conto 13, página 45, linha 19. Essa UF é a versão em língua francesa da cantiga infantil intitulada *Frei João*<sup>319</sup> em português. As UF do tipo fraseosinalética são combinações léxicas consagradas pelo uso onomástico monorreferencial, fixados a partir do uso denominativo, em geral de obras artísticas, literárias, cinematográficas e outros (Bosredon, 2012). O exemplo em (21c) é considerado como fraseológico porque, em se tratando do título de uma música mundialmente conhecida, ocorre sempre na mesma ordem e, portanto, já foi fixada na língua.

No item (21d), encontra-se o exemplo relacionado à estrutura interna V + Prep + Det + N, que apresenta uma frequência de 46 ocorrências de distintas UF, entre colocações, locuções e moldes. Também encontramos ocorrências de jogos de

<sup>318</sup> *Mesmo a professora estava com cara triste*, em tradução livre.

<sup>319</sup> Em nossas pesquisas, também encontramos o equivalente em língua portuguesa *irmão João* para essa fraseosinalética. Além disso, em comunicação oral com a professora Silvana Ribeiro, orientadora desta tese, foi relatado, a partir da sua experiência pessoal, que a versão em língua francesa dessa cantiga também esteve presente no Brasil do final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Também conhecemos no Brasil a versão *Meus dedinhos*, na qual a melodia da cantiga foi preservada, mas a letra foi completamente modificada.

palavras com essa estrutura sintática. A título de exemplificação, citamos a locução verbal *avoir du monde*, localizada no conto 10, página 35, linhas 24 e 25. Por ser uma UF opaca, se traduzida ao pé da letra, *ter do mundo*, essa locução não faz sentido em português. Porém, o seu sentido global está relacionado à descrição de situações em que há uma grande quantidade de pessoas em um mesmo lugar. O emprego dessa locução indica, portanto, que o espaço em questão está altamente frequentado, sendo uma locução verbal portadora de imagem incongruente: apenas a leitura metafórica é possível.

Por fim, a UF em (21e), é um exemplo da estrutura interna V + Prep + V, que ocorreu no corpus em 36 UF diferentes. Nesse caso, trata-se da perífrase verbal *penser à* (*pensar em*, em tradução literal em português) que é, aqui, seguida de um verbo. Essa UF está localizada no conto 15, página 54, linhas 24 e 25. Ao contrário do que a tradução literal pode sugerir, essa é uma UF opaca, visto que tal construção permite a realização de duas leituras, como exemplificadas em (22).

- (22) a *J'ai pensé à aller au cinéma, mais on peut faire autre chose si tu veux.*  
(Eu pensei em ir ao cinema, mas a gente pode fazer outra coisa se você quiser.)
- b *Pense à m'appeler si tu as des soucis pour t'inscrire à l'univeristé.*  
(Lembre-se de me ligar se você tiver dificuldades em se inscrever na universidade)

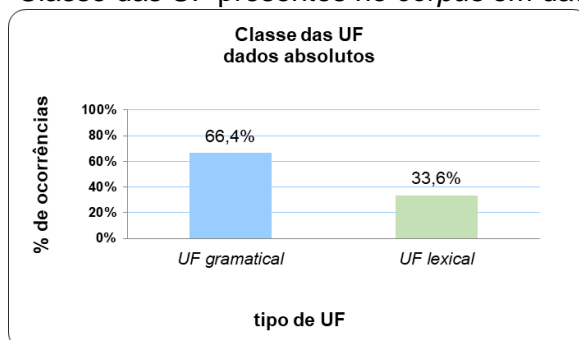
Na sentença em (22a), o emprego da perífrase verbal *penser à + V* é transparente e o seu significado é, portanto, literal: pensar em ir ao cinema. Entretanto, em (22b), o uso da perífrase verbal, a partir de uma perspectiva não nativa, é opaco, de modo que o seu significado em contexto equivale a *lembrar*. Pelo contexto situacional, percebemos que a ocorrência encontrada no corpus, *j'ai pensé à appeler maman* (C15-54.24/25), é igualmente empregada com o sentido de lembrar: *eu lembrei de chamar mamãe*, em tradução livre para o português.

#### 8.4 A ALTA FREQUÊNCIA DE USO: ANÁLISE DAS UF MAIS RECORRENTES EM DADOS ABSOLUTOS

Como já mencionado, nosso corpus é composto por 1033 UF que se repetem no decorrer dos contos, totalizando 4757 UF em dados absolutos. Diante disso, ao

fazer uma comparação quantitativa entre a tipologia das UF mais diversas, isto é, aquelas que apresentaram o maior número de UF diferentes etiquetadas sob uma mesma categoria, e aquelas que manifestaram maior frequência de uso, ou seja, a quantidade de repetições do mesmo tipo, observamos que os resultados são divergentes, tal como exposto no Gráfico 17.

**Gráfico 17** - Classe das UF presentes no *corpus* em dados absolutos



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

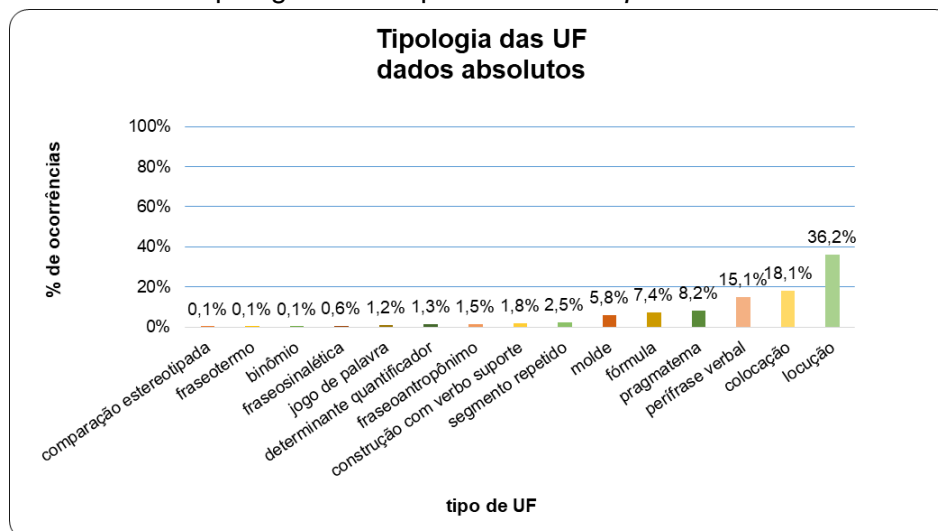
O Gráfico 17 apresenta a distribuição percentual das classes de UF em dados absolutos. Os resultados nos mostram que 66,4% das ocorrências, isto é, 3159 UF, foram classificadas como sendo gramaticais, enquanto as UF lexicais representam 33,6% das ocorrências, ou seja, 1598 unidades. Isso indica que, ao contrário do ocorrido com os dados relativos, dos quais 50,1% eram de UF gramaticais e 49,9% de UF lexicais, estabelecendo um equilíbrio entre as duas classes de UF, tal como descrito no Gráfico 1, na subseção 8.1, há, entre os dados absolutos, uma preponderância do uso repetido nas narrativas dos contos em análise de UF gramaticais, visto que essa classe de UF corresponde ao equivalente a dois terços dos dados totais.

A partir da nossa percepção, a discrepância quantitativa entre as UF gramaticais e lexicais em dados absolutos está diretamente ligada à estrutura narrativa dos contos, o que condiciona o uso repetitivo de uma determinada construção fraseológica em detrimento de outra, como nos revelam os resultados da análise quantitativa da tipologia das UF em dados absolutos, expostos no Gráfico 18, a seguir, que detalha a distribuição percentual da tipologia das UF em dados absolutos.

Entre os diferentes tipos de UF em observação, três se destacaram com maior quantidade. A locução é o tipo mais frequente, representando 36,2% dos casos gerais, com 1731 ocorrências. Em seguida, temos a colocação, que corresponde a 18,1%

dos dados, com 862 ocorrências. A perífrase verbal fica em terceiro lugar, com 720 ocorrências, o que corresponde a 15,1% dos dados. Juntas, as três categorias somam 3313 UF, quer dizer, 69,4% das ocorrências totais, indicando uma frequência, em termos de repetição, bastante expressiva dessas formas de UF no *corpus*, como exposto no Gráfico 18.

**Gráfico 18** - Tipologia das UF presente no *corpus* em dados absolutos

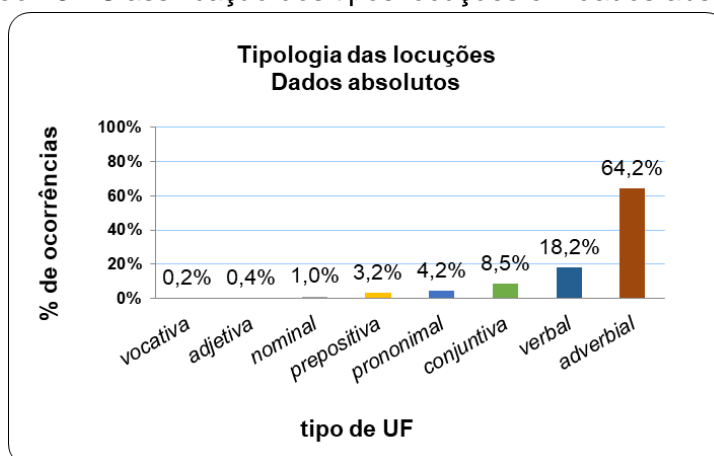


Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Os resultados do Gráfico 18 também divergem daqueles obtidos na análise dos dados relativos. Como descrito em 8.1, as UF mais diversificadas foram as colocações, as locuções e os pragmatemas, estando, respectivamente, em primeiro, segundo e terceiro lugar em maior número de ocorrências diversas.

As demais tipologias, que possuem menos de 10% cada, incluem os pragmatemas, com 8,2% (390 repetições); as fórmulas, com 7,4% (345 repetições); os moldes, com 5,8% (275 repetições); os segmentos repetidos, com 2,5% (117 repetições); as construções com verbo suporte, com 1,8% (87 repetições); os fraseoantropônimos, com 1,5% (71 repetições); os determinantes quantificadores, com 1,3% (60 repetições) e os jogos de palavras, com 1,2% (57 repetições). As categorias que apresentaram um quantitativo inferior a 1,0% foram: as fraseosinaléticas (27 repetições), os fraseotermos (7 repetições), os binômios (6 repetições), e as comparações estereotipadas (2 repetições).

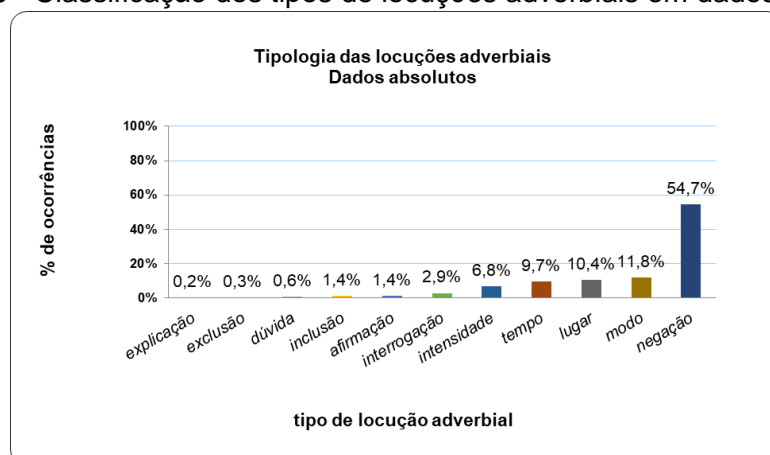
Voltando o nosso olhar para as locuções, visto que esse tipo de UF corresponde, sozinho, a um terço dos dados absolutos, também constatamos resultados muito reveladores, como exposto no Gráfico 19, a seguir.

**Gráfico 19** - Classificação dos tipos locuções em dados absolutos

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Como se nota a partir da leitura do Gráfico 19, ao contrário do que ocorreu na análise dessa categoria em dados relativos, os quais apontaram que as locuções adverbiais e verbais eram os dois tipos com maior diversidade, quantificando respectivamente 45,5% e 32,8% das ocorrências (Cf. Gráfico 7), a observação dos dados absolutos nos mostra que as locuções adverbiais se destacam como a categoria com maior frequência de uso, representando, sozinha, 64,2% dos dados (1107 repetições), ou seja, o equivalente aproximado a dois terços das locuções.

Atentando para o fato de que as locuções adverbiais se manifestaram no nosso *corpus* a partir de 11 formas distintas, quais sejam, as locuções adverbiais de afirmação, de dúvida, de exclusão, de explicação, de inclusão, de intensidade, de interrogação, de lugar, de modo, de negação e de tempo, consideramos pertinente verificar como cada uma delas se comportaram no que diz respeito à frequência de uso. O Gráfico 20 traz os resultados.

**Gráfico 20** - Classificação dos tipos de locuções adverbiais em dados absolutos

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

A leitura do Gráfico 20 destaca as locuções adverbiais de negação como aquelas que apresentaram a maior frequência de uso, com 54,7% (605 repetições) das ocorrências em dados absolutos, o que nos indica que os demais 10 tipos de locuções adverbiais correspondem, juntos, a 45,3% dos dados (502 repetições). Esse é, portanto, um resultado bastante expressivo, sobretudo ao ter em mente que as locuções adverbiais de negação somaram apenas 12,9% dos dados relativos totais. Diante disso, a interpretação possível é que, embora pouco diversificada, essa categoria seja aquela com maior índice de repetição dentro da construção narrativa dos contos. Tratam-se de somente 17 UF que foram reproduzidas 605 vezes ao longo dos 19 contos analisados. De toda sorte, embora muito pertinente, esse é um resultado que, de certa forma, já era previsível, visto que a estrutura sintática da negação em língua francesa é, por natureza, fraseológica (Bally, 1921).

As locuções adverbiais de negação que consideramos mais pertinentes estão exemplificadas em (23).

- (23) a *Même pas* (C14-51.4)  
 b *Ne... que* (C1-3.12)  
 c *Non plus* (C3-8.9)  
 d *Pas du tout* (C6-22.21)

A UF em (23a), *même pas*, localizada no conto 14, página 51, linha 4, é traduzida literalmente em português para *mesmo não*. Contudo, é empregada com o sentido de *nem* ou *nem mesmo*, podendo ser associada tanto a verbos quanto a adjetivos e substantivos. Porém, com base em nossa experiência, percebemos que, quando a negação está associada a adjetivos e substantivos, essa UF é frequentemente relacionada à negação de sentimentos, como exemplificado nas sentenças em (24).

- (24) a *Même pas fatigué.*  
 b *Même pas peur.*  
 c *Je ne suis même pas allé au supermarché aujourd'hui.*

As sentenças em (24a) e (24b) são respostas bastante usuais no cotidiano de países de língua francesa, especialmente na linguagem infantil, visto que conotam

certo desdém por parte de quem as profere. A primeira equivale literalmente em português a *nem mesmo cansado*, ao passo que a segunda a *nem mesmo medo*, havendo necessidade de desmembramento para *nem mesmo com medo*, em tradução livre para o português. Em ambos os casos, como se percebe, o emprego da locução adverbial de negação é feito em associação a um adjetivo e a um substantivo, respectivamente, sem que a estrutura profunda da frase, *je ne suis même pas fatigué* (eu nem estou cansado) ou *je n'ai même pas peur* (eu nem tenho medo), esteja necessariamente explícita. Tais sentenças são geralmente usadas para afirmar resistência ou coragem, o que condiz, acreditamos, com o comportamento típico de crianças que querem se autoafirmar diante dos colegas, o que também é percebido no contexto narrativo dos contos. A sentença em (24c), no entanto, é um exemplo do uso da locução adverbial de negação *même pas* em associação a um verbo. Em equivalência para o português seria *eu nem fui ao supermercado hoje*. Aqui, o uso de *même pas* sugere que a pessoa em questão não fez sequer a ação de ir ao supermercado.

O exemplo em (23b), *ne... que*, está localizado no conto 1, página 3, linha 12. Embora essa UF seja classificada como uma locução adverbial de negação, ela não emite propriamente o sentido de negar, mas sim de restringir, sendo equivalente em português a *apenas* ou *somente*. A sentença em (25) exemplifica o uso.

- (25) *Je n'aime que le chocolat noir.*  
(Eu gosto apenas de chocolate amargo)

Embora o emprego na locução adverbial *ne... que* obedeça a ordem sintática da negação em francês, tal qual *ne... pas*, como descrito em 8.1.2, e, por isso, seja tradicionalmente agrupada à essa classe de UF, seu significado “exprime a restrição e se traduz por *não... senão, só, somente, apenas*” (Veiga, 1974, p. 234, itálico do autor). No exemplo em (25), a informação que está sendo transmitida é, portanto, que o único tipo de chocolate apreciado pelo locutor é o amargo. Em linhas gerais, percebemos que esse também é um caso de UF difícil de ser assimilada por leitores brasileiro, dada a falta de um equivalente direto com o português.

O exemplo em (23c), *non plus*, situado no conto 3, página 8, linha 9, pode ser traduzido literalmente como *não mais*. Contudo, seu sentido é opaco, uma vez que o significado que dele é depreendido equivale em português a *também não* ou

*tampouco*. O emprego dessa UF exige um contexto conversacional muito preciso, tal como exposto em (26).

- (26) a – *J’aime beaucoup le chocolat noir.*  
 – *Moi aussi !*  
 (– Eu gosto muito de chocolate amargo. – Eu também!)
- b – *Je n’aime pas le chocolat noir.*  
 – *Moi non plus.*  
 (– Eu não gosto de chocolate amargo. – Eu também não!)

As sentenças em (26) apresentam diálogos fictícios nos quais o locutor manifesta ao interlocutor sua apreciação ou aversão por chocolate amargo. Em ambos os casos, essa opinião é compartilhada pelos participantes da conversação. Diante disso, em resposta à declaração afirmativa, em (26a), emprega-se, em língua francesa, a locução adverbial de inclusão *moi aussi* (*eu também*). Entretanto, diante da declaração negativa, em (26b), deve-se utilizar a locução adverbial de negação *non plus* (*também não* ou *tampouco*). Em resumo, “*non plus*, *tampouco*, em oração negativa ligada a outra oração negativa, substitui *aussi* [também]” (Veiga, 1974, p. 232, itálico do autor).

Por fim, o exemplo em (23d), *pas du tout*, localizado no conto 6, página 22, linha 21, é traduzido literalmente em português como *não do todo*. Porém, seu sentido global é *de jeito nenhum*, *absolutamente não* ou ainda *sem chance*. Essa locução adverbial de negação é usada, portanto, para negar algo de forma enfática.

Ainda no que diz respeito ao comparativo entre os resultados da análise dos dados relativos e absolutos, percebemos que os três tipos de UF que apresentaram maior quantitativo em dados relativos foram as colocações, as locuções e os pragmatemas. Entretanto, no que toca aos dados absolutos, são as locuções, as colocações e as perífrases verbais que se mostraram mais frequentes. Diante disso, percebe-se que há um equilíbrio entre as colocações e as locuções, estando, uma e outra, entre os dois tipos mais diversos e com maior recorrência de uso no *corpus* estudado. Contudo, o terceiro lugar, ocupado pelos pragmatemas na análise dos dados relativos, é superado pelas perífrases verbais nos dados absolutos.

As perífrases verbais são combinações de um verbo auxiliar, ou semiauxiliar, com outro verbo no infinitivo, gerúndio ou particípio, expressando, na sua totalidade, nuances temporais, aspectuais ou modais (Gosselin; Bertin, 2022). Ao todo foram



computadas 73 ocorrências que se repetiram 720 vezes nos contos. A Tabela 2 quantifica os casos com repetições em número igual ou superior a 15.

**Tabela 2** - Perífrases verbais – recorte aos casos com mais de 15 ocorrências

Perífrase verbal	Número de ocorrências
<i>aller + V</i>	140
<i>pouvoir + V</i>	69
<i>se mettre à + V</i>	64
<i>vouloir + V</i>	63
<i>commencer à + V</i>	46
<i>faire faire</i>	37
<i>devoir + V</i>	37
<i>falloir + V</i>	36
<i>aimer + V</i>	19
<i>dire de + V</i>	18
<i>défendre de + V</i>	15
<b>Total</b>	<b>544</b>

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Tal como pode ser concluído a partir da leitura da Tabela 2, as perífrases verbais ocorrem tanto na estrutura V + V como também V + Prep + V. Em (27), a seguir, exemplificamos os quatro casos com maior recorrência.

- (27) a *J'espère que tu vas être très sage.* (C15-53.14)  
(Espero que você vai ser [seja] muito comportado.)
- b *Tu peux pas être le jeune homme.* (C2-5.27)  
(Você não pode ser o mocinho.)
- c *La maîtresse s'est mise à crier que nous étions insupportables.*  
(C1-1.18).  
(A professora se pôs a gritar que nós éramos insuportáveis.)
- d *Je veux offrir des fleurs à ma maman.* (C8-29.15)  
(Eu quero dar flores à minha mamãe.)

A sentença em (27a) exemplifica a perífrase verbal *aller + V*, documentada 140 vezes em nosso *corpus*. Aqui, a construção indica uma ação que irá ocorrer em um futuro próximo, visto que o uso do verbo semiauxiliar *aller* (ir) seguido do infinitivo *faire* (fazer) confere um tom de proximidade temporal em relação à ação que será realizada. Nesse caso, a esperança de que a criança aja de forma comportada. Logo, o aspecto temporal que a perífrase verbal exprime é de futuro próximo ou imediato.

A perífrase verbal em (27b), *pouvoir + V*, por sua vez, ocorreu 69 vezes no *corpus*. No exemplo apresentado, a oração está na negativa, *peux pas être* (não pode ser) e utiliza o verbo semiauxiliar *pouvoir* no presente do indicativo para expressar uma impossibilidade. Aqui, a negação é contruída sem a presença do advérbio *ne*, que é uma marca da linguagem coloquial em língua francesa. Na sentença, a construção verbal sugere uma limitação atual e, ao mesmo tempo, contínua quanto à viabilidade do personagem desempenhar o papel de mocinho durante a brincadeira, conferindo uma nuance de aspecto modal à UF, enfatizando que a condição para a ação não pode ser atendida no presente momento.

Em (27c), a perífrase verbal *se mettre à + V*, que se repete 64 vezes nos contos, reflete nuances aspectuais acrescentando ao significado do verbo principal noções de como a ação acontece. No caso do exemplo aqui transcrito na oração em (27c), a perífrase verbal indica o início do ato de gritar, sublinhando a transição de um estado para outro, ou seja, de não estar gritando para começar a gritar. Além disso, é adicionada a informação do que foi dito, em forma de grito, pela professora.

Por fim, em (27d), está exemplificada a perífrase verbal *vouloir + V*, identificada 63 vezes nos contos, que tem por característica expressar um desejo ou intenção futura. No exemplo dado, o verbo semiauxiliar *vouloir* (querer), seguido do infinitivo *offrir* (traduzido como *dar*, no contexto da sentença) revela um aspecto modal de intenção e expectativa, indicando que o personagem planeja e deseja realizar a ação de dar flores de presente para a mãe.

## 8.5 ANÁLISE DA CONSULTA AOS DICIONÁRIOS

A consulta aos dicionários foi feita, como descrito na seção 7 deste trabalho, a partir de dois objetivos: no primeiro momento, verificamos como se dava a dicionarização das UF coletadas para a análise prévia dos dados, apresentada durante o exame de qualificação da tese, qual seja, as UF do tipo colocação, locução e pragmatema construídas por sintagmas nominais. Àquele momento, esperávamos identificar o nível de dicionarização do nosso *corpus* em dicionários bilíngues, francês/português, de mais fácil acesso no Brasil. Posteriormente, as consultas foram realizadas exclusivamente em dicionários monolíngues do francês, a partir da totalidade do *corpus*, com o intuito de validar as UF coletadas como já lexicalizadas na língua ou não, bem como confirmar a sua tipologia, quando verticalizamos as

consultas, com foco nos dicionários específicos de fraseologia em língua francesa. Diante disso, as análises que aqui traremos serão discutidas em dois blocos. Primeiramente, a análise dos dicionários bilíngues e, em seguida, dos dicionários monolíngues.

### 8.5.1 Os dicionários bilíngues

Para a realização da pesquisa em dicionários bilíngues, elegemos cinco obras lexicográficas de referência, sendo dois dicionários bilíngues, francês/português, dedicados ao público em geral, e três dicionários especializados, igualmente bilíngues, responsáveis pela compilação de UF, ainda que essa nomenclatura não tenha sido efetivamente empregada nas obras.

Como dito na seção 7.2.3, voltada para a descrição da metodologia adotada para esta tese, entre os dicionários gerais, optamos pelo *Dicionário Larousse francês-português* (Galvez, 2006) e pelo *Minidicionário Michaelis francês-português* (Avolio; Faury, 2010). Entre os especializados, escolhemos o dicionário eletrônico *Dicionário de Expressões Idiomáticas* (Xatara, 2013b), o livro da coletânea *Xeretando a Linguagem*, em sua versão de língua francesa (Zavaglia; Silva; Xatara, 2010) e o *Dicionário de idiomatismos francês-português, português-francês* (Mattos; Bretaud, 1990). As subseções que se seguem ocupam-se da descrição dos resultados alcançados.

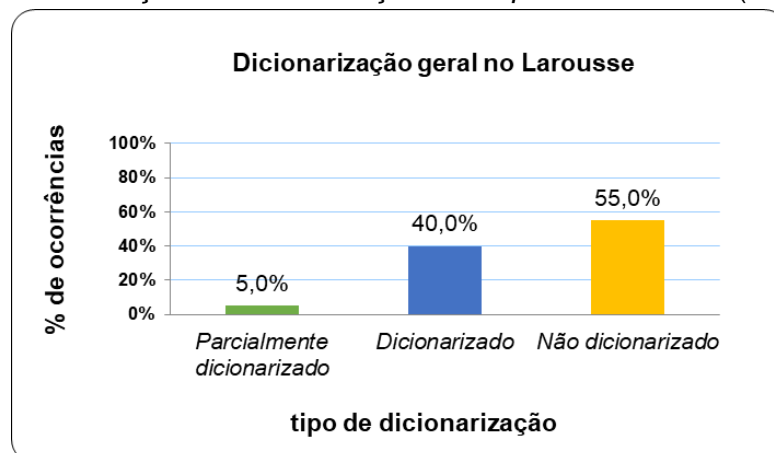
#### 8.5.1.1 O dicionário Larousse

Esclarecemos que, para efeito de averiguação do possível registro das UF que compõem o nosso *corpus* nos dicionários bilíngues, sejam eles gerais ou especializados, foi feita uma dupla consulta: primeiramente através da busca da UF como um todo e, em caso de não dicionarização, pela busca individual de cada lexia que compõe a UF. Assim, consideramos como sendo dicionarizado não apenas os casos em que a própria UF assumia a posição de verbete, mas também quando ela era indicada por intermédio de acepções. Os casos em que a UF era apresentada mediante a utilização de abonos ou exemplos, dentro de uma estrutura maior, mas sem explicitação de sua definição, ou ainda quando apenas uma das lexias que constitui a UF estava registrada, indicando o possível uso combinado dessa lexia com

outra que formasse a UF em consulta, consideramos como sendo um caso de dicionarização parcial.

Dessa forma, estão expostos no Gráfico 21, a seguir, os resultados oriundos do primeiro eixo de análise referente ao dicionário *Larousse francês-português* (Galvez, 2006).

**Gráfico 21** - Verificação da dicionarização do *corpus* no *Larousse* (Galvez, 2006)



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

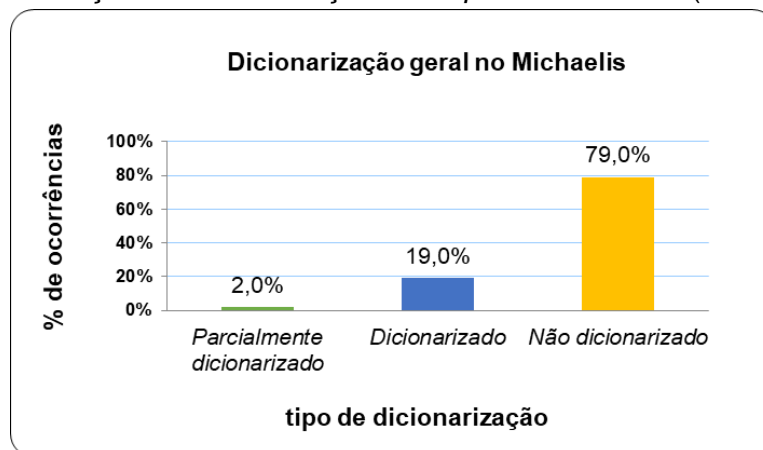
Como se vê a partir da leitura do Gráfico 21, foi contabilizado um total de 55% de UF não dicionarizadas no dicionário *Larousse francês-português* (Galvez, 2006). Entretanto, observamos que 40% dos dados estavam dicionarizados, o que consideramos ser um número positivo. Ademais, o *Larousse* apresenta ainda 5% de dicionarizações parciais.

#### 8.5.1.2 O dicionário Michaelis

Os resultados acerca da possível dicionarização das UF depreendidas da série *Le Petit Nicolas* realizada pelo dicionário Michaelis estão expostos no Gráfico 22, a seguir. Nota-se que, em comparação com aquilo que foi observado no *Dicionário Larousse* (Gráfico 21), houve uma redução significativa dos dados dicionarizados pelo *Michaelis*. Ao passo que o *Larousse* dicionarizou 40% dos dados totais, o *Michaelis* registrou apenas 19%, configurando-se em uma redução de mais da metade. No tocante às UF parcialmente dicionarizadas, observamos que essa categoria também foi afetada. Enquanto o *Larousse* forneceu 5% de registros parciais, detectamos no *Michaelis* somente 2%. Em consequência disso, fica patente a mínima observância

de dados fraseológicos pelo *Michaelis*, uma vez que 79% dos dados consultados não estão dicionarizados.

**Gráfico 22** - Verificação da dicionarização do *corpus* no *Michaelis* (Avolio; Faury, 2010)



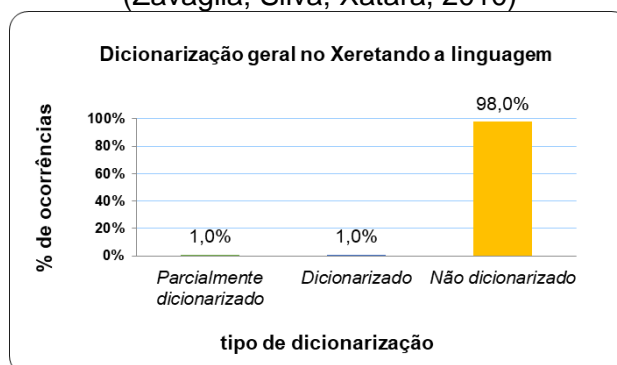
Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

### 8.5.1.3 Os dicionários especializados

Uma vez tendo sido concluída a verificação da dicionarização das UF presentes no *Le Petit Nicolas* em dicionários bilíngues gerais, demos início à consulta às obras lexicográficas especializadas. Entretanto, os resultados apurados não foram otimistas, tal como nos mostram os gráficos que se seguem. Primeiramente, no que concerne à consulta ao *Dicionário de Expressões Idiomáticas* (Xatara, 2013b), obra lexicográfica em formato eletrônico disponível em plataforma *on-line* e de acesso gratuito, que se propõe a compilar verbetes formados por UF do português e do francês, apresentando a “definição, informações complementares, exemplos, indicação de sinonímia, e seus equivalentes em português europeu (PP), francês hexagonal (FF), francês belga (FB) e canadense (FC)” (Xatara, 2013b, acesso em 8 nov. 2019), constatamos que nenhuma das UF consultadas estava dicionarizada. Conseqüentemente, 100% dos dados foram etiquetados com o rótulo *não dicionarizado*.

No que tange à verificação da dicionarização do *corpus* na obra lexicográfica *Xeretando a Linguagem – Francês* (Zavaglia; Silva; Xatara, 2010), os resultados obtidos foram igualmente negativos. Essa obra se predispõe a oferecer, em língua portuguesa, definições de explicações de como são construídas diversas expressões idiomáticas, provérbios e outros idiomatismos da língua francesa. Estão expostos no Gráfico 23 os referidos resultados.

**Gráfico 23** - Verificação da dicionarização do *corpus* no *Xeretando a Linguagem* (Zavaglia; Silva; Xatara, 2010)

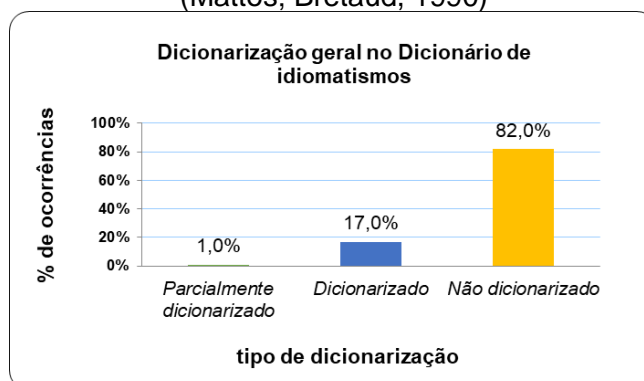


Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Como é observável, a partir do Gráfico 23, apenas uma ínfima quantidade de UF foi dicionarizada pelo *Xeretando a Linguagem*, a saber, 1% dos dados totais. Verificamos também a ocorrência de 1% de dados parcialmente dicionarizados. Contudo, observamos que houve 98% de dados não dicionarizados nessa obra lexicográfica, comprovando a ineficácia desse material como uma possível ferramenta auxiliadora na compreensão da cobertura fraseológica dos contos *Le Petit Nicolas*.

Por último, verificamos a possível dicionarização dos dados do nosso *corpus* no *Dicionário de idiomatismos francês-português, português-francês* (Mattos; Bretauud, 1990). Sendo um dicionário bilíngue produzido no Brasil, com características semelhantes às demais obras especializadas que serviram como referência para este trabalho, esperávamos que, assim como ocorreu anteriormente, não obtivéssemos muitos resultados positivos, especialmente se considerarmos a data de publicação dessa obra lexicográfica, já com mais de trinta anos de editoração. Entretanto, nossa hipótese inicial não se confirmou, tal como vemos no Gráfico 24.

**Gráfico 24** - Verificação da dicionarização do *corpus* no *Dicionário de idiomatismos* (Mattos; Bretauud, 1990)



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Ainda que o maior número de registros ocorra na categoria *não dicionarizado*, com 82% dos dados totais, houve no *Dicionário de idiomatismos* um aumento significativo da quantidade de UF dicionarizadas, quer seja totalmente, quer seja parcialmente, como se vê no Gráfico 24. Ao todo, foram 18% de UF registradas, sendo 17% com dicionarização completa e 1% com dicionarização parcial, contra 0% do *Dicionário de Expressões Idiomáticas* (Xatara, 2013b) e 2% do dicionário *Xeretando a Linguagem – Francês* (Zavaglia; Silva; Xatara, 2010).

### 8.5.2 Os dicionários monolíngues

Uma vez tendo sido confirmado que os dicionários bilíngues, gerais e especializados, não eram eficazes no apoio ao leitor brasileiro à compreensão, interpretação e tradução da cobertura fraseológica presente no primeiro volume da série literária *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960), a funcionalidade das obras lexicográficas nessa pesquisa foi modificada: como já mencionado, a consulta aos dicionários monolíngues de língua francesa teve como objetivo validar as UF coletadas como sendo combinações já lexicalizadas na língua, de modo que pudéssemos ter segurança durante o processo de classificação dos dados.

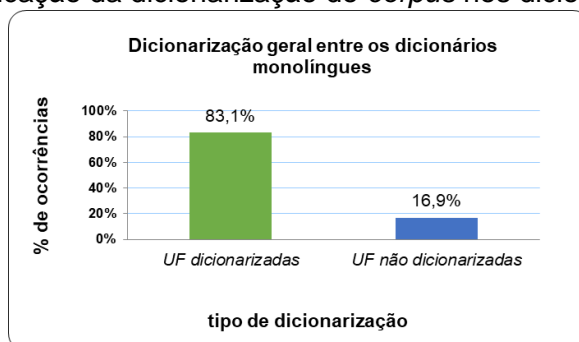
Diante disso, foram selecionados quatro dicionários, explicitados na metodologia e aqui retomados: dois gerais, *Le Nouveau Petit Robert: Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française - Version électronique* (Durand; Catach, 2009) e *Le Robert: Dico en ligne* (Lucet et al., 2021), e dois fraseológicos, *Dictionnaire des combinaisons de mots* (Le Fur et al., 2007) e *Dictionnaire d'expressions et locutions* (Rey; Chantreau, 2003). Mais uma vez, o nosso olhar esteve voltado para os possíveis casos de dicionarização, total ou parcial, a partir dos mesmos critérios estabelecidos e adotados para a pesquisa aos dicionários bilíngues.

Entretanto, ao contrário do que foi feito na primeira parte da pesquisa lexicográfica, não consultamos todas as ocorrências de UF nos quatro dicionários monolíngues. Haja vista que, nesse momento da pesquisa, nosso propósito era medir o nível de lexicalização das UF, a consulta aos dicionários foi feita sequencialmente, um dicionário após o outro, para cada UF. Tal como foi explicitado na seção anterior, uma vez tendo sido identificada a dicionarização da UF em consulta, a busca era interrompida e a UF em questão devidamente etiquetada como total ou parcialmente dicionarizada.

Nesse sentido, não foi feita uma análise quantitativa individual de cada dicionário monolíngue examinado, tal como ocorreu com os dicionários bilíngues, mas, ao contrário, consideramos os rótulos *dicionarizado vs. não dicionarizado*, a partir da totalização dos resultados obtidos pela consulta. Em seguida, foi aplicado um recorte às UF dicionarizadas, de modo a nos permitir averiguar o tipo de dicionarização mais frequente, se total ou parcial.

Dito isso, o Gráfico 25 apresenta os primeiros resultados.

**Gráfico 25** - Verificação da dicionarização do *corpus* nos dicionários monolíngues

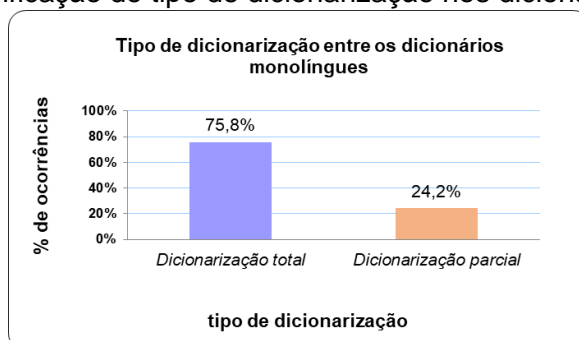


Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

O Gráfico 25 mostra a porcentagem de ocorrências de UF dicionarizadas e não dicionarizadas nos dicionários monolíngues consultados nesta pesquisa. Como se pode observar, a maior parte das UF, o que representa 83,1% dos dados, está dicionarizada em obra monolíngue. Em contraste, 16,9% das UF não estão dicionarizadas. Tais resultados indicam que cerca de dois terços do nosso *corpus* já estão devidamente lexicalizados em língua francesa.

No que compete à forma como as UF estavam registradas pelos dicionários monolíngues, isto é, se totalmente ou parcialmente dicionarizadas, o Gráfico 26 exhibe os resultados.

**Gráfico 26** - Verificação do tipo de dicionarização nos dicionários monolíngues



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa



O Gráfico 26 representa a distribuição percentual das ocorrências de UF em dicionários monolíngues, divididas entre as etiquetas *dicionarização total* e *dicionarização parcial*. A barra na cor azul claro representa ao primeiro item classificatório, que corresponde a 75,8% das ocorrências. A barra laranja concerne ao segundo item classificatório, perfazendo um total de 24,2% das ocorrências. Isso indica que a maioria das UF em análise está totalmente dicionarizada, enquanto uma menor proporção passa por uma dicionarização parcial.

Ao discorrer sobre o tratamento lexicográfico que os principais dicionários padrões, isto é, os dicionários monolíngues gerais da língua portuguesa dão ao léxico da língua, Biderman (1984a, p. 10), informa que os dicionários da série Aurélio “registra[m] uma vasta fraseologia [...], dando-lhes entrada na palavra mais importante da expressão: o substantivo em primeiro lugar, seguindo-se em ordem de importância: o verbo, o adjetivo, o pronome, o advérbio”. Em pesquisas anteriores (Sampaio; Zrigue, 2024), constatamos que essa também é uma prática comum em dicionários monolíngues gerais de língua francesa, o que justifica, em nossa interpretação, a obtenção de resultados mais favoráveis da dicionarização de UF nas obras monolíngues, em comparação com as bilíngues.

Diante dos resultados detectados através da consulta às obras lexicográficas, bilíngues ou monolíngues, chegamos às seguintes conclusões: i) os dicionários bilíngues, francês/português, gerais e especiais, não dão conta da cobertura fraseológica presente nos contos da série *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960); ii) os dicionários monolíngues de língua francesa mostraram ser uma boa ferramenta de validação das UF em análise. Entretanto, considerando que os aprendizes de línguas estrangeiras, especialmente aqueles que se encontram nos níveis iniciais de estudo, têm maior predileção pelos dicionários bilíngues pequenos (Zucchi, 2010a, 2010b) e que o acesso a dicionários monolíngues é bastante restrito nessa fase do aprendizado, acreditamos que a elaboração de um glossário de UF que permita ao leitor de FLE realizar consultas dinâmicas *on-line* é uma necessidade da lexicografia bilíngue brasileira, razão pela qual o manual de leitura *Dicofraseo*, construído no âmbito desta pesquisa, se fez pertinente.

Embora ainda em nível de complementação, o *Dicofraseo* é uma proposta de melhoria do acesso à definição das UF depreendidas dos contos *Le Petit Nicolas*, além de incentivar a consciência fraseológica, por parte dos leitores, durante o processo de aprendizado de FLE, quer seja de maneira institucional, quer seja

autônoma. Foi também por esse motivo que escolhemos não adotar, no projeto do *Dicofraseo*, a microestrutura tradicionalmente presente em obras lexicográficas, já que o foco, aqui, está em facilitar a consulta, oferecendo respostas rápidas e objetivas à busca realizada, de modo que o ritmo da leitura dos contos não seja interrompido. Esse é, portanto, um dicionário do tipo especial eletrônico, segundo os critérios da lexicografia (Biderman, 1984a, 1984b; Welker, 2004).

## 8.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA SEÇÃO

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos a partir da aplicação da metodologia desenvolvida para identificar, catalogar, classificar e analisar o material fraseológico presente nos contos do primeiro volume da série literária infantojuvenil de língua francesa *Le Petit Nicolas* (Goscinnny; Sempé, 1960). Ao todo, foram identificados 14 tipos de UF, aos quais também foram incluídos os jogos de palavras, perfazendo, assim, 15 categorias classificatórias para a tipologia considerada.

Em termos relativos, o *corpus* foi formado por 1033 UF, correspondentes a 4757 UF em dados absolutos. Diante disso, os três tipos de UF com maior diversidade de ocorrência foram as colocações, as locuções e os pragmatemas. Entretanto, aquelas que apresentaram maior frequência de uso foram as locuções, notadamente as do tipo adverbial de negação, as colocações e as perífrases verbais. Tais resultados estão, em certa medida, condizentes com o que já era esperado, considerando o funcionamento sintático da língua francesa, ao menos no que se refere às locuções adverbiais de negação e às perífrases verbais, e com o que é descrito por Mel'čuk (2003) quanto à importância das colocações para o estabelecimento semântico-lexical das línguas naturais, justificando a presença elevada desse tipo de UF no *corpus* analisado.

No que compete ao valor cultural de determinadas construções fraseológicas, percebemos, no decorrer da coleta dos dados, que essa é uma dimensão de extrema importância para a compreensão dos contos, especialmente no que toca aos jogos de palavras. Sem o conhecimento cultural prévio, a recuperação da UF que deu origem ao jogo de palavras e, em consequência, à noção de humor, não pode ser feita pelo leitor, causando, dessa forma, uma ruptura na transmissão da mensagem. A título de exemplificação, trouxemos a forma como os autores construíram, no contexto

narrativo, o nome do personagem que é o supervisor da escola na qual as histórias são ambientadas: *Le Bouillon*.

No que concerne à estrutura interna de cada UF, foram identificadas 249 ocorrências distintas. Dessas, 14 apresentaram uma recorrência igual ou superior a 15 repetições. Dentre elas, as mais frequentes foram V + Det + N e N + Prep. + N.

Na investigação em obras lexicográficas de referência, constatamos que menos da metade dos dados fraseológicos aqui em análise está registrada nos dicionários bilíngues francês/português de uso geral. Quanto aos dicionários especializados, os resultados são igualmente insatisfatórios, ficando confirmada a ineficácia dos dicionários bilíngues, gerais ou especiais, como ferramenta de auxílio na compreensão da cobertura fraseológica estudada.

Diante da escassez de fontes lexicográficas de referência que abranjam o material fraseológico da língua francesa presente nos contos *Le Petit Nicolas*, torna-se pertinente a criação de um manual de leitura, em formato de glossário fraseológico, com o objetivo de auxiliar os leitores brasileiros de francês na interpretação, compreensão e tradução das UF presentes nessa coletânea infantojuvenil. Para suprir essa necessidade, elaboramos o manual *Dicofraseo*, disponível com dados parciais da tese no *site* [www.dicofraseo.ufba.br](http://www.dicofraseo.ufba.br).

## 9 CONCLUSÕES: FIM DESTE CICLO E PERSPECTIVAS FUTURAS

Para além das inquietações de um professor brasileiro de FLE em relação aos desafios da aquisição da competência leitora em uma língua estrangeira e, conseqüentemente, aos diferentes níveis de compreensão de textos escritos nessa língua, em especial no que diz respeito ao entendimento da fraseologia presente em textos autênticos, esta tese de doutorado teve como ponto de partida a necessidade de discutir teorias capazes de descrever os processos linguísticos que envolvem a possível falta de compreensão de determinadas entidades léxicas durante os atos comunicativos, quer seja no registro oral, quer seja escrito.

Em decorrência disso, o nosso olhar esteve voltado ao longo deste estudo para três perspectivas que, em nosso entendimento, seriam fundamentais para a compreensão do fenômeno linguístico conhecido como fraseologia, pois atuam de forma simultânea, e em conjunto, na construção do sentido: língua, história e cultura.

Em primeira instância, buscamos estruturar um referencial teórico que nos fornecesse ferramentas capazes não apenas de descrever o funcionamento do material fraseológico de uma língua, mas, ao mesmo tempo, que nos permitisse ter uma visão histórica panorâmica dos estudos sobre a Fraseologia. Diante disso, ter feito uma contextualização teórico-histórica, partindo desde os postulados saussurianos sobre a multiplicidade investigatória da Linguística e sobre a constituição do signo linguístico, até chegar ao que hoje é conhecido no Brasil como as Ciências do Léxico, foi de extrema valia para compreendermos a concepção atual da fraseologia das línguas naturais.

Ainda sob uma perspectiva histórica, pudemos compreender que a relação entre língua e cultura foi a base para a evolução humana em suas diversas perspectivas. A capacidade inata de adquirir uma linguagem simbólica, atribuída geneticamente aos primatas do gênero homo, permitiu que o ser humano se comunicasse e, assim, criasse uma cultura socialmente compartilhada por um grupo de indivíduos que dividem o mesmo tempo e espaço. Dessa forma, percebemos que a comunicação se dá necessariamente por três dimensões: os aportes linguístico, extralinguístico e pragmático, sem os quais o sentido não pode ser estabelecido, comprometendo, assim, o processo de tradução interlíngua.

Embora tenham sido escritos há mais de 100 anos, os trabalhos de Bally (1919, 1921) nos ofereceram uma compreensão geral sobre o desenvolvimento da

fraseologia, enquanto fenômeno e disciplina, especialmente por meio da comparação entre línguas. O autor elaborou seus estudos em Fraseologia comparando o francês ao alemão, o que evidenciou o caráter fixo de determinadas combinações léxicas. Essa abordagem nos permitiu estabelecer um paralelo com estudos mais recentes sobre o tema e, assim, confirmar a vitalidade das propriedades formativas das UF descritas por ele, tais como a polilexicalidade, a fixação, a alta frequência de uso e a possível idiomatidade, a qual permite a manipulação lexical, por meio da criatividade linguística do falante, que gera a desfixação lexical.

As bases teóricas de Bally (1919, 1921) nos proporcionaram a confiança necessária para, por um lado, replicar a prática comparativa entre línguas, em nosso caso entre o francês e o português, e eventualmente o espanhol e o inglês, e, por outro, perceber a proximidade teórica entre os estudos fraseológicos desenvolvidos em diferentes países da Europa Ocidental, em contraste com o que se costuma afirmar no Brasil. Ao comparar a concepção do objeto de estudo, a terminologia utilizada e as colaborações internacionais estabelecidas entre a França e a Espanha, não identificamos diferenças significativas entre o fazer fraseológico teórico de um país e outro. Assim, a segmentação teórica e terminológica entre esses estudiosos europeus, tal como é preconizada no Brasil, se mostrou injustificada.

Ainda que os estudos ballyanos tenham sido modernizados, sobretudo no que toca à padronização terminológica, o objeto laboral da Fraseologia permanece inalterado. *Unidade fraseológica*, *série fraseológica* ou *agrupamento usual*, termos cunhados por Bally (1921) sob o hiperônimo *locução fraseológica*, fazem referência ao que hoje é conhecido pela nomenclatura de fixação absoluta e semifixação (Mejri, 2005, 2012), subcategorias de um conceito mais amplo da manifestação fraseológica em si, as UF. Assim, ao longo as últimas décadas construiu-se uma tipologia básica para a fraseologia das línguas naturais, na qual estão incluídas as colocações, as locuções e os pragmatemas.

A tomada de consciência de que, em verdade, os trabalhos empreendidos na Europa Ocidental e, por conseguinte, no Brasil sobre Fraseologia estavam, em certa medida, pautados na mesma base teórica e terminológica expandiu a nossa percepção tipológica do fenômeno, o que nos garantiu, em termos metodológicos, ampliar os nossos dados e melhor compreender o funcionamento discursivo de língua francesa, garantindo uma leitura mais proveitosa dos contos literários que nos serviram de *corpus*.

Mesmo que alguns estudiosos acreditem haver uma conceptualização tipológica universal, aplicável a todas as línguas naturais, algo que na prática nem sempre se comprova, reconhecer que a Fraseologia está ligada à parte imutável da língua, conforme os termos saussurianos, facilitou não apenas a coleta manual dos dados, como também foi fundamental para compreendermos as UF em contexto, o que nos auxiliou no processo de validação do *corpus*. Ao mesmo tempo, ter a consciência de que a fixação fraseológica se dá, de forma arbitrária, em níveis linguísticos e culturais, também nos ajudou a assimilar quais fatores poderiam ser mais ou menos propícios ao não entendimento do material fraseológico de língua francesa por leitores brasileiros, visto que não somente o funcionamento linguístico e discursivo, entre o francês e o português, é distinto, como também a base cultural é diferente, modificando os caminhos que um leitor estrangeiro precisaria percorrer para alcançar o significado, tal como ficou comprovado a partir da leitura dos contos *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960).

Ao retornar aos exemplares originais dos periódicos franceses *Sud-Ouest Dimanche* e *Pilote*, editados entre 1959 e 1964, nos quais os contos *Le Petit Nicolas* foram primeiramente publicados, em forma de folhetins semanais, tivemos a oportunidade de reconstituir o cenário político e cultural pelo qual a França estava passando nesse momento de transição entre décadas. A partir da contextualização histórica desse recorte temporal, reconhecemos a importância cultural dessa obra literária para a comunidade francesa, ratificando o seu caráter autêntico, já que foram pensados para atender à uma demanda sociocultural da comunidade linguística em questão.

Nessa esteira, foi possível examinar os dados coletados para esta pesquisa tanto de forma quantitativa, quanto qualitativa, observando os fatores linguísticos e culturais aos quais as UF estão intrinsecamente relacionadas, o que se evidencia não somente pela tradução literal de uma língua para outra, como também pelos jogos de palavras. Combinações léxicas típicas da língua francesa, como certas locuções adverbiais de negação, a exemplo de *non plus* e *pas du tout*, bem como o estilo narrativo dos autores, marcado pela constante busca pelo humor, são aspectos que intensificam as dificuldades de compreensão dos contos por leitores estrangeiros que estejam nos primeiros níveis de aprendizado do FLE, confirmando a hipótese inicial de que o contexto cultural, expresso sobretudo através dos jogos de palavras, é um fator que dificulta a compreensão dos contos.

Além disso, nossa pesquisa também confirmou a hipótese de que tampouco é possível aos leitores brasileiros recorrer a dicionários bilíngues, gerais ou especiais, de mais fácil acesso no Brasil, para sanar as dificuldades de compreensão, dada a pouca observância da cobertura fraseológica dos contos *Le Petit Nicolas* nessas obras lexicográficas. Os dicionários monolíngues de língua francesa, embora mais bem preparados para o tratamento fraseológico, não são uma ferramenta amplamente disponível fora do contexto nativo da língua. Além disso, a microestrutura tradicionalmente adotada nessas obras não contribui para a realização de uma consulta rápida, sem que o ritmo de leitura seja interrompido. Diante de tais resultados, ficou evidente a necessidade de elaborar um manual de leitura, ao estilo de um glossário fraseológico, que ajudasse aos leitores brasileiros de textos autênticos em língua francesa na interpretação e compreensão dos dados fraseológicos ali presentes.

Foi visando atender a essa demanda que o *Dicofraseo* foi pensado e concretizado nessa tese. A decisão por construir um manual no formato *on-line* foi tomada com o objetivo de facilitar a busca das UF pelos consulentes, garantindo uma consulta dinâmica, isto é, quer seja por meio das formas flexionadas dos verbos, por exemplo, quer seja pela responsividade na procura de qualquer um dos constituintes da UF, permitindo melhor auxiliar aos aprendizes brasileiros de língua francesa.

Um dos maiores problemas da construção de uma obra lexicográfica fraseológica, ao menos daquelas elaboradas de forma tradicional, ou seja, em formato impresso, é a impossibilidade da busca dinâmica, ficando a cargo do lexicógrafo eleger um dos constituintes da unidade para assumir o papel de verbete no dicionário. Contudo, tendo em vista que as UF funcionam em bloco e que seu significado é obtido da sua totalidade, nem sempre há uma hierarquia entre os constituintes, dificultando ainda mais tal tarefa. É por essa razão que o formato eletrônico é aquele que melhor se adequa à funcionalidade de uma obra lexicográfica fraseológica.

Vale ainda reforçar que, embora nossa pesquisa não esteja pautada nas discussões levantadas pela Linguística Aplicada, acreditamos que este trabalho tenha sido pertinente para o ensino de línguas estrangeiras no Brasil por considerarmos que: i) tradicionalmente, o ensino da abordagem instrumental, isto é, da competência leitora, é, ainda hoje, muito forte no meio acadêmico brasileiro. A exemplo disso, podemos levar em consideração não apenas a necessidade de leitura de textos científicos em língua estrangeira, por parte dos professores e alunos, mas também o

modelo de exames de línguas estrangeiras adotado em seleções de ingresso nos programas de pós-graduação em universidades públicas do país, os quais avaliam apenas a prática da leitura na língua em questão (Albuquerque-Costa; Paulo, 2012); ii) para garantir o bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem de línguas, é imprescindível que o professor esteja a par das reflexões teóricas que envolvem as línguas naturais e exerça em seus alunos um processo de conscientização linguística, isto é, uma observação crítica quanto aos fenômenos linguísticos que cercam a língua que está a ser aprendida.

Em nossa opinião, a formação acadêmica específica e a conscientização linguística são as melhores soluções para a resolução de problemas de ordem linguística que surgem durante o processo de aprendizado de uma língua estrangeira, já que, como afirmam Pinto e Cavalcante (2008, p. 159), muitos dos problemas linguísticos inerentes à aquisição de línguas não são, em geral, bem conhecidos pelos profissionais de ensino de línguas estrangeiras:

Em geral, as idéias sobre essa questão [as teorias linguísticas] não são muito bem conhecidas entre os profissionais de ensino de língua estrangeira, que nem sempre têm plena consciência da importância do conhecimento das teorias linguísticas sobre aquisição de linguagem para o seu trabalho.

Diante disso, concordamos com o posicionamento de Sułkowska (2013, 2016) e de González-Rey (2019b), ao entender que favorecer uma conscientização sobre a existência das UF aos nossos alunos e analisar quais os critérios que, possivelmente, contribuem para a não compreensão do material fraseológico de uma língua estrangeira parecem ser os procedimentos fundamentais para garantir o êxito da aquisição da competência fraseológica em segunda língua.

Entretanto, no que tange ao presente estudo, é preciso reconhecer que só foram observados aqui os dados depreendidos da leitura do primeiro volume da série literária. Em um artigo crítico que trata do desenvolvimento do vocabulário fundamental da língua portuguesa, Biderman (1996, p. 30) afirma que

de fato, em entrevistas não dirigidas, em que se dá o máximo de liberdade ao locutor para garantir a espontaneidade da fala, os tópicos da conversação passam a ser aleatórios, acarretando um léxico também aleatório, uma vez que certos vocábulos só ocorrem quando se fala de determinados assuntos e em certas situações.



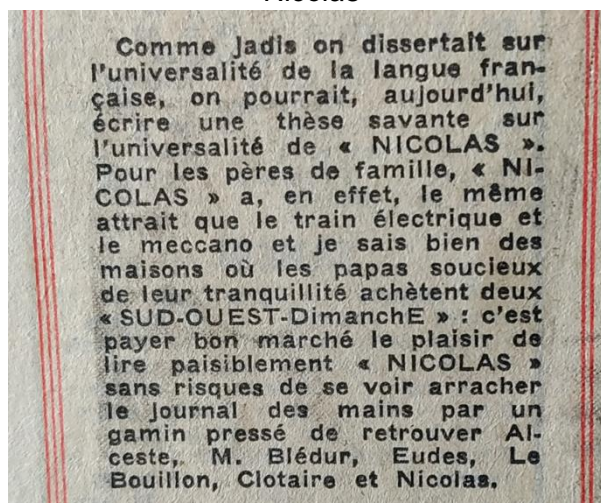
Sendo assim, considerando que, na série literária *Le Petit Nicolas*, o formato narrativo escolhido pelos autores tenta capturar a essência das experiências infantis e, desse modo, reproduzir, na escrita, a oralidade e a espontaneidade dos diálogos entre os personagens, reforçando a naturalidade e a vivacidade das interações conversacionais, é importante destacar que os contos do primeiro volume da série não abordam um tema específico, tal como ocorre com os volumes *Les récrés du Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1961) e *Les vacances du Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1962), nos quais, possivelmente, um vocabulário mais específico seria empregado. Portanto, a continuidade da pesquisa, estendendo as análises aos demais livros da série, é necessária para se obter uma visão panorâmica da cobertura fraseológica de toda a obra.

Ademais, durante o levantamento dos dados da pesquisa, foram encontrados 14 tipos distintos de UF. Porém, como escolha metodológica, aplicamos um recorte às colocações e às locuções para a elaboração do manual *Dicofraseo*. Isso foi feito com o objetivo de traçar uma amostra do processo de dicionarização fraseológica, identificando os desafios e as soluções para melhor atender ao objetivo primeiro do nosso manual, que é o auxílio aos leitores brasileiros de FLE. Portanto, também objetivamos expandi-lo, acrescentando, pouco a pouco, as demais UF examinadas para este trabalho, assim como aquelas que serão coletadas nos outros livros da coletânea.

Portanto, as discussões trazidas aqui não devem ser tomadas como absolutas. Tampouco é do nosso interesse que a forma como compreendemos o *corpus*, ou como construímos o *Dicofraseo*, seja vista como categórica, mas sim como incentivadoras da conscientização sobre os estudos fraseológicos no Brasil, ficando o espaço de debate em aberto para pesquisas futuras.

Por fim, gostaríamos de compartilhar, na Figura 73, a seguir, um recorte do jornal *Sud-Ouest Dimanche*, datado de 30 de outubro de 1960, no qual é noticiada a publicação do primeiro livro do que viria a ser a série literária *Le Petit Nicolas*.

**Figura 73** - Recorte do jornal *Sud-Ouest Dimanche* sobre a publicação do livro *Le Petit Nicolas*



Fonte: Jornal *Sud-Ouest Dimanche* de 30 de outubro de 1960, 11º ano - Nº 589

Ao anunciar o lançamento do livro *Le Petit Nicolas* (Goscinny; Sempé, 1960), o jornal *Sud-Ouest Dimanche* publicou uma reportagem especial ao lado do conto daquela edição. Na Figura 73, reproduzimos uma versão fac-símile de uma parte da reportagem, na qual se lê em francês, nas primeiras linhas: “*Comme jadis on dissertait sur l'universalité de la langue française, on pourrait, aujourd'hui, écrire une thèse savante sur l'universalité de « NICOLAS »*”. Em tradução livre para o português, obtemos a seguinte mensagem: “Assim como antigamente se dissertava sobre a universalidade da língua francesa, hoje se poderia escrever uma tese erudita sobre a universalidade de « NICOLAS »”. Embora acreditemos que o trecho da reportagem aqui transcrito tenha sido formulado como um recurso humorístico, condizente com o estilo narrativo dos contos, consideramos que ele seja um indício da consciência que, já àquela altura, a população francesa tinha da importância cultural e ao mesmo tempo acadêmica da obra de Goscinny e Sempé. Portanto, 64 anos depois, do outro lado do Atlântico, aqui está a tese.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

A BOLA. Lisboa: Sociedade Vicra Desportiva, ano LXX, nº. 14.807, 09 jul. 2014.

ALBANO, Mariangela. Identifier et traduire les expressions défigées. Une expérience cognitive avec les apprenants italophones adultes de FLE. **Repères DoRiF**, Roma, n. 18 - Phraséodidactique: de la conscience à la compétence, DoRiF Università, 2019.

ALBUQUERQUE-COSTA, Heloisa B.; PAULO, L. M.. **Français instrumental au Centre de Langues de l'Université de São Paulo et intercompréhension**: voies possibles pour une refonte de la programmation des cours. Colloque IC, 2012.

ALBUQUERQUE-COSTA, Heloisa B. de. Ensino do Francês para Objetivo Universitário (FOU): um dispositivo a distância de formação aux savoir-faire académiques para estudantes universitários que se preparam para estudar em universidades francesas. **Revista Intercâmbio**, v. XXIII: 47-63, 2011. São Paulo: LAEL/PUCSP.

ALMEIDA, Maria Clotilde; SOUSA, Bibiana de; ORFÃO, Paula; TEIXEIRA, Silvia. **Jogar futebol com as palavras**: imagens metafóricas do jornal A Bola. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

ÁLVAREZ DE LA GRANJA, María. As unidades fraseolóxicas na lexicografía galega. In: ÁLVAREZ, R.; FERNÁNDEZ REI, F.; SANTAMARINA, A. (eds.). **A lingua galega**: historia e actualidade. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Instituto da Lingua Galega, 2004. vol. 4, p. 477-484.

ÁLVAREZ DE LA GRANJA, María. Fraseoloxía e estándar. In: ÁLVAREZ DE LA GRANJA, María; GONZÁLEZ SEOANE, E. X. (eds.). **A estandarización do léxico**. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Instituto da Lingua Galega, 2003. p. 147-161.

ÁLVAREZ DE LA GRANJA, María. A manipulación das unidades fraseolóxicas. **Madrygal**: Revista de estudos gallegos, n. 2, p. 31-40, 1999.

ALVERMANN, D. E., UNRAU, N. J., RUDDELL, R. B. (Orgs). **Theoretical Models and Processes of Reading**. Newark: International Reading Association, 2013.

AMABIS, José Mariano; MARTHO, Gilberto Rodrigues. Biologia. In: CAVALCANTE, Teles de Sá et al. **Ciências da natureza e suas tecnologias**. São Paulo: Moderna, 2015.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética**. 54ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; RAMOS, C. M. A. Fraseologia da Gema nos Falares Regionais do Nordeste. In: Mota, Jacyra A; Oliveira, Josane Moreira de; Paim, Marcela Moura Torres; Ribeiro, Silva, Silvana Costa. (Orgs.). **Contribuições da dos Estudos Geolinguísticos para o Português Brasileiro**: Uma Homenagem a Suzana Cardoso. Salvador: Edufba, 2020, v. 1, p. 129-147.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A fraseologia como marca do léxico regional-popular. In: Daniela de Souza Silva Costa; Dayme Rosane Bençal. (Org.). **Nos Caminhos do Léxico**. 1ªed. Campo Grande - MS: Editora UFMS, 2016, v. 01, p. 33-49.

ARAÚJO, Gabriel Antunes. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 10, n.1, p. 61-90, 2002.

AULETE, Francisco Júlio de Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Dicionário Online**. 2008/2023. Disponível em: <http://www.aulete.com.br>. Acesso em 2008-2024.

AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

AVOLIO, J. C.; FAURY, M. L. **Minidicionário francês: francês-português/português-francês**. São Paulo: Michaelis, 2010.

BALLY, Charles. **Linguistique générale et linguistique française**. Berna: A. Francke, 1944.

BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. v. 1, 2. ed. Heidelberg: C. Winter, 1921.

BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. v. 2, 2. ed. Heidelberg: C. Winter, 1919.

BARRETO, Therezinha. Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares? In: LOBO, Tânia; CARNEIRO, Zenaide; SOLEDADE, Juliana; ALMEIDA, Ariadne; RIBEIRO, Silvana (orgs.). **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 407-415.

BELIAKOV, Vladimir; MEJRI, Salah (Orgs.). **Stéréotypie et figement**: à l'origine du sens. Toulouse: Presses universitaires du midi, 2015.

BEN AMOR, Thouraya. La terminologie phraséologique: le cas du défigement. In: SOUTET, Olivier; SFAR, Inès; MEJRI, Salah (Orgs.). **Phraséologie et discours**: actes du colloque d'EUROPHRAS 2014, La phraséologie: ressources, descriptions et traitements informatiques, 10-12 septembre 2014, Université Paris Sorbonne, Volume 3. Paris: Honoré Champion, 2018. p. 15-30.

BENDINELLI, Marion. Segments phraséologiques et séquences textuelles. **Corpus** [online], n. 17, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corpus/2844>. Acesso em: 09 jul. 2024.

BEVILACQUA, Cleci Regina. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. **Língua e Literatura (USP)**, Frederico Westphalen, v. 10-11, p. 73-86, 2005.

BEVILACQUA, Cleci Regina. **Unidades Fraseológicas Especializadas eventivas**: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidad Pompeu Fabra, Barcelona, 2004.

BEVILACQUA, Cleci Regina. **A fraseologia jurídico-ambiental**. 1996. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

BEZERRA, Teresa Maria; MACHADO, Maria Cecília; MOREIRA, Maria da Conceição. **Introduction au français instrumental**. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1978.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. 2. ed. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001a. p. 13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Terminologia e Lexicografia. **Tradterm**, São Paulo, p. 153-181, 2001b.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito lingüístico de palavra. In: Margarida Basílio. (Org.). **Palavra**. 1ªed. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, v. vol. I, p. 81-97

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra, Filologia e Língua Portuguesa. **Filologia e Língua Portuguesa**, São Paulo, v. 2, p. 81-118, 1998.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa** (ILCSE/UNESP), São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da Lexicografia. **Alfa** (ILCSE/UNESP), São Paulo, v. 28, n.suplemento, p. 1-26, 1984a.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário padrão da língua. **Alfa** (ILCSE/UNESP), São Paulo, v. 28, n.suplemento, p. 27-43, 1984b.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística**: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BLANCO ESCODA, Xavier. Les pragmatèmes: définition, typologie et traitement lexicographique. **Verbum**, v. 4, p. 17–25, 2013.

BLANCO ESCODA, Xavier. Les déterminants figés. In: **Langages**, 36º ano, n. 145, 2002, p. 61-81.

BLANCO ESCODA, Xavier. Dictionnaires électroniques et traduction automatique espagnol-français. In: **Langages**, 35<sup>o</sup> ano, n. 143, 2001, p. 49-70.

BLANCO ESCODA, Xavier; MEJRI, Salah. **Les pragmatèmes**. Paris: Classiques Garnier, 2018.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Londres: George & Unwin, 1933.

BOLLY, Catherine. **Phraséologie et collocations**: approche sur corpus en français L1 et L2. Bruxelles; New York: P.I.E. Peter Lang, 2011.

BOSREDON, Bernard. Dénominations monoréférentielles, figement et signalétique. In: ANSCOMBRE, Jean-Claude; MEJRI, Salah (Orgs.). **Le figement linguistique**: la parole entravée. Paris: Honoré Champion, 2017. p. 155-169.

BOSREDON, Bernard. Entre dénomination et catégorisation: la signalétique. **Langue française**, n. 174, p. 11-26, 2012.

BRANDÃO, Analídia dos Santos; SAMPAIO, Angelo de Souza. Fraseotopônimos no Portal do Sertão (Bahia): onde as teorias se cruzam. In: SAMPAIO, Angelo de Souza; SILVA, Geysa Andrade da. **Lexikón**: léxicos, línguas e culturas. Salvador: Edufba, 2023. p. 197-216.

BUVET, Pierre-André. Détermination et figement au regard de la traduction. **Meta**, v. 53, n. 2, p. 333-364, 2008.

BUVET, Pierre-André. Détermination: les noms. **Lingvisticae investigationes**, v. XVIII, n. 1, p. 121-150, 1994.

BUVET, Pierre-André. **Les déterminants nominaux quantifieurs**. 1993. 378 f. Tese (Doutorado em Linguistique) – Université Paris 13, Paris, 1993.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminologie**: théorie, méthode et applications. Ottawa: Armand Colin, 1998.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986a.

CAMPOS, Geir. **Como fazer tradução**. Petrópolis: Vozes, 1986b.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercício. São Paulo: Contexto, 2018.

CAPELLE, G.; MENAND, R.. **Le nouveau taxi ! 2**. Méthode de français. Paris: Hachette Livre, 2009.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Zoomorphisme et lexique rural brésilien. *In*. SFAR, Inès; BUVET, Pierre-André (orgs.). **La phraséologie entre fixité et congruence**. Louvain-la-neuve: Academia-L'Harmattan, 2018

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARLO, Maddalena de. Lexique, culture et motivation à l'école. **Études de Linguistique Appliquée**, Paris, vol. 97, p. 74-83, 1995.

CARNIE, Andrew. **Syntax: A generative introduction**. 2nd Edition. Grã-Bretanha: Blackwell-uk, 2006.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: C.S.I.C., 1992 [1950].

CHATENET, Aymar du. **Le Petit Nicolas, Site officiel**. 2019. Disponível em: <http://www.petitnicolas.com/>. Acesso em: 2019-2024.

CHATENET, Aymar du et al. **La grande histoire du Petit Nicolas: Les archives inédites de Goscinny et Sempé**. Paris: IMAV, 2022.

CHATENET, Aymar du. Présentation. *In*: GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. **Le Petit Nicolas la bande dessinée originale**. Paris: IMAV, 2017.

CHATENET, Aymar du et al. **Le Dictionnaire Goscinny**. Paris: JC Lattès, 2003.

CHOMSKY, Noan. **O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso**. Lisboa: Caminho, 1994.

CHOMSKY, Noan. **Lectures on Government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noan. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1980.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos de la teoría de la sintaxis**. Madrid: Aguilar, 1976 [1965].

CHOMSKY, Noan. **Estruturas Sintáticas**. Lisboa: Edições 70, 1957.

CIA FRANCE. Disponível em: <https://www.cia-france.com>. Acesso em 12 set. 2019.

CISLARU, Georgeta; OLIVE, Thierry. Segments répétés, jets textuels et autres routines. Quel niveau de pré-construction? **Corpus** [online], n. 17, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corpus/2846>. Acesso em: 10 jul. 2024.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001**. Londrina: UEL, 2001.

CONSEIL DE L'EUROPE. **Cadre européen commun de référence pour les langues: apprendre, enseigner, évaluer.** Strasbourg: Editions Didier, 2001.

CORPAS PASTOR, Glória. **Manual de Fraseología Española.** Madrid: Gredos, 1996.

CORREA, Paulo. **A expressão da mudança de estado na interlíngua de brasileiros aprendizes de espanhol.** 2007. Tese (Doutorado em Faculdade de Letras. Departamento de Lingüística e Filologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística.** Rio de Janeiro: Presença, São Paulo: USP. Coordenadoria de Comunicação Social, 1979.

COSERIU, Eugenio. **Principios de Semántica Estructural.** Madrid: Editorial Gredos, 1977.

COSTA, José da Luz. **Pré-fabricados lingüísticos: estrutura e funcionamento de sintagmas verbais idiomatizados - por uma abordagem cognitivo-funcional em sala de aula.** 2007. 317 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

COURTADE, Sophie. **L'utilisation de la chanson en cours de FLE dans l'Enseignement Secondaire et le Baccillerato en Espagne: réflexions théoriques et propositions d'activités.** 2014. 98 f. Dissertação (Master Universitario en Profesorado para E.S.O y Bachillerato, Enseñanza de idiomas, Francés) – Facultad de Educación, Universidad Zaragoza, 2014.

COUTINHO, M. G. M.; SILVA, V. G. **Lecture et Compréhension: Pour une Grammaire du Texte Écrit.** João Pessoa: Manufatura, 2002.

CROCHET, Bernard; PIOUFFRE, Gérard. **Guerre d'Algérie, 1954-1962.** La France s'installe dans la guerre. Paris: Novedit, 2009.

CRUZ, Thiago José. Projeto lexicográfico de dicionários fraseológicos: as etapas precedentes para a elaboração da obra. **Revista Diálogos**, [S. l.], v. 2, n. 10, p. 70–87, 2022.

CUNHA, Claudio de Assis da; AGUILERA, Vanderici de Andrade. Tipologia das obras lexicográficas e o léxico histórico do Português Brasileiro. **Filologia e Linguística portuguesa (Online)**, v. 21, p. 99-114, 2019.

CUQ, Jean-Pierre; GRUCA, Isabelle. **Cours de Didactique du français langue étrangère et seconde.** Grenoble: Presses Universitaires, 2017.

DELMOND, Thierry; MARQUES, Elizabete Aparecida. Fraseotermos de língua espanhola na denominação da avifauna do Pantanal Sul-mato-grossense: um estudo com base em materiais ornitológicos. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 50, n. 3, p. 1009-1031, 2021.

DELUIGI, Paola; ROGGO, Nathalie. **L'emploi de la presse dans l'enseignement de l'anglais à l'école professionnelle.** 2016. 38 f. Dissertação (Master of advanced



studies) – Diplôme d'enseignement pour le degré secondaire, Haute école pédagogique Vaud, Lausanne, 2016.

DENHEZ, Frédéric; MAZOYER, Krystyna. **Atlas du changement climatique**. Paris: Autrement, 2012.

DICTIONNAIRE. **Le Grand Larousse de Gastronomie avec le concours du comité gastronomique présidé par Joël Robuchon**. 1 ed. 2007.

DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker. O papel do tupi na formação do português brasileiro. In: DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker. (Orgs.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2010. p. 81-103.

DUBOIS, Jean. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2014.

DUBOIS, Jean. et al. **Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage**. Paris: Larousse, 1999.

DURAND, Marianne; CATACH, Laurent. **Le Nouveau Petit Robert**: Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française - Version électronique. Paris: Le Robert, 2009.

DURANTI, Alessandro. **Antropología lingüística**. Traducción española Pedro Tena. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

ECO, Umberto. **Sémiotique et philosophie du langage**. Paris: Presses universitaires de France, 2013.

ELIZONDO, María Teresa Echenique et al. **Fraseología española**: diacronía y codificación. Madrid: Editorial CSIC, 2016.

ESCOFFIER, Auguste. **Le guide culinaire**: aide-mémoire de cuisine pratique. 3. ed. Paris: Flammarion, 1912.

FERNANDES, Alessandra Coutinho; PAULA, Anna Beatriz, **Compreensão e Produção de Textos em Língua Materna e Língua Estrangeira**. Curitiba: Ibpex, 2008.

FERRARI, Lilian. **Introdução a Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FIALA, Pierre; HABERT, Benoît. La langue de bois en éclat: les défigements dans les titres de presse quotidienne française. **Mots**, n°21, 1989, p. 83-99.

FILLMORE, Charles J. **Innocence**: a second idealization for linguistics. Berkeley Linguistic Society, v. 5, p. 63-76, 1979.

FONTAINE, André. **Histoire de la guerre froide**. De la Guerre de Corée à la crise des alliances, 1950-1971. Paris: Fayard, 1967.

FONTES-DANTAS, T., et al. SARS-CoV-2 Spike protein induces TLR4-mediated long-term cognitive dysfunction recapitulating post-COVID-19 syndrome in mice. **Cell Reports**, v. 42, 2023. Disponível em: [https://www.cell.com/cell-reports/fulltext/S2211-1247\(23\)00200-](https://www.cell.com/cell-reports/fulltext/S2211-1247(23)00200-0?_returnURL=https%3A%2F%2Flinkinghub.elsevier.com%2Fretrieve%2Fpii%2FS2211124723002000%3Fshowall%3Dtrue)

0?\_returnURL=https%3A%2F%2Flinkinghub.elsevier.com%2Fretrieve%2Fpii%2FS2211124723002000%3Fshowall%3Dtrue. Acesso em: 12 jan. 2024

GAILLARD, Isabelle. Télévision et chronologies. **Hypothèses**, v. 7, n. 1, p. 171-180, 2004.

GALVEZ, J. **Dicionário Larousse francês-português**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2006.

GARCÍA-PAGE, Mario. Collocations complexes (application à l'espagnol). **Linguisticae Investigationes**, v. 34, n. 1, p. 68-111, 2011.

GARCÍA-PAGE, Mario. **Introducción a la fraseología española**: estudios de las locuciones. Barcelona: Anthropos Editorial, 2008.

GARCÍA-PAGE, Mario. Colocaciones simples y complejas: diferencias estructurales. In: ALMELA PÉREZ, R.; RAMÓN TRIVES, E.; WOTJAK, G. (orgs.). **Fraseología contrastiva**: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano. Murcia: Universidad de Murcia, 2005.

GÂȚĂ, Anca. Du document authentique: adaptation du document informatif compact à l'enseignement du français en milieu académique. **Synergies Roumanie**, n°9, p. 73-84, 2014.

GAUTIER, Antoine; SIOUFFI, Gilles. Introduction. **Travaux de linguistique**, v. 73, n° 2, p. 7-25, 2016.

GOMES, Ana Quadros; MENDES, Luciana Sanchez. **Para conhecer semântica**. São Paulo: Contexto, 2018.

GONZÁLEZ-REY, María Isabel. **La nouvelle Phraséologie du français**. Toulouse: PU MIDI, 2021.

GONZÁLEZ-REY, María Isabel. La Phraséodidactique: État des lieux. **Repères DoRiF**, Roma, n. 18 - Phraséodidactique: de la conscience à la compétence, DoRiF Università, 2019a. Disponível em: <https://www.dorif.it/reperes/maria-isabel-gonzalez-rey-la-phraseodidactique-etat-des-lieux/>. Acesso em: 09 mar. 2023

GONZÁLEZ-REY, María Isabel. Le processus de conscientisation dans la phraséodidactique d'une L2. **Repères DoRiF**, Roma, n. 18 - Phraséodidactique: de la conscience à la compétence, DoRiF Università, 2019b.

GONZÁLEZ-REY, María Isabel. Le dictionnaire phraséodidactique: sa place dans la didactique de la phraséologie. **Studii de lingvistică**, vol. 7, p. 27-44, 2017.

GONZÁLEZ-REY, María Isabel. **La phraséologie du français**. Toulouse: Presses Universitaires du Midi, 2015.

GONZÁLEZ-REY, María Isabel. La phraséodidactique en action: les expressions figées comme objet d'enseignement. **La Clé des Langues**, Lyon, p. 1-12, 2010. Disponível em <http://cle.ens-lyon.fr/espagnol/langue/traduction/la-phraseodidactique-en-action-les-expressions-figees-comme-objet-d-enseignement>. Acesso em: 18 jun. 2023

GONZÁLEZ-REY, María Isabel. **La didactique du français idiomatique**. Fernelmont: EME & InterCommunications, 2007.

GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. **Le Petit Nicolas la bande dessinée originale**. Paris: IMAV, 2017.

GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. **Le Petit Nicolas, le ballon et autres histoires inédites**. Paris: IMAV, 2009.

GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. **Histoires inédites du Petit Nicolas**. Paris: Imav editions, 2004.

GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. **Histoires inédites du Petit Nicolas – Volume 2**. Paris: Imav editions, 2006.

GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. **O Pequeno Nicolau**. Título original: Le Petit Nicolas. Tradução de Luis Lorenzo Rivera. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. **Le Petit Nicolas a des ennuis**. Paris: Denoël, 1964.

GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. **Le Petit Nicolas et les copains**. Paris: Denoël, 1963.

GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. **Les vacances du Petit Nicolas**. Paris: Denoël, 1962.

GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. **Les récrés du Petit Nicolas**. Paris: Denoël, 1961.

GOSCINNY, René; SEMPÉ, Jean-Jacques. **Le Petit Nicolas**. Paris: Denoël, 1960.

GOSSELIN, Laurent; BERTIN, Thomas (Orgs.). **Les périphrases verbales: de la morphosyntaxe à la sémantique**. Toulouse: Armand Colin, 2022.

GOUGENHEIM, Georges et al. **Le Français fondamental premier degré**. Paris: Publication de l'Institut Nacional de Recherche et de Documentation Pédagogiques, 1970.

GOUGENHEIM, Georges et al. **Le Français fondamental second degré**. Paris: Publication de l'Institut Nacional de Recherche et de Documentation Pédagogiques, 1972.

GOUGENHEIM, Georges. **Études sur les périphrases verbales de la langue française**. Paris: Les Belles-Lettres, 1929.

GRÉSILLON, Almuth; MAINGUENEAU, Dominique. Polyphonie, proverbe et détournement, ou un proverbe peut en cacher un autre. In: **Langages**, ano 19, n°73, 1984, p. 112-125.

GREZKA, Aude; ZHU, Lichao. Du figement au défigement: la reconnaissance de néologismes polylexicaux. **Éla: Études de linguistique appliquée**, v. 186, n. 2, p. 185-196, 2017.

GROSS, Gaston. **Les expressions figées em français: noms composés et autres locutions**. Paris: Ophrys, 1996.

GROSS, Gaston; PONTONX, Sophie de. **Lingvisticae Investigationes: verbes support, nouvel état des lieux**. v. XXVII. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2004.

GROSSMANN, Francis; TUTIN, Agnès. **Les Collocations: Analyse et Traitement**. Amsterdam: De Werelt, 2003.

GUIRAUD, Pierre. **Les jeux de mots**. 2<sup>a</sup> ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

GURILLO, Leonor Ruiz. **Aspectos de fraseología teórica española**. Valencia: Soler, 1997.

HAENSCH, Günther. **La Lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HAUSMANN, Franz Josef; BLUMENTHAL, Peter. Présentation: collocations, corpus, dictionnaires. **Langue française**, Paris, v. 150, n. 2, p. 3-13, 2006.

HOUAISS, A., VILLAR, M. S. **Minidicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo, SP: Ática, 1995.

JAÉN, Jorge Fernandez. **Semántica cognitiva diacrónica de los verbos de percepción física del español**. 2012. 743 f. Tese (Doutorado em Filologia Espanhola) – Universidad de Alicante, 2012.

KARL STORZ. **Manipuladores uterinos KARL STORZ para a laparoscopia ginecológica**, 2021. [S.l.], 2021. 16 p.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2016.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia, lexicografia e terminologia: impactos necessários. In: Isquierdo, Aparecida; Finatto, Maria José (orgs.) **As ciências do**

**léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. iv. Campo Grande: Edufms/Porto Alegre: Edufrgs, 2010, p. 161-175.

KOIKE, Kazumi. Colocaciones complejas metafóricas. In: Pamies, A., Pazos, J.-M., Luque Nadal, L. (Eds.). **Phraseology and Discourse: Cross Linguistic and Corpus-based Approaches**. Madrid: Editorial Complutense, 2012. p. 73-80.

KOIKE, Kazumi. Locuciones verbales con base colocacional. **Revista de Filología de la Universidad de La Laguna**, n. 26, p. 75-94, 2008.

LAÇA, Brenda. Les catégories aspectuelles à expression périphrastique: une interprétation des apparentes « lacunes » du français. **Langue française**, n. 141, p. 85-98, 2004.

LAKOFF, George; JOHNSON, Marc. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

LARIÚ, Nivaldo. **Dicionário de Baianês**. Salvador: EGBA, 2013.

LAROUSSE DICTIONNAIRES. **Le dictionnaire Larousse de Poche**. Paris: Éditions Larousse, 2015.

LE FUR, Dominique et al. **Dictionnaire des combinaisons de mots**. Paris: Le Robert, 2007.

LE PETIT NICOLAS. Dir. Laurent Tirard. França; Bélgica: Monev2, 2009. 91min.

LE PETIT NICOLAS: QU'EST-CE QU'ON ATTEND POUR ÊTRE HEUREUX ? Dir. Amandine Fredon; Benjamin Massoubre. França; Luxemburgo: On Classics; Bidibul Productions, 2022. 82 min.

LE POINT DU FLE. Disponível em: <https://www.lepointdufle.net>. Acesso em 12 set. 2019.

LEPSCHY, J. Léxico. **Enciclopédia Einaudi, linguagem e enunciação**. V.2. Portugal, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.

LES VACANCES DU PETIT NICOLAS. Dir. Laurent Tirard. França: Fidélité Films; M6 Films, 2014. 97 min.

LE TREFLE. Disponível em: <https://letreflesite.wordpress.com>. Acesso em 12 set. 2019.

LE TRÉSOR DU PETIT NICOLAS. Dir. Julien Rappeneau. França; Bélgica: Curiosa Films; IMAV Editions, 2021. 103 min.

LHERETE, Annie. **Le document authentique en classe de langue**. 2010. Disponível em: [https://anglais-pedagogie.web.ac-grenoble.fr/sites/anglais-pedagogie.web.ac-grenoble.fr/files/le\\_document\\_authentique\\_alherete\\_jdl2010.pdf](https://anglais-pedagogie.web.ac-grenoble.fr/sites/anglais-pedagogie.web.ac-grenoble.fr/files/le_document_authentique_alherete_jdl2010.pdf). Acesso em: 02 set. 2019.

LE ROBERT. **Le "Dicovid" des mots inventés !** Des mots créés par les internautes pour dire la crise sanitaire. Dictionnaire Le Robert, 2021. Disponível em: <https://dictionnaire.lerobert.com/dis-moi-robert/raconte-moi-robert/mot-annee/le-dicovid-des-mots-inventes.html>. Acesso em: 15 abr. 2021.

LISBOA, Joel Victor Reis. Linguística de Corpus, Fraseologia e seriados televisivos: análise contrastiva de unidades fraseológicas em Game of Thrones. **TRADTERM**, v. 37, p. 596-621, 2021.

LUCET, Catherine. **Le Robert dico en ligne**. Disponível em: <https://dictionnaire.lerobert.com/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Do conceito de nomia para os estudos do léxico em perspectiva variacional e histórica. In: RASKY, Abdelhak; SFAR, Inès; SOUTET, Olivier; MEJRI, Salah. (Org.). **A variação nas línguas: universais compartilhados e idiomacidade dinâmica / De la variation dans les langues: universaux partagés et idiomacité dynamique**. 1ed. Araraquara: Letraria, 2020, v. 1, p. 361-371.

MAGNOLI, Demétrio; ARAÚJO, Regina. **Geografia: a construção do mundo**. Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Moderna, 2005.

MAIA, Clarinda. Linguística Histórica e Filologia. In: LOBO, Tânia; CARNEIRO, Zenaide (Org.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAIRE, R. **500 Expressions Françaises**. Paris: Editions ESI, 2013.

MARQUES, Elizabete Aparecida. **Análisis cognitivo-contrastivo de locuciones somáticas del español y del portugués**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidad de Alcalá de Henares, 2007.

MARQUES, Elizabete Aparecida. Um olhar sobre a interrelação entre fraseologia, memória e cultura: foco sobre o português brasileiro. In: Aparecida Negri Isquierdo; Giselle Olivia Mantovanni Dal Corno. (Org.). **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 1ed. Campo Grande/MS: UFMS, 2018, v. VIII, p. 11-22.

MARQUES, Elizabete Aparecida. Fraseotopônimos: estabelecendo diálogos entre a fraseologia e a toponímia. **Guavira Letras**, v. 25, p. 23-33, 2017.

MARQUES, Elizabete Aparecida; BUDNY, Rosana. Dicionários fraseológicos: o que podemos esperar desses tesouros culturais? **MOARA**, v. 1, p. 37-52, 2020.

MARQUES, Elizabete Aparecida; MEJRI, Salah. Fraseologia e terceira articulação da linguagem. **Guavira Letras**, Três Lagoas, v. 14, n. 27, p. 11-17, 2018.

MARTINET, André. Le Synthème. **La Linguistique**, v. 35, n. 2, 1999, p. 11-16.

MATIAS, Gislaine Rodrigues; SILVA, Maria Cristina Parreira da. Breve análise discursiva em três dicionários de fraseologia (Brief discursive analysis in three dictionaries of phraseology). **Estudos da língua(gem) (online)**, v. 10, p. 161-180, 2012.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS, João Paulo; BRETAUD, Robert. **Dicionário de idiomatismos francês-português, português-francês**. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 1990.

MEJRI, Salah. La terminologie linguistique: enjeux théoriques et conceptuels. Le cas de la phraséologie (en hommage à Franck Neveu). **Synergies Tunisie**, n. 6, p. 189-207, 2023a.

MEJRI, Salah. Prédicats, sens, polylexicalité et figement: un parcours heuristique. **Neophilologica**, v. 35, p. 1-40, 29 dez. 2023b.

MEJRI, Salah. Présentation. **Le français moderne**. Revue de linguistique française. Numéro dirigé par Salah Mejri, v. 86, n. 1, 2018a, p. 1-4.

MEJRI, Salah. La phraséologie française: synthèse, acquis théoriques et descriptifs. **Le français moderne**. Revue de linguistique française. Numéro dirigé par Salah Mejri, v. 86, n. 1, 2018b, p. 5-28.

MEJRI, Salah. **Les expressions idiomatiques**. Paris: Éditions Garnier, 2017a. v. 1.

MEJRI, Salah. **Les formules de politesse et de présentation**. Paris: Éditions Garnier, 2017b.

MEJRI, Salah. collocations et combinatoire libre. In: ABSCOMBRE, Jean-Claude; MEJRI, Salah. **Le figement linguistique: la parole entravée**. Paris: Honoré Champion, 2017c. p. 63-77.

MEJRI, Salah. Figement et défigement: problématique théorique. **Pratiques**, n. 159-160, p. 123-145, 2013.

MEJRI, Salah. Phraseologie et traduction. pour une typologie des phraseologismes dans les discours spécialisés. In: MOGORRÓN HUERTA, Pedro; MEJRI, Salah. **Langues spécialisées, figement et traduction**. Alicante: Quinta Impresión, 2012.

MEJRI, Salah. Phraséologie et traduction. **Équivalences: L'enseignement de la traduction**, v. 38, n° 1-2, p. 11-133, 2011a.

MEJRI, Salah. Collocations et emplois appropriés: des unités lexicales hybrides? **Cahiers de Lexicologie**. Revue Internationale de Lexicologie et Lexicographie, v. 98, n. 1, p. 83-94, 2011b.

MEJRI, Salah. Constructions à verbes supports, collocations et locutions verbales. In: MOGORRÓN HUERTA, Pedro; MEJRI, Salah. **Las construcciones verbo-nominales libres y fijas**. Aproximación contrastiva y traductológica. Alicante: Quinta Impresión, 2008.

MEJRI, Salah. Figement absolu ou relatif: la notion de degré de figement. **Linx**, n° 53, p. 183-196, 2005.

MEJRI, Salah. **Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique**. Tunis: Publ. de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

MEJRI, Salah; GROSS, Gaston. (Orgs). **Phraséologie et profils combinatoires. Lexique, Syntaxe et sémantique**. Paris: Honoré Champion, 2016.

MEJRI, Soumaya; MEJRI, Salah. La phraséologie spécialisée: Concepts, opacité, culture. **Phrasis**, n. 4, p. 256-283, 2020.

MEJRI, Salah; MENESES-LERÍN, Luis; BUFFARD-MORET, Brigitte (orgs.). **La phraséologie française en questions**. Paris: Hermann, 2020.

MEL'ČUK, Igor. **General Phraseology: Theory and Practice**. Amsterdam: John Benjamins P. C., 2023.

MEL'ČUK, Igor. Phrasèmes dans le dictionnaire. In: ABSCOMBRE, Jean-Claude; MEJRI, Salah. **Le figement linguistique: la parole entravée**. Paris: Honoré Champion, 2017. p. 41-61.

MEL'ČUK, Igor. Collocations: définition, rôle et utilité. In: GROSSMANN, Francis; TUTIN, Agnès. **Les Collocations: Analyse et Traitement**. Amsterdam: De Werelt, 2003, p. 23-31.

MEYSSONNIER, Stéphanie. **Pourquoi et comment exploiter le support vidéo authentique en classe de langue étrangère?** 2005. 56 f. Dissertação (Concours de recrutement: professeur des écoles) - IUFM de Bourgogne, Nevers, 2005.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth. **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

MOGORRÓN HUERTA, Pedro. La traduction des unités phraséologiques à contenu culturel. In: MOGORRÓN HUERTA, Pedro; MEJRI, Salah. **Langues spécialisées, figement et traduction**. Alicante: Quinta Impresión, 2012, p. 81-97.

MOGORRÓN HUERTA, Pedro; MEJRI, Salah. **Figement, traduction, variation, défigement**. Alicante: Quinta Impresión, 2014.

MOGORRÓN HUERTA, Pedro; MEJRI, Salah. **Langues spécialisées, figement et traduction**. Alicante: Quinta Impresión, 2012.

MOGORRÓN HUERTA, Pedro; MEJRI, Salah. **Opacité, Idiomaticité, Traduction**. Alicante: Quinta Impresión, 2010.



MOGORRÓN HUERTA, Pedro; MEJRI, Salah. **Figement, défigement et traduction**. Alicante: Quinta Impresión, 2009.

MOGORRÓN HUERTA, Pedro; MEJRI, Salah. **Las construcciones verbonominales libres y fijas**. Aproximación contrastiva y traductológica. Alicante: Quinta Impresión, 2008.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Fraseologia e Paremiologia: para que ensinar, se todo o mundo sabe?. **ReVEL**, v. 15, p. 1-16, 2017.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

MORTUREUX, Marie-Françoise. **La Lexicologie**: entre langue et discours. Paris: Armand Colin, 2008.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NGUYEN, Thi Kim Dung. Traducción pedagógica: una metodología apta para la didáctica de las unidades fraseológicas. In: CRIDA ÁLVAREZ, Carlos Alberto; ALESSANDRO, Arianna (Orgs.). **Innovación en fraseodidáctica**: tendencias, enfoques y perspectivas. Berlín: Peter Lang, 2019. p. 193-218.

NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; CENEVIVA, Clarice Maria. **Xeretando a linguagem em inglês**. Barueri, SP: DISAL, 2010.

NUTTALL, Christine, **Teaching reading skills in a foreign language**. Hong Kong: Macmillan Heinemann, 1996 [1982].

OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, Maria Eugênia. **Fraseografía Teórica y Práctica**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007.

OLÍMPIO, Maria Eugênia de Oliveira Silva. **Fraseografía teórica y práctica**. Bases para un diccionario de locuciones verbales español-portugués. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidad de Alcalá, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Brote de enfermedad por coronavirus (COVID-19)**. Disponível em: <https://www.paho.org/es/temas/coronavirus/enfermedad-por-coronavirus-covid-19>. Acesso em: 30 mai. 2020.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. Cada macaco no seu galho: um estudo dos padrões de uso dos provérbios brasileiros e seus equivalentes em espanhol e russo. In: Maria Álvarez de la Granja. (Org.). **Fixed Expressions in Cross-Linguistic Perspective**: a multilingual and multidisciplinary approach. 1ed.Hamburg: Verlag Dr. Kovac, 2008, v. 1, p. 117-139.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. As expressões idiomáticas nas aulas de ELE: um bicho de sete cabeças?. In: Isabel González-Rey. (Org.). **Les expressions figées en didactique des langues étrangères**. 1ed.: Proximités E.M.E, 2007, v. 1, p. 159-179.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. O mundo da fraseografia. **Revista Acta Semiótica Et Lingüística**, São Paulo, v. 10, p. 207-221, 2002.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba**: implicações para o ensino de português/LE. 2000. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade de Campinas, 2000.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva. **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas: Pontes, 2011.

PAIM, Marcela Moura Torres. Nas trilhas da fraseologia a partir de dados orais de natureza linguística. **A Cor das Letras**, [S. l.], v. 22, n. Esp., p. 171–185, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/7477>. Acesso em: 1 jul. 2023.

PAIM, Marcela Moura Torres; SFAR, Inès; MEJRI, Salah. **Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística**. Salvador: Editora Quarteto, 2018.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Lingüística Histórica. In: Claudia Pfeiffer; José Horta Nunes. (Org.). **Introdução às Ciências da Linguagem**: Língua, Sociedade e Conhecimento. 1ed. Campinas: Pontes, v. 3, p. 11-48, 2006.

PAMIES, Antonio. Aux limites du limitrophe: à propos des catégories phraséologiques. In. SFAR, Inès; BUVET, Pierre-André (Orgs.). **La phraséologie entre fixité et congruence**. Louvain-la-neuve: Academia-L'Harmattan, 2018

PAMIES, Antonio; PAZOS, José-Manuel. Entre el binomio fraseológico, la colocación compleja y la colostrucción: Un examen «largo y tendido». **Linguística**, v. 62, 2022, p. 53-78.

PASSOS, Maria José de Alencar, SCHWEBEL, Aldáisia Novaes, GUIMARÃES, Maria Luiza Medeiros. **Accès au Français Instrumental**. Salvador: Centro Editorial e Didático da Bahia, 1985.

PAUMIER, Sébastien et al. **Unitex 3.3 User Manual**. 2021. Disponível em: <https://unitexgramlab.org/pt/blog/announcements/tutorials-in-english>. Acesso em: 16 abr. 2022.

PEIRCE, Charles Sanders. **The essential Peirce**: selected philosophical works. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

PENADÉS MARTÍNEZ, Inmaculada. **Para un diccionario de locuciones**: de la lingüística teórica a la fraseografía práctica. Alcalá: Universidad de Alcalá, 2015.

PERNOT, François; TOUREILLE, Valérie. **Lendemain de guerre de l'Antiquité au monde contemporain**: les hommes, l'espace et le récit, l'économie et le politique. Bruxelles: Lang, 2010

PIETRARÓIA, Cristina Moerbeck Casadei. **Percursos de leitura**: léxico e construção do sentido na leitura em língua estrangeira. São Paulo: Annablume, 1997

PILOTE. Paris: EDIFRANCE, 1959-1989. 1959-1965. ISSN 0999-9728

PIMENTA, Ana Paula Correa; NOVODVORSKI, Ariel. Linguística de Corpus e Fraseologia: um estudo das colocações com “feito” em Grande Sertão: Veredas. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, v. 21, p. 17-34, 2017.

PINTO, Carlos Felipe. **Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol**. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

PINTO, Carlos Felipe; CAVALCANTE, Rerisson. Algumas reflexões sobre GU, interlínguas e outros. In: V Simposio Internacional de Didáctica del Español para Extranjeros José Carlos Lisboa, 2008, Rio de Janeiro. **Actas del V Simposio Internacional de Didáctica del Español para Extranjeros José Carlos Lisboa**. Rio de Janeiro: Instituto Cervantes, p. 159-173, 2008.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e Semântica Lexical**: noções fundamentais. São Paula: Contexto, 2018a.

POLGUÈRE, Alain. Traitement lexicographique des collocations à collocatif actanciel. In: SFAR, Inès; BUVET, Pierre-André (orgs.). **La phraséologie entre fixité et congruence**. Louvain-la-neuve: Academia L’Harmattan, 2018b.

PONCHON, Thierry. Remarques sur la notion de périphrase verbale en français moderne. **L'Information Grammaticale**, n. 38, p. 20-24, 1988.

PORTO-DAPENA, José Alvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, 2002.

POTTIER, Bernard. **Linguistique générale**: théorie et description. Paris: Klincksieck, 1974.

RASTIER, François. Défigements sémantiques en contexte. In: MARTINS-BALTAR, Michel (Org.). **La locution entre langue et usages**. Paris: Ophrys, 1997.

REBOUL, Anne; MOESCHLER, Jacques. **La Pragmatique Aujourd'hui**. Une Nouvelle Science de la Communication. Manchecourt: Éditions du Seuil, 1998.

Representação da concentração de gordura do caldo francês. Disponível em: <https://bionique.artbite.fr/Les-yeux-du-bouillon.html?lang=fr>. Acesso em: 7 out. 2019.

REY, Alain. Préface. In: BLANCO ESCODA, Xavier; MEJRI, Salah. **Les pragmatèmes**. Paris: Classiques Garnier, 2018, p. 9-17.

REY, Alain; CHANTREAU, Sophie. **Dictionnaire des expressions et locutions**. Paris: Le Robert, 2003.

RIBEIRO, Ilza. A ordem das palavras no francês e no português arcaico: um estudo contrastivo. In: **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, v. 16, p. 63-81, 1992.

RIOUX, Jean-Pierre. **De Gaulle et l'Algérie**. Paris: De vive voix, 2012.

RIOUX, Jean-Pierre. **La Guerre d'Algérie et les Français**: colloque de l'Institut d'histoire du temps présent. Paris: Fayard, 1990.

RODRÍGUEZ, Pablo Ramírez. Problemas actuales de traducción fraseológica: fraseodidáctica para traductores en formación. **Cuadernos de rusística española**, v. 17, 2021, p. 309-320.

RONCOLATTO, Eliane. Critérios para a organização de dicionários fraseológicos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 46, n. 1, p. 43–52, 2011.

ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter and the Chamber of Secrets** (Harry Potter e a Câmara Secreta). Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter and the Chamber of Secrets**. Londres: Bloomsbury, 1998.

RUMELHART, D. E. Toward an Interactive Model of Reading. In: ALVERMANN, D. E., UNRAU, N. J., RUDELL, R. B. (Orgs). **Theoretical Models and Processes of Reading**. Newark: International Reading Association, 2013, p. 719-747.

SALEM, André. Segments répétés et analyse statistique des données textuelles. **Histoire & Mesure**, v. 1, n. 2, 1986, p. 5-28.

SAMPAIO, Angelo de Souza; ZRIGUE, Anissa. Le traitement des sous-entrées phraseologiques dans le Grand Robert: les implications dans l'enseignement des langues étrangères. In: Giovanni Dotoli, Salah Mejri, Mario Selvaggio. (Org.). **Alain Rey**: Linguiste, lexicographe, écrivain. Paris: L'Harmattan, AGA Arti Grafiche Alberobello, 2024, p. 163-180.

SAMPAIO, Angelo de Souza. Fraseologismos na literatura: percursos para um estudo sobre os pragmatemas, as expressões idiomáticas e as dificuldades de classificação In: SAMPAIO, Angelo de Souza; SILVA, Geysa Andrade da. **Lexikón**: léxicos, línguas e culturas. Salvador: Edufba, 2023, p. 217-237.

SAMPAIO, Angelo de Souza. Os desafios do ensino do francês no Brasil: uma proposta de dicionário fraseológico a partir de textos autênticos. In: ROSSI, Ana; MARTINS, Carlos Benedito; GIRON, Olivier (Org.). **Olhares Cruzados**: França - Brasil / Regards Croisés: France - Brésil. Campinas: Pontes, 2022, p. 243-252.

SAMPAIO, Angelo de Souza. **A realização do sujeito pronominal em francês por aprendizes brasileiros**. 2017. 132 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SAMPAIO, Angelo de Souza; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Fraseologia em tempos de pandemia: o fenômeno da desfixação lexical em memes sobre a covid-19. **Linguagem** (São Paulo), v. 40, p. 44-77, 2021a.

SAMPAIO, Angelo de Souza; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Estudo das unidades semifraseológicas em textos autênticos do francês: as colocações. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 68, p. 351–371, 2021b.

SAMPAIO, Angelo de Souza; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. As unidades fraseológicas dos contos *Le Petit Nicolas* em dicionários bilíngues francês/português. **Revista Entrepalavras**, v. 11, p. 366-389, 2021c.

SAMPAIO, Angelo de Souza; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Unidades fraseológicas em textos autênticos em francês: o exemplo dos contos infanto-juvenis. **A Cor das Letras**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 54-70, 2019a.

SAMPAIO, Angelo de Souza; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Os fraseologismos compostos a partir de sintagmas nominais em *Le Petit Nicolas*: uma análise estrutural. In: Congresso UFBA 2019, Salvador. **Congresso da UFBA 2019** - Caderno de resumos. Salvador: Edufba, 2019b, p.1465-1465.

SAMPAIO, Angelo de Souza; RIBEIRO, Silvana. **Unidades Fraseológicas nos Contos *Le Petit Nicolas***: Uma Análise Preliminar. 2018a. 26 diapositivos.

SAMPAIO, Angelo de Souza; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Os fraseologismos em observação: primeiras fotografias a partir da pesquisa de doutorado. In: Congresso UFBA 2018, Salvador. **Resumos do Congresso UFBA 2018**. Salvador: Edufba, 2018b, p.1223

SAUSSURE, Ferdinand de; BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert. **Curso de lingüística geral**. 7. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2006 [1916].

SCHMITZ, John Robert. Lingüística aplicada e o ensino de línguas estrangeiras no Brasil. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 36, 1992.

SCHWARZE, Christoph. **Introduction à la sémantique lexicale**. Tübingen: Narr, 2001.

SEARLE, John. **Actos de Habla**: Ensayo de Filosofía del Lenguaje. Tradução de Luis M. Valdés Villanueva. Barcelona: Planeta-Agostini, 1994 [1969].

SEARLE, John Rogers. Una taxonomia de los actos ilocucionarios. **Teorema: Revista internacional de filosofía**, Espanha, v. 6, n. 1, p. 43-78, 1976.

SEVILLA MUÑOZ, Julia. Fraseología y traducción. Thélème. **Revista Complutense de Estudios Franceses**, n. 12, p. 431, 1 ene. 1997.

SFAR, Inès. Les collocations dans le discours spécialisés: le cas de la terminologie ornithologique. **Language Design**, Espanha, n. 14. p. 19-38, 2013.

SFAR, Inès. Phraséologie et fixité dans la traduction des textes littéraires. In: MOGORRÓN HUERTA, Pedro; MEJRI, Salah (dirs.). **Rencontres Méditerranéennes**: Langues spécialisées, figement et traduction. Alicante: Quinta Impresión, 2012.

SFAR, Inès. Figement et incorporation: l'établissement d'un concordancier bilingue (français-arabe). **Meta**, Montréal, v. 55, n. 1, p. 158–167, 2010.

SFAR, Inès. Les énoncés formulaires: contenu pragmatique et problèmes de traduction. In: MEJRI, Salah (Org.). **À la croisée des mots**: hommages à Taïeb Baccouche. Université de Sousse & Université Paris 13, 2007, p. 313-328.

SFAR, Inès; BUVET, Pierre-André. La phraséologie entre fixité et congruence. In: **Sciences du langage**: Carrefours et points de vue, n<sup>o</sup> 19, Louvain-la-neuve: Academia-L'Harmattan, 2018.

SILVA JÚNIOR, Pedro Adrião. Pragmática: análise dos atos de fala. In: CARVALHO, Cid Ivan da Costa Carvalho; BARBOSA, José Roberto Alves; ALVES, Gilson Chicon. (Org.). **Teorias linguísticas orientações para a pesquisa**. Mossoró: Edufersa, 2021, v. 1, p. 101-122.

SILVA, Camila André do Nascimento da; ISQUERDO, Aparecida Negri. Fraseo(topônimos): um estudo de topônimos polilexicais na perspectiva da Fraseologia. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 286-308, 2020a.

SILVA, Camila André do Nascimento da; ISQUERDO, Aparecida Negri. A hipótese da “soldadura” na formação de topônimos indígenas monolexicais de estrutura poliléxica na língua de origem. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 241-264, 2020b.

SILVA, Maria Erihan Costa. **Proposta de microestrutura para dicionários fraseológicos monolíngues do português brasileiro**. 2018. 100 f. - Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

SILVA, Suzete. Quase um prefácio... In: SILVA, Suzete. **Fraseologia & Cia**. Estabulando diálogos reflexivos. Campinas: Pontes Editores, 2014a, p. 7-9.

SILVA, Suzete. Aspectos constitutivos do détournement proverbial de captação e de subversão segundo a teoria de Maingueneau e Grésillon. In: SILVA, Suzete. **Fraseologia & Cia**. Estabulando diálogos reflexivos. Campinas: Pontes Editores, 2014b, p. 285-303.

SOUTET, Olivier; SFAR, Inès; MEJRI, Salah. **La phraséologie contrastive**. Paris: Honoré Champion, 2018.

SOUZA, Luisandro Mendes de; PAGANI, Luiz Arthur. **Para Conhecer Pragmática**. São Paulo: Contexto, 2022.

SUD-OUEST DIMANCHE. Bordeaux: Sud-Ouest Dimanche, 1949- . 1959-1965. ISSN 0243-6531

SUŁKOWSKA, Monika. Phraséodidactique et phraséotraduction: quelques remarques sur les nouvelles disciplines de la phraséologie appliquée. **Yearbook of Phraseology**, vol. 7, no. 1, p. 35-54, 2016.

SUŁKOWSKA, Monika. **De la phraséologie à la phraséodidactique**: Études théoriques et pratiques. Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Śląskiego, 2013.

TAGNIN, Stella. **O jeito que a gente diz**: expressões idiomáticas e convencionais – inglês e português. São Paulo: Disal, 2013.

TANGUY, Ludovic. **Traitement Automatique de la Langue Naturelle et interprétation**: Contribution à l'élaboration d'un modèle informatique de la Sémantique Interprétative. 1997. 208f. Tese (Doutorado em Informatique et langage) – Université de Rennes 1, Rennes, 1997.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa socio-linguística**. São Paulo, SP: Ática, 1986.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis. **Aspectos Fono-articulatórios e Fonológicos do Português**. Salvador: Gráfica Aquarela, 2005.

TICS EM FLE. Disponível em: <http://ticsenfle.blogspot.com>. Acesso em 12 set. 2019.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O Hobbit**: ou lá e de volta outra vez. Tradução de Reinaldo José Lopes. 1ª ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019 [1954].

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O senhor dos anéis**. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves, Almiro Pisetta. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1937].

TRISTÁ PEREZ, Antonia Maria. La fraseología y la fraseografía. In.: WOTJAK, Gerd. (Ed.). **Estudios de fraseología y fraseografía del español actual**. Madrid: Iberoamericana, 1998. p. 297-305

TRISTÁ, Antonia María. **Fraseología y contexto**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

TRISTÁ, Antonia María; CARNEADO MORÉ, Zoila; PÉREZ, Graciela. Elementos somáticos en las unidades fraseológicas. **Anuario L/L: Estudios Lingüísticos**, La Habana, n. 17, p. 55-68, 1986.

TUTIN, Agnès. Tu parles! Et puis quoi encore! Phrases préfabriquées à fonction expressive dans les dictionnaires français. In: **CONGRÈS MONDIAL DE LINGUISTIQUE FRANÇAISE CMLF 2020**, 2020, Paris. Anais [...]. Paris: Congrès Mondial de Linguistique Française, 2020. Disponível em: <https://hal.science/hal-03250982v1>. Acesso em: 21 ago. 2022.

VEIGA, Cláudio. **Gramática nova do francês**. São Paulo: Editora do Brasil, 1974.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2631, ano 52, nº 17, 24 de abril de 2019.

VILELA, Mário. As expressões idiomáticas na língua e no discurso. In: **Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto**. vol. 2, 2002. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2002, p. 159-189.

VILELA, Mário. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Almedina, 1979.

VINOGRADOV, V. V. Acerca dos tipos principais de unidades fraseológicas na língua russa (em russo). In: SCHAHMATOV A. A. 1864-1920, **Colectâneas de Artigos e Materiais**. Academia das Ciências da URSS, p. 339-436, 1947.

VIVÈS, Robert. La prédication nominale et l'analyse par verbes supports. In: **L'Information Grammaticale**, n. 59, 1993. p. 8-15.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários** - Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

WHITE, Leslie. Os símbolos e o comportamento humano. In: CARDOSO, Fernando Henrique. **Homem e sociedade**: leituras básicas de sociologia geral. São Paulo: Editora Nacional, 1965, p. 180-192.

WHITE, Lydia. **Universal grammar and second language acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

XATARA, Cláudia Maria. Reconhecimento de expressões idiomáticas: para uma tradução adequada. **IDIOMA**, Rio de Janeiro, nº. 24, v. 1, p. 47-52, 2013a.

XATARA, Cláudia Maria. **Dicionário de Expressões Idiomáticas**. 2013b. Disponível em: <http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/index.php>. Acesso em 02 out. 2019.

XATARA, Cláudia Maria. O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, Campinas, v. 37, p. 49-59, 2001.

XATARA, Cláudia Maria. A comparação nas expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo, v. 41, p. 211-222, 1997.

XATARA, Cláudia Maria. Tipologia das expressões idiomáticas. **Alfa**: Revista de Lingüística, São Paulo, v. 42, p. 169-176, 1998a.

XATARA, Cláudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa**: Revista de Lingüística, São Paulo, 42 (n. esp.), 1998b, p. 147-159.

XATARA, Cláudia Maria. **A tradução para o português das expressões idiomáticas em francês**. Araraquara, 1998, 253p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 1998c.

XATARA, Cláudia Maria. **As expressões idiomáticas de matriz comparativa**. 1994. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 1994.

YOKOTA, Rosa. **O que eu falo não se escreve**. E o que eu escrevo alguém fala? A variabilidade no uso do objeto direto anafórico na produção oral e escrita de



aprendizes brasileiros de espanhol. 2007. 219 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

ZAHARIEVA, Radostina; KALDIEVA-ZAHARIEVA, Stefana. Des principaux termes dans le domaines de la phraséologie. In: GROSSMANN, Francis; MEJRI, Salah; SFAR, Inès (Org.). **Phraséologie: Sémantique, Syntaxe, Discours**. Paris: Honoré Champion éditeur, 2017. p. 15-37.

ZAMENHOF, Ludwik Lejzer. **A Língua Internacional**. Varsóvia: Kelter, 1887.

ZANOTTO, Normelio. **Estrutura morfológica da língua portuguesa**. 6. ed. Caxias do Sul: Ibral, 2013.

ZAVAGLIA, Adriana; SILVA, Maria Cristina Parreira da; XATARA, Cláudia. **Xeretando a Linguagem em Francês**. Barueri - SP: DISAL, 2010.

ZHU, Lichao. Discours dictionnaire, moule phraséologique et corpus textuel. **Langages**, v. 1, n. 225, 2022, p. 127-146.

ZHU, Lichao. Moule locutionnel lexicographique et traitement des phraséologismes. **Cahiers du dictionnaire**, n. 11, 2020, p. 147-163.

ZHU, Lichao. Moule locutionnel lexicographique et traitement des phraséologismes. **Les Cahiers du dictionnaire**, Paris, Classiques Garnier, v. 11, p. 147-163, 2019.

ZHU, Lichao. Pour une notion de moule dans le figement. **Les Cahiers du dictionnaire**, Paris, Classiques Garnier, v. 8, p. 97-109, 2016.

ZHU, Lichao. **Typologie du defigement dans des médias écrits français**. 2013. 375 f. Tese (Doutorado em Ciências da linguagem) – U.F.R. Lettres, Sciences de l'Homme et des Sociétés, Laboratoire Lexiques, Dictionnaires, informatique, Université Paris 13, 2013.

ZUCCHI, Angela Maria Tenório. **O Dicionário nos estudos de línguas estrangeiras: os efeitos de seu uso na compreensão escrita em italiano**. 2010. 284 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010a.

ZUCCHI, Angela Maria Tenório. O uso de dicionários na compreensão escrita em italiano LE. In: Anne Dykstra; Tanneke Schoonheim. (Org.). **Proceedings of the XIV Euralex International Congress**. 1ed. Leeuwarden: Fryske Akademy, 2010b, v. 1, p. 1152-1160.

ZULUAGA OSPINA, A. Introducción al estudio de las expresiones fijas. Frankfurt/Berna. **Studia Romancia**, n. 10, Peter Lang, 1980.

ZÚÑIGA LÓPEZ, Ignacio; CRESPO DEL ARCO, Emilia. **Meteorología y climatología**. Madrid: UNED - Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2021.